00042671

BOMBAY BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY.
TOWN HALL, BOMBAY.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 25 June, 2016

DA ASIA

DE

JOÃO DE BARROS

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NO DESCUBRIMENTO, E CONQUISTA DOS MARES, E TERRAS DO ORIENTE.

DECADA QUARTA.

PARTE SEGUNDA.

Vol 4
Pt II
LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH OF THE ROYAL ASIATIC S
42671

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

Por 915
Bao/Asi
42671

00042671

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÊM NESTA PARTE II. DA DECADA IV.

LIVRO VI.

CAP. I. *Em que se descreve a origem dos póvos Mogoles, e que parte da terra habitáram.* Pag. 1.

CAP. II. *Dos costumes, e trajos dos Mogoles, e da seita que tem, e de sua lingua.* 12.

CAP. III. *Da causa, que os Mogoles tiveram para entrar no Reyno do Delij: e como ElRey Babor se fez Senhor delle, e do mais que nelle succedeo.* 16.

CAP. IV. *Como ElRey Badur de Cambaya começou fazer guerra a ElRey Omaum dos Mogoles, e a Rainha de Chitor lhe negou a obediencia, e a deo a Omaum.* 25.

CAP. V. *Como Soltam Badur foi cercar a Cidade de Chitor, e de algumas vitorias que os Mogoles houveram de seus Capitães, tendo elle cercada a Cidade, que tomou: e do que depois disso fez.* 29.

CAP. VI. *Como Omaum Patxiah teve por perdido a Soltam Badur, por a maneira em que tinha assentado seu arraial: e como foi morto o Capitão Coraçan Chan.* 37.

CAP. VII. *Como Soltam Badur, por a morte de Coraçan Chan, e outras perdas, desamparou seu arraial, e se poz em salvo, e o arraial foi saqueado: e das riquezas que se nelle achâram.* 40.

CAP. VIII. *Como Rume Chan temendo-se que Soltam Badur o queria matar, se passòu a ElRey dos Mogoles: e ElRey Badur sendo lançado da serra do Mandou, fez levar de Champanel suas mulheres, e thesouro para Dio.* 44.

CAP. IX. *Dos respeitos per que ElRey de Cambaya se não defendeo na serra de Champanel d'ElRey dos Mogoles: e do sitio, e fortaleza, e sumptuosidade dos edificios della.* 51.

CAP. X. *Do que fez Soltam Badur em Dio: e como Martim Affonso de Sousa quizera ir ver-se com elle, e Nuno da Cunha lho estorvou, e mandou Simão Ferreira ao mesmo Soltam sôbre a fortaleza de Dio.* 56.

CAP. XI. *Como Soltam Badur mandou pedir soccorro ao Turco; e sabendo da tomada de Champanel, se quizera ir a Méca; e mudado o conselho, escreveo a Martim Affonso de Sousa se fosse logo ver com elle: e como os Reys Badur, e Omaum escrevêram ao Governador, offerecendo-lhe ambos Dio.* 61.

CAP.

CAP. XII. *Como Martim Affonſo de Souſa foi a Dio, e elle, e Simão Ferreira Procurador do Governador aſſentáram pazes com ElRey de Cambaya, e lhe deo a fortaleza em Dio, entregando a Martim Affonſo o baluarte do mar.* 66.

CAP. XIII. *Como o Governador Nuno da Cunha foi a Dio ver-ſe com ElRey de Cambaya.* 71.

CAP. XIV. *Da notavel façanha que fez Diogo Botelho em vir da India a Portugal em huma fuſta por moſtrar ſua lealdade a ElRey, ante quem fora calumniado falſamente.* 75.

CAP. XV. *Como o Governador Nuno da Cunha fundou a fortaleza de Dio: e como Vaſco Pires de Sampayo tomou aos Mogoles a fortaleza de Varivene no rio Indo.* 84.

CAP. XVI. *Como querendo Soltam Badur ir viſitar algumas partes de ſeu Reyno, pedio ao Governador lhe déſſe por companheiro a Martim Affonſo de Souſa: e como indo os Mogoles ſobre Baçaim, ſe tornáram com temor dos Portuguezes, e Mirao Muhmald os foi lançando de Cambaya.* 89.

CAP. XVII. *Como Soltam Badur ſe arrependeo de dar a fortaleza de Dio aos Portuguezes, e quizera fazer entre ella,*

la, e a Cidade hum muro, com que a cegára: e como o Governador o pacificou, e se foi a Goa. 96.

CAP. XVIII. *Como Garcia de Sá Capitão de Malaca, por engano d'ElRey de Achem, lhe mandou Manuel Pacheco em hum galeão á boa fé: e elle, e os que levava foram mortos á traição.* 103.

CAP. XIX. *Como Gonçalo Pereira indo a Maluco mandou visitar a ElRey de Borneo: e como chegando a Ternate, a Rainha lhe mandou pedir justiça de D. Jorge de Menezes, e que soltasse seu filho.* 110.

CAP. XX. *Como Gonçalo Pereira prendeo a D. Jorge de Menezes, e o mandou prezo á India, e executou hum regimento que o Governador lhe deo sobre a compra, e venda do cravo: e como a Rainha de Ternate o mandou matar.* 120.

CAP. XXI. *Como Vicente da Fonseca foi feito Capitão de Ternate pelos inimigos de Gonçalo Pereira; e por a necessidade de mantimentos em que o poz a Rainha de Ternate, veio a soltar-lhe seu filho ElRey Cachil Daialo.* 126.

CAP. XXII. *Como Pate Sarangue Regedor de Ternate, com ajuda de Vicente da Fonseca, fez que Cachil Daialo fosse despojado de seu Reyno, e posto em seu lugar Tabarija seu irmão: e como fize-*

ram

ram que a mãi de Tabarija casasse com Pate Sarangue, e a mulher de Cachil Daialo fugisse ao marido para casar com Tabarija. 132.

CAP. XXIII. *Como Vicente da Fonseca mandou á India prezo a Braz Pereira, e de lá veio por Capitão de Maluco Tristão de Taíde, o qual mandou prezo á India a Vicente da Fonseca: e como Fernão de la Torre, e os Castelhanos se vieram para os Portuguezes: e da morte d'ElRey de Geilolo* 140.

CAP. XXIV. *Como Tristão de Taíde per calumnias de Samarao prendeo a ElRey Tabarija, e a sua mãi, e outros, e os enviou prezos á India ao Governador, que os mandou para Maluco soltos, e livres: e como Tabarija se fez Christão em Goa, e morrendo em Malaca, deixou o Reyno a ElRey de Portugal.* 146.

CAP. XXV. *Como Tristão de Taíde sem causa fez guerra a ElRey de Bacham: e como os Reys de Maluco se conjuráram contra elle, e do que sobre isso succedeo.* 151.

CAP. XXVI. *Como Tristão de Taíde proseguio a guerra com os Reys do Maluco com varios successos, té a vinda de Antonio Galvão, que vinha por Capitão de Ternate.* 164.

LIVRO VII.

CAP. I. *Dos Principes, que ficáram no Reyno do Decan per morte d'El-Rey Mamud Xiah: e das guerras que entre elles houve.* Pag. 170.

CAP. II. *Como o Hidalchan foi cercar a Cidade de Goulacondá do Cota Maluco, que a defendeo com grande estrago da gente do Hidalchan, per conselho, e ajuda de doze Portuguezes seus cativos: e da morte do Hidalchan, e prizão de Abrahemo seu filho segundo, que se queria levantar com o Estado.* 174.

CAP. III. *Como levando Maluchan o corpo de seu pai a sepultar, lhe veio ao caminho Cota Maluco, e houve batalha com Melique Virido: e como Abrahemo foi solto por Cogertechan, e soccorrendo-o Nizamaluco seu tio, foi prezo Maluchan.* 183.

CAP. IV. *Como indo o Açadachan a Bisapor livrar da prizão a Maluchan, Melique Cuf, que o guardava, lhe arrancou os olhos, e com elle, e com o thesouro se foi para Abrahemo: e das differenças que trouxeram muitos Capitães do Decan: e da morte de Melique Cusso Cocheca.* 190.

CAP. V. *Como o Açadachan fez que o Achande-*

degij viesse a tomar as terras, que foram de seus avós, dando-lhe para isso favor, e ajuda: e do que elle fez com outros Capitães. 200.

CAP. VI. *Como o Hidalchan mandou rogar ao Açadachan que se fosse para elle: e como o Açadachan trabalhou porque Nuno da Cunha tomasse as terras firmes de Goa.* 207.

CAP. VII. *Como o Açadachan se foi para ElRey de Bisnagá por descontentar ao Hidalchan, e Melique Verido foi perdoado.* 213.

CAP. VIII. *Do engano que o Açadachan fez a ElRey de Bisnagá, e a Christovão de Figueiredo: e como se veio fugindo para o Hidalchan, que por outros taes enganos o desejava matar.* 219.

CAP. IX. *Como ElRey de Cambaya mandou ao Hidalchan as insignias Reaes; para que se intitulasse Rey, e lhe désse obediencia, e como não quiz tal titulo: e das inquietações, em que andou o Açadachan, até que com medo do Hidalchan se lhe veio metter nas mãos com hum grande presente de dinheiro.* 226.

CAP. X. *Como o Hidalchan mandou hum messageiro ao Governador, que lhe alargasse as terras firmes, a quem dilatou a resposta para Dio, para onde estava*

de

de caminho: e como Soleimão Agá per mandado do Hidalchan as veio correr e cobrar, e lhe foi resistido. 234.

CAP. XI. *De algumas dúvidas que houve entre os Portuguezes, que estavam com Christovão de Figueiredo, que cessáram com a vinda de D. João Pereira, o qual seguio a Soleimão Agá, até se lhe acolher desbaratado.* 242.

CAP. XII. *Como Soleimão Agá, vindo a Pondá, fez algumas cousas em rompimento da paz, que o Governador tinha com o Hidalchan: e D. João Pereira lhe deo batalha, e o venceo.* 247.

CAP. XIII. *Como o Açadachan se partio per mandado do Hidalchan cobrar as terras firmes de Goa: e o que passou neste caminho, e depois com Nuno da Cunha.* 260.

CAP. XIV. *Como chegando o Açadachan a Pondá, mandou huma carta do Hidalchan a Nuno da Cunha, e da resposta que a ella deo: e do que mais succedeo entre elles.* 269.

CAP. XV. *Das cousas que succedêram na guerra das terras firmes de Goa: e da entrada que nellas fez D. João Pereira: e do bom successo que teve.* 275.

CAP. XVI. *Como o Açadachan andou em requerimento com Nuno da Cunha sobre as-*

assento de pazes, e de se verem ambos, o que não houve esseito: e das victorias que houveram Antonio da Silveira nas terras firmes, e Gonçalo Vaz Coutinho na costa. 281.

CAP. XVII. *Como o Hidalchan mandou ao Açadachan que desistisse da guerra com os Portuguezes, e elle se escusou: e como D. Gonçalo Coutinho foi desbaratado no passo do Borij, e o Açadachan veio assentar pazes com Nuno da Cunha, por evitar os damnos que recebia.* 288.

CAP. XVIII. *Como o Çamorij de Calecut á instancia d'ElRey de Cambaya veio com muita gente a Cranganor, fingindo huma certa visitação por ter azo de fazer guerra aos Portuguezes.* 296.

CAP. XIX. *Como Martim Affonso de Sousa, indo acudir a Cochij, desbaratou os Colemutes, e lhes queimou o lugar; e defendendo d'ElRey de Calecut o passo do váo, ElRey se foi, e o não esperou: e do castigo que deo a ElRey de Repelim.* 303.

CAP. XX. *Como Martim Affonso de Sousa foi ao passo do váo defender que ElRey de Calecut o não passasse: e como pelejou com elle, e o desbaratou, e ElRey lhe fugio.* 309.

CAP. XXI. *Como Martim Affonso de Sousa*

sa

ſa desbaratou a Cutiale Marcar Capitão mór da Armada d'ElRey de Calecut: e como foi ao paſſo do váo para pelejar com ElRey, e elle ſe recolheo, e desfez ſeu exercito. 314.

CAP. XXII. *Como Madune Pandar Rey de Ceitavaca, com ajuda de huma Armada de Malavares cercou a ElRey Boenegobago ſeu irmão na Cidade da Cota, e Martim Aſſonſo o foi ſoccorrer, e pelejou com a Armada, e a desbaratou.* 319.

LIVRO VIII.

CAP. I. *Como o Governador Nuno da Cunha foi aviſado per muitas vias do que ElRey de Cambaya movia contra os Portuguezes, para lhes tomar a fortaleza de Dio, e o lançar da India: e do que ſobre iſſo fez.* Pag. 326.

CAP. II. *Da embaixada, que Soltam Badur Rey de Cambaya mandou ao Governador, pedindo-lhe ſe foſſe ver com elle; e como ſabendo elle da traição, que lhe ElRey ordenava, partio logo: e do que mais ſuccedeo.* 335.

CAP. III. *Do que o Nizamaluco tinha paſſado com Simão Guedes em Chaul, antes que Nuno da Cunha alli chegaſſe: e dos*

e dos indicios que achou dos propositos d'ElRey de Cambaya. 341.

CAP. IV. *Como ElRey de Cambaya mandou visitar a Nuno da Cunha ao caminho: e como por vir doente o foi ver ao galeão chegando a Dio.* 346.

CAP. V. *Como foram mortos Soltam Badur Rey de Cambaya, e os Senhores que com elle hiam, e Manoel de Sousa Capitão de Dio.* 357.

CAP. VI. *Do que se fez na Cidade de Dio com a morte de seu Rey: e do que Nuno da Cunha ordenou para conservar a mesma Cidade em paz, e quietação dos moradores della.* 367.

CAP. VII. *Do razoamento, que Nuno da Cunha fez aos Capitães, e pessoas principaes da Armada: e do cumprimento que teve com a Rainha mãi d'ElRey Badur: e como mandou pôr cobro na fazenda d'ElRey: e do que se lhe achou per sua morte em seu thesouro, e armazem.* 371.

CAP. VIII. *Da justificação, que Nuno da Cunha mostrou aos Mouros, e Gentios ácerca da morte de Soltam Badur.* 381.

CAP. IX. *Do mais que ordenou Nuno da Cunha para bom governo, e quietação do povo: e como mandou a Portugal a nova da morte de Soltam Badur: e da vin-*

vinda de Mir Mahamed Zaman ao Reyno de Cambaya. 388.

CAP. X. *Como Mir Mahamed Zaman foi nomeado por Rey do Guzarate com favor de Nuno da Cunha.* 394.

CAP. XI. *Como ido Nuno da Cunha para Goa, os Capitães dos Guzarates deram batalha a Mir Mahamed Zaman: e do mais que fizeram depois de elle ser ido ao Cinde: e como Nuno da Cunha tornou a Dio.* 403.

CAP. XII. *Do que fez Martim Affonso de Sousa Capitão mór do mar, indo em busca de huma Armada d'ElRey de Calecut, de que era Capitão mór Pate Marcar.* 411.

CAP. XIII. *Como Martim Affonso de Sousa com quatrocentos Portuguezes pelejou com Pate Marcar, estando em terra com sete mil homens de peleja, e o venceo, e desbaratou, e lhe tomou a Armada, com morte de muitos Mouros.* 418.

CAP. XIV. *De outras victorias, que Martim Affonso de Sousa houvera na costa do Malavar.* 426.

CAP. XV. *Como D. Manoel de Menezes foi prezo em Xael, e da causa porque ElRey o prendeo: e do mais que succedeo em seu livramento.* 431.

CAP. XVI. *Do que Nuno da Cunha assentou*

tou

tou com o messageiro d'ElRey de Xael sobre as pazes que pedia: e como mandou a D. Fernando de Lima, que hia por Capitão a Ormuz, que fosse por Xael tirar a D. Manuel de Menezes do cativeiro. 445.

LIVRO IX.

CAP. I. *Da descripção do Reino de Bengalla; e dos costumes da gente delle.* Pag. 451.

CAP. II. *Perque maneira os Reys de Bengala vieram a ser Mouros.* 459.

CAP. III. *Como Martim Affonso de Mello foi a ElRey de Bengala requerer-lhe amizade, e commercio com Portuguezes: e do que sobre isso lhe aconteceo.* 465.

CAP. IV. *Como Martim Affonso de Mello, e os Portuguezes que com elle hiam foram prezos per mandado d'ElRey de Bengala.* 475.

CAP. V. *Como Martim Affonso de Mello, e seus companheiros foram levados a ElRey á Cidade de Gouro: e do que passou Antonio da Silva indo resgatar a Martim Affonso.* 482.

CAP. VI. *Como Xerchan Capitão d'ElRey dos Mogoles se foi de seu serviço para ElRey de Bengala, o qual o fez seu Capi-*

pitão mór, e depois se levantou contra elle, e se tornou ao mesmo Rey dos Mogoles. 487.

CAP. VII. *Da guerra que Xerchan fez a ElRey de Bengala, em que os Portuguezes intervieram: e do concerto com que desistio della.* 495.

CAP. VIII. *Como ElRey de Bengala deo liberdade a Martim Affonso de Mello, e licença que se fosse para a India: e como Xerchan veio contra ElRey, e lhe tomou a Cidade de Gouro, e ElRey se foi a Omaum Patxiah; e do que lhe succedeo.* 502.

CAP. IX. *Como se ajuntáram Xerchan, e Omaum Patxiah Rey dos Mogoles na Cidade de Canose junto do rio Ganges, e foi desbaratado Omaum.* 506.

CAP. X. *Como Omaum Patxiah foi buscar soccorro de alguns amigos, e vassallos seus, e lho não deram, e o foi pedir ao Xiah Tamas, que lho deo.* 513.

CAP. XI. *Do que fez Omaum Patxiah com o soccorro, que lhe deo o Xiah Tamas, e da morte de Xerchan.* 522.

CAP. XII. *Como D. Paulo da Gama Capitão de Malaca mandou Bastião Vieira visitar a ElRey de Ujantana, o qual o matou, e aos Portuguezes que o acompanháram: e como D. Paulo foi morto pe-*

pelejando com huma Armada do mesmo Rey. 528.

CAP. XIII. *Como D. Estevão da Gama foi contra ElRey de Ujantana, e lhe destruio, e queimou a fortaleza.* 534.

CAP. XIV. *De outra jornada, que Dom Estevão da Gama fez contra ElRey de Ujantana; e das pazes que lhe concedeo: e como foi commettido duas vezes dos Achens.* 541.

CAP. XV. *Do que aconteceo a Francisco de Barros de Paiva em Patane, e a Henrique Mendes de Vasconcellos na peleja que ambos tiveram com huma Armada de Jaos.* 550.

CAP. XVI. *Como Antonio Galvão, que ElRey fizera Capitão de Maluco, foi por mandado do Governador a succeder a Tristão de Taíde: e do alvoroço, e festa com que foi recebido de todos.* 554.

CAP. XVII. *Do memoravel feito, que Antonio Galvão fez em ir buscar com cento e vinte Portuguezes a oito Reys Mouros, que com grande exercito estavam em Tidore: e como os desbaratou, e destruio a Cidade, e a queimou.* 561.

CAP. XVIII. *Como os Reys Mouros se foram para suas terras; e o de Tidore fez pazes com Antonio Galvão.* 571.

CAP. XIX. *Das muitas inquietações que sem-*

sempre houve em Maluco entre os Portuguezes, e seus Capitães sobre a compra do cravo: e do trabalho que nisso passou Antonio Galvão. 577.

CAP. XX. *Como Antonio Galvão assentou pazes com os Reys de Geilolo, e Bacham, e assocegou os Ternates, que não queriam ter por Rey a Cachil Aeiro.* 583.

CAP. XXI. *Como Antonio Galvão mandou ao Moro contra hum levantado, que foi morto, e desbaratado: e da muita diligencia que fez sobre a conversão dos Gentios das Ilhas de Maluco.* 588.

CAP. XXII. *Como Antonio Galvão soltou ElRey Cachil Aeiro da prizão, em que estava: e dos muitos beneficios que fez aos Ternates.* 596.

LIVRO X.

CAP. I. *Das cousas, que houve para Soleimão Emperador dos Turcos mandar á India huma grande Armada contra os Portuguezes.* Pag. 600.

CAP. II. *Como o Grão Turco mandou huma grossa Armada á India, de que fez Capitão mór Soleimão Baxiá, das qualidades de sua pessoa, e crueldades que fez antes de sua partida, e depois della.* 604.

CAP.

CAP. III. *Como Soleimão Baxiá partio de Suez para a India: e do que passou no caminho até chegar a Dio.* 611.

CAP. IV. *Como Coge Sofar se foi secretamente de Dio, e persuadio a ElRey de Cambaya fazer guerra aos Portuguezes, e veio cercar a Cidade: e dos apercebimentos que Antonio da Silveira fez para se defender.* 618.

CAP. V. *Como Coge Sofar veio á Villa dos Rumes, e deo assalto ao baluarte: e como Antonio da Silveira proveo os passos da Ilha, e o que mais succedeo.* 624.

CAP. VI. *Como Antonio da Silveira alargou a Ilha, e a Cidade, e se recolheo á fortaleza: e do que fez depois de estar nella.* 630.

CAP. VII. *Como Soleimão Baxiá veio com sua Armada ao porto de Dio: e da mostra que deram de si alguns Janiçaros: e do aviso que Antonio da Silveira mandou a Nuno da Cunha.* 636.

CAP. VIII. *Dos apercebimentos, que Antonio da Silveira, e Coge Sofar faziam em quanto a Armada foi, e tornou de Madrefabat: e como veio nova, que era chegado a Goa o Viso-Rey D. Garcia de Noronha.* 643.

CAP. IX. *Como Soleimão Baxiá tornou de Madrefabat do combate que se deo ao*

ba-

baluarte da Villa dos Rumes : e como Francisco Pacheco se entregou. 651.

CAP. X. *Como os Turcos deram bateria á fortaleza de Dio vinte e cinco dias contínuos : e do muito damno, que nella fizeram.* 659.

CAP. XI. *Como os Turcos perseveráram em combater o baluarte de Gaspar de Sousa ; e da resistencia que se lhes fez : e como foi morto Golçalo Falcão.* 663.

CAP. XII. *Da doença grande que sobreveio aos cercados ; e como as mulheres ajudáram a trabalhar nos repairos.* 674.

CAP. XIII. *Como os Turcos tentáram minar o baluarte dos combates ; e como Gaspar de Sousa foi morto.* 679.

CAP. XIV. *Do ardil, com que os Portuguezes tratáram de impedir os combates que se davam ao baluarte ; e do soccorro que o Viso-Rey mandou a Dio, e da confusão que causou aos Turcos.* 684.

CAP. XV. *Dos assaltos, que os Turcos deram ao baluarte do mar, e ao dos combates : e refere-se hum caso de hum esforçado soldado.* 689.

CAP. XVI. *Do grande assalto, que os Turcos deram á fortaleza com quatorze mil homens de peleja : e do grande aperto, em que a puzeram com morte de muitos dos nossos.* 694.

CAP. XVII. *Do que o Capitão Antonio da Silveira fez quando os Turcos cessáram dos combates; e das causas perque tão de subito levantáram o cerco.* 706.

CAP. XVIII. *Do que aconteceo a Soleimão Baxá, como foi em Constantinopla, e do fim que houve.* 717.

CAP. XIX. *Como D. Garcia de Noronha chegou á India, e foi entregue do governo della, e da Armada que ajuntou para ir soccorrer Dio.* 720.

CAP. XX. *Como o Viso-Rey D. Garcia estava indeterminado sobre a maneira perque accommetteria os Rumes: e do conselho que nisso lhe deo Nuno da Cunha.* 727.

CAP. XXI. *Do aggravo que o Viso-Rey D. Garcia fez a Nuno da Cunha sobre sua embarcação; e como apercebendo-se em Cochij para se vir para o Reyno, escreveo huma carta ao Viso-Rey em resposta de algumas suas.* 734.

CAP. XXII. *Como Nuno da Cunha partio da India para Portugal, e no caminho faleceo.* 747.

DE-

DECADA QUARTA.
LIVRO VI.
Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITULO I.

Em que se descreve a origem dos póvos Mogoles, e que parte da terra habitáram.

PORQUE a guerra dos Mogoles com ElRey de Cambaya, e o que della succedeo foi cousa mui notavel, e de que coube grande parte ao Estado da India, e que aos Portuguezes causou muito trabalho, convem darmos noticia particular desta gente, e em que parte da terra estava escondida, dos quaes té aquelle tempo, em que vieram ter guerra com o Soltam Badur Rey de Cambaya, os nossos que na India andavam não tinham conhecimento algum; e para maior satisfação dos que se deleitam em saber historias, repetiremos de longe a origem delles. Esta gente, a que commum-

mente os nossos chamám Mogores, e propriamente Mogoles, elles entre si se chamam Chacatais [a], por virem de huma linhagem antiga, e nobre dos Tartaros, assi chamada, de que elles se gloriam muito, como os Hespanhoes se jactam (sem razão) de vir dos Godos, como se os Godos, e os Chacatais não fossem dos Barbaros, que povoam as terras frias do Norte. A região que estes Chacatais habitam he chamada Chacatá [b], vizinha á Provincia Turquestán, mui natural, de que procedêram os verdadeiros Turcos. E posto que todos os Chacatais sejam Mogoles, os nobres sómente se nomeam Chacatais, aos quaes he grande injuria chamar-lhes Mogoles, tanto como se lhes chamassem vilãos, o que não he no povo, que por isso se não escandaliza.

Os Persas, que foi a gente daquellas partes Orientaes, que mais cedo recebeo a seita de Mafamede, por as vitorias que delles houveram os Arabios, e que com a seita tambem recebêram a Escritura, escrevêram em suas Chronicas, que estes Mogoles descendem de Magog neto de Noé Patriar-

ca

a *Impropriamente são chamados Zagatais, e a Provincia em que habitáram Zagatai.*

b. Diogo do Couto *escreve, que a esta Provincia Chacatá deo nome Chacatai filho de Chingischan, Senhor das Provincias Sogdiana, Bactriana, Aracosia, Aria, Parthia, Persia, e Armenia.*

ca das gentes, filho de Jafet [a]. E assi dizem, que Magog foi hum Rey poderoso naquellas partes de Tartaria, de que procedêram muitas, e diversas familias, e linhagens, como diremos em nossos Commentarios da Geografia, em que fallamos da origem dos Tartaros Asiaticos. Em vida deste Magog, e depois per todo o tempo que reinou seu filho Tarahan, as gentes que estavam debaixo de seu Imperio guardavam a religião, costumes, e adoração de hum só Deos, segundo tinham recebido de Noé seu progenitor. Mas falecidos estes dous Reys, succedêram outros Principes, que seguíram suas proprias inclinações, com que os póvos se deram a varias seitas, e opiniões contrarias aos preceitos dos seus antigos Padres. Daqui se causou derramarem-se per diversas

a *Faz* Diogo do Couto *larga relação dos Mogoles, e de sua descendencia, a qual deduz, seguindo as historias Tartaras, de hum Turso neto de Noé filho de Jafet, (do qual não fazem menção os Historiadores,) como se póde ver nos cap. 1. e 2. do liv 10. E no cap. 7. do liv. 1. escreve, que quando no anno de 100. de nossa Redempção baixáram do Norte os Mogoles, com as outras gentes, ficáram elles povoando o Reyno de Mandou; e que naquella Cidade se vem ainda hoje tres sepulturas de Reys Mogoles, como consta dos letreiros dellas; e he presumpção bem fundada, que foram estes póvos antigamente senhores de toda a India, onde no maritimo della fundáram as duas Cidades de Mangalor, huma na costa de Dio, e outra na de Canará, e nesta ha sepulturas de muita antiguidade, per cujos epitafios se conhece que jazem nellas Reys Mogoles.*

partes, e habitarem novas Provincias. E posto que esta gente per aquella grande Tartaria tinha este nome de seu primeiro Principe Magog, e fosse havida por vagabunda, como aquella que discorre per diversas partes, onde se mais conservou esta geração foi na região que ora he chamada Mogalia, ou Mogosta do nome delles, a que Ptolomeu chama Paropanisus, posto que elles se extendam mais, porque vam vizinhar ao presente com o Reyno Horacan, chamado per Ptolomeu Aria, de huma Cidade sua Metropoli, a que hoje chamam Here. E pela parte do Norte vam beber as aguas do rio Geum [a], chamado dos Geografos Oxo, que passa pela Provincia Bactriana, nomeada de sua metropoli Bactria, que ora se chama Bohára, estudo mui célebre, e antigo, como reliquias do grande Zóroastres [b], a que os Persas

a *Outros chamam a este rio Abia.*

b *Zoroastres, como refere Suidas, foi Persa Medo, viveo em tempo de Nino Rey dos Assyrios, antes da guerra Troiana 500. annos; persuadio aos Assyrios que depois de sua morte, que foi com fogo do Ceo, guardassem as suas cinzas, se queriam que se perpetuasse o Reyno delles. Escreveo quatro livros da Natureza, hum de pedras preciosas, e cinco de Astrologia judiciaria. Plinio escreveo no cap. 16. do liv. 7. que rio Zoroastres no mesmo dia que nasceo; e no cap. 1. do liv. 30. que foi o inventor da Arte Magica, e o primeiro que a praticou em Persia. Outros Authores affirmam que foi Zoroastres Rey de Bactriana, e que teve guerra com Nino, na qual foi morto. E não póde ser viver Zoroastres antes da guerra Troiana 500. annos, e em tem-*

ſas chamam Zoaç. Neſta Bohára eſtudou Avicenna, Medico celebrado, por ſer natural da terra, ſegundo eſcrevem os Perſas, o que lhe não tira ſer natural de Cordova, conforme a opinião de alguns; porque póde ſer que por ſer eſtudado em Bohára, o queiram os Perſas fazer ſeu natural. Tem mais os Mogoles da banda do Nordeſte a região Sogdiana, a que elles ora chamam Queximir, e aſſi o monte Caucaſo, que devide a India de outras Provincias, e regiões Boreaes. He verdade que neſta noſſa idade, como he gente belicoſa, correm da parte de Meiodia té os montes a que Ptolomeu chama Parveti, e Bagous [a], e elles Angon.

Eſte Eſtado era de huma gente chamada Patane, que ſenhoreava eſtas montanhas; e como os que habitam nos confijs dos montes Pyreneos, daquém, e dalém delles, são ſenhores dos paſſos, porque paſſámos de Heſpanha a França, e de lá para cá, aſſi eſtes póvos Patanes são ſenhores de duas entradas, que a India tem, para aquelles que per terra querem ir a ella; porque os que vam da Perſia do Reyno Horacam, de Bohára, e de todas as partes Occidentaes, caminham té a Cidade, a que os naturaes chamam corru-

po de Nino, como diz Suidas, porque Nino morreo no anno do Mundo 2048. e Troia foi deſtruida 824. annos depois, no anno do Mundo 2872.

a Ptolomeu na nona Taboa da Aſia.

ruptamente Candar, havendo de dizer Scandar, nome per que os Persas chamam Alexandre, por elle (como escreve Arriano [a]) edificar esta Cidade, e do seu nome se chamou Alexandria situada ao longo do rio Aria. Esta Cidade he huma das mais illustres, e célebres daquellas partes, por ser porte, e porto per que se caminha para a India; porque as Serranias da Provincia Cistou, que vem cortando para o Meiodia té os desertos de Mazeran, deixam no meio huma aberta, onde como porto está Scandar situada. Nella se tomam dous caminhos; quem quer ir pelos desertos de Mazeran, vai passar o rio Indo na Cidade Batcar situada nas correntes delle, (a qual por a situação que tem, podemos dizer ser aquella a que Ptolomeu chama Aristobatia [b];) e querendo della ir ao Reyno de Cambaya, tomam á mão direita pelo rio abaixo, e vem entrar nelle pelas Serranias dos Resbutos, e vam ter á grande Cidade delles chamada Patane, e dahi a Lavaia. E querendo ir ao Reyno do De-

a Arriano faz menção de quatro Cidades, que Alexandre Magno fundou, e á que deo seu nome. A primeira em Egypto, na boca Occidental do rio Nilo. A segunda nas fraldas do monte Caucaso, não longe da Cidade de Bactra. A terceira no rio Iaxartes, chamado de Arriano Tanais, (outro do que divide Asia de Europa.) A quarta ao pé do monte Paropaniso, e esta parece que quer entender João de Barros *que seja Scandar.*

b Na Taboa nona de Asia.

Delij, vam pelo rio acima té a Cidade de Moltan Metropoli dos póvos Moltanes. E deixando á esquerda o rio Indo, caminham per terra chã a mais povoada de toda a India, té chegar á Cidade de Delij, que he a cabeça daquelle Reyno, que della se nomea, situada nas correntes do rio Iamona, a que Ptolomeu chama Diamuna [a], e Plinio Iomanes [b].

Estes caminhos de que fallamos são as estradas geraes das Cafilas, que ás vezes são de tres, e quatro mil homens; porque a terra além de ser deserta, e em muitas partes montuosa, he de muito perigo, por causa da gente montanhez, e campestre, que vai buscar as estradas para roubar os caminhantes. O caminho de Candar a Batcar não o seguem as Cafilas senão em tempo de guerras, por ser muito deserto, e ter quatro, ou cinco jornadas sem agua, e de muita arêa, temendo que se forem pelo de cima, que está á parte do Norte, além dos montes Angon dos Patanes, por ser per meio do Reyno dos Mogores, podem ser delles roubados. Este caminho de cima, para quem quer ir ao Reyno de Delij, he mais breve, e povoado, posto que mui fragoso em partes; e na Cidade de Candar põe o rosto quasi a Les-

a *Na Taboa* 10. *de Asia.*
b *Liv.* 6. *cap.* 17. 1[illegible]. *e* 20.

Leste, atravessando toda a terra Hozara, e vai ter á antiquissima Cidade Cazrij meia arruinada, e dahi á Cidade Cabol Metropoli dos Mogoles. A qual tambem por causa das montanhas, e serranias he outra ponte que vam demandar, não sómente as Cafilas, que vem de Candar, mas ainda as de Camarcant, e de toda a Provincia de Turquestan, e Caxcar. E desta Cidade Cabol té outra por nome Ingoxan, em que haverá tres dias de jornada, tem as Cafilas bom caminho; mas como chegam a huma Villa chamada Haibar, dahi té a Cidade de Nilao, e della té as portas per onde entram na India, que será caminho de cinco dias; he elle tão estreito, e fragoso, que se não póde ir por elle senão a fio, e olhar para o cume das Serranias, e pôr os olhos nas nuvens. E chegando á porta per onde os Persas dizem que entrou Alexandre Magno, a qual elles chamam Darbande, que quer dizer porta fechada, e os Indios com a mesma significam Dangalij, descobre-se o campo da Comarca chamada Gazar, onde está situada a Cidade de Beera nas correntes do rio Bet; esta campina he já da terra da India. E como quando da assomada de huma montanha se vem grandes campinas, em que a vista se perde, assi passada esta porta, que fica soberba, apparecem aquellas do Reyno

do-

do Delij, povoadas de muitas Cidades, e lugares, sem achar nem huma só pedra em que tropecem. Esta terra he em si fertil, e graciosa á vista, por ser regada destes cinco notaveis rios, que fazem o corpo do Indo, Bet, Sandmague, Chanao, Raué, e Bea.

Desta porta té a Cidade de Candar, que fica atrás, onde se estremam os dous caminhos que dissemos para a India, tudo são Serranias, e terra aspera, parte da qual era do Estado dos Mogoles, principalmente a que está mais ao Ponente, e Norte, que he a menos fragosa. E a que está ao Sul dos montes Bagous, ou Parveti, como lhe Ptolomeu chama, e a que está ao Oriente té a porta Darbande, que he dos póvos Patanes, tudo são serranias asperas. E posto que as Cafilas, que per estes dous póvos passavam, lhes pagavam seus direitos, segundo seu costume antigo, quando viam aquellas riquezas Orientaes que vinham da India, e as Occidentaes que entravam nella, onde se commutavam humas cousas por outras, fazia-lhes grande cubiça do Senhorio della; e por duas causas crescia a esperança que tinham de conseguir seu desejo: a primeira, por serem elles Mouros, e os póvos da India Gentios, quasi té o maritimo da India baixa, cuja costa nós navegamos, muita parte da qual he já sujeita aos Mouros: a outra causa

ſa era, ſerem elles todos gente belicoſa, e bem armada, e ſoffredora de trabalho, coſtumada a pelejar a cavallo, por a grande cópia que delles tem. O que tudo viam pelo contrario nos Gentios da India, por ſer gente fraca, e imbelle, mais induſtrioſa, e inclinada ao uſo mecanico, e de commercio, que ao exercicio das armas, e as de que uſam ſerem fracas, e ſem cavallos, e eſſes que tem de ſua terra ſerem fracos, e poucos, e os que vem de fóra de tanto preço, que os não podem ter ſenão Senhores, e peſſoas de muita fazenda.

Mas ao deſejo deſtes dous póvos havia dous inconvenientes que os impediam. Aos Patanes, que eram os mais vizinhos da porta Darbande, ter ElRey do Delij poſto nella hum Capitão de muita fidelidade com muita gente de armas para guarda della, e aſſi para arrecadação dos direitos, que ſe pagavam das mercadorias que per ella entravam, e ſahiam. E os Mogoles, que eram mais conquiſtadores que eſtes Patanes, além de terem o impedimento da entrada, tinham Cidades, Villas, e Lugares dos meſmos Patanes, que lhes convinha conquiſtar primeiro que chegaſſem ás portas Darbande. Por a qual cauſa eram os Patanes mui cioſos deſta entrada, e bem entendiam que todas as contendas, e guerras que os Mogoles com elles.

les tinham, mais eram per ſe fazerem ſenhores deſta entrada, que por terem cubiça das ſuas terras, o Eſtado, por ſer mui fragoſo, e eſteril, e differente do ſeu delles. Com eſte receio que os Patanes tinham, quando das partes da Perſia, de Bohára, de Camarcante, e Caxcar vinha alguma grande Cafila para entrar na India, como era de quatro, ou cinco mil homens, não os deixavam entrar em ſuas povoações, nem paſſar avante ſem primeiro darem arrefens, e outros ſeguros, per que ficaſſem delles ſatisfeitos, e certos não ſer aquella gente algum artificio, e ardil dos Mogoles. Outras taes cautelas tinha ElRey do Delij na entrada da ſua porta; e por cauſa deſtas ſuſpeitas, e vigias, e guerras em que os Mogoles andavam com os Patanes, per que algumas vezes as Cafilas eram roubadas, ou ao menos lhes faziam pagar direitos dobrados, como ellas chegavam á Cidade de Candar, deixavam eſte caminho de cima, e tomavam o de baixo, que era deſerto, poſto que mais comprido, e eſteril foſſe.

CAPITULO II.

Dos coſtumes, e trajos dos Mogoles. e da ſeita que tem, e de ſua lingua.

JÁ que tratamos da origem, e habitação dos Mogoles, pareceo-nos neceſſario dizer de ſuas peſſoas, de ſua lei, e de ſeus coſtumes, e trajos, e da ordem da ſua milicia. Os Mogoles são da lei de Mafamede, ſua lingua he Turqueſtan, por lá terem ſua origem, e por a vizinhança que tem com os Perſas tambem fallam a ſua lingua; geralmente são homens bem diſpoſtos, alvos, e de olhos algum tanto pequenos, ao modo dos Tartaros, e Chijs: tratam-ſe todos muito bem, veſtindo-ſe os nobres de ſedas, brocadilhos, e lans finas, e o povo de algodão, e no inverno de acolchoados, e de feltros para a chuva. A maneira de ſeus veſtidos he ſemelhante á dos Perſas, que são ſaios compridos abertos por diante, de pouca fralda, cingidos por cima, como ſe cingem os Venecianos. As barbas trazem compridas, e as cabeças rapadas, nellas trazem barretes altos de feltro tezo redondos, e não agudos, recheados de algodão, ou de outra couſa, com que andem ſempre irtos, e ao redor das cabeças ſobre os barretes toucas de algodão brancas, aſſi poſtas, que

do.

do meio para cima já fóra do casco da cabeça lhes fique o barrete descuberto, por o qual trajo do barrete lhes chamam os vizinhos Cachalax, que quer dizer cabeça de feltro, como chamam mais propriamente aos que vivem na Comarca de Camarcant, na Cidade Metropolitana da região Caxcar, a que as outras nações chamam cabeça de feltro, porque o trazem na cabeça mais alto que o dos Mogoles. Os homens nobres se tratam com muita policia, servem-se de baxellas de prata, alumiam-se com vélas de céra. Quando caminham levam o fato que tem em arcas encouradas, malas, e almofrexes cubertos com reposteiros, ou alcatifas, sobre Camelos, e levam mui boas tendas para se agazalharem no campo. Fóra da guerra, em suas terras são gente pacifica, branda, e de bom gazalhado aos estrangeiros, e verdadeiramente em seus negocios. As mulheres desta nação são formosas, e para apparecerem em toda a parte.

As armas de que usam, assi as offensivas, como as defensivas, costumam de trazer mui ricas, principalmente os nobres trazem pelotes forrados de laminas douradas, que lhes dam por baixo do giolho hum palmo com cravações douradas, e muito bem guarnecidas, nas cabeças trazem celadas, e capacetes guarnecidos de ouro com

suas

ſuas plumagens. As offenſivas ſão lanças, terçados, maças de ferro, machadinhas, que levam penduradas nos arções das ſellas, arcos, e fréchas, que he a ſua natural arma para pelejar; e tirando os Tartaros Uzbéques de Camarcant, e da Provincia Caxcar, e dahi para cima, té contra o Norte, nenhuma nação que á noſſa noticia vieſſe, chega aos arcos, e ao modo de tirar dos Mogoles; e quanta vantagem os Perſas fazem neſtes arcos aos Turcos de Grecia, e da Natolia noſſos vizinhos, tanta fazem os Mogoles aos Perſas. Toda ſua guerra fazem a cavallo, porque o eſtilo, e curſo delles não ſoffre trazerem gente de pé, porque andam tanto, que anoitecendo aqui, ao outro dia amanhecem dahi a dez, e quinze leguas. Os cavallos ſão como quartaos, correm pouco, mas andão muito, e pelejam com elles acubertados. Não he gente que ſitue Cidades, e dem combates com artilheria, e artificios, que cá uſamos neſtas partes. Todo ſeu feito ſão corridas, talhando os frutos, e novidades dos campos, roubando povoações, e com aquelle furor do primeiro impeto tudo accommettem, no que ſão tão preſtes, que não dam lugar a algum apercebimento; e quando ſe cuida que ſe põem em fugida, muitas vezes ficam vitorioſos, porque aſſi fréchan fugindo como quando

com-

commettem. Costumam fazer ciladas, e tem nisto grandes modos, e ardijs. E fazem mais conta de serem senhores do campo, que das povoações; e esta sómente he a sua maneira de cerco, porque sabem que quem do campo for senhor, que o será do mais. Finalmente elles, e os cavallos em que andam são grandes aturadores, e soffredores do trabalho. Trazem artilheria em carretas, cada peça de comprimento de hum covado, as grossas tiram pelouros de tamanho dos de falcões, os das miudas como nozes.

Com esta gente anda muita de diversas nações, como Tartaros, Turquimães, Coraçones, e outros, aos quaes tambem chamam Mogoles por andarem com elles. O seu Rey trata-se com muita magestade, e deixa-se ver poucas vezes, tem grande guarda em sua pessoa, assi na paz, como na guerra, na qual o guardam dous mil de cavallo a cada quarto, em que entram cem Senhores principaes, e todos comem de sua cozinha. Dos máos usos, e abusos desta gente diremos em nossa Geografia, quando escrevermos de sua região, e das a ella vizinhas, basta o que aqui temos dito para se saber o valor desta gente.

CAPITULO III.

Da causa, que os Mogoles tiveram para entrar no Reyno do Delij: e como ElRey Babor se fez Senhor delle, e do mais que nelle succedeo.

EStando os Reys dos Mogoles, e Patanes tão intentos em hum mesmo pensamento de se fazerem Senhores na India, para gozarem as riquezas della, como os estados do Mundo estam postos em casos que o tempo traz, aconteceo que hum Rey do Delij chamado Babul veio a ter guerra com outro seu vizinho, contra o qual elle mandou pedir ajuda de gente de cavallo a Abrahemo Rey dos Patanes, cuja Metropoli he Niláo, que distará da porta Darbande quinze leguas. Abrahemo, como nenhuma cousa desejava mais que entrar naquelle Reyno do Delij, veio a elle o mais poderosamente que pode, e em lugar de soccorrer a Babul, lhe tomou o Reyno; e fazendo-se Senhor delle, mandou vir do seu Reyno muita mais gente, que foi depois causa de o perder, como adiante diremos.

Vindo este a morrer, deixou dous filhos, o maior que ficou por successor do Reyno se dizia Escandar, o menor Alamo Chan. Falecendo Escandar, ficou o Reyno a seu fi-

filho Abrahemo, este por ser homem cruel, e de máo governo, sentindo Alamo seu tio que elle lhe procurava a morte, fugio com sua mulher, e filhos para o Reyno do Guzarate, em tempo de Modafar Rey delle, que lhe fez muita honra, e lhe deo terras, e renda com que se pudesse sustentar como filho de quem era. E depois de estar em Cambaya, não tardou muito que seu sobrinho Abrahemo fez taes cousas, que muita parte dos Grandes escrevêram a Alamo, que se tornasse ao Delij, que o queriam levantar por Rey; porque ainda que não houvera mais razão que as cruezas, e maldades que Abrahemo usava, era bem que o depuzessem do Reyno, quanto mais ser elle filho legitimo de Abrahemo primeiro, a quem mais pertencia, que a Abrahemo segundo, que tinham por certo ser adulterino, e não filho de Escandar. Alamo havidas estas cartas, as foi mostrar a Soltam Modafar, pedindo-lhe licença, e ajuda para ir cobrar aquelle Reyno, que com tão justas causas lhe offereciam per que se via ser elle o verdadeiro successor. Modafar trabalhou muito por o desviar daquelle proposito, dando-lhe para isso muitas razões; mas quando vio que Alamo todavia se determinava ir, por cada dia lhe virem recados, e cartas dobradas, tornando elle Ala-

mo a lhe dar conta da pressa que os do Reyno lhe davam, consentio que se fosse; mas usou com elle de huma cautela, conselhando-lhe que não levasse sua mulher, e filhos, dizendo, que o negocio a que hia estava mui incerto; e como podia succeder bem, podia succeder ao contrario, como cousa que dependia da vontade da gente do povo, que sempre foi vária, e inconstante; por isso seu parecer era, que deixasse sua mulher, e seus filhos comendo as terras que lhe elle tinha dadas, e que quando estivesse pacifico, elle lhe mandaria a mulher, e os filhos como quem eram.

Este conselho, posto que foi proveitoso a Alamo, por os trabalhos em que se vio, a tenção d'ElRey era, parecer-lhe que se Alamo cobrava aquelle Reyno do Delij, por a vizinhança que tinha com elle, que era bom penhor ter-lhe a mulher, e os filhos em poder para qualquer negocio, e com a licença lhe deo boa somma de dinheiro por não ir escandalizado delle; e quanto á gente que Alamo lhe pedia, disse, que lha não dava por não romper as pazes, e amizade antiga que havia entre seu Reyno, e aquelle do Delij. Alamo satisfeito d'ElRey com aquellas razões, e com outras, deixando sua mulher, e filhos como lhe aconselhou, partio caminho do Delij

xij com ſeus ſervidores ſómente; mas com o dinheiro que levava fez hum bom exercito de gente ſolta do Guzarate, e Mandou, e de outra que ſe a elle ajuntou pelas terras per onde paſſava.

Os Grandes do Delij quando ſouberam de ſua ida, o vieram receber, e levantáram por Rey, intitulando-ſe por eſte nome de Soltam Laudij; e accreſcentando mais ſeu exercito, começou fazer guerra a Abrahemo, o qual por algumas vezes que pelejou com o tio, ſempre o venceo, té que na derradeira batalha vendo-ſe Laudij deſamparado da maior parte da gente, que logo no princípio o ſeguia, com alguns poucos foi pedir ſoccorro a Babor Rey dos Mogoles por razão do parenteſco que tinha com elle. O qual já a eſte tempo tinha tomado parte do Reyno a Abrahemo; porque como eſtes dous Principes, o dos Patanes, e o dos Mogoles, deſejavam de tomar aquella porta Darbande para entrarem no Reyno do Delij; tanto que Abrahemo o velho o tomçu pela traição que commetteo contra ElRey Babur, deſcêram os Mogoles ſobre as terras dos Patanes, e começáram de os conquiſtar. E já no tempo que Soltam Laudij lhe foi pedir ſoccorro, lhes tinham tomado eſtas Cidades, Ingoxauz, Haibar, Haibarij, Senará, e a ſua Metro-

poli Niláo, que estam no caminho das Cafilas, que entram na India por a porta Darbande, entrada tão desejada delles.

A causa por que estes Mogoles em tão breve tempo conquistáram estes, e outros lugares do Reyno dos Patanes, havendo tanto tempo que o desejavam, foi, que Soltam Abrahemo o velho, tanto que tomou a Cidade de Delij, começou a despejar o seu proprio Reyno de gente, por a necessidade que tinha della para a conquista do outro, que elle mais estimava, por a differença que havia de hum Estado ao outro, com que ficou tão despovoado, que tiveram os Mogoles azo de entrar nelle, e em breve conquistáram a maior parte das povoações de baixo, porque as que estam nas montanhas ainda hoje as não entram, mas se defendem os Bagounes fortemente, e muitas vezes descem do cume das serras, e vem aos passos fragosos per onde passam as Cafilas, as quaes não deixam passar té que lhes dem hum tanto por isso, como gente que não quer perder a posse dos direitos, que lhe as Cafilas pagavam daquella passagem.

Babor Patxiah vendo o requerimento de Laudij, por o desejo que tinha de entrar naquelle Reyno, depois de o receber com muita honra, e gazalhado, como parente, em poucos dias se veio com elle, trazendo quin-

quinze mil homens de cavallo, ao qual se ajuntáram alguns Capitães que andavam com Laudij, e o deixáram no desbarato da derradeira batalha. ElRey Abrahemo junta sua gente, algumas vezes pelejou com seu tio em lugares que delle se podia ajudar, té que em huma batalha campal que ambos tiveram, em que Abrahemo trazia dous mil elefantes, cuidando que elles bastavam para lhe darem vitoria, foi elle vencido, e morto dos mesmos seus elefantes. Porque querendo com elles romper a batalha dos Mogoles, assi como vinham furiosos para romper, assi tornáram a virar tanto que se sentíram feridos de huma chuva de fréchas dos Mogoles, que os não consentíram chegar a elles. Com este impeto de fugida, e fréchadas com que os hiam perseguindo, trilháram, e rompêram a batalha em que Abrahemo vinha, com que puzeram tudo em desbarato. Esta vitoria confirmou a Laudij ser havido dos Patanes por seu Rey; mas porque Abrahemo seu pai não tinha pago a maldade, que commetteo contra Babul em lhe tomar o Reyno, chamando-o elle para o ajudar a defender, a justiça Divina dissimulou com elle para o pagar este seu filho por o mesmo modo, e ainda com maior damno.

Porque Babor Patxiah como a maior parte de seu Estado era montuoso, e aspe-

ro

ro de soffrer nos temporaes do anno, e não tinha a fertilidade, ares, e riqueza, e tão grande número de povoações como o Reyno do Delij, do qual boa parte elle vio, e passeou naquella guerra, quiz tomar por premio de seu trabalho o proprio Reyno. Para effectuar este proposito, pegava-se Babor a tres razões que a isso o moviam: a primeira, o exemplo de Abrahemo no que fez a Babul, a quem aquelle Reyno fora roubado, e não pertencia a quem o possuia: A outra razão era dizer, que sabia que os Capitães de Laudij lhe aconselhavam que lançasse mão delle Babor antes que se fosse, té lhe entregar as Cidades que lhe tinha tomadas do Estado de seu pai, que era a entrada do Indostan, de que estava em posse, e que por este modo ficaria seguro delle: a terceira, e principal razão, era dizer, Babor ter mais direito no Reyno que o mesmo Laudij; porque dizia que o grande Tamur Lang natural Chacatai em sua vida dera o Reyno de Cabol, que elle conquistou té o rio Indo a seu neto Pir Mahamed Janguir, e este casára depois hum filho seu com huma filha d'ElRey do Delij por a vizinhança que tinham, o qual foi avô delle Babor Patxiah [a]. E huma das pesso-

[a] *Foi o Tamur Lang, o Langar, (como lhe chama* Diogo do Couto,) *que quer dizer felice manco, natural de Quex, Cidade vizinha a Samarchande, o qual depois*

ſoas que a Babor deo muito animo, e ajuda para totalmente ſe fazer Senhor daquelle Reyno, foi hum Mouro de nação Patane, per nome Xer Chan, de que fazemos eſta lembrança por o muito que nos livros ſeguintes delle hemos de dizer.

Finalmente Babor per força de ſuas armas ſe foi entregando do Reyno, té de todo ſe fazer Senhor delle. Polo que vendo-ſe Laudij deſpojado, e cativo, como homem abatido da fortuna, e deſconfiado do remedio, pedio a Babor uſaſſe com elle de

que com as armas ſe fez Senhor das Provincias de Heracan, (ou Coraçone,) Perſia, Armenia, e todas as mais que jazem perto do Mar Caſpio, (a que os Turcos chamam Tanguis Xor, que quer dizer Mar Salgado, e os Armenios Xor Guilan, Mar de Guilan, Cidade ſituada nas ſuas praias,) ſahio a conquiſtar o Indeſtan, e do que ganhou nelle, com vitoria de hum Rey do Delij, deixou por Rey a Pir Mahamed ſeu neto, filho de Janguir ſeu filho mais velho, que já era morto, o qual poz a ſua Corte em Cabol. Por morte de Tamur, que foi no anno de 1405. lhe ficáram tres filhos; Omar Miruxiah com o Imperio de Samarcant, com tudo o que ſe comprehende entre os rios Oxo, e Jaxartes, Miraxaroc com o Reyno de Coraçone; e Haomar Xiab, a que chamáram Balobo, que ficou ſem Eſtado. Eſte ſe paſſou ao Delij feito Calandar, matou ao Rey daquelle Reyno, e apoderado do ſeu Eſtado, ſahio a conquiſtar outros do Indeſtan. Herdou-os por ſua morte Abuſſeir ſeu filho, a quem ſuccedeo Babor ſeu filho pai de Omaum Patxiah. E ſegundo eſta relação de Diogo do Couto, *era Babor biſneto de Tamur Lang. Cap. 2. do liv. 10, e no cap. 13. do liv. 1. da 5. Decada, faz outra relação dos ſucceſſores de Tamur Lang, que differe em alguma couſa deſta, como nella ſe póde ver.*

de clemencia, pois o chamára para o ajudar a cobrar o que restava do Reyno, que fora de seu pai, e não para lhe tomar o acquirido, e quizesse dar-lhe liberdade, porquanto queria ir acabar o resto de sua vida na casa de Méca, porque lhe parecia que por seus peccados o quizera Deos castigar. Babor lho concedeo, respeitando ser seu parente, e lhe mandou dar largamente o necessario para seu caminho, e pôr nos confijs do Reyno de Guzarate, onde deixára sua mulher, e filhos em poder de Soltam Modafar, que naquelle tempo faleceo. E não querendo Laudij ir a Méca, se deixou estar no Guzarate em serviço de Soltam Badur, que a seu pai Modafar succedêra.

Do exemplo destes Principes, e de outros que o tempo mostrou, se póde ter quasi por regra geral, que os Principes que sahem do seu Reyno por conquistar o alheio, muitas vezes perdêram o proprio, e o que quizeram conquistar; e que todo o Principe que mette em seu Reyno ajudas d'outro mais poderoso, em lugar de se defender daquelle contra quem pede o favor, vem ser vencido do que chamou para soccorro.

CA-

CAPITULO IV.

Como ElRey Badur de Cambaya começou fazer guerra a ElRey Omaum dos Mogoles, e a Rainha de Chitor lhe negou a obediencia, e a deo a Omaum.

OS Mogoles com eſtas ſuas vitorias, e conquiſtas dos Reynos de Bagou, e Delij foram terror áquelles póvos da India não coſtumados a guerra da gente do Norte dura, e animoſa, e por eſta razão receava Babur Rey de Cambaya romper com Omaum Patxia filho de Babor, e aſſi inſtou muito na concordia com elle, como atrás diſſemos [a], que não podendo conſeguir, e vindo a rompimento de guerra, a primeira couſa, que ordenou contra Omaum, foi mandar hum Capitão ſeu per nome Terca Chan com vinte mil de cavallo, e muita gente de pé, que entraſſe nas terras do Mogol.

A cauſa, por que mandou eſte Capitão, e não outro, ſendo elle ainda muito moço, era por ſer hum dos filhos de Soltam Laudij, que elle deixou em Cambaya por conſelho d'ElRey Modafar, o qual deo a Laudij terras que comia, além das que lhe tinha dado, quando Babor o deixou em liber-

a Liv. 5. cap. 16.

berdade, e o mandou pôr nos confins do Guzarate, e neste tempo ainda era vivo, e servia a Soltam Badur. E por o direito que este mancebo tinha ao Reyno do Delij, o mandava Badur com aquelle poder a dous fins, assi para elle com maior animo pelejar com os Mogoles, que o deserdáram do seu, como porque a gente Patane sua natural em o vendo com tanto poder o ajudasse, rebellando-se contra Omaum, pois era Senhor estrangeiro, e não natural.

Espedido este Capitão, escreveo Badur á Rainha Crementij mulher do Sanga velho, mãi do moço, que então reinava, que lho mandasse com a gente com que era obrigado villo servir na guerra, porque então tinha muita necessidade delle, e de sua gente. A isto respondeo a Rainha, que de mui boa vontade, e que logo o fazia prestes; mas por não ficar orfa de dous filhos que tinha, lhe pedia por mercê, que para sua consolação lhe mandasse o outro que andava em sua Corte; o que lhe Badur concedeo, e lho mandou a Chitor mui honradamente per dous Capitães, dos quaes hum era Cuja Chan, e outro Mina Hocen. Apresentando elles este Infante a sua mãi, pedíram-lhe que lhe entregasse o herdeiro Sanga, porque vinham para o levar, e que com elle tambem fosse Botiparao seu cunha-

do

do delle Sanga, que era filho do Salahedin. A Rainha mandou muito bem agazalhar os Capitães, e tratallos com muita honra, dizendo-lhes que repousassem, porque em breve tempo acabaria de aperceber seu filho; e a grão pressa mandou fazer prestes muita gente de cavallo, e de pé, com todo o apparato de guerra, dando a entender que era para ir com ElRey seu filho a servir a Soltam Badur.

Entretanto teve a Rainha Crementij alguns conselhos com os principaes Capitães, e com elles assentou que muito mais proveitosa cousa lhe era obedecer a Omaum Patxiah Rey dos Mogoles, que a Soltam Badur, por muitas razões que para isso foram apontadas. E antes que se determinassem a dar este desengano a Badur, secretamente mandou seu Embaixador a Omaum Patxiah, notificando-lhe sua tenção; e que querendo aceitar a protecção, e defensão daquelle Reino de Chitor, seu filho lhe daria a obediencia de vassallo, como a Emperador de todo o Indostan, que elle era. Tanto que a Rainha teve certa a acceitação de Omaum, mandou dizer aos dous Capitães do Badur, que se fossem em boa hora, que seu filho era moço, e mal disposto, e não podia por então sahir de seus braços para o curar, e como estivesse em

boa

boa diſpoſição, ella faria niſſo o que lhe bem pareceſſe. Os Capitães porque inſiſtiam em não ſe partir ſem levar ElRey, mandou-lhes a Rainha dizer, que ſe foſſem logo, ſenão que os mandaria deitar fóra do Reyno, o que elles fizeram ſem eſperar outra reſpoſta. Soltam Badur tanto que ſoube que a Rainha, e os do ſeu Conſelho ficavam naquelle propoſito de lhe não obedecer, e que mandava arrazar aquelle monte, de que a Cidade fora combatida, para delle outra vez não tornarem a receber damno, bem ſentio que iſto era alguma confiança que tinha em Omaum Patxiah.

Paſſado aquelle inverno, em ſe Badur aperceber para ir buſcar eſte ſeu inimigo, tanto que foi tempo, ſe poz em caminho. Mas Rume Chan o tirou de ir buſcar o Mogol, e lhe aconſelhou que foſſe primeiro a Chitor, dando-lhe ſuas razões per que devia caſtigar eſta deſobediencia, por lhe não ficar nas coſtas aquelle Reyno rebellado, que lhe podia fazer damno ſe algum trato tinha com Omaum Patxiah. Movido ElRey com as razões de Rume Chan, partio com cem mil de cavallo, e quinze mil eſpingardeiros; a gente de pé a que pagava ſoldo ſeriam quatrocentos mil homens. De artilheria levava mais de mil peças, dellas groſſas de bateria, em que entravam tres

ba-

basiliscos, e tres meios, e outros canhões grossos, e outra leve de campo, e seiscentos elefantes, todos armados de laminas de aço com seus castellos para de cima pelejarem, e em cada castello quatro homens, e dous berços; levava seis mil carretas, em que sómente hia a fardagem d'ElRey, dellas tiravam bois, e dellas cavallos. Além desta fardagem d'ElRey, hia a dos Capitães, que era outro grande número. Por ordenança dos que governavam aquelle exercito, no lugar onde se cada Capitão agazalhava, tinha propria praça, a que acudiam todos os mantimentos, que os seus regatães eram obrigados a trazer, e assi todo Official mecanico, sem o ir buscar a outra parte, a qual ordem era mais espantosa, que o número da gente, e abundancia de todas as cousas.

CAPITULO V.

Como Soltam Badur foi cercar a Cidade de Chitor, e de algumas vitorias que os Mogoles houveram de seus Capitães, tendo elle cercada a Cidade, que tomou: e do que depois disso fez.

APressou-se ElRey no caminho de Chitor, por lhe vir nova que Terca Chan, que elle tinha enviado ao Reyno do Delij

com

com vinte mil de cavallo, pelejára com os Mogoles, e em hum recontro que teve com elles, ficára no campo com a vitoria, pondo-se elles em fugida. Com esta nova, chegando a Chitor, a situou com a mais da gente que levava, a outra mandou com Soltam Laudi, pai de Terca Chan, e com Mompalrao, e outros, com huma cópia de gente, ao extremo do Reyno do Delij, para que vindo os Mogoles per aquella parte, que era mais suspeitosa, os entretivesse, té per elles ser avisado da vinda delles, por o não tomarem de improviso occupado naquelle cerco. Pola qual razão, cercada a Cidade, começou a dar os combates tão apressados, com a muita gente que tinha, que dava muita oppressão aos cercados, que tambem com grande animo se defendiam, no que elle perdia muita gente; e foram-lhe mais trabalhosos estes combates, que os da outra vez, por falta do monte Chitorij fronteiro da Cidade, que a Rainha mandou arrazar; e tambem por ella ter muita artilheria que Badur lhe deixou, quando da outra vez combateo a Cidade para se defender, se os Mogoles a viessem cercar. E como Badur era accelerado, e não tinha paciencia para esperar o tempo, e conjunção das cousas, e diante dos seus olhos via que os cercados com esta artilheria, e grandes

des artificios de fogo, matavam muita gente, e não consentiam chegarem a combater o muro, mandou perante si pór huma meza com muito dinheiro em ouro, e lançar pregão, que por cada pedra do muro que lhe trouxessem daria hum tanto, com o qual partido a gente pobre se aventurava de maneira, que de cento não ganhava hum, ficando lá os outros mortos, e feridos. E com tudo vendo a gente logo o pagamento na mão, tornava-se aventurar, com o que ElRey gastava algumas mil peças d'ouro cada dia.

Estando neste entretimento, por ser já hum pedaço do muro desfeito, por a bateria, e despejo das pedras que a gente tirava, vieram-lhe novas que Terca Chan, que elle mandára com vinte mil de cavallo, e houvera huma vitoria dos Mogoles, e com o favor della, entrára tanto pela terra das campinas do Delij, que hia já mui perto da Cidade de Agara, que era a mais notavel do Reyno, como homem que se hia empossando daquelle Reyno, de que elle era Principe herdeiro, como filho de Soltam Laudij Rey despojado delle; e tendo já andado seis jornadas sem algum contraste, se lhe apresentáram té dous mil Mogoles de cavallo, que comsigo traziam alguma gente de pé da terra, os quaes fingin-

do

do temor de Terca Chan, começáram de-se recolher em huma batalha cerrada para hum certo lugar, em que se pudessem amparár. Terca Chan alvoroçado com a móstra de temor que nelles sentia, e com a vitoria que já de outros houvera, os rompeo. Mas elles não curando de lhe resistir, foram-se recolhendo concertadamente, como gente destra naquelle mester, defendendo-se segundo seu uso, tirando com seus arcos per cima das ancas dos cavallos, té entrarem em huns valles de entre humas serras. Os Guzarates como hiam naquelle alvoroço, seguíram sua corrida, té irem dar em duas ciladas que os imigos lhes tinham encubertas, nas quaes os Mogoles matáram tantos, que de vinte mil homens de cavallo, sómente escapáram quatro mil. Neste desbarato morreo Terca Chan, não fugindo, mas pelejando como esforçado cavalleiro que elle era, com alguns que o quizeram seguir nas voltas que fez, e com elle muitos homens nobres, e Capitães Guzarates. E porque ós Mogoles seguíram o alcance quatro dias, ainda esses poucos que escapáram foi com favor de Soltam Laudij, o qual por estar naquella parte por onde estes fugiam, acudio com seis mil de cavallo aos recolher, e se foi per huma serra, que era de hum Principe Gentio, que o favoreceo, sem té
en-

então saber se era seu filho morto. Mas depois que de sua morte foi certificado per pessoas que o víram matar, mandou esta nova a Soltam Badur, per que elle ficou mui triste, e receoso, assi por a pessoa de Terca Chan, e por os Capitães conhecidos, como porque neste desbarato conheceo o poder dos Mogoles. Logo mandou cessar dos combates da Cidade, por entender nas exequias de Terca Chan, que mandou fazer mui solemnes por a nobreza de seu sangue, e amor grande que lhe tinha; e não sómente elle, que de todos era amado por suas boas qualidades, mas os outros que com elle perecêram, foram de todos mui chorados per todo o arraial, e fez mui grande espanto a morte desta gente, e a perda da riqueza do arraial, que segundo seu costume soem levar os Guzarates, de que os Mogoles ficáram ricos.

Os cercados quando víram que se lhes não davam aquelles continuos combates dos dias atrás, e ouvíram o rumor dos prantos, que no arraial se faziam, parecendolhes por elles que seriam mortas algumas pessoas notaveis, descêram abaixo á outra cerca onde estavam os inimigos, e deram nelles com grande grita, em que fizeram muito estrago, por estarem seguros daquelle sobresalto. Indignado disto Soltam Badur,

mandou logo a grande preſſa dar combates, como que nelles ſe queria vingar da vitoria que os Mogoles houveram. Eſtando neſta furia, lhe veio outra nova, que Mompalrao ſeu Capitão houvera outro recontro na parte onde eſtava com os Mogoles, em que lhe matáram tres mil homens, os mais delles Decanijs, que era a melhor gente que elle trazia daquellas partes, entre os quaes morrêra hum Capitão Gentio daquella meſma gente chamado Bargi, que elle muito ſentio, e aſſi toda eſta indignação que tinha contra os Mogoles, convertia contra os cercados. E tanto fez com dadivas, e promeſſas de rendas, e accreſcentamentos a quem o bem fizeſſe, té que a Cidade foi poſta em ſeu poder á cuſta das vidas de muita gente nobre, e Capitães de nome, em que entráram quatro Portuguezes. Neſte cerco morrêram, ſegundo diziam, quinze mil homens, dos quaes os quatro mil eram de cavallo. O Sanga, e ſua mãi, com toda ſua caſa, e familia, e gente nobre que os quiz ſeguir, ſe ſahíram hum dia antes da entrada da Cidade per huma porta que nella ha da parte da ſerra, pelo qual caminho elles ſeguramente ſe puzeram em ſalvo, deixando queimado quanto movel tinham, que não puderam levar [a]. Soltam Ba-

[a] *Neſta guerra de Chitor, eſcreve* Diogo do Couto, *que ſe acháram Diogo de Meſquita, Lopo Fernandes Pinto, Manoel Mendes, Duarte da Gama, e todos os mais*

Badur não entrou na Cidade com tenção de matar, e roubar a gente que nella ficou, como vitorioso, antes a mandou reformar logo de muros, e segurar toda a gente que andava fugida pela serra, e na Cidade deixou per Capitão Minao Hocem com doze mil homens, a maior parte de cavallo.

Acabadas todas as cousas que tocavam ao socego, e segurança da Cidade, e feitas grandes exequias por os que alli morrêram, partio-se ElRey dalli, levando seu exercito repartido em tres batalhas, como homem que a cada encuberta esperava de lhe sahir huma cilada dos Mogoles; porque ElRey assi como para commetter qualquer cousa ardua, seu espirito era audaz, e sem medo, assi em recear vir-lhe algum mal era timido, como são os tyrannos. O temor dos imigos se lhes dobrava cada dia, e já naquelle caminho que hia fazendo lhe chegou outra nova, como os Mogoles tinham tornado a tomar a Cidade de Chandarij, que o Sanga velho cobrára delles, e destruido muita parte do Reyno de Mandou,

C ii té

Portuguezes que Badur tinha cativos, aos quaes deo armas, cavallos, e criados, e tudo o mais necessario com largueza, e os fez da guarda de sua pessoa, confiando-a mais delles, que de seus vassallos. E no cerco da Cidade de Chitor Diogo de Mesquita, e seus companheiros mostráram bem o costumado valor Portuguez; e que na tomada de Chitor foram cativados a Rainha, e o Sanga seu filho Cap. 3. do liv. 9.

té tomarem a Cidade de Sarangue, que diſta quarenta leguas do Mandou, couſa mui notavel.

Indo ſeu caminho com o excrcito em boa ordem contra huma Comarca que chamam Doçor, por cauſa de huma Cidade do meſmo nome, alli aſſentou ſeu arraial, ſem querer ir mais avante, per conſelho de Rume Chan, per quem então ſe governava naquellas couſas. Neſte lugar em que ElRey aſſentou ſeu arraial, de huma parte eſtava hum rio grande, e da outra hum tanque d'agua, que elles coſtumam fazer naquellas partes; porque como ha poucas ribeiras para recolhimento das aguas do Inverno, fazem eſtes tanques, (a que mais propriamente podiam chamar lagoas,) todos empedrados. Eſtes são tão grandes, que muitos delles paſſam de legua em circuito, dos quaes beve a gente, e o gado, e eſte que ElRey tomou para defenſa de ſeu arraial, era hum daquelles; e da outra parte onde eſtava o rio obra de duas leguas e meia, per duas partes fez duas cavas per que mettia o rio té o levar ao tanque de maneira, que de todas as partes ficava cercado d'agua, que lhe ſervia de força, e provisão para o arraial: e per aquella parte per onde os Mogoles o poderiam accommetter, fez hum baluarte, no qual mandou aſſentar mui groſſa artilheria.

Neſ-

Neste tempo os Mogoles tomada á Cidade de Neranguepor, e vindo caminho do Mandou, foi-lhes dada nova como Soltam Badur tinha tomada a Cidade de Chitor a, que muito sentíram, porque vinham para a soccorrer; e assi com esta nova, deixando o caminho do Mandou que levavam, vieram-se direitamente onde ElRey estava, té assentarem seu arraial duas leguas delle, á vista hum do outro, por a terra ser chã.

CAPITULO VI.

Como Omaum Patxiah teve por perdido a Soltam Badur, por a maneira em que tinha assentado seu arraial: e como foi morto o Capitão Coraçan Chan.

TEndo Soltam Badur, e Omaum Patxiah assentados seus arraiaes hum á vista de outro, cada hum começou de entender como seu inimigo estava para se melhorarem, e saberem per que modo melhor poderiam accommetter. Omaum como vio que Badur estava fortalecido em seu arraial, houve-o por perdido, vendo que fazia mais conta da segurança de ser accommettido, que do campo, do qual elle se fez senhor a dous fins:

a *A esta Cidade diz* Diogo do Couto *que chegára Omaum Patxiah, vindo em seguimento de Soltam Badur, a qual logo se lhe entregou, e que della passára ao Reyno do Mandou, no qual não achára resistencia. Cap. 5. do liv. 9.*

fins : hum mandando ás vezes ſua gente a eſcaramuçar , e ver ſe podia provocar os Guzarates a ſahirem á batalha ; outro a lhes tolher que não lhes vieſſem mantimentos de fóra , entendendo que tanta gente havia de comer , e não ſe havia de manter do vento , e que não podiam ter comſigo tanta proviſão que em poucos dias ſe não gaſtaſſe , na qual neceſſidade Badur ſe vio dentro de hum mez. E para remedio della , mandou hum ſeu Capitão a hum Rao , que era Principe Gentio , que não reconhecia ſuperior , e confinava com as terras do Sanga , e de outra parte com o Reyno de Guzarate , que o proveſſe de mantimentos , mandando-lhe hum preſente de cavallos , armas , e outras couſas. Mas como elle naquelle tempo tanto temia a Omaum , como a Badur , reſpondeo-lhe , que ſe elle quizeſſe paſſar per ſuas terras , que o caminho aberto eſtava , que elle o não podia tolher a hum tão grande Principe como elle era ; mas que ajudallo não podia , porque não comprava inimigos com fazer boas obras a outros ; e ſem querer tomar alguma couſa , eſpedio o menſageiro de Badur. Deſta reſpoſta ficou elle mui enfadado , por ver que já no ſeu arraial era tanta a falta dos mantimentos , que aſſi para a gente , como para as beſtas , valia tudo em muito grande preço , com que os pobres

bres pereciam. E se alguma pouquidade vinha para o arraial, era tomada pelos Mogoles, os quaes por lhes escaparem dous Capitães que com huma pouca de vitualha entráram seguros no arraial, trouxeram dahi em diante melhor vigia, elles per huma parte, e o Sanga de Chitor, que era vindo em sua ajuda contra Badur, per outra, de maneira, que té os homens que hiam segar huma pouca de herva, eram logo tomados.

ElRey Badur vendo a destruição, e mortes de tanta gente, e alimarias daquelle arraial, e que muitos desesperados se sahiam delle a buscar que comer, e se podiam de noite, ou de dia fugiam, querendo antes cahir na mão dos inimigos, que morrer de fome, mandou lançar grandes pregões, defendendo aos Capitães que não consentissem alguem de sua Capitanía sahir do arraial sob pena de morte. E por animar a gente, e a não desesperar, mandou Coraçan Chan buscar mantimentos a huma fortaleza que hi estava perto: era Coraçan Chan hum seu Capitão de muita authoridade, o qual tinha debaixo de sua bandeira todos os Coraçones, Mogoles, e Persas que em seu Reyno andavam, e assi gente da terra, com que fez dous mil de cavallo. Partido de noite, foi sentido dos Mogoles, e deixaram-o caminhar té hum certo passo, per onde en-

ten-

tendiam que elle havia de ir, e alli lhe armáram huma cilada entre huns matos. E sahindo-lhe de rosto com té seiscentos homens, foram-lhe alargando o campo té os metterem nella, onde lhe matáram a mais da gente, e elle muito ferido foi levado ante Omaum Patxiah, huns dizem que foi morto por não querer confessar o estado em que Soltam Badur estava, outros que por dizer algumas palavras descortezes a Omaum, o matáram, e lançáram seu corpo pelo rio abaixo, para ir ter onde os seus estavam, e ser conhecido por o vestido que levava. Esta morte de Coraçan Chan, e dos outros homens de preço que com elle foram, foi mui sentida; porque posto que quanto á nação fossem estrangeiros, eram já havidos por naturaes, e sentiam a falta que fariam ao Reyno, por serem muito cavalleiros, e valerosos.

CAPITULO VII.

Como Soltam Badur, por a morte de Coraçan Chan, e outras perdas, desamparou seu arraial, e se poz em salvo, e o arraial foi saqueado: e das riquezas que se nelle achâram.

SOltam Badur vendo as muitas vitorias que seus inimigos tinham havidas delle, e que o tinham em cerco com fome, e que de

de cem mil de cavallo que trouxe, não tinha cincoenta mil, e para pelejarem não seriam quinze mil, e que de ſeiscentos Elefantes não teria já cento, e os bois eram mortos, e comidos, como homem deſeſperado determinou de pôr ſua peſſoa em ſalvo. Porque além de lhe faltarem tantas couſas como havia miſter para ſua defensão, foi aviſado, que alguns Capitães ſeus, offendidos delle, tinham ordenado de o entregarem aos Mogoles. E ou iſto foſſe verdade, ou temor delle, ou artificio para ſe acolher, elle o poz em effeito, de que deo primeiro conta a Rume Chan, e a Frangue Chan, ordenando-lhes que logo aquella noite mandaſſem carregar bem a artilheria groſſa para arrebentar. E no tempo do eſtrondo, por não ſer ſentido, ſe ſahio com alguns do ſeu Conſelho, o que foi a 25. de Abril de 1535; e por ſer grande eſcuro, e não ſe poder ver o caminho, levou ante ſi huma tocha baixa, que o encaminhou té ſahir de todo fóra do arraial.

Tanto que nelle houve rumor que El-Rey era ido, cada hum trabalhou de ſe pôr em ſalvo. E alguns Portuguezes que alli andavam ſe foram para os Mogoles, e alguns Guzarates, entre os quaes foi Melique Liaz, por deſgoſtos que tinha d'El-Rey; porque além de em ſua peſſoa rece-

ber

ber muito mal, e damno na fazenda, matara-lhe com peçonha seu irmão Melique Saca, e a Melique Tocam mandára degollar per conselho de Rume Chan, que lhes queria grande mal. Foram nesta fugida tomados muitos Capitães, e Senhores Guzarates, e outros por se disfarçarem em trajos pobres se salváram, não sendo conhecidos dos Mogoles, que delles não faziam caso. ElRey não parou menos de Mandou, levando em sua companhia Rume Chan, Frangue Chan, e Duarte da Gama, e Francisco Vaz Portuguezes.

Omaum Patxiah tanto que foi avisado de noite, que ElRey era partido, por lhe parecer que sua ida sería para a serra de Mandou, por ser acolheita que mais perto tinha, mandou apôs elle hum Capitão com dez mil de cavallo, que lhe fosse tomar a dianteira, o qual neste caminho matou grande número de gente da que hia fugindo; e quando soube que ElRey não era lá, deixou-se estar á vista da Cidade, que está ao pé da serra, o que deo grande trabalho a Badur, porque o fez rodear por outra parte, e foi entrar na Cidade per hum postigo falso encuberto aos Mogoles. E tanto que foi dentro na Cidade, mandou fazer á porta della huma torre, de que fez Capitão a Rume Chan. Mir Mahamud Xiah, sobrinho

nho d'ElRey, não ſabendo que caminho levava ſeu tio, foi-ſe para a Cidade de Champanel, e neſte caminho foi roubado dos póvos Coülijs, e ferido hum ſeu Capitão per nome Suja Chan, e foi tão desbaratado, que eſcapou com cinco de cavallo ſómente, com que chegou a Champanel.

Omaum Patxiah quando veio a manhã, apôs a noite que Soltam Badur fugio, mandou entrar no arraial; e indo todos direitamente ás tendas d'ElRey, que eram de riquiſſimo brocado, e tamanhas que occupavam hum grande eſpaço, onde eſperavam de achar maior preza, acháram muitos Abexijs, e Arabios, os mais delles ſeus eſcravos, os quaes ſe puzeram em defenſa, não ſe deixando entrar té todos morrerem, e com elles os Mogoles, que lhes deram a morte. Deſta maneira o arraial de Soltam Badur foi poſto em poder dos Mogoles, os quaes por mandado de Omaum a todo Guzarate davam a vida, e nenhum outro algum damno lhe faziam, que rouballos, ſe lhes achavam alguma couſa de preço; porque o arraial tinha tanto ouro, e prata em moeda, a fóra as baixellas, e vaſos do ſerviço, e tanto movel, de que eſtava cheio, aſſi dos que eram mortos á fome, como dos vivos que fugíram, e dos que ficavam, que gaſtáram muitos dias em o ſaquear. E por

ſer

ser cousa sem estima, nem conto o que se achou, não se póde escrever, sómente se póde affirmar, que parecia ser igual ao despojo que havia no arraial de Dario, quando Alexandre o venceo, este que Omaum Patxiah houve do Soltam Badur. E quando adiante dermos razão da riqueza, que este Principe Badur tinha ao tempo que começou a reinar, e o que despendeo, e perdeo neste arraial, se verá a sua potencia.

CAPITULO VIII.

Como Rume Chan temendo-se que Soltam Badur o queria matar, se passou a ElRey dos Mogoles: e ElRey Badur sendo lançado da serra do Mandou, fez levar de Champanel suas mulheres, e thesouro para Dio.

TAnto que Omaum Patxiah Rey dos Mogoles cevou os seus no despojo do arraial de Soltam Badur, e soube que elle se recolhêra á serra do Mandou, veio em busca delle, e assentou seu arraial tres leguas da Cidade em duas partes, onde concorriam dous caminhos, por impedir algum soccorro do Guzarate, se viesse a Badur. E sabendo elle como Omaum Patxiah assentára seu arraial tão perto, como homem que lhe tinham custado caro os conselhos

de Rume Chan, e estava arrependido de ter mortos os filhos de Melique Az, que per seu conselho matára, e por tambem ter suspeita que se carteava com os Mogoles, determinou de o matar. A determinação desta morte foi praticada com quem a havia de executar, que era hum Abexijs criado do mesmo Badur. Este vindo Rume Chan chamado d'ElRey para o mandar matar, o avisou no caminho por haver recebido delle boas obras. Rume Chan sem ir mais adiante, nem tornar a casa, tomando comsigo algumas pessoas a elle mais aceitas, dissimuladamente deo comsigo no arraial de Omaum Patxiah, que o recebeo como a homem com quem já tinha prática sobre sua ida [a]. Soltam Badur quando o soube ficou mui anojado, porque quizera tomar vingança daquelle homem que lhe fora traidor. Além disso receava, que por o muito que sabia de seus segredos, e cousas que com elle communicava, e das do Reyno, lhe perjudicasse em algumas com seus inimigos.

E antes que Rume Chan provesse em suas mulheres, filha, e fazenda que tinha em a Cidade de Champanel, mandou Badur a grande pressa que se recolhesse tudo, e es-

[a] *Escreve* Diogo do Couto, *que antes da fugida de Soltam Badur do seu arraial, delle se passára Rume Chan com oito mil de cavallo para Omaum Patxiah.*

e estivesse a bom recado. Mas se ElRey se quiz vingar de Rume Chan, mais se vingou elle d'ElRey, porque tanto andou 'induzindo por seus meios, e promessas de Omaum Patxiah certos Capitães da serra, que tinham de guarda ás portas principaes, que elles lhe abríram a entrada huma noite, e primeiro que pelos cercados se sentisse, eram já dentro dous mil homens. E acudindo Badur a isso, matou a Botiparao filho de Salahedin, por lhe dizerem que elle fora naquella traição, e assi a Soltam Alamo que era Capitão de Raosinga; mas entendeo-se que nenhum delles teve culpa, e que ElRey, como suspeitoso que era, e vingativo, e grande executor de seus appetites, os matára. Outros affirmavam, que este Soltam Alamo morreo pelejando com os Mogoles, defendendo a entrada, e assi morreo nella Recenal Maluco Capitão da mesma Cidade de Mandou. A pressa d'ElRey foi tanta nesta entrada dos inimigos, que sómente levou comsigo estes cinco Senhores, Malu Chan, Baergij seu cunhado, irmão de sua mulher, Cancaná filho do grande Cancaná, o mór Senhor do Guzarate, que era já falecido de nojo das cousas d'ElRey, e Somandar Chan, e hum seu filho naturaes do Mandou.

Chegando com estes Senhores a Cham-

panel a mata-cavallo, vieram depois Madre Maluco, Mujate Chan, e Alu Chan, homens de grande casa, e renda, e outros, cada hum como se podia acolher. Soltam Badur sem mais detença mandou logo tirar todo seu thesouro [a], que na serra tinha, e sua mãi, e mulheres, e as mandou com a fazenda caminho de Dio, e Sofa Chan com gente para sua guarda. Feito este despejo, sómente das mulheres, ouro, prata, e pedraria, por irem mais á ligeira, temendo o grande curso dos Mogoles, começou de ordenar para guarda da serra, onde ainda deixava todo seu movel, a Tear Chan por principal Capitão, e outro que era Gentio chamado Rao Barsinga com cinco mil de cavallo. Estando neste trabalho, lhe sobreveio nova, que os Mogoles estavam em hum lugar chamado Lunipor, que era de Champanel quatro leguas, com o qual aviso mandou arrebentar quanta artilheria grossa tinha em baixo ao pé da serra,

a Este thesouro era o que Badur tomára ao Madre Maluco, em que havia cento e vinte cofres de cobre, cada hum delles com trezentos mil pardaos, que montavam trinta e seis milhões, e hum cofre com mil adagas d'ouro, e pedraria, e outro que pezava quatro quintaes cheio de perolas, e aljofar, a fóra muito mais que se não levou, por ser em moedas de prata, o que tudo o Madre Maluco tirára de hum thesouro o mais pequeno de tres muito antigos que havia no Reyno. Francisco de Andrade *cap.* 3. *Part.* 3. *e* Diogo do Couto *Dec.* 5. *liv.* 1. 6. 11.

ra, para que os Mogoles a não levassem acima, e se aproveitassem della. Tambem poz fogo a humas casas que tinha em baixo, e as mulheres velhas de seu pai, que nellas se agazalhavam, e outras escravas, soltou que se fossem onde quizessem.

Passado hum quarto da noite, por ninguem ver para onde hia, partio para a Cidade de Barodar [a], que dista seis leguas de Champanel, onde chegou já alta noite com trezentos de cavallo, e ahi se deteve té pela manhã, que partio para Cambaya, á qual chegou no mesmo dia, sendo treze leguas de caminho. E porque ainda alli achou suas mulheres com seu thesouro, logo as mandou passar hum rio, que está além de Cambaya contra Dio, o qual de maré cheia se não póde passar, e tendo-o passado, vindo os Mogoles estariam em seguro, e elle deixou-se ficar na Cidade. E por os inimigos se não aproveitarem da Armada que alli tinha, a mandou queimar.

No dia que Badur chegou a Cambaya, chegáram os Mogoles á Cidade de Champanel. E como Rume Chan soube que Badur lhe levava suas mulheres, e filha, pedio a Omaum Patxiah que lhe désse cinco mil de cavallo, porque com elles queria ir to-

a *A esta Cidade chamam os Portuguezes commummente Berdorá.* Diogo do Couto *cap.* 5. *do liv.* 9.

tomar ſua mulher, o que Omaum lhe concedeo. Rume Chan ſeguindo a ElRey, com o deſejo de cobrar ſuas mulheres, e filha, ſendo já junto de Cambaya, achou muita gente que ſeguia a ElRey, com a qual pelejou, e entre outros foi morto Jamperus Rey do Sinde, que era ſogro d'ElRey Badur. E por Rume Chan levar o tento nas mulheres, como ſe deſembaraçou deſte impedimento que o entreteve, ſeguindo ſeu caminho tão apreſſado, que entrando a ſua gente que hia na dianteira per huma porta de Cambaya, ſahia ElRey per outra de maneira, que travàram alli os Mogoles com elle, e lhe convcio arrancar, e ferir, té que ſe eſpedio, e ſe poz em corrida por alcançar ſuas mulheres. E por eſcapar, e ſalvar ſua peſſoa, mandou entreter as mulheres, e filha, e familia de Rume Chan, porque ſeguindo elle o ſeu alcance, achando iſto que buſcava, o deixaſſe de ſeguir; e as ſuas mulheres, e theſouro mandou ir per outro caminho deſviado, e não pela eſtrada de Dio per onde hiam. E ainda por ſe mais deſpejar, mandou pôr fogo a duas, ou tres carretas daquellas que diſſemos que andavam muito, em que levava muitas Joias, e pedraria, por lhe não ſer impedimento á ſua corrida, e para que ſe os Mogoles chegaſſem, não tomaſſem o que vi-

vinha nellas, e desta maneira escapou em Dio. Porque Rume Chan, tanto que chegou a suas mulheres, e fazenda, não curou de ir mais avante, e tornou-se com a gente da sua guarda. E querendo os Capitães della saquear a Cidade de Cambaya, os mercadores que nella havia, por a não metterem a saco, lhe deram quantidade de dinheiro; mas recebido o preço, os Rumes começáram de a roubar, ao que Rume Chan acudio, mostrando ser desmando de gente de guerra. Dahi se partio Rume Chan para Champanel, onde já estava Omaum Patxiah com seu arraial assentado ao pé da serra, porque a seu parecer bastava a vista della para perder toda a esperança de a tomar, senão fosse por algum ardil não cuidado, ou traição; mas determinou de acabar per dinheiro o que se não podia acabar per guerra, e assi o fez, peitando, e dando tanto ouro, e promessas aos Capitães que guardavam esta serra, que de alta, e aspera que era, a fizeram branda, e facil de subir, e desta maneira entrou nella Omaum Patxiah, e ficou espantado de ver cousa tão inexpugnavel. Alli foi cativo Francisco Chan, que antes se chamava João de Sant-Iago, e carregado bem de ferros. Omaum Patxiah nesta segunda vitoria quiz usar de liberalidade, assi do ganhado, como do que es-

estava por ganhar, e deo o Reyno do Mandou a hum filho do Rey passado, que andava com elle, e o Reyno de Cambaya deo a hum irmão seu, ao qual espedio com quarenta mil de cavallo para ir invernar a Amadabad, e as terras de Baçaim deo a Melique Liaz, e a Rume Chan Surat, e Reyner; e pedindo-lhe elle a Dio, se escusou, por o ter guardado para os Portuguezes em sua vontade, como adiante se verá.

CAPITULO IX.

Dos respeitos per que ElRey de Cambaya se não defendeo na serra de Champanel d'ElRey dos Mogoles: e do sitio, e fortaleza, e sumptuosidade dos edificios della.

SEndo natural dos Principes, que não tem clemencia, temerem muitos, assi como elles são temidos de muitos, Soltam Badur por as obras que usava, como temia todos, não achava de quem se fiasse, nem lugar que lhe parecesse seguro. Polo que sendo a serra de Champanel lugar tão forte per natureza, e per arte, que nelle se podia defender per muito tempo de todo o Mundo, e muito mais dos Mogoles, que não sitiam Cidades, nem se detem muito nos lugares a que vam, não se fiou de ficar alli,

 to-

tomando mais desconfiança dos homens que comsigo trazia, que confiança naquelle lugar com quão inexpugnavel era; porque como elle tinha mortos tantos dos nobres, e escandalizado tanta gente, temia-se que se os seus o vissem em algum aperto, ou necessidade, o desamparassem, e a todos tinha por suspeitos, não sabendo de quem se fiasse; por tanto teve por mais seguro ir a Dio, porque alli tinha os pés em terra, e as mãos no mar, para fugir se lhe cumprisse. E para que se saiba quanto enfraquece o medo que tem huma consciencia culpada, e como este Principe estava seguro naquella serra todo o tempo que se quizera defender, descreveremos a fórma della, e tambem por ella em si ser cousa mui notavel.

Esta serra, por razão de huma Cidade situada ao pé della chamada Champanel, tem o mesmo nome, está em meio de humas campinas, e levanta-se dellas em tanta altura [a], que de dezoito, e vinte leguas ao mar apparece aos navegantes, estando ella trinta leguas affastada da costa. A maior parte della he tão a pique, e de viva penedia, que só para aves he subida. De outra parte, onde ha algumas quebradas, lhe ... cer-

a *A altura desta serra diz* Diogo do Couto, *que he de quatro leguas e meia de subida.*

cercada de muro, e perto delle espaço de meia legua está situada em hum lugar chão a Cidade de Champanel, cuja povoação será de vinte mil vizinhos, de edificios mui nobres, em que ha grande tráfego de mercadores, e não he cercada de muro. Junto desta Cidade corre hum rio, que se vai metter no rio Narbanda, hum dos maiores que entram na enseada de Cambaya, e se mette no mar na Cidade de Baroche. Sahindo de Champanel para ir ao pé da serra, que he o lugar por onde se a ella sobe, está hum templo grande, e sumptuoso, que foi de Gentios, e agora serve de Mesquita aos Mouros. Deste templo sahe huma muralha de huma banda, e da outra, que serve de rua para ir ter á primeira cerca que a serra tem pelo pé. No qual lugar pela parte de dentro da primeira cerca está huma povoação tamanha como huma honrada Villa, na qual estam dous mil Soldados que guardam aquella entrada, e a vigiam de dia, e de noite; e pelo muro desta primeira cerca, em lugares convenientes, estam cem peças de artilheria grossa, e duzentos bombardeiros para ella, os mais delles estrangeiros, os quaes tem suas mulheres, e filhos em cima na serra, como em arrefens. Acima desta cerca, em outra parte, vai outra por nome Reguigair, onde ha outra povoação do

tamanho da outra Villa atrás, em que ha mil e quinhentos Soldados, e cincoenta peças de artilheria, e vinte bombardeiros, que tambem tem mulheres, e filhos em cima. O muro della tem tres guaritas, e todo o modo de boa defensão com sua artilheria, e doze trabucos, e dous quartaos, porque o sitio o requer. Indo pela serra mais acima, ha outro muro cercado de huma cava aberta na viva pedra, a qual no inverno se enche d'agua, e sobre esta cava está huma ponte elevadiça de madeira, a qual colhem per cadeias com cabrestantes, e vai-se reter em argolas grossas de latão, que estam embutidas nas pedras do muro. A porta per onde entram, e se servem per esta parte, he tão grande, que cabe per ella hum elefante carregado com seu castello, he forrada de capas de cobre com grandes laçarias de dentro, e de fóra, sem apparecer o páo em que estam pregadas. Neste muro ha cinco cubellos grandes, em cada hum dos quaes ha seis peças de artilheria do tamanho das nossas esferas, e pelo muro vam postas outras peças pequenas, como os nossos falcões, e quatro quartaos grandes, e dezoito trabucos. Aqui ha de guarda tres mil homens, em que entram quinhentos espingardeiros, e cem bombardeiros, que todos são Rumes, Mouros Garabijs desta

Afri-

Africa nossa vizinha, e Janiçaros. Estes tem seus aposentos em casas baixas ao longo do muro. Pela maneira destas tres cercas primeiras vam mais outras tres, huma acima da outra, com que fazem o número de seis que ha nesta serra, cuja subida cada vez he mais defensavel, cada huma dellas tem cavas, baluartes mui bem artilhados, bombardeiros, e gente ordenada para sua guarda, e huma povoação com muita abundancia d'agua, e todas estam provídas de mantimentos para mais de tres annos, se hum cerco tanto durasse. Na ultima destas seis cercas ha huma grande povoação, e a huma parte os paços dos Reys, que occupam hum pedaço de terra tão grande, como o de huma boa Cidade, os quaes são riquissimamente lavrados de obras antigas de Mosaico, e relevo, com muito ouro, e prata, e ladrilhadas muitas das casas de azulejos de estranhas pinturas, e cores. Nestes paços ha muitos banhos, e jardins, com toda diversidade de arvores, e plantas, hervas cheirosas, e flores que no Mundo ha, e todo o modo de delicias, e passatempos; a huma parte ha estrebarias, em que tem muitos cavallos para ElRey, e os seus se desenfadarem quando lá vam, com mui ricas sellas, e arreios para elles. Alli tem os Reys suas mulheres, e seus thesouros, e os ar-

ma-

mazens das armas, e de ſua artilheria, e as caſas da fundição della, e mantimentos em grande abundancia. Deſtes paços d'ElRey vai huma ſerventia ſecreta para o pico da ſerra, ſobre o qual pinaculo eſtá outra fortaleza grandemente artilhada, com todas as munições, e artificios de guerra neceſſarios para ſua defensão, e gente de guarnição, em que os Reys tem outros ſeus apoſentos. Finalmente eſte he hum dos mais fortes, defenſaveis, e deleitoſos ſitios do Mundo, aſſi per natureza, como per artificio, e riqueza que nelle tem os Reys de Cambaya. Tudo iſto não baſtou a Soltam Badur para ſe aquietar, e defender-ſe alli: tanta inquietação tem hum eſpirito culpado, que não ſem razão o comparam as Santas Eſcrituras a hum mar picado; e aſſi ſe foi metter em Dio, onde já tinha mandado ſuas mulheres.

CAPITULO X.

Do que fez Soltam Badur em Dio: e como Martim Aſſonſo de Souſa quizera ir ver-ſe com elle, e Nuno da Cunha lho eſtorvou, e mandou Simão Ferreira ao meſmo Soltam ſobre a fortaleza de Dio.

ELRey Badur, poſto que tão desbaratado, conſolou-ſe quando chegou a Dio com a vinda de ſuas mulheres, e de ſeu the-

thesouro, tomando esperança que ainda cobraria seu Estado, considerada a condição, e costume dos Mogoles, que mais tratam de roubar as terras, andando em suas corridas, que de as possuirem, e guardarem habitando nellas. E para que se o Mogol viesse o não pudesse entrar, mandou logo fortificar a Cidade, e fazer dous baluartes em dous passos da terra firme para a Ilha, que se podiam passar de maré vazia. A Damam, e áquella Comarca que confina com Chaul [a] mandou seu sobrinho Mirao Muhmald a fazer gente, e defendella do Nizamaluco, se lhe quizesse fazer guerra, ordenando-lhe que se se visse em algum aperto, se fosse a Chaul, e se entregasse a Martim Affonso de Sousa Capitão mór do mar, que sabia que invernava ahi. Mirao Muhmald para saber o acolhimento que acharia em Martim Affonso de Sousa, tanto que chegou a Damam, lhe mandou pedir seguro, para se lhe cumprisse ir a Chaul com suas mulheres, e fazenda, se se visse apertado dos Mogoles, ou do Nizamaluco. Martim Affonso de Sousa, e Simão Guedes Capitão da fortaleza lho mandáram mui largo. E Martim Affonso lhe escreveo huma carta [b] de muitos cumprimentos, e sobre

a Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 98. *do liv.* 8.
b Castanheda *no mesmo cap.*

bre elles, que ſería ElRey de Cambaya bem aconſelhado em obrigar ao Governador Nuno da Cunha para o ajudar na neceſſidade em que eſtava, com lhe dar huma fortaleza em Dio, e não ganharia pouco em ter tão boa amizade como a ſua, e que de outra maneira não havia o Governador de confiar nas pazes que fizeſſem, pois tão mal cumpríra a principal condição das que tinham feitas, que foi mandar-lhe logo os cativos que lá tinha, que não mandára. E que para desfazer ſuſpeitas, lhe devia dar a fortaleza, com que ElRey de Cambaya ficaria livre de ſeus inimigos. Tudo iſto eſcreveo logo Mirao Muhmald a ſeu tio, e as boas palavras, e vontade que achára em Martim Affonſo de Souſa.

Além deſta carta, eſcreveo Martim Affonſo outra a Soltam Badur de conſolações ſobre ſeus trabalhos, e offerecimentos de ſua peſſoa, e Armada para o que lhe cumpriſſe, e ao Governador eſcreveo o eſtado em que ficava Soltam Badur, e lhe pedio licença para ir com ſua Armada a Dio na entrada de Agoſto, por a boa occaſião que havia de impetrar a fortaleza, eſtando ElRey aſſi desbaratado, por o que folgaria com a amizade dos Portuguezes, e juntamente recearia de ſe ajuntarem com os Mogoles ſeus inimigos, e por Dio eſtar mui

falto de gente, e artilheria. E que estando elle Martim Affonso no mar, o poderia pôr em grande aperto, tolhendo-lhe os mantimentos, e vir-lhe soccorro do mar Roxo.

Nuno da Cunha como de Portugal viera encarregado de tomar Dio, ou haver nella huma fortaleza, e tinha já tomada sobre si esta obra, como de empreitada, a que ElRey per todas as Armadas que de Portugal vinham, o incitava, e que já lhe tinha custado tanto, não queria que ninguem nisso puzesse as mãos, nem ganhasse honra nessa empreza, senão elle. E quanto mais valor via em Martim Affonso, e mais authoridade tinha ante ElRey de Cambaya, que lhe era mui affeiçoado, tanto mais se ceava delle. Polo que o Governador mostrou a carta de Martim Affonso a alguns Fidalgos seus parentes, e amigos, dando-lhes algumas razões para ElRey de Cambaya naquelle tempo mais que em outro negar a fortaleza, das quaes era huma, por ser Dio o lugar principal em que se podia salvar, e ter nelle suas mulheres, e thesouros. E que ainda que Badur lha quizesse dar, primeiro havia de fazer a fortaleza de Baçaim com que se contentava, cuja segurança era o maior proveito que queria das perdas que Soltam Badur houvera. Deste parecer foram todos aquelles Fidalgos ami-

gos

gos de Nuno da Cunha; mas outros dos quaes eram Aleixo de Sousa Chichorro, Francisco de Sousa Tavares, e alguns mais, votáram que Martim Affonso de Sousa devia de ir por a mesma razão, que o Governador dava para o contrario, porque por não ter Soltam Badur outro lugar para sua salvação mais conveniente que Dio, e nelle ter suas mulheres, e thesouro, havia de querer conservallo, e tello seguro, o que não podia ser sem amizade dos Portuguezes, e sem lhes dar a fortaleza que pediam nella para o defender dos Mogoles; e sabendo que pelo mar lhe podiam tolher os mantimentos, que lhe não vinham per terra: e que em tempo estava Badur para de seu offerecer a fortaleza, quanto mais sendo-lhe pedida; polo que a ida de Martim Affonso lhe parecia de muito serviço d'ElRey de Portugal, e não ir o contrario. Como os deste voto eram menos em número, assentou-se, que Martim Affonso não fosse a Dio, e assi lho escreveo o Governador.

Porém tanto que Agosto veió, e o tempo deo lugar á navegação daquella costa, despedio o Governador a Simão Ferreira, que fora seu Secretario, para Dio em huma fusta, com tres catures que o acompanháram, com embaixada a ElRey Badur, mandando-o visitar, e offerecer-lhe sua aju-

da

da contra ſeus inimigos, com eſperança que ElRey lhe daria a fortaleza por a adverſa fortuna em que ſe achava. E a eſſe ſim deo procuração baſtante a Simão Ferreira para fazer todos os concertos que cumpriſſem na acceitação da fortaleza: e com Simão Ferreira foi Coge Xacoez Embaixador de Soltam Badur, que andava em Goa.

CAPITULO XI.

Como Soltam Badur mandou pedir ſoccorro ao Turco; e ſabendo da tomada de Champanel, ſe quizera ir a Méca; e mudado o conſelho, eſcreveo a Martim Affonſo de Souſa ſe foſſe logo ver com elle: e como os Reys Badur, e Omaum eſcrevêram ao Governador, offerecendo-lhe ambos Dio.

VEndo-ſe Soltam Badur em Dio fóra dos perigos, e medos de que eſcapára [a], e que naquellas Comarcas não havia movimentos alguns de guerra; e o que Martim Affonſo de Souſa eſcrevêra a Mirao Muhmalo, e depois a elle, tomou animo, e teve-ſe por mais ſeguro do que cuidou que ſería quando partio de Champanel fugindo. E por a certeza que tinha para ſi de os Mogoles não poderem entrar naquella ſerra, parecia-lhe que tão impoſſivel era toma-

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 100. *do liv.* 8.

marem elles Dio, e outros lugares que tinha fortes na costa de Cambaya, como era tomarem Champanel. E assi se persuadia que bem se poderia sustentar contra o mesmos Mogoles, sem com os Portuguezes fundar novas amizades para lhes dar fortaleza em Dio, parecendo-lhe que assás era ter-lhes dada a de Baçaim, com que elles se teriam por satisfeitos. Polo que para effeito de cobrar seu Reyno, se determinou em mandar pedir soccorro ao Turco, tendo por certo que lho daria, e com elle cobraria seu Estado, e deitaria os Portuguezes fóra da India, e se faria Senhor della. E para provocar ao Turco, que com melhor vontade, e brevidade o soccorresse, lhe mandou hum presente de joias, armas, e roupas ricas, que dizem foi avaliado em seiscentos mil cruzados [a]. E para dez, ou doze mil homens que lhe mandava pedir, affirmam que mandou mais de tres milhões. Isto tudo entregou a hum seu Capitão principal cha-

a *De muito maior preço foi este presente, segundo o que escreveo* Diogo do Couto *no cap. 11. do liv. 1. da 5. Decada; porque diz que era huma cabaia de fio d'ouro, lavrada toda de perolas de tanto preço, que a menor valia quinhentos pardáos d'ouro, e os botões della de diamantes do tamanho de tremoços. Huma cinta d'ouro, e pedraria, com hum terçado, e adaga do mesmo feitio, e riqueza que a cabaia. Huma coroa imperial d'ouro, e pedraria, que diziam os que a viram, que valia mais de dous contos d'ouro.*

chamado Saf Chan, de quem confiou esta embaixada, mandando-lhe que fosse per mar té Judá, e dahi per terra ao Cairo, e do Cairo se iria aonde o Turco estivesse, e para ir em sua companhia lhe deo hum Portuguez arrenegado, per nome Jorge, que era seu Patrão mór. E posto que era ainda o tempo verde, quiz que partisse Saf Chan na entrada de Setembro, porque houve medo que partindo mais tarde, os encontrasse Martim Affonso de Sousa Capitão mór do mar, que corria a costa com sua Armada. E porque as cousas que Saf Chan levava eram de tamanho preço, deo-lhe tres galeões, em que elle fosse por Capitão de hum, e do outro Jorge o arrenegado, e em sua companhia duas caravellas, e duas fustas, todas estas vélas mui bem artilhadas [a].

Enviada esta embaixada, logo veio nova a Soltam Badur como Omaum Patxiah estava apoderado da serra, e Cidade de Champanel, com a qual ficou mui confuso, e desesperado de se poder restituir a seu Estado, porque para elle era caso não imaginado tomar-se a serra, que por natureza, e arte parecia inexpugnavel. E por se ver entalado entre seus inimigos, que eram de huma parte os Mogoles, e da outra os Portu-

[a] Diogo do Couto, e Francisco de Andrade, *escrevem que mandou Badur a mais principal de suas mulheres com Saf Chan, o que reprova* Castanheda.

tuguezes, que o poriam per mar em cerco, em tempo de tanta falta como tinha de gente de artilheria, e de mantimentos, que lhe não podiam vir senão per mar, e que com suas Armadas lhe poderiam tolher todo o soccorro que pelo mar Roxo lhe viesse, se determinou em fugir para Méca, e deixar seu Reyno, e tornar a elle, se impetrasse o soccorro que mandára pedir ao Turco. Querendo pór em effeito a partida, sua mãi, Nina Rao Capitão de Dio seu tio, Coge Sofar, e outros lhe deram tantas razões, que deixou de fazer jornada. E Coge Sofar lhe aconselhou que désse a fortaleza em Dio ao Governador, que o ajudaria, e que com sua ajuda se poderia restaurar; e que depois que cobrasse seu Reyno, ahi lhe ficava poder tomar a fortaleza, e lançar della os Portuguezes, se quizesse.

[a] Com este proposito pareceo bem a ElRey dar a fortaleza, e logo escreveo a Martim Affonso de Sousa, que vista sua carta, se fosse a Dio para tratar com elle huma cousa de muito serviço d'ElRey de Portugal, e lhe mandou outra carta para o Governador Nuno da Cunha, em que lhe dizia o mesmo, porque lhe queria dar a fortaleza. E com o Embaixador que levou estas cartas, mandou a Martim Affonso Dio-

go

[a] Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 101. *do liv.*

mo de Mesquita, Lopo Fernandes Pinto, Diogo Mendes, que tivera prezos em Champanel, e os mais cativos, que era obrigado a mandar pelas Capitulações passadas. a

Pouco tempo antes que o Embaixador d'ElRey Badur chegasse a Chaul, e désse as cartas a Martim Affonso de Sousa, lhe foi dada outra carta d'ElRey dos Mogoles para o Governador, em que lhe offerecia a fortaleza em Dio; porque como Nuno da Cunha vio a ElRey dos Mogoles fazer guerra a ElRey de Cambaya, e o grande poder que tinha, per que lhe parecia tomaria o Reyno de Cambaya, como já tinha tomado o de Chitor, e o de Mandou, secretamente lhe mandou pedir Dio. Polo que tanto que se ElRey dos Mogoles vio senhor da serra de Champanel, escreveo ao Governador huma carta, que mandou a Martim Affonso, que elle logo enviou a Nuno da Cunha, antes de se partir para Dio, per João de Mendoça, que tambem levou o Embaixador de Cambaya; e ao Governa-

 dor

a *Estes cativos*, *diz* Diogo do Couto, *que os mandou Soltam Badur ao Governador Nuno da Cunha por Simão Ferreira, quando foi a Cambaya a ver jurar as pazes passadas. Cap. 3. liv. 9.* E Francisco de Andrade *escreve, que depois de desbaratado Badur, dera liberdade a Diogo de Mesquita, e a seus companheiros: e que por Diogo de Mesquita escrevêra ao Governador que o viesse soccorrer, offerecendo-lhe a fortaleza em Dio. Cap. 3. da 3.*

dor escreveo Martim Affonso de Sousa de sua ida a Dio.

CAPITULO XII.

Como Martim Affonso de Sousa foi a Dio, e elle, e Simão Ferreira Procurador do Governador assentáram pazes com El-Rey de Cambaya, e lhe deo a fortaleza em Dio, entregando a Martim Affonso o baluarte do mar.

VEndo Martim Affonso de Sousa [a] a carta d'ElRey de Cambaya, e quanto importava ao serviço d'ElRey ir elle a Dio, por não se lhe ir das mãos tão boa occasião, que ás vezes depois de ida não se cobra, posto que o Governador lho tivesse defezo, e por o negocio estar em outros termos, sendo elle á pressa chamado de Badur, partio-se logo com tres catures, em que levou sessenta homens, em hum delles hia elle, em outro Simão Guedes Capitão de Chaul, deixando recado a Vasco Pires de Sampayo que se fosse após elle com a outra Armada. E proseguindo sua viagem, perto de Dio achou Simão Ferreira, de que ambos ficáram espantados, Simão Ferreira de ver Martim Affonso de Sousa ir a Dio, or-

a *Este capitulo, que em* João de Barros *he breve, se accrescentou com o que escreve* Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 102. *do liv.* 8.

ordenando-lhe o Governador que não fosse, que não havia para que; e Martim Affonso de ver Simão Ferreira, porque passou sem tomar Chaul, e de saber ao que hia, por o pouco fundamento que Nuno da Cunha mostrava de se lhe dar a fortaleza em Dio, na carta que lhe escrevêra. Mas Martim Affonso disse a Simão Ferreira como hia chamado d'ElRey, e com esperanças de lhe dar a fortaleza, que sem ella não assentaria nada com elle.

Chegados ambos a Dio [a], ElRey mostrou grande gosto de ver Martim Affonso, e lhe deo conta do estado em que estava, e que o que queria do Governador era, que o ajudasse contra seus inimigos, assi para se defender delles, como para lhes fazer guerra; e que a maior ajuda que queria delle era, que elle Martim Affonso fosse seu companheiro, por a confiança que em o valor de sua pessoa tinha; e que em recompensa disto queria dar ao Governador huma fortaleza em Dio. E por o Governador estar em Goa, que era lugar mais remoto, mandára chamar a elle Martim Affonso, assi para o ajudar a defender, se os Mogoles fossem contra elle, como para assentar com elle a data da fortaleza, e Capitulações das pa-

[a] *Chegáram a Dio a 21. de Setembro.* Francisco de Andrade *cap.* 4. *Part.* 3.

pazes, té o Governador as haver por boas. E que pois Simão Ferreira trazia procuração para fazerem pazes em nome do Governador, que logo as assentassem. E que a fortaleza se faria da banda dos baluartes do mar, ou da terra, onde o Governador elegesse, quão grande quizesse, porque em ambos os lugares lha daria, e na parte do mar lhe parecia melhor, porque era o mais forte da Cidade. E concertando ElRey com Martim Affonso com que condição se as pazes haviam de fazer, o mandou logo metter de posse do baluarte do mar, e alli se aposentou com os Portuguezes [a].

Os Capitulos foram estes: *Que ElRey de Cambaya era contente de dar lugar a ElRey de Portugal na Cidade de Dio para fazer huma fortaleza em qualquer lugar que o Governador quizesse, da banda dos baluartes do mar, ou da terra, e da gran-*

a *Martim Affonso mandou cortar huma ponta que fazia a Cidade desde o rio ao mar, onde abrio huma cava de largura de duas braças, e huma de altura, recolhendo para dentro a pedra, e terra que da cava se tirava, com que se fez hum vallo assás alto, e lançou sobre ella huma ponte de madeira. E per hum Judeo mercador do Cairo escreveo logo a ElRey D. João, que Badur dera em Dio lugar para se fazer a fortaleza tanto de S. A. desejada. E pelo mesmo Judeo escreveo Badur a ElRey, dando-lhe conta de suas desgraças, e pedindo-lhe soccorro; e para assegurar a jornada, porque poderia morrer nella o Judeo, mandou Badur em sua companhia hum Armenio morador, e casado em Dio.* Francisco de Andrade *cap. 4. Part.*

grandeza que quizesse, e assi lhe dava o baluarte do mar. E que havia por bem de confirmar a doação que lhe fizera de Baçaim, com suas terras, e rendas, e tanadarias, como tinham contratado.

Com condição, que todas as náos de Méca, que por virtude do contrato das pazes passado eram obrigadas ir a Baçaim, fossem a Dio assi como de antes, sem lhes ser feita força alguma. E quando alguma por sua vontade quizesse ir a Baçaim, o pudesse fazer, e as náos de outras partes poderiam ir, e vir para onde quizessem; porém que humas, e outras navegariam com cartazes.

Que os cavallos de Ormuz, e de Arabia, que pelo contrato passado eram obrigados ir a Baçaim, viessem a Dio, e pagariam os direitos a ElRey de Portugal segundo o costume de Goa; e não os comprando ElRey, seus donos os levariam aonde quizessem. Mas que os cavallos que fossem do Estreito para dentro, não pagariam direitos alguns.

Outra condição era, que ElRey de Portugal não teria em Dio direitos, nem rendas, nem mais que só a dita fortaleza, e baluartes; e todos os direitos, rendas, e juridição da gente da terra sería do Soltam Badur.

Pu-

Puzeram mais por condição, que ElRey de Portugal, nem seu Governador por seu mandado, fariam guerra, nem damno no estreito do mar Roxo, nem nos lugares da Arabia, nem se tomaria náo de preza, e todos navegariam seguramente. Porém que havendo no estreito, ou em outra parte Armada de Rumes, ou Turcos, poderiam ir pelejar com ella, e destruilla.

E que ElRey de Portugal, e Soltam Badur seriam amigos de amigos, e inimigos de inimigos, e se ajudaria hum a outro per mar, e terra com tudo o que pudessem com suas gentes quando lhes cumprisse.

A ultima condição foi, que se alguma pessoa, que devesse dinheiro, ou fazenda a ElRey de Portugal, se passasse ás terras do Badur, elle os mandasse entregar, e outro tanto faria o Governador quando se passasse aos Portuguezes alguem que devesse a Soltam Badur.

Feitas estas Capitulações, e assignadas por ElRey, Martim Affonso as mandou ao Governador por Diogo de Mesquita, e com elle mandou ElRey a Xacoez com huma carta [a] ao Governador, em que lhe rogava que se viesse logo a Dio.

CA-

[a] *A copia desta carta escreve* Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 103. *do liv.* 8. *e* Diogo do Couto *no cap.* 8. *do liv.* 9.

CAPITULO XIII.

Como o Governador Nuno da Cunha foi a Dio ver-se com ElRey de Cambaya.

NUno da Cunha quando vio as cartas dos Reys de Cambaya, e dos Mogoles [a], nas quaes ambos lhe offereciam Dio, Badur porque receava de a perder, e Omaum porque esperava de a ganhar, posto que o Mogol lhe fazia largas promessas, pareceo-lhe melhor tomar a fortaleza da mão d'ElRey de Cambaya que tinha Dio, que d'ElRey dos Mogoles que a esperava ter, e havendo-a, lha daria, ou não; e porque lhe vinha melhor a amizade d'ElRey de Cambaya, por quão pouco podia, que a d'ElRey dos Mogoles, que andava tão poderoso, e pertendia conquistar a India, e daria mais que fazer aos Portuguezes, que nenhum Rey della, e quanto menos elle pudesse, tanto o Estado d'ElRey de Portugal na India ficava mais seguro: por tanto determinou de se liar com ElRey de Cambaya, e ajudallo contra os Mogoles. E sem mais se deter que o dia em que João de Mendoça chegou, se partio ao outro [b] em

a Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 103. *do liv.* 8. *onde escreve a copia da carta d'ElRey dos Mogoles.*

b *Frota da India do anno de* 1535. *Antes do Governador partir de Goa, chegáram a ella sete náos, que este*

em huma fusta, levando sómente em outra Garcia de Sá, Francisco de Sousa Tavares, Diogo Lopes de Sousa, e Antonio Galvão, deixando recado a Manoel de Sousa que seguisse com a Armada o mais prestes que pudesse [a]. Passando por Chaul, foi ter a Baçaim, onde achou Vasco Pires de Sampayo com a Armada que levava a Martim Affonso de Sousa, que trouxe comsigo. Dalli partio para Dio, onde chegou com novecentos homens, sendo já o mez de Outubro. Á barra o mandou ElRey receber per Nina Rao Capitão de Dio seu parente, acompanhado de muita gente nobre, que com elle hia em huma galé; e depois de o visitar da parte d'ElRey, e lhe dar o parabem de sua

anno de 1535. partiram do Reyno, das quaes era Capitão mór Fernão Peres de Andrade, e os Capitães das outras náos eram Martim de Freitas, Thomé de Sousa, Jorge Mascarenhas, Luiz Alvares de Paiva, Fernão Camelo, e Fernão de Moraes: leváram estas náos muita, e boa gente, e muito cabedal. Fernão Lopes de Castanheda *cap.* 108. *do liv.* 8. *e* Diogo do Couto *cap.* 8. *do liv.* 9. Francisco de Andrade *diz, que chegáram estas náos a Goa, estando o Governador em Dio, onde lhe leváram a nova, e seiscentos soldados dellas. Cap. 8. da 3. Parte.*

a Escreve Diogo do Couto, *que o Governador partio de Goa com cem navios, em que hia embarcada muita, e mui lustrosa gente, e todas as cousas que lhe parecêram necessarias para a fabrica da fortaleza, e que parára em Baçaim, aonde o foi encontrar Xacoez com huma carta do Badur, e com os Capitulos do contrato da fortaleza de Dio, com que o Governador se partio logo para aquella Cidade. Cap. 8. do liv. 9.*

sua chegada, o acompanhou té onde El-Rey o estava aguardando, que era em huma casa sem armação alguma; parece que por a desgraça passada. E elle jazia deitado em hum catle, que não tinha outro paramento, nem riqueza mais que serem os pés d'ouro, e vestido em huma cabaia de algudão branco. Com elle estavam dez, ou doze Senhores, dos quaes hum, que parecia de idade de setenta annos, fora irmão d'El-Rey do Delij, e outro filho de outro Rey assentados no chão alcatifado junto com o catle, e os outros em pé, porque diante d'ElRey de Cambaya se não assentavam senão Reys, ou filhos de Reys. Com o Governador entráram quarenta Fidalgos; e tanto que vio ElRey, lhe fez huma mezura, e outra entrando mais na casa, e assi fizeram os Fidalgos que com elle hiam. A cortezia que lhe ElRey fez, foi agazalhallo bem com os olhos, como a pessoa que muito folgava de ver; e passando entre elles palavras geraes, Nuno da Cunha se despedio d'ElRey, e se foi aposentar no baluarte do mar, que estava apparelhado de festa, e embandeirado com as insignias de Portugal [a]. Depois deste dia se vio o Governador com El-

[a] *Da desembarcação do Governador, do vestido que levava, do recebimento que lhe fez Soltam Badur, e das palavras que lhe disse, escreveo com particularidade* Diogo do Couto *no cap. 9. do liv. 9. E que de novo foram*

ElRey algumas vezes, nas quaes ElRey pedio ao Governador lhe mandasse per hum de seus Capitães tomar huma fortaleza, que os Mogoles lhe tomáram a elle no rio Indo, que se chama Varivene. Para isso mandou logo o Governador Vasco Pires de Sampayo com huma Armada de doze fustas, e alguns bargantijs, em que levou duzentos e sincoenta Portuguezes, de que foram Capitães Miguel de Aiala, Rodrigo Alvares Vogado, Affonso Figueira, e outros, cujos nomes não vieram á nossa noticia; e em sua companhia, e debaixo de sua bandeira hia Coge Sofar Capitão d'ElRey de Cambaya com trezentos Turcos. Tambem lhe pedio ElRey que mandasse defender a Cidade de Baroche, que está dez leguas da Cidade de Cambaya, por quanto se temia que os Mogoles se apoderassem della; para o que o Governador mandou logo fazer prestes Dom Gonçalo Coutinho com outra Armada para a defender. E estando para partir, chegou Manoel de Macedo, a quem o Governador deo a capitanía, ficando D. Gonçalo [a].

CA-

renovadas as Capitulações, e juradas as pazes por ElRey, e pelo Governador com grande solemnidade, e magestade.

a Manoel de Macedo chegou a Baroche a tempo que Ascan Mirza irmão de Omaum Patxiah, com dez mil cavallos, entrára na rica Cidade de Barodar, que seus vizinhos despejáram com medo dos Mogoles; e com o mesmo, sem os verem, fugiram os moradores de Baroche, e a deixáram deserta, posto que Manoel de Macedo os anima-

CAPITULO XIV.

Da notavel façanha que fez Diogo Botelho em vir da India a Portugal em huma fusta por mostrar sua lealdade a ElRey, ante quem fora calumniado falsamente.

DA nação dos Portuguezes [a] quão natural seja, mais que de outras gentes, serem leaes a seu Rey, e quantos exemplos ha de muitos, que por guardar incorrupta sua lealdade, morrêram, e passáram trabalhos incriveis, cousa notoria he aos que de suas cousas sabem; mas o admiravel, e audaz feito que Diogo Botelho fez para mostrar como falsamente o calumniáram ante ElRey, não sómente de commetter deslealdade, mas de a imaginar, he digno que entre todas as gentes, e em todos os tempos houvesse delle memoria. Sendo pois este Cavalleiro filho bastardo de Antonio Real, (Capitão que fora de Cochij em tempo do Viso-Rey D. Francisco de Almeida,) e de Iria

va, e com elles, e com os Portuguezes que tinha se offerecia a defendella; pelo que vendo-se só, deixou-se ficar na Cidade té apparecerem os inimigos; e não a podendo defender com os poucos Portuguezes, por ter mais de huma legua de circuito, se embarcou, e voltou a Dio. Diogo do Couto *cap.* 9. *do liv.* 9 *e* Francisco de Andrade *cap.* 26. *da* 3. *Parte.*

a Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 105. *do liv.* 8.

Iria Pereira mulher Portugueza, e servindo elle na India, onde nasceo, a ElRey Dom Manuel nos primeiros annos de sua milicia, e depois a ElRey D. João seu filho, vindo a Portugal a requerer satisfação de seus serviços, por elle ser muito curioso, e prático na Geografia, e saber fazer cartas de marcar, fez huma grande, em que descreveo tudo o que do Mundo era descuberto, e a apresentou a ElRey D. João. Tendo-o ElRey em boa conta, e querendo-lhe fazer mercê, e servir-se delle, como nesta terra sempre houve boa novidade de homens invejosos, e maldizentes, que a todos os bons espiritos, e utiles á Républica procuráram acanhar, e estorvar-lhe o bem, e melhoramento, aos quaes parece doer mais o bem alheio, que o mal proprio, houve quem disse a ElRey, que Diogo Botelho trazia pensamento de o deservir, e ir-se a ElRey de França. Polo que movido ElRey per aquelles interpretes de pensamentos, na Armada em que Martim Affonso de Sousa foi o anno de 1534., o mandou degredado para a India [a]. Diogo Botelho, que sentia por

[a] Francisco de Andrade *escreve, qué ElRey mandou prender Diogo Botelho, e que esteve prezo té que foi á India por Viso-Rey o Conde Almirante, que o pedio a ElRey para o levar comsigo, e S. A. lho concedeo, com que não tornasse mais a Portugal. Cap. 13. da 3. Parte. O mesmo affirma* Diogo do Couto *cap. 2. do liv. 1. da 5. Decada.*

por maior affronta a caufa do degredo, que o mefmo degredo, como foi na India, pedio ao Governador Nuno da Cunha licença para fazer huma fufta, para andar nella fervindo a ElRey, com propofito de fe ir na mefma fufta a Portugal, para manifeftar a ElRey fua innocencia, e lealdade, e a maldade dos que ante elle o accufáram, e que como fe hia da India para Portugal, fe pudera ir para França, fe quizera. Com efta determinação fez huma fufta em Cochij de vinte e dous palmos de comprido, doze de largo, e feis de pontal, que he da quilha té a primeira cuberta. Acabada a fufta, como tambem na India havia Portuguezes, e os que andam as terras, e paffam o mar não mudam por iffo a condição, nem a natureza, que fempre levam comfigo, não faltáram na India outros maldizentes, que affirmavam que Diogo Botelho fizera aquella fufta para ir nella ao eftreito do mar Roxo, e dahi ao Turco. Ouvindo ifto o Doutor Pero Vaz Veedor da Fazenda que então era, lhe tomou a fufta, do que Diogo Botelho fe queixou muito, e lhe diffe, que attentaffe bem o que fazia, que aquillo montava mais, que tomar-lhe fua fufta; porque fabendo ElRey que havia delle tão má fufpeita, lhe mandaria cortar a cabeça. Pero Vaz lhe tornou a fufta, com elle primeiro

ju-

jurar solemnemente, que senão iria a parte alguma onde desservisse a ElRey de Portugal. E por não esperar outro encontro, que lhe tolhesse effectuar sua determinação, e por a boa occasião de naquelles dias se conceder a ElRey D. João a fortaleza de Dio, que elle tanto desejava, de que lhe podia levar novas primeiro que outrem, se foi a Dabul para dahi fazer sua viagem. E por elle entender mui bem a arte de marcar, não levou comsigo outro que della soubesse, por não haver entre elles duas contradicções, que sería causa de se perder. Nem para marcarem a fusta levou mais que seus escravos, e cinco Portuguezes, tres delles criados seus, e o Comitre da fusta, e hum Manoel Moreno, e com boa provisão de mantimentos se partio de Dabul o primeiro dia de Setembro do anno de 1535 [a], dizendo

a Escrevendo de Dio o Governador ao Veedor da Fazenda, que lhe mandasse navios, e gente, com esta occasião fez Diogo Botelho a fusta para vir nella a Portugal, publicando que era para levar nella gente a Dio; e recolhendo vinte soldados, e outros tantos escravos seus, partio de Cochij, e chegou a Baçaim, onde deixou a fusta, fingindo que fazia muita agua, e em hum catur passou só a Dio, onde foi bem recebido do Governador, e tomando com dissimulação a planta da fortaleza que se fundava, e a cópia das Capitulações das pazes, para dar inteira relação em Portugal a ElRey, voltou escondido a Baçaim, e dizendo ao Capitão que o Governador o mandava com muita pressa a Chaul, se embarcou na sua fusta, e partio para Portugal em Novembro de 1535. Francisco de Andrade *no cap. 13. da 3. Parte.*

vo a todos que ſe hia ajuntar com noſſa Armada, que andava na coſta de Cambaya. E porque ao atraveſſar do golfão ſe hia affaſtando muito da terra, e lhe aconſelhava o Comitre que o não fizeſſe, lhe deſcubrio a elle, e aos outros Portuguezes ſua determinação; e receando que ſe rebelaſſem quando o ſoubeſſem, levava veſtida debaixo huma ſaia de malha, e na cinta huma eſpada. E esforçou a todos para aquella viagem, dizendo-lhes quanto lhe cumpria fazella, e promettendo-lhes grande ſatisfação de ſeu trabalho; e ao Comitre deo dinheiro, e pagou tudo o que na India lhe ficava. Contentes com iſto, e com verem que tomou terra na coſta de Arabia ao tempo que diſſe que a havia de tomar, ſendo couſa em que os Pilotos que per alli navegam não atinam por cauſa das grandes correntes, ſe aquietáram.

Feita a aguada, e carnes em hum porto chamado Jubo, ſe partio, e foi ſurgir no Cabo das Agulhas, duas leguas de terra, onde lhe deo hum tão rijo temporal do Sul, que arribou duas vezes, e ſe vio de todo perdido, por ſerem os mares mui groſſos, que entravam per huma parte da fuſta, e ſahiam pela outra, e milagroſamente eſcapou. Com eſte meſmo temporal dobrou o Cabo de Boa Eſperança a 20 de Janeiro

do

do anno ſeguinte de 1536. Depois paſſou maiores trabalhos de tormentas, de fome, e de ſede, por não poder tomar a Ilha de Santa Elena com névoas [a]. Os Marinheiros não podendo já com tantos trabalhos, determináram de matar a Diogo Botelho, e aos outros Portuguezes, e irem-ſe á terra. Pelo que quando ſe víram na coſta de Guiné, levantáram-ſe huma noite [b], huns com machados, e outros com eſpetos, e fiſgas, e deram em Diogo Botelho, e nos outros Portuguezes, de que logo morreo hum, e feríram mal a Diogo Botelho, e o Comitre, os quaes com os outros dous companheiros de tal maneira apertáram com os Marinheiros, que ſe lançáram ao mar, onde alguns ſe afogáram, e outros perdoados ſe recolhêram á fuſta. A qual com eſte levantamento ficou ſem Marinheiros, ſem Piloto, e ſem Comitre, e ſem terem os feridos com que ſe pudeſſem curar. Diogo Botelho eſteve quatorze dias ſem poder fallar, e per eſcrito mandava governar, polo que muitas vezes eſtiveram em riſco de ſe perder, ao que ſe ajuntou a falta da agua; e por a eſtreiteza da regra que era neceſſario fa-

a Diogo do Couto *diz, que tomou a Ilha de Santa Elena, na qual varou a fuſta, e a concertou, em que ſe deteve alguns dias.*

b *Eſte levantamento diz* Franciſco de Andrade, *que foi antes de chegar ao Cabo de Boa Eſperança.*

fazer-se, padecêram immenso trabalho, com
o qual chegáram á paragem das Ilhas Terceiras,
que Diogo Botelho não tomou, com medo de o prenderem. Mas com força de
vento arribou á Ilha do Faial, onde acaso
acertou de estar o Corregedor das Ilhas,
que Diogo Botelho teve por outro infortunio maior, por o perigo que corria sua
vida, e sua honra, podendo-se então acabar de ter por certo que vinha fugindo do
degredo que lhe deram, com tenção de ir-se a França, e ficar havido por traidor, e
desleal, onde cuidava que se salvava disso.
E como se não podia encubrir, desembarcou, fingindo que levava a ElRey hum recado do Governador da India de grande
importancia; e para que se lhe cresse, fez
hum maço de cartas feitiço.

Ao desembarcar o foi receber o Corregedor com toda a gente da terra, como
cousa estranha, e milagrosa, sabendo que
vinha da India em huma tão pequena embarcação, e assi lhe fizeram festa, e corrêram todos. Estando-os Diogo Botelho vendo de huma janella, foi conhecido do Corregedor que estáva com elle; e porque sabia que Diogo Botelho fora degredado para a India, pareceo-lhe que vinha fugindo,
e que por isso se aventurára a vir naquella
fusta; e determinando de o prender, per-

guntou-lhe se era elle parente de hum Botelho, que fora degredado para a India, fingindo que lhe não sabia o nome; porque se negasse que era aquelle, teria sua presumpção por verdadeira, e prendello-hia logo. Diogo Botelho suspeitando a tenção do Corregedor, disse-lhe, que elle era o mesmo Diogo Botelho que fora degredado, e que Nuno da Cunha por não achar outrem que se offerecesse a tamanho perigo, o mandára, por não estar bem com elle, e que fizera aquella viagem por o recado que levava ser de grande importancia, e de tanto segredo, que de ninguem fiava as cartas, senão de si mesmo, e mostrou-lhe o maço que comsigo trazia. O Corregedor crendo o que lhe dizia, o não prendeo, mas rogou-lhe lhe dissesse que recado levava; ao que elle respondeo, que de nenhuma maneira lho podia dizer, porém que por amor delle, posto que fosse contra juramento, lhe deixaria huma carta em que lho referisse, com tanto que lhe désse sua fé, que a não abriria senão oito dias depois de sua partida, e assi o fez.

Na carta que lhe deixou, dizia o modo de que hia, com que o Corregedor ficou mui desgostoso por o não prender, e muito mais o foi, quando no dia que abrio a carta chegou ás Ilhas Simão Ferreira Secreta-

rario da India, que por mandado do Governador trazia a nova a ElRey D. João da fortaleza que Soltam Badur dera em Dio. E poſto que Nuno da Cunha eſpedio a Simão Ferreira com grande preſſa em hum navio ligeiro, logo após Diogo Botelho, quando ſoube que era partido, para que por elle não ſoubeſſe ElRey primeiro a nova da fortaleza que per Simão Ferreira: ſuccedeo porém aſſi, porque Diogo Botelho chegou em Maio a Lisboa muitos dias primeiro que Simão Ferreira, e ſe apreſentou a ElRey, que eſtava em Almeirim [a], indo na fuſta pelo Téjo acima té Salvaterra, e lhe diſſe a cauſa per que viera da India daquella maneira para moſtrar ſua lealdade, e lhe deo as novas da fortaleza de Dio, que lhe Soltam Badur dera. ElRey ſe maravilhou daquella viagem, e as novas feſtejou muito, e ſeu leal animo, e o tornou á ſua graça, mas não com a ſatisfação que aquella façanha merecia [b]; (ao coſtume da terra,

na

a Franciſco de Andrade *eſcreve, que ElRey eſtava em Evora, ad[illegible]a logo Diogo Botelho.*

b Diogo do Couto *diz, que Diogo Botelho eſteve alguns annos em Portugal, ſem ElRey lhe fazer mercê, e a cabo delles lhe deo a capitania de S. Thomé, polo ter fóra do Reyno, e depois o deſpachou para a India com a de Cananor. Eſcreve mais* Diogo do Couto, *que ElRey logo mandou fazer ſolemnes Prociſsões por as novas de Dio, e as eſcreveo ao Summo Pontifice Paulo III. que as celebrou com outra ſolemniſſima Prociſsão, e Miſſa Pontifical,*

na qual raras vezes se pagáram bem serviços assignalados,) e foi tamanho o espanto della, que muita gente, assi naturaes, como estrangeiros, foram ver aquella fusta a Salvaterra, como cousa admiravel, a qual depois foi levada a Sacavem, onde se mandou queimar, por não ser vista, e se divulgar pelo Mundo, que em tão pequeno navio se podia navegar á India.

CAPITULO XV.

Como o Governador Nuno da Cunha fundou a fortaleza de Dio: e como Vasco Pires de Sampayo tomou aos Mogoles a fortaleza de Varivene no rio Indo.

TAnto que Nuno da Cunha se vio entregue do baluarte, e do sitio em que se havia de fundar a fortaleza, poz grande diligencia em ajuntar os materiaes para ella necessarios, no que se deteve té Novembro; e hum Domingo 20 dias daquelle mez, acabando de ouvir Missa solemne, acompanhado de todos os Capitães, e Fidalgos, e mais gente, com muita festa, deo elle a primeira enxadada nos alicerces que se começáram abrir, o que se continuou com tan-

na qual fez huma Oração Fr. Theofilo da Ordem de Santo Agostinho em louvor d'ElRey D. João, e da nação Portugueza, a qual traduzida em Portuguez refere Diogo do Couto *no cap. 2. do 1. liv. da 5. Decada, onde se póde ler.*

tanta pressa, que quando foi aos 21 de Dezembro, (dia do Apostolo S. Thomé Padroeiro da India,) assentou Nuno da Cunha a primeira pedra da fortaleza com muitas moedas d'ouro debaixo della; e por comprazerem ao Governador, os Fidalgos lançáram outras muitas, no que todos mostravam contentamento, e alvoroço, e se festejou com grande estrondo de artilheria, e de trombetas, atabales, e charamellas. Soltam Badur para mostrar que tambem lhe cabia a elle parte daquelle contentamento, e que a obra se fazia por sua vontade, mandou logo a Nuno da Cunha quinze mil pardáos d'ouro em nome de almorço para os servidores da obra, dos quaes elle mandou muitos. Mas não menos trabalhavam os Fidalgos que a outra gente, e todos eram repartidos per quartos, e os Capitães delles andavam á inveja de quem daria melhor meza aos do seu quarto; e como cada hum lha dava, assi se lhe ajuntava a gente, e crescia a obra. E por essa causa hum baluarte, que Garcia de Sá tinha a cargo, (que tem o seu nome, posto que lhe puzeram o de Sant-Iago,) cresceo mais que todos, porque o fez todo, e gastou nelle muito. E tanta pressa se deo á obra, que antes de se acabar o mez de Fevereiro, era a fortaleza acabada, á qual foi posto o nome São

Tho-

Thomé ; e provendo-a o Governador de muita artilheria , e munições , fez Capitão della a Manuel de Souſa Fidalgo de ſua peſſoa mui valeroſo , e esforçado , como na vida , e morte moſtrou , e lhe deo para guarda della novecentos homens Portuguezes. E porque Nuno da Cunha em tudo deſejava de comprazer a Soltam Badur , e por lho elle rogar , mandou pedir ao Nizamaluco que lhe não fizeſſe guerra , porque eſtando ſeguro de lha não fazer , tiraria da ſua fronteira a Mirao Muhmald com a gente que nella tinha , que lhe era neceſſaria para outra parte. Com eſta embaixada mandou a Gaſpar Preto , que era homem para muito , e de grande recado , o que negociou tambem , que não ſómente Badur ficou ſeguro do Nizamaluco lhe fazer guerra , mas ainda deo gente a Mirao Muhmald para a fazer a outros. O que ſabendo Badur do Governador , ficou agradecido , e deſalivado.

[a] Entretanto Vaſco Pires de Sampayo proſeguindo ſua viagem , tambem em ſerviço de Soltam Badur , chegou á fóz do rio Indo , hum dos mais famoſos da Aſia. Surto aqui Vaſco Pires , vaſou a maré mais de meia legua , e ficáram os navios em ſecco , pelo que foi aviſado que os deſpejaſ-

ſe ,

a Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap. 109. do liv. 8.* e Franciſco de Andrade *no cap. 16. da 3. Parte.*

ſe, para que ficaſſem leves quando tornaſſe a montante d'agua, porque ſe eſtiveſſem carregados, ſe perderiam, por trazer grande força, enchendo com macareo; e por tanto elle mandou aboiar a artilheria, para o que foram poſtos ſobre ella os maſtos, e vergas dos navios. E quando a maré tornou, vinha o macareo tão alto, e com tamanho impeto, e rugido, que os Portuguezes receáram que os ſoçobraſſe, e aſſi deram os navios tão grandes pancadas na praia, que parecia que ſe eſpedaçavam. Paſſada eſta furia, foi recolhida a artilheria com o mais, e apparelhados os navios, entrou a Armada no rio, onde achou Vaſco Pires o Capitão d'ElRey de Cambaya, a que os Mogoles tomáram a fortaleza, o qual ſabendo que Vaſco Pires hia, o foi alli eſperar com a gente que tinha embarcada, e lhe contou como os Mogoles ſabendo de ſua vinda, queimáram logo a povoação de Varivene, e ſe recolhêram na fortaleza, a qual era pequena, poſta á borda d'agua, com quatro, ou cinco berços: os Mogoles que nella eſtavam eram cento e cincoenta. Vaſco Pires, levando eſte Capitão, foi pelo rio acima, e ſendo já noite chegou á fortaleza, e ſem querer ſaber mais da diſpoſição della, pela manhã cedo começou de a combater, repartindo o combate per tres eſtancias, hu-

ma

ma que elle tinha com os Portuguezes, outra Coge Sofar com os Turcos, e a outra o Capitão d'ElRey de Cambaya com os seus, que eram espingardeiros, que não haviam de fazer mais que tirar aos Mogoles que apparecessem sobre o muro para os Capitães subirem por escadas. Os Mogoles, posto que fossem tão poucos, se defendêram mui valentemente com essa pouca artilheria que tinham, e com sua arca buzaria, e muitas fréchas, com que feríram oitenta Portuguezes, que não puderam chegar as escadas ao muro, salvo Miguel de Aiala, que foi o primeiro que subio, e foi lançado delle com grande perigo seu; e assi Martim Affonso de Mello o punho, Manuel Machado, e João de Freitas, que hiam apôs elle, que foram mal feridos, e João Ferreira que cahio abaixo morto de huma fréchada. Vendo Vasco Pires o damno que os seus recebiam, mandou-os affastar, determinando de descoroar as ameas do muro, para a gente poder melhor subir, e assi se fez logo com a artilheria que mandou tirar em terra; e por esta bateria se acabar perto da noite, deixou de commetter a entrada para o outro dia; mas não esperando por isso os Mogoles, fugíram aquella noite, e desampararam a fortaleza. E sendo Vasco Pires avisado de sua ida, desembar-

cou,

çou, e foi apôs elles, e matou os que alcançou, e tomada a fortaleza a entregou ao Capitão d'ElRey de Cambaya; e por não ter mantimentos, e entre elle, e Coge Sofar haver alguma desavença, não fez mais guerra aos Mogoles, e se tornou a Dio.

CAPITULO XVI.

Como querendo Soltam Badur ir visitar algumas partes de seu Reyno, pedio ao Governador lhe désse por companheiro a Martim Affonso de Sousa: e como indo os Mogoles sobre Baçaim, se tornáram com temor dos Portuguezes, e Mirao Muhmald os foi lançando de Cambaya.

FAbricando-se a fortaleza de Dio, vieram novas a Soltam Badur, que ElRey dos Mogoles, depois de ter tomado Champanel, tomára Amadabad, Cidade principal de Cambaya, por lha entregar o Capitão della, a qual elle pertendeo com tenção de ir logo tomar a Cidade de Dio, e dalla ao Governador Nuno da Cunha, por lha ter promettida; e por saber que já estava nella fazendo a fortaleza, deixou de vir. Polo que conhecendo ElRey de Cambaya o favor que já achava com a fortaleza, e que á sombra della podia defender sua pessoa, e estado, e muito mais com a

as-

assistencia de Nuno da Cunha em Dio, determinou de ir dar huma vista a algumas partes de seu Reyno de Cambaya, assi por dar aos seus mostra de si que era vivo, e com esperança de os poder soccorrer com favor dos Portuguezes, e cobrar seu estado, como para saber as fortalezas, e lugares que estavam de sua devoção. Para o que tomou conselho com o Governador, que lho approvou, e para esta jornada lhe pedio houvesse por bem que Martim Affonso de Sousa fosse com elle; porque além do valor de Martim Affonso nas armas, e conselho na guerra, e aprazivel conversação, e outras boas qualidades, era-lhe ElRey Badur mui affeiçoado, e dizia, que tanto estimaria levar comsigo Martim Affonso, como levar mil Portuguezes. O Governador lho concedeo, e mandou mais alguns Fidalgos que o acompanhassem. [a]

ElRey se partio, deixando encommendadas ao Governador suas mulheres, e sua

mãi,

[a] *Escreve* Diogo do Couto, *que os Portuguezes, que foram com Martim Affonso de Sousa, eram quinhentos. E os Fidalgos que o acompanháram foram Fernão de Sousa de Tavora, Francisco de Sá dos oculos, D. Diogo de Almeida Freire, Martim Correa da Silva, Manoel de Sousa de Sepulveda, Antonio Moniz Barreto, e outros. Cap.* 10. *do liv.* 9. Francisco de Andrade *diz, que os soldados espingardeiros eram cento, e de cavallo cincoenta Fidalgos, e gente nobre, a que Badur mandou dar os cavallos. Cap.* 11 *da* 3. *Parte.*

mãi, e familia, e correo alguns lugares de ſeu Reyno, de que achou alguns ſerem leaes, e eſtarem as fortalezas por elle; e dos que eſtavam pelos Mogoles ſoube, que tinham mui fracos preſidios, e que os poderiam facilmente cobrar. Porque como os Mogoles não fazem longa habitação nos lugares, aſſi não occupam gente militar, de que tem neceſſidade, em preſidios, e os que deixáram eram de pouca gente, e eſſa mal provída, por não ſerem elles ſenhores do campo, e terem longe o ſoccorro. Mas como ElRey não hia fazer guerra, nem a reſtituir-ſe de alguma maneira, ſenão a dar viſta de ſi a ſeus vaſſallos, nem levava campo formado, e lhe deram novas que os Mogoles abalavam contra elle com grande exercito de pé, e de cavallo, não ſe atrevendo a pelejar com elles, determinou retirar-ſe a Dio. Mas animado per Martim Affonſo de Souſa [a], com ſeu conſelho ſe ſubio a hum monte vizinho, para onde ſe recolhia grande multidão de gente, que vinha fugindo dos Mogoles, a qual Martim Affonſo fez reter, e alojar ordenadamente, e no cume do monte mandou plantar as inſignias Reaes; porque vendo-as o inimigo, e cuidando que aquella gente era de guerra, não ouſaria commetter o monte. Reſpondeo o ſucceſſo

ao

a Diogo do Couto *no cap.* 10. *do liv.* 9.

ao diſcurſo de Martim Affonſo, porque logo appareceo no campo hum irmão d'ElRey dos Mogoles com oito mil de cavallo, que eſtando em Abmadabad, teve aviſo de como Badur andava pelo Reyno con pouco poder, e vinha com aquella gent escolhida para o prender. E como chegou áquelle campo, e vio ſobre o monte as inſignias Reaes, e tanta multidão de gente parecendo-lhe que toda era de guerra, fc dando viſta pelo pé do monte, e ſahindo ſe do campo. Martim Affonſo contra vontade d'ElRey com os poucos da ſua companhia deſceo a baixo para reconhecer caminho que levavam os inimigos, e os vi entrar per algumas Aldeas, e queimallas e não podendo remediar aquelles damnos por não ter gente, tornou-ſe a ElRey, qu ficou no monte aquella noite com grande vigias. E ſabendo que os Mogoles ſe hiam recolhendo, mandou alguns Capitães que o ſeguiſſem té de todo ſe ſahirem do Reyno E receando-ſe de outra volta, ſe recolheo Dio mui ſatisfeito dos Portuguezes, que acompanháram, aos quaes fez muitas mercês

[a] Sabendo o Governador que os Mogoles ſe moviam, receou que foſſem ſobre Baçaim, e o tomaſſem, pelo que mandou Garcia

a Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 12.. *do liv.* e Franciſco de Andrade *no cap.* 12. *da* 3. *Parte.*

cia de Sá que fosse para lá, e lhe deo quatrocentos Portuguezes que fossem com elle, e assi lhe mandou, que entretanto ajuntasse os materiaes necessarios para elle ir fazer naquelle lugar huma fortaleza como se acabasse a de Dio. Estando Garcia de Sá em Baçaim, chegou Gaspar Preto que vinha do Nizamaluco sobre deixar a guerra de Cambaya, o qual lhe deo novas, que vindo de lá para Dio, soubera que hia hum Capitão d'ElRey dos Mogoles sobre Baçaim com vinte mil de cavallo, e gente de pé sem conto para o tomar, e dallo a Melique Liaz, que se lançou com ElRey dos Mogoles, como fica dito atrás. E que os corredores desta gente chegáram tão perto delle, que lhe cativáram algumas pessoas de sua companhia, pelo que lhe fora forçado deixar o caminho que levava, e ir a Damam, e dalli viera per mar a Baçaim. Garcia de Sá, que já ouvíra esta nova, ficou mui triste quando vio que a confirmava Gaspar Preto, com cujo parecer, e de outros muitos, determinou de não esperar os Mogoles, vindo já tão perto, porque lhes parecia temeridade, não sendo mais de quatrocentos, e os inimigos sem conto, esperallos em campo, polo que se apercebeo para embarcar-se, e ir-se. A gente da terra, e os mercadores estrangeiros que ahi residi-

diam, e se tinham por seguros com a presença de Garcia de Sá, se deram por perdidos, e tudo eram lamentações, e alaridos das mulheres, e meninos quando viam entrouxar os Portuguezes.

Antonio Galvão que alli estava, vendo a grande quebra, e descredito que era para os Portuguezes irem-se daquella maneira, principalmente em tempo em que toda a confiança d'ElRey de Cambaya estava nelles, parecendo-lhe mal aquella determinação, fez huma falla a Garcia de Sá, dizendo-lhe, que não lhe podia negar, que quando alli veio para defender Baçaim dos Mogoles, não sabia que os homens que trazia não eram mais dos que agora eram em respeito dos inimigos. E que nesse tempo imaginára mui bem quantos haviam de ser, pois queriam tomar aquella terra, a que o Governador o mandára para lhes resistir. E que tambem lhe não negaria, que bem sabia quando alli o mandáram, que não tinha onde se defendesse, senão no campo pelejando. E que pois se então não escusára de acceitar essa empreza, podendo-o fazer sem deshonra, pois ninguem o sabia, que não era decente escusar-se agora com ...ar deshonrando a si, e aos Portuguezes com tamanho descredito, pois era em público; e que por sustentar o credito que seus passados tinham ga-

ganhado na India á custa do sangue de tantos, cumpria a serviço de Deos, e d'El-Rey, e da sua Patria não degenerar delles, e alli perder as vidas, que duram tão pouco, e que assi lho requeria o fizessem: quanto mais, que sem as perder, se poderiam defender com a artilheria, e espingardaria que tinham, que lhe defenderiam a dianteira, e as costas o mar, e brevemente fariam huma tranqueira da muita madeira que alli tinham, que com huma cava ficaria fortissima. A gente plebea não approvava o que Antonio Galvão dizia; mas primeiro que Garcia de Sá lhe respondesse, começáram de dizer, que o que Antonio Galvão dizia era escusado, o que elle sentio muito, vendo que se não punha em prática o que havia proposto. Mas Garcia de Sá, a quem aquelle conselho pareceo bem, lhe louvou as razões que deo, e lhe pedio tomasse a seu cargo fazer ametade da tranqueira, e assi a fez. A gente da terra, e os estrangeiros se ajuntáram com Garcia de Sá, e o ajudáram. O Capitão dos Mogoles sabendo quão fortalecidos os Portuguezes estavam, deixou a ida de Baçaim, e tornou-se, no que os Portuguezes ganháram muito credito, e honra, a qual toda se attribuhio a Antonio Galvão, que deo o conselho. Vindo á noticia de Mirao Muhmald sobri-

brinho d'ElRey de Cambaya, que os Mogoles não ousáram ir a Baçaim, e que elle não tinha já que fazer na fronteria de Damam, estando amigo com o Nizamaluco, e que ElRey dos Mogoles era ido caminho de Bengála, e a gente que deixava em algumas forças de Cambaya não era bastante para lhe impedirem andar pelo Reyno com a que elle tinha, e com outra que lhe Soltam Badur mandou, e com a que lhe Nizamaluco deo, lhes fez logo guerra, e lhes tolheo os mantimentos, de que tinham muita falta, por não estarem senhores do campo, de maneira, que foram alargando as fortalezas, e se foram huns para suas terras, outros para Emirzaman cunhado de seu Rey, que se passou a ElRey de Cambaya; e acudindo-lhe dahi adiante mais gente, poz a cousa em estado, com que Badur depois cobrou todos os seus senhorios.

CAPITULO XVII.

Como Soltam Badur se arrependeo de dar a fortaleza de Dio aos Portuguezes, e quizera fazer entre ellas, e a Cidade hum muro, com que a cegára: e como o Governador o pacificou, e se foi à Goa.

SEndo Soltam Badur naturalmente de sua condição inquieto, e inconstante, que lhe não durava muito huma vontade, e esta-

va

va já desapressado do Nizamaluco, e em esperanças de o ser dos Mogoles, quando vio a fortaleza de Dio acabada, arrependeo-se em grande maneira de a ter concedida aos Portuguezes; e já que a não podia desfazer, determinou de a cegar, com mandar fazer hum muro entre ella, e a Cidade de maneira, que a Cidade não ficasse subjugada da fortaleza, com tenção que, ido Nuno da Cunha, faria no muro baluartes, com que pudesse bater a fortaleza, e tomalla. Com esta determinação mandou dizer ao Governador por Nina Rao Capitão de Dio, que havia de fazer o muro. O Governador, havendo conselho com seus Capitães, assentáram, que Fernão Rodrigues de Castello-branco lhe fosse dizer, que a fortaleza era sua, e elles seus, que por isso era escusada aquella parede. ElRey lhe respondeo, que aquella parede queria fazer para evitar escandalos entre os seus, e os Portuguezes, e não se quebrar a amizade que tinha com ElRey de Portugal. E passando alguns recados de parte a parte, mandou dizer ao Governador, que elle não se obrigára pelo contrato das pazes a ser sujeito a Portuguezes, senão a dar-lhe lugar para huma fortaleza, e que elles o queriam forçar a que não fizesse huma parede em sua terra; e porque Fernão Rodrigues levava ordem do Governador, que insistin-

do ElRey em fazer a parede, o desenganasse, que o Governador lho não havia de consentir, elle o fez assi, de que Badur ficou mui resentido, parecendo-lhe que era grande quebra sua tão secco desengano, e bem se entendeo delle, que se pudéra, logo se vingára do Governador. Mas como tinha pouco poder, e ainda os Mogoles andavam em Cambaya, dissimulou este odio, determinando de tomar-lhes a fortaleza a seu tempo.

Estando alguns dias, que de arrufado se não víra com o Governador, lhe mandou dizer por Nina Rao, que lhe désse a gente que lhe promettêra para ir contra os Mogoles; e escusando-se elle disso, por ser inverno, e dilatando-o para o verão seguinte, com receio que dando-lha, a matasse á traição: queixou-se ElRey muito de lhe o Governador não cumprir o contrato, dizendo, que elle buscaria seu remedio; e fez com Nina Rao que dissesse ao Governador em segredo, como de seu, que ElRey Badur queria ir-se para Méca, para que entendesse o Governador que sua ida sería para trazer soccorro do Turco. E posto isto em conselho, crendo todos que sería assi, segundo ElRey era voluntario, e determinado, assentáram, que convinha detello por a divisão que havia em Cambaya. E fazendo

do o Governador que ſe viſſem ambos, por ElRey eſtar na quintã de Melique Az, viram-ſe na ponta de Dio, aonde o Governador foi em huma fuſta, e com elle Martim Affonſo de Souſa, Manoel de Souſa, D. Gonçalo Coutinho, Fernão Rodrigues de Caſtello-branco, e João da Coſta Secretario do Governador. ElRey eſperou em outra fuſta, acompanhado de quatro, ou cinco Senhores grandes de ſeu Reyno.

O Governador ſe metteo na fuſta d'ElRey, e ambos na popa, ficando os Fidalgos, e Senhores de fóra. Alli fez ElRey huma longa prática ao Governador toda de queixumes de lhe não cumprir o contrato, como elle cumprio. E por o Governador eſtar doente, pedio a ElRey que permittiſſe reſponder por elle Fernão Rodrigues, que ſabia bem daquelle negocio; o qual lhe diſſe, que S. A. era o que não cumpria o contrato, porque lhe concedêra huma fortaleza, e a víra fazer, e agora lhe tirava os olhos, e a viſta, pois com a parede ficava céga, e imperfeita, e differente das outras fortalezas; e que as doações, que os Principes faziam, ſe entendia per direito de todas as gentes, que haviam de ſer largas, e liberaes, e não diminutas, e inutiles, que não honraſſem a quem as dava, nem aproveitaſſem a quem as recebia. E que a for-

taleza era para S. A. tão proveitoſa, como para os Portuguezes, que já eram ſeus, e eſtavam alli para o ſervir, e morrer em ſua defensão quando cumpriſſe. E que a gente que lhe pedia, que ainda que lha agora déſſe, não podia fazer com ella couſa alguma, porque por ſer inverno não podia eſtar em campanha, que no verão, quando lhe poderia ſervir, lha daria quanta quizeſſe. E que o meſmo fizera, ainda que não eſtivera capitulado no contrato, por a vontade que tinha de o ſervir, e que não cuidaſſe outra couſa. Com aquellas razões, e outras ſe abandonou ElRey, e prometteo de ſe vir para a Cidade, dizendo, que não hia logo, porque não cuidaſſem os Mouros que o levavam forçado. E o Governador ſe tornou, e ao outro dia ſe foi ElRey para a Cidade como tinha promettido, e ſe reconciliou còm o Governador, ainda que não de coração, porque determinava de lhe tomar a fortaleza como viſſe tempo.

Havendo pois o Governador fundada a fortaleza, e eſtando de acordo com Soltam Badur, e deixando Manoel de Souſa bem provído de gente, mantimentos, e munições, e do mais que cumpria para ſua defenſa [a], antes de ſe partir para Goa, teve com

a Deixou o Governador por Capitão do baluarte do mar a Lionel de Souſa de Lima com trinta eſpingardeiros. E a Antonio da Veiga Feitor, e Alcaïde mór. A Pedralva

com ElRey todos os cumprimentos devidos, dizendo-lhe, que alli deixava Manuel de Souſa com toda aquella gente, e armas, mais para o ſervir, que para guarda da fortaleza, e que iſſo era o que lhe deixava mais encarregado; e que todas as vezes que foſſe neceſſario acudir elle Nuno da Cunha em peſſoa com todo o Eſtado da India, o faria por o ſervir. E que hia contente de ſi, por ver que já tinha cobrado parte de ſeu Reyno; e que eſperava em Deos, que por aquelle ſerviço que fizera a ElRey ſeu Senhor, em lhe dar lugar para aquella fortaleza em Dio, ſería cauſa para elle Soltam Badur ter mais ſeguro, e mais quieto dahi em diante o ſeu Eſtado. Com eſtes offerecimentos, e outros neceſſarios ao tempo, ſe deſpedio d'ElRey, ficando ambos muito amigos. Nina Rao o tio d'ElRey Capitão de Dio, receando-ſe que não faltaſſe hum achaque, com que ElRey hum dia o mandaſſe matar, como tinha feito a muitos,

pe-

res de Almeida Ouvidor. No rio deixou duas albetoças, huma caravella, huma galé, e quatro catures para o ſerviço; e na fortaleza ſeſſenta peças de artilheria, a melhor que então havia na India. Na Igreja, (que ſe fez no alto da fortaleza, e tão forte, que della podia jogar a artilheria, ſendo neceſſario,) poz Vigario com ſeis Sacerdotes. Fez pagamento a toda a gente de ſeis mezes, e entregou ao Feitor dez mil pardáos para o que foſſe neceſſario, e para ſe continuar com as obras da fortaleza. Franciſco de Andrade *cap. 17. da 3. Parte.*

42671

pedio a Nuno da Cunha em muito ſegredo, que deixaſſe dito a Manoel de Souſa, que, ſendo-lhe neceſſario, o recolheſſe a elle com ſua mulher, e filhos, e familia na fortaleza, porque ſe temia da inconſtancia d'El-Rey, e que elle o ſerviria. Nuno da Cunha o deixou mui encarregado a Manoel de Souſa, folgando muito de ter por amigo hum homem tão principal como aquelle. Ordenadas todas eſtas couſas, partio Nuno da Cunha de Dio a 20. de Março do anno de 1536., e foi a Baçaim, onde chegou com toda ſua Armada; e vendo a tranqueira que ſe fez por conſelho de Antonio Galvão, gabou-a muito, e foi ver o ſitio onde ſe havia de fazer a fortaleza, a qual começou logo; e por fazer honra a Antonio Galvão, quando ſe abríram os aliceces, mandou-lhe que déſſe elle as primeiras enxadadas, e que puzeſſe a primeira pedra, e deixando Garcia de Sá para acabar a obra, partio-ſe para Goa, onde foi recebido com muita alegria, por deixar mais duas fortalezas de huma viagem, tão importantes como a de Dio, e a de Baçaim, accreſcentadas ao eſtado da India.

CAPITULO XVIII.

Como Garcia de Sá Capitão de Malaca, por engano d'ElRey de Achem, lhe mandou Manoel Pacheco em hum galeão á boa fé: e elle, e os que levava foram mortos á traição.

GUardando a ordem, com que começámos de tratar das cousas de Malaca, e Maluco apôs as da India, das quaes por as não interromper, ha muito que não fallamos, he tempo de relatarmos o que naquellas partes succedeo. Dito temos atrás, como em tempo de Lopo Vaz de Sampayo foi morto Simão de Sousa Galvão, indo para servir de Capitão mór do mar de Maluco, com a maior parte dos que levava, e outros ficáram cativos, e entre elles Jorge de Abreu, e Antonio Caldeira. Feita aquella maldade por ElRey de Achem, e fingindo elle que lhe pezava daquelle successo, não satisfeito com tão pequena preza, mandou dos cativos tres a Pero de Faria Capitão que então era de Malaca, dizendo, que elle folgaria de ter paz com Malaca, e queria tornar-lhe a galé, e os cativos que lá tinha, para o que lhe enviasse alguma pessoa para assentar esta paz com elle, e lhe então fazer entrega de tu-

tudo [a]. Pero de Faria vendo quanto importava á navegação de Malaca ter paz com aquelle Rey, que hia crescendo em poder, e que não lhe faltava mais para fazer-se Senhor da maior parte de Samatra, que tomar o Reyno de Arú vizinho de Malaca, com o qual elle então estava de guerra, houve que Deos lhe movia o animo para nosso beneficio na paz que commettia, e logo mandou armar huma lanchara com alguns Portuguezes sómente para saber se era verdadeira aquella sua tenção, para nisso prover conforme ao que achasse nelle. Os Portuguezes foram mui bem tratados delle, e lhe

[a] *Tendo o Achem aviso que em Malaca estava hum Embaixador d'ElRey de Arú, amigo dos Portuguezes, que vinha pedir soccorro contra elle ao Capitão Pero de Faria; e sabendo que se aprestava o soccorro, receando que com elle lhe faria muita guerra ElRey de Arú, para o estorvar mandou Antonio Caldeira, offerecendo a paz, com as condições referidas, que parecendo-lhe a Pero de Faria que dellas ganhava mais que no soccorro d'ElRey de Arú, deixou de lho dar, posto que com grande contradicção de Martim Correa, que conhecendo as traições do Achem, lhe aconselhava que não deixasse de dar soccorro ao Arú pelas falsas promessas do Achem. Mas persuadido Pero de Faria de Antonio Caldeira, espedio ao Embaixador d'ElRey de Arú sem soccorro, e mandou dous homens a Malaca a tratar das pazes, que aportáram a huma Ilha na costa do Achem, onde foram mortos. E ao Arú mandou Fernão de Moraes em hum galeão a dar-lhe satisfações de o não ajudar naquella occasião contra o Achem, que foram d'ElRey mal recebidas.* Fernão Lopes de Castanheda *cap. 83. do liv. 7.* Diogo do Couto *Dec. 4. liv. . cap. 8* Francisco de Andrade *2. Parte cap. 37.*

e lhe deo grandes dadivas, que confirmavam o que elle mandára dizer a Pero de Faria. Mas como elle era traidor, e ſem fé, mandou ſaltar com elles ao caminho, e foram todos mortos, e a lanchara mettida ao fundo, porque não appareceſſe."

E havendo ſeis mezes que tinha iſto feito, ſendo já Garcia de Sá Capitão de Malaca, que ſuccedeo a Pero de Faria, eſcreveo-lhe eſte Mouro huma carta com ſobreſcrito para Pero de Faria, em que lhe dizia, que havendo tanto tempo que lá mandára huma lanchara com certos homens ſobre o negocio da paz que queria ter com elle, eſtando eſperando por ſua reſpoſta té então não víra ſeu recado. E porque elle eſtava na meſma vontade, lhe pedia mandaſſe lá alguma peſſoa notavel para iſſo, por não irem, e virem recados, e fez eſcrever a Jorge de Abreu, e aos outros Portuguezes

a *Eſtes Portuguezes diz* Diogo do Couto, *que foram mandados por Garcia de Sá em companhia de hum Embaixador do Achem, per quem elle mandou pedir pazes a Garcia de Sá, com as condições que offerecêra a Pero de Faria. O qual Embaixador entrou com grande apparato em Malaca, ſobre hum elefante, com hum prato d'ouro nas mãos, em que levava a carta d'ElRey do Achem para o Capitão, e diante delle hia hum homem como Rey d'armas, que ao ſom de alguns inſtrumentos publicava em alta voz que ElRey do Achem mandava commetter pazes; e amizades aos Portuguezes.* Diogo do Couto *cap. 9. do liv. 6.* Franciſco de Andrade *cap. 46. da 2. Parte.* Fernão Lopes de Caſtanheda *cap. 99. do liv. 7.*

zes que lá tinha cativos, quanto elle desejava a paz, e que logo os soltaria. E que a causa principal por que a desejava era por ter guerra com ElRey de Arú, e queria favorecer-se com Malaca, e ter os Portuguezes por amigos. E como homem falso que era, neste tempo tratava estes cativos com muito mimo, para elles escreverem a Garcia de Sá este bom tratamento, e debaixo desta simulação armava a traição mais a seu proposito, como aconteceo, posto que o caso mais foi descuido, e simplicidade dos nossos, que astucia sua.

Porque vendo Garcia de Sá este recado, parecendo-lhe que não havia outra maior verdade, segundo lhe os nossos escreviam, mandou apparelhar o galeão S. Jorge, que era de duzentos toneis, armado com sete bombardas grossas, tres falcões, e vinte berços, e muitas panellas de polvora, com oitenta e cinco Portuguezes, os principaes de Malaca, ordenado tudo com cautela de as lancharas deste tyranno lhe não poderem fazer damno. Deste galeão mandou Garcia de Sá por Capitão a Manuel Pacheco, que era mui bom cavalleiro, o qual com seu descuido o foi entregar ás lancharas de Achem, assi como hia armado. Porque chegado ao porto de Achem, hum pouco ao mar, por lhe calmar o vento, vieram logo a elle algu-

gumas lancharas da parte d'ElRey saber quem eram, e o que queriam. Ao que elle respondeo o a que vinha, e que ao outro dia, senão ventasse, lhe mandasse lancharas para o rebocarem, e metterem no porto. ElRey como isto lhe vinha á popa do que tinha ordenado, mandou logo soltar suas lancharas, com alguns baileus altos, que andam no meio dellas, donde pelejam á maneira das redes que cá usamos, e os remeiros ficam per baixo, e todos com grandes festas, mostrando que o faziam por honra dos nossos. Muitos que não eram acostumados á guerra das lancharas, quando as víram, espertáram os Capitães, dizendo, que lhes não parecia bem aquelle modo de festa, que por qualquer maneira que fosse, os deviam de receber armados, e postos em ordem de peleja. O Capitão Manuel Pacheco, a quem parece que sua hora o enganava, e assi a de muitos que alli eram, começou a bradar que se não armassem, que damnavam todo o concerto, e ordem que levava de assentar a paz, que o não deshonrassem, e se deixassem estar, nem fizessem alvoroço, porque na desconfiança que mostravam, damnavam o a que vinham. E como homem que recebia irmãos, e não inimigos, deixou-se estar cégo, e contumaz naquella persia de maneira, que o galeão fi-

ficou per todas partes cercado, e dos baileus saltáram os Mouros dentro, ferindo alguma gente: quando Manuel Pacheco acordou daquella modorra que tinha, foi o primeiro que os Mouros matáram ás frechadas, sem elle ter arma na mão com que se defender. O mesmo aconteceo aos outros, que estavam na propria cegueira. Os que se puzeram em defensão, eram tão poucos em respeito do grande número dos inimigos, que quasi todos morrêram [a]. O galeão foi apresentado a ElRey com muita festa, que para os cativos que estavam esperando sua redempção foi a mesma morte, e então entendêram que o bom tratamento que lhes dantes fizeram era para aquelle fim.

O tyranno como vio que por fabricar aquella maldade havia de ficar perpetuamente em nosso odio, assentou pazes com ElRey de Arú, com fundamento que com seu favor, e com ajuda de outros Mouros vizinhos, com que naquelle tempo estavamos de guerra, podia tomar Malaca. Esta pertenção lhe facilitava hum Mouro honrado de Malaca, por nome Sinaia Raja, que ácerca dos Malaios tinha muita authoridade,

[a] *Os que escapáram vivos foram levados com o galeão a ElRey, que os mandou matar, e aos outros Portuguezes da galé de Simão de Sousa, que tinha cativos.* Fernão Lopes de Castanheda *cap. 99. do liv. 7.*

de, com quem eſte Rey de Achem ſe carteava, e por cujo conſelho, e inſtrucção tomou o galeão per aquelle engano; o qual lhe mandou dizer, que buſcava tempo para lhe dar nas mãos a fortaleza de Malaca, como lhe dera o galeão, e a galé. E correo muito riſco de ſer aſſi, ſe a couſa ſenão deſcubríra por os meſmos Malaios. Porque andando muitos Mouros de Achem de Armada ao longo da coſta de Malaca [a], ajuntáram-ſe alguns Malaios com os Achens, onde chamam o Tanque, e alli fizeram hum banquete, em que os Achens, depois de ſe eſquentarem com o vinho, contáram aos Malaios como por inſtrucção de Sinaia, El-Rey de Achem tomára o galeão, e como mandára matar no mar ſecretamente o Embaixador de Pero de Faria para mais diſſimulação, e tinham concertado de tomar a fortaleza em hum certo dia, ao tempo que Garcia de Sá eſtiveſſe na Igreja com toda a gente. Diſto foi logo aviſado Garcia de Sá per alguns daquelles Malaios, que eram ſeus amigos, e aſſentou de matar Sinaia com o menos alvoroço que pudeſſe ſer. Polo que logo o mandou chamar, e vindo com hum ſeu enteado por nome Tuam Mahamed, e dando-lhe razão do que tinha ſabi-

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 10. *do liv.* 7. *e* Diogo do Couto *no cap.* 7. *do liv.* 5.

bido da ſua traição, lhe mandou atar as mãos atrás, e lançallo da torre de homenagem abaixo, e assi foi morto. A Tuam Mahamed que não tinha culpa consolou, e acompanhado o mandou para ſua caſa, o qual com ſua mãi, e com toda ſua fazenda o mais ſecretamente que pode ſe ſahio de Malaca, e ſe foi para ElRey de Ujantana. Os Malaios ficáram eſpantados, e comparavam aquelle caſo ao de Utimuta Raja, em tempo de Affonſo d'Alboquerque, e diziam, que os Portuguezes ſabiam muito, que não ſe lhes eſcondia nada. E deſta morte de Sinaia Raja ficou ElRey de Achem muito triſte, por ſe deſcubrir o que tinha feito, e o que pertendia fazer.

CAPITULO XIX.

Como Gonçalo Pereira indo a Maluco mandou viſitar a ElRey de Borneo: e como chegando a Ternate, a Rainha lhe mandou pedir juſtiça de D. Jorge de Menezes, e que ſoltaſſe ſeu filho.

GOnçalo Pereira [a], que ElRey D. João mandou deſte Reyno provído da capitanía de Maluco, havendo de fazer ſua viagem, o Governador Nuno da Cunha lhe ... deo

[a] *Eſte Capitulo, e os dous ſeguintes, e o Capitulo vinte e quatro, ſe ampliáram quanto pareceo neceſſario, por deixar* João de Barros *eſcrita a ſubſtancia delles em mui poucas regras.*

deo regimento, que de Malaca fizesse seu caminho pela Ilha de Borneo, para de sua parte visitar a ElRey, e tomar alli alguma mercadoria necessaria para Maluco. E partido elle de Malaca em Agosto de 1530, fazendo seu caminho per entre muitas Ilhas, chegou ao porto da Cidade de Borneo, da qual como mais principal se denomea toda a Ilha, e logo mandou hum presente a ElRey per Luiz de Andrade, que hia por Alcaide mór da fortaleza de Ternate, e dizer-lhe, que ElRey de Portugal, e o seu Governador da India o mandava alli para o servir no que lhe mandasse, porque desejava muito sua amizade, e que seus vassallos fossem tratar a Malaca, como hiam d'antes, onde seriam mui bem recebidos, e tratados, e que os Portuguezes fossem a seus portos, e tivessem nelles commercio. Com o recado do Governador mostrou ElRey muito gosto, e respondeo a elle com muitas palavras de agradecimentos, e offerecimentos de sua amizade, e de fazer tudo o que se lhe pedia; e despachado em breve Luiz de Andrade, mandou com elle dous Mandarijs visitar a Gonçalo Pereira, e levar-lhe hum presente.

Era este Rey de Borneo na seita Mouro, como tambem eram os seus, rico, e poderoso, e que se servia com grande esta-

do;

do; tinha hum Governador, que por elle regia o Reyno, a que em sua lingua chamam Xabandar. São os daquella Ilha gente báça, mas bem dispostos, no trajo dos vestidos, e lingua são como os Malaios. [illegible] terra mui abastada de carnes, arroz, e [illegible]tros muitos mantimentos, e de mercadorias da terra de muito preço. Nascem nella pelas praias do mar junto da Cidade de Tanjapura diamantes mais finos, e de maior valia que os da India [a], e per toda ella nasce a verdadeira canfora em arvores, como na Europa nasce a resina, e esta he a que na India tem grande preço, que a que lá vai da Persia he falsificada [b]. A Cidade de Bor-

a Em duas partes da India se acham Diamantes, em Bisnagá, e no Decan na terra de hum Senhor Gentio, perto do Estado do Madre Maluco. Em Bisnagá ha duas, ou tres rocas, ou minas delles, e no Decan huma, que chamam a Roca velha, cujos diamantes são melhores, posto que não tão grandes como os de Bisnagá. Estes de Tanjapura na Ilha de Borneo são de muita estima por sua perfeição, como diz João de Barros, *mas pézão muito. Criamse nestas rocas os diamantes em espaço de tres annos. Os Arabios, e Mouros lhe chamam Almaz: os Gentios de Bisnagá, e Decan, Irá: e os Malaios, Itam. Não se abranda, nem se lavra o diamante com sangue de cabrão, não tira a virtude á pedra de Cevar, com qualquer martello, e pouca força se quebra, e os seus pós não são peçonha, nem matam, contra o que escrevem Authores graves, e a vulgar opinião.* Garcia d'Orta *no livro dos simples, e drogas da India, Colloquio* 43.

b A Canfora, a que chamam os Arabios Cafur, e fur, he huma goma de arvores grandes, altas, e [illegible] da feição da Nogueira, que tem a folha branca como a da

Borneo he grande, cercada de muro de ladrilho, de nobres edificios, onde os Reys residem, e tem huns paços sumptuosos. Habitam em Borneo, Lave, Tanjapura, Moc[illegible], Ceravá portos principaes desta Ilha, [illegible]os, e mui ricos mercadores, que tratam em Malaca, Samatra, Sião na China, e outras partes, a que levam diamantes, canfora, páo de aguila, e mantimentos, e hum vinho que chamam Tampor, que he o melhor que ha entre os artificiaes.

Daquella Cidade partio Gonçalo Pereira, deixando ElRey muito amigo, e chegou a Ternate em Outubro do anno de 1530. D. Jorge de Menezes quando soube que Gonçalo Pereira hia provído da capitanía de Ternate por ElRey, e que levava comsigo Lionel de Lima, que era seu inimigo, temeo que per elle seria mexericado com o Governador, e se deo por prezo; e para não ficar tão affrontado, se o fosse,

Salgueiro, e a madeira como a da Faia. Acha-se na China, e em Borneo: esta não se traz á Europa por haver della mui pouca, e ser dos Borneos tão estimada, que val huma libra della quanto val hum quintal da Canfora da China. Est[illegible] á Europa em pães, que péza cada hum delles qua[illegible]o onças, e a de Borneo he toda em grãos apartados p[illegible] huma jueira de cobre, per que se jueira o Aljof[illegible] o maior delles péza hum adarme. Tambem se acha [illegible]ra em Pacem, e em Bairros perto de Malaca. Gar[illegible]a *Colloquio* 12. *e* Christovão d'A[illegible]sta *no tratado das Drogas, cap.* 33.

ſahindo receber a Gonçalo Pereira, depois de lhe entregar a fortaleza, e as chaves della, e a ElRey Cachil Daialo, tomou na mão huns guilhões, que lhe levava hum criado debaixo da capa, e diſſe a Gonçalo Pereira, que ſe tinha neceſſidade daquelles ferros para lhos lançar, alli os trazia, e eſtaria mui obediente para os receber. Ao que reſpondeo Gonçalo Pereira, que elle não vinha para o anojar, ſenão para o ſervir no que pudeſſe, cumprindo a obrigação de ſeu cargo. Com iſto entráram na fortaleza, onde D. Jorge banqueteou a Gonçalo Pereira, e deixando-o nella, ſe foi para ſua pouſada, que já tinha fóra della.

Tanto que a Rainha ſoube da vinda de Gonçalo Pereira, ella, e os Mandarijs que com ella ſe ſahíram da Cidade, lhe mandáram hum Mandarin, homem prudente, e que bem fallava a lingua Portugueza, o qual lhe fez hum grave razoamento ſobre as grandes injurias que os Portuguezes lhe fizeram, recontando juntamente os beneficios que dos Ternates recebêram, recolhendo-os elles com muito favor, e amizade por a fama que delles havia de esforço, e juſtiça; pelo que ElRey Boleife lhe deo ſitio para fazerem ſua fortaleza, ſem outro intereſſe mais que o goſto da ſua amizade. E que em pago deſtas boas obras, a mulher,

lher, e filhos do meſmo Rey, e ſeus vaſſallos, vieram ſer tão perſeguidos dos meſmos Portuguezes, que deixadas ſuas caſas, e a terra em que naſcêram, foram buſcar outras; de maneira, que cuidando que mettiam amigos comſigo, ſe acháram com inimigos, e como taes os tratáram. Porque a ElRey Bohaat filho maior do meſmo Rey Boleiſe, que os agazalhou, contra direito da hoſpitalidade, que todas as gentes, por féras, e barbaras que ſejam, reconhecem, ſendo moço, e innocente, o prendeo Antonio de Brito ſem cauſa; e depois ſuccedendo D. Garcia Henriques, não o quiz ſoltar, e D. Jorge de Menezes proſeguio na prizão do dito Rey té que morreo nella. E para que ſempre tiveſſe prezo hum Rey de Ternate, morto Bohaat, prendeo a ElRey Cachil Daialo ſeu irmão, ſem mais culpa que haverem agazalhado os Portuguezes. Do qual D. Jorge recebêram tantas injurias, que não as podendo ſoffrer, mudáram a terra, e o eſtado, porque a Cachil Vaidua tio d'ElRey, e Caciz mór, depois de D. Jorge o prender por huma couſa tão vil como he huma porca, ſendo do ſangue Real, e de tanta dignidade, por menos preço de ſua peſſoa lhe untáram ſeu roſto com huma poſta de toucinho, por ſer carne entre elles abominavel, o que foi injúria

 com-

commum de todo o povo, por ser contra os preceitos de sua lei, e para lhe não faltar genero de crueza, que não fizesse, sendo o Regedor de Tabona homem de tanta estima, e authoridade, o mandára o mesmo D. Jorge com as mãos atadas deitar a seus cães, que com espanto dos que o víram morrer a huma morte cruel, e para magoar à seus mesmos inimigos. E que sobre este, e outros muitos excessos que fizera, matára a Cachil Daroez irmão d'ElRey, e Governador do Reyno, e a pessoa principal delle, que tanto fizera por os Portuguezes se conservarem em Ternate, donde per muitas vezes foram lançados se os elle não defendêra. E que temendo a Rainha, e os nobres do Reyno, que tambem matasse a elles, se ausentáram da terra. Polo que a Rainha, e os Mandarijs se mandavam queixar a elle Gonçalo Pereira, e pedir-lhe lhes fizesse justiça de D. Jorge de Menezes, e lhes désse seu Rey para os governar, e manter em justiça, e para o casarem, e haver filhos que lhe succedessem. E a Rainha particularmente lhe pedia com grande instancia lhe deixasse lograr seu filho esses poucos dias que havia de viver, pois não tinha outro, e o maior lhe tiveram na prizão té a morte, sem haver delinquido.

Ouvido o Embaixador, Gonçalo Pereira

ja poz em conselho a soltura d'ElRey, em que houve differentes pareceres. Huns tinham, que lhes não cumpria soltallo, porque a Rainha, e os Mandarijs sentíram muito a prizão d'ElRey, a fóra os mais aggravos que lhes eram feitos, de que muito se escandalizáram; e que como tivessem solto ElRey, se levantariam para se vingarem dos aggravos passados, e evitarem outros de futuro. Outros dissèram, que antes para os desaggravar, e apaziguar se devia soltar ElRey, porque se Gonçalo Pereira continuasse na prizão d'ElRey, cuidariam que todos os Capitães lhes prenderiam seus Reys, e os haviam sempre de aggravar, e como desesperados trabalhariam de lançar fóra os Portuguezes, que eram tão poucos, que não poderiam resistir aos Mouros se se ajuntassem em huma vontade, o que estava certo ser, ainda que entre si estivessem discordes, por ser contra Christãos inimigos de sua lei, que os queriam dominar, e opprimir, e que em fim nenhum Imperio violento era muito duravel, e a longa paciencia dos males, que aquelles padeciam, tantas vezes offendida, se lhes tornaria em furor. E que se vissem que aquelle Gonçalo Pereira lhes soltava seu Rey, e não perseveravam nas sem razões dos Capitães passados, creriam que entre os Portuguezes havia homens humanos, e cle-

e clementes, de quem podiam esperar boa vizinhança, e bom tratamento, e assi lhes ganhariam as vontades, e teriam a terra pacifica, e quieta. Este parecer contentou a Gonçalo Pereira; mas assentou-se, que a soltura d'ElRey se dilatasse com algum pretexto honesto té se acabar a fortaleza para segurança dos Portuguezes. E assi a resposta que o Capitão deo ao Embaixador da Rainha, foi, que era contente de soltar a ElRey seu filho, e lho entregar, e fazer-lhe a vontade em tudo o possivel, que assi o queria ElRey de Portugal, e lho mandava o Governador, e que lhe pedia muito, que logo se tornasse com seus Mandarijs a Ternate, e que estivesse na amizade que antes tinham.

A Rainha não se aquietou com esta resposta, mas replicou que lhe désse primeiro seu filho, e então se iria para a Cidade. E havendo sobre isto muitas altercações de parte a parte, por remate dellas se assentou, que ElRey se entregasse como os navios partissem para a India, e que Gonçalo Pereira jurasse de o cumprir assi, o que fez nas mãos do Vigario sobre huma Cruz, sendo presentes os Officiaes da fortaleza, e os principaes Mandarijs de Ternate. Com esta promessa, e juramento fizeram os Ternates grande festa por a esperança da liberdade de

seu

ſeu Rey, e a Rainha com ſeus Mandarijs ſe tornou logo á Cidade. Gonçalo Pereira mandou viſitar a Rainha com hum bom preſente, e os Mandarijs principaes com outros, e recado que folgaria de os conhecer, ſervir, pedindo-lhes que o foſſem ver á fortaleza. Aos quaes indo lá fez muita honra, e gazalhado, e por contentar a Rainha, veſtio a ElRey de veludo de cores á Portugueza, e com certos Portuguezes que lhe ordenou para ſua guarda, fez que o levaſſem pela Cidade a ſe deſenfadar, do que todos ſe alegráram, parecendo-lhes que Gonçalo Pereira cumpriria ſeu juramento, a quem moſtravam ter amor. A eſte contentamento ſe accreſcentou fazer-lhes Gonçalo Pereira hum Governador do Reyno á vontade da Rainha, e dos Mandarijs, que ſe chamava Cachil Ato, da geração dos Reys. Neſte meſmo tempo, por ſe queixar ElRey de Tidore, que não podia pagar as pareas do cravo que lhe D. Jorge de Menezes impuzera, porque não lhe ficava de que ſe manter, lhas levantou Gonçalo Pereira té vir recado de Nuno da Cunha, por o que ficou muito ſeu amigo, e tambem ratificou as pazes com Fernando de la Torre Capitão mór dos Caſtelhanos, mandando-o elle viſitar da boa vinda.

CA-

CAPITULO XX.

Como Gonçalo Pereira prendeo a Dom Jorge de Menezes, e o mandou prezo á India, e executou hum regimento que o Governador lhe deo sobre a compra, e venda do cravo: e como a Rainha de Ternate o mandou matar.

VEndo Gonçalo Pereira a terra assocegada, e em paz, mostrando huma carta do Governador a D. Jorge, em que mandava lhe tomasse a homenagem, e prezo sobre ella se fosse apresentar ante elle na India, e tirasse devassa do tempo, que fora Capitão de Maluco, lhe tomou a homenagem perante os Officiaes da fortaleza; pedindo-lhe perdão, e desculpando-se de não poder al fazer, por lhe ser mandado. Quando os Portuguezes víram a prizão de Dom Jorge, feita com tanta quietação, e silencio, os que de si sabiam culpas, receáram de se tratar delles, e muito mais quando ao Feitor, e a outros Officiaes passados recenseáram suas contas. E per esta visita, que se fez dos Officiaes, se vio quão dissipada andava a fazenda d'ElRey; mas Gonçalo Pereira dissimulou então com tudo, por não haver outra gente para guarda da fortaleza. E como estes foram desenganados que aquel-le

ſe anno não haviam de ir á India, mandou apregoar o regimento que levava de Nuno da Cunha ſobre o cravo, que na ſubſtancia era o meſmo que D. Jorge de Menezes levava quando foi a Ternate, do que ſe cauſou grande eſcandalo nos Portuguezes, e nos Mouros; neſtes por ſe lhes tirar a liberdade de venderem ſuas novidades, como, e a quem quizeſſem; e nos Portuguezes, por lhes defender comprar aos Mouros, e ficarem neceſſitados comprarem da mão dos Officiaes d'ElRey per certo preço, ſem lhes ficar o ganho que antes tinham. Mas como per a diſcordia que ſempre havia entre o Capitão que entrava, e o que ſahia, ſe tramavam as couſas de maneira, que eſte regimento ſe não executava, vendo elles que por eſta cauſa ſe não deixaria de executar pela amizade, e conformidade que havia entre Gonçalo Pereira, e D. Jorge, determináram de metter entre elles tal zizania, que entendendo em ſi, ſe deſcuidaſſem dos outros, e da execução do regimento. Aſſi o fizeram, e com tanto artificio tramáram eſta tea, que vieram Gonçalo Pereira, e D. Jorge a grande odio, e a temerſe cada hum do outro. Polo que quando veio Fevereiro de 1531, tempo para partir para a India, entregou Gonçalo Pereira prezo D. Jorge de Menezes a Lio-

nel

nel de Lima, a quem deo as devaſſas que tirou, e carta para Nuno da Cunha, a quem tambem a Rainha de Ternate eſcreveo per dous criados que a iſſo mandou, pedindo-lhe juſtiça de D. Jorge. Elle foi ter á India, e Nuno da Cunha o mandou a Portugal, onde foi condemnado em degredo para o Braſil, e nelle morreo pelejando contra o Gentio. E eſte foi o primeiro caſtigo dado per culpas daquellas partes, ſendo eſte Fidalgo hum dos principaes que na India mereceo outro galardão.

Gonçalo Pereira como ſe vio deſembaraçado com a partida de D. Jorge de Menezes, entendeo com muita diligencia em acabar a obra da fortaleza, de que os Capitães paſſados ſe deſcuidáram [a]. Tambem executava a pragmatica do cravo com mais rigor, do que demandava tão pouco número de Portuguezes em terra tão remota, poſtos entre tantos inimigos, para o que havia miſter tellos contentes, e concordes. Polo

a Para eſta obra mandou Gonçalo Pereira Luiz de Andrade pedir madeira a ElRey de Tidore, que elle lhe deo com boa vontade. E porque o Regedor de Mequiem eſtava levantado, e não queria pagar as pareas que D. Jorge lhe puzera, mandou Gonçalo Pereira contra elle Vicente da Fonſeca, e Cachil Ato com armas, e gente. O Regedor fugio para Geilolo, cujo Rey, e Fernão de la Torre o reconciliáram com o Capitão; e tornando a ſeu Eſtado, pagou as pareas que devia. Franciſco de Andrade cap. *72. da 2. Parte.*

lo que indignados com eſtes rigores, e inſtigados de ſeu intereſſe, e ganho, que per tantos perigos, e tão longa peregrinação foram buſcar, não ſómente deſamavam ao Capitão, e lhe deſejavam a morte, mas lha procuravam, para o que perſuadíram á Rainha, e aos Mandarijs, que ſe não mataſſem a Gonçalo Pereira, elle tinha em tenção deſtruir a todos, e que fóra eſtava de ſoltar a ElRey.

A Rainha vendo que Gonçalo Pereira lhe não ſoltava ſeu filho como havia jurado, (o que elle deixava de fazer, por não ter acabada a obra da fortaleza, e receava que a eſtorvaſſe a ſoltura d'ElRey, e que tendo-o prezo o ajudariam os Ternates,) creo o que os Portuguezes lhe diziam, e determinou de mandar matar a Gonçalo Pereira. Para iſto lhe pareceo boa occaſião eſtar ElRey ſeu filho na fortaleza, e com elle ſeus irmãos, e muitos Mandarijs mancebos que hiam a folgar com elle, e o Governador Cachil Ato, aos quaes, pola continuação de irem, e eſtarem, não buſcavam ſe levavam armas, polo que as poderiam levar ſecretas. Vindo o dia da veſpora de Pentecoſte daquelle anno de 1531, em que eſtava aſſentado de matarem a Gonçalo Pereira, e a todos os Portuguezes, para ſe livrarem do ſeu jugo, que lhes era mui pe-

za-

zado; ſendo horas de féſta, e Gonçalo Pereira recolhido na ſua camara a repouſar, Cachil Ato ſe foi á fortaleza com Cachil Cabalou ſeu ſobrinho, e outros nove mancebos conjurados para aquelle feito. O porteiro conhecendo a Cachil Ato, e ſabendo que hia muitas vezes áquellas horas a fallar a Gonçalo Pereira, o deixou entrar, ſem o buſcar ſe levava armas, nem a algum dos outros.

Neſte tempo hia da fortaleza para a Cidade hum Portuguez, o qual vendo na Meſquita junto da fortaleza gente de armas, que alli eſtava recolhída para acudir a Cachil Ato, e ſeus companheiros, parecendolhe que não era ſem algum myſterio, fez volta á fortaleza. Os Mouros temendo que foſſem per elle deſcuberto, ſahíram alguns ao matar, e andando com elle ás cutiladas, huma eſcrava do Capitão que aſſomou a huma janella, e o vio, bradou que matavam os Mouros a hum Portuguez. Aos brados acordou Gonçalo Pereira, e com huma eſpada, e adarga abrio a porta da camara para ſahir fóra, e achou Cachil Ato, e os mais companheiros com ſeus criſes arrancados para o matar; e poſto que Gonçalo Pereira defendeo a entrada mui esforçadamente, os Mouros entráram pelo repartimento da camara que derrubáram, e com muitas

fe-

feridas matáram ao Capitão. Aos meſmos brados da eſcrava acudíram ſeus criados, dos quaes hum per nome Diniz de Araujo deo com huma chuça pelos peitos a Cachil Cabalou, que aſſi ferido, e atraveſſado o fério de maneira, que ambos cahíram mortos a hum tempo. Iſto ſe fez tão de repente, que os Mouros não tiveram tempo de fazer o ſignal que eſtava entre elles ordenado aos que eſtavam eſcondidos na Meſquita, e nos matos que cércam a povoação dos Portuguezes, que foi cauſa de ſe elles ſalvarem, e a fortaleza, e de ſerem mortos todos os Mouros que ſe acháram dentro, tirando ElRey, e tres irmãos ſeus, e Cachil Ato, para ſe ſaber por elles como fora a morte de Gonçalo Pereira, e ficarem em arrefens, para os Mouros não fazerem guerra á fortaleza, da qual logo Luiz de Andrade tomou as chaves, e ſe metteo em poſſe por ſer Alcaide mór della.

CA-

CAPITULO XXI.

Como Vicente da Fonseca foi feito Capitão de Ternate pelos inimigos de Gonçalo Pereira; e por a necessidade de mantimentos em que o poz a Rainha de Ternate, veio a soltar-lhe seu filho ElRey Cachil Daialo.

SEndo Luiz de Andrade Alcaide mór, e Feitor da fortaleza de Ternate, e tendo as chaves, e posse della, e Braz Pereira Capitão mór do mar, e parente do Capitão Gonçalo Pereira, contendêram ambos aquelle dia do insulto qual havia de ficar com a capitanía, allegando cada hum suas razões. Mas como homens sezudos, que procuravam o serviço d'ElRéy, concertáram-se, que delles dous fosse Capitão qual per mais votos fosse elegido, o que se determinaria o dia seguinte, que era do Espirito Santo. Tanto que os inimigos de Gonçalo Pereira souberam da eleição que se havia de fazer, ajuntáram-se aquella noite com o Vigairo da fortaleza, chamado Fernão Lopes, que era homem inquieto, e atrevido, e determináram de elegerem por seu Capitão a Vicente da Fonseca, que era hum delles; porque se faziam Luiz de Andrade, que era grande amigo de Gonçalo Pereira, e exe-

e executor da pragmatica do cravo, ficariam perdidos, pobres, e destruidos; e se elegiam Braz Pereira, era peor, por ser parente mui chegado de Gonçalo Pereira, que havia de querer vingar sua morte, e devassa della, no que elles passariam mal, por serem os que incitavam a Rainha a que o mandasse matar. Polo que não tinham outrem que mais proveitoso Capitão lhes fosse, que Vicente da Fonseca, por elle ser o principal que contradizia a pragmatica do cravo, e que na morte de Gonçalo Pereira fora mais parte que elles. Com a qual eleição ficariam seguros de devassas daquella morte, e do proveito, e ganho do cravo que pertendiam; e chegando algum dos dous oppositores, estava certo seu damno, e o risco de suas pessoas.

Juntos ao outro dia Luiz de Andrade, e Braz Pereira, e jurado nas mãos do Vigairo de obedecer cada hum delles ao que dos dous fosse eleito; e começando o Ouvidor Pero Moreira tomar os votos, por haver alguns a que parecia que a capitanía per direito era de Luiz de Andrade, por ser Alcaide mór; o Vigairo, e os do bando de Vicente da Fonseca, temendo que se acabasse de votar, Luiz de Andrade sahiria por Capitão, mettêram a cousa a vozes. Impedido o Ouvidor com este tumulto, sem

lhe

lhe valer muitos proteſtos, e requerimentos, não deſiſtíram, e ſem deixar ir a eleição aò cabo, nomeáram Vicente da Fonſeca, e todos em hum corpo abríram as portas da fortaleza com grande arroido de trombetas, e vozes, que diziam: *Viva, viva Vicente da Fonſeca.* O qual depois de hum banquete que deo aos da ſua facção, pedio a Luiz de Andrade as chaves da fortaleza, que lhe elle não quiz dar; e não havendo daquella parcialidade quem ſe atreveſſe tomar-lhas, o Vigairo remetteo a Luiz de Andrade, e ajudado de outros homens, e per força lhas tomáram, ſem o Ouvidor ouſar bulir comſigo. Iſto commettêram aquelles Portuguezes, por os mais delles ſerem homens plebeos, que áquellas partes tão remotas leva o intereſſe de trazerem dellas aquelle ganho do cravo, que ſe lhes tirava com o haverem de comprar aos Officiaes d'ElRey, e por o preço que elles queriam. A eſtes deſconcertos, e outros ſemelhantes dam cauſa os Miniſtros dos Reys mais zeloſos de ſua fazenda, que de ſua honra, não entendendo quanto mais ganham os Principes quando a ſeus ſubditos alargam, e quitam os tributos, que quando lhos impõem; e de quantos trabalhos, e rebelliões foi cauſa não lançarem conta qual importa mais, ſe a receita dos dinheiros;

ou

ou a perda dos corações, e das vontades dos vassallos.

A Rainha, que estava com grandes esperanças da liberdade de seu filho, e de sua Cidade, e ver-se izenta da sujeição dos Portuguezes com a morte de Gonçalo Pereira, ficou mui anojada vendo seus intentos frustrados, e só a consolou a esperança que tinha em Vicente da Fonseca, que lhe promettêra, se se visse Capitão daquella fortaleza, lhe entregaria seu filho. E para se mais segurar, mandou logo recado ás Ilhas de Moutel, e Maquiem, que lhe prendessem todos os Portuguezes que lá estavam. Mas quando lá foi seu recado, já os Mouros, por terem sabido da morte de Gonçalo Pereira, se haviam levantado contra os Portuguezes que lá andavam negociando cravo, e matáram alguns, dos quaes o primeiro foi aquelle, que no tempo de D. Jorge fez a injúria a Cachil Vaidua. E chegado o recado da Rainha, cessáram de os matar, e prendêram os que acháram, e lhos leváram. Per hum destes mandou a Rainha visitar a Vicente da Fonseca, significando o contentamento que tinha de elle ser Capitão, por entender que sempre fora seu amigo, e dos Mouros, e confiar delle se haveria melhor com suas cousas do que os Capitães passados o fizeram, e pedindo-lhe cumprisse sua

palavra, entregando-lhe ſeu filho, e offerecendo-lhe ſua paz, e amizade. Vicente da Fonſeca reſpondeo á Rainha, que déſſe ella primeiro os Portuguezes que tinha prezos, e pagaſſe a perda que os Mouros lhe deram na noſſa povoação quando matáram Gonçalo Pereira, e que elle lhe daria ſeu filho. A Rainha que eſperava outra reſpoſta de Vicente da Fonſeca, por a promeſſa que lhe fizera, ficou mui eſcandalizada, e ſoltando hum Portuguez, lhe mandou por elle dizer, que ſem aquellas condições lhe devêra elle logo ſoltar ſeu filho, porque maiores penhores eram para aquellas perdas tres irmãos d'ElRey, e Cachil Ato, que lhe ficavam prezos em ſeu poder; e que ſe aquillo lhe mandava dizer com tenção de lhe não dar ElRey, lhe não mandaſſe mais recado algum, e anojada ſe paſſou com ſeus Mandarijs a huma Villa que chamam Limatao, e defendeo com grandes penas que não levaſſem mantimentos á Cidade. Com a falta de mantimentos que começou haver, ſe vio Vicente da Fonſeca mui atribulado, não achando remedio, ſó tinha eſperança em hum junco, que havia de vir de Banda com roupa, e mantimentos. Mas hum Franciſco de Sá, que delle era Capitão, chegando a Ternate, e ouvindo a maneira per que Gonçalo Pereira fora morto, parecen-

do-

do-lhe que Vicente da Fonſeca era levantado, não quiz ir á fortaleza, temendo-ſe que lhe tomaſſe o junco, polo que ſe foi a Tidore para vender, e fazer emprego do que levava. Eſtando naquelle porto, a Rainha de Ternate mandou pedir a ElRey de Tidore ſeu ſobrinho, que fizeſſe repreza naquelle navio, e na fazenda delle, e nas peſſoas dos Portuguezes que nelle vinham, parecendo-lhe que por aquella preza, e por os Portuguezes que ella tinha, lhe daria ſeu filho Vicente da Fonſeca, a quem mandou dizer a razão por que fizera tomar aquelle navio, e gente. Mas Vicente da Fonſeca a reſpoſta que a iſto deo, foi prender a ElRey, e mettello em hum ſotão per ante o meſſageiro da Rainha, e com elle ſeus irmãos, e em ferros os mancebos Fidalgos que com ElRey eſtavam, e as mulheres que os ſerviam. E conſtrangido da muita neceſſidade que a gente padecia, mandou pedir a ElRey de Geilolo que por ſeu dinheiro mandaſſe que em ſua terra lhe deſſem mantimentos. Com eſta occaſião ElRey de Geilolo, e Fernão de la Torre que lá eſtava, acabáram com Vicente da Fonſeca que déſſe á Rainha ſeu filho, e com a Rainha que ſoltaſſe os Portuguezes, e déſſe arrefens a Vicente da Fonſeca té lhe ſatisfazer os damnos, que eram feitos aos Portuguezes,

para o que deo quatro Mandarijs dos principaes de Ternate. ElRey de Tidore mandou soltar Francisco de Sá, e os mais Portuguezes, e restituir-lhe o seu junco. E na Villa de Limatao, onde a Rainha estava, se ajuntáram Fernão de la Torre, e o Governador de Geilolo, e Vicente da Fonseca, que levou ElRey para o entregar a sua mãi, depois de jurarem de cumprir o que tinham assentado, e logo ElRey foi solto com grande prazer de todos, e assi ficáram em paz.

CAPITULO XXII.

Como Pate Sarangue Regedor de Ternate, com ajuda de Vicente da Fonseca, fez que Cachil Daialo fosse despojado de seu Reyno, e posto em seu lugar Tabarija seu irmão: e como fizeram que a mãi de Tabarija casasse com Pate Sarangue, e a mulher de Cachil Daialo fugisse ao marido para casar com Tabarija.

A Grande soltura que os Mouros viam naquelles poucos Portuguezes que na Ilha de Ternate estavam, e quão pouco castigo haviam por os excessos que faziam, e a pouca reputação em que os Reys estavam, lhes deo causa de tentarem cousas novas, mórmente na capitanía de Vicente da Fonse-

ſeca, homem audaz, que não receava dizer, e fazer o que queria. Polo que ſe ordenou outra rebellião contra a peſſoa d'ElRey, como a que ſe fez contra Gonçalo Pereira. Havia em Ternate hum Mandarim per nome Pate Sarangue, homem velho, e ſabedor, e que ácerca do povo tinha muita authoridade, a que Vicente da Fonſeca fez Regedor do Reyno, por o ter de ſua mão em quanto ElRey Cachil Daialo não governava por ſua menor idade. Eſte por ver que ElRey ſe hia chegando á ſua legitima idade para governar ſeu Reyno, e que ſeu cargo de Regedor expirava, como homem ambicioſo que era, determinou de tirar o Reyno a Cachil Daialo, e dallo a hum ſeu irmão baſtardo per nome Cachil Tabarija [a], moço de quatorze annos, para elle entretanto governar por elle té ſer de idade devida. Dando conta deſte penſamento á Vicente da Fonſeca, e propondo-lhe os proveitos que ſe lhe ſeguiriam, e quão mais abſoluto ſeria no que quizeſſe, não ſen-

a *Tabarija era filho legitimo d'ElRey Boleife, irmão inteiro dos Reys Bohaat, e Daialo, e filhos todos tres da Rainha Neachile Pocaraga filha d'ElRey Almanſor de Tidore, como conſta do teſtamento de Tabarija, que eſtá regiſtado nos contos de Goa. Aſſi o eſcreve o* P. João de Lucena *no cap. 6. do liv. 4. donde trata da conversão deſta Rainha Neachile mãi de Tabarija per meio da doutrina, e orações do B. P. M. Franciſco, a que no Baptiſmo elle poz nome Iſabel.*

ſendo Cachil Daialo Rey, não houve muito que fazer em Vicente da Fonſeca approvar o conſelho inſtigado de avareza, e ambição, e do odio que elle tinha áquelle Rey, ou receio que ElRey lho tiveſſe a elle por o haver prezo, e maltratado. Havido eſte conſentimento, com ajuda de hum Travanelo, homem velho, aviſado, e de muita authoridade, começou Pate Sarangue a ordir a traição, deſacreditando primeiramente a peſſoa d'ElRey, e diffamando delle, não ſómente em Ternate, mas em os outros lugares de ſeu Eſtado, que era homem no ſaber mui fraco, e na condição mui forte, e não para governar, aſſacando-lhe além diſſo outras muitas faltas, por que fizeram crer a muitos que não era habil para Rey, e que deviam privallo do Reyno, e levantar em ſeu lugar a Tabarija ſeu irmão.

Não parando aqui, foram grandes as perſecuções que Pate Sarangue, e Vicente da Fonſeca faziam a ElRey, e os falſos teſtemunhos que lhe levantavam. E qualquer homicidio, ou delicto de que ſe não ſabia author [a], que foſſe feito contra Portuguezes, tudo carregavam ſobre ElRey, e lho davam em culpa, ſendo diſſo innocente. Polo que Vicente da Fonſeca deſejava de tornar ElRey á prizão, e o fizera, ſe ElRey não

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *cap.* 56. *do liv.* 8.

não se guardára de ir á fortaleza. E vendo que o não podia prender, determinou de o matar com conselho de Pate Sarangue; o que sendo descuberto a ElRey, por furtar o corpo a tantos trabalhos, se foi com sua mãi a Turutó meia legua da Cidade. E sabendo que Vicente da Fonseca não desistia de seu máo proposito, se foi mais longe onde chamam a Terra alta. Vicente da Fonseca fazendo disto culpa, e publicando que ElRey se fora á Terra alta para dalli fazer guerra á fortaleza, o foi buscar com muita gente; e podendo-se ElRey defender, por não ser offensa a Portuguezes, com quem se creára, e a que era mui affeiçoado, e mui leal a ElRey de Portugal, lhes fugio, pondo a cura destes males nas mãos do tempo, e esperando que se acabasse a furia a Vicente da Fonseca, ou o tempo da sua capitanía, e assi se passou a Tidore com sua mãi, onde ElRey seu primo, e já cunhado, o consolou, e prometteo de trabalhar por o reconciliar com Vicente da Fonseca; e que tambem escreveria aos Reys de Bacham, e Geilolo que o ajudassem nisso, com as quaes palavras, e promessas ficou com alguma esperança.

Mas seus inimigos não quizeram mais que vello fóra da Ilha, para levantarem por Rey a Tabarija. E para mais confirmação

da-

daquelle levantamento, andáram com Tabarija ao longo da costa pelos lugares della, publicando-o por Rey levantado, e por deposto a Cachil Daialo, dando por causa daquelle levantamento ser Cachil Daialo com a Rainha sua mãi culpado na morte de Gonçalo Pereira, e não ter qualidades de sua pessoa para ser Rey. E receando Pate Sarangue que, com o favor d'ElRey de Tidore, Cachil Daialo tornasse a cobrar seu Reyno, fez com Vicente da Fonseca que com huma grossa Armada fosse sobre ElRey de Tidore, o que elle mui em breve fez; e chegado a Tidore, mandou dizer a ElRey as causas acima ditas, porque elle, e os seus priváram do Reyno a Cachil Daialo, e levantára por Rey a Tabarija; e que por Daialo ser inimigo dos Portuguezes, era elle Vicente da Fonseca vindo alli a requerer-lhe que lho entregasse, e o thesouro que levava comsigo, que era do que fosse Rey, e não seu; e que não o fazendo, o havia por inimigo d'ElRey de Portugal, pois lhe agazalhava, e favorecia seus inimigos. ElRey de Tidore que era moço, lhe respondeo, que se aconselharia com os seus, e lhe daria a resposta. Vicente da Fonseca sem esperar por ella, com a furia que levava, sahio em terra sobre a Cidade de Tidore, e fez nella grande destruição, ma-
tan-

tando muita gente, com que ElRey, e Cachil Daialo se acolhêram a huma serra que estava sobre a Cidade, e com esta vitoria de pouca honra sua se tornou Vicente da Fonseca a Ternate.

Estava neste tempo prezo na fortaleza de Ternate hum Mouro principal Regedor de Toloco, o qual vendo as grandes sem razões que se faziam a Cachil Daialo, e quão injustamente pela maldade daquelles homens era despojado do Reyno, desejando de vingar o mal que lhe era feito, determinou de matar a Tabarija que estava na mesma fortaleza, a quem arremettendo com hum cutello que trazia escondido, escapou Tabarija fugindo; e não o podendo alcançar o Regedor, por estar carregado de grossos ferros, alcançou hum filho de Vicente da Fonseca, moço de sete annos, e o degollou, vendo que se não podia vingar de quem quizera, e acudindo gente, o matáram. Vicente da Fonseca que com a morte de seu filho ficou mais encruado, e indignado contra Cachil Daialo, e porque muitos dos principaes de Ternate não queriam obedecer a Tabarija, e por desprezo lhe chamavam o Rey de Vicente da Fonseca, fez outra Armada, e Capitão mór della a Pate Sarangue, com que todos lhe obedecêram, e houve o thesouro de Cachil Daialo, que es-

estava em mão de Ourobachela seu Thesoureiro, o qual foi entregue a Tabarija.

Finalmente tanta vexação foi a que fizeram a Cachil Daialo, que té ElRey de Tidore seu primo, vendo suas cousas irem de mal em peior, e as de Tabarija serem cada vez mais prosperas, e que Vicente da Fonseca tambem o perseguia em odio de seu primo, veio assentar paz com elle. Mas vendo Cachil Daialo que esta paz lhe era a elle suspeitosa, e pouco segura, por a conversação que os Portuguezes com ElRey de Tidore haviam de ter, dos quaes se não fiava por o que nelles víra os dias passados, que tomava por mestres dos presentes, e futuros, determinou de viver em Geilolo. E antes que para lá se fosse, foi ElRey commettido de Vicente da Fonseca, que lhe entregasse Cachil Daialo. E por não commetter tão grande traição, e entregar seu primo, e hum Rey que se acolheo á sua casa para lhe valer, concedendo-lhe todavia per importunação dar-lhe a mãi de Tabarija, que andava com a mãi de Cachil Daialo para casar com Pate Sarangue. Não contente com isto Vicente da Fonseca, tratou com a Rainha mulher de Cachil Daialo, que era irmã d'ElRey de Tidore, que fugisse ao marido, e lhe levasse o dinheiro que tinha, e se fosse a Ternate, e casaria com

El-

ElRey Tabarija, e feria Rainha, o que nunca havia de fer fendo mulher de Daialo, que já mais feria Rey. A Rainha guardando pouca fé a feu marido, fe foi fecretamente a Ternate, levando-lhe a maior parte do thefouro que lhe ficava; e chegando a Ternate, a cafou Vicente da Fonfeca com ElRey Tabarija. Alguns diziam, que nefte concerto confentio ElRey de Tidore, por ver fua irmã Rainha, e crer que Cachil Daialo já não cobraria o Reyno. O qual fentio menos perder o Reyno, que a mulher, por o amor que lhe tinha: e tambem fentio levar-lhe o thefouro, porque ficava vivendo do que pediffe a outros, havendo fido Rey, e rico, que a outros dava, e fem ter com que fuftentar aquelles que o acompanhavam. E como de fua natureza era magnanimo, não defmaiou com todos feus infortunios, nem fe mudou da determinação de ir viver a Geilolo. E porque fua mãi havia de ficar em Tidore, deixou com ella aquelles que o acompanhavam, encommendando-lhos muito, e pedindo-lhes a elles perdão de os não levar comfigo, e de lhes não poder fazer mercês como coftumava. E fazendo affi ElRey, como elles grande pranto por o apartamento, elle fe partio para Geilolo fó, e tão pobre, que não tinha mais do que lhe ElRey

da-

dava para comer, onde esteve, té que tornou outro tempo, como se dirá adiante.

CAPITULO XXIII.

Como Vicente da Fonseca mandou á India prezo a Braz Pereira, e de lá veio por Capitão de Maluco Tristão de Taíde, o qual mandou prezo á India a Vicente da Fonseca: e como Fernão de la Torre, e os Castelhanos se vieram para os Portuguezes: e da morte d'ElRey de Geilolo.

SEndo Braz Pereira homem Fidalgo [a], e parente do Capitão Gonçalo Pereira, e Capitão mór do mar, como pertendêra a capitanía da fortaleza de Ternate, que se deo a Vicente da Fonseca per méra força, e não per justiça, estava em odio com elle, ao que se ajuntou pedir-lhe Braz Pereira a capitanía de hum junco que havia de ir para Malaca, e elle negar-lha por a dar a Affonso Pires seu amigo. Polo que soffrendo Braz Pereira mal não lhe dar Vicente da Fonseca tão pequena capitanía, tendo usurpada a da fortaleza, que a elle Braz Pereira era mais devida, além do escandalo de ser elle grande parte na morte de seu parente Gonçalo Pereira, dalli por diante não se falláram mais. E de tal maneira se ac-

a Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 55. *do liv.* 8.

accendeo o odio entre elles, que Braz Pereira soltou muitas palavras contra Vicente da Fonseca, e fez requerimentos que o prendessem por traidor, por aconselhar aos Mouros que matassem o Capitão Gonçalo Pereira, e que como a Capitão não legitimo lhe não obedecia. Polo que Vicente da Fonseca prendeo a Braz Pereira, e alguns outros da sua valia; e por se não haver seguro delles, os entregou prezos a Gaspar Veloso, que hia por Capitão do bargantim para Malaca, para dahi os levarem á India. Os quaes partíram de Maluco no anno de 1532, e per elles soube Nuno da Cunha os desconcertos que hiam em Maluco, polo que mandou logo por Capitão a Tristão de Taíde, filho bastardo de Alvaro de Taíde, que chegou em Outubro de 1533, e d'ElRey Tabarija, e de Vicente da Fonseca foi recebido com muito prazer, e muito mais de Vicente da Fonseca, per o aperto em que andava em casa com os Portuguezes, e fóra com os Geilolos, que lhe faziam guerra. Mas como elle era malquisto de muitos, logo foi mexericado delles a Tristão de Taíde, dizendo-lhe, que como Vicente da Fonseca soubera que elle chegára, recolhêra em sua casa quanta fazenda d'ElRey havia na Feitoria, para se pagar a si, e a seus amigos de seus ordenados. Por a qual

no-

nova Triſtão de Taíde lhe mandou buſcar a caſa, onde ſe achou ſer verdade o que lhe diſſeram, e por iſſo o mandou prender, e a fazenda foi tomada á Feitoria. Sobre eſta culpa, e ſobre a morte de Gonçalo Pereira, e ſobre deſpojar do Reyno a Cachil Daialo, e outros caſos, em que os mais dos Portuguezes o culpáram, começou Triſtão de Taíde a devaſſar, e pela reſidencia o prendeo, e prezo o mandou entregar ao Governador da India por Jordão de Freitas. [a]

Eſ-

a *No principio do governo de Triſtão de Taíde duas coracóras de Mouros ſaqueáram, e deſtruiram huma Cidade da Ilha do Moro, chamada Momoja. Indo de Ternate, pouco depois deſte ſucceſſo, áquella Cidade hum Portuguez chamado Gonçalo Veloſo, o Sangage della, (que era Gentio, como todos ſeus vaſſallos,) ſe lhe queixou daquelles Mouros ſeus vizinhos, pedindo-lhe conſelho, e ajuda para a vingança. Para o que Gonçalo Veloſo lhe offereceo a amizade dos Portuguezes, com que ſeguraria ſeu Eſtado, e o perſuadio a que ſe fizeſſe Chriſtão. Determinado o Sangage de o ſer, por as razões de Gonçalo Veloſo, com que Deos o moveo, embarcou-ſe em algumas coracóras com os principaes da Cidade, e foi a Ternate, onde Triſtão de Taíde lhe fez hum grande recebimento, e o entregou a hum virtuoſo Sacerdote chamado Simão Vaz para o catechizar, e a todos os ſeus; e como eſtiveram inſtruidos nos Artigos de noſſa Santa Fé, foram com grande ſolemnidade baptizados, e ao Sangage foi poſto nome D. João, e mui contente ſe tornou para Momoja, levando comſigo alguns Portuguezes, que Triſtão de Taíde lhe deo para o acompanharem, e guarda de ſua Cidade, e ao Sacerdote Simão Vaz, que viveo naquella Cidade algum tempo, exercitando com grande caridade o officio de bom Paſtor daquellas novas ovelhas. E porque ellas creſciam em número, e elle era ſó, e não podia acudir aos muitos Gentios que pediam o Baptiſmo, man-*

Estava neste tempo ElRey de Geilolo le guerra com a fortaleza de Ternate, em [illegible] mostrou querer perseverar; porque sen-lo costume entre aquelles Principes, que es-am de paz com os Portuguezes, quando hega algum novo Capitão mandar-lhe os arabens da vinda, e mandando visitar a Tristão de Taíde os Reys de Tidore, e de Bacham, e outros, o de Geilolo o não fez. porque Fernão de la Torre Capitão dos Castelhanos que em Geilolo estavam, man-ára pedir a Nuno da Cunha per hum Pe-o de Montemaior, embarcação para se em á India, e dahi para Portugal nas náos a carreira, e Nuno da Cunha mandára Pe-o de Monte maior com Tristão de Taíde, o encarregára que tirasse os Castelhanos e Geilolo, e os embarcasse, e elle se te-ia que ElRey os não deixaria vir por cau-a da guerra, para o ajudar nella, e lhes ão consentiria tirar sua artilheria, nem lhes aria as armas que tinham empenhadas a ElRey, por lhes dar que comessem; foi ne-ces-

u-lhe Tristão de Taíde o Padre Francisco Alvares para ajudar, e ambos em poucos dias acabáram de fazer Chri-ãos todos os moradores de Momoja, e de outros lugares, arribando os pagodes, e purificando os principaes, fazen-o das casas de abominação Templos, em que Deos come-ou a ser venerado, e louvado. Este foi o principio, e rimeiro fundamento da Fé naquellas Ilhas. Diogo do Cou-o *cap. 13. do liv. 8. e* Francisco de Andrade *cap. 7. da Parte, e* Fernão Lopes de Castanheda *cap. 93. do liv. 8.*

ceſſario uſar de manha, que communicou com o Pero de Montemaior, para á dizer a Fernão de la Torre, que eſtiveſſe aviſado, e foi eſte o ardil. Mandou pedir ſeguro a ElRey para lhe mandar hum recado, o que ElRey lhe concedeo, e per Antonio de Teive, com quem foi o Pero de Montemaior, mandou dizer publicamente a Fernão de la Torre da parte do Governador Nuno da Cunha, que ElRey de Portugal, e o Emperador eram concertados ſobre a poſſe daquellas Ilhas [a]; e que o Emperador mandára pedir a ElRey de Portugal que déſſe embarcação aos Caſtelhanos, que naquellas partes eſtiveſſem, para virem a Portugal, e dahi ſe virem a Caſtella, e que o Governador da India per ſeu mandado eſtava preſtes para lha dar; e que a elle Triſtão de Taíde fora mandado, que quando per ſua vontade não quizeſſem ir, os fizeſſe ir per força: portanto lhe notificava da parte do Governador, que logo ſe paſſaſſe a Ternate para dahi ſe embarcarem.

Com eſte recado fingio moſtrár-ſe Fernão de la Torre mui queixoſo á ElRey de Geilolo, dizendo, que não ſe havia de ir para os Portuguezes, e que antes ſe deixária

a A cópia do contrato, que ElRey D. João fez com o Emperador ſobre as Ilhas de Maluco, eſcreve Diogo do Couto *no cap. 1. do liv. 7.*

ria matar, quanto mais que com o favor d'ElRey se esperava defender. ElRey, e os de seu conselho lhe disseram, que não se agastassem, que elle os ajudaria a defender. Com esta determinação appellidou Tristão de Taíde aos Reys de Ternate, e de Tidore, e de Bacham, para todos irem com huma grande Armada a Geilolo tirar os Castelhanos que lá estavam. E foi a cousa tão bem ordenada, que quando se elles haviam de defender dos nossos, se recolhêram, e embarcáram com elle, com toda a sua artilheria, e armas que tinham [a]; e quando foi para entrarem em a Cidade de Geilolo, acháram que ElRey, e a gente a despejáram toda com temor, e entrada por Tristão de Taíde, a mandou queimar. Alli deixou Tristão de Taíde a Diogo Sardinha Capitão mór do mar com huma Armada, e Antonio de Teive com té sessenta Portuguezes, e muitos Mouros Ternates, e elle se partio com esta vitoria para a fortaleza, donde Fernão de la Torre, e os Castelhanos partíram para a India com Jordão de Freitas, que levava Vicente da Fonseca.

Diogo Sardinha, e Antonio de Teive assi fizeram guerra aos de Geilolo, que lhe

[a] *O modo que tiveram os Castelhanos para se ajuntarem com os Portuguezes, escreve particularmente* Fernão Lopes de Castanheda *no cap. 71. do liv. 8. e* Francisco de Andrade *no cap. 94. da 2. Parte.*

tiravam o ſeu principal mantimento, que era ir peſcar ao mar. Polo que Cachil Catabruno Regedor de Geilolo per conſelho dos do Reyno pedio paz a Diogo Sardinha. Para eſta paz foi o meſmo Catabruno fallar a Triſtão de Taíde, e á tornada a Geilolo deo peçonha a ſeu proprio Rey; mas de maneira que duraſſe alguns dias, o que dizem que tinha aſſentado com Cachil Daroez em tempo de D. Jorge de Menezes. E alguns diziam, que deſta morte fora ſabedor Triſtão de Taíde, por Catabruno commetter iſto logo quando foi de Ternate. E por eſte Rey ſer muito moço, e não ter filhos, nem outros herdeiros, Catabruno ſe metteo de poſſe do Reyno.

CAPITULO XXIV.

Como Triſtão de Taíde per calumnias de Samarao prendeo a ElRey Tabarija, e a ſua mãi, e outros, e os enviou prezos á India ao Governador, que os mandou para Maluco ſoltos, e livres: e como Tabarija ſe fez Chriſtão em Goa, e morrendo em Malaca, deixou o Reyno a ElRey de Portugal.

NEſte tempo contra vontade d'ElRey de Ternate, e de Pate Sarangue ſeu Governador, e dos de ſeu conſelho, levantou

tou Triſtão de Taíde o degredo a Samarao, que fora criado de Cachil Daroez, e Almirante do mar, o qual D. Jorge degredou por dizer que fora participante nas culpas, per que Cachil Daroez ſeu amo fora degollado. Deſte perdão do degredo, a ElRey Tabarija, e ao Pate Sarangue muito pezou, por ſer homem de máo animo, e ſe temerem que por elle lhes vieſſe algum mal, como depois veio. E como eſte Samarao era muito ſagaz, aſſi ſe metteo na benevolencia, e familiaridade de Triſtão de Taíde, cuja feitura confeſſava ſer, e tantos ardijs lhe dava para accreſcentar fazenda, que elle lhe dava muito credito. E para elle ter juntamente o favor d'ElRey de Ternate, como tinha o do Capitão, imaginou de fazer tirar o Reyno a Tabarija, como ſe tirou a Cachil Daialo, e que ſe levantaſſe por Rey Cachil Aeiro ſeu irmão mais moço de idade de quatorze annos, confiando da amizade de Triſtão de Taíde, que o faria a elle Regedor do Reyno, té Cachil Aeiro ſer de idade para governar. Polo que aſſacou a Tabarija, que elle per conſelho de ſua mãi, e Pate Sarangue ſeu padraſto, e de Regabao Juſtiça mór do Reyno, tratavam de matar a Triſtão de Taíde, e a todos os Portuguezes, e tomar a fortaleza. Perſuadido diſto Triſtão de Taí-

de, dando conta a alguns Portuguezes, determinou de prender ElRey; e para que em sua prizão não houvesse alvoroço, ordenou que dous Portuguezes fizessem hum arroido feitiço, e que mandando-os elle prender, pediriam a ElRey rogasse por elles a Tristão de Taíde que os soltasse; e que indo ElRey sobre isto á fortaleza, o prenderia com a mãi, e os outros. Assi o fez Tristão de Taíde, e per conselho de Samarao levantou logo por Rey a Cachil Aeiro, filho bastardo d'ElRey Bolcife, irmão de Tabarija. [a]

Como a prizão d'ElRey, e daquellas pessoas tão principaes se soube, muitos fugíram da Cidade, e entre elles os do Conselho d'ElRey, cuidando que tambem seriam prezos, ou mortos. E foi cousa lastimosa ver naquelle subito rebate a pressa, e desatino com que fugiam, e como os seguiam as mulheres, filhos, e criados, desamparando suas casas, que deixavam abertas,

[a] *Mandou Tristão de Taide huns criados seus [illegible] da mãi de Cachil Aeiro a pedir que lho entregasse para o levantarem por Rey. Vendo ella o infelice fim, que os passados Reys tiveram, depois que os Portuguezes entráram naquella Ilha, com muitas lagrimas, e lastimas [illegible]gava o filho, querendo-o antes seguro em humilde [illegible], que arriscado no Real. Os Portuguezes lho tiráram com força dos braços, e a ella com deshumanidade de feras, lançáram per huma janella fóra, do que logo morreo.* Diogo do Couto *cap.* 13. *do liv.* 8.

tas, e os gritos da gente popular quando via fugir os maiores. Ouro Bachela Theſoureiro que fora d'ElRey Daialo, por ſer do Conſelho, querendo-ſe ir deſculpar a Triſtão de Taíde, o matáram á porta da fortaleza, o que foi cauſa de a Cidade ſe deſpovoar mais. Deſte caſo ſe deſculpou Triſtão de Taíde de palavra com os preſentes, e per cartas com os Reys vizinhos, os quaes reſpondêram, que lá ſe avieſſem os Ternates, pois per ſua vontade quizeram receber Portuguezes, e entregar-lhes ſua terra, e ajudallos contra elles ſeus parentes, e naturaes, e de ſua lei. Dada eſta deſculpa, publicou Triſtão de Taíde o levantamento de Cachil Aeiro, e o teve na fortaleza, donde não ſahia em figura de hum cativo mimoſo, porque era ſervido dos ſeus, e tratado em tudo como Rey, mas ſem juridição alguma, nem liberdade, e os Officiaes todos d'ElRey proveo de novo, e ao Samarao deo o officio de Regedor do Reyno, por cuja pertenção elle ordio eſta maldade.

Quando veio o tempo de haverem de ir navios a Malaca, e dahi para a India, de que hia por Capitão Lionel de Lima, Triſtão de Taíde lhe entregou ElRey Tabarija, e ſua mãi, e a Pate Sarangue, e Regabao prezos, com os autos que man-

dou

dou fazer de ſuas culpas. Os quaes vendo-ſe tirar da prizão para os levarem de ſua terra para outra tão remota, donde não eſperavam tornar, ſendo innocentes da culpa que lhe impunham, faziam grande pranto, e diziam muitas mágoas. Então conheceo Pate Sarangue que pagava a maldade que commettêra em fazer tirar o Reyno a ſeu Rey Cachil Daialo injuſtamente. Sendo eſtes prezos na India, Nuno da Cunha vio as devaſſas que contra elles foram, e os achou ſem culpa, polo que os deo por livres, e julgou que o Reyno de Ternate ſe reſtituiſſe a Tabarija, o qual converteo a injúria que lhe foi feita em maior bem que tornarem-lhe ſeu Reyno, porque na demora que fez em Goa, Deos inſpirou nelle, e de ſua propria vontade ſe tornou Chriſtão, e no Baptiſmo tomou o nome de Manoel, em memoria d'ElRey D. Manoel, que as Ilhas de Maluco mandou deſcubrir, e que foi cauſa de ſua conversão. Tornando para ſeu Reyno, adoeceo, e falleceo em Malaca a 30 de Junho do anno de 1545, onde fez ſeu teſtamento, e nelle, por não ter herdeiros, deixou per herdeiro de ſeu Reyno de Ternate a ElRey D. João de Portugal, como diſſemos na terceira Decada.[a]

CA-

a Liv. 5. cap. 6.

CAPITULO XXV.

Como Triſtão de Taíde ſem cauſa fez guerra a ElRey de Bacham: e como os Reys de Maluco ſe conjurárám contra elle, e do que ſobre iſſo ſuccedeo.

TRiſtão de Taíde como vio que tinha a ElRey Cachil Aeiro como ſeu cativo, e ao Regedor de Ternate por tão familiar, determinou de haver para ſi todo o cravo que houveſſe na terra por o preço da Feitoria, que era a mil reaes o bahar, que he hum pezo de quatro quintaes, para o que o Samarao mandou pregoar per todo o Reyno de Ternate ſob graves penas, que nenhum Mouro, nem Gentio vendeſſe cravo ſenão a Triſtão de Taíde, ou a quem elle ordenaſſe. Com eſte pregão creſceo o preço do cravo a tanto que chegou a valer hum bahar cincoenta, e ſeſſenta cruzados; porque como os Portuguezes tinham muita fazenda para empregar, e viam o Maluco em riſco de ſe perder por as deſordens dos Capitães, todos compravam cravo; e como os Mouros de Ternate ſe aventuravam a grandes penas, ſe Triſtão de Taíde o ſoubeſſe, vendiam o riſco que niſſo corriam por grande preço. Por rogos de Triſtão de Taíde mandáram pregoar a meſma defeza em ſuas

ſuas terras os Reys de Tidore, e de Geilolo, o que ElRey de Bacham, ſendo requerido por elle, não quiz fazer, poſto que era mui leal ſervidor d'ElRey de Portugal, e amigo antigo de Portuguezes, e que para acudir a ſuas neceſſidades nunca aguardou ſer rogado; porém parecia-lhe injuſta a poſtura do cravo, e muito mais a prizão d'ElRey Tabarija; e por eſtas, e outras deſordens havia dias que não hia á fortaleza de Ternate como de antes fazia; mas Triſtão de Taíde eſcandalizado de lhe não fazer a vontade no negocio do cravo, tentou fazer-lhe guerra, e mandou huma Armada contra elle, a cujos Capitães ElRey fez muitos requerimentos, que lhe não fizeſſem guerra, pois ſempre fora, e era leal ſervidor d'ElRey de Portugal, e não commettêra couſa porque lha fizeſſem; porém não querendo elles ſenão inſiſtir, o que niſſo ganháram foi morrerem alguns Portuguezes, e os outros tornáram com pouca honra.

Indignado diſto Triſtão de Taíde, quiz ir elle em peſſoa, e levar comſigo em ſeu favor os Reys de Ternate, e de Tidore, e foi com huma groſſa Armada, de que hiam por Capitães Diogo Sardinha Capitão mór do mar, Antonio de Teive, Baltazar

Vo-

a Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 95. *do liv.* 6. Franciſco de Andrade *no cap.* 7. *da* 3. *Parte.*

Vogado, Antonio Pereira, Balthazar Veloſo, Liſuarte Caeiro, Fernão Henriques, Jorge [illegible], Affonſo Pires, e outros, e aſſi aquelles Reys, e ſeus Regedores, e Sangages. Como os de Bacham ſouberam que os Portuguezes hiam contra elles, lhe atopíram o rio com muita madeira, e deſatopindo-o os noſſos, os Bachões lhe mudáram a corrente per huma madre antiga per que já corrêra, e aſſi ficáram os navios dos Portuguezes em ſecco; mas mandando Triſtão de Taíde dar nos que trabalhavam no rio, deixáram a obra, e tornou a correr por onde antes hia. Deſconfiado ElRey de poder reſiſtir a Triſtão de Taíde, deſpejou a Cidade de todo, de gente, e fazenda, e foi-ſe para o ſertão. Os Portuguezes porque não acháram vivos com que pelejar, pelejáram com os mortos, quebrando as ſepulturas dos Reys Mouros que alli havia, e a tudo puzeram o fogo. E querendo Triſtão de Taíde entrar pela Ilha, o não fez, por a terra ſer alagadiça, e ſe tornou para Ternate, deixando Diogo Sardinha com parte da Armada, e com elle o Samarao com a de Ternate, para lhe tolher o ſerviço do mar, polo que ElRey de Bacham lhe commetteo paz com dar cada anno duzentos bahares de cravo a ElRey.

Mas, poſto que elle fez eſta paz, ficou

em

em seu animo em viva guerra, e mui escandalizado da má paga que houve por a grande lealdade que sempre teve a ElRey de Portugal, e pelos beneficios que fizera a' Portuguezes, a que tão affeiçoado era. Polo que sabendo elle como os outros Reys de Malucó estavam escandalizados de Tristão de Taíde, e dos Portuguezes, posto que o dissimulavam, per cartas, e mensageiros se vieram a concordar que se vissem, e em casa de Cachil Mir Rey de Tidore se ajuntáram, ElRey Cachil Daialo que fora de Ternate, ElRey Cachil Catabruno de Geilolo, e ElRey de Bacham, onde cada hum em particular recontou as cousas do odio que tinha, para procurar a total destruição de Tristão de Taíde, e dos Portuguezes; e alli juráram todos sobre hum Moçafo, que he o livro de sua lei, de fazerem guerra á fortaleza de Ternate té a tomarem, e matarem a Tristão de Taíde, e a todos os Portuguezes. A este juramento, e vistas destes Reys não foi presente o Samarao Regedor de Ternate; mas sendo o principal dos conjurados, com simulada amizade que mostrava ter a Tristão de Taíde, ficava fazendo maior guerra, sabendo seus disenhos todos, e secretos para avisar delles aos Reys. Naquellas vistas assentáram duas cousas: huma, que a guerra havia de

co-

começar em Ternate, e que té não irem bem com ella por diante, os Reys a não hajam de mover; a outra foi, que o Samarao com seu conselho, e industria fizesse divertir a Tristão de Taíde com mandar Armadas a outras partes, para assi se gastar; e ficar com menos gente.

A primeira cousa que o Samarao pisso fez, foi fazer crer a Tristão de Taíde que nas Ilhas dos Celebes, e dos Macaçares, e na de Mindanao havia muito ouro, para que com a cubiça delle mandasse alguns navios a este descubrimento para assi ficar com menos gente. E como o cubiçoso, e o tramposo, (como diz o proverbio,) se concertam facilmente, com este conselho do Samarao, e por lhe dizerem que a Geilolo chegáram certas coracóras que vinham de Mindanao, per que se soube que lá havia muito ouro, mandou logo armar hum navio, de que fez Capitão a hum João de Canha Pinto, o qual não achou o ouro que hia buscar, mas hum perigo, em que se elle por sua culpa quiz metter de querer cativar huns Mouros na Ilha de Seriago, que como amigos vieram a seu navio, tendo feito paz com elle. Polo que os da terra corrêram apôs elle, e alli com hum temporal que lhe deo lhe foi necessario lançar a artilheria ao mar, e sem fazer outra cousa tornou a Ternate.

Quan-

Quando os Reys conjurados víram quão poucos Portuguezes foram a Mindanao, ordenáram outro modo, e foi, que ElRey de Geilolo concertou com huns póvos que chamam Tanares que fizessem guerra ao Senhor de Bonacora, e ao Moro por andarem lá muitos Portuguezes, ao que estava certo que Tristão de Taíde havia de acudir; como logo acudio, mandando a Bonacora huma Armada, e por Capitão della a Jorge de Taíde seu sobrinho, e outra ao Moro, de que hia por Capitão Diogo Sardinha. Com esta despedida de gente, alguns dos Ternates secretamente se foram em seus navios a Batochina do Moro, junto de Geilolo, onde alguns Portuguezes andavam com Vicente Correa Mestre de náos cortando madeira para navios que Tristão de Taíde mandava fazer. E mandando elle hum batel carregado daquella madeira para a fortaleza, estes Ternates matáram a gente do batel, de que não escapou mais que hum Arabio a nado, que levou a nova a Vicente Correa, o qual com temor se acolheo em outro batel para Ternate; e achou no caminho os mesmos Ternates que matáram os que elle mandára; mas elles dissimuláram, e passáram a Geilolo. ElRey Catarabuno sabendo per elles o que deixavam feito, por mais segurar a Tristão de Taíde na

sua

ſua amizade fingida, mandou-lhe logo hum recado, per que lhe fazia a ſaber como entendera que os Ternates fizeram aquelle inſulto, para que não cuidaſſe que couſa ſua fora niſſo. E por moſtrar mais amizade, mandou certas coracóras apôs Vicente Correa, para que o acompanhaſſem, e levaſſem ſeguro dos Ternates. Não ſabendo Triſtão de Taíde deſte conluio, mandou agradecer a ElRey o que fizera, e ficou mui confuſo por não ſaber a cauſa que moveo aos Ternates fazer aquella traição.

Mas muito mais ficou, quando dahi a poucos dias a Cidade de Ternate foi deſpejada de todos ſeus moradores ſubitamente em hum ſó dia, tendo já tirado della ſuas fazendas, e quando acudio achou já mui poucos, aos quaes rogando que ſenão foſſem, e ſe tinham aggravos lhos emendaria, o não quizeram ouvir; e por os não eſcandalizar, não lhes quiz fazer força. Como a Cidade ſe deſpejou, o Samarao ſeu Governador, que era ido fóra com grande Armada, veio; e tanto que deſembarcou com os de ſua caſa, os Mouros que ficavam nos navios, como gente que eſtava fallada, viráram as proas, e foram-ſe. Chegado o Samarao á noſſa fortaleza, moſtrou-ſe mui eſpantado a Triſtão de Taíde do levantamento da gente da Cidade de Ter-

na-

nate; e como homem que fingia não saber parte deste caso, começou de lhe contar os medos que tivera daquelles que té alli o trouxeram, dizendo que o queriam matar, como gente indignada delle, e que cria que se o deixáram de fazer, fora porque seu filho se fora com elles. E per taes termos fallou com Tristão de Taíde, que se enganou com elle, e parecia-lhe ter nelle hum grande amigo, e como tal per seu conselho fez huma Armada de quantas vélas estavam no porto, e das d'ElRey de Geilolo, que ainda estavam nelle como espia do que Tristão de Taíde fazia; na qual Armada levavam a ElRey Cachil Aeiro, para que vendo os Mouros dos lugares maritimos seu Rey, se movessem ao obedecer, e se tornassem a povoar a Cidade. Mas elles estavam tão indignados contra Tristão de Taíde, que quando lhes diziam que obedecessem a seu Rey, e que se tinham queixas do Capitão, se remediariam a seu contentamento, respondiam todos, que não tinham, nem conheciam tal Rey; e se alguma hora lhe obedecêram, fora per força, e não per vontade, que seu Rey natural era Cachil Daialo, e que quanto á amizade com os Portuguezes a tinham como d'antes, e que se elles matassem a Tristão de Taíde, se ajuntariam com elles, e sem isso não.

Fi-

Finalmente não fez outro effeito a Armada; e os Ternates que fugíram da Cidade fizeram huma povoação affastada donde os Portuguezes pudessem ir, e de noite vinham dar rebates na nossa povoação; e andavam tão frequentes nestes assaltos, que cumprio a Tristão de Taíde fazer repairos, e vigias para sua segurança. Acabado de se divulgar per outras partes este levantamento dos Ternates contra a nossa fortaleza, onde havia Portuguezes, os cativavam, e matavam, e assi foi morto o Vigairo Simão Vaz a, que na Ilha de Chião, principal do Mouro, estava fazendo alguns Christãos, e com elle os que o acompanhavam, e os novamente bautizados, e outros em batéis que hiam buscar mantimentos.

Em quanto estas cousas se faziam, Cachil Daialo tinha já quasi toda a Ilha de Ternate por si, e o reconheciam por Rey, e tinha mandado fazer gente a Banda contra os Portuguezes. Com esta nova, em hum junco que alli foi ter de Portuguezes fazer nós,

a Hum Mouro dos que matáram Simão Vaz, e aos novos Christãos, quebrou em pedaços hum retabulo de N. Senhora, que o Vigairo tinha; e não soffrendo Deos esta offensa feita a sua sagrada Mãi, subitamente se lhe aleijáram as mãos ao Mouro, e morreo brevemente, e dentro de hum anno toda a sua geração de desastres; e o lugar que era mui grande, em poucos annos se consumio per guerras de maneira, que delle não ha memoria alguma. Diogo do Couto *cap. 4. do liv. 9.*

nós, de que era Capitão Lopo Alvares, foram mortos elle, e a gente toda, e tomado o junco, e a artilheria delle levada a Cachil Daialo. O qual indo a requerimento d'ElRey do Geilolo a fazer-lhe entregar certos lugares que tinha perdidos no Moro [a], em tomando o primeiro lugar, logo os moradores de Sugalla o mandáram chamar para lhe entregar hum Clerigo per nome Francisco Alvares, que alli bautizára al-

a Tomados estes lugares, foi Cachil Daialo sobre a Cidade de Momoja, de que era Senhor D. João, (como atrás dissemos,) o qual determinou de se defender com os Portuguezes que tinha em sua companhia, para o que ordenou huma forte tranqueira, que sendo commettida polos inimigos, os Portuguezes sem resistencia se passáram a elles, desamparando com grande infidelidade a D. João, que os persuadia que quizessem antes morrer como Christãos, que entregar-se a Mouros; e com ajuda de alguns poucos dos seus defendeo a tranqueira todo hum dia; e sahindo da briga com muitas feridas, e sem esperança de soccorro, determinou de perder antes a vida, que a liberdade; e porque sua mulher, e filhos, que eram Christãos, depois de sua morte não viessem ao poder dos Mouros, que os convertessem como fracos á sua perversa seita, lhes deo a todos a morte. Os seus o entregáram a Cachil Daialo, e foi levado a ElRey de Geilolo, que sabendo o que D. João fizera, e perguntando-lhe a causa porque matára sua mulher, e seus filhos, lhe respondeo com estranho valor, que lhe dera a morte, porque melhor era que fossem reinar com Christo morrendo, que não servirem vivendo a Mafamede, e que elle não havia de deixar a Fé de Christo por todas as suas ameaças, e tormentos. Espantado ElRey de huma tão rara constancia, o deixou livre sem castigo. Francisco de Andrade *cap. 29. Parte 3. O Padre* João de Lucena *no cap. 16. e 17. do liv. 3.*

alguns Gentios, e aſſi alguns Portuguezes que ahi eſtavam fazendo hum junco. O que entendendo Franciſco Alvares fugio em huma coracóra, levando comſigo os ornamentos com que dizia Miſſa. Mas como a Armada d'ElRey de Geilolo que alli eſtava o ſentio, foi trás elle, e o alcançáram, e na revolta que houveram lhe deram dezeſete cutiladas, pelejando elle, e os companheiros mui valentemente; e o que os ſalvou foram os ornamentos que o Clerigo alijou ao mar, na preza dos quaes os inimigos ſe detiveram, e neſſe tempo por ſer já de noite ſe ſalváram na noſſa fortaleza.

Sabendo deſte ſucceſſo Triſtão de Taíde ficou mui triſte, e agaſtado em perder a amizade d'ElRey de Geilolo, que ſempre o achára mui leal, e logo entendeo que os outros Reys ſeus amigos ſe haviam rebellado. Os quaes vendo como ElRey Cachil Daialo ſe hia apoderando do Reyno, e que ElRey de Geilolo ſe havia deſcuberto, os Reys de Tidore, de Bacham, de Maquiem, e de Moutel ſe declaráram com Triſtão de Taíde, que lhe queriam fazer guerra, lançando fóra os Portuguezes, que em ſeus Reynos andavam. E ſabendo os Ternates eſta deſpedida que os Reys davam aos Portuguezes, os ſalteáram, e matáram todos. Em vingança diſto foi logo Triſtão de Taíde

ſobre hum lugar chamado Mongue, perto da fortaleza, e o tomou; mas ſenão foram Antonio de Teive, Jorge de Taíde, e Balthazar Vogado, e outros, houvera de cuſtar a vida a muitos Portuguezes, e foram mal feridos Jorge de Brito, Henrique Jorge, Affonſo Teixeira, e André Pinto.

Neſte tempo chegou de Malaca Simão Sodré em hum navio, o qual mandou Dom Eſtevão da Gama, que lá eſtava por Capitão, que animou muito a Triſtão de Taíde por a gente freſca que trazia, e logo per Simão Sodré mandou fazer guerra aos Ternates, a que tomou Turutó, Palacia, Calamata, Gico, e outros lugares, cujos moradores ſe hiam ajuntar com outros mais longe; e alguns delles foram fazer huma povoação em ſitio affaſtado, e áſpero, que Triſtão de Taíde não podia ir a elle, té que houve cativos á mão, que lhe enſináram o caminho, e dando no lugar per duas partes, foi entrado, e queimado, e muitos Mouros mortos. A tomada deſte lugar, por ſua aſpereza, ſentíram os inimigos muito, polo que deſpovoáram todos os lugares vizinhos da fortaleza, e foram fazer outros longe della da banda de Levante, com que a fortaleza ficou algum tanto deſapreſſada de rebates; mas a maior guerra que os Mouros faziam, era tolher os mantimentos, para

ra

ra o que os Reys conjurados mandáram ſuas Armadas, com que os Portuguezes ſe não atreviam ſahir a buſcallos, principalmente depois que os Mouros houveram á mão hum paráo, de que ficáram mui orgulhoſos por ſer a primeira vitoria que contra Portuguezes houveram no mar.

Triſtão de Taíde por iſto ſer couſa tão nova, quiz logo vingalla, e ſe embarcou em huma Armada, e foi-ſe a Tidore com propoſito de deſtruir a Cidade. Os Mouros confiados na vitoria que houveram, o vieram receber, de que os Portuguezes ſe eſpantáram; porém poſto que o número delles era grande, e com ſua artilheria, que era pouca, reſpondêram á dos Portuguezes, que era mais, deixáram de abalroar com os noſſos por ſuas embarcações ſerem mui leves, e temêram ſerem mettidos no fundo. Mas como eram muitos, andáram esbombardeando com os Portuguezes tanto tempo, que vendo Triſtão de Taíde que lhe faltava a pólvora, começou de ſe recolher, e os Mouros tambem mui contentes, porque não ficáram vencidos como ſohiam a ſer, poſto que foram bem eſcalavrados.

CAPITULO XXVI.

Como Tristão de Taíde proseguio a guerra com os Reys do Maluco com varios successos, té a vinda de Antonio Galvão, que vinha por Capitão de Ternate.

ESTava per aquelle tempo no porto de Talangame, que he da Ilha de Ternate, huma náo de Francisco de Sousa, que tambem andava com Tristão de Taíde nestes trabalhos de guerra, e em terra se acabava hum junco de Francisco Henriques, os quaes navios estavam naquelle porto, porque nelle podiam estar vélas grandes, e não em o de Ternate, por causa do recife, como já dissemos. E por estes navios terem mui pouca guarda, determinárain os Mouros de os queimar com jangadas de fogo, entremettido pela madeira, breu, e alcatrão, e em quanto apercebêram estas cousas, cessáram da guerra como homens que estavam cansados della. E como tiveram tudo apercebido, subitamente appareceo sobre o porto de Talangame huma Armada de trezentas vélas, que cubria o mar, cousa não esperada dos nossos, nem parecia que entre Mouros podia haver tanto navio. Tambem per terra appareceo muita gente de guerra, com proposito, que em quanto os do mar

mar queimassem a náo, elles romperiam a tranqueira, e dariam sobre o junco, a que tambem poriam fogo. Francisco de Sousa vendo tanto apparato de vélas, e hum cardume dellas mui espésso, onde vinham jangadas, como era soldado prático, entendeo o caso, e em continente cercou sua náo de vigas lançadas na agua de maneira, que as jangadas tivessem impedimento para não chegar á náo, e nisto gastou a maior parte do dia, em que se os Mouros detiveram em chegar ao porto. Como foi noite, mandou Francisco de Sousa recado a Tristão de Taíde, fazendo-lhe saber o estado em que estava, pedindo-lhe que lhe acudisse. Tristão de Taíde mandou logo por Capitão mór de hum navio, e de outras embarcações a Estevão de Chaves, hum Fidalgo de authoridade, e idade, e com elle estes Capitães: Antonio de Teive, Antonio Pereira, Jorge de Brito, João Figueira, Balthazar Vogado, Balthazar Veloso, e Jorge Gomes, que como foi noite partíram, e em chegando a tiro de berço, começáram a varejar naquelle cardume de vélas. Francisco de Sousa com a gente que tinha, e seus paráos ajudou aos outros; e como as jangadas dos Mouros com a maré ficáram em secco, os Portuguezes lhe puzerám o fogo, e elles se defendêram de maneira,

que

que entre todos houve huma grande requesta. Por derradeiro os Mouros desesperando de fazer algum damno, e vendo que o recebiam, se foram recolhendo para suas casas, e os Portuguezes para a fortaleza.

Tristão de Taíde vendo que a fortaleza estava em tanta necessidade, que vieram os nossos a comer cães, gatos, e bogios, e valer hum alqueire de arroz cinco cruzados, e huma jarra de sagú mantimento da terra vinte e cinco, e trinta cruzados, huma cabra vinte cruzados, hum porco cincoenta, huma gallinha quatro, hum ovo trinta reaes, e assi de todas as outras cousas era tamanho o preço, que não havia homem que tivesse cabedal para comprar o comer, pareceo-lhe que como os Mouros do recontro passado ficáram quebrados de sua opinião, era boa conjunção para lhe commetter paz, que elle antes tão pouco procurava, e que então lhe convinha mais que a guerra. O medianeiro que nisto metteo foi o traidor Samarao, que era o que mais impedia a paz; e assi como os inimigos per elle sabiam o estado de Tristão de Taíde, não lha concedêram, e ficáram na inimizade em que estavam.

Nesta necessidade dos nossos veio de Banda em soccorro D. Fernando de Monroi Fidalgo Castelhano, que o Capitão Henri-

rique de Vasconcellos mandou em hum junco, e Luiz Froez Piloto em outro, em que trouxeram mantimentos, e gente, e outras provisões, que Tristão de Taíde mandára buscar. Com este soccorro renovou a guerra com os Mouros, e lhes tomou dos portos os melhores que tinham, que eram Toloco, e Tabanga. E porque os Mouros mudáram a Cidade de Toloco de junto do mar para dentro do sertão pegada a huma serra, elle foi a ella per mar, e Francisco de Sousa per terra, e lhe deo nas costas tão subitamente, que tomáram a Cidade, e houveram os mantimentos della, que foi o melhor despojo que então desejavam. Depois mandou Tristão de Taíde a Geilolo, e o mais que alli fizeram foi queimar huma Mesquita; e querendo ir mais adiante a hum lugar, não puderam por acudir tanta gente, que causou embarcarem-se de pressa.

Os Mouros, porque desejavam de despejar de todo a Ilha de Ternate, e irem-se para Geilolo, e não o podiam fazer sem grande perigo seu, por Tristão de Taíde lhe ter tomado com seus navios os portos onde haviam de embarcar, lhe mandáram commetter pazes pelo Samarao, mostrando estarem cansados de continuar a guerra, e que lhes convinha juntarem-se por andarem todos derramados. Tristão de Taíde foi disso

ſo contente, não advertindo o engano, e deſembaraçados os portos, poucos, e poucos ſe recolhêram nas embarcações que lhe levavam os de Geilolo, e ſómente ſe deixou ficar Poio filho de Samarao com alguns de ſua valia, moſtrando que queria ficar com os Portuguezes. E para melhor ordenar, e curar ſua maldade, mandou pedir a Triſtão de Taíde, que para ſe virem para a Cidade de Ternate, lhe mandaſſe alguns Capitães ſeus que lhe deſſem guarda. Para iſto lhe mandou Triſtão de Taíde dous bargantijs, e por Capitães delles Franciſco de Souſa, e Balthazar Vogado, os quaes foram em tal hora, que a Armada d'ElRey de Geilolo que eſtava em cilada, ſaltou de ſubito com elles, e foi tomado o bargantim de Balthazar Vogado, que hia diante, e morto elle, e quantos levava comſigo. Franciſco de Souſa vendo que lhe não podia valer, e que ſe offerecia á morte ſem fruto, ſe tornou para a fortaleza. Deſte ſucceſſo ficáram os Mouros tão ſoberbos, e atrevidos, por ſerem os primeiros que ouſáram abalroar navio Portuguez, que leváram o bargantim a ElRey de Geilolo. Os de Tidore tendo grande inveja deſta vitoria, foram tomar hum navio de remo, em que hia Franciſco Henriques de Talangame buſcar hum leme; e como eſtavam em cila-

da,

da, ſahíram a elle, e matáram-lhe logo dez Portuguezes, e quarenta eſcravos; e ſe a ſua tranqueira não fora tão perto, onde ſe acolheo a mais gente, toda perecêra. Triſtão de Taíde ſahio ſómente a ſaber deſte deſaſtre de Franciſco Henriques, e huma Armada de Tidore o veio eſperar ao caminho, da qual elle metteo no fundo hum navio, e recolhido, não quiz mais ſahir, nem mandar fóra da fortaleza peſſoa alguma, e ſe deixou eſtar, té que veio Antonio Galvão ſucceſſor no cargo, que o tirou daquelles trabalhos.

DECADA QUARTA.

LIVRO VII.

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITULO I.

Dos Principes, que ficáram no Reyno do Decan per morte d'ElRey Mamud Xiah: e das guerras que entre elles houve.

EM quanto passavam no Reyno de Cambaya, e nos a elle comarcãos, as cousas que atrás escrevemos, houve outras entre os Principes do Decan, em que tambem interveio suor, e sangue dos Portuguezes; o que querendo nós escrever, convem repetir algumas de longe para entender as que succedêram, té chegar ao tempo de Nuno da Cunha, que he o fim de nosso intento. Escrevendo nós na segunda Decada destes Livros [a], como o Reyno de Decan, per morte d'ElRey Mamud Xiah, ficou repartido em sete Capitães seus, conta-

[a] No cap. 2. do liv. 5.

tamos como todos ſe fizeram tyrannos das terras, e comarcas que tinham a ſeu cargo, e não ſómente conquiſtáram dos Gentios outras, mas ainda huns com outros contendêram quem ſe faria maior de maneira, que de ſete ficáram em cinco, cujos nomes, e Eſtados são eſtes. O Hidalchan filho de Sabaio, que morreo quando Affonſo d'Alboquerque tomou Goa, eſte foi ſempre o principal deſtes ſatrapas, porque ſe fez tyranno da peſſoa d'ElRey, que per morte de ſeu pai Mamud Xiah ficou moço de doze annos, poſto que no acatamento, e reverencia o Hidalchan o tratava como a ſeu Rey, e Senhor. E para ſe fazer maior, e ter mais authoridade, e aução para o que pertendia, tomou por mulher huma ſua irmã, para que falecendo elle, moſtraſſe que per ella lhe pertencia o Reyno, e a herança. E tendo elle nas ceremonias apparentes poſto em muita mageſtade a ElRey para enfrear os outros, lhe deo peçonha, mas de tal maneira, que de vagar o foſſe conſumindo, e que pareceſſe doença, da qual veio a morrer, e aſſi lhe ſuccedeo no Eſtado, o qual he ao longo da coſta do mar, que corre de Norte a Sul, e começa no rio Domel, que fica oito leguas de Dabul, e acaba em Cintácola abaixo de Goa onze leguas, em que haverá ſeſſenta leguas pouco

mais,

mais , ou menos de diſtancia, e na maior largura cincoenta. Da parte do Norte confina com o Nizamaluco, que he o ſegundo Capitão, cujo Eſtado era de coſta maritima quinze leguas , começando no meſmo rio Domel , e acabando para o Norte no de Nagotana, termo commum ſeu, e do Reyno do Guzarate. Da parte do Sul vai enteſtar o Hidalchan com o Reyno de Canará, que he d'ElRey de Narſinga, com quem a maior parte do tempo anda em guerra; e pela de Levante cércam ao Hidalchan, e ao Nizamaluco os outros tres Capitães Madre Maluco, Melique Verido, que fica em meio , e Cota Maluco mais ao Sul. Eſte por ter tomado muitas terras ao Rey de Orixá ſeu vizinho , e por a ſua terra ſer mais montuoſa, e aſpera que a dos outros; e ter de ſeu muitos elefantes, he muito temido , e quer competir em poder com o Nizamaluco. Aſſi que de dezoito Capitães per que Mamud Xiah tinha repartido o governo, e defensão de ſeu Reyno, quando elle proſperava , veio a ficar em ſete , té que per morte de huns, e per violencia de outros, que ſe fizeram mais poderoſos, ficáram eſtes cinco de que fallamos , cujos animos, e odios veremos no que ſe ſegue.

Eſtes todos em alguma maneira ſempre tiveram algum reconhecimento de ſuperiori-

ri-

ridade ao Hidalchan, o qual tambem tinha alguma reverencia, e reſpeito ao Nizamaluco, como rico que era, por cauſa da noſſa fortaleza de Chaul, per onde tinha entrada de cavallos, e de noſſas mercadorias, e por eſſa cauſa lhe dera a irmã por mulher. O Madre Maluco era caſado com a irmã do Hidalchan, o qual tratava a eſte ſeu cunhado, e a Melique Virido como a ſeus vaſſallos, principalmente ao Virido, a que dera algumas terras por vaidade de vaſſallagem. Eſte ao tempo que faleceo ElRey Mamud Xiah era guarda, e governador de ſuas mulheres, e eſtava ſempre com ellas na Cidade de Bider, onde as tinha ElRey. Morto Mamud Xiah, e ſeu filho, que em poder do Hidalcan eſtava, uſava dellas como Mamud Xiah fazia. O Cota Maluco vindo ter differenças com elle, como com vizinho com quem partia ſuas terras, deſejando de lhas tomar, per cartas lhe eſtranhou muito a traição que naquillo fizera a ſeu Senhor, e lhe eſcreveo, que não ſem razão ſe diſſera, que elle por ficar á ſua vontade com ſuas mulheres, e o Hidalchan por lhe uſurpar, e tyrannizar ſeu Eſtado, matáram com peçonha a ElRey Mamud Xiah, e outras palavras, com que culpava ambos de traidores, e por ellas ſe lhe tornáram ambos inimigos, e com a reſpoſta que

que o Virido mandou ao Cota Maluco, vieram romper em guerra, em que o Çota Maluco perdeo muita gente, e desbaratado ſe tornou para ſuas terras, tendo entrado pelas do Virido, poſto que ajudado do Hidalchan, que o ſoccorreo com gente, como a vaſſallo ſeu; mas a principal cauſa era para ſe vingar das palavras do Cota Maluco, que o infamava de traidor.

CAPITULO II.

Como o Hidalchan foi cercar a Cidade de Goulacondá do Cota Maluco, que a defendeo com grande eſtrago da gente do Hidalchan, per conſelho, e ajuda de doze Portuguezes ſeus cativos: e da morte do Hidalchan, e prizão de Abrahemo ſeu filho ſegundo, que ſe queria levantar com o Eſtado.

NEſte tempo que Cota Maluco provocára com palavras ao Hidalchan, acertou elle de adoecer, cuja doença diziam ſer peçonha, induſtriada per huma de tres peſſoas, pelo Açadachan ſeu Capitão, e vizinho noſſo de Goa, ou per Cota Maluco, ou per Melique Abrahemo filho do meſmo Hidalchan, mancebo ouſado, e temerario, ao qual o Cota Maluco dizem corromper com promeſſas, que matando a ſeu pai com peçonha, o caſaria com huma ſua neta, indo-

do-ſe para elle, e o metteria em poſſe do Eſtado de ſeu pai. O Hidalchan entendendo ſua doença, e ſendo certo que huma deſtas tres peſſoas lhe dera a peçonha por o odio que tinha ao Cota Maluco, creo mais que elle ſeria o author. E tanto que foi são, por lhe acudirem logo, ſem mais eſperar, com todo ſeu poder foi pôr cerco a Cota Maluco na ſua Cidade de Goulacondá, que he huma das Cidades mais inexpugnaveis de todo o Reyno do Decan, por razão do ſitio, eſtando aſſentada no alto de huma ſerra mui ingrime, e aſpera, onde em hum pico tem huma fortaleza cercada de tres cercas, em que ſe podem agazalhar quatro mil homens, que fica como torre de homenagem da Cidade, que eſtá ao pé da fortaleza, e he de grande povoação. E além da defensão natural que tinha por cauſa do ſitio, era ainda mais defenſavel, por a muita artilheria, e munições de guerra que nella havia.

O poder que o Hidalchan ajuntava era tão grande, que o Cota Maluco ſenão eſperava defender, porque ſegundo fama, tinha cem mil de cavallo, e quatrocentos mil de pé. E por ſer ajudado de Madre Ma[illegible]co, e de Melique Virido, e do Açada[illegible] que eram tão poderoſos, tinham muitos para ſi, que [illegible] apparato era para

ir

ir contra ElRey de Bisnagá, posto que com elle estava então de paz. Mas ElRey de Bisnagá por a grande amizade, e vizinhança que tinha com Cota Maluco, lhe mandou muita gente, por se dizer, que o Hidalchan não hia com tão grande exercito para sómente lhe tomar aquella Cidade, que era cabeça de seu estado, mas toda a mais terra que tinha, o que não podia ser sem grande perjuizo do Reyno de Bisnagá. O Cota Maluco vendo sua pessoa, e estado em tanto perigo, buscava todos os meios para se defender; e porque elle tinha doze Portuguezes cativos, que comprára a ElRey de Orixá, mandou-os fazer ante si, e se aconselhou com elles, que modo teria para defender aquella Cidade, em que consistia sua honra, e seu estado. Elles lhe deram taes modos, e traças para assegurar a Cidade, que Cota Maluco lha entregou, mostrando ter mais fé em sua lealdade, e esforço, que nos seus Capitães; mas os Portuguezes a não quizeram acceitar sem lhes dar Capitão para mandar a gente, porque a elles que víram, havia tão pouco, em estado servil, não haviam de obedecer, pelo que Cota *Maluco lhes* deo hum Capitão de que mais se fiava. Vindo o Hidalchan com todo o seu exercito, poz cerco á Cidade, e a começou a combater; mas os de

den-

dentro se defendêram de tal maneira, que nos primeiros tres combates lhe matáram mais de vinte mil homens, do que o Hidalchan ficou tão indignado, que determinou de se não mover dalli sem tomar a Cidade, em cuja defensão os doze Portuguezes fizeram cousas maravilhosas; e entre elles acertou de estar hum daquelles, a que Affonso d'Alboquerque em Goa mandou cortar os narizes, e orelhas por se lançar com os Mouros, que era grande artilheiro, e andava ganhando soldo com o Cota Moluco.

Em quanto a Cidade se combatia, andava o Cota Maluco no campo tomando todos os mantimentos que ao Hidalchan vinham, com que o poz em tanta necessidade, que de fome, e do trabalho dos combates que se deram, lhe morrêram mais de cem mil pessoas, em que entráram quinze mil de cavallo; e no arraial andavam mais de dez mil homens sem orelhas, e sem narizes, daquelles que hiam buscar mantimentos, e os mais delles eram de Melique Virido, aos quaes o Cota Maluco mandava soltar, e que se fossem apresentar de sua [illegible]te ao [illegible]dalchan, e lhe dissessem que mandasse a Melique Virido que lhe puzesse ou[illegible] orelhas, e outros narizes, dos que elle mandára cortar aos seus quando com elle tivera gue[illegible].

Neſte tempo do nojo que o Hidalchan trazia do máo ſucceſſo daquella guerra, que elle não eſperava, e de indiſpoſições ſuas, lhe veio naſcer huma apoſtema de que morreo. Sua morte dous mezes eſteve encuberta, ſem ninguem do arraial o entender. A cauſa de ſe encubrir era ter elle dous filhos, hum mais velho chamado Maluchan, que houvera de Aresbabá ſua primeira mulher filha d'ElRey Mamud Xiah; e outro menor por nome Melique Abrahemo, de outra ſua mulher Chandebibij, irmã do Nizamaluco, mancebo atrevido, e leve, e apparelhado para commetter qualquer feito por traveſſo que foſſe, e com iſſo mui aprazivel ao povo, cujas mãis de ambos eſtiveram á morte do Hidalchan ſeu marido. E porque na morte dos Reys, e Principes daquelle Oriente he couſa mui commum haver alevantamentos de gente, que anda a roubar a terra do Senhor morto, per tempo de tres mezes, e mais, ſe lhe não acodem, por terem por opinião, que naquillo moſtram a dor, e ſentimento que têm de ſeu Rey, para que todos ſaibam que perdêram nelle o amparo de ſuas [illegible]ras, [illegible] paz da terra: naquelle arraial não ſe atrevêram os filhos denunciar a mo[illegible] pai, por eſtar tanta gente junta, [illegible] a tiveram aquelle[illegible] mezes encuberta. Os irmãos

mãos entre ſi eſtavam tão receoſos hum do outro, que nem da tenda de ſeu pai ouſavam ſahir, por cauſa de algum theſouro que ſeu pai tinha comſigo, porque o mais groſſo tinha elle na Cidade de Biſapor, que era a cabeça de ſeu Eſtado.

Finalmente ſabendo Maluchan de ſua mãi, como ſeu pai o deixava por herdeiro de ſeu Eſtado, e ao Açadachan por ſeu Governador, elle em ſegredo o deſcubrio ao Açadachan; e depois de algumas diligencias que ſe fizeram para evitarem o alevantamento, de que a principal foi ſegurar o theſouro que eſtava no arraial, e a Cidade de Biſapor com algumas forças principaes, foram todos os Capitães chamados á tenda, onde lhe foi denunciada a morte do Hidalchan. E ſendo aberto o teſtamento, per que ſe vio como o Açadachan [a] ficava

 por

a O cargo de Açadachan correſponde em dignidade ao de Condeſtabre, e he de tamanha preeminencia no Reyno do Hidalchan, que quem o tem ſe aſſenta á ſua mão direita acima de todos os Senhores, e Capitães do Reyno, aos quaes precede em tudo, e com differença notavel faz a corteſia, (a que elles chamam Sumbaia,) a ElRey, porque os outros Capitães a fazem todas as Luas novas em hum campo grande, pondo a mão direita no chão, e depois ſobre ſuas cabeças, ſignificando que ſobre ellas põe a terra que ElRey piza, o qual eſtá em huma varanda vendo eſta ceremonia, e paſſar cada hum delles com ſeus Camelos, e Elefantes, e com as inſignias e inſtrumentos de guerra. E o Açadachan em dias aſſinalados chega com dez, ou doze mil cavallos, que ſuſtenta, a huma caſa de prazer fóra

por Governador, houve em todos muita indignação, dizendo, que como podia ser que hum escravo os havia de governar, havendo tantos homens notaveis, e do limpo sangue? Todavia a causa se dissimulou por medo do Açadachan, e elle fez logo que antes que dalli sahissem, fosse obedecido Maluchan por Senhor do Estado de seu pai. E segundo seu costume, os mais lhe vieram fazer sua çalema, que he como entre nós beijar a mão ao Rey per reconhecimento de Senhorio.

Quando Melique Abrahemo vio o testamento de seu pai, e que seu irmão ficava Senhor de seu Estado, como elle era pouco prudente, e impaciente em seus desejos, e achou disposição, começou logo a metter o arraial em revolta, buscando valias, e ajudas para romper em guerra com seu irmão, aproveitando-se então do que lhe custava pouco, que eram palavras, e promes-

da Cidade, onde ElRey vai, e alli lhe faz o Açadachan a sumbaia a cavallo, ou a pé, como ElRey estiver. O proprio nome deste Açadachan era Cufo, (a que João de Barros *chama Sufo; e por ser natural do Reyno de Lara vizinho ao de Ormuz, se chamava Cufo Larim. Sendo mancebo, veio ao Reyno do Hidalchan, a quem servio com muito valor nas guerras contra os Portuguezes, que vagando naquelle tempo o cargo de Açadachan do Reyno, lho deo o Hidalchan, e [illegible] do Concan, onde elle para sua estancia fez a fortaleza de Ponda.)* Diogo do Couto *cap. 6. do liv. [illegible] da 4. Decada.*

messas que fazia da governança que tinha Açadachan, a qual promettia a cada hum que o ajudasse, como fazem homens que pertendem haver Reynos, ou Estados que lhes não pertencem, os quaes se alcançam, ficam malquistos de muitos, porque não podem dividir o Estado, ou officio que promettêram a todos. Andando Abrahemo nestes subornos, lhe escreveo o Cota Maluco huma carta, em que lhe dizia, que se lançasse com elle, como lhe já outras vezes commettêra, e que o casaria com sua neta, e lhe faria haver o Reyno do Decan. E que o que elle víra naquelle cerco, lhe dava por fiador, e as perdas de gente, e de fazenda que seu pai o Hidalchan recebêra delle, e que trabalhasse por grangear alguns Capitães, e havellos de sua parte, e logo alli commettesse o negocio. Melique Abrahemo, como não desejava outra cousa, não houve para elle necessidade de mais esporas, e avocando a si dous principaes Capitães Albocane, e Melique Cuf Sarandiná [a], começou ajuntar hum grande número de gente de cavallo. Porém sabendo Açadachan do levantamento que elle intentava, antes que a mais procedesse, foi Melique Abrahemo prezo em ferros, e os dous Capitães Alboçane, e Melique Cuf, e foram logo en-

a *Xandivar lhe chama* Diogo do Couto.

entregues a hum Capitão dos principaes chamado Corgetechan, o qual com vinte mil homens os levou á Cidade de Panella, que tem hum mui forte castello, onde os metteo, ficando elle em sua guarda. [a]

CA-

[a] Diogo do Couto *trata do principio, e succesſão dos Reys do Decan, e da rebellião dos Capitães daquelle Reyno mui differente do que* João de Barros *escreve neſtes capitulos primeiro, e segundo, e no segundo do livro quinto da segunda Decada, porque diz* Couto *no cap.* 4. *do liv.* 10. *da* 4. *Decada, Que pelos annos de* 1312 *houve hum Rey do Delij, que com grande exercito baixou á India, e conquiſtou a maior parte do Canará, povoado naquelle tempo de Gentios; e tornando vitorioſo para ſeu Reyno, deixou naquella Provincia que ganhára hum parente ſeu, cujo nome foi Thogalaça, primeiro Rey della da ſeita de Mafamede. Eſte aſſentou ſua Corte na Cidade de Ultadab, e por ſua morte lhe ſuccedeo ſeu filho Soltam Singabupa, o qual poz o nome de Decan áquelle Reyno, de que os naturaes delle ſe chamáram Decanijs. Soltam Perá filho de Singabupa mudou a Corte para a Cidade de Cabun Burgui, onde reſidíram ſete Reys ſeus deſcendentes, Singa, Mahamed, Mugerdar, Daul, Mahamed II, Xadom, e Dilagar. Morreo eſte cerca dos annos de* 1415, *e ſuccedeo-lhe ſeu filho Soltam Piros, que foi Rey moralmente virtuoſo: fundou duas Cidades, huma chamada Piroſzobat, (que he hoje das principaes do Reyno do Idalxiah,) e outra Xar Bedar, ou Bider, para a qual mudou ſua Corte. A eſte Rey ſuccedêram outros ſete Reys, Mahamed III, Homahú, Hamed, Homém, Mahamed IV, Walgbar, e Daudar, homem fraco, e de pouco governo, que repartio o Reyno do Decan em capitánias, huma deo a Adelcam, (a quem chamamos Hidalchan,) que era Juſtiça maior de ſeus Reynos, cuja capitania ſe eſtendia pola coſta do mar quaſi ſeſſenta leguas, deſde Angediva té Ciſardam. De Ciſardam té Nagotana, que são pouco mais de doze leguas de coſta, deo a Nizaman Moluc, (que he o Nizamaluco,)*

CAPITULO III.

Como levando Maluchan o corpo de seu pai a sepultar, lhe veio ao caminho Cota Maluco, e houve batalha com Melique Virido: e como Abrahemo foi solto por Cogertechan, e soccorrendo-o Nizamaluco seu tio, foi prezo Maluchan.

TAnto que a Maluchan veio nova como Abrahemo, e os Capitães Albocane, e Melique Cuf eram prezos em Panella, par-

pagem da sua lança. Na terra, que fica ao Levante destas duas capitanias, na Comarca dos Talingas, que confina com o Reyno de Canará polo Norte, e polo Oriente com o de Orixá, poz Soltam Daudar a Coth Moluc seu Thesoureiro mór, a que erradamente chamamos Cota Maluco. E aquella parte de Hadaverar, (que quer dizer terra de casamentos, porque alli vam todos os Gentios do Decan fazer suas vodas,) que fica ao Noroeste do Estado do Cota Maluco, e confina com o do Miram, e Virgi, que já são de Cambaya, deo a Idmad Moluc Condestabre mór do Reyno, que com a mesma corrupção chamamos Madre Maluco. Reynou Soltam Daudar sete annos, ficou-lhe hum filho de pouca idade debaixo da tutoria de hum Capitão chamado Virido, Ungaro de nação, Armeiro mór d'ElRey. Em tempo deste, nos annos de 1440, se levantáram os quatro Capitães cada hum com as terras que governava, e o Virido se entregou do moço Rey, e da pequena parte do Reyno de Decan, que lhe deixáram os Capitães rebellados, na qual ficou a Cidade de Xarbedar. E como este Rey teve idade, Virido o casou com huma filha sua, de que houve hum filho, que depois foi casado com huma filha do Idalxiah, e he o verdadeiro herdeiro de todos estes Estados usurpados, dos quaes possue o menor quinhão.

partio com o corpo de ſeu pai para lhe dar ſepultura na Villa de Gogij, oito legoas de Biſapor, contra as terras do Cota Maluco, onde tinha ſeu jazigo. E porque o corpo havia de paſſar neceſſariamente per hum paſſo entre humas ſerras tão aſpero, que ſe não podia ir per elle ſenão a fio, alli veio Cota Maluco eſperar a Maluchan; e como na

O Hidalchan poz a ſua Corte na Cidade de Biſapor, andava nella hum Turco chamado Cuſo, que em tempo de Soltam Daudar foi ter a Xarbedar, mancebo, e pobre em huma caſila de mercadores; e quando ſe levantáram os Capitães, ſe paſſou Cuſo para o Hidalchan, que ſe lhe affeiçoou tanto, que era por elle governado. Matáram ao Hidalchan ſeus vaſſallos, juſto caſtigo de ſua traição, como o tiveram os outros Capitães, cujos Eſtados não lográram ſeus herdeiros, e vieram a poder de outros tyrannos. Deixou o Hidalchan hum filho de poucos annos, apoderou-ſe Cuſo delle, e do Eſtado per ſua morte, que ſuccedeo hum anno depois que matáram ao Hidalchan. Eſte titulo tomou tambem Cuſo: eſtendeo os limites de ſeu Senhorio, e conquiſtou a Ilha de Goa, que poſſuia hum Senhor Canará chamado Savay, vaſſallo d'ElRey de Canará. E por não ſer verdadeira a informação que deſtas couſas deram a João de Barros, *confundio o nome do Gentio Savay com o de Cuſo Hidalchan, que era já Senhor de Goa quando as armas Portuguezas entráram na India. Viveo Cuſo té o anno de 1505: ficáram-lhe dous filhos, Iſmael, e Meale, Iſmael como maior herdou o Eſtado, e titulo de Hidalchan, a quem o grande Affonſo d'Alboquerque tomou Goa. Morreo Iſmael Hidalchan no anno de 1534: ſuccedêram-lhe dous filhos, Maluchan, e Abrahemo, que são eſtes dous, de que trata* João de Barros *nos dous capitulos paſſados.*

Affirma Diogo do Couto, *que tirou eſta relação das Chronicas dos Reys do Decan, e o ſoube per informação que lhe deram Embaixadores deſtes Principes, e Mealechan filho de Cuſo Hidalchan.*

na avanguarda do exercito hia Melique Verido, e no corpo da batalha Maluchan com o corpo de seu pai, e suas mulheres, e familia, e o Açadachan na retaguarda, deo Cota Maluco na avanguarda com quatro mil homens escolhidos para este feito; e conhecendo a divisa que era de Melique Verido seu grande inimigo, com maior impeto rompeo a gente, e foi de maneira, que logo ferio a Verido de huma fréchada em hum braço, e com hum zarguncho lhe passáram hum ombro. Tanto que esta nova veio ter ao Açadachan, ainda que vinha longe, acudio, e querendo-o as mulheres do Hidalchan entreter, pedindo-lhe que não passasse adiante, e que fossem rodear per outra parte, elle respondeo: *Nunca Deos queira, que levando eu aqui o corpo de meu Senhor, e suas mulheres, que he a minha honra, deixasse de ir avante; porque, que maior gloria posso eu desejar, que morrer diante dellas, por defender o corpo de meu Senhor, e suas pessoas?* E não se detendo, passou adiante, e a revolta se acabou com o Cota Maluco perder mil homens, em que entráram quatro Capitães, hum era seu genro, e hum Abexij seu Capitão geral, e elle foi ferido levemente. Com este damno se retirou Cota Maluco pela espéssura das matas, que per alli ha mui grandes, como

quem

quem ſabia as veredas della, por ſerem em ſua terra, e ou para o não buſcarem, ou para alguma eſtratagema que determinava ordenar, fez que lançaſſem os ſeus fama, que naquelle recontro fora morto; e maior foi o damno que alli recebeo, que o que teve na Cidade Goulaconda, que lhe defendêram os Portuguezes; mas elle tambem ſe vingou, matando da gente do Verido, e do Açadachan tres mil e quinhentos homens, a fóra os feridos, em que tambem o Açadachan entrou.

Tornando-ſe ajuntar, e ordenar o exercito, quizera Maluchan com aquella nova da morte do Cota Maluco, que antes que foſſem mais adiante, tornaſſem á Cidade, que tiveram cercada para lha tomar, e aſſi todo o Eſtado. Mas eſte conſelho não approvou o Açadachan, porque como ſagaz que era, e tinha tratado o Cota Maluco muito tempo, e ſabia ſer manhoſo, e cheio de aſtucias, diſſe que ſua morte era fingimento, que foſſem em boa hora ſeu caminho, e aſſi ſe fez, deixando aquella empreza para outro tempo mais conveniente, porque naquelle primeiro anno aſſás tinha que fazer Maluchan em aſſentar as couſas de ſeu Eſtado. Chegados a Gogij, onde ſepultáram ao Hidalchan, e lhe fizeram ſuas exequias ſegundo ſeu uſo, foi-ſe Maluchan

á Ci-

á Cidade de Biſapor, e dalli deſpedio a Madre Maluco, e Melique Verido para irem pôr cobro em ſuas terras. E porque com os alevantamentos que em as proprias havia, andava tudo revolto, e não ouſava ninguem caminhar, mandou a Açadachan com hum groſſo exercito a pacificar os levantados.

Neſte tempo Melique Abrahemo, que eſtava prezo, começou a cartear-ſe com ſeu tio o Nizamaluco; e ſua mãi Chandebibij, que com elle eſtava, fazia o meſmo, chorando com muitos queixumes a prizão de ſeu filho, pedindo-lhe como a bom irmão que o vieſſe tirar della, dizendo, que não faltava para ſer livre mais que mover-ſe elle a iſſo, ſegundo o tinha entendido de Cogertechan, que ſó com quatrocentos homens de armas eſtava em guarda de ſeu filho. O Nizamaluco, que deſejava ſucceder caſo para ſe fazer Senhor do Eſtado que Abrahemo pertendia, ſe fez preſtes com pretexto que o queria ir livrar da prizão em que eſtava; mas quando chegou, já Cogertechan o tinha ſolto, com as promeſſas que lhe Abrahemo fez de lhe dar o governo do Eſtado, e outras couſas, a fóra o que a mãi de Abrahemo lhe deo em dinheiro, e joias, como mulher rica que era. E ao tempo que o Nizamaluco chegou á Ci-

Cidade de Panella, já Abrahemo tinha mais de quatro mil homens tomados a soldo, com o dinheiro que lhe a mãi deixa, e outra mais gente que Corgetechan ajuntou, della a soldo, e della que vinha a seguir a ventura daquelle Principe, por ser conhecido por benigno, e liberal, partes que mais ganham os corações dos homens, e per que muitos Principes de pequenos principios vieram a ser mui grandes, e celebrados. A causa por que Cogertechan soltou a Abrahemo, e aos dous Capitães que com elle estavam, além das dadivas, e promessas que lhe foram feitas, foi, porque receava que o Nizamaluco lho tomaria per forças, e perderia elle o beneficio de o soltar, além de perder na defensa o Estado, e a vida, polo que se quiz anticipar.

O Nizamaluco chegou com grande exercito junto á Cidade de Bisapor, onde Maluchan estava, cujos Capitães o entregáram prezo ao Nizamaluco, por temerem o grande poder com que vinha, o qual logo fez levantar por Senhor a seu sobrinho Abrahemo, com as ceremonias que entre elles usam; e em pago da prizão de Cuf, que por amor delle Abrahemo teve, lhe entregou a seu irmão Maluchan prezo em ferros, para que ficasse com elle alli em Bisapor, e o guardasse com três mil homens de armas.

Me-

Melique Verido como ſoube que o Nizamaluco ſoltára ſeu ſobrinho Abrahemo, e o mettêra em poſſe do Eſtado, parecendo-lhe que aſſi o tio, como o ſobrinho poderiam ter neceſſidade delle, por as couſas ſe armarem de maneira, que ſe podia eſperar guerra, eſcreveo ao Nizamaluco, que elle ſería em ſeu favor, quando lhe cumpriſſe, e ajudaria com todo ſeu poder a Melique Abrahemo, com tanto que lhe déſſe ſua irmã Chandebibij por mulher. Quando Chandebibij ſoube da carta de Melique Verido, ficou tão indignada por aquelle atrevimento de hum vaſſallo de ſeu marido, e ao preſente de ſeu filho, a pedir per mulher, que pondo-ſe ante ſeu irmão, e ſeu filho, com muitas lagrimas lhes pedio ambos juntamente foſſem logo vingar aquella grande injúria. O Nizamaluco, que (como diſſemos) mais ſe moveo a vir ſoltar ſeu ſobrinho para tomar para ſi o Eſtado do Hidalchan, que para o pôr nelle, apazigou a irmã com palavras, dizendolhe, que tudo tinha ſeu tempo, e que aſſi o haveria para aquelle caſtigo tão bem merecido; mas que o que cumpria então era diſſimular todas as offenſas, té ſegurar ſeu filho naquelle Eſtado. E por não deſeſperar da pretenção a Melique Verido, lhe reſpondeo brandamente, dando-lhe eſperança de

de o contentar no que fosse nelle: e que sua irmã não tinha ainda enxugado as lagrimas pola morte do Hidalchan seu marido, e polos trabalhos em que víra, e via a seu filho, que por isso a deixava satisfazer a seus nojos té passar algum tempo, que cura todas as paixões daquella qualidade, e que entretanto elle acceitava seu offerecimento, e o punha á sua conta para o pagar quando lhe cumprisse.

CAPITULO IV.

Como indo o Açadachan a Bisapor livrar da prizão a Maluchan, Melique Cuf, que o guardava, lhe arrancou os olhos, e com elle, e com o thesouro se foi para Abrahemo: e das differenças que trouxeram muitos Capitães do Decan: e da morte de Melique Cusso Cocheca.

O Açadachan antes que partisse para ir assentar os levantamentos do Reyno do Decan, tirou do thesouro do Hidalchan quatrocentos mil pardáos d'ouro, dizendo serem necessarios para despeza da guerra que hia fazer. E o primeiro caminho que fez, foi para as fraldas da serra de Gate, (que he aquelle grande espinhaço, e corda de serranias, que vai do Norte para o Sul, té acabar no cabo de Comorij,) que cahem

pa-

para o mar, nas terras de Curale, Salsim, Parvoláe, e Banda, que ficam acima de Goa. Nestas terras andam salteando tres Capitães Gentios, Berugij, Verugij, e Ramugij, que eram da geração daquelle Comogij, que antigamente fora Senhor dellas, como na terceira Decada dissemos [a], quando Ruy de Mello Capitão de Goa as tomou ao Gentio desta linhagem. Estes traziam quinze mil homens de pé, e por a terra ser mui aspera, e de serrania, se embosçavam de maneira, que o Açadachan andava em busca delles, como quem andava monteando, dando ora em huns, ora em outros.

Andando neste trabalho, lhe deram novas de como Melique Abrahemo era solto, e levantado por Senhor do Decan, e prezo Maluchan, e posto em guarda de Melique Cuf. A qual nova o intristeceo tanto, que deixada a montaria em que andava, partio logo caminho de Bisapor a soltar Maluchan, para o que ajuntou a mais gente de cavallo que pode. Melique Cuf que o tinha em guarda, temendo esta ida do Açadachan, e que lhe podia tomar Maluchan, por o muito poder que levava, com tamanho atrevimento, como crueldade, lhe arrancou os olhos, e tomando-o a elle, e

ao

a Capitulo 5. do livro 4.

ao thesouro que tinha comsigo, foi-se ter com Melique Abrahemo á Cidade de Calberga. O Açadachan como teve nova que Maluchan estava cégo, e elle, e o dinheiro em poder de Abrahemo, deixado o caminho de Bisapor, tomou o de Calberga.

Sabendo Abrahemo da ida de Açadachan, e parecendo-lhe que por haver sido feitura do Hidalchan seu pai, folgaria de o servir, já que a Maluchan o não podia fazer, lhe mandou ao caminho muitas cartas com todos os mimos, e branduras com que podia aplacar-se, dizendo-lhe, que pois Deos aquillo ordenára per mão daquelle máo homem, cegando seu irmão, enganado por lhe parecer que com aquelle feito se escusavam muitas mortes de entre elles, houvesse por bem de lhe ir obedecer, porque elle lhe promettia de o fazer seu Governador, como era de seu irmão, com mais accrescentamento de honra, e estado do que elle tinha; dizendo mais, que senão castigára logo a Melique Cuf, por o grande crime que commetteo, era porque andavam as cousas tão revoltas como elle sabia, polo que não cumpria buscar novos odios, senão paz, e concordia; mas que elle lha tinha guardada para seu tempo, como veria. O Açadachan, como homem que se não fiava de tantos mimos, e cumpri-

mentes, tanto que chegou á Calberga, assentou seu arraial, segundo o uso que elles tem assi na paz, como na guerra; porque como os tyrannos todo o tempo, e lugar, e pessoas lhes são suspeitas, tinha Açadachan sua tenda só no meio de huma grande praça, despejada ao redor hum bom espaço de todas as outras tendas; em torno della em modo de cerca estava toda a gente de cavallo, e esta tambem apartada de toda a outra gente outro espaço; e além deste, estavam os elefantes pela mesma maneira de cerca; e na mesma ordem, e distancia ficava a gente de pé de maneira, que quem quizesse ir fallar ao Açadachan na tenda, havia de passar por todos estes muros, e escampados para ser visto de todos.

Tendo o Açadachan alojado o seu arraial nesta ordem, cinco leguas do de Abrahemo, mandou per hum seu criado chamado Cacem pedir-lhe hum seguro para ir a elle, ao qual Melique Abrahemo recebeo com muita honra, e gazalhado. E passadas muitas cousas entre elles, por Abrahemo achar disposição em Cacem, lhe commetteo que matasse ao Açadachan, e que elle lhe promettia de lhe dar todo o seu Estado, além de outras mercês, e que per este modo ficava livre de ser escravo de

hum eſcravo. Acceitado o partido, e tornado Cacem ao Açadachan, deſpejou a tenda por ſer de noite, e ficou ſó com elle ouvindo o que paſſára com Abrahemo, e o contentamento que moſtrára ter delle, e deſejo de ſe verem ambos. Huns dizem, que o Açadachan foi aviſado per via de algum amigo, que tinha no Conſelho de Abrahemo, com quem elle communicou eſte caſo; outros, que o Açadachan era tão agudo de engenho, e ſuſpeitoſo de ſua condição, que nos meneos, e prática de Cacem entendeo que trazia o animo damnado; e como era já alta noite, o matou com ſuas mãos com hum punhal; e ao outro dia, ſem diſſo dar conta a ninguem, deixando ſeu arraial aſſentado como eſtava, ſe partio a grande preſſa ſó com doze de cavallo, que levou para guarda de ſua peſſoa. E ſendo já alongado do arraial eſpaço de huma legua, mandou ao Capitão, que tinha cargo de o aſſentar, o levantaſſe, e o ſeguiſſe com boa ordem caminho de Bilgan, onde tinha ſeu aſſento. Melique Abrahemo como teve nova, que o arraial era levantado, e o Açadachan deſapparecido, e que Cacem fora achado em ſua tenda morto, entendeo que o que com elle paſſára fora ſábido pelo Açadachan, e mandou alguma gente que foſſe em ſeu ſegui-

men-

mente, a qual não o podendo alcançar, degollou alguma da retaguarda.

Melique Abrahemo com a partida do Açadachan se foi a Bider, que era de Melique Virido, para o castigar da ousadia, que tivera em mandar commetter ao Nizamaluco, que lhe désse por mulher a mãi delle Abrahemo. Para esta guerra o vieram ajudar o Madre Maluco, e Cota Maluco, que era o que mais desejava destruir a Verido, por serem inimigos antigos, e vinha tambem por a pretenção de ter Abrahemo por genro. Melique Verido sabendo que estes dous Capitães vinham em companhia de Abrahemo, e que o Nizamaluco se fora fingindo huma necessidade subita, entendeo que o não queria defender; e não se atrevendo esperar o impeto daquelles seus contrarios, desamparou a Cidade de Bider, e fugio só, levando o mais dinheiro que pode haver. Abrahemo foi o primeiro que chegou a Bider, e tomou posse della, onde achou muitos cavallos, e elefantes, de que se forneceo, tendo delles necessidade. Havendo já tres dias que estava na Cidade, chegou Madre Maluco, e Cota Maluco, e assentáram seus arraiaes duas leguas da Cidade, por saberem ter já tomado Abrahemo posse della sem peleja, e que o Verido desapparecêra. Estes Principes ambos per-

tendiam ter por genro a Melique Abrahemo, querendo Cota Maluco dar-lhe huma neta, e o Madre Maluco huma filha; mas Madre Maluco se anticipou; e quando o outro o soube, calou-se sem fallar nisso a Abrahemo, tendo-lhe já fallado havia dias, como temos dito atrás. Porém Abrahemo quando vio que lhe não fallava Cota Maluco, o commetteo; mas elle se escusou dizendo, que sua neta era menina mais para crear, que para casar, que elle para isso a creava, que entretanto bastava a filha de Madre Maluco, e que por esta causa, e ser seu amigo deixára de lhe fallar nisso. Melique Abrahemo, porque desejava de se liar com estes dous homens per casamentos, por lhe cumprir assi para suas cousas, tanto apertou com Cota Maluco, que lhe prometteo sua neta, como tornasse para seu Estado. Acabados estes concertos, Melique Abrahemo se partio para Bisapor; mas não quiz alli estar mais que em quanto deo ordem para deixar naquella Cidade seu irmão prezo, assi cégo como estava, onde lhe deixou guardas de sua pessoa, e o necessario em abundancia para seu sustento, e daquelles que o servissem, e dahi se tornou a Calberga, e o Madre Maluco, e Cota Maluco para suas terras.

Cogertechan per o beneficio que a Me-

li-

lique Abrahemo fizera de o soltar, e lhe dar o ser que tinha, esperava que fizesse delle muita conta, e lhe désse o governo de seu Estado, como lhe promettêra. Polo que vendo que o fazia ao contrario, indignado daquella ingratidão, secretamente se foi para o Açadachan, e se confederou com elle em odio de Abrahemo, e se foram contra a Cidade de Calaçá. Era ainda vivo hum irmão do Hidalchan [a], e tio de Melique Abrahemo, ao qual escrevêram ambos, animando-o que se quizesse levantar, e vir para elles, que o fariam Senhor do Estado que fora de seu irmão, de que elle era mais digno que seu sobrinho, que per tão máo titulo o houvera. Mas como elle sempre fora de fraco animo, e froxo, não respondeo ao proposito delles. Polo que declarados o Açadachan, e Cogertechan por inimigos de Abrahemo, determindruam de metter em sua liga a Melique Cuffo Gochcea, e para isso foram buscallo á Cidade de Calará, de que era Senhor, e achando nova que era ido contra a parte da serra de Gate, que cahe sobre Dabul, com proposito de ir roubar aquellas terras, folgáram muito, por ser elle tambem levantado, e fóra da obediencia de Abrahemo. E logo ambos estes novos amigos lhe es-

a *Este era Mealechan.*

escrevêram, que o vieram buscar para tratarem algumas cousas, que lhe a elle relevávam, que assignalasse o lugar onde queriam que se vissem ambos. O fundamento com que Melique Cuffo sahio de Calará, foi escorchar Mujatechan Tanadar de Dabul de algum dinheiro. Ao qual de cima da serra mandou dizer, como andava na guerra servindo o Hidalchan, e que elle Mujate era rendeiro, que estava mui descançado em Dabul enchendo-se de dinheiro, que lhe mandasse logo huma certa quantidade para pagar o soldo a quatro mil homens que trazia comsigo. Mujatechan sabendo que sahia elle de Calará para o vir destruir, se lhe não respondesse á sua vontade no que lhe pedia, e que tambem vinha em proposito de ir tomar as terras de Parvolide, que então eram de Aga Mustafá, mandou-lhe aviso da determinação de Melique Cuffo, e que se fizesse prestes. E posto que antes não estavam correntes na amizade, se fizeram então amigos na commum defensão, e em odio de Cuffo, e se víram na terra de Chaporan; e jurada sua amizade, com dez mil homens se foram ao cume da serra do Gate em busca de seu inimigo. Melique Cuffo ou porque os temeo, ou porque naquelle tempo lhe deram o recado que dissemos do Açadachan, e

de

de Cogertechan, deixou-os com ſeus apercebimentos, e foi-ſe ver com o Açadachan, e com Cogertechan; e indo primeiro ao arraial de Cogertechan, elle lhe ſahio ao caminho, e encontrando-ſe ambos, e abraçando-ſe, Cogertechan arrancou de huma adaga, e lhe deo duas adagadas, de que logo lhe cahio aos pés morto; e ſem mais eſperar, nem o fazer ſaber a Açadachan, a grande preſſa ſe foi metter de poſſe da Cidade, e de quanta fazenda Melique Cuſſo tinha. O Açadachan, que com elle eſtava contratado, que o ganho que naquella empreza a que hiam houveſſem, foſſe repartido entre elles igualmente, por Cogertechan o não querer cumprir, e ſe eſcuſar dizendo, que como lhe havia de dar parte do que elle por ſi ſó ganhára, ſem ajuda ſua? ſe anojou muito delle, mas ſoffreo a indignação daquelle caſo por não haver tempo para ſe vingar, e deixando o caminho que levava, ſe tornou ás fraldas do mar.

CA-

CAPITULO V.

Como o Açadachan fez que o Achandegij viesse a tomar as terras, que foram de seus avós, dando-lhe para isso favor, e ajuda: e do que elle fez com outros Capitães.

LOgo que o Açadachan foi da outra parte da serra, mandou recado a Achandegij, que fora filho do Senhor de Parvolide, e andava em Cambaya, que viesse tomar as terras que foram de seu pai, e avós, e que elle o favorecia com gente, e dinheiro para as cobrar; o que logo Achandegij fez, e chegado áquellas terras, achou recado do Açadachan, e dinheiro, com que logo fez dous mil homens, com os quaes começou de roubar as Tanadarias dos Mouros. E por elle ser natural Senhor da terra, o Gentio se ajuntou a elle de maneira, que em pouco tempo lhe vieram mais de outros mil homens. Aga Mustafá, que era Capitão daquellas terras por o Hidalchan, acudio com gente grossa a este damno; mas não pode dar batalha a Achandegij, por lhe andar fugindo por lugares asperos, e montuosos, na qual retirada hia roubando, e destruindo a terra, e per este modo matou a Mustafá mais de dez mil ho-

homens. E foi correndo do Norte para o Sul, per toda aquella fralda do mar até as terras de Cural, e Antruz, que são já das terras firmes de Goa. Aqui ſe ajuntou com os outros Capitães Gentios Berugij, Verugij, e Ramugij, que tambem per aquellas partes andavam fazendo outro tanto damno.

Neſte tempo eſtava já Açadachan recolhido na ſua Cidade de Bilgan, e dalli eſcreveo muitas vezes a Mujatechan Tanadar de Dabul, que entraſſe na ſua liga, fazendo guerra per aquella parte, e elle faria per baixo outro tanto, e ficariam ambos Senhores dos portos do mar, e dando obediencia ao Governador da India, ficariam ſeguros, do qual não ſeriam tão reſpeitados como eram de Melique Abrahemo, e que fazia fundamento de lhe entregar as terras firmes de Goa. Deſta confederação ſe eſcuſou Mujatechan dizendo, que o Governador Nuno da Cunha não havia de acceitar tal couſa, por ter aſſentadas pazes com o Hidalchan, nem elle havia de deſobedecer a ſeu Senhor, por não ſer havido por traidor. Vendo Açadachan eſte deſengano, o fez logo ſaber a Cogertechan, que eſtava na Cidade de Calará, tornando-ſe a reconciliar com elle, provocando-o que foſſe ſobre Mujatechan. O que elle logo determinou fazer; mas primeiro man-

dou

dou dizer a Mujatechan, que bem sabia como lhe dera a vida em o livrar de Melique Cuffo Cocheca, que elle matára; e pois com aquella morte tudo o que tinha elle lho dera, lhe mandasse os seus elefantes, e alguns bons cavallos Arabios, e alguma ajuda de dinheiro para pagar á gente que trazia, com que se haveria por satisfeito, senão que se apercebesse ao castigo, que lhe logo iria dar, como a homem ingrato. Cogertechan não contente da respos-ta de Mujatechan, mandou dizer a João Criado Feitor d'ElRey de Portugal em Dabul, que posto que lhe dissessem que elle hia sobre Dabul, que não temesse; por quanto elle não havia de tocar em pessoa alguma, nem cousa d'ElRey de Portugal, e sómente hia a castigar ao Tanadar Mujatechan. João Criado lhe respondeo, que não fizesse tal caminho, porque elle havia de defender o Tanadar de quem mal, ou damno lhe quizesse fazer, como se fosse natural Portuguez. E porque entre elles houve outros mais recados, mandou João Criado pedir soccorro a Chaul, que está dalli dezoito leguas, com que ajuntou vinte bargantijs, e algumas fustas, que Nuno da Cunha lhe mandou de Goa para aquelle caso. Com este favor Mujatechan foi esperar Cogertechan no lugar onde elle esperava a Meli-

Liquie Cuſſo ; mas Cogertechan não ouſou vir buſcallo , por ſaber que eſtava favorecido do Feitor.

Paſſados alguns dias , e partido João Criado , por acabar ſeu tempo da Feitoria , tornou Cogertechan repetir a meſma contenda , até que vieram a batalhar no lugar onde Mujatechan o foi buſcar da outra vez. Neſte rompimento perdeo Mujatechan quatrocentos homens de cinco mil que levou , e outros favorecêram o vencedor , lançando-ſe com elle , que eſte he o coſtume daquellas gentes , por a pouca lealdade que nelles ha ; e o vencido ſe acolheo a unha de cavallo á ſua fortaleza de Chaporan ſeis leguas de Chaul , onde tinha a maior parte de ſua fazenda. Cogertechan com eſta vitoria ſe foi logo caminho de Dabul , mandando dizer diante que ninguem fugiſſe , porque elle não hia mais que a tomar a fazenda do Tanadar , por os roubos que fazia por terra ; mas não querendo experimentar ſua verdade os Guzarates , e outros mercadores ricos , ſe recolhêram , e Cogertechan o cumprio tambem , que não fez nojo a peſſoa alguma , ſómente ſe contentou com tomar a fazenda de Mujatechan , além do mais que trazia do ſeu arraial , que eram elefantes , e cavallos. E por aſſi entrar ſem offenſa de alguem , e uſar de muita tempe-

pe-

perança, foi recebido de todos de boa vontade, a qual elles não tinham a Mujatechan por os despeitar mui cruamente. O qual desbaratado, e recolhido na sua fortaleza de Chaporan, esteve nella todo o inverno, sem ousar de ir a Melique Abrahemo, que se já chamava Hidalchan como seu pai, porque lhe era forçado passar por as terras de seu inimigo Cogertechan. Nem tambem ousava ir per mar buscar o Governador Nuno da Cunha, em que elle tinha muita confiança, por causa do inverno, em que se não podia navegar.

Cogertechan, passados alguns dias, depois desta vitoria, foi-se para a Cidade de Calará, e segundo diziam, já perdoado da morte de Melique Cuffo Cocheca. O qual Cuffo tinha hum filho, e vendo que por duas peitas, que este matador de seu pai deo, o Hidalchan o tornou em sua graça, andou hum dia ao redor de Calará vendo se achava azo de o matar, e quando não pode, com alguma gente que ajuntou andou a roubar as terras, como os outros faziam. Cogertechan tomada posse de Calará, e de todas suas rendas, e perdoado do Hidalchan dos males que tinha feitos, determinou de com grande apparato de casa, e gente ir a Bisapor a fazer çalema ao Hidalchan, e ao servir. Mas porque ao

tem-

tempo que chegou soube que havia dous dias que elle mandára cortar as orelhas a Melique Cuf Sanadìná, que era aquelle, que cuidando que nisso o servia, arrancára os olhos a Maluchan, não quiz experimentar em sua pessoa outro tal galardão, como o que o Hidalcan deo a quem lhe deo a vida, e o Estado; e dahi a poucos dias, fingindo certa necessidade, se tornou a Calará, lembrando-lhe o que tinha feito. Como foi em Calará, se carteou com o Nizamaluco, commettendo-lhe que o recolhesse em seu serviço; e como teve seu recado, com toda sua fazenda se foi para elle. O Nizamaluco com a lealdade, e fé que naquella nação ha, como com elle foi, lhe tomou quarenta elefantes, que levava, e duzentos cavallos, e grande movel de casa, e muito dinheiro, sem lhe deixar mais que quanto tinha vestido. Outros dizem, que alguma cousa lhe deo por o que lhe tomou; principalmente por os elefantes, e cavallos, dizendo que os havia mester, mas que foi tão pouco, que elle o não quiz acceitar. E porque Cogertechan com temor pedio ao Nizamaluco licença para se embarcar para Méca, o Nizamaluco mandou com elle hum seu Capitão per nome Coscam com quatrocentos de cavallo a Chaul para ahi se embarcar, mandando áquel-

áquelle Capitão que ſe não vieſſe ſem deixar embarcado.

Simão Guedes, que eſtava por Capitão da fortaleza de Chaul, como ſoube que elle eſtava no Argao, que ſerá da fortaleza huma legua, por a informação da peſſoa, e qualidade de Cogertechan, lhe mandou dizer, que ſe houveſſe por bem de ſe recolher naquella fortaleza, que elle o agazalharia nella de boa vontade, até ſe determinar no que queria fazer de ſi. Elle com palavras de homem, que vinha em tão triſte eſtado, lhe mandou agradecer muito aquella offerta, e a acceitou, e Simão Guedes per ſua peſſoa o foi buſcar, e o trouxe á fortaleza, onde lhe mandou dar o melhor apoſento que havia, com todo o neceſſario para ſeu ſerviço. E tendo Nuno da Cunha, que então eſtava em Dio, recado de Simão Guedes, do eſtado em que Cogertechan alli chegára, e quem era, o mandou levar a Dio para lhe fazer algum bem, como fez, provendo-o do neceſſario. E porque elle eſtava de caminho para Goa, e Soltam Badur era ido a viſitar algumas partes de ſeu Reino, como atrás diſſemos, [a] lhe eſcreveo ſobre Cogertechan, pedindolhe houveſſe eſte homem por hum dos ſeus acceitos, por quem elle era, e por lhe fa-

zer

a No Cap. 16. do Liv. 6.

zer aquelle mercê, e assi o encommendou a Manoel de Sousa Capitão da fortaleza de Dio, e ao Ráo Capitão da Cidade. E quando ElRey veio por a recommendação que lhe fez Nuno da Cunha, e por saber quem era Cogertechan, o recolheo por seu Capitão, como os outros mais principaes. E como naturalmente era magnifico, e liberal, logo de boa entrada lhe mandou dar para se apperceber do necessario vinte e sete mil pardáos d'ouro, e elle foi depois hum dos principaes Capitães de Cambaya.

CAPITULO VI.

Como o Hidalchan mandou rogar ao Açadachan que se fosse para elle: e como o Açadachan trabalhou porque Nuno da Cunha tomasse as terras firmes de Goa.

ANdavam neste tempo os tres Capitães Gentios que dissemos, Berugij, Verugij, e Ramugij nas terras de Goa mui prosperos, destruindo, e roubando as cousas dos Mouros, sem perdoar a alguma, com cujo temor os Tanadares Mouros deixavam as terras, recolhendo-se em Goa. Os Mouros Naiteas, que são os naturaes da terra, fugiam com suas mulheres, e filhos para as terras de Goa, sómente ficou na forta-

le-

leza de Pondá hum Tanadar por nome Genetechan, homem principal, e bom cavalleiro, ao qual puzeram cerco; e tão apertado foi delles, que eſteve para deixar a fortaleza, como elles fazem quando ſe vem em algum aperto deſtes ladrões, ou para melhor dizer, deſtes ſeus Senhores naturaes, e antigos daquellas terras. Neſte cerco não ſómente Genetechan perdeo gente, mas os agreſſores muita mais. E porque em huma cilada, que Genetechan lhes armou, morrêram alguns dos principaes, elles ſe foram a outras partes, onde não eſperavam achar tanta reſiſtencia, fazendo muito damno por o muito que recebêram em Pondá; e com deſejo de ſe vingarem, tornáram ſobre Genetechan, o qual ſe vio tão apreſſado delles, que lhe veio a mover concerto, que deixaſſem elles as terras de Pondá, e Salſete, e ſe foſſem para as terras de Singuiçar, Cacorá, e Bailim, e as tomaſſem com a Tanadaria de Cintacora, e as comeſſem livremente para ſempre, com o qual partido ſe foram contentes. Genetechan, e os Mouros, que eſtavam recolhidos nas Ilhas, tornáram-ſe para ſuas caſas, o que não ouſáram fazer os Tanadares, temendo que como a gente eſtava levantada, por ſer toda quaſi Gentia, não lhe quizeſſem obedecer. Os Gançares dellas, que são as cabeceiras

obri-

obrigados aos pagamentos das rendas das Tanadarias, vendo que as terras ficavam assi desamparadas de Tanadares, enviáram muitos recados ao Governador Nuno da Cunha, que mandasse tomar posse dellas, porque elles as queriam entregar antes a elle, que aos Mouros, por serem delles mais vexados, e roubados. Nuno da Cunha dissimulou com este requerimento, não o acceitando, nem engeitando a offerta, esperando vir occasião para as elle haver com mais causa, por não romper a paz, que tinha assentada com o Hidalchan.

O Açadachan, como quem de algum lugar alto, e seguro está olhando algum grande fogo, que anda nos campos alheios, assi elle da sua fortaleza de Bilgan estava olhando em que haviam de parar todas estas cousas, que ardiam per tantas partes, cujo fogo elle accendêra, até que o negocio veio a parar no termo que elle mais desejava, que foi, escrever-lhe o Hidalchan cartas mui mimosas, rogando-lhe nellas muito que se fosse para elle, porque com seu conselho, e prudencia esperava governar melhor aquelle Estado; que lhe pedia por a obrigação que tinha aos ossos de seu pai, folgasse de lhe fazer aquelle prazer, e que elle lhe promettia, mostrar-lhe logo per obras quanto isto estimaria. O Açadachan, que

era mui aſtuto, e diſſimulado, toda a ſua reſpoſta foi, pedir ao Hidalchan o houveſſe por eſcuſo, por ſer já mui canſado dos trabalhos da vida; e eſſa que tinha por paſſar, que ſeria mui pouca, ſegundo ſua idade, queria deſpender em ſe encommendar a Deos, ſem entender em outro negocio, e mais que elle tinha promettido de ir morrer a Méca, para lá fazer penitencia de ſeus peccados; que lhe pedia por mercê houveſſe por bem não lhe eſtorvar eſte caminho de ſua ſalvação; e para o melhor poder fazer, lhe fizeſſe mercê de huma carta para o Governador da India o recolher em Goa, para ahi embarcar para Méca; e que eſta licença haveria por maior mercê que quantas delle tinha recebidas; por tanto, que mandaſſe tomar poſſe das terras que ſeu pai lhe dera, porque elle com eſta ſua ida as deſpejava. O Hidalchan o tornou outras vezes apertar, ſem poder delle tirar outra couſa, de que indignado determinou de o ir deſtruir. Aviſado o Açadachan por alguma peſſoa, com quem o Hidalchan communicou o caſo, eſcreveo logo a Nuno da Cunha, fazendo-ſe grande ſeu amigo; e por lhe Nuno da Cunha ter eſcrito antes diſto ſobre as terras firmes; e como os Guançares o importunavam que mandaſſe tomar poſſe dellas, por eſtarem devolutas, e per-

di-

didas, o que elle deixava de fazer por amor delle Açadachan, e por a amizade que tinha com o Hidalchan. Nesta carta lhe respondeo, que elle as devia tomar, porque o Hidalchan não estava em tempo que as pudesse defender do Gentio; e porque melhor seria ter ElRey de Portugal o rendimento daquellas terras, que estarem em poder de quem as tinha. Nuno da Cunha vendo esta conjunção, que era a principal causa, com que se podia desculpar com o Hidalchan, que não mandára tomar aquellas terras por cubiça de seu rendimento, mas por estarem desamparadas: para atar bem este negocio, e mais a seu proposito, mandou ao Açadechan Christovão de Figueiredo, que era hum Cavalleiro da casa d'ElRey morador em Goa, de que já fallámos, por ser mui conhecido, e amigo do Açadachan, e mui acceito de todos os Senhores do Balagate; ao qual o Açadachan entre outras cousas lhe descubrio, que o Hidalchan, como homem ingrato, e vário que era, estava mal com elle, carregando sobre elle muitas culpas, e que por isso fazia muito fundamento da amizade de Nuno da Cunha: que lhe dissesse de sua parte, que lhe pedia por mercê, que sendo-lhe necessario recolher-se a Goa, o quizesse receber como amigo, e servidor seu, porque elle

ſe achava mui velho, e canſado, e não queria experimentar condição de novo Senhor, que logo começou ſeu reinado tirando os olhos a ſeu irmão, e depois matou o author diſſo, e fazendo outras couſas de mancebo cruel, e de pouco governo. E quanto ás terras, ſe o Governador Nuno da Cunha quizeſſe delle alguma ajuda para as tomar, elle a daria; e para mais confirmação da amizade com Nuno da Cunha, fez logo voto que ſempre ſeria em favor dos Portuguezes, e nunca per modo algum conſentiria ſerem aquellas terras tiradas a Goa, por ſerem erança da meſma Cidade. Ultimamente indo, e vindo Chriſtovão de Figueiredo com recados, aſſentou com o Açadachan per eſcritura, que viſto o eſtado em que aquellas terras eſtavam, e a grande deſtruição, que os Gentios nellas tinham feita, ſem o Hidalchan a iſſo acudir, por ter muitas occupações, e trabalhos; que o Açadachan, como vizinho mais chegado, a quem competia defendellas, per muitas razões que o moviam, deſiſtia dellas. Pelo que o Governador as podia tomar, e que em elle as acceitar fazia huma grande amizade ao Hidalchan; porque mais lhe importava o favor, e boas obras que recebia d'ElRey de Portugal, que o rendimento daquellas terras, que não era igual á deſ-

pe-

peza, que o Hidalchan fazia em as defender aos ladrões; e que por este serviço, que elle Açadachan fazia ao Hidalchan seu Senhor, era digno de o tornar á sua graça, da qual ao presente estava fóra, por se querer aquietar na velhice, e não o poder ir servir á sua Corte em cargos, e officios, que requeriam forças de homem mancebo, e mais são do que elle era. Assentado isto assi, Nuno da Cunha mandou tomar as terras, [a] como lhas tambem os Gançares offereciam.

CAPITULO VII.

Como o Açadachan se foi para ElRey de Bisnagá por descontentar ao Hidalchan, e Mulique Verido foi perdoado.

SEndo a natureza, e estudo do Açadachan inventar enganos, e buscar escapulas de humas culpas com a fabrica de outras, tratou de insinuar-se na benevolencia de ElRey de Bisnagá, a fim de metter o Hidalchan em grandes necessidades, e fazer que

a Estas terras firmes de Goa foram já do Estado em tempo do Governador Diogo Lopes de Sequeira, e de Ruy de Mello Capitão de Goa, que as tomou, e os Mouros as cobráram, governando a India D. Duarte de Menezes, sendo Capitão de Goa Francisco Pereira Pestana. João de Barros *na 3. Decada no Cap. 5. do Livro 4. e no Cap. 10. do Livro 7.*

que o temeſſe a elle. Para o que mandou hum meſſageiro com cartas a ElRey de Biſnagá, perque lhe pedia ſeguro para ſe ir ver com elle ſobre couſas que importavam muito a ſeu Eſtado. E para metter mais em ſuſpeita de ſua lealdade ao Hidalchan, e lhe dar mais em que cuidar, eſperou a melhor occaſião que podia ſer. Eſta era hum ajuntamento que ElRey de Biſnagá faz mui grande em cada hum anno, levando hum ſeu Idolo principal com muita ſolemnidade, com o qual corre com aquelle ſeu grande exercito por as partes principaes do Reino. A eſte Idolo ſe ajuntam todos os outros do Reyno, e feitas ſuas ceremonias, deixando o Idolo principal em ſeu templo, os outros ſe tornam para ſeus pagodes. E porque eſte anno quiz ElRey celebrar eſta feſta com maior exercito, do que levava quando hia á guerra, dizia o povo, que eſta ſua ida ſob eſpecie de feſta, era para tomar a Cidade de Rachol, que o Hidalchan lhe tinha tomada, tendo-a o de Biſnagá ganhada ao Hidalchan, como na terceira Decada diſſemos [a]. O Açadachan como teve o ſeguro d'ElRey, e cartas de muito contentamento de ſua ida, partio de Bilgan com treze mil homens, de que os tres mil eram de cavallo, e duzentos elefan-

[a] *Liv. 4. Cap. 5.*

ſantes. E ainda neſte caminho quiz enganar a Nuno da Cunha, a que mandou dizer, que enviaſſe com elle Chriſtovão de Figueiredo, porque faria com ElRey de Biſnagá, que por razão do Senhorio que tinha antigamente nas terras de Goa, fizeſſe doação dellas a ElRey de Portugal. Nuno da Cunha, poſto que o direito dellas ſe fundava no poder das armas contra os Mouros, quiz comprazer ao Açadachan; e para ao diante ter mais huma cauſa, ainda que fraca, mandou com elle Chriſtovão de Figueiredo.

O Açadachan como não queria perder aquella conjunção da offerta d'ElRey de Biſnagá, e para dar mais ſuſpeita de ſi ao Hidalchan, apreſſou-ſe tanto, que quando Chriſtovão de Figueiredo chegou a Bilgan, era já partido, e o foi tomar ao arraial d'ElRey de Biſnagá, de quem o Açadachan foi recebido com grande honra, e de boa entrada lhe deo logo duas Cidades, Tungé, e Turugel, vizinhas huma da outra, e pegadas no eſtremo da ſua Cidade de Bilgan, e lhe fez preſente de cem mil pardãos d'ouro, e peças que valiam outros tantos. Além diſſo lhe fez a maior honra que elle ſoe fazer aos mais principaes ſeus acceitos, que he dar-lhes a primeira entrada, quando pela manhã lhe vam fazer çale-

lema, que he a adoração que fazem a ſeus Reys, e o antepoz neſta honra a todos os ſeus, do que os Senhores da Corte muito ſe anojáram por elle ſer Mouro, e que fora eſcravo do Hidalchan, e determináram de o matar. Mas ElRey ſe achou grande com ſua vinda, e ſe havia por o maior Rey do Mundo em o Açadachan o vir ſervir, deixando o Hidalchan, porque entendeo delle, que por cauſa de aggravos o fazia, e eſperava que com a indignação que trazia o ſerviria lealmente na guerra. Tambem o Açadachan fez preſente a ElRey de cavallos Arabios mui formoſos, e de elefantes.

O Hidalchan como ſoube da ida do Açadachan a Biſnagá, ſe deo por morto, e ſem Eſtado; e chamados com diligencia o Madre Maluco, e Cota Maluco, ajuntou quatrocentos mil homens, em que entravam nove mil de cavallo, e ſetecentos elefantes, e foi ter a hum lugar doze leguas donde eſtava ElRey de Biſnagá, o qual tinha comſigo quinhentos mil homens, dos quaes os doze mil eram de cavallo, e mil e ſetecentos e trinta elefantes; e o Açadachan com ſeu arraial eſtava apartado do d'ElRey, mas perto delle. O Hidalchan enviou hum meſſageiro a ElRey, que a elle lhe foi dito, que o Açadachan ſeu eſ-

cra-

cravo era fugido para ſua Corte; e porque nas pazes que tinham aſſentadas ſe continha, que todo o eſcravo, ou devedor, que fugiſſe de Reyno a Reyno, ſe reſtituiſſe, lhe pedia lho mandaſſe reſtituir, e entregar. ElRey ſem reſponder ao meſſageiro o mandou ao Açadachan, para que elle déſſe a reſpoſta, e que eſſa haveria por ſua. O Açadachan o reteve como prezo, e paſſados alguns dias o deſpachou, ſem ſe ſaber o que por elle mandou dizer ao Hidalchan, e enganou a ElRey, dizendo-lhe o recado que deo ao contrario do que o mandou, do que ElRey ficou muy contente.

Por eſte meſmo tempo Melique Verido, como fugio de Bider á furia do Hidalchan, per conſelho que lhe deram o Madre Maluco, e o Cota Maluco, eſtando ambos com o Hidalchan, ſe veio metter em ſuas mãos. E entrando na ſua tenda em habito vil, com huma machadinha ao peſcoço, ſe lançou aos ſeus pés, e em voz alta, que todos ouviam, diſſe: *Vês aqui, Senhor, o teu eſcravo Verido, a quem o Demonio enganou em fallar couſa, que quando agora, que eſtou em meu ſizo, caio nella, me foge a terra debaixo dos pés. Mas pois eſtou ante os teus confeſſando meu peccado, aqui trago neſte ferro o algoz delle, que me póde tirar a cabeça fóra dos*

om-

ombros. E ſe eu não ſou digno de tão honrada morte, ſeja qual tu mandares, que para iſſo eſtou aqui apreſentado, porque nunca Deos queira que eu viva, ſe minha vida te deſaprouver, que a mim não ſeria vida a que eu tiveſſe, eſtando fóra de tua graça. E aſſi a não tenho eu, pois offendi tuas orelhas com minha ouſadia de palavras, porque de então para cá ando converſando com as alimarias, comendo, bebendo, e dormindo nos campos, ſem ouſar de apparecer entre a gente. O Madre Maluco, e Cota Maluco, ainda que ſeu inimigo, interrompendo eſtas palavras, que já vinham com muitas lagrimas, intercedêram por elle com o Hidalchan de maneira, que lhe não ſoube reſponder, ſenão: *A bom tempo veio pedir perdão.* Per eſte modo foi Melique Verido perdoado do Hidalchan, e logo ſe começou a ſervir delle naquelle arraial por ſer havido por cavalleiro, e induſtrioſo. Mas não viveo muitos dias de paixão, ſegundo diziam, de ſe ver deſerdado do ſeu; e o Hidalchan por comprazer aos Capitães que com elle o ſerviam, deo a ſeu filho, que era menino de quatro annos, o ſeu Eſtado, de que mandava recolher os rendimentos para lhos ter em depoſito, até ſer de idade para ſe governar.

CA-

CAPITULO VIII.

Do engano que o Açadachan fez a ElRey de Biſnagá, e a Chriſtovão de Figueiredo: e como ſe veio fugindo para o Hidalchan, que por outros taes enganos o deſejava matar.

TAnto que ElRey de Biſnagá aſſentou ſeu arraial ao longo do grande rio Nagundin, vendo que o Cota Maluco ſe viera para o Hidalchan, ſendo elle antes grande inimigo de ſeu pai, por lhe querer tomar o Eſtado, e elle Rey o favorecêra como amigo, lhe mandou dizer, que huma das cauſas per que ſe deixava de chegar mais ao Hidalchan, e apreſentar batalha, era por ſaber que elle ahi eſtava para o ajudar naquella guerra, o que elle não acabava de crer por duas razões: a primeira por ſer filho de ſeu pai, que em quanto vivêra fora ſempre perſeguido do Hidalchan paſſado, e que o preſente, depois que viera ao Eſtado que tinha por tão máos meios, ainda não ſabia ſe lhe faria outra tal perſeguição. A outra razão era, por elle Rey de Biſnagá ſer tanto ſeu amigo, e mais certo que o Hidalchan, como tinha experimentado; e que do que mais ſe eſpantava, era dar-lhe ſua neta por mulher, ſendo ainda

da

da criança, e que se temia de a não poder casar por falta de dote, que elle lhe promettia tal ajuda, com que a casasse honradamente. Sobre estas razões lhe mandou dizer outras, para o tirar dalli, e o metter em odio com o Hidalchan. A este recado respondeo Cota Maluco em poucas palavras, dizendo, que estava em outro tempo, e que elle mudava as cousas. Como ElRey ouvio este desengano, e soube que do Açadachan hiam, e vinham recados ao Hidalchan, houve-o logo por suspeito, não que lhe tirasse a entrada honrosa que tinha, mas mandou a hum seu Capitão que tivesse olho nelle.

Neste tempo o Açadachan pedia a ElRey, que da muita gente que alli tinha lhe désse alguma escolhida; porque com ella, e com a sua se atrevia tomar todo o Estado do Hidalchan, em quanto o elle entretinha alli. ElRey lha não deo, e se poz em caminho para a Cidade de Rachol a lhe pôr cerco, como já fizera outra vez, quando a tomou ao Hidalchan velho; e indo já duas jornadas, e o Açadachan com elle, quando veio á terceira, que ElRey levantou seu arraial, dahi a duas horas levantou o Açadachan o seu. E como já tinha mandado ver o lugar per onde o rio Nagundin se podia vadear, chegou-se a elle.

le, e mandou paſſar a ſua gente da outra banda para ir ter com o Hidalchan. Vendo iſto o Capitão, que o trazia em olho, foi a grande preſſa aviſar ElRey, que logo fez volta, cuidando que o pudeſſe alcançar; mas como o Açadachan levava grande vantagem de tempo, era já mui alongado do váo. Com tudo mandou ElRey alguns Capitães que o ſeguiſſem, como fizeram per eſpaço de algumas leguas, em que lhe matáram, e cativáram muita gente, e tomáram grande parte de ſua recovagem, e o Açadachan ſe vio em tanta preza, que á unha de ſeu cavallo eſcapou, ao qual elle depois teve tão mimoſo, por o perigo de que o livrou, que lhe mandava fazer a cama de colchões. Quando determinou de fugir, tres dias antes deſpedio a Chriſtovão de Figueiredo, a quem trazia enganado, detendo-o em palavras ſobre o negocio das terras firmes de Goa, que havia de tratar com ElRey de Biſnagá, como promettêra a Nuno da Cunha. Per eſta maneira ſe ſalvou o Açadachan no arraial do Hidalchan, que logo em chegando lhe fez mercê das terras de Cucolim, e Salſete, que começam em Banda, e chegam até as de Ceptapor, e Sarapatam, com que lhe ficavam terras, que pela coſta do mar tomavam vinte e oito leguas.

El-

ElRey de Biſnagá tornado do caminho que levava contra o Açadachan, encaminhou ſeu exercito para Rachol, e mandou dizer ao Açadachan, que eſtava triſte por haver dado gloria a ſeus Capitães de ficarem verdadeiros, e elle Rey enganado; porque quando o recolheo o aviſáram, que ſe não fiaſſe delle, porque homem que não tinha fé com o Senhor, cujo eſcravo era, menos a teria com elle; mas que a deſculpa que tinha era, que como elle vinha fugido, e buſcava amparo de ſua vida, e era proprio dos Principes ſoccorrerem a peſſoas miſeraveis, e condoerem-ſe dos neceſſitados, quanto lhe diziam ſeus Capitães contrariava; e que nenhuns homens são mais faciles de enganar que os Reys, e homens de eſpiritos generoſos, porque as vilezas, e aſtucias de que não uſam, não as entendem quando outros lhas fabricam. E que ſe ſua vinda a elle fora para provar o ſeu dinheiro, mais honeſto lhe fora mandar-lho pedir mercê, e elle lha fizera maior, e não per aquelle modo de traição. O Açadachan lhe reſpondeo, que não havia Deos de permittir pollo em tanta neceſſidade, que foſſe ſervir a quem não tinha conhecimento do meſmo Deos. E que quanto ao dinheiro que muito mais lhe devia do que lhe dera por fazer com o Hidalchan paſſado ſeu Se

nhor que ſe tornaſſe do cerco que lhe hia pôr á ſua Cidade de Biſnagá, onde houvera de gaſtar a vida, quanto mais tão pouco dinheiro, e aſſi iria huma couſa per outra.

O Cota Maluco, porque queria grande mal ao Açadachan, vendo que ſendo tantas vezes traidor ao Hidalchan, em chegando donde o fora offender, lhe fazia mercê de terras, que podia dar a hum filho, fingindo ter recado, que ElRey de Biſnagá lhe mandava entrar em ſuas terras, ſe deſpedio do Hidalchan, dando-lhe ainda hum remoque ſobre as mercês que fazia ao Açadachan, dizendo, que não queria perder o que tinha ganhado com tanto ſangue, pois até aquelle tempo não tinha medrado mais que o que elle ganhára pela lança. ElRey de Biſnagá como ſoube que o Cota Maluco era partido para ſuas terras, parecendo-lhe que o fizera por razão do recado que lhe mandára, enviou-lhe cem mil pardáos d'ouro, com os quaes elle fez gente, e foi pôr cerco á Cidade de Naiteguir, que era do Hidalchan.

Neſte tempo abalou o Hidalchan do lugar onde eſtava; e tanto que chegou ao rio Nagundin, não ouſou de paſſar, nem meſmo tornar atrás, ſabendo que ElRey tinha poſto em grande aperto a Cidade de Ra-

chol,

chol, porque concorriam duas cousas, que o faziam não se mover dalli, saber que El-Rey estava mais poderoso que elle, e ter experiencia do que acontecêra naquelle mesmo caso, e lugar, quando lhe tomáram aquella Cidade de Rachol; e o principal era ver o Cota Maluco partido, e não se fiar elle do Açadachan por suas malicias, e artificios. E temia que hum, e outro tivessem ordenado alguma cousa com ElRey, de que tinham recebido dinheiro, e boas obras, com que perdesse o Estado, e a vida. Pola qual razão se concertou com El-Rey per esta maneira, que a Cidade de Rachol estivesse por elle Hidalchan como estava, e tivesse todas as terras que lhe pertenciam da parte de Oeste até Sudueste, e que ElRey de Bisnagá as de Leste até Suesste, que eram de maior rendimento, em recompensação do corpo da Cidade, que ficava com elle Hidalchan. E com este concerto ficáram em paz, e cada hum se foi para sua parte.

O Açadachan, porque não ousava de ficar com o Hidalchan ocioso, temendo que o matasse, por quantas maldades tinha commettidas contra elle, andava sempre ao longe, e offereceo-se que queria ir contra o Cota Maluco; que além de ter tomada a Cidade de Naiteguir, por cerco que lhe puze-

zera, andava destruindo outras Cidades, que não estavam providas. O Hidalchan lho agradeceo, e lhe mandou que fosse diante, que elle em pessoa queria ir sobre a Cidade de Bichocondá. E como o Açadachan hia a este negocio de boa vontade, apertou tanto com o Cota Maluco, que o fez sahir logo da Cidade; e assi como o Hidalchan hia de caminho, o Cota Maluco se foi metter em suas mãos, levando comsigo sua neta, que lhe tinha promettida por mulher, e assi mesmo seu filho maior para casar com huma irmã do Hidalchan. Com estes casamentos cessou toda a furia da guerra, e ficáram em paz; mas com todo este parentesco, em hum passo de serras, per onde se entra no Estado do Cota Maluco, mandou o Hidalchan da parte das suas terras fazer huma fortaleza, como freio contra o Cota Maluco.

CAPITULO IX.

Como ElRey de Cambaya mandou ao Hidalchan as insignias Reaes, para que se intitulasse Rey, e lhe désse obediencia, e como não quiz tal titulo: e das inquietações, em que andou o Açadachan, até que com medo do Hidalchan se lhe veio metter nas mãos com hum grande presente de dinheiro.

NEste tempo, que por os casamentos, e amizades com os Principes vizinhos, o Hidalchan estava quieto na sua Cidade de Bisapor, Soltam Badur Rey de Cambaya, que como altivo, e ambicioso se prezava de ter grandes Senhores por vassallos, e o Hidalchan era tão grande em estado, e riqueza, desejava de o trazer á sua amizade, e obediencia. Pelo que para o provocar mais a isso, o tentou com lhe offerecer titulo de Rey, que o Badur como maior Rey do Indostan dizia poder dar. Para este effeito lhe mandou huma embaixada per Xacoez, (que já a Nuno da Cunha mandára por Embaixador,) mandando-lhe por elle huma cabaia, huma touca, e hum sombreiro de Sol, vermelho, que são insignias Reaes, pedindo-lhe que por amor delle, como de amigo, acceitasse aquellas peças, pois

pois com ellas ficava intitulado Rey, por o poder que elle como Rey de Cambaya tinha, ſegundo o coſtume do Indoſtan. E tambem lhe pedia quizeſſe chamar-ſe Badur, em memoria de receber de ſua mão o titulo de Rey, e que com iſto ficariam todos liados, e para ſempre amigos, pois ſeu tio o Nizamaluco, e Madre Maluco tinham acceitado ſua amizade, e lhe déſſe tambem ſua obediencia, como elles detam. Ao Embaixador fez o Hidalchan muita honra, e lhe deo grandes dadivas, e daquellas peças tomou a cabaia, e a touca, e não o ſombreiro, por não ficar com titulo de Rey, reſpondendo a Soltam Badur, que elle ſe contentava com o nome de ſeu pai, que era o de Hidalchan, e acceitava as outras peças como ſeu ſervidor, e amigo, em cuja amizade, e graça queria, e deſejava eſtar, com outras palavras de grande agradecimento. Procurava Soltam Badur eſta nova amizade do Hidalchan em odio dos Portuguezes, como adiante ſe verá, e logo aproveitou ao Hidalchan, porque o Nizamaluco eſtava para lhe fazer guerra, de que ceſſou por eſta nova liança. E o indicio diſto foi, que naquella conjunção o Nizamaluco mandára dizer a Nuno da Cunha, que lhe pedia por mercê lhe déſſe licença para tomar a Cidade de Dabul,

mandando ſahir della ſeu Feitor; e como a tomaſſe, o mandaſſe eſtar outra vez de aſſento nella como eſtava, e ficariam na meſma Cidade as pareas, que de antes pagava, e tudo o mais que elle ordenaſſe ſe faria. Nuno da Cunha lhe reſpondeo, que elle não conſentiria tal, por ſer amigo do Hidalchan, e que por nenhum intereſſe quebraria a paz, e amizade que com elle tinha, antes o ajudaria muito como bom amigo, e que outro tanto faria por elle Nizamaluco; mas não em offenſa, e damno do Hidalchan, nem de qualquer outra peſſoa a que eſtiveſſe obrigado por lei de paz, e amizade, por a natureza dos Portuguezes ſer guardar verdade a quem o promettem. Com a qual reſpoſta, e com alinça de Soltam Badur, o Nizamaluco não procedeo em ſeu propoſito.

Entretanto o Açadachan, como ſe não ſegurava em ſeu animo, com aquella inquietação, que os homens, que não ſeguem virtude, comſigo tem, trazia ſempre diante as teſtemunhas de ſua conſciencia; que são os maiores algozes que huma alma póde ter. E como tal, temia que o Hidalchan tomaſſe vingança de ſeus feitos, como ſe viſſe ſem neceſſidade delle. Pelo que perſuadio ao Cota Maluco que ſe foſſe para ſuas terras, e começaſſe fazer guerra ao Hidal-

dalchan, em pagamento de quanto mal lhe tinha feito, e que elle faria outro tanto per sua parte, e assi haveriam satisfação de suas perdas. Cota Maluco assi o fez; e o Hidalchan entendendo que tudo procedia da maldade do Açadachan, e não o podendo acolher para o matar, como desejava, teve conselho com alguns seus privados, que remedio teria para isso, propondo-lhes as escapulas que o Açadachan buscava para o não acolherem, porque era tão manhoso, que quando lhe havia de ir fazer a çalema, ninguem sabia a hora, por variar elle os tempos, e sempre havia de ser quando elle Hidalchan estivesse só; e a ida, e a vinda era com muita gente; como quem se temia, e que não se podia commetter descubertamente, porque era mui poderoso em gente, e não era bem que por castigarem hum homem ruim, perecessem muitos bons, e a gente de cavallo que trazia era melhor que a delle Hidalchan, porque como estava em Bilgan, vizinho de Goa, escolhia os melhores cavallos que vinham de Arabia. Finalmente apontando outras muitas cousas, veio assentar com o parecer daquelles seus conselheiros, que devia despachar ao Açadachan para ir defender dos ladrões as terras, que lhe tinha dadas Genetechan, e as que o Governador da India tinha toma-

madas. E que antes que o Açadachan partisse, mandasse ao Capitão de Meriche, que era seu criado, e tinha aquella Cidade por elle desde o tempo que lha dera Maluchan, que quando o Açadachan per hi passasse, (o que de necessidade havia de ser,) o prendesse; e quando o não pudesse fazer, lhe não obedecesse, posto que seu Senhor fosse. E que tanto que o Açadachan passasse a serra, e andasse na fralda do mar occupado na guerra com os Portuguezes, elle Hidalchan fosse com todo seu poder, e lhe tomasse Bilgan sua acolheita, e depois os passos da serra, para não poder tornar assima; e que per esta maneira huma de duas cousas o haviam de matar, ou á fome, porque lhe não iriam do Baluarte mantimentos, ou morreria em alguma batalha, se com os Portuguezes pelejasse. Para melhor córar esta partida, depois que o Hidalchan teve este conselho particular, e secreto, teve outro geral, para que mandou chamar ao Açadachan, e diante delle propoz a todos, como elle tinha feito mercê ao Açadachan da maior parte das terras firmes de Goa, e por isso a elle pertencia recuperallas de qualquer mão em que estivessem, e que isto era para que os mandára chamar, e assi a elle Açadachan, para logo ordenar de se partir antes que mais da-

mno

mno se fizesse. Approvada de todos esta proposta do Hidalchan, ficou o Açadachan mui contente por se alongar delle, cuja presença muito receava; e como homem que havia de fazer a guerra per aquella fralda do mar, e havia de pelejar com os Portuguezes, quiz levar dalli alguma gente a soldo, para que mandou pedir algum dinheiro ao Capitão de Meriche seu criado. O qual como estava já amoestado do Hidalchan, não respondeo ao Açadachan ao que pedia, dando por escusa, que nas obras da fortaleza, que lhe mandara fazer, tinha gastado muito. No modo desta resposta, o Açadachan como era suspeitoso, e astuto, pareceo-lhe que fallar este seu criado tão seccamente, vinha de alguma confiança que tinha em outrem, que o podia livrar do castigo. Com esta suspeita tanto trabalhou, que os privados do Hidalchan, a que dava parte de seus segredos, a quem elle grossamente peitava, lhe vieram a descubrir, que o Hidalchan desejava de o acolher para o castigar; mas não lhe disseram quando, nem o modo, sómente que se guardasse. E para descubrir mais a vontade do Hidalchan, hum dia pela sésta, sabendo que estava só, entrou com elle, e com duzentos mil pardaos que levava, se lançou a seus pés, dizendo: *Senhor, dizem-me que me queres*

pren-

prender, e matar: não sei porque? Se meus inimigos to aconselham, isso será por inveja dos serviços que te faço, e verem que no tempo que estás mais escandalizado de mim, me vou eu offerecer com a pessoa, e fazenda; e tem razão, porque outro tanto não fazem elles. Se me tens algum odio por causas que passáram depois do fallecimento de teu pai, e differenças entre ti, e Maluchan teu irmão, tirado o pezar que então tiveste, por isso sou eu digno de mercê, por comprir o testamento de teu pai, e querer ter mais conta com sua alma, que com teu contentamento. Depois que quiz Deos que ficasses no Estado que ora tens, sempre te servi. Verdade he que algumas cousas commetti por me assombrarem homens, que desejavam ver-me posto em odio comtigo; e eu por fugir a tua indignação, buscava todo o modo, e cautela para salvar minha pessoa, mais que por te deservir, porque cousa natural he aos filhos fugirem a indignação dos pais, e aos servos a dos Senhores, porque o temor este só amparo, e refugio tem de ausentar-se do lugar do perigo. Porém sempre com estas mudanças que fazia, sempre perseverei em te servir com toda a lealdade, obediencia, e fé. Se te diziam que tinha muito dinheiro, e que vendo-te em necessidades

não

não te servia como era obrigado, eu não tenho filhos, nem parentes para quem o haja de enthesourar, essa pouquidade que possuo tua he, pois sou teu escravo. E o engano que tinha feito a ElRey de Bisnagá, mostrando que o hia servir, acabou em tirar-lhe da mão esses duzentos mil pardaos d'ouro, que te aqui apresento, delles em moeda, e delles em joias. O Hidalchan em quanto lhe o Açadachan dizia estas cousas, lançado a seus pés, esteve sempre mui prompto ao ouvir; e tanto que vio o presente, o levantou nos braços, dizendo: *Açadachan, eu tenho ouvido vossas razões, e verdadeiramente que eu as recebo em meu animo por justas, e honestas. Verdade he que com algumas cousas que commettestes, depois que eu estou neste estado, mais accidental que prudentemente me escandalizastes, lembrando-me vosso saber, e idade; mas no fim dellas, como vós dizeis, entendi, e vi que podia mais em vós a lealdade, que a paixão, por me acudirdes no tempo, em que maior necessidade tinha de vossa pessoa. Terdes inimigos, não vos espanteis, porque cousa he mui costumada aos homens que tem vossas qualidades, moverem á inveja os que não são taes. Tende bom animo; e não vos agasteis, certificando-vos que nunca poderei crer de vós se-*

ſenão muita lealdade. E poſto que tambem de mim vos vão dizer alguma couſa, que vos aſſombre, ſerá per boca de homens, que deſejam de vos pôr em odio comigo: por tanto ivos em boa hora, onde vos Deos dará tantas victorias, per que vos eu faça mais mercê do que importam as terras que is conquiſtar. Com iſto o deſpedio.

CAPITULO X.

Como o Hidalchan mandou hum meſſageiro ao Governador, que lhe alargaſſe as terras firmes, a quem dilatou a reſpoſta para Dio, para onde eſtava de caminho: E como Soleimão Agá per mandado do Hidalchan as veio correr, e cobrar, e lhe foi reſiſtido.

O Açadachan, como de ſua natureza era inquieto, e infiel a todos, tendo antes tramado com Nuno da Cunha, como atrás diſſemos, que houveſſe as terras firmes de Goa, lá negoceou com o Hidalchan que as cobraſſe, e impediſſe haverem-as os Portuguezes, parecendo-lhe que ficava deſculpado com elle do que com Nuno da Cunha tratára. E do que aſſi com o Hidalchan ordenou, procedeo enviar logo o Hidalchan hum Mouro por nome Suzaga a Nuno da Cunha, eſtando em Goa, no mez

de

de Setembro do anno de 1535., per quem lhe mandou huma carta de crença, e dizer-lhe de sua parte, que Genctechan seu Capitão, que estava em Pondá, lhe escrevêra, como as terras firmes de Goa elle Nuno da Cunha as acceitára dos ladrões, que lhas tinham tomadas; e que Gencte-chan lhas pedíra da sua parte, a que elle respondêra, que não via recado delle Hidalchan, que quando o visse, então responderia, e que para isso mandava Suzaga a pedir-lhe que as mandasse entregar. E que tambem lhe pedia que désse entrada aos cavallos para os levarem á sua Corte, por a necessidade que tinha delles. Nuno da Cunha, que áquelle tempo era chamado á pressa d'ElRey de Cambaya, e estava já quasi embarcado, respondeo ao Mouro, que elle se partia para Dio, por a necessidade que de sua presença tinha Soltam Badur, para negocio que não soffria dilação, pelo que não podia então responder, que se podia ir em boa hora, e que de Dio mandaria seu messageiro ao Hidalchan.

Despedido este Suzaga, não tardou muito, que hum Soleimão Aga, Turco de nação, Capitão dos Pages do Hidalchan, (que he officio como ácerca de nós Capitão dos Ginetes,) arrendou ao Hidalchan as terras de Goa, dizendo, que á sua custa as queria ir to-

tomar das mãos dos Portuguezes, pois o Governador da India as não queria ſoltar. O Hidalchan lhas concedeo, e lhe deo commiſsão para prender Genetechan, por quão mal o tinha feito em não defender aquellas terras aos ladrões, e conſentir que os Portuguezes as tomaſſem. Partido eſte Soleimão da Corte do Hidalchan, trouxe comſigo cem Turcos, e tornou com elles a Suzaga que diſſemos, e pelo caminho veio ajuntando gente até chegar á fortaléza de Pondá, onde eſtava Genetechan, ao qual logo prendeo em ferros, e a ſeus Officiaes; e além de o aſſi ter prezo, o vituperava cada dia de fraqueza, e covardia, que não fora para defender aquellas terras. Ao que reſpondeo Genetechan, que o tempo dava por teſtemunha ſe o fizera bem, ou mal depois que elle tiveſſe algum recontro com os Portuguezes, que elle fallava como homem que os não experimentára. A gente vulgar como vio Capitão novo, e que ſe jactava de ſuas valentias, começou de ſe chegar a elle, parecendo-lhes terem nelle boa comedia. Com iſto ajuntou quatro mil homens, a fóra mil que eſtavam em Pondá, e quinhentos que trazia em ſua companhia com os Turcos.

Dom João Pereira Capitão de Goa, por Nuno da Cunha ſer ido a Dio, per hum

Capitão Gentio, (a que elles chamam em ſua lingua Naique,) mandou viſitar a Soleimão, como a homem vindo de novo a ſer ſeu vizinho tres leguas de Goa. Soleimão lhe não quiz reſponder, antes quizera prender ao meſſageiro, mas depois per intercesſão de Suzaga o deſpedio ſem reſpoſta alguma. E logo mandou lançar pregões, que ſob pena de morte ninguem levaſſe mantimentos a Goa, nem lenha, nem outra couſa alguma; e com quatro mil Soldados, de que cento e cincoento eram de cavallo, ſe partio logo, e foi correr as terras de Cocorá, que os Gentios comiam, por lhas Genetechan ter dado pelo concerto que atrás eſcrevemos. O primeiro lugar que tomou foi huma Aldea chamada Curturij, depois tomou Margam, que he hum templo, e pagode de Gentios cercado á maneira de fortaleza.

Neſte tempo mandou Chriſtovão de Figueiredo, que era Tanadar mór, e eſtava no pagode de Mardor, recado a Dom João Pereira, como eram entrados Mouros nas terras firmes, e que parecia que não vinham a pelejar: mas tanto que foram na Aldea de Verná meia legua de Mardor, mandou a Dom João outro recado já mais apreſſado, como homem que ſabia a tenção da vinda dos Mouros. Com eſte recado mandou

dou logo Dom João o Feitor Miguel Froes, genro de Chriſtovão de Figueiredo; com ſeis de cavallo, e alguns peães, e dizer a Soleimão que ſe ſahiſſe daquellas terras, pois não moſtrava eſcritura do Hidalchan, perque pediſſe a Nuno da Cunha que lhe ſoltaſſe as terras que tinha tomadas ao Gentio, polo que lhe amoeſtava, que ſe não metteſſe na conquiſta dellas, por não dizer depois o Hidalchan, que o Governador quebrára as pazes em pelejar com ſeus vaſſallos. Chegado Miguel Froes a Mardor, acertou de ir á Aldea Verná hum homem da terra, já feito Chriſtão, que por amor de Nuno da Cunha tomou ſeu appellido, e ſe chamou Manoel da Cunha, e era tão fiel, e tão cavalleiro de ſua peſſoa, que ſervia de Capitão. Eſte indo com alguma gente a Verná, (que antigamente fora huma Cidade de Gentios,) eſtava nella gente de Soleimão Agá, que como houve viſta delle, o foi commetter. Manoel da Cunha como homem prudente ſe fez em hum corpo, e deſpedio logo hum peão a grande preſſa a Chriſtovão de Figueiredo, que elle ficava pelejando com aquella gente. Chriſtovão de Figueiredo acudio com brevidade, mandou ſeu genro Miguel Froes com ſeis de cavallo, e vinte homens de pé; e por a gente que acudia ſobre elle ſer muita, o mais que

Mi-

Miguel Froes pode fazer, foi recolher a Manoel da Cunha, antes que o mataſſem, e aos que com elle hiam, e todos em hum corpo com boa ordem ſe foram retirando para o pagode Mardor, onde eſtava Chriſtovão de Figueiredo. E porém eram já tão apertados dos Mouros, por ſerem muitos, que ſe Chriſtovão de Figueiredo lhes não acudira ao caminho com cem homens, alli perecêram todos. E neſte tempo tinha já Miguel Froes duas fréchadas, e ſeu cavallo muitas: eram feridos Thomé Velloſo Eſcrivão do Tanadar mór, e muita gente de pé. Finalmente primeiro que todos ſe recolheſſem, nas voltas que Miguel Froes fez com Amador Monteiro, e Franciſco Monteiro, (que eram as principaes peſſoas que moſtráram valor naquelle feito,) matáram os Mouros oito Portuguezes, e entre elles Antonio Cardoſo, e hum Naique da terra. Tambem dos Mouros ficáram muitos no campo, e Soleimão Agá tambem fora morto de huma eſpingardada que lhe deo na cabeça, ſe as voltas da touca que trazia o não ſalváram.

Tanto que os Portuguezes ſe recolhêram em Mardor, Chriſtovão de Figueiredo mandou Diogo Gonçalves de Figueiredo, e hum ſeu Meirinho, a Soleimão Agá per modo de tregua, notificando-lhe o que Dom

João Pereira mandou dizer. Mas o Mouro como quem fazia pouca conta disso, virou as costas, levando estes dous homens comsigo, e foi-se alojar perto dalli como em cilada, para que se os nossos com temor se quizessem ir para Goa, lhes désse aquelle folego, e depois dando sobre elles, lho tirasse com a vida. Mas Christovão de Figueiredo, que esperava ser logo cercado per elle, espedio hum homem de pé com recado a Dom João Pereira, fazendo-lhe saber o estado em que ficava, e o que tinha passado com Soleimão Agá. Com este recado que a Dom João foi, á noite seguinte dos dezoito dias de Novembro, mandou lançar pregões, que pela manhã todos, assi de pé, como de cavallo, com suas armas se fossem ajuntar no passo de Agacim. Neste lugar se ajuntáram duzentos homens de cavallo, e aos trinta delles mandou que se passassem logo além do rio com Jordão de Freitas, que era Tanadar mór de Goa, para soccorrer a Christovão de Figueiredo, antes que recebesse algum damno maior. Os Mouros como sabiam que o soccorro havia de vir, estavam postos em atalaia; e havendo vista de Jordão de Freitas, porque para ir a Mardor havia de ser per hum passo estreito, foram a elle. Mas entendendo Jordão de Freitas o que elles haviam de

fa-

fazer, deixou alguns dos que levava com a fardagem de pé, ordenando-lhes que como elle descesse ao baixo, se mostrassem todos em huma assomada em maneira que parecesse muita gente; o que vendo os Mouros do lugar do passo, onde estavam espiando aos nossos, temendo que vinha muita gente, o desampararam, e foram dar nova a Sòleimão Agá, o qual a este tempo estava com a mais gente sua ao redor de Martor, como quem fazia fundamento de os não deixar sahir dalli. Mas tanto que lhe deram a nova, dissimulando a causa porque o fazia, poz-se a fallar com Christovão de Figueiredo, dizendo, que não queria pelejar com elle; mas a sua tenção era assentar paz com o Capitão de Goa, e que assi lho podia mandar dizer, e com isto se despedio, levando ainda comsigo Diogo Gonçalves de Figueiredo, e o Meirinho. E levava tanto o olho sobre o hombro, receando que a gente que víram fosse trás elles, que como desapparecêram de huma assomada, donde podiam ser vistos dos nossos, indo até alli seu passo cheio, deram os mais delles a correr, e tanto, que alguns de temor, por não rodearem alguns caminhos, se mettiam per lagôas d'agua, que havia na terra do tempo do inverno, e não parároam daquella corrida menos do pagode

de Margam, onde dormíram essa noite, e lhes morrêram alguns homens dos que levavam feridos do dia passado.

CAPITULO XI.

De algumas dúvidas que houve entre os Portuguezes, que estavam com Christovão de Figueiredo, que cessáram com a vinda de Dom João Pereira, o qual seguio á Soleimão Agá, até se lhe acolher desbaratado.

JOrdão de Freitas chegando onde Christovão de Figueiredo estava, houve grande contenda entre os moradores de Goa casados, com a outra gente de armas. Os casados queriam que Christovão de Figueiredo se recolhesse com toda a gente, e se fosse para Goa, e deixasse aquellas terras; porque estarem com ellas de guerra, era grande oppressão da mesma Cidade, e não se podiam manter. E porque Jordão de Freitas tinha sabido de Dom João Pereira, que logo hia trás elle aos soccorrer, e tambem a dar de si mostra áquelles Mouros, desviou esta prática por tirar perfias, dizendo que esperassem recado de Dom João Pereira, que elle determinaria o que deviam fazer, que entretanto elle se não havia de mover dalli. A este tempo Bade, hum Gentio, que era hum dos Capitães, que comiam

as

as terras de Cacorá, e Bailin, mandou huma carta a Jordão de Freitas, dizendo se queria dar nos Mouros, que elle os iria esperar em hum passo, em que lhe podia fazer muito damno. Ao que lhe respondeo, que estava esperando por Dom João Pereira, que como viesse lhe mandaria a resposta, agradecendo-lhe a offerta.

Ao outro dia á noite, que Soleimão Agá dormio em Margan, mandou Diogo Gonçalves de Figueiredo, e o Meirinho, que tinha reteudos, com recado, que elle não queria outra cousa senão paz, e isto podiam affirmar ao Capitão, antes que entre elles houvesse algum damno de mais sangue. E despedidos os dous Portuguezes, entre os seus começou a dizer grandes feros, que não sómente nos havia de lançar das terras firmes, mas de Goa, no primeiro dia que lhe vissem o rosto; e que o sinal que para isso dava, era ter-nos alli encerrados entre quatro paredes do pagode, com morte de muitos, que os Portuguezes tinham perdido, sem ousar sahir dalli. E que o recado que mandára per aquelles homens que soltára, era para melhor os enganar. Jordão de Freitas respondeo a seu recado, que se paz queria, que o esperasse, que o iria buscar, e então assentariam as condições della.

A este tempo chegou Fernão de Lemos, Escrivão da Matricula de Goa, com recado de Dom João Pereira a Jordão de Freitas, que o esperasse, porque o havia de ter comsigo por hospede, e assi o fez. Estando os nossos armados no campo para o receber, tanto que elle appareceo a huma assomada perto donde elles estavam com huma grande grita de prazer, arremetteo com cento e cincoenta de cavallo que levava, e ajuntando-se com os outros, começáram todos de escaramuçar, chegando-se ao pagode. Apeado Dom João, assentou-se em hum poial ao pé de huma grande arvore, posta em hum largo, e limpo terreiro, como tem os Gentios ante seus pagodes para fazerem sombra á gente que vem a celebrar suas festas, nos quaes ha algumas arvores tão grandes, que se podem agazalhar debaixo quinhentos homens de cavallo, porque com artificio estendem os braços dellas para fazerem grande cópa. Soleimão Agá, que parece tinha atalaia sobre o que os nossos faziam, quando soube da muita gente de cavallo que era vinda, entendeo que era o Capitão de Goa. E apenas Dom João tinha descançado da festa, e escaramuça em que andára, quando chegou hum messageiro de Soleimão, perque lhe mandou dizer, que o Hidalchan seu Senhor mandára dizer ao

Go-

Governador Nuno da Cunha per Suzaga ſeu criado, que lhe entregaſſe aquellas terras, que tomára das mãos dos ladrões Gentios, por ficarem deſamparadas da gente que alli tinha, ao que elle per ſuas occupações não pudéra ſoccorrer naquelle tempo; e que Nuno da Cunha reſpondêra a Suzaga, que lhe não reſpondia por eſtar embarcado para Dio, que de lá lhe reſponderia, o que até então não tinha feito, por a qual razão o Hidalchan dera a elle Soleimão Agá aquellas terras de arrendamento, e que por iſſo era vindo arrecadar o que dellas era devido, o que elle Senhor D. João não havia de impedir por razão da paz que o Governador tinha aſſentada com o Hidalchan. A iſto reſpondeo D. João, que ao tempo que o Governador Nuno da Cunha ſe partíra para Dio, nenhuma couſa lhe mais encommendára que a guarda, e defensão daquellas terras; e pois o Governador não era preſente, e elle Soleimão entrára nellas com mão armada, havendo paz entre elles, que lhe requeria que dentro de huma hora e meia ſe foſſe; e não o querendo fazer, elle o iria logo lançar. O meſſageiro vendo tão eſtreito termo, lhe replicou, que dava mui breve eſpaço, ſendo já paſſado a maior parte do dia. D. João o deſpedio, e quaſi nas ſuas coſtas ſe poz a cavallo com ſua gen-

gente; e quando chegou junto de Margam, soube que Soleimão era já partido, sendo Sol posto, e mui allongado dalli; e [illegible]sin-do a nova que lhe a gente da terra d[illegible] do caminho que levava ser mui aspero, e [illegible]-goso, per que não podia ir senão a fio, era signal do temor com que partíra, e levava. Por a qual razão hum Henrique de Menezes Gentio, que se fez Christão em tempo do Governador D. Henrique de Menezes, foi dar na retro guarda de Soleimão Agá, no estreito do passo, por saber bem a terra; e depois de fazer grande estrago nos Mouros, que hiam a grande pressa fugindo, tornou com a lança quebrada, e o cavallo ferido; mas D. João bradou muito com elle, e o quizera castigar, dizendo, que em quanto Soleimão Agá, e os seus caminhavam, hiam seguros delle, pois cumpríram o que lhes mandára.

Soleimão, assi por o damno que lhe este fez, como porque soube que huns Naiques Gentíos se adiantáram para lhe ir tomar outro passo estreito, onde poderia receber muito damno, mandou dizer a Dom João Pereira, que para que era perseguir a hum caminhante, que não podia ir mais depressa, que lhe pedia por mercê mandasse dizer ao Bada Naique o deixasse passar seguro: o que D. João fez, e não se par-

tio

tio para Goa, ſenão depois que ſoube que Soleimão Agá eſtava em Pondá com menos [illegible]m homens dos que levára dalli, (de que os dezeſeis eram de cavallo,) e outros fe[illegible]los. Deſte damno, que Soleimão receβeo, houve grande prazer Genetechan, por as cruezas que com elle tinha uſado, porque não fora homem para lançar os Portuguezes fóra da terra; ao que elle reſpondia, que outra couſa ſentiria, quando tiveſſe experiencia dos Portuguezes; e com ella tornou Soleimão mais manſo do que veio.

CAPITULO XII.

Como Soleimão Agá, vindo a Pondá, fez algumas couſas em rompimento da paz, que o Governador tinha com o Hidalchan; e D. João Pereira lhe deo batalha, e o venceo.

TAnto que Soleimão Agá foi em Pondá, mandou dizer a D. João Pereira, que elle tinha cumprido com o que lhe mandára dizer, e que agora fizeſſe elle outro tanto, que lhe mandaſſe deſpejar as terras dos Portuguezes, que eſtavam nas Tanadarias, cujo rendimento era do Hidalchan ſeu Senhor, proteſtando ſe o não fizeſſe, de haver por rompida a paz. Ao que D. João reſpondeo, que elle o não havia por Capi-

tão do Hidalchan, antes o tinha per hum homem alevantado, por não moſtrar chapa ſua, nem carta para o Governador Nuno da Cunha, em que o Hidalchan lhe eſcreveſſe, que o enviava áquelle negocio; e que elle eſcreveria logo a Nuno da Cunha, que fizeſſe ſaber ao Hidalchan o modo que elle Soleimão Agá tivera na entrada daquellas terras, para o caſtigar por iſſo. Soleimão Agá vendo eſta reſpoſta, mandou pregoar ſob graves penas, que ninguem levaſſe a vender a Goa mantimentos, ou outra couſa alguma. Deſte mandado o reprendeo Genetechan, que elle tinha prezo, dizendo: *Eu não tenho razão de te amoeſtar iſto, pois mo não mereces, tendo-me ſem cauſa deſta maneira ha tantos dias, poſto que já deves eſtar certificado á tua cuſta, quanto mais duro he o ferro dos Portuguezes do que tu cuidavas, como te eu diſſe. Mas por ſerviço do Hidalchan meu Senhor, não calarei o que me parecer deſta defeza que fizeſte. Quem te aconſelha tolheres que não levem a Goa couſa alguma? Tu ſabes que deſtas terras o Hidalchan não teria rendimento algum, ſe Goa não foſſe. Que ha Goa meſter dellas mais que huma pouca de lenha, e betele, de que os Portuguezes não uſam? Porque arroz, e trigo, e outras couſas de que ella he abaſtada, lhe vem*

de

de Angolá, Baticalá, Bandá, e de Chaul; e os moradores destas terras a troco de lenha, e hervas, trazem de lá ouro, prata, e cobre, com que pagam ao Hidalchan; e por mesma Goa lhe vem os cavallos, que he todo o seu governo da guerra. Soleimão por não dar gloria a Genetechan, que apontava bem o que cumpria ao serviço do Hidalchan, o desviou com palavras em contrario, dizendo, que bem parecia ser amigo dos Portuguezes, pois com razões apparentes, que pareciam ser em proveito do Hidalchan, queria que fossem provídos do que haviam mester.

D. João como soube desta prohibição de Soleimão, mandou que andassem alguns catures per os passos per onde costumava da terra firme trazer o Gentio algumas cousas a Goa, para que o defendessem. Os Gançares da terra, tanto que víram que Soleimão Agá se acolhêra a Pondá com temor dos Portuguezes, enviáram logo pedir a D. João, que mandasse Tanadares para recolher a renda, antes que os Mouros lhes dessem alguma cresta contra sua vontade, como costumavam fazer. Sómente os de Margam, que sempre foram reveis, não mandáram recado algum. Para aquella recadação, mandou D. João o Feitor Miguel Froes com quarenta de cavallo pela semana

de

de Natal. E como Soleimão Agá não vio correr o commercio, e quão estreitamente D. João defendia a passagem dos Rumes, houve por melhor conselho o que lhe dava Genetechan, e mandou-lhe pedir tregoas até o mez de Abril, que esperava recado do Hidalchan, a quem tinha escrito, as quaes lhe D. João concedeo por aquelle tempo sómente; porque teve recado de Nuno da Cunha, depois que soube daquella revolta de Mardor, que lhe fizesse guerra a fogo, e a sangue. E vendo D. João como o Governador por aquelle recado queria suster aquellas terras, teve conselho se seria bom fazer huma força na boca de hum rio, em huma ponta da terra, a qual cortada ficasse em Ilha, porque até alli podiam ir os nossos por mar, e era o caminho mais breve, e seguro para as Tanadarias, em que os Portuguezes haviam de residir. A qual obra sendo approvada per todos, se começou, e cresceo de maneira, que ficou com quatro baluartes de pedra, e cal, e se chamou a fortaleza de *S. João de Rachol* [a]; mas

[a] *Escreve* Diogo do Couto, *que D. Gonçalo Coutinho (que succedeo a D. João Pereira na Capitania de Goa), desfez a tranqueira de Mardor, a que se deo fogo; e sobre hum teso, que cahia sobre o rio, fundou de madeira grossa de duas faces, terra plenada, esta fortaleza de Rochol, da qual o Governador fez Capitão Alvaro de Caminha, cap. 5. do liv. 10.* Fernão Lopes de Castanheda *diz, que D. João fez a fortaleza, e que a fundou no Rio de Sal-*

mas a obrigação de a defender cuſtou depois caro, como adiante diremos. Soleimão Agá vendo o muito que importava não ſer alli feita aquella força, mandou defronte, ficando o rio em meio, fazer huma parede em modo de amparo, para que eſtiveſſe ſua gente eſcudada, e com tiros impediſſem os noſſos no ſerviço da obra, e os barcos que hiam, e vinham de huma, e outra parte. Eſta parede lhe foi logo desfeita com huma peça de artilheria, com que lhe matáram alguns homens, e com os noſſos ſaltarem em terra, deſpejáram os mais.

Neſte tempo, ſendo quatro dias de Janeiro do anno de 1536. chegou hum Coge Hamed criado do Hidalchan a D. João, e lhe diſſe, que elle era vindo a Soleimão Agá com recado de ſeu Senhor, em que lhe mandava dizer, que não fizeſſe guerra, e deixaſſe eſtar aquellas terras no eſtado em que eſtavam, até vir o Governador a Goa, por razão das pazes que com elle tinha aſſentadas. Ao que D. João reſpondeo, que por a meſma razão de pazes não fizera elle guerra, ſómente acudíra á ouſadia de Solei-

lei-

ſete ſeis leguas de Goa, e huma do paſſo de Borij ſobre hum morro grande pegada quaſi com terra firme, a qual era de fórma triangular, com tres baluartes entulhados até o andar das ameas do muro, no meio huma torre de homenagem, e que a acabou em eſpaço de tres mezes, e deixou nella por Capitão a Miguel Froes. Cap. 108. do liv. 8.

leimão, e que ſempre lhe pareceo que eſte ſeu atrevimento não procedia da vontade do Hidalchan. O Mouro lhe diſſe, que Soleimão Agá ficava já amoeſtado per elle, e ſeguro de ſe mais mover dalli. O menſage deſte Mouro foi fingido per Soleimão, para que dando-lhe credito, por vir do Hidalchan, ſe deſcuidaſſem os noſſos da obra, e elle entretanto ſe aperceber do que lhe convinha, como logo moſtrou. E para maior diſſimulação, mandou lançar grandes pregões per toda a terra, que foſſem a Goa como ſohiam a comprar, e vender. Tambem mandou alguns Capitães com gente que foſſem ás terras de Bailin, e Cinguiçar, onde andavam Verugij, e Berugij. Os quaes Gentios, com ajuda de duzentos peães Portuguezes, de que era Capitão Franciſco Falleiro, em hum lugar onde os foram eſperar, matáram mais de tres mil homens a Soleimão, e glorioſos com a victoria, lhe mandáram dizer, que vieſſe elle em peſſoa a elles, e não lhe mandaſſe outrem por ſi. Ao que o Agá reſpondeo, que ſe elle tivera licença do Hidalchan não eſperára eſte recado. Mas por lhe elle mandar que não ſahiſſe de Pondá, não tinhãm elles razão de ſe gloriar. Outros quinhentos homens mandou Soleimão Agá ás terras de Bardés, de que hia por Capitão hum

Tur-

Turco chamado Sarnabote, contra os quaes foi Jordão de Freitas Tanadar mór de Goa, com cincoenta homens sómente; e sahindo em terra de huns bargantijs, em que foi por hum rio dentro, lhe queimou humas tranqueiras, que tinha feitas, e matou, e ferio, e cativou muitos delles, e quebrou hum vallos, com que a maré lhe alagou muita parte das sementeiras de arroz em huma varsia. Manoel de Vasconcellos tambem per outra parte lhe foi desfazer hum baluarte, que começava fazer no passo do Borij, queimando algumas casas que estavam ao redor com morte de alguns delles.

Soleimão Agá por mostrar á gente da terra que elle não estava encurralado dentro em Pondá com temor dos Portuguezes, vendo que a gente começava de o não estimar, por levar sempre na cabeça, ajuntou a mais gente que pode, e fez seu caminho a Margam, e per outra parte mandou a Sarnabote com outros quinhentos homens, que fossem a Bardés. D. João Pereira vendo que Soleimão começava descubrir a fraude de sua fingida paz, com a mais gente que pode se passou além das terras firmes, contra aquella parte onde Soleimão fazia seu caminho, e mandou a Jordão de Freitas com vinte de cavallo, e oitenta de pé, que fosse lançar a Sarnabote das terras de

Bar-

Bardés, em quanto elle hia buſcar a Soleimão Agá. Mas Sarnabote como trazia fugia em ſi, tanto que ſoube da paſſagem de Jordão de Freitas, ſe poz em ſalvo, não ouſando de o eſperar, com a qual fugida foi Jordão de Freitas em buſca de D. João, que achou já no pagode de Margam, com toda a gente que levava, e com a que tinha Chriſtovão de Figueiredo, no qual ajuntamento havia quinhentos Portuguezes, de que os cento e cincoenta eram de cavallo, e ſetecentos Canarijs da terra, em que entravam duzentos eſpingardeiros. Eſtando D. João duvidoſo do que faria, chegou de Bailin o Capitão Gentio Verugij, e lhe deo nova como Soleimão Agá eſtava em propoſito de vir queimar o pagode de Margam, para os Portuguezes perderem aquella acolheita; e que quando ſoubera que elle D. João alli eſtava tão perto, ſe tornára para outra parte.

Andando aſſi em mudanças Soleimão, e não aſſentando em hum lugar certo, com medo dos Portuguezes, tornou o Capitão Verugij, que andava por mandado de Dom João trás o raſtro de Agá a lhe dizer, que o tinha amalhado ao pé de huma ſerra, que com dous braços que ſahiam della, fazia hum ceo á maneira de Lua em hum campo chão mui diſpoſto para pelejar. Dom

João

João informado daquelle ſitio, concertou com Verugij, (que a iſſo ſe offereceo,) que ſe [illegible] a hum paſſo, per onde Soleimão havia de paſſar quando fugiſſe, e elle ſe foi [illegible] lugar onde eſtava Soleimão; o qual como homem que receava aquelle dia, tinha as coſtas na ſerra que diſſemos. E quando ſoube que os noſſos eram tão perto, que não tinha tempo para ſe dalli ſahir, começou logo de ſe ordenar, ſe lhe quizeſſem dar batalha. D. João como ſoube da gente da terra que Soleimão eſtava já poſto em ordem de ſe defender, ordenou a gente que levava per eſta maneira. A Jordão de Freitas Tanadar mór deo a gente Canarij da terra, e os eſpingardeiros a Galvão Viegas, e mais a gente da terra que comſigo tinha; e Chriſtovão de Figueiredo, e D. João ficáram na retro guarda com a maior parte da gente de cavallo, e de pé. Soleimão Agá tinha tambem repartida ſua gente em tres batalhas, huma era de duzentos de cavallo, de que os quarenta eram cubertados, e entre hum, e outro, ao ſeu modo, cinco homens de pé frécheiros: outra parte era gente de cavallo, que tomou para ſi; e a outra era de pé. Tanto que lhe os Portuguezes deram viſta, por o não tomarem entallado, quando chegáram a tiro de eſpingarda, Soleimão arremetteo, na

qual

qual furia os peães de D. João, que eram da terra, começáram a remuinhar, e pôr-se em fugida, cousa que entre elles se n[illegible]em por infamia. Os espingardeiros de G[illegible]vão Viegas, porque elle se poz a cavallo, [illegible] bem se desordenáram de maneira, que poucos acertáram tiro. E o que a huns, e outros mais desordenou foram foguetes, e bombas de fogo, que os Turcos usam no primeiro rompimento, com que embaraçáram a gente, e os cavallos não acostumados a isso fugiam com seus Senhores, sem darem por freio. Quando D. João vio que estes se retiravam, arremetteo não como Capitão, mas como cavalleiro, de huma lança, que queria ganhar honra, dizendo: *Siga-me quem quizer, que eu com victoria espero em Deos de lançar estes inimigos daqui.* Com as quaes palavras assi o seguíram todos, que naquella primeira arremettida começáram logo os acubertados alijar as peças dos cavallos para ficarem mais leves. E quem fazia maravilhas com os instrumentos de fogo, era huma feiticeira em trajos de homem, a quem matáram seu marido os Portuguezes, quando corrêram os Mouros a Christovão de Figueiredo em Margam, e tinha dito a Soleimão Agá, que confiadamente podia accommetter aos Portuguezes, porque ella com seus encanta-

men-

mentos lhes ataria as mãos, e os pés, com que elle ficasse senhor delles, e de suas fazendas. Mas ella ficou mentirosa, porque pareee que Deos deo dobradas, e mais desimpedidas mãos aos nossos; porque segundo no primeiro accommettimento o temor os encolhia, assi se houveram depois que D. João começou a pelejar, que logo Soleimão Agá foi de repente desbaratado, e desamparou seu arraial como estava inteiro, e se poz em salvo. E não sómente o despojáram os que o vencêram, mas os Gentios moradores da terra se carregáram bem de fazenda. Neste despojo se houveram duas tendas mui ricas, huma de Soleimão Agá, e outra de Abedechan Tanadar mór das terras de Pangij, que o veio ajudar, que com a tenda tambem perdeo a vida. Dos seus ficáram alli mortos passante de cincoenta, todos homens principaes, e outros tantos cativos da gente commum. E Fernão de Lemos, Diogo Mendes, Affonso Pico, e Crisná hum Gentio honrado, que foram no alcance quasi legua e meia, á passagem de hum rio, e pelo caminho matáram mais de cento e cincoenta, a fóra mais de trezentos que se affogáram mettendo-se pela agua, que por ser o lugar estreito, e a maré cheia, não se puderam salvar. Além deste damno, que aqui recebêram os dous Naiques de

Bailin, no passo onde os foram esperar, lhes tomáram cincoenta cavallos, porque nelle hum homem de pé podia desbaratar outro de cavallo. Finalmente Soleimão Agá chegou a Pondá com perda de hum sobrinho, que lhe matáram, e mais de oitocentos homens, em que entrou muita gente nobre. Dos nossos foram feridos dez, ou doze, sem morrer algum; e os principaes que naquelle feito se mostráram bem desatados dos ligamentos da feiticeira, foram Jordão de Freitas Tanadar mór, Fernão Ferreira, Paio Rodrigues de Araujo, Miguel Froes, Bastião Lopes Lobato, João Raposo, Belchior Botelho, Fernão de Lemos, Vasco Fernandes, Galvão Viegas, Bartholomeu Bispo, Mattheus Fernandes. [a] Alcançou-se esta victoria a 7. dias de Fevereiro daquelle anno de 1536. [b] e foi a mais notavel que até este tempo os nossos houveram naquellas terras firmes, sem perigo delles, e tanta morte

te

[a] *De mais dos nomeados se acháram nesta batalha, Vicente Colaço, e Jorge Garces Vereadores de Goa daquelle anno, Galás Viegas irmão de Galvão Viegas, Pero Preto sogro de D. Diogo de Almeida Freire, Sebastião da Fonseca, Gregorio Martins, Francisco de Mendoça, Manoel de Vasconcellos, Affonso Pires do Valle.* Diogo do Couto *cap.* 1. *do liv.* 10.

[b] *Antes desta victoria, escreve* Francisco de Andrade, *que alcançou outra D. João Pereira do mesmo Soleimam Agá, de que nenhum outro Author faz menção. Cap. 9. da 3. Parte.*

te de ſeus inimigos. E dos Canarijs foi celebrada com grande feſta, por Soleimão Agá [illegible] hum homem de ſua condição cruel, e tyranno. O qual ſobre ſeguro, vindo-lhe fallar vinte e cinco Naiques das aldêas de Bailin, os mandou enforcar cada hum em ſua arvore, com que eſcandalizou todo o Gentio da terra. Outra couſa mui mal recebida de todos, foi tomar toda a fazenda de Abedechan, que por o ajudar morreo no arraial, dizendo que elle o desbaratára, porque a primeira gente que fugíra fora a ſua, e mandou que ſeu corpo não foſſe enterrado, e que ficaſſe no campo para ſer comido dos cães, não lhe lembrando que Abedechan morreo pelejando por elle como cavalleiro, e elle ſe ſalvou fugindo como covarde. Por os quaes feitos, e por outros, alguns homens principaes ſe ajuntáram, e foram a Biigan a fazer queixume delle a Mir Mujale Capitão do Açadachan por elle não ſer preſente, pedindo-lhe que mandaſſe aquelle homem que não fizeſſe guerra aos Portuguezes, porque a terra ſe perdia, e não tinha a gente com que pagar os direitos, o que logo Mujale fez per hum requerimento, que mandou fazer a Soleimão, ameaçando-o com o Hidalchan, e com o Açadachan, ſe, até o Governador Nuno da Cunha vir, elle buliſſe comſigo.

Ao que elle obedeceo, e como anojado se sahio de Pondá, e se foi metter em huma Mesquita, onde esteve até a vinda do Açadachan, de que agora tornaremos a fallar.

CAPITULO XIII.

Como o Açadachan se partio per mandado do Hidalchan cobrar as terras firmes de Goa: e o que passou neste caminho, e depois com Nuno da Cunha.

O Açadachan partido do Hidalchān para ir conquistar as terras firmes de Goa, foi-se direitamente á Cidade de Meriche, onde Mahamed Barin Capitão della, que fora seu criado, o não quiz acolher por as razões que atrás dissemos. E passadas sobre isso muitas práticas, respondeo por derradeiro, que tinha recado do Hidalchan que o não recolhesse, nem obedecesse. Disto ficou o Açadachan mui indignado, e bem entendeo, que os recados que elle tinha do Hidalchan não eram sem causa, pois aquelle seu criado, e feitura, que elle alli puzera, lhe fallava tão soltamente. E desejando tomar vingança delle, mandou logo trazer de Bilgan muita artilheria para combater a Cidade, como fez, de que derribou hum lanço do muro. Mas quando quiz commetter a fortaleza; como elle mesmo a tinha for-

ta-

falecido pouco tempo havia, deteve-se muito nisso. E antes que começasse a bateria, espedio a grã pressa hum messageiro ao Cota Maluco, fazendo-lhe saber o que achára em Meriche, e o engano que lhe o Hidalchan fizera no seu despacho, que lhe pedia muito que apertasse com elle pela entrada de suas terras, que então tinha tempo, porque elle pela sua parte lhe daria bem que fazer, e outro tanto fez ao Nizamaluco. O seu criado Barin como vio sua determinação, e o querer entrar per combate, fez saber ao Hidalchan o estado em que ficava, e o que mandava que fizesse. O Hidalchan como estava apercebido para este caso, espedio a grã pressa hum seu Capitão capado com dez mil de cavallo, e muita peonage, que se viesse lançar á vista do arraial do Açadachan, mas que não pelejasse com elle até ver recado seu. O Açadachan tinha comsigo tres mil de cavallo, e nove mil de pé, e como vio vir esta gente tão prestes, entendeo que o Hidalchan não tardaria muito, e logo lhe veio recado da Corte pelas intelligencias que nella tinha, como o Hidalchan ficava de caminho. Com esta nova disse o Açadachan publicamente: *Se querem que me vá daqui sem primeiro tomar vingança deste traidor, eu o farei, mas não para metter-me dentro em Bilgan, porque*

não

não sou eu o homem, que ha de morrer encerrado em casa, senão no campo. Mas com todas estas razões ditas em público, como era manhoso, e cheio de artificios, saltou em outro proposito, dizendo, que por o Hidalchan seu Senhor lhe escrevia que descercasse Meriche, e se fosse para Bilgan, e dahi para onde o mandava, que queria mais cumprir seu mandado, que seu proprio desejo, que era castigar aquelle traidor, e revel criado. Mas elle não fez mais caminho que desabafar Meriche, e poz-se entre ella, e Bilgan, esperando a mudança que o Hidalchan fazia. Dahi mandou recado a Soleimão Agá Capitão de Pondá, que em nenhuma maneira fizesse guerra aos Portuguezes, antes deixasse correr livremente o commercio de todas as cousas para Goa, porque aquelle negocio elle o havia de acabar per cartas suas com o Governador Nuno da Cunha, e não per o modo que elle até então tivera.

Não sería o Açadachan aposentado no lugar, que tomou para esperar o que o Hidalchan fazia de si, que eram sete leguas de Meriche, quando o Hidalchan per outro recado, que lhe o Capitão cercado mandou, partio sómente com duzentos de cavallo, como pela posta, e em dous dias andou vinte e oito leguas, que são da Cida-

de

de de Bisapor a Meriche, e quando chegou se foi aposentar no arraial do seu Capitão escapado, não se fiando de entrar na Cidade. Da qual mandou sahir ao Capitão Bassin, e o levou comsigo, tornando-se para Bisapor com todo o exercito. Dalli mandou recado ao Açadachan que mandasse pôr cobro na Cidade, porque elle lha deixava livre, e levava comsigo Mahamed por lhe não fazer mal com a indignação que delle tinha, ao qual não devia de culpar, porque tudo o que fizera fora por seu mandado; e que a causa de elle lho mandar fazer foram mexericos, que delle Açadachan lhe disseram nas costas da prática que com elle tivera. O que elle tinha sabido serem cousas de homens, que lhe tinham inveja á mercê, que lhe fizera das terras firmes que lhe mandára conquistar; mas como soubera a verdade, fizera aquelle caminho tão apressado a fim de o vir metter em posse do seu, que se fosse em boa hora a fazer o que lhe mandava, por quanto lhe era dito que os Portuguezes tinham tratado mal a Soleimão Agá. O Açadachan por este recado lhe mandou beijar os pés, e dizer, que elle se partia logo a fazer o que lhe mandava; mas não se fiava delle, nem o Hidalchan descançava em suas cousas, porque per huma parte era hum escravo seu muito sujeito, e

hu-

humilde, e per outra via eram tido traições, e maldades não pensadas, postas em effeito, como logo vio, tanto que chegou a Bisapor, onde lhe veio recado que o Cota Maluco entrava per suas terras, o que entendeo ser per incitamento do Açadachan; o qual sendo tornado a Meriche, se poz a reformar o damno que lhe fizera, e dahi se veio a Bilgan prover do necessario para a conquista das terras firmes, o que fazia algum tanto de vagar.

Neste tempo sesta feira antes de Ramos chegou o Governador Nuno da Cunha a Goa, deixando as cousas de Dio no estado que dissemos, quando tratámos d'ElRey de Cambaya, e logo mandou dizer ao Açadachan da sua vinda, e que estava espantado das cousas que achava feitas nas terras firmes, das quaes ainda que soubera em Dio per cartas, que lhe escreveo o Capitão de Goa, não lhe parecia ser tanto o mal, como sendo presente via: que se maravilhava muito de elle consentir que andassem aquellas terras tão revoltas, e tão destruidas com os damnos que a gente tinha recebido, que antes de muitos dias não haveria quem as cultivasse, nem habitasse. E que segundo tinha sabido, a maior parte deste mal procedêra de hum homem tão cruel como era Soleimão Agá, que fez muitas cruezas á gen-

gente mesquinha. E o de que mais se espantava era de lhe dizerem, (o que não cria,) que elle em pessoa vinha novamente sobre aquellas terras, que não sabia a que, por estarem tão enfermas, e feridas dos damnos passados, que nem para pastar as hervas o podiam soffrer, tanto mais as obras que fazem os soldados por mui comedidos que sejam, porque naturalmente he gente que vive do sangue dos lavradores. E que a lhe dizer verdade, a elle lhe fazia pouca cubiça aquellas terras, sómente as queria para que a sua gente d'armas tivesse onde ir montear, porque com as cousas de Cambaya, (como elle sabia,) ficava tão ociosa, que era necessario para se não amolecerem, e corromperem com o ocio, darlhes alguma honesta occupação como he a caça. E que se de Dio escreveo ao Capitão que as não soltasse, era a este fim, e por o concerto que com elle se fez, como sabia. Por tanto lhe pedia, e rogava, que a amizade, e paz que entre elles era assentada, não se rompesse, pois de a ter o Hidalchan com os Portuguezes, recebia mais proveito do que a elles lhe vinha. E bastava para saber quão proveitosos amigos eram os Portuguezes em o negocio presente, que ora estava á vista de toda a India, não achar Soltam Badur outro amparo, e segurança senão nelles.

O

O Açadachan como viu o author de Nuno da Cunha mandar tomar as terras pelo modo que atrás se vio, não se quiz descubertamente mostrar culpado na sua vinda, nem menos escuso della, e mandou-lhe confessar o que tinha dito; mas que bem via elle quantos trabalhos tinha até então passados com o Hidalchan por inimigos seus, que lhe andavam á orelha, e que alli onde estava o não deixavam assocegar, e que elle muitas cousas lhe concedia, e em muitas lhe obedecia, não por lhe parecer bem, mas por ser homem mancebo, appetitoso, e desconfiado; e contrariar-lhe qualquer cousa, em que elle mostrava gosto, era total destruição sua. E que como o Hidalchan nesta vinda sobre as terras firmes, era a em que ao presente mais appetite tinha, não podia elle tão descubertamente deixar de ir avante, e cumprir sua vontade; mas que faria este caminho de vagar, porque por ventura neste meio tempo lhe veria outra vontade. E assi o mostrou o Açadachan logo nos apercebimentos da guerra, indo mui vagaroso nelles. Mas tudo isto era artificio para fazer com o Hidalchan seus negocios melhor, e não por respeito de Nuno da Cunha, porque a verdade deste vagar era, que entendia per avisos de seus amigos, que trazia em casa do Hidalchan,

que

que como andasse envolto na guerra com os Portuguezes, lhe havia de ir tomar Bilgan, que era o seu coração, por ter alli sua fazenda, e segurança de todo seu ser. O Hidalchan lhe dava ainda maior suspeita, porque o apertava muito com cartas que fosse avante, e ainda lhe conveio escrever-lhe muitas palavras de mimo, e segurallo, até lhe mandar hum Capitão Abexij chamado Rahen, dizendo, que se o deixava de fazer, porque não tinha tanta gente como queria para accommetter aquelle feito, elle lhe mandava aquelle seu Capitão com quatro mil homens, e com elle mandou tambem Genetechan, que estava prezo em Pondá, a quem elle dava aquella Tanadaria, e mandava que se fosse della Soleimão Agá seu inimigo, pôr a má informação que tinha de como alli se houvera. Com estes quatro mil homens que de novo vieram ao Açadachan, ajuntou elle em Bilgan doze mil, em que entravam quatro mil de cavallo, e duzentos espingardeiros.

Estando assi alguns dias levando as cousas de vagar, veio-lhe recado como os Mogoles entravam pelas terras de Madre Maluco, o qual o mandou ao Hidalchan, dizendo, que se fizessem ambos em hum corpo para lhe defender a entrada. Com esta

no-

nova, dizem que o Hidalchan mandou ao Açadachan que não passasse abaixo ás terras firmes, até saber em que parava este aviso dos Mogoles. Outros dizem, que o Açadachan fazia nova mais verdadeira do que era, por ter escusa no vagar que levava; porque tendo elle já mandado fazer largos caminhos nos passos de Gate até Pondá, por ser cousa mui trabalhosa de passar hum tão grande exercito como elle trazia por elles, e muitas peças de artilheria, que era já posta em caminho para estar na fortaleza de Pondá, mandou que não fosse por diante. E elle tambem estando no campo fóra de Bilgan com suas tendas armadas, e o arraial assentado, tornou-se a recolher á Cidade, e ao Genetechan que tinha espedido para Pondá, e estava já em hum lugar chamado Chocolá, que he no Gate, mandou-lhe que se detivesse, e não passasse avante. Finalmente com grandes intervallos, fingindo ora huma cousa, ora outra, chegou a Pondá com vinte mil homens a 17. de Maio daquelle anno de 1536.

CA-

CAPITULO XIV.

Como chegando o Açadachan a Pondá, mandou huma carta do Hidalchan a Nuno da Cunha, e da resposta que a ella deo: e do que mais succedeo entre elles.

TAnto que o Açadachan chegou a Pondá, logo aos 20. dias do mez de Maio mandou a Nuno da Cunha huma carta do Hidalchan com o messageiro que trazia, cuja substancia era, que elle mandava o Açadachan com vinte mil homens a cobrar as terras firmes, que elle tinha usurpadas; e que aquella carta não era para mais que dar crença ao que lhe mandava dizer per aquelle messageiro. Nuno da Cunha o mandou receber, e depois de ter lida a carta, ouvio o que da parte de seu Senhor lhe dizia, que foi huma grande arenga, começando do tempo de Affonso de Albuquerque, e das pazes que fizeram com o Sabaio seu avô [a], e a continuação daquella amizade entre seu pai, e todos os Capitães que governáram a India, até elle Nuno da Cunha. E que elle como herdeiro de seu pai queria continuar esta paz pela maneira que sem-

[a] *Segundo o que escreve* Diogo do Couto, *houvera de dizer com o Cufo Hidalchan seu avô.*

ſempre tiveram, e não queria que houveſſe couſa entre elles para ſe quebrar. E ſobre iſto outras muitas palavras, cuja conclusão era, que lhe ſoltaſſe as terras, e pagaſſe os rendimentos que tinha recebido dos Gançares. Nuno da Cunha, como já com todos os Capitães, e peſſoas notaveis do conſelho da governança da India tinha aſſentado a ſubſtancia da reſpoſta que havia de dar, por ter ſabido a que o meſſageiro vinha, logo em público, onde elle fez ſua falla, lhe diſſe, que elle não queria dilatar reſpoſtas, como outros uſavam, trazendo os meſſageiros em dilações, nem traria razões dos tempos tão atrás, como era o de Affonſo de Albuquerque, mas ſómente do preſente, depois que o Hidalchan fora mettido em poſſe de ſeu Eſtado. E que a reſpoſta ſería para a elle dar ao Açadachan, que eſtava em Pondá, como elle dizia, com vinte mil homens, o qual ſe vinha com deſejo de pelejar com os Portuguezes, elles eram homens que não haviam de negar a luta, e que iſto diſſeſſe ao Açadachan. E que quanto ao Hidalchan, elle lhe eſcrevia largamente ſobre o negocio; e com iſto o eſpedio. A ſubſtancia da carta para o Hidalchan foi, que quando ſe tomáram aquellas terras dos Gentios que as roubavam, foi per conſelho do Açadachan, cujas cartas tinha, por elle Hidal-

dalchan estar naquelle tempo mui occupado em cousas de seu Estado, a que lhe convinha primeiro acudir; e como cousa que estava devoluta, e vaga, lançára mão dellas. E que como marco, e padrão da posse mandára fazer aquella força, sobre o qual negocio escrevêra a ElRey seu Senhor, e por isso elle não podia sem seu mandado soltar o que huma vez tomára. Antes lhe parecia que elle Hidalchan como pessoa, que novamente succedia no Estado de seu pai, que fora tão grande amigo d'ElRey seu Senhor, como elle dizia, devêra de folgar de o ter por esse, porque os Estados da India não estavam tão seguros que não houvessem mester por amigo hum tal Principe como ElRey de Portugal; e que bem presente estava nos olhos de todos a prosperidade d'ElRey de Cambaya, o qual vindo a cahir della, nem em vassallos, nem em vizinhos de sua seita achou ajuda, e amparo, senão em seu Governador da India, contra o qual antes se mostrava tão izento, que pedindo-lhe as terras de Baçaim, não lhas quiz dar, e depois não sómente lhas deo sem requerimento, (o rendimento das quaes he dobrado do das terras firmes de Goa,) mas ainda huma fortaleza na Cidade de Dio, que elle tanto tempo negou, sómente por ter o favor dos

Portuguezes, e não outro mais certo remedio, e amparo em sua presente necessidade. Tanto poder tinha a fortuna varia dos homens, que dos inimigos faz amigos, e em os acharem se tem por bemaventurados; e que quanto ao desfazer da fortaleza, sobre que lhe seu messageiro fallára, ella tinha custado tanto trabalho, e sangue aos Portuguezes, que antes todos morreriam sobre ella, que tal consentir. Quando o messageiro veio buscar esta carta, e despedir-se do Governador, lhe pedio que lhe fizesse huma mercê, que elle teria por mui grande, que era mandar que não fizessem guerra até elle ir, e vir do Hidalchan, o que lhe o Governador prometteo. Mas como elle conhecia as astucias do Hidalchan, por o não tomar descuidado, mandou armar certos catures, e batéis, que andassem em capitanías per todos os rios, e esteiros que vem ter a Goa, vigiando o que se fazia em terra, e se ordenavam os Mouros algumas jangadas de madeiras, em que elles costumavam a passar gente á Ilha.

O Açadachan passados alguns dias que dissimulou este caso, por causa da vinda do messageiro do Hidalchan, quando veio a sete de Junho, despedio dous Capitães, Rahen que lhe mandára o Hidalchan com quatro mil homens, e Soleimão Agá Capitão pas-

passado com outros quatro mil, e que se fossem ás terras de Salsete. Nuno da Cunha, porque isto não respondia ao petitorio do messageiro do Hidalchan, que lhe pedio não fizesse guerra até sua tornada com resposta, mandou hum Naique Capitão da terra denunciar ao Açadachan a guerra, o qual o reteve prezo. Como Nuno da Cunha soube que o Naique era reteudo, mandou a Ruy Dias Pereira Capitão mór dos navios de remo, fazer entradas pelos rios, e esteiros da Ilha de Goa, e em terra fazer todo o damno que pudesse nas aldeas, e lugares, o que elle fez, matando, e cativando muitos moradores das Tanadarias, principalmente em hum pagode, onde tomou trinta e tantas pessoas, e os mais se foram lamentar ao Açadachan deste damno, com a qual nova elle mandou logo soltar o Naique que tinha prezo, desculpando-se a Nuno da Cunha, que a causa de o deter tantos dias fora por ser homem, com que folgava de fallar, por o achar pessoa de substancia em sua prática, como por elle podia saber. E porque elle tinha mandado aos dous Capitães que levassem certas peças de artilheria grossa para pôr contra a nossa fortaleza, onde elle esperava de fazer huma defensão, tornou-lhes a mandar dizer que a não levassem adiante, e cada dia fazia

huma mudança, e mil artificios, para que Nuno da Cunha perdesse o rastro do que elle queria fazer. Mas elle entendia bem que tudo era ter o Açadachan mais o sentido no que fazia o Hidalchan, temendo que lhe viesse tomar Bilgan, que vontade de nos fazer então guerra. E a tanto chegou este seu temor, que algumas vezes se fazia doente na fortaleza de Pondá, e não se deixava ver, e de noite como pela posta com cavallos em paradas, per sua pessoa, sendo homem de muita idade, dava huma vista a Bilgan, e dahi a Bisapor, onde estava o Hidalchan, e onde tambem tinha os que lhe davam os avisos do que se passava sobre elle. Com estes temores não assocegava, nem se sabia determinar, porque ás vezes partia de Pondá para as terras de Salsete, e no caminho fingia enfermidade, ou impedimento de maneira, que elle mesmo se não entendia. Os seus Capitães o mais que faziam era dar huma vista á nossa fortaleza, sem os nossos sahirem, por assi lho ter mandado Nuno da Cunha, até que elles se enfadassem. E assi foi, porque as terras per que elles andavam serem alagadiças, e não as poderem andar senão com muito trabalho, a gente enfermava, além da fome que passavam, por não acharem que comer, porque os lavradores com

a con-

a continuação da guerra foram-se recolhendo para cima contra o Gate, e deixáram de cultivar as terras, e além da gente, lhe adoeciam, e morriam os cavallos, e elefantes, que elle muito eſtimava. E temendo perder mais cavallos, mandou alguns, que elle tinha mais mimoſos, a Bilgan. Neſte tempo em algumas entradas que os Portuguezes fizeram pelos rios, matáram muita gente da terra, e por deſaſtre de hum catur dos Portuguezes ficar em ſecco com gente, carregáram alli tantos Mouros, que matáram os mais delles, de que os principaes foram Henrique Ribeiro, Vaſco de Moura, Lopo Bugalho, e Jorge de Lemos.

CAPITULO XV.

Das couſas que ſuccedêram na guerra das terras firmes de Goa: e da entrada que nellas fez D. João Pereira: e do bom ſucceſſo que teve.

FAzia o Açadachan a guerra remiſſamente com o tento que tinha no Hidalchan, occupando-ſe em fazer caminhos largos para ſeu exercito, e ameaçando ora aqui, ora alli, como quem eſgrime em vão. Nuno da Cunha pelo meſmo modo, como quem entendia os receios do Açadachan, tambem o entretinha com alguns ſaltos per eſſes rios,

ora em huma parte, ora em outra, fazendo o damno que podia, até que o Hidalchan lhe mandou resposta da carta que lhe escrevêra. A substancia della era remetter ao Açadachan todos aquelles negocios, pois Nuno da Cunha dizia ser elle muita parte de tomar aquellas terras, e que haveria por bem tudo o que elle fizesse. Sobre isto houve muitos recados entre Nuno da Cunha, e o Açadachan; mas tudo se vinha resolver em cada hum querer ficar com as terras, e não desistir da conquista, e posse dellas. Neste tempo veio nova ao Açadachan, que o Hidalchan estava em Bisapor, sem ousar de se mover dalli, por ter novas que huns Mogoles que andavam em Cambaya tinham concertado com o Madre Maluco, que lhe désse passagem per suas terras para ir ás delle Hidalchan, e dahi se passarem a Narsinga, onde elles muito desejavam entrar, por a fama das grandes riquezas que naquelle Reino havia. Estas novas tinha o Açadachan por suspeitas, e pareciam-lhe fingidas pelo Hidalchan para dissimular com elle. E com ellas tambem lhe vinham outras, que era ser muito culpado ante o Hidalchan, e seus Capitães, por quão pouco tinha feito depois que viera áquella empreza, promettendo elle quando da Corte partio, que as suas barbas brancas havia de levar vermelhas

lhas do sangue dos Portuguezes, em que se havia de tingir, e que até então mais as tinha cheias de injuria, que do sangue que dizia.

Nuno da Cunha per este tempo hia cevando a fortaleza de Rachol, mandando em modo de Capitanías alguns Fidalgos, e gente nobre, como foi Manoel de Macedo, e Joanne Mendes seu irmão, com trinta homens per huma vez, e per outra a Fernão de Lima, e Paio Rodrigues de Araujo com muitos espingardeiros, e depois Gonçalo Vaz Coutinho. A causa de Nuno da Cunha ir cevando esta fortaleza com gente, era, porque os Mouros cada dia davam mostra de si sem commetterem, e receava que hum dia com grande impeto dessem nella de subito. E principalmente se temia, porque foi aquelle anno o inverno tão grande em dous mezes delle, que andavam os homens mortos, e não podiam aturar o trabalho por os máos gazalhados que tinham, e assi se perdêram com as muitas chuvas todas as novidades, e sementeiras da terra, e em Goa cahíram muitas casas. E porque na outra parte onde estava Vasco Fernandes por Tanadar, hum Capitão do Açadachan o vinha muitas vezes commetter, mandou Nuno da Cunha a Antonio Correa com alguns navios de remo, e vieram-se a revol-

volver com os Mouros de mancira, que lhe matáram os noſſos muita gente., e o Capitão delles eſcapou a pé, perdendo o cavallo em hum lamaçal per onde ſe foi metter com preſſa de fugida.

Depois por vir nova a Nuno da Cunha per eſpias que lá trazia, como ſe ajuntava no meſmo lugar muita gente em damno noſſo, a 10. de Agoſto, dia de S. Lourenço, fez paſſar áquella parte D. João Pereira Capitão da Cidade com cento e trinta de cavallo [a], e ſeiscentos Portuguezes de pé, de que foi Capitão Gonçalo Vaz Coutinho, e mil peães Canarijs da terra, de que era Capitão Criſná Gentio honrado. Os Mouros quando ſouberam que eſta gente entrava meia legua pelo ſertão, recolhêram-ſe mais ao pé de huma ſerra, e fizeram-ſe fortes em hum teſo, por eſtarem mais ſeguros, onde D. João os foi buſcar. E como per Galvão Viegas, que levava diante por adail, ſoube do eſtado em que eſtavam, or-

a Acompanhåram a D. João neſta jornada D. Pedro de Menezes, João de Mendoça, Chriſtovão de Souſa, Liſuarte de Andrade, Martim Correa da Silva, João Juſarte Tição, Manoel de Souſa de Sepulveda, Franciſco de Gouvea, Pero da Cunha, Manoel de Vaſconcellos, Galvão Viegas, Antonio de Reboreda, e hum filho ſeu, Pero Godinho, Diogo Fernandes o Adail, Paio Rodrigues de Araujo, Ruy Dias da Silveira. Fernão Lopes de Caſtanheda *cap. 138. do liv. 8. e* Franciſco de Andrade *cap. 32. da 3. Parte.*

ordenou sua gente per esta maneira. Os Gentios, de que era Capitão Crisná, por serem mais ligeiros, costumados á terra, hiam na dianteira, trás elles hia logo Gonçalo Vaz Coutinho com a pionage Portugueza. A gente de cavallo foi repartida em duas partes, huma levava o Adail, e a mais principal ficou com D. João. Indo nesta ordem, porque o monte onde os Mouros estavam era hum pouco espesso com arvoredo, e fazia hum passo estreito, que lhe podia prejudicar vindo por alli alguns Mouros a lhe dar nas costas com alguma cilada de que não soubessem, mandou D. João que ficasse alli Manoel de Vasconcellos com alguma gente de cavallo, e de pé. Chegados os nossos tão perto, que eram vistos dos Mouros, em lugar de a gente Canarij que levava Crisná haver de subir pelo teso assima a dar nos Mouros, começou a recear, até que sem vergonha tornáram para trás, e foram dar com impeto em João Rodrigues Homem, o qual por se querer mostrar que o era no animo, como no nome, com seu cavallo se metteo tão desenfreadamente entre os Mouros, que logo foi morto. E com a furia desta perda, D. João chamando por Sant-Iago, rompeo os Mouros com tanto impeto, que começáram a fugir, e descer a humas semeadas de arrozes,

zes, que eſtavam ao pé do teſo da outra parte. E como eſtavam cheias d'agua, onde os noſſos não ouſavam entrar, repartíram-ſe em duas partes, huns tinham aquella entrada, tomando o caminho aos Mouros para não ſahirem, outros foram rodear a tomarem huma ponte de hum eſteiro perque ſe acolhiam, na qual matáram muitos delles, e com o temor do noſſo ferro ficáram enterrados naquelle tremedal dos arrozes, entre os quaes foi o ſeu Capitão Janebec, que já levava duas lançadas. Finalmente dos Mouros de cavallo ficáram alli vinte, e muitos de pé: os cativos foram cincoenta, entre os quaes foi Sarnabote, que era Adail de Janebec. Dos noſſos morrêram quatro, além de João Rodrigues Homem, e alguns feridos, de que os principaes foram Pero da Cunha, e Diogo Vaz de Aragão. E os peior tratados foram os Gentios da terra, por ſer gente mal armada. Per eſta maneira ficáram os Mouros que andavam naquellas terras de Bardés tão amedrentados, que ſe quizeram paſſar ás terras de Caporá; mas os moradores dellas os não conſentíram, dizendo, que temiam que os Portuguezes os foſſem deſtruir, polo que ſe alongáram mais para as terras de Banda.

CAPITULO XVI.

Como o Açadachan andou em requerimento com Nuno da Cunha sobre assento de pazes, e de se verem ambos, o que não houve effeito: e das victorias que houveram Antonio da Silveira nas terras firmes, e Gonçalo Vaz Coutinho na costa.

NÃo tardáram muitos dias depois que D. João Pereira Capitão de Goa houve aquelle bom successo nas terras firmes, que o Açadachan escrevesse ao Governador Nuno da Cunha, pedindo-lhe por não andarem em ir, e vir com recados, e respostas, que lhe mandasse alguma pessoa para praticar com elle algumas cousas, que convinha a ambos, e o Governador lhe mandou Christovão de Figueiredo, com quem o Açadachan se desenvolvia bem, e entre ambos se concertou que o Açadachan, e Nuno da Cunha se vissem. Mas isto não houve effeito, porque o Açadachan hum dia se fez doente, outro anojado, dizendo, que lhe viera nova que os Mogoles matáram hum filho do Madre Maluco em hum recontro que teve com elles, querendo entrar nas terras de seu pai; e segundo se depois soube, o Açadachan queria ganhar a vontade a Nuno da Cunha em lhe descu-

brir

brir per meio de Christovão de Figueiredo o que ElRey de Cambaya andava ordenando com o Hidalchan, e com os Capitães do Reyno do Decan, e todos os outros Principes da India contra Portuguezes, como adiante diremos. Todavia passados oito dias, o Açadachan veio a hum outeiro do passo de Benestarin, e per derradeiro não foram mais as vistas, que ir Christovão de Figueiredo ao Açadachan, e Aga Mamud criado do Hidalchan vir a Nuno da Cunha; e por remate do negocio ficáram no estado em que antes estavam, e Nuno da Cunha com maior escandalo, o qual por se já despedir o inverno, mandou lançar ao mar todas as vélas. O Açadachan tambem por a mesma causa, antes que as armadas dos Portuguezes navegassem, e fossem fazer algum damno pelos seus portos de mar, queria tomar mais alguma conclusão sobre a fortaleza que elles tinham feita, e mandou-lhe dar algumas vistas, com grande número de gente tão perto della, escaramuçando em hum campo a modo de desprezo, que indignados os nossos, lá os foram pescar com duas, ou tres peças de artilheria, com que ficáram no campo vinte. Os Mouros escandalizados disto, foram dar no passo que chamam Carambolij, e apertáram tanto com o Tanadar

da Luiz Castanho, que o fizeram recolher a Goa.

Nuno da Cunha a primeira Armada que lançou ao mar foi de duas fustas, e tres catures, cuja Capitanía deo a Gonçalo Vaz Coutinho, que fez muito damno por todos os portos em que entrou. E tendo Nuno da Cunha conselho para em pessoa passar a Salsete, chegáram cartas d'ElRey de Cochij, e do Doutor Pero Vaz Veedor da fazenda, dizendo, que importava muito sua ida a Cochij, por as guerras que os Reys de Cochij, e Calecut entre si tinham desde o principio do inverno; e como Fernan-D'eanes de Sotomaior Capitão de Cananor por estar perto dalli tinha soccorrido com dez vélas de remo, e duzentos homens, que aproveitáram muito. Tambem lhe escrevia o Veedor da fazenda, que per terra lhe vieram novas que em Choromandel se levantava gente da terra contra os Portuguezes que lá estavam, por razão de huma náo que Antonio da Silva tomára passando para Bengála com sua Armada. Com esta necessidade, aos 19. de Setembro despachou Nuno da Cunha a Martim Affonso de Sousa Capitão mór do mar com onze navios, para ir concertar estes dous Reys de Calecut, e de Cochij, e fazer nisso o que lhe parecesse, até lhe mandar recado do esta-

do,

do, e proposito com que os achava Partido Martim Affonso, (do qual adiante escreveremos,) Nuno da Cunha por mostrar ao Açadachan, que queria tomar conclusão com elle, e não andar perdendo tempo, como até então tinha feito por causa do inverno, no mesmo dia que Martim Affonso partio, mandou lançar pregões, que toda a gente de cavallo, e de pé se apercebesse para passar ás terras firmes com Antonio da Silveira de Menezes, o qual passou com duzentos de cavallo [a], e setecentos de pé Portuguezes; e do Gentio da terra mil, e não se contentou com entrar pela terra firme menos de tres leguas. Na qual ida houve tal victoria dos Mouros, que ma-

a *Foram com Antonio da Silveira João de Mendoça, Francisco de Mendoça, João Jusarte Tição, Antonio de Lemos, Manoel de Macedo, Francisco de Gouvea, Lisuarte de Andrade, Pero da Cunha, Joanne Mendes de Macedo, Manoel de Vasconcellos, Francisco da Silva de Alcobaça, D. João Lobo, Ruy Dias Pereira, Diogo Botelho de Andrade, Christovão de Sousa de Lamego, Pero Rodrigues Porras, Manoel de Azambuja, Antonio Cabral de Santarem, Jorge de Mello Pinho, Alvaro de Mendoça, Luiz Coutinho, Pero Barriga, Francisco Pacheco, Diogo Pereira, Antonio da Fonseca, Diogo Lobato, Ruy Dias da Silveira, Christovão Pereira, Duarte de Sousa, Antonio Caldeira, Alvaro de Figueiredo, Duarte Rodrigues Mousinho, Francisco de Sousa, Galvão Viegas, Diogo Fernandes Adail, Antonio de Freitas, João Gomes, Duarte de Taíde, e outros.* Fernão Lopes de Castanheda *cap.* 139. *do liv.* 8. *e* Francisco de Andrade *cap.* 22. *da* 3. *Parte.*

matou trezentos, em que entravam dous Capitães do Açadachan [a], e Coge Mugor seu estribeiro, que elle muito sentio, e de feridos foi hum grande número. Dos Portuguezes foram mortos oito, de que os principaes foram Francisco da Silva, Belchior Velho, Bastião Paes, Diogo Zambujo, Pero Chamiço; e feridos cincoenta, os mais delles homens nobres, porque a peleja foi em lugar que os Mouros lhe tinham muita ventagem. E em hum certo passo, onde estava por Tanadar Vasco Fernandes, mandou Nuno da Cunha fazer hum forte, o qual sitio elle per sua pessoa foi ver, e em quanto se fazia estava Antonio da Silveira em sua guarda.

Sobre esta victoria chegou huma náo de preza, que Gonçalo Vaz Coutinho tomou no mar de Dabul, a qual por ser da mãi do Hidalchan, segundo Nuno da Cunha foi certificado, mandou soltar o Capitão della, e pôr a fazenda em boa recadação para lha entregar, como elle trouxesse carta do Hidalchan, a quem Nuno da Cunha o mandou com sua carta, dando-lhe conta particularmente daquella guerra das ter-

a *O Capitão geral dos Mouros se chamava Carnabeque, homem de grandes forças, como se viram nos golpes que deo nesta batalha, em que foi morto, a qual escreve com particularidade* Castanheda, *e* Francisco de Andrade *nos Capitulos acima referidos.*

terras firmes, e como o Açadachão o demovêra a isso, por as haver tomadas dos Gentios, sem culpar ao Açadachan nos artificios que tinha usado, e dito contra elle, por o não metter em odio com o Hidalchan. E porque lhe pareceo que o Açadachan podia entreter este homem, se soubesse que levava cartas suas, o mandou per mar para entrar per Dabul, o que aproveitou muito, porque achou lá nova dos damnos que Gonçalo Vaz alli tinha feito, tudo por causa desta guerra que o Açadachan fazia, porque Gonçalo Vaz tinha entrado pelo rio acima, queimando todos os navios que achou, e lugares, de que trouxe muita artilheria; e quando entrou em Goa foi com mais de trezentas pessoas cativas, e muitos mantimentos que tomou per esses rios, de que em Goa havia muita necessidade. E parece que com aquelle damno que Gonçalo Vaz lhe fez, e cartas de Nuno da Cunha, que levou o Mouro, e principalmente porque os Tanadares dos portos do mar foram neste tempo encampar as Tanadarias, clamando tanta perda de mulheres, filhos, e parentes, huns mortos, e outros cativos; teve o Hidalchan conselho com os seus Capitães, os quaes todos culpáram ao Açadachan daquelles damnos causados da sua contumacia, com que tinha indignado o Go-

ver-

vernador da India, sem lhe fazer guerra, mas levando boa vida na fortaleza de Pondá, donde não ousava sahir, com o qual procedimento tinha feito mais perda que proveito; e lançada bem a conta, mais importavam as entradas, e rendimentos dos portos do mar, que o Governador podia impedir, que quanto valiam as terras sobre que se contendia. A estas queixas se ajuntou vir o proprio Tanadar de Dabul encampar a Cidade ao Hidalchan, e contar particularmente quanto damno Gonçalo Vaz deixava feito, dando muitas razões quanto importava a seu Estado, e rendimentos estar com os Portuguezes em paz. Para isto dava por exemplo o que os Portuguezes fizeram a hum Reino tão poderoso como o de Cambaya, que em menos de cinco annos lhe tinham queimados quasi todos os seus portos de mar até ElRey com seus trabalhos se vir a entregar nas mãos do Governador. E que tão grandes cousas como estas eram, não as havia de deixar no parecer, e vontade do Açadachan, cujo officio eram modos, e artificios de enriquecer, e fazer-se temido. E que quando o Governador soltasse as terras, que não era de crer haviam de ficar na mão do Açadachan, sem elle Hidalchan ter algum proveito.

CA-

CAPITULO XVII.

Como o Hidalchan mandou ao Açadachan que desistisse da guerra com os Portuguezes, e elle se escusou: e como D. Gonçalo Coutinho foi desbaratado no passo do Borij, e o Açadachan veio assentar pazes com Nuno da Cunha, por evitar os damnos que recebia.

AS queixas dos Tanadares, e a carta de Nuno da Cunha obráram tanto ante o Hidalchan, que sem dilação alguma mandou recado ao Açadachan, que deixasse de fazer guerra, e se fosse a elle, por estar de caminho para as terras do Cota Maluco. Disto se escusou Açadachan, dizendo, que tamanha empreza como elle tinha tomado, e em que tinha gastado mais de trezentos mil pardaos, e posto nella sua honra, não era para deixar. E que elle era velho, e usado na guerra, e que aquelle pomar em que elle cavava era delle Hidalchan, e para elle o queria, que deixasse pollo no estado que desejava, e então faria o que fosse seu serviço. Sobre este recado mandou ao Hidalchan duas peças mui formosas á vista, hum cavallo, e hum terçado guarnecido d'ouro, e pedraria; o qual sendo-lhe apresentado, e querendo elle desen-

vol-

volver-lhe huns pannos de ſeda, em que hia, não o conſentio ſua mãi, que eſtava preſente, e mandou que o deſenvolveſſe hum moço, que em acabando de o tirar dos pannos cahio morto. Polo qual caſo o Hidalchan não quiz ſubir no cavallo, ſem primeiro outrem tomar a ſalva, e tambem morrêram dous que fizeram a experiencia. Vendo a mãi do Hidalchan eſtes dous ſubitos caſos de morte, diſſe: *Aqui vejo eu, filho, ſer verdade, que eſte traidor matou voſſo pai, como eu ſempre tive para mim.*

Por eſte tempo, como Nuno da Cunha ſoube que o Açadachan fizera pouca conta do que o Hidalchan mandára, ſobre deſiſtir da guerra mandou Gonçalo Vaz Coutinho com trinta navios de remo, e trezentos homens Portuguezes, e outros tantos Canarijs da terra, e foi queimar o lugar de Banda, cuja fumaça ſe via de Goa, em que ardeo muita fazenda, que elle não quiz recolher, por lhe não acontecer algum perigo á embarcação. E aſſi meſmo queimou quantos navios achou, e fez todo o damno que pode, de que trouxe mais de trezentas peſſoas cativas.

O Açadachan como homem indignado por os damnos que tinha recebidos, e furioſo de ſuas couſas lhe não ſuccederem como elle deſejava, e tambem por acudir á ſua honra, por o que diziam delle ante o

Hidalchan os outros Capitães, que não ousava sahir de Pondá, passou-se ás terras de Salsete, onde tinhamos nossa fortaleza de Rachol, de que naquelle tempo era Capitão Jordão de Freitas, e da qual cada vez que os Mouros lhe davam vista, hiam escalavrados. E vendo o Açadachan que lhe convinha tolher a serventia, que esta fortaleza tinha pelo rio acima, mandou em hum lugar delle mais estreito fazer huma força, e pôr nella artilheria, para com ella tolher a passagem dos batéis. [a] Sobre esta força houveram tanta contenda os Mouros em a querer fazer, Nuno da Cunha em lha impedir, que passáram assi os Mouros, como os Portuguezes grande trabalho. Neste tempo veio hum Mouro principal do Hidalchan,

a Esta força se fez em hum passo do rio, que se chama Borij, sobre hum grande penedo, que pendia sobre a agua, o qual com huma ponta de aréa da outra banda chamada Lotilin estreitava de maneira o rio, que não havia passagem das nossas embarcações para Rachol, senão ao longo do penedo. E porque com todo o risco da artilheria, e arcabuzaria da força passavam os nossos, atravessáram os inimigos aquelle pequeno espaço com fortes cadeias de ferro, prezas em grossas traves mettidas na vasa, com que a passagem, e soccorros de Rachol ficáram de todo impedidos. Polo que o Governador mandou D. Gonçalo Coutinho a cortar a ponta de Lotelin, o que se fez com immenso trabalho, e perigo, e ficou aberto hum canal, per que de maré chea podiam passar embarcações pequenas, que todo aquelle inverno soccorrêram Rachol com grande risco. Diogo do Couto *cap. 7. do liv. 10. da 4. Decada.*

chan, por nome Sangerichan; e o que a fama de ſua vinda publicava era a tratar paz, e que iſto queria ſeu Senhor. Mas tudo iſto eram ardijs do Açadachan, para em quanto foſſem, e vieſſem recados a Nuno da Cunha, elle ir com ſua obra por diante. A qual era tal, que foi neceſſario acudir Nuno da Cunha com mais defensão, mandando Manoel de Vaſconcellos com batéis, e navios, que podiam tirar com peças de artilheria groſſa. Mas como na obra andava muita gente, creſceo tanto a pezar dos Portuguezes, que mandou Nuno da Cunha a D. Gonçalo Coutinho, Capitão que então era de Goa, que a foſſe desfazer. E porque os mais dos homens andavam já muito enfadados dos rebates de cada dia, de que não tinham mais premio, que o trabalho grande que paſſáram aquelle inverno, e os moradores, e caſados da Cidade eram os que mais contrariavam eſta guerra, porque não tinham vida ſem as terras firmes, e a elles era eſta guerra mui damnoſa; foi-ſe Nuno da Cunha pôr em o paſſo de Agaſim, e dalli fazia embarcar todos os homens, quaſi em modo de repique, e ſoccorro. Os Principaes deſta ida, e que primeiro chegáram á tranqueira, foram D. Gonçalo Coutinho com gente que o ſeguio, Gonçalo Vaz Coutinho, D. João Lobo, Martim de

Castro, Lionel de Lima, Manoel de Vasconcellos, Gaspar Paes. Estes com toda a gente que levavam, onde lhe tomou a sorte, sahíram em terra, huns abaixo, e outros acima, e assi desembarcáram, mais furiosos que ordenados, subindo por a ribanceira do rio á força que os Mouros tinham feita. O primeiro sinal desta desórdem foi quebrarem hum braço ao Capitão D. Gonçalo Coutinho com hum espingardão; e a voz da gente miuda foi logo que era morto. Com o qual rumor os nobres quizeram mostrar tanto de suas pessoas contra o grande número dos Mouros, que de cima se defendiam, que cahíram logo em baixo Lionel de Lima, e Simão de Lima seu irmão, ambos tão mal feridos, que levados dalli foram morrer a Goa, e alli ficáram mortos D. Francisco de Lima, Dom Luiz, Gonçalo Vaz de Moura, Diogo Botelho de Andrade, Pero de Lemos, Joanne Mendes de Macedo, Jeronymo de Mello, Thomé de Brito, Francisco Aires, Vicente Pires, João Carvalho, Lopo Sarrão, e outros homens nobres, que por todos foram trinta, e da gente pequena morrêram muitos. E os que escapáram deste furor, embarcaram-se quasi a nado, porque com o alvoroço de subir pelas tranqueiras, e cada hum se mostrar ser dos primeiros, des-

am-

ampar.áram os batéis em que sahíram, e como não tinham quem os governasse, andavam á vontade da agua de maneira, que quando os tornáram a buscar estavam no meio do rio. Dos Mouros foram mortos naquelle accommettimento quatrocentos, em que entráram quatro Capitães. [a]

Nuno da Cunha, posto que esta era huma

a O penedo em que estava a força dos Mouros, como entrava pela agua, fazia nella duas calhetas, nas quaes podiam entrar embarcações, e lançar gente em terra; e porque por ellas temiam os inimigos serem accommettidos, em huma abríram na terra grandes caves, que tapáram por cima com canas, palha, e terra, e na outra ensebáram huma ponte, em que se havia de desembarcar, e em ambas puzeram muitos arcabuzeiros, e frécheiros.

D. Gonçalo levava seiscentos Soldados em muitos navios grandes, e pequenos: chegando ao Borij, ordenou que Lionel de Lima, e Diogo de Azambuja com trezentos homens desembarcassem na calheta da ponte, e elle na outra com o resto da gente. E depois que ao outro dia se deo das barcaças huma grande bateria á fortaleza dos Mouros, Lionel de Lima, e Diogo da Azambuja accommettêram de salto a ponte, que como estava ensevada, escorregando della cahíram ao mar, onde se affogáram com o pezo das armas; e pelo mesmo modo, e ás arcabuzadas, e frèchadas foram mortos outros cento e cincoenta Soldados, que desembarcáram no mesmo posto. D. Gonçalo Coutinho passou adiante á outra calheta, onde nas covas perecêram duzentos homens, e D. Gonçalo que não cahio nellas, com alguns que o seguiram foi cercado dos Mouros, e posto que pelejáram todos valerosamente, foram mortos, e D. Gonçalo com trabalho recolhido com hum braço quebrado. E assi nesta desgraciada jornada acabáram quasi quatrocentos homens, muitos delles Fidalgos, e foram cativos mais de quarenta. Diogo do Couto *cap.* 8. *do liv.* 10. Fernão Lopes de Castanheda *cap.* 152. *do liv.* 8. *e* Francisco de

ma grande perda de gente nobre, não podia deixar aquella fortaleza que estava feita; e temendo que com esta victoria o Açadachan puzesse todo seu poder para a tomar, e que para a poder defender, e sustentar convinha fazer outra no meio do rio, mandou alguns Capitães, e pessoas intelligentes que lhe fossem ver o sitio para esta obra, de que foi desenganado, que se não podia fazer. O Açadachan assi por o grande estrago da sua gente, que neste combate os Portuguezes lhe fizeram, como porque sentia que Nuno da Cunha tomava já este negocio a peito, mandou-lhe commetter pazes per vezes, até escrever sobre isso aos Capitães, que elle sabia serem contra esta fortaleza estar alli feita, e principalmente a Pero de Faria, que já fora Capitão de Goa, e seu amigo, e á Camara da Cidade; o que lhe Nuno da Cunha não concedeo, até que elle per si mesmo, sem ser constrangido de alguem, a mandou derribar a cinco dias de Janeiro do anno de 1538. [a] E tambem por meio de Pero de Faria, que foi algumas vezes ao Açadachan, assentáram pazes; ficando porém no mesmo estado em que

Andrade *cap.* 35. *da* 3. *Parte*, *referem este successo do Borij differentemente.*

a O modo que teve Pero de Faria em derribar esta fortaleza de Rachol, escreve Fernão Lopes de Castanheda *cap.* 153. *do liv.* 8. *e* Francisco de Andrade *cap.* 35. *da* 3. *Parte.*

que estavam antes que começassem a guerra, sem mais accrescentar, nem diminuir cousa alguma, por entender o Governador quanto lhe cumprio acudir a Dio, e o perigo em que ficava Goa, estando de guerra com o Açadachan. E isto se fez em nome de Nuno da Cunha, e não d'ElRey, porque tinha o Governador escrito a S. A. como fizera aquella guerra ás terras firmes, e tomára posse dellas, e não sabia se ElRey sería contente de desistir dellas, e approvar as pazes. Com este concerto o Açadachan se foi de Pondá contente, e por a Cidade de Goa estar desfalecida de mantimentos, mandou a Nuno da Cunha para a festa de Natal cem vacas, trezentos carneiros, e grande número de gallinhas, arroz, e manteiga. E nesta paz acabáram os trabalhos da guerra de todo aquelle inverno.

CAPITULO XVIII.

Como o Çamorij de Calecut á instancia d'ElRey de Cambaya veio com muita gente a Cranganor, fingindo huma certa visitação por ter azo de fazer guerra aos Portuguezes.

ACabados [a] os trabalhos, que aquelle inverno Nuno da Cunha passou em Goa, co-

a Sendo os Chijs antigamente senhores de todo o maritimo do Malavar, por onde fundáram povoações, de que

começáram em Cochij outros, por razão de outro vizinho tão perſeguidor das couſas dos Portuguezes como o Açadachan. Eſte era o Çamorij de Calecut, o qual por a preeminencia que tem entre os Reys do Malavar, que he (como já diſſemos) Emperador entre elles, queria ter ſuperioridade ſobre todos, principalmente ſobre El-

ainda hoje ha alguma memoria; reduziram o governo, e ſenhorio daquelle Eſtado a duas cabeças, huma com todo o poder temporal com titulo de Sammorij, que quer dizer imperar ſobre todos; e outra com toda a jurdição eſpiritual com titulo de Bramane mór, cujo aſſento puzeram os Chijs na Cidade de Cochij, deixando por lei, que todos os Emperadores do Malavar foſſem tomar a inveſtidura do Imperio em Cochij da mão do Bramane mór, para o que deixáram naquella Cidade huma pedra, com obrigação que nella aquelles Emperadores ſe coroaſſem. Eſta ceremonia ſe foi guardando, e continuando muitos annos, até que o Rey de Calecut, (o qual entre os Reys do Malavar ficou com a dignidade de Çamorij, quando Perimal Rey de todo Malavar repartio ſeus Reinos, e ſe embarçou para Méca,) que deſtruio ao de Cochij, por a amizade que tinha com os Portuguezes, (como eſcreve João de Barros *na primeira Decada,) lhe tomou a pedra da coroação, e a levou a Repelim.*

O Çamorij preſente ſucceſſor de ſeu tio, que morreo no anno de 1536. querendo-ſe ir coroar ſobre aquella pedra, porque não podia paſſar á Ilha de Repelim ſem conſentimento d'ElRey della, confederou-ſe com elle; o que ſabendo ElRey de Cochij, receando que daquella liga reſultaſſe ſua ruina, pedio a Pero Vaz do Amaral Veedor da fazenda, e Capitão de Cochij, que o ajudaſſe a defender os paſſos, de que ſe ſeguio a guerra, que neſtes Capitulos ſeguintes eſcreve João de Barros. Diogo do Couto *cap. 1 livro 1. da 5. Decada.*

ElRey de Cochij, por causa da nossa amizade. Polo que naquelle inverno, por huma cousa leve, quiz passar pelas terras de Cochij, dizendo, que havia muitos annos que não eram visitadas, e queria elle em pessoa ir fazer correição, como era obrigado por antigo costume. A voz da sua jornada era esta; mas a principal causa era ser elle incitado per cartas d'ElRey de Cambaya, que andava armando o laço, em que depois cahio, e pela mesma maneira era o Açadachan convidado. Estes Mouros, e Gentios, quando hão de mover alguma guerra contra os Portuguezes, o fazem mais no inverno que no verão, porque no inverno não se póde navegar toda a costa da India, assi por os mares serem mui grandes, como porque se cerram as barras dos rios, com que as nossas fortalezas se não podem ajudar humas das outras, e assi ficam quasi em cerco todo aquelle tempo, como se vio pelo decurso desta historia. Pelo que o Çamorij favorecido da conjunção do tempo, e movido per aquelles nossos inimigos, partio de Calecut com muitos mil Naires, e veio assentar-se na Ilha de Cranganor, fronteira á outra chamada Vaipim, que era d'ElRey de Cochij, as quaes Ilhas não são mais que as que ácerca de nós se chamam

Le-

Lesiras, que são humas terras baixas repartidas com esteiros do mar, e rios d'agua doce que vem da serra, com que toda a terra do Malavar he retalhada, e está dividida em tres Senhorios, como já escrevemos. E porque os Reys daquellas partes tem por grandeza, e decóro de suas pessoas caminharem pelas estradas Reaes, sem por caso algum deixar seu caminho, sob pena de serem havidos por covardos, e commetterem cousa indigna da Magestade Real, porque em tornarem atrás, confessam ser outro mais poderoso que elles, determinou o Çamorij de levar aquelle caminho, e ir pôr a mão em huma pedra, por costume mui antigo de seus passados, em que elles põem sua religião, e honra. Com este fundamento chegado a Cranganor quizera passar a Vaipim, ao que acudio Pero Vaz Veedor da Fazenda, que era Capitão de Cochij, para lho impedir, provocando tambem a ElRey de Cochij a isso. E por elle ser homem avaro, e que não queria despender seu dinheiro, por saber que este negocio importava tanto aos Portuguezes, como a elle, queria que o custo daquella defensão ficasse á custa delles, e de sua Feitoria; natural aleijão de avarentos, que sempre tem mais conta com a fazenda, que com a honra,

e a

e a vida. Mas todavia movido pelos ſeus, e pelo Veedor da Fazenda, mandou pòr nos lugares onde os noſſos ordenavam eſſa gente que tinha. E porque todo aquelle inverno ſe paſſou em fazer huma força de madeira com ſua artilheria no lugar per onde o Çamorij havia de paſſar, na fabrica deſtas defensões levâram os homens mais trabalho, e na invernada grande que ſuccedeo, do que puderam levar pelejando. E como ſe temiam, ſegundo andava fama, que ElRey de Calecut mandaſſe vir huma Armada groſſa per dentro do rio Chatuá, que era couſa mui perigoſa para defensão dos noſſos, mandou Pero Vaz a Vicente da Fonſeca, (que já eſtivera por Capitão em Maluco,) com ſeis catures, e hum batel grande com groſſa artilheria a impedir eſta paſſagem do rio. E para defender a barra delle, ſe a Armada vieſſe de mar em fóra, mandou armar huma caravella, e huma barcaça grande tambem com artilheria groſſa, das quaes deo a Capitanía a Franciſco de Souſa, que ſe affaſtou meia legua abaixo do paſſo perque o Çamorij havia de paſſar.

E porque huma das couſas de que ſe Pero Vaz mais guardava, era romper guerra com o Çamorij, por razão da paz que com elle tinha aſſentada, ſempre neſtes aperce-

cebimentos mais tratava de ſe defender, que de offender. E ainda para o Çamorij não tomar algum achaque, mandou a elle Gomes Carvalho, pedindo-lhe não quizeſſe fazer aquelle caminho, e lhe lembraſſe a paz que tinha aſſentada com Nuno da Cunha, e que não era muito eſperar por elle até a ſua vinda, que ſeria acabado o inverno, pois havia vinte annos, ſegundo dizia, que aquellas terras não eram viſitadas. Mas como elle não reſpondeo a propoſito, mandou Pero Vaz a Pero Froes com huma galé, e dous catures a ſe pôr no rio de Chatuá a impedir tambem ſe alguem quizeſſe vir por alli de Cranganor. E aſſi mandou fazer em modo de baluartes humas defensões de palmeiras onde puzeram artilheria.

Neſte tempo Fernand'eanes de Sotomaior Capitão de Cananor, ſabendo haver neceſſidade de ſoccorro, o mandou com ſeu filho Antonio de Sotomaior em ſeis catures, por ſerem navios ſutijs, para poderem andar polos rios, ao qual Pero Vaz deſpedio por não ſer neceſſario ao preſente, porque (como diſſemos) ſeu intento era entreter ElRey, o qual por ſua parte tambem com induſtria dos Mouros, defronte donde eſtavam os noſſos baluartes, e forças, mandou fazer outros com ſua artilheria.

ria. Era isto hum pouco affastado da casa do bemaventurado S. Thomé, e quasi ao amparo della estava hum seu Capitão chamado Pate Marcar com dezesete vélas de remo, e doze dos Colamures, a fóra outras que andavam pelo rio. E porque os nossos lhes faziam damno com a artilheria grossa, a qual dando nas palmeiras com as rachas que escodeava os matava, amparando-se elles detrás dos pés dellas, arrombáram a casa do Apostolo Santo, e outra Igreja junto della da invocação de Sant-Iago, e puzeram-lhe o fogo; mas os mesmos Santos tiveram cuidado de sua defensão, porque nunca se pode accender. E posto que os Mouros víram aquella impotencia de fogo, não deixáram de ir avante com sua obra, tirando telha, e telha, páo, e páo, até a descubrirem, o que foi para seu damno, porque acudindo os Portuguezes a lho defender, houve entre elles hum jogo de tiros de polvora, e de fréchas, em que os nossos não recebêram offensa, e elles houveram o pago de sua infidelidade. Finalmente toda a peleja do inverno acabou aqui [a], sem haver outro sangue, e tudo foram

[a] Francisco de Andrade *escreve no cap. 21. da 3. Parte, Que querendo o Çamorij passar á Ilha onde estava a gente d'ElRey de Cochij, mandára embarcar mais de dez mil homens em jangadas, tonés, e almadias, amparadas da nossa artilheria, com vinte fustas de Pate Mar-*

ram commettimentos, que os nossos não queriam proseguir por causa da paz. E os que á custa de suas pessoas, e fazenda defendêram todo o inverno com grande trabalho as estancias que lhes couberam per sorte, foram Lopo de Almeida Feitor de Cochij, Simão Botelho, Bartholomeu Dias, João Pereira, Antonio Carvalho, Antonio Chanoca, e Francisco Rodrigues.

Vendo o Çamorij que se vinha o verão, em que o Governador podia acudir, converteo sua indignação em damnar-lhe a carga da pimenta; e o modo que para isso teve foi induzir para este effeito aos Reys de Paraú, e de Viamper, e a outros, os quaes temendo a potencia do Çamorij, em quanto o negocio não veio a mais rompimento, estiveram neutraes. Sendo já fim de Agos-

car; e sendo já desembarcados na Ilha mais de tres mil, Vicente da Fonseca fez com a artilheria das suas embarcações tal estrago na gente que já estava em terra, e nas jangadas de que o rio estava cuberto, que ficáram alli mortos mais de mil homens, e outros muitos feridos, e tres das fustas mettidas no fundo. E o Principe de Cochij com dous mil Naires, e oitenta Portuguezes, deram na gente desembarcada com tanto impeto, que a fizeram fugir, e embarcar tanto sem ordem, que se affogou hum grande número delles, sem os que matáram em terra: e que o Çamorij commetteo a passagem aquelle inverno algumas vezes, em que sempre foi desbaratado.

E no cap. 24. trata da morte da mãi d'ElRey de Cochij, e das ceremonias do seu enterramento, pela qual causa ElRey foi a Cochij, e sepultada sua mãi, tornou continuar a guerra.

Agosto, que o mar deo lugar, veio Fernand'eanes de Sotomaior Capitão de Cananor com dezeseis fustas, e catures, em que trazia duzentos homens, de que os cento e cincoenta eram espingardeiros, com que pela costa de Calecut veio fazendo algum damno. E porque Vicente da Fonseca havia muito tempo que estava no lugar que dissemos, foi repousar do trabalho do inverno, e ficou alli Fernand'eanes, até que veio Martim Affonso de Sousa, que (como atrás fica dito) Nuno da Cunha despedíra de Goa para vir remediar este negocio.

CAPITULO XIX.

Como Martim Affonso de Sousa, indo acudir a Cochij, désbaratou os Colemutes, e lhes queimou o lugar; e defendendo d'ElRey de Calecut o passo do váo, ElRey se foi, e o não esperou: e do castigo que deo a ElRey de Repelim.

A Dezenove de Setembro de 1536. se partio de Goa Martim Affonso de Sousa com cento e cincoenta homens em quinze vélas, elle hia em huma caravella, e dos outros navios eram Capitães Vasco Pires de Sampaio, D. Diogo de Almeida Freire, Francisco Pereira do Porto, Manoel de Sousa de Sepulveda, Fernão de Sousa

sa

ſa de Tavora, Martim Correa da Silva, Gaſpar de Lemos, D. Pedro de Menezes, Franciſco de Sá, Franciſco de Barros, Franciſco de Mello Pereira, Jorge Barroſo de Almeida, Jorge de Figueiredo, João de Souſa Rates, e Diogo de Reinoſo, Franciſco de Reinoſo, e Antonio de Sotomaior, filhos de Fernand'eanes de Sotomaior Capitão de Cananor, que eſtavam com ſeu pai naquella eſtancia que diſſemos, e ſe ajuntáram a Martim Affonſo. E antes que elle chegaſſe a Cochij, de paſſada deo huma viſta ao lugar de Calamute, onde achou dous mil Naires, que lhe quizeram defender a ſahida; mas elle á ponta de ferro ſe vingou delles com morte de muitos, e lhe queimou o lugar, e lhe tomou ſete fuſtas. Chegando Martim Affonſo de Souſa a Cochij com o bom ſucceſſo do caſtigo que deo aos de Calamute, foi mui bem recebido d'ElRey, e do Veedor da Fazenda Pero Vaz, e de Jorge Cabral Capitão da Armada, de cinco annos que então fora de Portugal, em que hiam por Capitães das outras náos Duarte Barreto, Ambroſio do Rego, Gaſpar de Azevedo, e Vicente Gil.[a]

Vendo ElRey de Cochij os muitos Portu-

[a] *Frota da India do anno de 1536. Aos 4. de Setembro chegou á barra de Goa a náo de Ambroſio do Rego, a que em Guiné quebrára o maſto grande, e tornára á Canaria a concertallo, e partindo della, depois de tantas de-*

tuguezes que alli estavam, insistio muito que Martim Affonso de Sousa fosse per terra á tranqueira que ElRey de Calecut tinha feita, para lha desfazer, e defender que não passasse o passo do váo. Isto pareceo bem a todos; e sendo assi assentado, Martim Affonso partio para lá com perto de mil homens, em que entravam todos os Fidalgos, e pessoas principaes que em Cochij se acháram. E o Mangate de Caimal, que he hum dos principaes Senhores do Reyno, e o Regedor delle hiam por Capitães da gente da terra, que seriam mais de dous mil. Tanto que ElRey de Calecut soube que Martim Affonso de Sousa hia, não se atreveo a pelejar, e desamparou a tranqueira, e se foi. Sabido isto per Martim Affonso, caminhou per terra na ordem que levava a dar hum castigo a ElRey de Repelim, por comprazer a ElRey de Cochij, que muito lho pedio, e por ver se lhe podia cobrar delle certa pedra de sua religião, que lhe tinha tomada. E para isso mandou com Martim Affonso ao Principe de Cochij, que o acompanhasse com todos os Naires que havia na terra. Entrou Martim Affonso pelo Reyno de Repelim, que he huma Ilha, ou Lezira das que temos dito

lenças, chegou á India primeiro que as outras quatro náos. Francisco de Andrade *cap.* 32. *da* 3. *Parte.*

que ha no Malavar, toda cercada de canaveaes das cannas que dá aquella terra, que são mui grossas, e por serem bastas, estavam tecidas de maneira, que fazia huma cerca, e muro mui defensavel; e em algumas partes per onde se entrava estavam feitas tranqueiras de cannas, e madeira, e terra, e estancias com muita artilheria, e acompanhadas de muita gente de guerra, que as defendia.

Martim Affonso ordenou que Antonio de Brito fosse diante com trezentos espingardeiros, e elle ficou na retaguarda com toda a gente. Chegando Antonio de Brito a huma tranqueira daquellas, o vieram receber muitos Naires, que pelejáram per hum espaço mui esforçadamente. Mas as espingardas dos Portuguezes os fizeram recolher á estancia, onde de novo se tornou a travar a peleja, que durou até a chegada de Martim Affonso de Sousa, com que todos foram acabados de desbaratar; e os que ficáram se puzeram em fugida para a parte do mar, onde estavam outras duas estancias, sobre que Jorge Cabral a este tempo estava acabando de as desbaratar. O que sabido per ElRey de Repelim, mandou que deixassem as estancias, e se recolhessem na Cidade, em que haveria seis mil homens de peleja, de que muitos eram espingardeiros.

Sen-

Sendo desbaratadas as tranqueiras, aquelle dia quiz Martim Affonſo deſcançar, e ao outro ſe partio para a Cidade, levando diante Franciſco de Barros de Paiva com perto de duzentos eſpingardeiros, que hia defendendo que os inimigos que detrás dos vallos vinham atirar, não fizeſſem mal aos noſſos, apôs elle hia Antonio de Brito com outros, e detrás Martim Affonſo com toda a mais gente. Com eſta ordem chegáram perto da Cidade, onde acháram hum Capitão com muita gente; e por o lugar ſer de caminhos eſtreitos, e cercados de vallos, donde os Naires tiravam muitos tiros, recebiam os noſſos muito damno, ſem ſe poderem ajudar bem das armas. Neſte lugar foi todo o trabalho da peleja que os noſſos tiveram; mas Deos os ajudou de maneira, que os inimigos ſe desbaratáram, e começáram a fugir para a Cidade. Os que eſtavam nella fizeram o meſmo, ſem ElRey os poder deter por mais que os reprendia, e ameaçava. Em fim elles deſampa
rparáram de todo a Cidade, e as caſas d'ElRey, o qual foi dos derradeiros que della ſahíram, e logo foi dos noſſos entrada. Franciſco de Barros de Paiva ſeguio o alcance d'ElRey, com os ſeus, ferindo, e matando nelles. ElRey ſe vio tão apertado, que cahindo-lhe o ſombreiro, (que ſe tem

por grande affronta perdello na guerra, por ser insignia Real,) não o pode cobrar com a pressa de salvar sua pessoa em huma almadia, em que se embarcou com poucos. Martim Affonso chegando a huma Mesquita, veio a elle hum tropel de Mouros, que nella estavam, determinados de o matar, segundo hum delles com grande furia, e ousadia arremetteo a elle com huma cutilada, que Martim Affonso tomou na rodéla, e lhe pagou a vontade que trazia, com o passar de huma parte á outra com hum zarguncho, com que o derribou a seus pés, e os seus o acabáram de matar, e assi morrêram os mais companheiros, pelejando como muito valentes homens. Na peleja morrêram muitos Mouros, e feridos foram tantos, que se lhe não soube o número. Dos nossos morrêram pelejando sómente Duarte de Miranda, e Estevão Gago, e dez, ou doze homens plebeos, que se desmandáram a roubar pela Cidade.

Desbaratados os inimigos, e fugidos, foi saqueada a Cidade, e as casas d'ElRey, em que foi achada a reliquia d'ElRey de Cochij, que era huma pedra branca como outra qualquer commum, da feição, e tamanho de huma meia mó de atafona, na qual estavam abertas humas letras Malavares. [a]

Tam-

[a] *Esta pedra era de marmore branco, roliça, da grossura de hum homem, e de altura de huma braça. Estava*

Tambem foram achadas humas tavoas de metal com humas ſerpes eſculpidas nellas, e humas letras dos Chijs, que ElRey de Repelim tinha em grande veneração. Depois que a Cidade ſe ſaqueou, e foi queimada toda, ſe tornou Martim Affonſo a Cochij, onde foi recebido com grande feſta, e muito mais d'ElRey, por a pedra que lhe reſtituio, e por o preſente das tavoas, e ſombreiro d'ElRey de Repelim, que era tanto como trazer-lhe a coroa de ſua cabeça, além da vingança que delle lhe deo.

CAPITULO XX.

Como Martim Affonſo de Souſa foi ao paſſo do váo defender que ElRey de Calecut o não paſſaſſe: e como pelejou com elle, e o desbaratou, e ElRey lhe fugio.

HAvida aquella victoria em tempo que ainda a gente não deſcançára, veio recado a ElRey de Cochij, que ElRey de Calecut vinha com todo ſeu poder para paſſar pelo paſſo do váo de Cambalão, que he

em pé poſta ſobre huma lagoa. As letras nella entalhadas diziam o tempo em que alli fóra poſta, que ſegundo a ſua conta, paſſava de [illegible] mil e oitocentos annos, e eſtavam nella eſcritos os nomes dos Camorijs, que nella ſe coroa-[illegible] [illegible]anſiſco de Andrade *cap. 37. da 3. Parte.*

he nas terras do Mangate Caimal, que está duas leguas acima do outro passo de Cranganor. E porque por o passo de Cambalão ao vasante da maré podia passar, como já tentára o Çamorij antecessor deste em tempo de Duarte Pacheco, que lho defendeo [a], Martim Affonso de Sousa não esperando mais, se embarcou á pressa, e com elle perto de cem Portuguezes, de que os mais eram Fidalgos, e Capitães; e a Antonio de Brito mandou que o seguisse com a mais gente que pudesse, com o qual foi logo o Regedor de Cochij com alguns Naires; e a Francisco de Barros de Paiva mandou que com huma galé, e dous bargantijs se fosse a guardar o passo do rio de Cranganor, para que não entrassem per elle as fustas d'ElRey de Calecut, que se dizia mandára ir áquelle lugar, para que os catures não levassem soccorro aos nossos. A qual lembrança, e providencia se Martim Affonso não tivera, de nenhuma maneira se pudera tolher a passagem a ElRey de Calecut.

Ao outro dia pola manhã se achou Martim Affonso nas terras do Mangate Caimal, o qual não tinha comsigo mais de três mil Naires, e delle soube que ElRey de Ca-

a Como escreve João de Barros nos capitulos 5, 6, 7, 8. do liv. 7. da primeira Decada.

Calecut com quarenta mil homens eſtava dahi a duas leguas, é que dahi a tres dias daria batalha, ſegundo ſeu coſtume, que era quando chegava á terra do inimigo dar batalha ao terceiro dia, no ultimo dos quaes mandava tocar hum atambor de tão exceſſiva grandeza, que quatro homens o não podiam abalar, cujo ſom ſe ouvia duas leguas, ſem o qual ſinal nunca dava batalha. Martim Affonſo não curando d'eſſas abuſões, como Capitão prudente que ſe não queria deſcuidar, foi-ſe logo ao paſſo, e nelle deſembarcou; e por os tones em que hia não ficarem em ſecco, mandou-os affaſtar para o rio, e elle ſe poz no campo com ſua gente. E eſtando-lhe o Mangate, e o Regedor dizendo que ſe canſava de balde, que ElRey não daria a batalha ſem aquelle coſtumado ſinal, nem antes do terceiro dia, começou apparecer hum corpo de gente dos inimigos, que feriam cinco mil homens, que com grandes gritas remettêram ao paſſo, e começáram de paſſar. Apôs iſto começou apparecer o exercito d'ElRey, e ſua bandeira Real, perque ſe moſtrava vir elle alli. E a razão por que não uſou de ſuas ceremonias, e ſignaes que coſtumava mandar fazer com aquelle grande atambor, foi por tomar os Portuguezes de ſubito, e desbaratallos logo; o que na verda-

dade fizera, se Martim Affonso com sua vigilancia, e bom aviso o não desviára. Quando a bandeira, e insignias d'ElRey de Calecut foram vistas dos Naires de Cochij, foi tanto seu pavor, que se affastáram hum pedaço de Martim Affonso, para fugirem, se vissem que os Portuguezes levavam o peor. O que sentindo Martim Affonso, os entreteve por fazer corpo com elles, e não dar animo aos inimigos vendo tão poucos Portuguezes, dizendo-lhes, que não houvessem medo, que elle esperava em Deos com aquelles poucos que tinha, que não seriam mais de sessenta, desbaratar aquella multidão que viam dos d'ElRey de Calecut; mas alguns dos nossos desconfiados daquillo poder ser, lhe aconselháram que se recolhesse ás embarcações, porque era temeridade esperar tão grossa gente. Porém elle, porque já grande número dos inimigos tinham passado o váo, e segundo eram ligeiros, antes de os nossos chegarem ás embarcações os matariam todos; e além disto, porque Gaspar de Lemos (a que elle mandou com trinta espingardeiros, que puzesse detrás de hum vallo, que estava perto do váo, para dalli fazer rostro aos inimigos) estava já cercado delles, e em estado de perecerem todos; sem mais esperar razões, deo Sant-Iago nelles, os quaes fe-
fugiram

rio de maneira, que sendo cinco mil, que todos tinham passado o váo, os fez retirar, e tornar passar per onde vieram com grande sua affronta, e morte de trezentos homens que ficáram no campo, e os mais que hiam feridos, ao que ajudáram huns tres berços, que de dous batéis os varejavam. Quando o Mangate, e o Regedor, e os seus Naires víram feito de tanto esforço, que elles chamavam milagre, affrontados da covardia que mostráram, remettêram tambem com grande grita onde era a batalha, em que já acháram pouco que fazer por os inimigos serem passados.

ElRey de Calecut com este descredito seu se tornou a seu arraial mui anojado, e os d'ElRey de Cochij se esforçáram tanto, que por a nova que correo acudíram logo aquella noite ao Mangate mais de quatro mil Naires; e ao outro dia seguinte da batalha chegou Antonio de Brito com quatrocentos Portuguezes, o qual veio a tempo que os d'ElRey de Calecut tornavam a provar passar o váo, para o que dando Martim Affonso a dianteira a Antonio de Brito, pelejou com elles, e os fez tornar com maior pressa, e affronta que da outra vez lhes matou muita mais gente. E porque o Principe de Cochij era chegado com vinte mil Naires, de que muitos eram es-

pin-

pingardeiros, vendo Martim Affonso a muita gente que alli estava junta, e quanto importava acudir elle á Armada d'ElRey de Calecut que andava no mar, deixou a guarda daquelle passo a Antonio de Brito com os quatrocentos Portuguezes que comsigo trouxera, e os vinte mil Naires. O qual em vinte dias que alli ficou, veio á batalha seis vezes com a gente d'ElRey de Calecut, e de todas os venceo, e desbaratou, fazendo nelles grande estrago. Polo que ElRey levantou seu arraial, e com menos gente, e menos honra se tornou para suas terras, e com grande prazer d'ElRey de Cochij.

CAPITULO XXI.

Como Martim Affonso de Sousa desbaratou a Cutiale Marcar Capitão mór da Armada d'ElRey de Calecut: e como foi ao passo do váo para pelejar com ElRey, e elle se recolheo, e desfez seu exercito.

TAnto que Martim Affonso de Sousa chegou a Cochij [a], com muita brevidade se embarcou para ir em busca da Armada de Calecut com trezentos Portuguezes. Dos navios que levava eram Capitães Vasco Pires de Sampaio, D. Diogo de Almeida, Manoel de Sousa de Sepul-

Fer-

[a] Fernão Lopes de Castanheda no cap. 148. do [illegible]

Fernão de Sousa de Tavora, Martim Correa, Francisco de Barros de Paiva, Jorge Barroso de Almeida, Francisco Pereira, Gaspar de Lemos, Jeronymo de Figueiredo, Francisco de Sá, e outros; e correndo a costa achou em Chale Diogo de Reinoso com cinco fustas, que se recolhêra alli, fugindo de Cutiale Capitão mór da Armada de Calecut, com quem pelejou, e esteve em termos de se perder, e lhe foi tomada huma fusta das que trazia, e os inimigos o seguíram até aquelle porto. Recolhido Diogo de Reinoso á conserva de Martim Affonso, ao outro dia indo a nossa Armada a la mar com as galés, e fustas maiores, e as ligeiras ao longo da terra, appareceo a frota de Cutiale tambem ao longo da terra da parte de Calecut, a qual era de vinte e cinco fustas, em que andavam mil e quinhentos homens, muitos delles espingardeiros. E como apparecêram de subito, e os nossos hiam desejosos de os achar, remettêram a elles Diogo de Reinoso, e Antonio de Lima, e Antonio de Sotomaior Capitães de fustas, e outros que hiam em navios ligeiros, e deram com [illegible]es entre os Ilheos de Pandarane, tiran[illegible] com muitas bombardadas. Cutiale [illegible]do que Martim Affonso andava já no mar, e que elle devia de vir alli, e da victo-

ctoria que houvera d'ElRey de Calecut, receou-o muito, e não o querendo esperar, determinou-se em se ir á véla, e a remo o mais que pudesse para dobrar a ponta de Coulete. Martim Affonso que vinha mais ao mar com os navios de alto bordo, tirou-se de hum galeão em que vinha, e metteo-se em huma fusta ligeira, e a sua gente mandou metter na fusta de Jeronymo de Figueiredo, e tomar a dianteira aos inimigos, para que não dobrassem a ponta, e comsigo levou Francisco de Barros de Paiva, por a sua fusta ser das mais pequenas. Diogo de Reinoso, e Antonio de Lima alcançáram huma fusta dos inimigos, e afferrando-a saltáram dentro com tanto esforço, que nenhum dos inimigos ficou vivo, mas dos nossos foram muitos feridos, e cinco mortos. Cutiale vendo-se cercado, porque Martim Affonso lhe tinha tomada a dianteira, e as outras fustas lhe hiam nas costas, e as galés lhe faziam rostro, e que não podia escapar, antes de o cercarem de todo, poz a proa em Tiraçole, lugar daquella costa, que tem hum arrecife de penedos diante do porto com duas entradas, e os seus seguíram após elle, e ensecca[illegible]do as fustas quanto pudéram, saltáram [illegible] terra. Martim Affonso entrou no porto [illegible] Francisco de Barros, e Jeronymo de Figuei-

indo pela entrada da parte do Sul, por não caberem todos dentro, e começáram a pelejar com os inimigos; e querendo-ſe chegar Martim Affonſo muito a elles, ficou em ſecco no rolo do mar, o que vendo os inimigos, remettêram alguns á ſua fuſta com grandes gritas de prazer, por lhes parecer que a tinham tomada; e tanto ſe chegáram a ella, que lhe lançáram mão da appellação, querendo-a enſeccar de todo, ſobre que houve huma grande peleja, de que ficáram muitos Naires mortos, e a fuſta em nado. E tanto ſe chegáram Franciſco de Barros, e Jeronymo de Figueiredo ás fuſtas dos inimigos, que lhes queimáram algumas com panellas de polvora, e das tres horas do dia em que começáram até á noite ſempre pelejáram, em que fizeram grande damno nos inimigos, e noſſo muito pouco.

Sendo noite repartio Martim Affonſo a Armada em duas partes, e com huma mandou a Manoel de Souſa de Sepulveda que guardaſſe a entrada do arrecife da banda do Norte; e a Franciſco de Barros com a outra parte da frota que guardaſſe a outra boca do Sul, porque receava que, por aquelle ter duas entradas, por huma dellas lhe acolheſſem os inimigos, com tenção de dar nelles pela manhã. Mas elles

com

com esse receio, temendo-se que lhe queimassem as fustas, vigiáram toda a noite, e fortalecêram-se com estancias, em que puzeram a artilheria, e na mesma noite acudíram os de Coulete, Termapatão, e de outros lugares da costa, com que se ajuntáram mais de seis mil homens. O que visto dos nossos, tratou Martim Affonso em conselho do modo que teria em os commetter; e considerando-se a disposição do porto, que não dava lugar para toda a nossa Armada poder entrar dentro, e posto que todos fossem juntos, eram muito poucos para pelejarem com tanta gente tambem fortificada. E por a este tempo chegar huma carta d'ElRey de Cochij, perque pedia muito a Martim Affonso que lhe acudisse sem dilação, porque ElRey de Calecut tornava a commetter o passo do váo, e que sem dúvida não vindo elle o passaria, porque trazia todo seu poder; assentou-se no conselho que deixassem Cutiálé, e fossem soccorrer ElRey de Cochij. Polo que mandou logo Martim Affonso dar á véla; e entrando com toda a Armada per o rio de Crangânor, achou alli Antonio de Brito com os mais que com elle estavam guardando o passo, os quaes festejáram-to a sua vinda, porque cada hora esperavam por ElRey de Calecut. O qual saben-
dó

LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH OF THE ROYAL ASIATIC SOCIETY

Barros T. IV. P. II. pag. 451.

do, que Martim Affonſo era chegado, que elle cuidou não podia vir tão á preſſa, e por iſſo tornára ao paſſo, ficou tão deſgoſtoſo, e quebrado do animo, que não commetteo mais paſſar a Repelim; e recolhendo-ſe para dentro da terra, desfez o campo deſpedindo a gente. O que entendido por Martim Affonſo, ſe tornou outra vez a correr a coſta, onde tambem não achou a Armada, que com medo delle ſe recolheo, e ficou a coſta aquelle anno deſpejada, polo que nelle não foi eſpeciaria ao Eſtreito. E no Maio ſeguinte ſe foi Martim Affonſo para Cochij a invernar, no que ElRey levou muito goſto, e ſe moſtrou muito obrigado.

CAPITULO XXII.

Como Madune Pandar Rey de Ceitavaca, com ajuda de huma Armada de Malavares cercou a ElRey Boenegobago ſeu irmão na Cidade da Cota, e Martim Affonſo o foi ſoccorrer, e pelejou com a Armada, e a desbaratou.

NÃo deixáram as couſas de Ceilão deſcançar Martim Affonſo de Souſa muito quieto em Cochij [a], porque perſeverando Madune Pandar Rey de Ceitavaca em

ſuas

[a] Diogo do Couto cap. 6. do liv. 1. da 5. Decada.

ſuas imaginações, e continuando na pertenção do Senhorio de toda a Ilha de Ceilão, (como atrás diſſemos,) ſuccedeo irem em Agoſto deſte anno de 1536. huns ſete paráos de Malavares a Columbo, a tempo que Nuno Freire de Andrade Alcaide mór, e Feitor daquelle porto eſtava na Cidade da Cota com ſete, ou oito Portuguezes. Os Mouros dos paráos mandáram pedir a El-Rey Boenegobago Pandar que lhes enviaſſe logo aquelles Portuguezes: reſentido El-Rey de tamanho atrevimento, determinou de o caſtigar, de que deo conta a Nuno Freire, que polo que lhe tocava pedio a ElRey aquella jornada, e elle lha concedeo, e ſeiscentos homens com Samlupur Arache ſeu Capitão, que o acompanhaſſem. Partio de noite Nuno Freire com elles, e com os oito Portuguezes, e foi amanhecer a Columbo, onde tomando os Malavares em terra deſcuidados, os desbaratou, matou muitos, e os que pudéram eſcapar, huns ſe mettêram pelos matos, e foram parar a Ceitavaca, e outros ſe lançáram ao mar, e ſe acolhêram em tres paráos, ficando os quatro em poder dos noſſos.

Madune Pandar pezaroſo do ſucceſſo, recolheo, e agazalhou os Malavares, que fugíram para Ceitavaca, os quaes tendo noticia de ſeus intentos, lhe aconſelháram, que

man-

mandasse pedir soccorro ao Çamorij, com que conseguíra facilmente sua pretenção, e lhe offerecêram encaminhar, e acompanhar seus Embaixadores. Madune approvou o conselho, escolheo entre os seus os Embaixadores, e os espedio logo com hum rico presente para o Çamorij, e peças para seus Regedores, pedindo-lhe huma boa Armada, cuja despeza pagaria largamente.

Recebeo bem o Çamorij os Embaixadores de Madune; e persuadido dos Mouros, e vencido do interesse, mandou logo recolher os navios que andavam fóra, e armar outros, e com muita pressa apercebeo huma Armada de quarenta e cinco navios, em que mandou embarcar dous mil homens, e por Capitão della Ali Abrahem Marcá Mouro grande cossairo, e muito cavalleiro. Chegou esta Armada a Columbo na entrada de Outubro; e como Madune estava já no campo com hum grande exercito, ajuntando-se com elle os Mouros, foram todos pôr cerco á Cidade da Cota. Esta Cidade está situada em meio de huma grande alagoa, e per hum passo estreito perque se serve, se ajunta com a terra. Este passo fortificou Nuno Freire com hum baluarte, e tranqueira, em que poz a artilheria que se tomou nos quatro paráos dos Malavares, e ordenou que houvesse embarcações

para defender a paſſagem aos inimigos, ſe em outras, ou em jangadas a intentaſſem.

ElRey Boenegobago deſpedio logo hum meſſageiro ao Governador, pedindo-lhe o mandaſſe ſoccorrer naquelle aperto em que eſtava, pois era vaſſallo d'ElRey de Portugal; e outro mandou a Martim Affonſo de Souſa, que ſabia eſtava em Cochij, rogando-lhe que com a Armada victorioſa da empreza de Repelim o vieſſe livrar daquelles inimigos communs. Madune entretanto continuou o cerco, dando grandes aſſaltos, e commettendo os paſſos muitas vezes, que lhe foram com muito valor defendidos, ſendo os poucos Portuguezes que alli havia os primeiros nos perigos, de que ſahíram muitas vezes feridos, os quaes ElRey mandava curar com grande cuidado, porque nelles tinha a ſua maior defensão, e aſſi ſe foi o cerco dilatando por eſpaço de tres mezes.

O inviado que hia ao Governador chegou a Cochij, onde achou Martim Affonſo de Souſa, a quem deo a carta d'ElRey, e outra de Nuno Freire, e repreſentou o aperto em que ElRey ficava. Conhecendo Martim Affonſo a obrigação que lhe corria de ſoccorrer aquelle Rey vaſſallo da Coroa de Portugal, apreſtou-ſe com diligencia;

cia; e deixando as galés da ſua Armada na coſta do Malavar para guarda della, com as fuſtas ſe fez na volta do Cabo de Comorij, o qual paſſado, e correndo a coſta até os baixos de Manar, delles atraveſſou a Ceilão, e foi demandar Columbo, donde quando chegou já eram idos os Malavares; porque tendo elles aviſo da partida de Cochij da noſſa Armada, temendo perder os navios, ſe deſpedíram de Madune Pandar, e embarcados ſe paſſáram á outra coſta, e Madune levantou tambem o cerco da Cidade primeiro que Martim Affonſo chegaſſe, e ſe reconciliou com ElRey ſeu irmão.

Vendo Martim Affonſo, que ſem elle arrancar a eſpada deſcercáram os inimigos a ElRey, pareceo-lhe conveniente, e devida cortezia viſitallo: polo que deſembarcando, partio para a Cota, onde ElRey o recebeo com grandes moſtras de agradecimento daquelle ſoccorro. Martim Affonſo lho offereceo por parte d'ElRey de Portugal, e do ſeu Governador da India, ſempre que lhe foſſe neceſſario, o que ElRey eſtimou muito, entendendo quão certo tinha o favor dos Portuguezes, e conhecendo a vontade, e diligencia com que acudiam á ſua defenſão.

Deſpedio-ſe Martim Affonſo d'ElRey

X ii por

por não haver alli occasião de mais detença, e embarcado, se passou á outra costa, e em breves dias chegou ao Malavar, onde soube que não eram ainda recolhidos os paráos de Ali Abrahem. E porque duas fustas da nossa Armada, de que eram Capitães Francisco de Mello Pereira, e João de Sousa Rates, tomáram na paragem de Monte Delij hum paráo de Malavares, e delles souberam que a Armada de Ali estava em Mangalor, com esta nova voltou Martim Affonso em busca do inimigo; e indo hum pouco affastado da terra, houve vista delle perto de Coulete. Os Mouros tanto que conhecêram a nossa Armada, voltáram para terra, com tenção de se salvarem nella; mas os nossos navios ligeiros apertando o remo os atalháram; e afferrando com os paráos dos inimigos, os embaraçáram, e entretiveram em quanto chegou toda a nossa Armada, que mettendo-lhes logo alguns navios no fundo, e desapparelhando outros, depois de huma porfiada peleja, os desbaratáram de todo, e rendêram a maior parte, com perda de mais de mil e duzentos Mouros, e muito pouca nossa, com que ficou a victoria mais gloriosa. O Çamorij ficou com a perda desta Armada mui quebrantado; e os Mouros de Calecut mui pobres, porque elles

fo-

mento saber de seus propositos. E porque sabia que ElRey era em suas acções mal attentado, e que com pessoas que o apraziam era mui descuberto, mandou diante a Dio Manoel de Macedo [a] com alguma gente (o qual sabia que era mui acceito a ElRey) para o tirar de algumas paixões, e ver se podia descubrir seus intentos, porque cria que se abriria com elle. Mandoulhe que dissesse a Manoel de Sousa, que como elle chegasse a Dio, fizesse desparar toda a artilheria, e mostrasse grande festa, dizendo, que chegáram quatorze náos de Portugal com muitos mil homens; e assi foi feito, porque ElRey mudou o conselho de tomar a fortaleza per outra maneira, e não per prisão do Governador.

Indo Manoel de Macedo ver ElRey, na primeira prática entendeo delle desejar muito de se ver livre da sujeição dos Portuguezes, e ver-se Senhor inteiro de Dio; e entre muitas cousas, em que se descubrio com Manoel de Macedo, foi, fazer-lhe queixume de Manoel de Sousa de quão mal se havia com elle, porque chegando elle a Dio para ir contra Ramugij, que se lhe alevantára, e se acolhêra aos Resbutos, para que havia mestêr toda sua Armada, que ti-

a *Ou Diogo de Mesquita, como diz* Diogo do Couto, *e* Francisco de Andrade.

tinha em Dio, na qual quizera mandar Coge Sofar ſeu Capitão mór, e ir elle per terra, Manoel de Souſa lho impedíra, e ſómente lhe concedêra tirar dezoito fuſtas, e bargantijs, como ſe elle não fora Rey, e Senhor de Dio, ſendo elle o que deo lugar para ſe a fortaleza fazer, e ajuda, e dinheiro para ella, e déra Baçaim, e ſuas terras por a amizade d'ElRey de Portugal. E que fazendo com Nuno da Cunha pazes com condições de ſe ajudar hum ao outro, e com eſpecial promeſſa do meſmo Nuno da Cunha lhe dar ajuda contra os Mogoles, nunca lha dera, e agora era impedido per Manoel de Souſa ir caſtigar hum ſeu vaſſallo rebelde, o que elle não cria que vinha de Nuno da Cunha, que tinha por ſeu amigo, e por homem agradecido, e Capitão prudente. Além diſto ſoube mais Manoel de Macedo, como fora certo que ElRey de Cambaya fora a principal cauſa, perque ElRey de Calecut movêra guerra no Malavar contra ElRey de Cochij (por a amizade que tinha com os Portuguezes,) e o Hidalchan, e Açadachan nas terras firmes de Goa. E que o meſmo Rey de Cambaya eſcrevêra a ElRey de Xael em odio dos Portuguezes, perque ſe elle atreveo prender a D. Manoel de Menezes, de que adiante diremos. Tornando Manoel de Ma-

ce-

gedo em fim de Dezembro daquelle anno de 1536., e contando ao Governador o que com ElRey de Cambaya passára, se resolveo em fazer paz com o Açadachan com as condições que dissemos; e para se melhor certificar, determinou ir a Dio, e não se fiar de juizos alheios, senão do seu em julgar as cousas d'ElRey de Cambaya, cuja paz, e guerra tanto importavam ao Estado dos Portuguezes na India, e ver o procedimento que com elle havia de ter.

CAPITULO II.

Da embaixada, que Soltam Badur Rey de Cambaya mandou ao Governador, pedindo-lhe se fosse ver com elle; e como sabendo elle da traição, que lhe ElRey ordenava, partio logo: e do que mais succedeo.

Estando Nuno da Cunha tão informado dos movimentos d'ElRey de Cambaya, e em proposito de ir a Dio, chegou a Goa hum seu Embaixador por nome Mir Mahamed filho de Luchan Senhor principal do Reino de Guzarate, e homem de grande authoridade, com que ElRey communicava seus conselhos mais secretos, e que sabia a traição que ElRey ordenava, com o qual vinha Xacoez, que já ElRey mandára a Nuno da Cunha com outra embai-

baixada. Os quaes elle recebeo com muita honra, e gazalhado, e para os acompanhar lhes deo por companheiro hum Persiano, que havia muitos annos que estava em Goa, per nome Coge Percoli, homem honrado, de que Nuno da Cunha fiava muito por ser amigo leal dos Portuguezes. A substancia da embaixada era, mandar ElRey dizer ao Governador, que por quanto elle estava de caminho para huma comprida jornada, e não sabia o tempo da sua detença, desejava muito communicar com elle algumas cousas, que lhe importavam muito á segurança de seu Estado: que lhe pedia muito por amor delle o quizesse ir a ver, e que receberia muito prazer em ser o mais em breve que ser pudesse. [a] Agasalhados os Embaixadores, Nuno da Cunha rogou a Coge Percoli, que soubesse per algum modo do Embaixador Mur Mahamed a determinação d'ElRey; e da mesma maneira rogou a Xacoez, que tinha por amigo, e lhe tinha descuberto como ElRey tratava de comprar todo o arróz, e mantimentos, que houvesse em Baçaim, e em sua Comarca, para que os Portuguezes os não achassem, e que nisso lhe parecia que ElRey pretendia fazer guerra á fortaleza de Dio. Elles se deram nisto tão boa manha, que dando hum dia hum

a Fernão Lopes de Castanheda no cap. 157. do liv. 8.

hum banquete com bons vinhos ao Embaixador, depois de ficarem todos tres sós sobremeza, Percolim, e Xacoez começáram de praguejar dos Portuguezes, por as sem justiças, e males que faziam aos Mouros; e para asseguirarem mais ao Embaixador, e tirarem delle o que sabia, culpavam a fraqueza de animo de Soltam Badur, que sendo tão grande Senhor, e tão rico, os não deitava da India, e que em huma hora acabaria ElRey tudo, se prendesse ao Governador, porque prezo, elle facilmente lhe podia tomar a Armada, e a fortaleza; e que havendo o Governador ás mãos prezo, o devia mandar ao Turco mettido em huma gaiola para sua fama se estender per todo o Mundo, e que esta seria mór honra, que ser Senhor do Guzarate. Como estes todos eram Mouros, e pela conversação da pousada, e meza já amigos, o Embaixador quente, e alegre com o que havia bebido, rindo-se para elles, lhes disse, que ElRey o tinha assi determinado, e que para isso havia de dar hum banquete ao Governador, e a seus Capitães na quintã de Melique, em huma horta que tinha cercada de forte muro, e hi prendellos; e que quando não pudesse ser, o mataria na Cidade em seus paços. Estas palavras do Embaixador ouvio hum Portuguez, que sabia

a lingua, que eſtava em huma camara pegada com a do banquete, o qual eſcreveo tudo o que alli paſſou, e o deo a Nuno da Cunha. Quando o Governador acabou de certificar-ſe daquillo que não acabava de crer, determinou comſigo de fazer todo o poſſivel por prender a ElRey, ou na fortaleza, ou em ſeus proprios paſſos, levando comſigo alguns Fidalgos, homens de feito, armados ſecretamente. Tendo em ſegredo o que ſabia, e o que determinava, propoz em conſelho, que ſobre iſſo teve com os Capitães, e peſſoas notaveis que eſtavam em Goa, algumas razões geraes que havia para ir a Dio, e muito mais ao preſente, ſendo chamado, e rogado por ElRey. Mas não declarou o modo que com elle havia de ter, ſe lhe achaſſe o animo damnado, nem que ſabia delle alguma couſa mais que o que ſe dizia geralmente, porque entendia quão perigoſo era tratar com muitos o que ſe requeria ſer poſto em effeito per poucos. E o que mais movia ao Governador abbreviar ſua ida, era por não deixar a ElRey crear mais forças no mar das que tinha, porque cada dia mandava fazer mais navios de remo; e tardando elle, podia vir alguma Armada de Rumes, para o que diziam ElRey mandára muito dinheiro a Méca, como ſe depois

vio.

vio. Polo que a resposta que deo aos Embaixadores de Cambaya, foi, que por servir, e comprazer a ElRey se faria logo prestes, e partiria o mais em breve que pudesse, sem embargo de sua enfermidade, e lhe ser a Cidade de Dio mui contraria a ella, por ser terra de campina desabrigada, e mui ventosa. Os Embaixadores se quizeram deter para ir em sua companhia; mas Nuno da Cunha os espedio com dadivas, e não consentio que se detivessem mais por estar avisado per carta de Manoel de Sousa, que elles haviam de commetter ir em sua companhia a fim de notar todas as cousas, que fizesse naquelle caminho, e avisar disso a ElRey. Partidos os Embaixadores, Nuno da Cunha ordenou huma Armada de quarenta vélas [a], de que muitas eram náos grossas, galeões, e galés; e mandou recado a Martim Affonso de Sousa, que andava no Malavar, que logo á pressa partisse para Dio, porque importava ser assi, o que elle logo fez. Nuno da Cunha partio de Goa a 9. de Janeiro de 1537.; mas

Y ii co-

[a] *A Armada, diz* Diogo do Couto, *que era de cinco juncos grandes de Malaca carregados de mantimentos, oito náos do Reino, quatorze galeões, duas galeaças, doze galés Reaes, dezeseis galeotas, e mais de duzentas e vinte fustas, catures, e bargantijs; e sem estas vélas hiam náos, zambucos, e cotias de taverneiros da gente da terra, representando huma grande povoação. Cap. 9. livro 1. Decada 5.*

como a Armada era grande, e não pode toda sahir aquelle dia, deixou Manoel de Macedo para levar os navios que ficavam, e o seguir com elles. Os Capitães das vélas grossas eram Lisuarte de Andrade filho de Simão de Andrade do galeão S. Mattheus, em que Nuno da Cunha hia. Os mais eram D. João Lobo, Ruy Vaz Pereira, Henrique de Mello, Fernão de Sousa, Antonio da Cunha, Antonio da Fonseca, Manoel Ribeiro, Antonio de Sá, Manoel de Macedo, Antonio Cardoso, Antonio Correa, Diogo de Lemos, Rodrigo do Couto, Antonio de Figueiredo, Gil Pinto, Gonçalo Martís, Francisco Rodrigues, Lourenço Botelho, Bastião Nunes, Gaspar Rodrigues, Diogo Paes, Garcia Alvares, Garcia Anes Patrão mór, Affonso Fernandes, Affonso Bernaldes, Aleixo do Monte, Vicente Fernandes, Francisco Gonçalves, Affonso Fialho, e Lopo Pinto, que com quatro caturcs hia ordenado para entrar no estreito saber novas dos Rumes; mas succedeo de outra maneira por esta ida com o Governador.

CAPITULO III.

Do que o Nizamaluco tinha paſſado com Simão Guedes em Chaul, antes que Nuno da Cunha alli chegaſſe: e dos indicios que achou dos propoſitos d'ElRey de Cambaya.

TEndo Simão Guedes nova, no mez de Abril do anno paſſado de 1536., que o Nizamaluco vinha com exercito a Chaul, poſto que a terra, e comarca foſſe de ſeu Eſtado, tomou delle má preſumpção, por ſer couſa que nunca fazia, e parecia-lhe que ſeria ſobre alguns recados que entre elle, e Nuno da Cunha houve, querendo o Nizamaluco tomar as duas fortalezas Carná, e Sangueſá, que ElRey de Cambaya tinha dadas aos Portuguezes quando deo Baçaim, as quaes haviam ſido do Nizamaluco, e ElRey de Cambaya lhas tomára, quando com elle teve guerra, ſobre o qual negocio Nuno da Cunha chegou a tanto, que lhe queria mandar queimar a ſua povoação de Chaul, que eſtá acima da noſſa fortaleza. Polo que o Nizamaluco ſe deſceo diſſo; mas como elle era o mais malicioſo daquelles Capitães do Decan, Simão Guedes ſe proveo de maneira, que quando elle chegou a Chaul no fim de Maio, tinha

nha pouco temor delle, posto que estivesse acompanhado de tres mil homens de cavallo, e cinco mil de pé. E como soube que elle estava junto da povoação da Cidade, o mandou visitar per Fernão Mendes Feitor d'ElRey, fazendo-lhe os geraes offerecimentos. Ao que elle respondeo com palavras de agradecimento; e por lhe dizerem que Simão Guedes se acautelava de sua vinda, como de inimigo, lhe mandou dizer, que não tinha razão de o fazer, porque elle era grande amigo, e servidor d'ElRey de Portugal, e por folgar de ter sua amizade consentíra de se fazer a fortaleza, que alli tinha feita; e que sua vinda não fora mais que a folgar, e querer comprazer a suas mulheres, que desejavam ver o mar, e que lho vinha mostrar, que lhe pedia lhe mandasse dar alguma embarcação para andarem folgando pelo rio. Simão Guedes nestas duas cousas se houve mui bem; porque per huma parte sem algum alvoroço segurou a fortaleza, e per outra, assi no mar, como na terra, o festejou muito; até lhe mandar jogar cannas ao longo da ribeira, que elle, e suas mulheres as estavam vendo do mar nos catures, e navios de remo, que lhe Simão Guedes mandou concertar, como para serviço de hum grande Principe. Mas não lhe consentio com toda

a ami-

a amizade que elle entrasse na fortaleza como elle quizera, senão com cinco, ou seis de seus Capitães. E como isto soube, não quiz ir a ella, dizendo, que por não descontentar os seus, em deixar fóra huns, e levar outros, o não fazia, e então deo licença que seus Capitães de dous em dous, e de tres em tres entrassem na fortaleza para verem como estava provída; e para mais segurança de Simão Guedes, mandou quatro mulheres suas que a fossem ver; a qual estava de maneira, que se o Nizamaluco trazia algum máo pensamento, elle se lhe tirou; e por derradeiro se foi com os seus oito mil homens, que assi no rastro que de si deixáram, como em não restituirem todos os escravos que para elles fugíram da fortaleza, se houvéram tão vilmente, que Simão Guedes ficou desavindo com o Nizamaluco.

Isto tudo era passado, quando Nuno da Cunha chegou a Chaul, a quem Simão Guedes o contou por extenso, posto que per Patamares, que são correios de pé, lho tinha escrito, e como o Nizamaluco estava dalli doze leguas dentro pelo sertão com gente d'armas. Quando o Nizamaluco soube estar Nuno da Cunha em Chaul, por encubrir sua estada tão perto, e não dar má suspeita de si, por o que já tinha passa-

ſado, mandou-o viſitar, e dizer-lhe, que elle viera contra aquella parte por razão da fortaleza de Galeana, e outras terras, que lhe Soltam Badur tinha tomadas nas differenças paſſadas que com elle tivera, para com eſte fingimento moſtrar que não eſtava tão corrente com Soltam Badur como cuidavam. E a verdade era, que elle eſtava alli eſperando ſeu recado, por o que ambos tinham concertado de virem ſobre Chaul. Nuno da Cunha não lhe querendo dar a entender a má ſuſpeita que delle tinha, lhe reſpondeo palavras de agradecimento da viſitação, e outras geraes.

Partido Nuno da Cunha de Chaul, chegou a Baçaim, onde eſtava por Capitão Antonio da Silveira ſeu cunhado, que poucos dias havia alli mandára em lugar de Garcia de Sá, que aquelle anno havia de ir a Portugal, por ElRey aſſi o mandar por informação falſa, que delle lhe deram homens de animo damnado, ſendo elle hum Fidalgo, em que concorriam grandes, e honrados ſerviços, e muita bondade, e liberalidade exercitada no ſerviço d'ElRey, porque não faltáram outros homens mais verdadeiros, que informáram a ElRey do contrario, com que elle ficou na India, e depois a governou per ſucceſsão de D. João de Caſtro Viſo-Rey della. E como Nuno

da

da Cunha assi por o que Manoel de Sousa lhe escrevêra, como por a estada do Nizamaluco tão perto de Chaul, e per outros muitos indicios hia achando sinaes da má vontade d'ElRey de Cambaya, quiz levar comsigo hum homem de tanta importancia como era Antonio da Silveira, para o que lhe podia acontecer, e principalmente para servir de Capitão da fortaleza de Dio, e tirar della a Manoel de Sousa para Capitão de Ormuz, em lugar de D. Pedro de Castello-branco, por algumas culpas que lhe davam, e por sentir que entre Manoel de Sousa, e Soltam Badur havia alguns queixumes, que elle queria evitar; e Antonio da Silveira, quando Nuno da Cunha chegou a Baçaim, como já tinha seu recado, estava prestes.

Estando Nuno da Cunha em Baçaim, onde se deteve cinco dias, provendo a Armada de algumas cousas, veio alli ter hum Capitão d'ElRey de Cambaya com dezesete fustas, e outros navios de remo; e vindo elle a ver Nuno da Cunha, lhe perguntou mui dissimuladamente, a que era sua vinda com aquella Armada; ao que elle respondeo, que ElRey lhe mandára dar huma vista áquella enseada, por ter nova que andavam alli alguns ladrões de Onor, e em Baroche alguns Mogoles. Nuno da Cunha dis-

dissimulando o que entendia daquella sua vinda, (da qual conheceo mais descubertamente a tenção d'ElRey de Cambaya,) offereceo-lhe qualquer cousa que houvesse mester para serviço d'ElRey ácerca da sua vinda. E provída a fortaleza, segundo a suspeita que lhe estas cousas davam, deixou por Capitão della a Ruy Vaz Pereira, e partio-se a seis de Fevereiro, e em sua companhia o Capitão d'ElRey de Cambaya com suas fustas. E sendo tanto avante como a Maij, que he seis leguas acima de Baçaim, espedio-se este Capitão de Nuno da Cunha, dizendo, que hia a terra fazer aguada, e elle foi-se á enseada de Cambaiet esperar recado de Coge Sofar, cujo Capitão era, segundo se depois soube.

CAPITULO IV.

Como ElRey de Cambaya mandou visitar a Nuno da Cunha ao caminho: e como por vir doente o foi ver ao galeão chegando a Dio.

SAbendo Nuno da Cunha, antes que partisse de Baçaim, como ElRey Badur andava á caça ao redor de Dio, mandou-o visitallo per Diogo de Mesquita; mas ElRey se anticipou, mandando-o primeiro visitar per seu privado João de Sant-Iago, o qual quan-

quando chegou a Baçaim, ſoube que era já Nuno da Cunha partido; pólo que veio trás elle até o tomar em Madrefabat. Nuno da Cunha quando ſoube da vinda de Sant-Iago, ſe fez ainda mais doente do que vinha, vindo-o elle muito, e deitou-ſe em cama, parecendo-lhe que com eſta nova de ſua enfermidade remetteria ElRey algumas couſas de ſeu furor, e elle teria tempo de praticar primeiro com Manoel de Souſa, e Antonio da Silveira, por quem eſperava, que tardava já, por vir em hum galeão mui máo de véla. E por João de Sant-Iago ſer Chriſtão, e haver tido muita communicação Nuno da Cunha com elle, lhe fez grande gazalhado, e por ſer tão grande a valia que tinha com ElRey. E tratando com elle muitas materias, aſſi de graças, e boa converſação, como de couſas d'ElRey, para o tirar a terreiro, Sant-Iago lhe diſſe: *Senhor, ElRey não tem ainda unha; mas como as elle tiver, crede que vos ha de arranhar.* Deſta palavra, e de outras que elle ſoltou, acabou Nuno da Cunha de aſſentar que ElRey tinha o animo mais damnado do que elle cuidava, poſto que já o conhecia por homem não são, e mui vário, e inconſtante em ſeus ditos, e feitos.

Deſpedido Sant-Iago, veio aquella noite Manoel de Souſa fallar com Nuno da

Cu-

Cunha, sem alguem saber que estava fóra da fortaleza; e entre muitas cousas que lhe contou do que ElRey dizia, foi, que quando o prendesse o havia de mandar de presente ao Turco, e que isto soubera do Mão Capitão da Cidade de Dio, que era muito seu amigo. Ao da prizão disse Nuno da Cunha rindo: *Esperança tenho eu em Deos, que dará essa sentença ao contrario, e que seus máos pensamentos lhe fiquem quebrados em sua cabeça.* E posto que Manoel de Sousa moveo algumas cousas, que quizera que Nuno da Cunha logo determinára, elle espaçou a resolução para depois que fosse em Dio, e viesse Antonio da Silveira, por quem esperava, e com isto despedio a Manoel de Sousa.

Ao outro dia, que eram quatorze de Fevereiro, quarta feira de Cinza, Nuno da Cunha se fez á véla de vagar, por esperar por Antonio da Silveira, que ainda não viera, e chegou ante a Cidade de Dio ás duas horas depois de meio dia. E ainda não era surto, quando veio huma fusta d'ElRey com hum presente, que elle lhe mandou a Madrefabat; e quando o messageiro achou ser partido Nuno da Cunha, o veio alli tomar. O presente eram vinte e tantos viados, e gazéllas com este recado: Que elle andára monteando o dia passado, e que

na

na boa dita da ſua vinda fizera aquella monteria, que lha mandava, porque os homens que andam no mar folgam com carne freſca. Chegado Nuno da Cunha a bordo do galeão ver o preſente, vio a veação alaſſada per toda a fuſta, esfarrapada das unhas, e dentes das onças que a tomáram, porque como são feras na maneira de prear, não deixam a caça inteira, e aſſi não dava deleitação á viſta. Neſte tempo eſtava João de Paiva Feitor da Armada com Nuno da Cunha, a que era mui acceito, e ſem ſaber o que dizia, lhe diſſe: *Prazerá a Deos, que aſſi verá V. S. cedo ſeus inimigos mortos, como eſtá aquella triſte veação.* As quaes palavras foram huma profecia, que antes de duas horas ſe cumprio na propria fuſta em que vinha a caça. E no recado que ElRey mandava dizer da monteria que fizera, dizia verdade; porque como Nuno da Cunha chegou a Chaul, pelas eſpias que ElRey trazia no mar, depois que dalli partio para Baçaim, e dahi para Dio, cada hora lhe levavam nova de quantas voltas dava. No qual tempo ElRey andava ao longo da coſta monteando com ſuas onças, de que os Principes daquellas partes muito uſam. E a noite que Nuno da Cunha chegou a Madrefabat, veio ElRey dormir a Novanaguer quintã de Melique, que eſtá cinco milhas de Dio.

Aca-

Acabando Nuno da Cunha de despedir o messageiro d'ElRey, que lhe levou o presente, a que fez mercê, chegou Manoel de Sousa em hum catur, e disse-lhe como ElRey viera á quintã de Melique mui alvoroçado com sua vinda, e a Manoel de Sousa mandou Nuno da Cunha, que tanto que ElRey entrasse na Cidade o fosse visitar de sua parte, e dizer-lhe, que por vir mui doente de enfermidade, que não era para estar entre Principes, não desembarcava logo, que ao outro dia trabalharia de o fazer, dando-lhe ella lugar para isso. Não seria partido Manoel de Sousa quando veio Coge Sofar, e hum filho de hum dos principaes Capitães de Soltam Badur, que da sua parte o vieram visitar, aos quaes elle se mostrou doente; e dando-lhe graças da visitação, mandou per elles dizer a ElRey o que tinha dito a Manoel de Sousa. E pareceo que assi o tinha Deos ordenado, que vindo ElRey da quintã de Melique, e querendo passar o braço da agua, que se mette entre a Cidade, e a terra firme, chegou a fusta que trouxe a veação a Nuno da Cunha, e juntamente Manoel de Sousa, e os dous visitadores; e dando-lhe nova como o Governador vinha mal disposto, e a desculpa de logo não sahir em terra, disse ElRey a Manoel de Sousa: *Com os amigos*

quan-

quando são doentes, em quanto os homem não vê, não cumpre com sua amizade, eu quero ir ver o Governador: e deixando a embarcação que lhe traziam para sua passagem, se metteo na fusta da veação com oito, ou nove Capitães [a], e sós dous pagens, hum que lhe levava o terçado, e outro o arco, e as settas. Manoel de Sousa quando vio aquelle subito não pode mais fazer que metter-se com ElRey, e dizer a hum pagem seu que fosse correndo naquelle catur, e dissesse ao Governador que ElRey o hia ver. ElRey foi tão á pressa, que apenas o recado era chegado quando elle chegava, que não houve tempo para o Governador communicar cousa alguma, nem haver conselho sobre o que se havia de fazer, nem mais espaço que para alcatifar o lugar da náo per onde ElRey havia de passar, e deitar sobre a cama de Nuno da Cunha hum cobertor de cetim avellutado carmesim, e elle tomar huma loba aberta de chamelote. Tanto que ElRey começou a chegar-se, foi o estrondo das charamellas, trombetas, e atabales tamanho, que se não ouviam. Nuno da Cunha o veio receber ao bordo do galeão [b]; e como era homem gran-

a *Os Capitães, que hiam com ElRey eram* 13. *e todos grandes Senhores.* Lopo de Sousa Cout. *no trat. do cerco de Dio.*

b *Escreve* Diogo do Couto, *que o Governador aguardou a Soltam Badur na camara do seu galeão, deitado em*

grande de corpo, e a enfermidade o tinha debilitado, em o ElRey vendo tão desfigurado, lhe diſſe: *Se eu ſoubera que tão mal tratado o tinha a enfermidade, eu lhe mandára dizer que ſe não levantára da cama; mas já que aſſi foi, vamo-nos aſſentar na voſſa camara.* E tomando-o pelo braço o levou a ella, ſem entrarem mais que os ſeus Capitães, nem com Nuno da Cunha mais que dous pagens ſeus, e João de Paiva, que fechou a porta ſobre ſi. Aſſentado ElRey em huma cadeira, que para elle eſtava poſta, e Nuno da Cunha em humas almofadas de ſeda, e os Capitães em alcatifas, começou ElRey de lhe perguntar per ſua diſpoſição, a viagem que trouxera, e outras couſas geraes, em que ambos gaſtáram hum bom eſpaço.

Manoel de Souſa por o animo damnado que conhecia d'ElRey, e que tambem ſabia de Nuno da Cunha que determinava prendello, começou agaſtar-ſe ſobre a reſolução que ſe havia de ter com ElRey naquella conjunção de o terem na náo, e tão ſó; e porque lhe pareceo neceſſario fazer-lhe lembrança, mandou Jorge Barboſa pagem de Nuno da Cunha, que per fóra da

não

huma camilha, armado ſecretamente, e com huma eſpada ao longo de ſi, e que alli o recebeo acompanhado de Antonio da Silveira, Gonçalo Vaz Coutinho, Antonio de Sá o Rume, João Juſarte Tição, e D. Manoel de Lima.

náo pela exarcea fosse á varanda della, e entrasse onde estava Nuno da Cunha, e lhe dissesse á orelha de sua parte, que lhe mandava que fizesse. Entretanto este pagem chegou-se em giolhos a Nuno da Cunha, que estava mais perto da varanda, para lhe dar o recado, e em lho querendo dar á orelha, ElRey, como o seu animo culpado tudo o que via fazer lhe parecia suspeitoso, e em seu damno, começou de se confranger, e acudio com a mão a huma adaga, e a poz mais adiante do lugar onde a trazia. João de Sant-Iago, que servia de lingua, e sabia a tenção d'ElRey, disse apressadamente a Nuno da Cunha: *Senhor, não ouçais recado algum, olhai para ElRey, que vos falla.* Polo que Nuno da Cunha deo de mão ao moço, e o não quiz ouvir; e voltando-se para ElRey, tornou a enfiar sua prática, por assentar-lhe a alteração que lhe vio, e mui bem entendeo, como quem estava prompto nos géstos que ElRey fazia. O qual não se detendo muito, levantou-se, e chegando á porta, como de outras náos eram vindos os Capitães, e Fidalgos, e elle conhecia alguns, em os vendo lhes fallou, e agazalhou a seu modo. Levantado ElRey, Nuno da Cunha chamou a João de Paiva; e como que se ajudava a levantar ao hombro delle, indo assi

arrimado, lhe diſſe: *Dizei logo a Manoel de Souſa, que ſe vá após ElRey, e que trabalhe muito por o levar á fortaleza para lha moſtrar como a tem apercebida para ſeu ſerviço; e que eu mando todos os Capitães trás elle para o ſeguirem, e que o não deixe ſahir até eu ir, nem entrar mais gente que a que leva; e quando não quizer, que no mar o entretenha: e dizei aos Capitães, que lhes mando que acompanhem a ElRey com ſeus catures, e bateis, e a Manuel de Souſa até a fortaleza.* Ditas eſtas palavras, deixou Nuno da Cunha o hombro de João de Paiva, e foi-ſe trás ElRey, até que a bordo ſe deſpedio delle. E deixou-ſe alli eſtar ſempre com os olhos em ſua peſſoa por cortezia, e tambem por o ſegurar, que não tinha que mandar em a náo, nem fallava com alguem.

Em quanto ſe ElRey embarcou per eſte bordo, em que Nuno da Cunha eſtava, ſe embarcou Manoel de Souſa pelo outro no ſeu catur, por o recado que lhe João de Paiva deo; e dando-lhe a mão ao deſcer, ſentio que as tinha frias, e lhe diſſe: *Que he iſto, Senhor, á couſa tão quente, como levais as mãos tão frias?* Ao que Manoel de Souſa reſpondeo: *Sentimentos de homem, que ha oito dias que come dieta; mas eu eſpero em Deos que hoje vos pare-*

ce-

cerão bem quentes. As quaes dahi a pouco espaço de hora se tornáram de todo frias, com a morte que lhe sobreveio. Tão ignorante he a mente humana dos casos que lhe estam por vir. Nuno da Cunha depois que ElRey desappareceo de sua vista, e olhou para trás, e vio os Fidalgos, e Capitães, que estavam ao redor delle, disse: *Senhores, que fazeis, que não is acompanhar a ElRey como mandei? embarcai-vos, e ide trás Manoel de Sousa*; o que cada hum fez a grande pressa.

Quando os Fidalgos, que estavam nos navios, vieram ao galeão do Governador, por se acharem presentes á visita d'ElRey, tendo ouvido geralmente dizer que elle desejava tomar a fortaleza de Dio, e fazer todo o mal que pudesse aos Portuguezes, parecia-lhes que cumpria prendello, ou matallo, e que nenhuma occasião havia melhor que tello o Governador em seu poder tão só como veio ao galeão. E assi foram de parecer com Manoel de Sousa, que mandassem perguntar ao Governador por aquelle seu pagem, que ordenava que fizessem. E á sahida d'ElRey tambem puzeram os olhos nelle, dando-lhe a entender que estavam prestes para o que lhes mandasse. Mas a Nuno da Cunha não pareceo tempo, nem conjunção de executar então seu

proposito; ou porque lhe não parecia honroso feito, nem fidalguia, prender hum tão grande Rey, não declarado por inimigo, vindo-o visitar como amigo a seu galeão, e affastado huma legua de sua Cidade, acompanhado sómente de nove homens, fiando-se delle, e dos Portuguezes; ou porque lhe parecia que cousa de tanta importancia, e perigo não se havia de executar sem conselho dos principaes Capitães, assi dos que esperava cada hora, que eram Antonio da Silveira, e Martim Affonso de Sousa, como dos que alli tinha, a que, por a subita, e não cuidada vinda d'ElRey, não teve tempo de fallar, porque a ninguem tinha descuberta sua tenção senão a Manoel de Sousa, com o qual ainda não tinha assentado o modo perque havia de prender a ElRey; ou perque lhe não pareceo seguro prendello no mar, polo que podia acontecer antes que chegasse á Cidade, onde ElRey tinha cincoenta mil homens d'armas, e huma tão grande Armada, deixando a execução do que determinava para a fortaleza de Dio, onde tinha por certo que ElRey o fosse visitar estando doente, pois á ella hia ver ao Capitão Manoel de Sousa sendo são; ou tambem se dilatou aquella obra, (o que he mais de crer;) porque quiz Deos que ElRey não fosse prezo, como

mo Nuno da Cunha determinava, senão morto, por o que a serviço seu, e a salvação dos Portuguezes cumpria, que não estava segura com sua prizão.

CAPITULO V.

Como foram mortos Soltam Badur Rey de Cambaya, e os Senhores que com elle hiam, e Manoel de Sousa Capitão de Dio.

DO galeão de Nuno da Cunha, donde ElRey sahia, havia huma legua á Cidade; e como a fusta d'ElRey hia melhor remada que o catur de Manoel de Sousa, já quando elle chegou onde podia ser conhecido de longe, começou acenar, como que levava algum recado a ElRey. O qual entendendo que Manoel de Sousa hia a elle, mandou entreter o remo, até que o pudesse ouvir; e elle tomando com a mão huma ponta de huma alcatifa, como quem a queria concertar, disse em alta voz a João de Sant-Iago, que era o interprete: *Dizei a ElRey, que se queira passar a este meu catur, que vai mais limpo de sangue, e no caminho lhe irei mostrar como tenho apercebido a fortaleza para seu serviço, porque assi me manda o Governador que o faça.* Quando Sant-Iago ouvio estas palavras, não

não ficou contente, e respondeo: *Não he isso cousa para eu dizer a ElRey*, mostrando indignação por ouvir aquellas palavras, e entendendo serem peiores do que eram. Ao que ElRey perguntou, que dizia o Capitão? e sabendo que palavras eram, como cousa de que não fazia muita conta, como João de Sant-Iago, nem tinha dúvida de ir á fortaleza, disse: *Porque não irei lá? Sabeis, Senhor, porque?* (disse Sant-Iago) *porque me parece que vos querem prender. Prender?* (disse ElRey) *dize ao Capitão que entre cá dentro nesta minha fusta.* Em chegando Manoel de Sousa á fusta d'ElRey, deo de pancada com seu catur nella, e como estava no bordo para saltar, foram-selhe os pés, e cahio ao mar, trás o qual se lançou hum pagem seu, e tornando a surdir acima, o pagem, e Diogo de Mesquita, que hia no mesmo catur, o mettêram dentro da fusta d'ElRey, como elle mandava; e assi molhado como estava foi levado per seus Capitães ante elle. Naquelle instante acertou de chegar huma fusta, em que hia Lopo de Sousa Coutinho, Pedr'Alvares de Almeida Ouvidor geral, e Antonio Correa, que vendo a cahida de Manoel de Sousa, por lhe soccorrerem, sendo do seu catur, de que fizeram ponte, passaram adiante, e com aquella pressa entráram na

na fuſta d'ElRey. O qual quando os alli vio entrar aſſi com impeto, (porque ſua conſciencia lhe fazia temer tudo,) diſſe aos ſeus Capitães, que eſtavam mais junto delle, que leváram Manoel de Souſa, que o mataſſem. Diogo de Meſquita entendendo eſta palavra, por aprender alguma couſa da lingua no tempo que foi cativo em poder do meſmo Soltam Badur, e vendo que Xabardin Agar [a], genro de Coge Sofar, punha o ferro em Manoel de Souſa, com que o matou [b], arremetteo a ElRey; e tomando-o pelos peitos, lhe deo huma ferida, a que elle bradou: *Matem-o, matem-o.* Por eſtes brados d'ElRey houve hum bravo jogo de cutiladas entre os Capitães d'ElRey, e os noſſos, dos quaes o primeiro morto foi o Ouvidor geral Pedr'Alvares de Almeida, defendendo-ſe mui esforçadamente em quanto a vida lhe durou, cujo corpo lançáram ao mar com o de Manoel de Souſa. Os outros tres que ficavam, que eram Lopo de Souſa Coutinho, Diogo de Meſquita, e Antonio Correa, ſómente com as eſpadas andavam entre aquelles Capitães com tanto esforço, quanto era o perigo em que eſ-

a *Aſtolcan lhe chama* Diogo do Couto.

b *Deſta maneira foi morto Manoel de Souſa Fidalgo de grande valor, e esforço, como moſtrou neſta occaſião, e na paſſada quando foi a caſa de Soltam Badur, eſtando aviſado que o chamava para o matar.*

eſtavam poſtos. E poſto que o animo lhes não faltava, tendo já mortos ſete dos Mouros, como elles eram muitos, os lançáram a braços no mar mal feridos; mas pelos noſſos, que em ſuas fuſtas, e catures chegáram, foram ſalvos.

ElRey neſte tempo aſſi eſtava cortado com temor da morte, que como atonito não fazia mais que olhar a peleja. O pagem que lhe trazia o arco, e fréchas, que era hum moço de dezoito annos Abexij, de grande animo, quando o vio aſſi paſmado, tirando com o arco tão a miude, que parecia que punha as fréchas de duas em duas, matou logo Antonio Cardoſo, e Affonſo Fialho, e ao pagem de Manoel de Souſa, e ferio a João Juſarte Tição, e Martim de Caſtro, e outros dez, ou doze, e matára todos, ſe o não acertára de matar com huma eſpingardada, do qual aſſi haviam medo os remeiros dos catures, em que os Fidalgos vinham, que não ouſavam chegar á fuſta d'ElRey. A maior couſa que elle fez, foi mandar aos ſeus que remaſſem para a Cidade.

No meio deſta revolta acertáram de vir tres navios de remo de gente d'armas da que ElRey tinha em Mangalor, e quando viram a requeſta dos noſſos ſobre ſua fuſta, que conhecêram, e ouvíram a grita da gente

te da Cidade, que eſtava poſta ſobre os muros, e lugares altos, a grande preſſa remettêram aos noſſos, e como era gente d'armas, e vinha bem apercebida dellas, principalmente de eſpingardas, e fréchas, travâram com elles outra nova, e mais perigoſa peleja. Mas Deos ajudou os noſſos de maneira, abalroando com elles, que não tiveram eſpaço de armarem os arcos, e cevarem as eſpingardas, e em breve eſpaço matáram hum bom número de Turcos, e os outros ſe lançáram no mar para eſcaparem, no qual tempo por os noſſos andarem envoltos com elles, ſe alargáram da fuſta d'ElRey. O qual vendo-ſe deſabafado, apreſſava aos remeiros da fuſta para ſe acolher á Cidade, e ſe ſalvar nella. Mas atraveſſou-ſe diante neſte tempo hum impedimento que o entreteve, que foi hum catur que vinha da noſſa fortaleza a grande preſſa, como quem acode a arruido, de que era Capitão Baſtião Nunes, a que chamavam Pantafaſul. O qual com hum berço que trazia fez hum tiro á fuſta d'ElRey, que ſe hia acolhendo, e levou-lhe tres, ou quatro remeiros, com que a fuſta ſe eſtorceo; e ficando atraveſſada, e impedida, ſem ir mais por diante, a maré que vaſava lançou a fuſta ſobre os noſſos, que ſe hiam deſembaraçando dos Mouros á cuſta do ſeu ſangue.

gue. ElRey quando ſe vio naquelle eſtado, confiando que a nado ſe poderia melhor ſalvar que na fuſta, porque acudiam dos noſſos muitos batéis, e catures a ella, lançou-ſe ao mar, e outros que com elle hiam; mas o pezo da agua que o impedia ſurdir, o detinha, e já de canſado começou de ſe nomear, dizendo: *Badur*, *Badur*, parecendo-lhe que quem o ouviſſe o ſalvaria. Triſtão de Paiva, hum cavalleiro de Santarem, quando o conheceo, fez chegar a ſua fuſta a elle; e dando-lhe hum remo para ſe pegar, e o recolher, veio hum homem da meſma fuſta, executor da Divina juſtiça, e deo-lhe com huma chuça pelo roſtro, e ſobre eſte vieram outros que o acabaram de matar, ficando ſobre a agua hum bom eſpaço, até que foi ao fundo, ſem mais apparecer elle, nem o corpo de Manoel de Souſa, por muita diligencia que Nuno da Cunha ſobre iſſo mandou fazer per toda aquella coſta, para dar a cada hum ſua devida ſepultura, e tambem por memoria daquelle feito.

João de Sant-Iago, que foi author de toda aquella tragediá, tambem nadando foi ter ao noſſo baluarte, que eſtá na boca da barra, onde bradou que o recolheſſem; mas como elle não merecia tornar mais a terra, naquelle mar o matáram. Sómente dos homens

mens de nome que hiam com ElRey escapou Çoge Sofar, o qual andando tambem nadando foi ter a huma fusta, em que hiam Antonio de Soto-maior, Francisco de Barros de Paiva, e Antonio Mendes de Vasconcellos; e por ser conhecido de Antonio de Soto-maior, lhe deo a mão, e recolheo, já com huma cutilada que lhe deram na fusta, com que se elle lançou ao mar; e quanto proveitosa foi sua vida naquelles dias para dar luz a algumas cousas das d'ElRey de Cambaya, tanto trabalho deo depois aos Portuguezes, como se ao diante verá.

Finalmente esta revolta custou as vidas das pessoas notaveis dos nossos, que já dissemos, e assi a de Alvaro Mendes hum cavalleiro mancebo, que por se mostrar quem era entrou em huma fusta de Mouros, onde com outros dous companheiros que o seguiam, pelejou tão valerosamente, que matou os mais delles, e outros fez saltar ao mar, e foi morto de huma fréchada pelo estomago, e em todos os catures, e fustas houve muitos feridos. Dos Mouros, segundo se depois soube, morrêram mais de cento e quarenta, dos quaes alguns corpos vieram ter á praia da costa com a maré, mas não de pessoas notaveis. Dos Capitães da fusta d'ElRey que morrêram, que todos eram grandes Senhores, foram os principaes del-

delles Escandarchan natural do Reyno de Mandou, Languerchan filho de Maluçhan, Xabardin Agar genro de Coge Sofar, que chamavam por sua valentia Tigre do Mundo, Minacem Camareiro mór d'ElRey, Gulpao Rao Gentio irmão de Nina Rao Capitão de Dio, e tio d'ElRey, e outros Senhores de grandes estados, e rendas.

Este foi o fim daquelle Rey tão poderoso em Estado, em terras, em gente, e em thesouros, com que podia competir com Dario, e com os maiores Principes que houve naquelle Oriente. Mas como a prospera fortuna que em seus negocios tivera o embebedára, e lhe faltou a prudencia para se bem governar nella, veio a não soffrer a boa, como soffria a má, quando feito Calandar andava peregrinando pelo Mundo. Era Soltam Badur de sua condição homem fragueiro, e que soffria bem os trabalhos da guerra, para que teve excellentes Capitães, perque viera ter ainda maiores Estados dos que teve, se seguíra o parecer dos bons conselheiros; mas os de que se contentava eram os que tinham mais vicios que virtudes, mais jactancia que animo, mais astucia que verdade, e dos em que achava mais lisonjas que desenganos, como foram Rumechan, e Franguechan, que antes se chamava João de Sant-Iago; que o puzeram

ram no eſtado de ſua perdição, e eſte no artigo da morte. Foi Soltam Badur de meã eſtatura; e por ſer de largos, e groſſos membros parecia mais pequeno do que era, da côr era báço por ſua mãi ſer Resbuta da nação do Gentio da terra, que geralmente são báços. Tinha o roſto largo, os olhos grandes, e esbugalhados, e ſempre inquietos, mas em ſua acatadura não era mal aſſombrado. Foi mui ligeiro em ſaltar, e correr, e prezava-ſe muito de huma leviandade, que nem em peſſoa particular merecia louvor, que era correr com grande ligeireza per cima das ameas de altos muros, e torres, e convidando a iſſo outros, a que, porque o não faziam, chamava covardos. Fallava mui bem tres ou quatro linguas. De ſua condição foi liberaliſſimo, e que não ſabia dar pouco, e aſſi tinha alguns Capitães, e homens nobres eſtrangeiros em ſeu ſerviço, a que deo grandes terras, e Eſtados; e a outros de mui baixa condição fez muito grandes. Era tão vão, que lhe pezava de gabarem em ſua preſença a Alexandre Magno; e na verdade os eſpiritos tinha mui grandioſos, ſe uſára bem delles. Por ſe moſtrar magnanimo, a primeira vez que Nuno da Cunha ſe vio com elle, querendo-o conſolar de ſeu desbarato com os Mogoles, reſpondeo-lhe, que à guerra era jo-

Jogo, que sem cabedal ás vezes hum homem per huma boa sorte ficava rico de Estados, e ás vezes perdia os que tinha, e depois os tornava a cobrar com dobrado ganho; e dizia que naquella sua desgraça só per huma cousa era triste, e o seria toda sua vida, que foi perder hum musico, que era todo seu gosto, que senão podia cobrar como os Estados, que a fortuna trazia em almoeda. E depois vindo-lhe nova que este seu musico era vivo, alegrou-se com Nuno da Cunha, dizendo, que folgasse com seu bem, que era vivo o seu musico. Tudo isto era por mostrar que não fazia conta de perder, ou ganhar Reinos. Finalmente pezando bem suas obras, nelle havia mais audacia que fortaleza, mais temeridade que audacia, e assi se mettia muitas vezes nos perigos sem causa, nem fruto, como foi ir ver á fortaleza de Dio a Manoel de Sousa de noite, e desacompanhado, onde arriscou sua liberdade, e a Nuno da Cunha ao galeão, acompanhado sómente de nove homens, per onde perdeo a vida.

CA-

CAPITULO VI.

Do que se fez na Cidade de Dio com a morte de seu Rey: e do que Nuno da Cunha ordenou para conservar a mesma Cidade em paz, e quietação dos moradores della.

AO tempo que a peleja que dissemos foi no mar, toda a gente da Cidade estava posta nos muros, e lugares altos, de que se podia ver a nossa Armada, e tambem o seu Rey; e antes disso quando souberam que ElRey era ido ao galeão do Governador, e víram a sua tornada, o fim da peleja, e ouvíram a morte d'ElRey, foi tamanho o terror na gente, que todo seu intento era em salvar suas vidas, sem o marido ter conta com a mulher, nem as mãis com os filhos, todo o parentesco, e toda a razão se esquecia, sómente nos pés tinham toda a lembrança. Tanta era a pressa com que fugiam, que por não caber o concurso da gente pelas portas da Cidade, muita se afogou, principalmente a que era fraca, como velhos, meninos, e mulheres, com que obrigáram a outros lançar-se per cordas per cima dos muros. E porque o Capitão da Cidade mandou logo tomar todas as embarcações para a mãi d'ElRey, e para

ra ſi, e os principaes da Cidade faziam outro tanto, huns caminhavam para certos paſſos que tem a Ilha, perque ſe paſſa á terra firme de maré vaſia; outros ſe lançavam a nado, paſſando para a Villa dos Kumes, dos quaes com preſſa alguns ſe afogáram. Tanto poder tem o temor, que tira a eſperança de ſalvação onde a póde ter, e vai pelos perigos da morte. Finalmente como na imaginação de todos era cuidar que tanto que vieſſe a manhã Nuno da Cunha havia de entrar na Cidade, e não havia de perdoar a ninguem, e dar ſaco nas fazendas, ninguem levava mais pezo que quanto lhe podia caber na mão. Os prezos foram ſoltos, porque para fugir todos èram deſembaraçados; mas a gente d'armas como era mais odioſa aos Portuguezes, receando que por eſte odio haviam de fazer-lhe mais cruezas, paſſáram-ſe á terra firme, fugindo para os lugares mais longe da Cidade. Nuno da Cunha, porque entendeo quanto deſmancho ſe havia de fazer na Cidade com a morte d'ElRey, per meio de Coge Sofar, que elle recebeo com muitas palavras de eſperança de lhe fazer bem, mandou lançar pregão per todas as náos que eſtavam no porto, que feriam cincoenta vélas, que elle ſegurava a todos, e não lhes ſeria feito aggravo, antes haveriam bom deſpacho, e

lhes

lhe dariam ſeus cartazes quando ſe foſſem, ſendo certo que partindo-ſe ſem licença, os mandaria tomar por cativos, e perderiam ſuas fazendas.

Quando veio pela manhã, per meio do meſmo Coge Sofar mandou lançar outros pregões na Cidade, que cada hum eſtiveſſe em ſua caſa, e ſe não foſſe, nem temeſſe; e ſe alguns moradores naturaes da terra, ou mercadores, que alli eram vindos por razão de fazer ſeus commercios, aquella noite eram idos para a terra firme, podiam tornar a ſuas caſas, e pôr cobro ſobre ſua fazenda, porque por ſerviço d'ElRey D. João ſeu Senhor, e em ſeu nome elle os havia a todos por ſeguros; mas a gente d'armas, cujo officio era viver da guerra, elle os amoeſtava que dentro de dous dias ſe ſahiſſem da Cidade, e que ſendo depois achados, a pena ſeria perderem as vidas. Outros pregões mandou tambem lançar, que nenhum Portuguez, de qualquer qualidade, e condição que foſſe, ou peſſoa, que venceſſe ſoldo d'ElRey de Portugal, entraſſe na Cidade, nem fizeſſe mal, e damno aos moradores della, nem lhe foſſe tomado o ſeu, per qualquer via que foſſe, ſob pena de morte. Com eſtes pregões ficou tudo tão aſſocegado, que dahi a tres, ou quatro dias a mais da gente ſe tornou

a ſuas caſas. E poſto que alguns achâram muitas couſas menos, e aſſi do que lhe cahia pelas ruas com preſſa da fugida, foram furtos dos proprios ſeus, ſómente hum Bombardeiro dos noſſos, Framengo, por tomar hum pedaço d'ouro per força a hum Guzarate, o mandou Nuno da Cunha enforcar, e tornar o ouro a ſeu dono, o que fez aſſocegar a gente, vendo o caſtigo que elle mandava dar áquelles, que offendiam aos naturaes da terra. Iſto foi muito louvado dos Mouros, e Gentios da Cidade, e dahi notáram que a morte de Soltam Badur mais fora culpa ſua, que cubiça noſſa, pois tanta juſtiça, e moderação ſe teve em huma Cidade orfa de ſeu Rey, e chea de todo o theſouro que havia em Cambaya, porque por razão da guerra dos Mogoles, e de ſe ElRey alli recolher, e os Capitães que andavam com elle, tinham recolhido no meſmo lugar o melhor de ſua fazenda. E para Nuno da Cunha moſtrar a pouca cubiça que havia nelle para tomar a fazenda d'ElRey, e que ſua morte não foi induſtriada a eſſe fim, sómente cauſada por ſua pouca prudencia, logo ao dia ſeguinte ſahio em terra em tres catures ſem eſtrondo de gente d'armas, mandando ficar toda nas náos, por não aſſombrar a gente da Cidade, e foi-ſe metter na fortaleza, onde

ha-

havia mil e duzentos homens, que eram da guarda della, á cuja porta, e á da Cidade mandou pôr guarda, por ninguem entrar, e sahir, e não haver alguma cousa de escandalo.

CAPITULO VII.

Do razoamento, que Nuno da Cunha fez aos Capitães, e pessoas principaes da Armada: e do comprimento que teve com a Rainha mãi d'ElRey Badur: e como mandou pôr cobro na fazenda d'ElRey: e do que se lhe achou per sua morte em seu thesouro, e armazem.

AQuella manhã, que o Governador Nunõ da Cunha se metteo na fortaleza, depois de ouvir Missa, mandou chamar todos os Capitães, e principaes pessoas da Armada, a que propoz estas palavras:

Querer-vos, Senhores, repetir o que he feito sobre esta Cidade de Dio, que ora temos em nosso poder pola morte de seu Rey, não servirá de mais, que para vos trazer á memoria vossos trabalhos, pois quantos aqui estais presentes, per elles, e per o suor de vosso rostro, até derramar vosso sangue, os tendes em lembrança, que a todos deve ser doce, e deleitosa, pois tudo o que fizestes foi per honra, e gloria de Deos,

ac-

accrescentamento do Estado de nosso Rey, e louvor do nome Portuguez; porque se vemos tanto número de escritores pórem tanto estudo, e trabalho em escrever a expedição de Alexandre, que partindo de Grecia, vizinha a esta Asia, com tão alto estilo celebráram a guerra, que teve com Dario Rey de Persia, e com Poro Rey de huma parte do Delij, e encarecem tanto a navegação de seu Capitão Nearcho [a] por ir pelo rio Indo abaixo até as suas fózes, que aqui temos por vizinhas, e passar pelo nosso Estreito de Ormuz, e entrar pelas boccas dos rios Tigris, e Eufrates, até Babylonia, cujas historias nos deleitam, que poderáõ escrever de nós, que vindo de tão remotas regiões, per mares nunca vistos, nem navegados, nos fizemos senhores desses mesmos mares, e da navegação, conquista, e commercio delles, e contendemos per mar, e per terra com tantos Reys, e Principes, de que houvemos tão assignaladas victorias; e entre elles com Soltam Badur, mais poderoso em gente, e em armas, e artilheria, e elefantes, e mais rico em ouro, prata, e pedraria, e todas as delicias Orientaes, do que eram Dario, e Poro? Certo que se os escritores disserem verdade, contaráõ, que não sendo nos Gregos

a Esta navegação escreve Arriano no livro 8.

gos vizinhos da Asia, mas Portuguezes mais remotos de todas as gentes vindos do ultimo do Mundo, donde o Mar, e a Terra, e o Ar fazem sua demarcação, não peregrinando per terra, como os Gregos, gozando dos refrescos, e delicias della, repousando em partes, onde os homens tem paciencia para soffrer o frio, e a calma; e alterações dos tempos, mas que navegamos per mares de climas differentes, atravessando toda a grandeza do mar Oceano, comendo o duro, e podre biscouto, e salgada carne, bebendo agua corrupta, e mal cheirosa, com mais frio, e ardor do Sol, do que a natureza dos homens póde soffrer; e para allivio destas cousas, padecendo assombramentos de tempestades, que não obedecem aos homens, nem temem suas armas, e ardijs, nem algum artificio humano, a que se não póde fugir, nem buscar acolheita. Chegados a este Oriente, achamos os inimigos mui mais contrarios, e infestos do que os achâram os Gregos, que adorando Jupiter, Apollo, ou Baccho, achavam os inimigos que adoravam os mesmos, e assi eram todos confrades de huma seita. E confessando nós hum Creador do Ceo, e da terra, achamos Gentios remotos do conhecimento deste mesmo Deos, em todas as suas opiniões contrarios, e nas vontades mui-

muito mais. Achamos Mouros professores da torpe, e abominavel seita de Mafamede, cujo preceito he perseguir com armas os servos de Christo, e morrer por os extinguir. Achamos Judeos, que blasfemão seu santo Nome, per cuja Fé nos offerecemos a padecer martyrio; pois se sómente a esperança, que pomos na misericordia de Deos, nos salva de tantos perigos, e nos fez poderosos para amançar tão soberbo inimigo, como era Soltam Badur Rey de tantos Reynos, mais poderoso, mais cavalleiro, e mais rico que todos os Reys do Oriente; devemos dar muitas graças a Deos vermos sua morte per permissão Divina, mais ordenada por ella, que procurada per nós, com que ficamos vencedores de sua fortuna, que foi a maior que se vio em Principe algum, em tão breve tempo; porque sendo hum filho menor desprezado de seu pai, e por isso desterrado, e feito Calandar, lhe matou Deos a seu pai, e elle a seus irmãos maiores, e herdeiros da casa Real, perque em mais breve tempo, que elle desejou, veio ser herdeiro do Reyno de seu pai, e de seus grandes thesouros, juntos per tantos Reys passados. E não contente com tão opulento Reyno, como he o de Guzarate, conquistou, e ganhou os grandes Reynos do Mandou, e de Chitor. E se tivera governo em sua pessoa,

soa, como tinha bons Governadores, e Capitães, vencêra a Omaum Patxiah Rey do Delij, e dos Mogoles, que era hum grande Emperador. Mas como a justiça de Deos muitas vezes per algum tempo dissimula com as culpas dos máos, e os deixa gloriar dos triunfos de seus desejos, para os castigar no maior prazer delles, e sentirem mais o castigo, assi este Rey tão glorioso de suas victorias, no primeiro encontro com Omaum Patxiah tão quebrantado ficou de sua soberba, que veio buscar nosso amparo, e fazendo-lhe nós tanto beneficio, por sua inquieta natureza, e inconstancia ordio huma têa, e armou laços, em que elle em fim veio a cahir, perque ficamos senhores desta Cidade requestada de tantos annos, da qual se sua morte não fora, não sómente foramos lançados, mas de toda a India, por estar concertado com os mais dos Potentados della, onde tinhamos nossas fortalezas, que contra nós, por seu respeito, estavam conjurados. Polo que a Deos mais que á nossa industria devemos o inteiro dominio, que agora temos nesta Cidade tão desejada d'ElRey Nosso Senhor. E os que nisto fomos o instrumento perque Deos nos fez entrega della, devemos esperar de S. A. aquella mercê, que de sua grandeza se espera, e elle costuma fazer. Quiz, Senhores,

res, propôr-vos estas cousas para dellas tirarmos hum novo conselho sobre o que devemos fazer desta Cidade, que nos Nosso Senhor tem dado, porque não merece menos quem bem, e fielmente aconselha, que quem animosamente peleja.

Acabando Nuno da Cunha de fazer ésta prática a seus Capitães, entrou em outra ácerca do governo da Cidade, e cousas que convinha serem logo provídas. E sobre diversos pareceres vieram os mais dos Capitães a concordar com o de Nuno da Cunha. A causa em que primeiro entendeo, foi entregar a Capitanía daquella fortaleza a Antonio da Silveira de Menezes, não tanto por ser seu cunhado, como por commum voto de todos, por as qualidades de sua pessoa, de cuja eleição se depois não acháram enganados, como adiante veremos. Apôs o Capitão nomeou logo por Alcaide mór da fortaleza a hum Fidalgo havido por mui bom cavalleiro, per nome Paio Rodrigues de Araujo, por Juiz da balança a Manoel de Vasconcellos, que era o officio mais proveitoso, e honrado da Cidade, a Francisco Henriques de Aguiar Thesoureiro, a Jorge Barbosa Escrivão. E para despacho das náos que alli estavam com mercadorias, fez Gaspar Paes Juiz da Alfandega da Cidade, e na da Villa dos Rumes

poz

poz Gaſpar Preto para recadação dos direitos dos mantimentos: fez Juiz, e Theſoureiro Diogo Rodrigues de Azevedo, e Eſcrivão Ruy Lopes; e das couſas que vinham da terra firme, poz por Juiz, e Theſoureiro Franciſco Pacheco, e Eſcrivão André Villela.

Ordenados os officios, quiz logo fazer comprimento com a Rainha mãi d'ElRey, que eſtava em Novanaguer, e com o Ráo Capitão de Dio, que eſtava com ella, e mandou-a viſitar, deſculpando-ſe da morte de ſeu filho, que fora mais culpa delle meſmo, e accidente, por cauſa da morte de Manoel de Souſa, que induſtriada per elle Governador; porque ſe elle tivera tenção de o matar, na camera do ſeu galcão o tinha mais á ſua vontade, pedindo-lhe que ſe não moveſſe donde eſtava, em quanto o Reino não tomava algum aſſento; e que querendo-ſe ella vir para a Cidade á ſua caſa, elle a teria em ſua guarda com aquella lealdade, e reſpeito, como a huma Princeza mui conjunta per parenteſco d'ElRey Dom João ſeu Senhor. A Rainha não quiz ouvir o recado, do que o Ráo a mandou deſculpar, que com o grande nojo que tinha o não ouvíra.

Paſſado aquelle dia, tendo já Nuno da Cunha mandado lançar cadeados, e ſellos nas

nas caſas d'ElRey, e aſſi nas caſas da Rainha, além dos que já tinha, ao outro dia ſeguinte mandou Antonio da Silveira, Fernão de Souſa de Tavora, o Secretario João da Coſta, e Eſtevão Toſcano Feitor da Armada com ſeus Eſcrivães fazer inventario de toda a fazenda, que eſtava nas caſas d'ElRey, e da Rainha, a qual toda ſe entregou ao Feitor Antonio da Veiga. O que ſe em caſa d'ElRey, e da Rainha achou em moeda d'ouro, e prata, e algum metal por lavrar, dizem que ſeriam duzentos mil pardáos, a fóra algumas joias, e pannos de brocado, e ſeda. Mas os que ſabiam os grandes theſouros d'ouro, prata, e pedraria, baixellas, arreios de cavallos d'ouro, e pedraria, e outras riquezas, que ficáram de ſeu pai na ſerra de Champanel, a fóra o que o meſmo Badur acquirio nas conquiſtas dos Reynos de Mandou, e Chitor, e de outras partes, eſpantavam-ſe do pouco que ſe lhe achou. E como os homens naturalmente são pronos ao mal, e como dizem dos máos vizinhos, ſabiam o que entrou em poder d'ElRey Badur, e não inquiríram o que ſahio, attribuíram ſer muita parte de ſeu dinheiro, e móveis roubada pelos miniſtros que lhe fizeram o inventario, e tomáram entrega do que ſe achou, até não perdoarem á peſſoa de Nuno da Cu-

Cunha. Porém os que víram seu testamento, e sua fazenda depois de sua morte, e o pouco que em seus herdeiros se enxergava, e outros muitos signaes de sua limpeza, tinham aquillo por calumnia; mas a verdade era que não tinham achado mais, porque ElRey veio afforrado a Dio, e muita parte do que tinha deixou em Mangalor, e per algumas addições dos livros de sua despeza se soube per informação de seus Officiaes, que nas guerras que fez no Decan, e quando foi ao Reino de Mandou, gastou cinco contos d'ouro. Os Mogoles lhe tomáram no arraial que desamparou, tres contos e meio d'ouro, a fóra muita pedraria, e toda sua recamara de joias, e movel de grande preço. Seu tio Nina Ráo quando lhe foi fazer gente em Chitor contra os Mogoles, lhe gastou hum conto e meio d'ouro. Outro Capitão, perque mandou fazer gente aos Resbutos, lhe despendeo hum conto d'ouro. Para lhe trazer gente de guerra, mandou per Safchan ao Cairo tres contos d'ouro, e segundo outros quatro e meio, a fóra joias d'ouro, e pedraria, que valiam seiscentos mil cruzados em presente ao Turco. Fugindo de Champanel, no caminho, além de muitas joias, perdeo hum conto e meio. A Mãi quando se foi de Dio para Noranguer, levou (segundo se dizia) dous con-

contos d'ouro, a fóra muitas joias. Destas poucas addições, que montão dezenove contos d'ouro, se póde colligir o que gastaria em outras guerras, e em dadivas e[illegible]ssivas, e mercês que cada dia fazia, que era cousa inextimavel. [a]

Mas o que per morte d'ElRey Badur se achou em seus armazens de polvora, materiaes para fazer outra, muitos artificios de fogo, espingardas, arcos, e fréchas sem conto, e todas outras munições, grande número de sellas, e ricas cubertas de cavallos, e armas de todo genero, e tantos mantimentos de toda sorte, foi cousa maravilhosa, e que em vinte annos parecia se não poderiam gastar. A Armada que se achou era de cento e sessenta vélas, em que havia muitas, e formosas galés, galeões, e náos de carga, e fustas todas mui bem apparelhadas. [b] A artilheria, assi dos navios, como dos armazens, era de grande número de peças de metal mui grandes, em que havia tres basiliscos de admiravel grandeza, dos quaes hum que fora do Soltam de Ba-

a *Pelo que se referio do thesouro de Soltam Badur na nota do cap. 8. do livro 6. e do presente que elle mandou ao Turco per Safchan, como se escreve na nota do cap. 11. do mesmo livro, se poderá colligir a grandeza dos thesouros deste Rey.*

b *Eram dezoito galés, e galeotas, tri[illegible] fustas, e catures, tres galeões, quatro nâos de carga, e [illegible] taforeas.* Francisco de Andrade *cap. 42. da 3. P[illegible]te.*

Babylonia, que Rumechan trouxe quando veio a Dio, por ser peça notavel, Nuno da Cunha mandou a ElRey de Portugal [a], [illegible] peças de ferro eram sem número, e dellas mui formosas, e grandes.

CAPITULO VIII.

Da justificação, que Nuno da Cunha mostrou aos Mouros, e Gentios ácerca da morte de Soltam Badur.

AO tempo, que se fez inventario da fazenda d'ElRey Badur, entre papeis, e cartas que se acháram em sua casa, e em casa de Abdelcader seu Thesoureiro mór, se acháram algumas cartas, em que o Safchan, que era irmão do Thesoureiro, escrevia a Soltam Badur o que lá em Méca, onde estava, negociava, sobre os Turcos que mandava buscar para a guerra contra Portuguezes, e outras que eram resposta das que o mesmo Soltam escrevia aos Reys de Adem, e de Xael em damno dos Portuguezes, e o que ordenava sobre isso. As quaes cartas, e huma inquirição que Nuno da Cunha mandou tirar per Jacome Pires Ouvidor de Baçaim, testemunhada per Mouros, e Christãos, jurando cada hum sobre sua

[a] [illegible] o que hoje está no Castello de Lisboa, a que chamam Ti[illegible] de Dio.

ſua lei, lhe deram motivo para por abono, e honra ſua, e lealdade dos Portuguezes, mandar chamar Coge Sofar, de que naquelle tempo uſou como de hum inſtrumento neceſſario para aſſentar as couſas daquella Cidade, por a muita authoridade que tinha entre Mouros, e Gentios, e per ſeu meio ſe ajuntáram os principaes mercadores, Cacizes da Cidade, a que o povo dá grande credito por lhe adminiſtrar os preceitos, e ritos de ſua ſeita.

A eſtes todos fez Nuno da Cunha hum razoamento, dizendo, que elle mandava logo deſpachar toda a mercadoria que eſtava na Alfandega, aſſi dos naturaes, como eſtrangeiros, para ſe irem em boa hora com ſeus retornos, com todo favor, e juſtiça, ſem lhe ſer feito aggravo algum; e que a cauſa porque mandára lançar pregões, que ninguem ſe foſſe ſem ſeu mandado, fora por não levarem as orelhas, e os olhos cheios de eſcandalo, do que era paſſado naquelle deſaſtre da morte de Soltam Badur, nem irem denunciando mal dos Portuguezes injuſtamente; e que como elle era Governador daquellas partes da India, por o mais Chriſtão, e virtuoſo Principe da Chriſtandade, e que nenhuma couſa mais encommendava em ſeus regimentos aos Governadores, que verdade, e fé no prometido, e leal-

lealdade na communicação que tivessem com todo genero de homens, do mais pequeno mercador até o mais alto Principe da India, elle se queria justificar de suas obras, e que tinha cumprido com o que lhe El-Rey seu Senhor mandava, principalmente nas cousas que tocavam a Soltam Badur. Sobre o qual S. A. particularmente escrevia, mandando-lhe que trabalhasse per todo modo, e arte de assentar paz com elle, e nunca dar causa de se quebrar; e que quando elle fosse tão duro, e mal attentado que não quizesse ter esta paz, e acceitasse antes a dos Turcos, e Rumes seus inimigos, e competidores nas cousas da India, em tal caso lhe fizesse guerra a fogo, e a sangue, porque isto era o que convinha ao Rey que tivesse alma, e honra, e nunca commettesse cousa contra alguem per modo de traição; e aos seus amigos, e aliados ajudasse quando de suas Armadas, e gente tivessem necessidade. As quaes cousas, depois que elle entrára na India no anno de 1529, até o presente de 1537, tinha usado com Soltam Badur, primeiramente fazendo muitos comprimentos para tratar com elle paz, sem o poder chegar á conclusão della, do que se causou fazer per muitos annos guerra pública, e descuberta, como lhe El-Rey seu Senhor mandára, sem nunca

ca per modo algum lhe armar traição, ou engano, até que ſuas fortunas o tratáram de maneira com traição de hum Turco de quem elle confiava, que foi Rumechan, (como a todos era notorio,) que veio ElRey Badur a dar Baçaim, e aquella fortaleza de Dio, em que eſtavam, a qual o meſmo Badur tomou por abrigo, e amparo de ſeus trabalhos; e que todos ſabiam, que ſe El-Rey Badur não confiára ſua peſſoa daquella fortaleza, e dos que nella eſtavam, elle ſe ſahíra fóra do ſeu Reyno para Méca, e não ſómente com ella ficou ſeguro de não perder a poſſe de ſeu Reyno, mas ainda por eſta paz concorrêram áquella Cidade de Dio tantas náos, e mercadorias, que ſe tornou a reſtaurar todo o Reyno de Guzarate com os rendimentos das entradas, e ſahidas dellas, de quão perdido, e deſtruido eſtava das guerras dos Mogoles. E com todos eſtes beneficios, e proveitos tão manifeſtos, que Soltam Badur via, como homem inimigo de ſeus proprios naturaes, e por ſeu pouco diſcurſo, movido de ſeus impetos, e não per conſelho de homens nobres, e que amaſſem ſeu Eſtado, mas per gente baixa, e vil, ſempre com elle Nuno da Cunha andou em manhas, e cautelas, deſejando quebrar a paz que com elle tinha aſſentada, e (o que peior era) movendo a

to-

todos os Principes do Decan, e a ElRey de Calecut, e aos Reys da costa da Arabia, que cada hum no que pudesse se levantasse contra os Portuguezes, porque elle ordenava de os lançar fóra da India; e por não parecer a elle Coge Sofar, e aos mais, que estavam presentes, que isto era assacado, lhe mostrava alli aquellas cartas, cujos signaes conheciam, que se acháram entre os papeis de Soltam Badur, e de Abdelcader, e assi naquella inquirição, que mandára tirar, do que Soltam Badur tinha ordenado; e que sómente a fim de prender, ou matar a elle Nuno da Cunha, e a quantos Capitães pudesse em hum banquete que lhe havia de dar, o mandára chamar a Cochij. E sabendo elle muita parte destas cousas, quando foi ao galeão visitallo, onde pudera fazer ao Soltam, e aos Capitães que comsigo levava, o que elle esperava de lhe fazer, tudo soffrêra por cumprir com os mandados d'ElRey seu Senhor, que era não fazer contra elle cousa alguma per engano, ou má fé; mas parece que permittio Deos de matar elle a Manoel de Sousa da maneira que elle Coge Sofar víra, para que se armasse o arruido, em que foi morto, para se cumprir a justiça de Deos. E porque elle queria dar boa conta de si a ElRey D. João seu Senhor, e assi denunciar

a todos os Principes Mouros, e Gentios daquellas partes Orientaes, com que os Portuguezes tinham communicação, que a morte de Soltam Badur foi mais accidente do culpa sua, e juizo de Deos, que industria delle Nuno da Cunha, pois sem morte de Capitães o pudera elle prender no seu galeão, elle os mandára chamar como a testemunhas de vista, para lhes mostrar aquellas cartas, e a inquirição, que per mãos de Mouros, e Christãos tão honrados estava assignada, e jurada, para que do que El-Rey ordenava fazer lhe dessem instrumento; e como depois de elle vir do seu galeão, aonde o foi ver, tornando para a Cidade, mandando-lhe elle Nuno da Cunha recado per Manoel de Sousa Capitão da fortaleza, elle o mandára matar ante si sem ter causa para isso, antes muita para lhe fazer muitas mercês, por a verdade, e lealdade que lhe Manoel de Sousa tinha guardado, por as vezes que Soltam Badur o foi ver á fortaleza, e encostado na sua cama, lhe dizer: *Capitães, aggora tens El Rey em teu poder, faze o que quizeres* Da morte do qual Manoel de Sousa se levantou o arroido entre quatro Fidalgos que com elle hiam, e os Capitães delle Badur, no qual elle se metteo, e foi ferido e per si mesmo se lançou no mar, onde s

ai

afogou. As quaes certidões que pedia per muitas vias assignadas per elles, e pelos Cacizes, havia de mandar a Portugal, e aos Principes Mouros, e Gentios, para ser a todos notorio, que os Portuguezes ainda que faziam crua guerra a seus inimigos, não eram commettedores de traição, mas mui leaes em seus feitos, e esta fama tinham em toda a Christandade onde eram conhecidos, e que com estas certidões queria mandar pelas mesmas náos estrangeiras, que hi estavam, denunciar a todos os que com suas mercadorias quizessem vir áquella Cidade de Dio, que o podiam fazer, onde lhe seria guardada sua justiça tão inteiramente como em vida de Soltam Badur; e que os que viessem direitos para aquella Cidade, posto que não trouxessem cartazes, não lhes seria feito damno algum per as Armadas dos Portuguezes; porém que quando tornassem os levariam, para saber como vinham alli como mercadores, e não como gente d'armas, de que os Turcos usavam por cautela sua.

Desta maneira justificou Nuno da Cunha entre aquelles Mouros a causa da morte d'ElRey Badur ser por sua culpa, e não ordenada per elle; e nas linguas Arabica, e Persiana houve muitas cartas, como testemunhaveis, segundo as elle pedio, assignadas

per Coge Sofar, e per os principaes mercadores, e pelos Cacizes, das quaes huma mandou aos Principes do Decan, a ElRey de Narsinga, e ao de Ormuz, e outros da costa de Arabia, até a ElRey de Adem; e além desta justificação que Nuno da Cunha quiz mostrar de sua pessoa, e da verdade dos Portuguezes ácerca da morte d'ElRey de Cambaya, tambem o fez por quebrar o animo daquelles, que com Soltam Badur estavam confederados em damno dos Portuguezes, principalmente por desfazer algum fundamento, que as galés de Suez teriam no favor de Badur, e se ver como aquelles, que armando laços de morte aos Portuguezes, vinham a cahir nelles por juizo de Deos, com mais favor seu do que esperavam.

CAPITULO IX.

Do mais que ordenou Nuno da Cunha para bom governo, e quietação do povo: e como mandou a Portugal a nova da morte de Soltam Badur: e da vinda de Mir Mahamed Zaman ao Reyno de Cambaya.

EM quanto Nuno da Cunha ordenava as cousas do assento, e governo da Cidade, e dava ordem para despacho dos negocios correntes, tambem entendia em outros

tros a que convinha logo acudir por aquietar, e alegrar os animos dos Guzarates da terra; e o principal que fez, foi mandar que todas as cousas ordenadas per Soltam Badur na Cidade corressem como d'antes, como foi acudir com mantimento ás pessoas a que o ElRey dava, e que se alumiassem as alampadas das Mesquitas, prover de esmola aos pobres, como ElRey fazia, e pela ordem que elle ordenára, e que tudo se pagasse das rendas da Cidade, por quanto elle havia por serviço d'ElRey de Portugal, e conservação daquella Cidade não se mudar cousa alguma das que se faziam antes da morte de seu Rey, e tinha muito tento em não escandalizar os animos dos Mouros. E entre outros que ante Nuno da Cunha vieram a requerer confirmação das tenças, ou mantenças que Soltam Badur lhes dava, foi hum homem monstruoso de idade de trezentos e trinta annos, segundo affirmavam todos os principaes da Cidade, e o mesmo Badur, que como cousa rara o fez vir ante si, e mostrára a Nuno da Cunha quando o foi ver a Dio. Lembrava-se este homem ser toda Cambaya de Gentios, e não haver povoação em Dio. A prova que havia de elle ser de tanta idade, era dizerem homens muito velhos moradores de Dio, que ouvíram a seus pais, que ouvíram

a seus

a ſeus avôs, que já em ſeu tempo eſte homem era havido por muito velho; e não ſabendo ler, nem eſcrever, contava couſas mui antigas de Dio, que havia eſcritas; dizendo haver ſido preſente a ellas, e aſſi as relatava como teſtemunha de viſta, e não como quem as ouvíra. Tinha hum filho de noventa annos, e outro de doze: dizia que quatro, ou cinco vezes lhe cahíram os dentes, e lhe tornáram a naſcer, e outras tantas vezes lhe cahíram as cans, e lhe naſcêram cabellos pretos de novo. Em ſeu aſpecto parecia homem de ſetenta annos. Era de pequena eſtatura, magro, e de pouca barba, de nação Bengala, e homem ſimples naturalmente, a que os longos annos não fizeram ſabedor. De Gentio que era ſe fizera Mouro havia pouco tempo. O Governador lhe mandou ver o pulſo per hum Medico, que lho achou mui esforçado, e lhe confirmou a tença que o Soltam lhe dava. [a] Deſta maneira compria o Governador com as obrigações d'ElRey Badur; e quanto á juſtiça, e demandas que os Mouros tinham entre ſi, mandou que elles meſmos elegeſſem juizes, ſegundo ſeu coſtume; mas que não julgaſſem á morte peſſoa alguma ſem

da-

a Era vivo eſte homem no anno de 1547., porque depois do ſegundo cerco de Dio, em tempo do Viſo-Rey D. João de Caſtro, o víram naquella Ilha, e não ſe ſoube de ſua morte. Diogo do Couto *cap. 12. liv. 1. Decada 5.*

darem razão do delicto a elle Nuno da Cunha; e para isto melhor ser, mandou que os Juizes fossem consultar sobre estes taes casos com a Rainha mãi de Soltam Badur, e com o Ráo Capitão de Dio, que estava em Novanaguer; mas a Rainha estava tal, que nunca acudio aos comprimentos de Nuno da Cunha, antes entendendo que elle estaria escandalizado della, por não responder a seus recados, e offerecimentos, temeo sua indignação, e que fosse a ella, e lhe tomasse o que levou quando se sahio de Dio. Pelo que se foi de Novanaguer para huma fortaleza chamada Talajá, do que se ella depois arrependeo, como se ao diante dirá.

Neste mesmo tempo soube Nuno da Cunha, que as vinte fustas que achou em Baçaim, quando elle per hi passou, que o Capitão dellas era criado de Coge Sofar, pelo que fez com o mesmo Sofar, que lhe escrevesse huma carta que entregasse as fustas a Gonçalo Fernandes; e Nuno da Cunha lhe escreveo outras. Mas o Mouro, que naquelle tempo estava em Surat, como sagaz que era, beijou as cartas, dizendo, que obedecia a ellas, e que o notificaria á gente. Porém com a nova da morte d'ElRey Badur, que então souberam, se alvoroçáram de maneira, que lhe não quizeram obede-

cer;

cer; e quando Gonçalo Fernandes se vio salvo do alvoroço, e no seu catur em que hia, houve que escapára de hum grande perigo, e tornou dar recado a Nuno da Cunha do que achára, o qual mandou lá Thomé Gonçalves da Frota com tres catures, e dinheiro para tomar gente que remasse as fustas; mas os Mouros as tinham já mettidas tanto pelo rio adentro, e a terra estava tão levantada com a morte d'ElRey Badur, que não ousou metter o negocio á força por não levar poder para isso, e tornou-se para Dio. Nuno da Cunha não quiz perfiar, esperando que passasse aquelle impeto do nojo da morte d'ElRey, e de as haver depois á mão a pouco custo, como houve; e mandou per terra a este Reino hum Judeo per nome Isac do Cairo, com nova a ElRey da morte de Soltam Badur, ao qual ElRey deo de alviceras huma grossa tença em sua vida.

Antes que esta nova da morte d'ElRey Badur fosse ter ao Reino de Mandou a Mirhan Mahamed Xiah seu sobrinho filho de sua irmã, era partido de lá para Dio Mir Mahamed Zaman cunhado de Omaum Patxiah Rey dos Mogoles, o qual trazia cartas deste Mahamed Xiah de rogo para ElRey Badur seu tio, em que lhe encommendava este Zaman, que o favorecesse, e sustentasse com a honra que o [illegible] tratar; por-

porque posto que elle o tinha servido bem, e lealmente contra Omaum Patxiah seu cunhado, depois que Badur foi por elle desbaratado, e que a principal causa da guerra que entre elle, e Omaum se fez, fora o mesmo Zaman, tinha-lhe Badur tanto aborrecimento, que o não podia ver. E sentindo Zaman este desgosto em Soltam Badur, foi-se a Mandou, onde andava seu sobrinho Mirhan Mahamed, parecendo-lhe que com os serviços que lhe lá fizesse tornaria restituir-se em sua graça. E achando elle no caminho nova da morte d'ElRey, e que sua Mãi, e o Capitão Nina Ráo eram sahidos de Novanaguer para a fortaleza de Talajá, fez para lá seu caminho. E como elle levava dous mil homens de cavallo, que o seguiam naquella guerra, como a hum principal Capitão, e cavalleiro de sua pessoa, o Ráo que estava com a Rainha o não quiz recolher dentro, e veio-lhe fallar fóra da fortaleza. Elle disse ao Ráo a causa de sua vinda; e que sabendo no caminho a nova da desastrada morte d'ElRey, que para elle fora a mais triste que na vida se lhe pudera dar, se vinha apresentar á Rainha para saber della que mandava que elle fizesse, porque sua vontade era offerecer a vida em vingança da morte d'ElRey seu Senhor por tal traição. O Ráo lhe agradeceo os

of-

offerecimentos, e lhe disse daria disso conta á Rainha sua Senhora ; e deixando-o no campo, lhe tornou dar as graças da parte da Rainha do que dizia, mas que ella ao presente não entendia em mais que em lagrimas por seu filho, que elle se podia tornar em boa hora para Mandou donde viera.

CAPITULO X.

Como Mir Mahamed Zaman foi nomeado por Rey do Guzarate com favor de Nuno da Cunha.

INdignado Zaman por a sequidão com que a Rainha o tratou, e lhe respondeo a seus offerecimentos, não lhe querendo dar entrada para lhe fallar, nem a ver, desconfiando delle, começou a imaginar como della tomaria vingança. Polo que fingindo que se tornava para o Mandou, se foi lançar em hum passo per onde soube que a Rainha havia de passar para outro lugar maior, não se tendo por segura naquelle em que estava, no qual passo Zaman a esbulhou de quanto ella salvou quando se foi de Dio, que dizem seria em dinheiro, e ouro por lavrar, a fóra joias, dous contos d'ouro, deixando-lhe sómente o movel, por se não embaraçar com elle. A mais da gente que hia em companhia da Rainha eram Persas,

Ara-

Arabios, Abexijs, e outras nações, que ſeguem mais o ſoldo que lhes dão, que o Senhor a quem ſervem. Zaman conhecendo a natureza daquella gente, denunciou ſoldo dobrado, com que todos o ſeguíram, que faziam número de cinco mil homens, os quaes movidos da utilidade preſente, e da que eſperavam, intituláram logo a Zaman por Rey do Guzarate. Com aquelle nome ſe veio metter em Novanaguer; e por lhe parecer que proceder em tamanha empreza não poderia ſer ſem favor dos Portuguezes, e que delles ſe podia muito aproveitar, mandou hum meſſageiro a Nuno da Cunha, pedindo-lhe pois já com ſeu cunhado Omaum Patxiah tivera prática ſobre as couſas de Soltam Badur, e viera a partido com elle de lhe pedir certos portos de mar do Reyno de Guzarate, e elle eſtava intitulado por Rey delle, per conſentimento de mais de ſeis mil homens, e ElRey Badur não tinha filhos; e poſto que os tivera, era tão grande o odio que todos tinham aos de ſua linhagem, por ſuas cruezas, que antes tomariam por ſenhor que os governaſſe a hum eſtrangeiro, que a algum de ſeu ſangue: Que o quizeſſe acceitar por amigo, e favorecer naquelle nome que lhe deram, quanto mais que per juſtiça a elle pertencia a ſuccesſão daquelle Reyno, por ſer da

Co-

Coroa do Reyno de Delij, e elle descender dos Reys delle, pola qual razão (como elle Governador sabia) Omaum Patxiah seu cunhado pertendeo haver aquelle Reino. Mas como elle não queria perseverar na posse em que estava, sem vontade delle Governador, e o queria tomar nisso por favorecedor, lhe pedia que na Mesquita da Cidade mandasse que seu nome fosse encommendado com titulo de Rey do Guzarate, e elle lhe faria qualquer partido dos que queria fazer com Omaum Patxiah. Nuno da Cunha tendo recebido este messageiro honradamente, lhe respondeo com palavras de seu contentamento. E travada mais prática sobre este negocio, per recados que hiam, e vinham entre Zaman, e Nuno da Cunha, com conselho que elle teve com seus Capitães, em que se examináram muitas razões, que per huma parte, e outra se deram, assentou com Zaman estes Capitulos.

Que elle Mir Mahamed Zaman Rey do Guzarate dava a ElRey de Portugal todas as terras da costa do Reyno de Guzarate, começando da Cidade de Mangalor até á Ilha de Beth, com todos os portos, e povoações que nellas houvesse, e entrando pelo sertão duas leguas. E pelo mesmo modo lhe dava a Villa de Damam na enseada de Cambaya até Baçaim, com todas

das as terras, e paraganas, com toda a jurdição, e rendimentos, assi como estavam encabeçadas, segundo se continha nos foraes dellas.

Que se ElRey de Portugal quizesse naquelles lugares mandar bater moeda, para correr entre os Guzarates, fosse o proveito seu, mas o cunho seria com a chapa, e signal delle Mir Zaman.

Que todos os navios de guerra de Soltam Badur, e assi os de carga, com fazenda, ou sem ella, onde quer que fossem achados, ou vindo de fóra, os mandaria entregar.

Que em nenhum de seus portos consentiria fazer navios de guerra, sómente se fariam náos de carga para mercadoria.

Que os cavallos que viessem per mar pagariam os direitos que pagavam em Goa, e os direitos delles seriam para ElRey de Portugal.

Que os escravos dos Portuguezes, que fugissem para terra firme aos Mouros, e assi os que já lá estavam, os mandasse entregar.

Que qualquer Portuguez, que lá andasse sem licença do Governador da India, ou do Capitão de Dio, ou Baçaim, o mandasse entregar prezo.

Que os mercadores não fossem impedi-

dos de ir, e vir com suas mercadorias, ainda que houvesse guerra entre os Portuguezes, e Guzarates, antes haveriam todo favor, e ajuda, nem lhes seriam levantados os direitos que ordinariamente pagavam.

E que Mir Zaman daria a ElRey de Portugal a quintã de Melique, que está em Novanaguer.

Estes apontamentos feitos em lingua Portugueza, e na Persea, foram assignados, e sellados com o sello de Zaman, segundo nós vimos donde tirámos estes Capitulos. E para confirmação de tudo, deo logo de boa entrada cincoenta mil pardáos d'ouro para pagamento dos soldos da gente d'armas, que Nuno da Cunha mandou entregar ao Secretario João da Costa, e da sua mão se despendêram em soldos da mesma gente, e compra de pimenta.

Por esta amizade, e paz que assentáram Nuno da Cunha, e Zaman, se atreveo elle confiadamente mandar pedir conselho a Nuno da Cunha sobre o que faria pára levar avante esta sua pretenção, e ficar obedecido pelos Guzarates. Ao que Nuno da Cunha respondeo, que por a morte de Soltam Badur, a primeira cousa em que os grandes do Reino haviam de entender, era elegerem Rey para terem cabeça a que seguir.

E

E que ſegundo lhe tinham dito, todos os principaes do Reyno eram já para iſſo juntos, e queriam levantar por Rey hum moço de doze annos ſobrinho de Badur, per nome Mamud, como ſeu pai Soltam Mamud, que Badur matou, como elle tinha ſabido, e iſto por ſe dizer que era falecido Mirhan ſobrinho d'ElRey, que elle deixou no Mandou: Que ſeu parecer era aſſi como eſtava, antes que eſtes grandes levantaſſem Rey, ir elle dar nelles, e os eſpalhar de maneira, que lhe não déſſe repouſo, nem tempo para ſe ajuntarem. E per eſta maneira, como a gente ſegue a quem tem poſſe, e elle ao preſente era Senhor das armas, com que ſe a guerra faz, que he o dinheiro, facilmente levaria os animos da gente trás ſi; e que não perdeſſe a conjunção do tempo, porque quem ſabia uſar della, tinha a fortuna de ſua parte. Mir Zaman, poſto que eſte conſelho de Nuno da Cunha lhe pareceo bem, alguns lho interpretáram mal, e deixou-ſe eſtar em Novanaguer, no qual tempo os Principes do Reino levantáram por Rey o moço Mamud, que diſſemos, nomeando por Governador do Reino Madre Maluco, Luchan, e Driachan, que naquelle tempo eram os mais principaes homens do Reino de Guzarate. Eſtes ſouberam logo do titulo que Mir Maha-

hamed Zaman tomára de Rey do Guzarate, e que com o favor de Nuno da Cunha, na Meſquita de Dio era nomeado por eſſe, mas que elle como homem que não ſabia ſahir de ſeu abrigo, ſe deixava eſtar em Novanaguer; e poſto que determinaram de ir ſobre elle, não quizeram logo entender niſſo, temendo que eſtando Nuno da Cunha em Dio, dalli lhe podia mandar ajuda, com que elles não pudeſſem conſeguir ſeu propoſito, e determináram de eſperar, até ver ſe o Governador hia invernar a Goa.

Nuno da Cunha poſto que por o caſo da morte d'ElRey de Cambaya quizera invernar em Dio, com a flor da gente da India, por ter bem provídas as couſas do Malavar com Martim Affonſo de Souſa Capitão mór do mar, todavia ſua doença apertou de maneira, que per conſelho de Fyſicos, e requerimento de Capitães, e Fidalgos, lhe foi neceſſario ir-ſe para Goa, por ſer terra mais quente, e appropriada para ſua enfermidade, que Dio, a qual he mui fria, e ſujeita a ventos Nortes, pelo que no inverno eſtava em riſco de perder a vida; mas primeiro que partiſſe, mandou diante Martim Affonſo de Souſa com alguns navios de remo dos que foram de Soltam Badur, e lhe deo dinheiro para pagamento da gente d'armas, que havia de trazer nelles.

Tam-

Tambem efpedio a Fernão Rodrigues de Caftello-branco Veedor da Fazenda, os quaes juntos eram vindos a Dio, (por Nuno da Cunha lhes efcrever quando partio de Goa, que fe foffem ambos trás elle,) onde chegáram depois da morte de Soltam Badur cinco dias. E affi mandou Manoel de Macedo a fervir de Capitão da fortaleza de Baçaim, e a Ruy Vaz Pereira, que fe vieffe a Dio, a que mandou dar duzentos homens, e que tiveffe na Cidade cuidado dos Mouros.

Nefte anno de 1537. partio defte Reino huma Armada de cinco náos [a], que hia para trazer a carga de efpeciaria, das quaes eram Capitães D. Pedro da Silva filho do Conde Almirante para Capitão de Malaca, Jorge de Lima para Capitão de Chaul,

a *Frota da India do anno de 1537. Diz* Diogo do Couto, *que as náos eram cinco, das quaes hia por Capitão mór Jorge de Lima; e o Capitão que* João de Barros *não nomea era D. Fernando de Lima. Eftas duas náos, e a de Lopo Vaz Vogado chegáram juntas a Goa: as outras duas de D. Pedro da Silva, e de Martim de Freitas foram tomar Dio, como lhe ElRey mandára, onde deixáram a gente, e munições que levavam para provimento daquella fortaleza: de Dio partíram para Goa. D. Pedro chegou a ella no fim de Setembro, e Martim de Freitas foi demandar a cofta de Damam, furgio defronte della, e embarcado no batel, com huma fomma de veludos, e damafcos, para os ir vender a Surat, defappareceo nefte caminho, de que fe não foube nunca coufa alguma. Cap. 13. Livro 2. Decada 5.*

Lopo Vaz Vogado, e Martim de Freitas, que todos chegáram a ſalvamento á India. Martim de Freitas com Diogo da Silva filho de Franciſco de Faria, e outro Diogo da Silva ſeu primo, e outros Fidalgos, e peſſoas nobres, com deſejo de ſe ir a Baçaim ver huns amigos ſeus, deixando a náo, ſe mettêram em huma fuſta, e tiveram naquella pequena traveſſa tal tempo, que foram ter á Villa de Damam; e com neceſſidade de fazer aguada, ſahindo no rio, foram os mais delles mortos, e os outros cativos em huma cilada que lhe os Mouros armáram. Do qual deſaſtre ſe mandou deſculpar o Tanadar da Villa a Manoel de Macedo Capitão de Baçaim, que não foſſe cauſa de ſe quebrarem as treguas que o Capitão de Dio tinha aſſentado com os Governadores do Reino, e que mandaſſe pelos cativos. Manoel de Macedo mandou logo hum bargantim armado com cincoenta homens, que tornou ſem elles, por os terem já mandados á Corte d'ElRey. Neſtas quatro náos tornáram Lopo Vaz Vogado, Antonio de Brito, Manoel de Caſtro; e na de Martim de Freitas, que foi hum dos mortos, veio D. João Pereira.

CA-

CAPITULO XI.

Como vido Nuno da Cunha para Goa, os Capitães dos Guzarates deram batalha a Mir Mahamed Zaman: e do mais que fizeram depois de elle ser ido ao Cinde: e como Nuno da Cunha tornou a Dio.

VIndo o mez de Abril, em que Madre Maluco, e Luchan Principes dos Guzarates souberam que Nuno da Cunha fora invernar a Goa, ajuntáram mais de sessenta mil homens de cavallo, e de pé, e vieram buscar a Mir Mahamed Zaman, e fizeram seu assento em Uná, que será huma legua de Novanaguer onde elle estava. Os Capitães do exercito eram Luchan, e Mujatechan, homens de muita prudencia, e authoridade, os quaes vendo que Mir Zaman tinha comsigo a flor da gente de guerra, de que Soltam Badur se servia, que eram daquellas nações que nomeámos, e assi os Mogoles exercitados em pelejar com Guzarates, de que faziam pouca conta, e que os seus seis mil homens valiam mais que os seus sessenta mil, que traziam, temêram de o commetter, e determináram de corromper com dadivas os Capitães daquella gente estrangeira que Zaman trazia, para que

no tempo que déssem batalha, elles não pelejassem, e se deixassem estar quedos. Neste negocio se detiveram mais de cincoenta dias sem o poderem acabar; mas como o dinheiro vence toda lealdade de Mouros, lhe foi concedido.

Mir Zaman, que era homem prudente, e muito cavalleiro, e que sabia de ardijs de guerra, vendo que os inimigos estavam huma legua, e com sessenta mil homens, posto que conhecia a differença dos seus poucos em comparação dos muitos, suspeitou que a detença que faziam era algum modo de engano; e como homem que se começava já a temer da gente estrangeira, que comsigo trazia, ser corrompida pelos inimigos, teve conselho secreto com os seus, e determinou-se de não esperar mais tempo, e dar batalha; e para animar os seus Mogoles, que eram mil e quinhentos, repartio o dinheiro, e ouro que tinha havido, que cada hum levasse aquella somma derredor de si que pudesse, porque não sabiam a ventura da batalha; e fazendo-lhes huma prática para os animar, disse, que elle faria duas batalhas delles; e de todos os estrangeiros huma, nos quaes tinha pouca confiança, que cada hum trabalhasse por o seguir, porque o animo determinado era o que rompia todos temores, e passava leve-

vemente os perigos, e vinha a fim victorioso. Alguns de seus principaes, cujo animo não era tão confiado, vendo o grande número dos inimigos, eram de parecer que se fossem metter em Dio, e se abrigassem ao favor dos Portuguezes, até que o tempo lhes mostrasse outro caminho para proseguirem sua empreza. Ao que elle respondeo, que não queria experimentar novos amigos, e que para a opinião que a gente tinha delle, em fazendo isso, ninguem o seguiria, e perderia quanto até então havia ganhado. Finalmente elle se poz no campo, e foi buscar os inimigos para lhes dar batalha, para isso dividio os seus Mogoles em dous esquadrões, elle tomou hum de oitocentos homens; e outro de setecentos deo a hum seu Capitão, e da gente estrangeira toda fez hum batalhão. Estes como estavam corrompidos com dinheiro, quando veio o tempo de romper, não quizeram pelejar, e se deixáram estar quedos. Zaman com seus oitocentos de cavallo todos carregados d'ouro, e no meio delles hum elefante, que não levava outra cousa, rompeo hum esquadrão da mais limpa gente dos contrarios, tão furiosamente, que deixou per onde foi feita huma estrada de corpos mortos, como que dera nelles algum curisco. Mas foi logo tão fechado do grande número da gen-

te,

te, o lugar entre elle, e seu Capitão dos setecentos, que cuidou aquelle Capitão que Zaman seu Senhor era sumido entre os inimigos; e como homem desesperado de o mais poder ver, tomou por remedio ir buscar o abrigo dos Portuguezes na Villa dos Rumes defronte de Dio, onde estava João de Mendoça por Capitão. Os Guzarates seguíram a estes de vencida, deixando a Mir Zaman, parecendo-lhe ser ardil delle, fugirem huns para huma parte, e elle para outra, e temiam que elle os hia a metter em alguma cilada, de que não sabiam parte, por serem estes Mogoles grandes homens de ardijs neste seu modo de fugir. Todavia estes que seguíram os Mogoles, que se vinham acolhendo á Villa dos Rumes, não deixáram de os perseguir até que a artilheria da mesma Villa os entreteve que não chegassem ao muro, onde ficavam abrigados os que até alli chegáram com vida, porque no caminho, e no campo ficáram grande parte delles; e senão fora que os Guzarates achavam nelles que roubar, e faziam nisso detença, por ventura não chegáram tantos em salvo.

João de Mendoça porque não tinha ordem de Antonio da Silveira, Capitão de Dio para recolher esta gente na Villa vindo armada, posto que de Mir Zaman fosse,

ſe, mandou-lhe dizer o que paſſava; ao que Antonio da Silveira reſpondeo, que recolheſſe alguns, entregando primeiro as armas, e os outros ficaſſem de fóra amparados ao muro. Em quanto eſtes recados foram, e vieram, alguns deſtes Mogoles que traziam ſuas mulheres ſegundo ſeu uſo, e outros ſem ellas, a que o temor da morte muito apertou, vieram a comprar a entrada a pezo d'ouro, do que tinham havido de Mir Zaman, e roubado na guerra; e hum caſado que entre elles vinha, porque o porteiro de hum poſtigo, que vendia eſtas entradas, como homem pouco caridoſo, lhe pedia por deixar entrar a elle, e a ſua mulher mais do que elle tinha, vendo-ſe naquelle aperto, diſſe que recolheſſe a mulher, que elle queria ficar de fóra. Quando ſe ella vio dentro ſem ſeu marido, tornou muito de preſſa a elle para fóra, e com hum amor honeſto lhe lançou os braços, dizendo: *O lugar de minha ſalvação he eſtar comvoſco, e não dos muros adentro ſem vós*, e aſſi ficou com elle. Vindo ordem de Antonio da Silveira, foram todos recolhidos, e os que vinham feridos bem curados, como ſe foram noſſos naturaes, e a todos fez João de Mendoça muito gazalhado, e lhes deo embarcação para Goa, Chaul, e Ormuz, como lha pedíram.

Mir

Mir Mahamed Zaman naquelle furioso rompimento da batalha perdeo sómente trinta dos seus; e quando se achou só, e entendeo que os outros o não quizeram seguir, com os que lhe ficáram poz o rostro na terra do Cinde, que he além dos Resbutos. E ainda que o caminho era comprido, e havia de passar por as terras delles, que he gente bellicosa, elle se governou com tanta prudencia, e esforço, e a fortuna o favoreceo de maneira, que com todos os seus salvos chegou ao Cinde. Depois de lá ser, escreveo a Nuno da Cunha, mostrando esperança de tornar cedo poderosamente a cumprir o que lhe tinha promettido; mas o amor da mulher, e filhos que tinha no Delij, o desviáram desta empreza, principalmente Omaum Patxiah seu cunhado, o qual movido das lagrymas de sua irmã, de que Zaman tinha dous filhos, lhe escreveo que fosse fazer vida com ella, que elle lhe perdoava o passado. Depois o fez Rey de Bengala, mas no Estado durou pouco, como adiante diremos.

Os Capitães Guzarates que houveram aquella victoria de Zaman, por corrupção de peitas, e não per armas, assi como estavam com seu exercito, se vieram aposentar em Novanaguer, e dalli mandáram recado a Antonio da Silveira, perguntando-lhe que

cauſa tiveram os Portuguezes para matarem ſeu Rey? Ao que elle reſpondeo, que ſeus peccados o matáram, e por elle o ter merecido por a morte de Manoel de Souſa, que elle matou ſem cauſa, ſendo Capitão daquella fortaleza. Depois tratáram de outras couſas, até virem a fallar em paz, pois havia tantos annos que tinham guerra; ao que elle reſpondeo, que não tinha para iſſo commiſsão do Governador; porém, que dando-lhe elles de Mangalor até Dio, e de Damam até Baçaim, como Mir Zaman, que ſe intitulava Rey do Guzarate, tinha dado ao Governador, com outras couſas que ſe continham em hum contrato que ambos fizeram, elle eſcreveria ao Governador, e ſem iſſo não entenderia nas pazes. Com eſta reſpoſta não tornáram mais fallar em negocio de paz, e aquelle grande exercito ſe desfez, ficando alli em Novanaguer Luchan com dez, ou doze mil homens, como em fronteira, e guarnição. O qual para obrigar ao Governador a concerto de pazes, começou de tolher os mantimentos á Cidade, que eram carnes, e frutas, porque o mais vinha de Chaul, e Baçaim. E como entrou a força do inverno, que impedio não virem daquellas partes, houve entre os Portuguezes tanta falta, que valia huma gallinha dez tangas, que são ſeiscentos reaes da moeda de

de Portugal. Isto durou até o mez de Julho, em que Antonio da Silveira fez treguas com Luchan, até a vinda de Nuno da Cunha, que avisado das cousas de Dio, entendendo que o novo Rey Mamud não havia de querer perder huma Ilha tão rica, e tão importante ao seu Estado como era a de Dio; e tendo novas da Armada que aprestavam os Rumes em Suez para irem á India, pareceo-lhe necessario acudir em pessoa a prover muitas cousas, de que aquella fortaleza, e as de Chaul, e Baçaim tinham necessidade, porque por descuido não acontecesse alguma desgraça. Polo que despachou as náos do Reino para irem tomar carga a Cochij, e espedio Martim Affonso de Sousa com quatro galés, e trinta e seis navios, para guardar a costa do Malavar, e tendo huma Armada prestes de oitenta vélas, nella se embarcou para Dio, onde chegou em Fevereiro do anno de 1538.

CA-

CAPITULO XII.

Do que fez Martim Affonſo de Souſa Capitão mór do mar, indo em buſca de huma Armada d'ElRey de Calecut, de que era Capitão mór Pate Marcar.

OS maiores inimigos que na India tem os Portuguezes, e com que mais ſe illuſtra a noſſa conquiſta naquellas partes, são os Mouros, que povoam a coſta da India deſde Chaul até o Cabo de Comorij, que ſerá de cento e noventa leguas, e neſta fralda do mar ha mais Mouros para nos damnar, e offender, aſſi per terra, como per mar, do que ha deſde a Cidade de Cepta no Eſtreito de Gibraltar até a Cidade de Damiata ſituada na mais Oriental foz do rio Nilo, e principalmente em Cananor, e Calecut; porque como a eſtes dous portos, antes que nós entraſſemos na India, concorriam as náos do Eſtreito de Méca a buſcar eſpeciaria, parece que deſte commercio de Mouros eſtrangeiros vieram a multiplicar tanto, que neſte eſpaço de coſta de cento e noventa leguas haveria mais de ſeſſenta mil homens de guerra, todos gente esforçada, a quem a prática da noſſa guerra tem feito mais ouſados, e mais deſtros

tros nella. Tambem na costa de Calle, Callecaré, que he além do Cabo de Comorij, na pescaria do aljofar, por causa della, concorreo alli outro grande número delles; e se os Portuguezes não entráram na India, já foram senhores de toda a sua costa, e de Ceilão, mas á custa do nosso sangue temos desinsado muita parte desta má semente; e tem estes Mouros (principalmente os de Cananor) huma ventagem aos de Barberia, que estes não tem de pobres hum alquice para se cubrir, nem ousadia para navegar, e vivem das creações, e agricultura, e os daquella parte de Cananor são muitos delles cossairos tão poderosos, que fazem Armadas, e tem animo de competir com os nossos navios, principalmente quando no verão navegam aquella costa de fortaleza a fortaleza, de maneira, que sempre em Cananor os houve, como no decurso desta historia se póde ver. E porque neste tempo florecia muito hum Mouro por nome Pate Marcar [a], que poderosamente andava espancando aquelles mares, e fazendo-nos alguns damnos, será necessario tratar hum pouco delle.

Vivia este Mouro em Cochij, e com duas náos que tinha tratava grossamente em

mui-

a O seu proprio nome diz Diogo do Couto *que era Paichi Marcá, cap. 4. do liv. 2. da Dec. 5.*

muitas mercadorias que carregava para Cambaya, com cartazes de salvoconduto dos Capitães de Cochij. Estas náos lhe foram tomadas per Portuguezes, sem lhes valer os cartazes que trazia. E porque desta perda não foi restituido, querendo-se restituir della, como homem escandalizado que estava, se passou a Calecut com sua casa, e se fez cossairo; para o que ElRey de Calecut vendo que os negocios de Cambaya ainda nos occupavam, lhe armou navios, além dos que elle tinha; e com ajuda de outros Mouros ricos, que desejavam de offender aos Portuguezes, fez huma Armada de quarenta e sete navios de remo, para ir ajuntar a Madune Pandar contra seu irmão ElRey de Ceilão. Com este Rey tinham os Portuguezes grande amizade, e pagava a ElRey de Portugal o tributo, que já escrevemos nas cousas do tempo de Lopo Soares, quando governava a India, e fez fortaleza naquella Ilha. E como Madune Pandar vio que além do grande poder que tinha seu irmão, nossa amizade lhe dava grande ajuda, porque sempre em Columbo, onde elle residia, tinham os Portuguezes sua Feitoria por a canella que daquella Ilha vinha, e tambem sabia a guerra que tinhamos com ElRey de Calecut, e que Pate Marcar naquelle tempo andava poderoso, mandando-lhe secreta-

tamente recado que o fosse ajudar contra seu irmão; e o concerto que fizeram, foi, que elle não queria mais que ficar com o titulo de Rey, e livre de dar canella aos Portuguezes; e que todo o thesouro de seu irmão lhe daria, de que havia fama ser mui grande. Isto obrigou a ElRey de Calecut a mandar lá Pate Marcar com a frota das quarenta e sete vélas [a] que dissemos, em que levaria mais de dous mil homens, com grande número de peças d'artilheria, tão apercebido em tudo, e com a gente tão destra, e esforçada, que lhe não chegavam os Turcos do mar de Levante em concerto, e animo de pelejar.

Neste tempo Martim Affonso de Sousa Capitão mór do mar andava com quarenta vélas guardando a costa do Malabar. E como a ordem de a guardar he fazer huma volta ao Norte até Baticalá, e outra ao Sul até Coulam, fazendo volta ao Norte, quando tornou, soube que Pate Marcar era sahido de Panane com sua Armada, de que era

a *Esta Armada era de cincoenta vélas, das quaes cinco eram galeotas latinas de coxia, que jogavam por proa meias esperas: levava mais de quatrocentas peças d'artilheria, a maior parte dellas de bronze. Os soldados della Armada eram oito mil, mui bem armados com es[illegible] das, arcos, e lanças, e todos os remeiros levavam [illegible] e frechas debaixo dos bancos para pelejar quando fosse necessario.* Diogo do Couto *cap.* 4. *liv.* 2. *Dec.* 5.

era Capitão mór, e levava ſeu irmão Cunhale Marcar [a] por ſegunda peſſoa, e por terceira Ali Abrahem hum valente Capitão d'ElRey de Calecut natural de Panane.

Pate Marcar com grande confiança do poder que levava, paſſou por Cochij, eſtando as noſſas náos tomando carga, com tenção que ſe pudeſſe commetter alguma, de o fazer; mas ellas foram logo provídas de maneira, que não ouſou de chegar a tiro de bombarda dellas. E ſeguindo ſeu caminho para Coulam, achou na ſua barra huma náo noſſa [b] á carga de pimenta. Pate Marcar a commetteo, e rodeando-a com a ſua Armada, a começou a bater. Nicoláo Juſarte, que eſtava por Capitão della, a defendeo mui esforçadamente, deſapparelhou muitos navios dos inimigos; e por remate da peleja foi elle morto de huma bombardada, e Pate Marcar ſe afaſtou da náo polo damno que recebia, e foi continuando ſua viagem; e indo adiante tomou hum navio noſſo que vinha de Ceilam com a carga de canella para as náos que haviam de ir

a *Cunhale Marcá lhe chama* Diogo do Couto.
b *Eſta náo ſe chamava S. Pedro, aquelle anno ſe fez em Cochij para vir ao Reino, e andou na carreira da* [illegible] *vinte* [illegible] *dous annos, e acabou na ribeira de Liſboa ſer-* [illegible] *cabrea; e agora não faz huma náo tres viagens;* [illegible] *he* [illegible] *madeira, tal a fábrica, e taes os Officiaes.* Diogo do Couto *cap. 4. do liv. 2. da 5. Decada.*

ir ao Reino. Deſte navio era Capitão, e Feitor Antonio Barreto, que na peleja morreo, e todos os noſſos que nelle vinham. Além do Cabo de Comorij deo Pate Marcar em hum lugar dos Chriſtãos da terra chamado Tucucurij, que tomou, e deſtruio, matando muita gente. Finalmente correndo aquella coſta de paſſagem, foi fazendo eſtas obras, de que Martim Affonſo de Souſa, que lhe hia no alcance, ſoube, ao qual não pode alcançar áquem do Cabo Comorij. Antes tanto que alli chegou, por ſer no tempo em que naquella paragem curſam os ventos, a que elles chamam Vara de Choromandel, que são contrarios, e mui forçoſos a quem quer ir adiante, foi-lhe neceſſario deixar as ſeis galés, e ir nas fuſtas, e catures, a que os Capitães das galés ſe paſſáram, por ſerem com Martim Affonſo naquelle feito, que hia commetter. Mas não houve então effeito, porque Martim Affonſo como teve o tempo contrario, e ſoube que Pate Marcar não era paſſado a Ceilam, determinou de ir avante até dar com elle, e á força de remo quaſi debaixo da agua correo a coſta até chegar ao porto de Calle já noite, onde dormio.

Naquelle tempo acertou Pate Marcar de eſtar mettido em hum rio detrás delle, e parece que foi logo aviſado d...

ga-

gada de Martim Affonſo, porque quando veio pela manhã, como tinha o vento em ſeu favor, ſe fez á véla ſómente com os traquetes. Martim Affonſo tambem como ſoube de ſua vinda, com as ſuas dezenove vélas a remo, quanto os homens podiam, por o vento lhe ſer contrario, o foi receber. E ſendo huns dos outros obra de meia legua, abaixáram os Mouros os traquetes que traziam, e ſe deixáram eſtar, o que parece fizeram para ver o que os noſſos faziam. Mas como Martim Affonſo deſejava de lhe chegar, mandou que foſſem avante. E vendo Pate Marcar que o hiam demandar, virou as coſtas, e á força de remo, como que algumas couſas lhe eram impedimento, começou alijar ao mar para ſe acolher melhor. Martim Affonſo não deixando o ſeu curſo, remou quatro leguas; e ſendo já noite, tanto avante como o lugar de Tucucurij, o perdeo de viſta, e alli parou, onde teve conſelho ſobre o que fariam. E viſto como deixavam as galés no Cabo de Comorij, e quão mal apercebidos hiam do neceſſario para pelejar, e faltos de mantimentos, e que ſobre tudo as galés corriam riſco de ſerem tomadas, por a pouca gente que nellas ficava, ſe Pate Marcar com Calé tempo que tinha vieſſe dar ſobre ellas aquella noite, acordáram que ſe tornaſ-

ſe para as aſſegurar, e dahi foram a Cochij a aperceber-ſe do que haviam meſter, para tornar ſobre Pate Marcar, e aſſi ſe fez.

CAPITULO XIII.

Como Martim Affonſo de Souſa com quatrocentos Portuguezes pelejou com Pate Marcar, eſtando em terra com ſete mil homens de peleja, e o venceo, e desbaratou, e lhe tomou a Armada, com morte de muitos Mouros.

APercebido Martim Affonſo, tornou com vinte e tres navios de remo, de que eram Capitães elle, Manoel de Souſa de Sepulveda, Martim Correa da Silva, D. Diogo de Almeida, Fernão de Souſa de Tavora, Vaſco Pires de Sampaio, Jorge Barroſo de Almeida, Franciſco de Sá, Franciſco Pereira, Gaſpar de Lemos, João de Mendoça, Jeronymo de Figueiredo, Simão Rangel, Antonio de Lima, Antonio de Souſa, Miguel de Aiala, João de Souſa Rates, Diogo de Mello, Franciſco de Barros, Antonio Mendes de Vaſconcellos, Simão Gallego, Gomes Carvalho, Ruy de Moraes, Ruy Lobo, Franciſco Fernandes o Moricale, Franciſco de Sequeira Malavar, Diogo de Reinoſo; e poſto que de Cochij partio com algumas galés, foi porque

que tenha que fosse recado por terra a Pate Marcar das pequenas embarcações que levavã, mas chegado a Coulam as deixou. Em quanto Martim Affonso foi a Cochij a se aperceber, Pate Marcar parecendo-lhe que se fora por razão do máo tempo, ou porque temia pelejar, foi-se metter em hum porto que chamam Beadalá. A terra deste lugar quer parecer hum dedo pollegar, porque na banda de fóra delle, quasi na primeira juntura, onde elle se adjunta á mão, está a povoação, e da outra parte de dentro se faz huma enseada grande, como a póde figurar quem apertar todos os outros quatro dedos deste pollegar, os quaes fazem a costa que vai ter á ponta, e cabo, a que chamam Canhameira. No fim deste pollegar sobre a unha está fundado hum sumptuoso templo de Gentios, per nome Ramanancor; e he tão delgada a terra deste mar de fóra ao de dentro da enseada, onde está Beadalá, que João Fernandes Correa Capitão que foi da pescaria do aljofar, que se pesca naquella paragem, esteve para cortar aquella terra. E o proveito deste rompimento era ser aquella passagem dalli até Canhameira cheia de muitas ilhetas, restingas, e baixos; e no tempo do vento para a navegação he mui perigosa. E passando per este rompimento que elle queria fazer,

entravam os navios na enseada grande, e com a terra firme que tinha da parte de cima, ficavam mais abrigados, e era melhor navegação, e tambem seria proveitoso para os Capitães da pescaria, que alli andassem.

Pate Marcar, como homem que dalli havia de atravessar á Ilha de Ceilam, que tinha defronte, estava alimpando suas fustas, e as que já tinha espalmado com as popas em terra, e as proas ao mar, entre as quaes se mettia huma corda de baixos ao longo do dedo, que figuramos, de maneira, que não as podiam entrar de mar em fóra senão per huma calheta pegada á povoação, e elle estava aposentado em terra em hum palmar, que corria ao longo do dedo contra o pagode de Ramanancor, e tinha huma tenda armada, e apparato de Principe em seu arraial, em que teria sete mil homens, porque como elle hia áquelle feito de metter de posse do Reino de Ceilam a Madune Pandar, ajuntou todos os Mouros que por aquella costa viviam, que he hum grande formigueiro delles, por razão da pescaria do aljofar, como atrás escrevemos. Martim Affonso com esta Armada ligeira, em que não levava mais que quatrocentos homens d'armas, passou o Cabo de Comorij, sabendo que os inimigos estavam em Beadalá, chegou huma tarde á

en-

entrada de sua barra, onde surgio; e por razão dos baixos que dissemos, e alli não haver Pilotos delles, erráram o canal, e ficáram muitos navios em secco, que foi grande prazer para os Mouros, porque em tornar a sahir tiveram os nossos grande trabalho, por a artilheria que os Mouros tinham em terra, com que os varejavam de maneira, que matáram hum marinheiro na fusta de Martim Affonso.

Sahidos todos dos baixos, ordenou elle com conselho dos Capitães de ir pelejar com os Mouros em terra dentro do palmar onde estavam alojados, e o accommettimento havia de ser ante manhã, e o caminhar com as fustas, e catures havia de ser de noite, que o não sentissem os Mouros. E porque os descuidassem deste lugar, deixou Gaspar de Lemos, e Antonio de Sousa com sete catures no lugar de Beadalá, (por onde elles intentáram a entrada quando encalháram,) e que commettesse entrar por alli com grande estrondo ao tempo que elle mandasse fazer hum sinal per hum tiro de berço. Dada esta ordem a Gaspar de Lemos, e a Antonio de Sousa, como haviam de accommetter esta entrada, para que, acudindo os Mouros áquella parte, Martim Affonso com o pezo da gente lhe désse nas costas pela outra parte da terra; fez elle seu

ca-

caminho com as fuſtas atè o lugar ordenado, e aconteceo, que por deſaſtre, ou deſcuido de hum bombardeiro, foi tirar com hum berço, que ouvio Gáſpar de Lemos, como quem tinha o tento neſte ſinal, que eſperava, o qual foi de ſua morte, porque ſendo mais temporão do que devêra ſer, por ainda não ſer chegado Martim Affonſo ao lugar donde o havia de mandar fazer, commetteo a entrada Gaſpar de Lemos, ſobre o qual acudíram os Mouros, parecendo-lhes que per alli os queriam entrar; e como eram muitos, e Gaſpar de Lemos era cavalleiro de ſua peſſoa, e os que com elle hiam eram deſejoſos de ganhar honra, quando Martim Affonſo já deo per ſua morte, era elle morto, e Antonio de Souſa, e ſeis, ou ſete Portuguezes; mas Martim Affonſo vingou bem a morte delles, ferindo, e matando os Mouros per tão grande eſpaço, que era já alta manhã, e os Mouros como eram muitos pelejavam valentemente ſem mover pé. Franciſco de Sequeira, de nação Malavar, Capitão de hum dos catures, como era natural da terra, e cavalleiro de ſua peſſoa, e homem prudente, e ſabia a condição daquella gente, e o modo de ſua peleja, quando vio que os Mouros não deixavam o campo por mais que matavam nelles, diſſe a Martim Affonſo: *Senhor,*

nhor, se quereis victoria destes Mouros, mandai-lhes pôr fogo ás embarcações, que em quanto as virem, teram esperança de se salvar nellas. Tomando Martim Affonso este conselho, e mandando-o executar, ardêram algumas embarcações, e os Mouros começáram de fugir pela terra dentro, e os nossos a seguir seu alcance, até que de todo deixáram o campo, com que ficou Martim Affonso senhor delle, e da tenda de Pate Marcar, e de tudo o mais que em seu arraial havia. [a] Morrêram dos Mouros, que logo ficáram estirados naquelle sitio, mais de seiscentos, a fóra os feridos, que foram morrer entre os seus. Dos nossos seriam mortos trinta, entre os que morrêram com Gaspar de Lemos, e Antonio de Sousa, sem muitos feridos, por a batalha ser em

[a] *Neste arraial de Pate Marcar se acháram tres Portuguezes carregados de ferros, e muitos escravos de outros Portuguezes, que foram cativos, e huma mulher solteira, que cativáram os Mouros em huma champana com hum seu amigo; e porque era de bom parecer, Pate Marcar trabalhou pola tornar Moura com todas as promessas, e ameaças que pode, até lhe pôr a espada na garganta para a degollar, e mandar arrastar diante della a seu amigo; mas nada bastou para acabar com ella o que desejava, polo que a trazia carregada de ferros, com os quaes andava ella contente, e exhortava de contino aos Christãos cativos a morrer constantemente pola Fé Santa, que professavam: exemplo raro da feminil constancia, digno de tanto maior louvor, quanto se esperava menos do máo estado em que esta mulher andava.* Francisco de Andrade *cap.* 48. *da* 3. *Parte.*

em terra, e os Mouros terem sete mil, e os Portuguezes sómente quatrocentos. [a] Esta batalha foi huma das mais bem pelejadas que se deram na India, a qual succedeo a 15. de Fevereiro do anno de 1538. Como o fogo chegou a queimar vinte e cinco paráos, mandou Martim Affonso apagallo, e foram tomados vinte e tres. Da artilheria se houveram mais de quatrocentas peças, de que as setenta eram de metal, e mil e quinhentas espingardas; e porque este feito foi mui honrado, armou alli Martim Affonso muitos cavalleiros.

[b] Aconteceo nesta jornada hum caso digno de se notar, e foi, que indo-se embarcar Martim Affonso em Cochij para vir em busca de Pate Marcar, atravessou-se diante delle com muitas lagrimas huma mulher, dizendo: *Senhor, por amor de Deos que me tragais meu filho moço de doze annos, per nome Marcos, que está cativo em poder d'aquelle que vós is buscar.* Ao que Martim Affonso respondeo: *Eu espero em Deos de o achar vivo, e tambem de nos dar victória para vo-lo trazer.* E aconteceo que estava este moço na tenda de Pate Marcar,

a *Pate Marcar, e seu irmão, e Ali Abrahem vendo tudo perdido, se mettêram em dous navios ligeiros, em que se salváram.* Diogo do Couto *no cap.* 4. *do liv.* 4. *da* 5 *Decada.*

b Diogo do Couto *nos cap.* 4. *e* 5. *do mesmo livro.*

car, e o trouxe Martim Affonſo, e o entregou depois pela mão a ſua mãi em Cochij.

Entre os deſpojos deſta batalha ſe tomou hum ſombreiro, que o Çamorij mandava ao Madune, o qual Martim Affonſo enviou de preſente a ElRey de Cochij per Miguel de Aiala, a quem ordenou que de Cochij paſſaſſe a Dio com cartas para o Governador, em que lhe dava relação daquella victoria. Miguel de Aiala chegou a Cochij, apreſentou a ElRey o ſombreiro, que eſtimou muito, e muito mais as novas da victoria, que tanto foi feſtejada naquella Cidade, quanto lamentada no Malavar. Partio logo Miguel de Aiala de Cochij para Dio, e perto de Challe encontrou huma galeota de Malavares, que o inveſtíram, lançando-lhe gente no ſeu catur, em que não levava mais que quinze ſoldados, os quaes de tal maneira pelejáram com os Mouros, que ſendo elles mais de duzentos, depois de durar a briga todo o dia, houve tamanho eſtrago de ambas as partes, que huns, e outros ficáram eſtirados nos navios, ou mortos, ou feridos. Os marinheiros do noſſo catur deram á véla, tomáram Cananor, onde deſembarcáram os mortos para lhe dárem ſepultura, e os vivos, que não eram mais de cinco, com Miguel de Aia-

la,

la, para os curarem. O Capitão de Cananor eſpedio o catur com as cartas de Martim Affonſo para o Governador, que feſtejou muito as novas della, e pelo meſmo catur eſcreveo a Martim Affonſo, e aos Fidalgos da ſua companhia, dando-lhes os parabens da victoria, e os louvores que ella merecia.

CAPITULO XIV.

De outras victorias, que Martim Affonſo de Souſa houvera na coſta do Malavar.

VIctorioſo Martim Affonſo de Souſa, partio daquelle lugar de Beadalá, e veio a Tucucurij, onde eſtava o Feitor Portuguez da Feitoria do aljofar, e dalli mandou a Cochij a maior parte dos navios que tomou com o deſpojo que houve da artilheria, munições, e cativos; e elle com a mais gente ſe paſſou á Ilha de Ceilam, que ſerá de traveſſa vinte e quatro leguas, tudo per baixo, onde ſe faz a peſcaria. Chegado ao porto de Columbo, achou ElRey com o noſſo Feitor, e Portuguezes na ſua fortaleza, a que elles chamam Cota, cercado de Madune Pandar, irmão d'ElRey, que eſtava eſperando a Pate Marcar, e todos com grande alvoroço, quando viram noſſas vélas, cuidando ſerem as ſuas, mas cer-

certificados da verdade, deixáram logo o cerco que tinham posto, e se recolhêram para huma serra, onde se Madune fez forte, temendo que os Portuguezes o fossem buscar. [a] ElRey com muito prazer recebeo os nossos, quando conheceo que hiam em sua ajuda, o que logo se vio no gazalhado que mostrou a todos, e no recebimento que fez a Martim Affonso. Os dias que o alli teve, o banqueteou per hum novo modo segundo sua usança, que foi servir-se á meza de mulheres derreadas todas pelos lombos, para que andando assi mais baixas pareçam mais humildes, e reverentes em final de cortezia; a tanto chega a ambição de hum homem, que se honra de males alheios. Martim Affonso offereceo sua Armada a ElRey, e lhe deo conta da destruição de Pate Marcar, e que a nenhuma outra cousa partio de Cochij, senão a tirar-lhe aquelle trabalho, em que o tinham posto naquelle cerco. ElRey por mostrar o contentamento que tinha daquelle successo, que Martim Affonso por o ajudar tivera, lhe deo peças, e joias, e a todos os Capitães, e lhe mandou dar vinte mil cruzados [b] emprestados, pa-

a. *Escreve* Diogo do Couto, *que sabendo Madune Pandar do desbarato de Pate Marcar, e chegada da nossa Armada a Columbo, mandára pedir pazes a ElRey seu irmão, que lhas concedeo.*

b. *Quarenta mil, diz* Diogo do Couto.

para ajuda de pagar o ſoldo á gente que levava, e com muitas palavras de grande obrigação. Martim Affonſo ſe deſpedio delle, e partio para Cochij, onde chegou, com haver dado tão glorioſo fim áquella empreza.

E por ter nova, que muitos paráos de Calecut eram idos a carregar de mantimentos a Mangalor, e Braçalor, determinou de não deſcançar até ir acabar de deſinçar aquella ladroeira de paráos, e totalmente lhes tolher a navegação; e por não ſer viſto dos da terra, que podiam dar aviſo aos que hia buſcar, paſſou per Chale, e Cananor ao mar delles; e ſendo tanto avante como entre o monte Delij, e Formoſo, apparecêram ſeis paráos, de que tomou quatro, e hum dos dous que eſcapáram foi dar com João de Souſa, que vinha detrás em huma fuſta, o qual tambem foi poſto no eſtado dos outros. A maior parte dos Mouros morrêram á ponta da eſpada, e outros ſe lançáram ao mar, e delles ſe entregáram a cativeiro. Seguindo mais adiante, ao outro dia em amanhecendo ao monte Delij, viéram dar com elle dezeſete paráos, os quaes enganados com alguns dos ſeus paráos, que Martim Affonſo tomou, parecendo-lhe que eram de ſua gente, foram-ſe metter entre elles; mas como ſentíram o engano, empegá-

gáram-se no mar, por Martim Affonso se metter entre elles, e a terra, por se não acolherem a ella.; mas isto lhes não valeo, antes foi causa de maior destruição sua, posto que com algum sangue dos nossos; porque vendo elles que o seu braço os havia de salvar, e não tinham modo para se acolherem, e vararem em terra, pelejáram tão valentemente, que morrêram alguns dos nossos, e foram muitos feridos; mas elles foram quasi todos perdidos, huns mortos a ferro, outros affogados no mar, onde se lançáram, e muitos foram cativos. E ao outro dia pelo mesmo modo tomou seis, e huma náo carregada de mantimentos, em que matou grande número daquelles Mouros, por castigo dos de Cananor, que favoreciam estes, e armavam com elles. E por os mais assombrar, sendo tomado hum Mouro honrado naquella peleja, que era mui aparentado, e davam por elle seis mil pardáos, não os quiz acceitar Martim Affonso, e o mandou enforcar, havendo que a serviço d'ElRey, e honra de Portuguezes convinha mais o castigo de hum máo homem, que todo o dinheiro que podia dar por si.

Em Cananor se deteve Martim Affonso de Sousa alguns dias, por não ter novas de mais paráos inimigos; e tanto que al-

alguns dos ſeus ſoldados feridos foram sãos, partio dalli para ir invernar a Cochij, e no caminho lhe foi dada huma carta do Governador Nuno da Cunha, (que já eſtava em Goa, da volta de Dio,) perque lhe fazia ſaber, que eram chegados Turcos com huma groſſa Armada áquella Cidade. Com eſta nova deixou Martim Affonſo hum galeão, em que hia, (que elle mandára fazer para ir nelle eſperar as náos de Méca,) e ſe metteo em hum catur do Meirinho da ſua Armada, e com os navios de remo, com toda a diligencia que lhe foi poſſivel, á véla, e remo tomou o caminho para Goa, no qual encontrou hum galeão da Armada dos Turcos, (que ſe apartou della com o temporal, com que ſe apartáram outros navios,) ſobre o qual arribou Martim Affonſo, e de tal maneira ſe vio acoſſado o galeão daquella cachorrada de catures, que ainda que parecia hum leão bravo entre elles, em artilheria, armas, e número de gente, foi tamanho o temor nos Turcos, que deram com o galeão á coſta, e ſe acolhêram a terra, e delle ſe carregáram os catures, e navios de remo de muita fazenda, que lhe acháram. Eſtas victorias que neſtes annos houve Martim Affonſo de Souſa, ainda que então foram grandes, parecêram ao diante muito maior, por deſtruir com ellas
as

as Armadas de Calecut, em que se matáram tantos dos inimigos, que se foram crescendo pelo tempo, ou estiveram inteiros quando os Turcos vieram a Dio, ellas fizeram tanto damno aos Portuguezes, que a costa do Malavar se não pudéra navegar, e as nossas náos corrêram muito risco de serem tomadas; e ainda que não fizeram mais que ajuntar-se aquellas Armadas á do Turco, fora muito grande damno para os nossos.

CAPITULO XV.

Como D. Manoel de Menezes foi prezo em Xael, e da causa porque ElRey o prendeo: e do mais que succedeo em seu livramento.

ANtes que Nuno da Cunha partisse de Goa para Dio, veio alli hum Mouro chamado Abedelá messageiro d'ElRey de Xael, que trazia dous Portuguezes dos que estavam cativos em seu poder com D. Manoel de Menezes filho bastardo de D. Tello, ao qual Abedelá Nuno da Cunha levou comsigo até Dio para o despachar. Este messageiro veio a pedir pazes da parte de seu Rey, e desculpallo do cativeiro, em que tinha a D. Manoel, de cuja prizão foi este o fundamento.

Como todos os annos os Mouros da In-

India em nosso odio levantam huma nova com que nos ameaçam, que he fazer-se Armada de Rumes no mar Roxo; os Governadores ordinariamente, além de outras intelligencias que tem per pessoas particulares, sempre mandam, ora Armadas grossas como as passadas que escrevemos, ora dous, ou tres navios de remo, como espias para entrarem dentro das portas do Estreito, e tomarem alguem per quem saibam o que lá vai; e a fim de ter noticia destas cousas, mandou Nuno da Cunha a Manoel Rodrigues Coutinho no anno de 1535. com tres catures, dando-lhe por regimento o que havia de fazer; e que da costa de Fartaque espedisse hum dos catures, de que era Capitão hum que se chamava de alcunha o Artilheiro, o qual fosse ao Xeque de Çocotorá, e lhe pedisse o que devia de huma náo que se hi perdêra; e que tambem lhe encommendasse os Christãos da Ilha, porque ElRey D. João de Portugal seu Senho lhe escrevêra sobre isso, e que o mesmo escrevesse a ElRey de Fartaque, que o mandasse assi áquelle seu Xeque, pois mostrava querer amizade com os Portuguezes. Tornando Manoel Rodrigues do Estreito já no fim de Maio daquelle anno, por os tempos serem mui verdes, e não poder ir invernar a Ormuz, como lhe ordenára o Gover-

ver-

vernador, ficou em Xael, onde recebeo d'ElRey muita honra, porque não sómente á sua pessoa, mas ainda a todos, que foram com elle, fez gazalhado, e lhe mandou varar os catures em terra, e serem vigiados, temendo que de noite os Mouros Baduijs, que he gente vil do campo, lhe viessem pôr fogo; e passados dous mezes e meio já meado de Agosto, Manoel Rodrigues se partio, mandando ElRey com elle hum messageiro, e hum presente de seis cavallos, e outras cousas da terra a Nuno da Cunha, pedindo-lhe houvesse por bem de lhe dar paz, porque desejava muito de a ter com elle, e com todos os Portuguezes, e que para assentar esta paz mandasse lá huma pessoa honrada com seu poder para a jurar com elle.

Chegado á India Manoel Rodrigues com este messageiro em Novembro, foi logo sabido da vinda delle, e do Embaixador que levava, e o que ElRey de Xael pedia, e desejava; e porque os homens estavam desejosos de navegar contra aquellas partes por razão de fazerem seus proveitos, sem licença do Governador, mas escondidamente, como cada hum podia, foram-se alguns áquelle porto de Xael mais a damnar a si, e a outros, que a fazer seu proveito; porque nos homens, que per cubiça entra a

 des-

desobediencia de seu Capitão, e que tem mais respeito a ella, que á verdade, e fé que devem, logo ficam postos em caminho de commetter toda maldade; e o primeiro que a commetteo, e errou contra ElRey de Xael, foi o Capitão artilheiro, por lhe pagar o bom gazalhado que delle recebêra. O qual espedido de Manoel Rodrigues Coutinho, foi-se lançar em huns ilheos, que são de Xael obra de doze leguas, a esperar os navios que sahiam do Estreito, e fazer nelles preza, deixando o caminho de Çoçotorá, onde Manoel Rodrigues o mandava, ao que assima dissemos. Estando elle hi esperando a preza, veio ter com elle huma galveta, em que vinha hum primo d'ElRey de Xael, e hum seu Feitor, e outro Mouro honrado, aos quaes o Artilheiro roubou, e deo tormentos fortes, pendurando-os per partes deshonestas a fim que mostrassem o que traziam; e depois de roubados, e atormentados, os veio lançar em terra junto de Xael, os quaes se foram apresentar a ElRey com os sinaes de seus tormentos, do que elle ficou mui escandalizado, mais por as injurias que fizeram aos seus, que por a quantia da fazenda perdida, e se queixou muito de Manoel Rodrigues cumprir com elle tão mal sua palavra; porque sabendo elle como dalli havia de despedir aquel-

aquelle catur para ir a Çocotorá, temendo que este catur quizesse fazer algumas prezas, pedindo-lhe que não fosse na sua costa, e tambem que não fosse naquelles ilheos, porque esperava aquella galveta, que tinha mandado ao Estreito, por ser lugar que todos os que vem daquellas partes o vem demandar, por estarem seguros de boa navegação.

A este queixume succedeo logo occasião de outro, causado per hum navio de Gonçalo Vaz, que partio de Baticalá furtado do Governador, e (segundo diziam) com alguma pimenta, o qual não se contentando de ir com suas mercadorias junto de Xael, topou huma náo carregada de outras, das quaes a maior parte eram de Mouros de Fartaque, e de Xael, e tomada, veio alli a vender tudo, o que ElRey soffreo com paciencia por ter Embaixador seu com Nuno da Cunha, e tambem porque já a este tempo eram tantos os Portuguezes em seu porto, e importavam-lhe tanto os direitos que pagavam de suas mercadorias, que dissimulava a injúria, e damno, que recebiam seus vassallos, posto que se queixavam a elle. Sobre tudo isto, hum Alvaro Madeira, que andava levantado no rio Sinde com alguns companheiros, vindo alli ter, foi aposentado em casa de hum Mouro hon-

rado, e casado; e parece que não se contentando de entender com huma manceba do Mouro, e depois com sua mulher, ainda sobre isso o espancou, por se ir queixar a ElRey; e vendo o Mouro como ElRey isto dissimulava, deixou a casa de todo a Alvaro Madeira. Accrescentou-se mais a estas offensas, que indo hum dia ElRey folgar em casa de hum fuão Godinho Portuguez, por ser homem dado a prazer, e a banquetes, entre algumas palavras, que sobre cêa teve com ElRey, lhe chamou bebado. E posto que ElRey algum tanto estivesse alegre com o vinho, não estava tão fóra de juizo, que não soubesse conhecer, e dissimular aquella offensa; e despedido delle se foi para sua casa com a palavra injuriosa no peito. Succedeo além de tudo isto, que huns quatorze Portuguezes, que andavam levantados na costa do Cabo de Guardafú, tomáram huma náo de gente conhecida do mesmo Rey, e vieram vender a náo com toda a mercadoria ao porto de Xael; e andando em pregão, lançou ElRey nella, e sobre elle lançou hum Araujo Portuguez, que alli estava havia muitos dias. Este tinha tanto credito entre os Portuguezes, que per sua mão faziam muita fazenda, e era entre elles, e os Mouros chamado Feitor. ElRey parecendo-lhe

aquil-

aquillo desacato seu, disse ao Araujo, que elle era senhor daquella terra, e quando elle entendia em alguma cousa, que ninguem ousava de olhar para ella, e que sua tenção em lançar em aquella náo não era para fazer fazenda, mas ganhar amigos, porque a queria comprar para a restituir a seus donos por aquelle preço, por serem homens de que tinha conhecimento; e que pois elle Araujo pretendia ganhar, lhe daria quinhentos cruzados, que lhe logo mandou dar em ouro de moeda Veneciana, para que desistisse da náo. Outras muitas cousas escandalosas fizeram alguns Portuguezes, que alli andavam, as quaes ElRey, como homem mais prudente que accelerado, guardava em seu peito até vir resposta do que per seu messageiro mandára dizer a Nuno da Cunha.

Não tardou a resposta muito tempo, porque logo com o mesmo messageiro mandou o Governador em hum galeão D. Manoel de Menezes com setenta homens, ao qual deo commissão para assentar pazes com ElRey D. Manoel, que estava innocente do que os Portuguezes tinham feito em offensa d'ElRey, folgou muito de achar naquella terra estranha sessenta seus naturaes, que nella andavam com muita liberdade, parecendo-lhe que com elles ficava mais seguro.

ro. Com a chegada de D. Manoel se mostrou ElRey mui contente, e o mandou visitar ao galeão com muitos carneiros, e frutas da terra. Ao segundo dia, para assentarem as capitulações, e concerto das pazes, sahio D. Manoel em terra, e foi apresentado em humas casas das melhores da Cidade, e dahi a tres dias fez com ElRey seu assento segundo os apontamentos que trazia. Feito isto, hum Domingo pela manhã, querendo-se D. Manoel recolher ao seu galeão, mandou-lhe ElRey dizer, que elle tinha informação que alguns Mouros Baduijs do campo estavam para entrar nos arrabaldes da Cidade, e roubar huma cafila que alli era vinda; que lhe pedia muito que dos Portuguezes que tinha comsigo lhe mandasse lá vinte espingardeiros para defenderem aquella cafila. D. Manoel como estava para se embarcar, e tambem porque lhe disseram os seus, que ao redor de suas casas se ajuntavam mais Mouros que os outros dias, escusou-se dos espingardeiros, e mui á pressa mandou que lhe trouxessem o batel do galeão, e que não viessem nelle marinheiros Arabios, senão todos Portuguezes. Mas como a malicia estava já determinada, a primeira cousa que os Mouros fizeram, foi acudir á praia a tomar o batel, e hum bargantim que hi estava dos alevan-

ta-

tados, e depois deram na Cidade pelas casas, e pelas ruas, onde achavam Portuguezes matando nelles á sua vontade, no qual insulto morrêram trinta e cinco. D. Manoel ouvindo a revolta, querendo sahir, era já cercado, e começáram de o combater, e pelejáram desde pela manhã até huma hora de Sol, em que matáram cinco Portuguezes; e porque os Mouros os achavam duros de entrar, trouxeram certas peças de artilheria para atirar á casa, na qual havia pouca defensão, porque as casas eram de adobes. Em toda esta revolta nunca ElRey appareceo, e o assestar das bombardas mais parece que foi para terror dos nossos, para que cedessem, que para outro fim, porque a vontade d'ElRey não era senão havellos vivos á mão, porque logo a este tempo mandou dizer ao Capitão que lhe fosse fallar, porque queria praticar com elle algumas cousas sobre a paz que tinha assentada; e que para seguramente o poder fazer, lhe mandaria duas, ou tres pessoas das principaes, que estivessem em arrefens com os [illegible], até elle vir á Mesquita onde o esperava. Havendo precedido sobre isto muitos recados de parte a parte, trouxeram os Mouros [illegible] e entregues aos Portuguezes: Foi Dom Manoel á Mesquita onde ElRey estava, o qual se começou de desculpar, dizendo, que aquel-

aquelle caſo fora furia do povo, por quanto nelle havia muita gente, que tinha recebidas muitas injúrias, e damnos d'alguns Portuguezes que alli eſtavam; e para mais juſtificação ſua, começou a propôr, e contar as couſas de que atrás fizemos menção; e diſſe, que pois já o máo recado era feito, e que os mortos que houvera de parte a parte parecia ſatisfazerem parte das culpas commettidas, que elle não queria que hum bem tão principal, como era a paz, e amizade que eſtava contratada, ficaſſe quebrada, mas que outra vez de novo ſe tornaſſe a ratificar, e reformar; porque elle jurava por o Moçafo da ſua lei, em que punha as manos, que nenhuma couſa mais deſejava que a paz dos Portuguezes; e que iſto era o que queria, e outra couſa não. D. Manoel lhe reſpondeo, que elle era ignorante de todas aquellas couſas que lhe contára, e que na verdade ſe as elle ſoubera, antes que com elle trataſſe a paz a que era vindo, primeiro houvera de tratar do caſtigo, que havia de dar áquelles culpados; porque elle trazia poderes do Governador para caſtigar malfeitores; e em quanto iſto não fizera, não ouſára de confiar ſua peſſoa de gente eſcandalizada, e deſejoſa de vingança; mas que como vio os culpados de que ſe elles queixavam eſtarem na meſ-

ma

ma terra, de quem podiam tomar vingança antes de ſua vinda, que temor podia elle ter, pois era chamado a bem de paz, e não de guerra? E pois o negocio eſtava naquelle eſtado, elle não ſabia mais que notificar-lhe, que a Nação Portugueza muito mais temia fazer huma couſa contra ſua honra, que contra a vida; e que ſe lhe a elle parecia, que por os ter cercados, e poſtos em perigo, havia com elles de tratar de pazes menos do que tinha aſſentado, podia eſtar ſeguro que elle o não faria; e que havia de eſtar em ſua liberdade para as poder fazer, e não da maneira que elle eſtava. ElRey lhe reſpondeo, que elle dizia mui bem, e que aſſi queria que foſſe, e elle ſe tornaſſe para onde eſtavam os ſeus, e praticaſſe com elles niſto que lhe dizia, porque por ſua livre vontade queria que de novo aſſentaſſem as pazes, pois as paſſadas por aquelles inſultos dos ſeus eram quebradas.

Deſpedido D. Manoel d'ElRey, e os ſeus, que eſtavam em arrefens tornados, houve grande confusão entre os Portuguezes, porque D. Manoel temendo o que depois ſuccedeo, dizia, que ou pelejando livraſſem ſuas peſſoas, ou acabaſſem de todo. Os mais daquelles, que eram alli vindos buſcar fazenda, e não honra, diziam que o melhor era

era ſalvarem huma vez as vidas, que o mais era trato de mercadoria, que em huma parte ſe perde, e em outra ſe ganha; e quando ElRey lhe mantiveſſe tão pouca fé, que os cativaſſe, que parentes, e amigos tinham na India para os reſgatarem; e os que mais inſiſtiam em não pelejar, eram os caſados na India. Finalmente D. Manoel conſentio no que lhe ElRey mandou dizer, que elle com todos os Portuguezes foſſe aos ſeus paços, para de novo publicamente aſſentarem as pazes, onde elle mandava, que os principaes foſſem preſentes para ſatisfazer a ſeu povo, e o aquietar daquella indignação que tinham. Vindo D. Manoel, tanto que entrou em hum grande terreiro das caſas d'ElRey, com a gente que levava, que ſeriam ſetenta homens, ElRey lhe mandou dizer, que elle ſómente com huma peſſoa, que elle quizeſſe, ſubiſſe a huma caſa, onde o eſperava, e que os outros aguardaſſem até elle os mandar ir. Ao que D. Manoel ſatisfez, ſubindo a huma caſa, em que ElRey eſtava, e elle mandou levantar hum ſeu parente que tinha ácerca de ſi, e em ſeu lugar fez aſſentar a D. Manoel; e praticando com elle o damno que os Portuguezes tinham feito, lhe moſtrou o ſeu parente, e criado a que o Artilheiro roubára, e atormentára, dizendo, que fazer pa-

zes

zes verdadeiramente elle o desejava, porém que não sabia se o Governador haveria por firme o que alli tratassem, porque por elle D. Manoel estar em estado de cativo mais que de livre, não pareciam valiosas as pazes, polo que era necessario que elle, e todos os seus estivessem alli, até elle mandar notificar ao Governador a causa de os reter; e por quanto os que estavam no galeão, e nos navios dos Chatijs que alli eram vindos, podiam fazer algum nojo á Cidade com sua artilheria, sabendo como elles estavam reteudos, lhe rogava, que lhes escrevesse, que se fossem em boa hora, sem atirar com a artilheria á Cidade, e que na sua costa não fizessem algum damno. Ao que D. Manuel respondeo, que elle em sua liberdade era Capitão daquella gente, e lhe obedecia; mas que no estado de cativo, em que o elle tinha, não cresse que elles fariam senão o que quizessem, e não o que lhes elle mandasse; porém pois alli estava faria o que lhe mandava, e pedio papel, e tinta, e fez duas cartas, huma para a gente do mar do galeão, e dos outros navios, e outra para Nuno da Cunha, dando-lhe conta do estado em que ficava, e das causas per onde a elle viera, as quaes cartas ElRey mandou que lhe lessem. Os que ficáram em baixo no patio, quando víram D.

D. Manoel prezo, por o que elles tinham feito, e que o tempo não dava á outra cousa remedio, entregáram-se com esperança de sahirem dalli com elle, os quaes poucos, e poucos foram logo postos a bom recado. A gente do galeão, e dos outros navios vendo a carta de D. Manoel, por não serem causa de maior mal, pacificamente se partíram caminho da India. ElRey porque de nenhum dos cativos estava mais escandalizado que do Godinho, que lhe chamou bebado, ante si o mandou descabeçar per hum seu escravo. Dos outros que ficáram, os trinta e quatro mandou de presente ao Turco com offerta de sua pessoa, por a nova de sua Armada que se fazia em Suez, vendo que por o que fizera a Dom Manoel ficava posto em odio com os Portuguezes, e com o presente ficaria mettido na graça do Turco. Entre estes cativos que mandou foi o Alvaro Madeira, o qual fugio de Constantinopla, e veio a este Reino no anno de 1536., e deo a ElRey nova da Armada que o Turco fazia em Suez para mandar á India, como adiante diremos.

CAPITULO XVI.

Do que Nuno da Cunha assentou com o messageiro d'ElRey de Xael sobre as pazes que pedia: e como mandou a D. Fernando de Lima, que hia por Capitão a Ormuz, que fosse por Xael tirar a D. Manoel de Menezes do cativeiro.

DE todas estas cousas, que eram passadas em Xael, Nuno da Cunha tinha informação; e porque a prizão de D. Manoel procedeo dellas, as dissimulou, e como foi em Dio, aonde trouxe o messageiro d'ElRey de Xael, assentou com elle pazes com estas condições:

Que ElRey de Xael entregaria logo D. Manoel, e os Portuguezes que com elle estavam, e todos os seus escravos; e pagaria a perda de sua fazenda per esta maneira. Que Nuno da Cunha mandaria a Xael hum Feitor, e hum Escrivão; e os direitos que as partes houvessem de pagar na alfandega se fariam em tres terços, hum delles para pagamento destas fazendas, outro para ElRey de Portugal, e o outro para ElRey de Xael; e que este Feitor, e Escrivão dariam cartazes para navegarem as náos seguramente com suas mercadorias; e que em signal de pareas, El-

Rey

Rey de Xael daria em cada hum anno a ElRey de Portugal cem quintaes de Cifa, (que he azeite de peixe,) para os seus armazens da India; e que Nuno da Cunha lhe mandaria entregar dous Mouros honrados naturaes de Xael, que foram prezos em Ormuz, como represalia, por causa de D. Manoel; e assi daria favor, e seguro aos navios, que fossem achados na costa do seu Reyno dentro dos limites nomeados.

Feito este contrato, porque D. Fernando de Lima filho de Diogo Lopes de Lima, que alli estava, e viera de Portugal na Armada do anno passado, hia para Ormuz a servir de Capitão daquella fortaleza [a], ordenou Nuno da Cunha, que fosse por Xael a ver jurar ElRey este assento das pazes, e receber entrega de D. Manoel de Menezes, e dos outros Portuguezes. Chegan-

[a] *Estava neste tempo D. Pedro de Castell-branco por Capitão de Ormuz, donde mandáram a Dio ao Governador Capitulos de grandes queixas contra D. Pedro, as quaes eram de qualidade, que pareceo necessario a Nuno da Cunha para quietação da terra mandallo tirar da fortaleza, ao que enviou a Ormuz o Doutor Pero Fernandes Ouvidor geral, que o suspendeo do cargo, e o mandou prezo á India; e com esta occasião deo o Governador a Capitania de Ormuz a D. Fernando, que elle não possuio mais de tres mezes, falecendo nella de humas febres, com grande sentimento de todos, pelas muitas partes de que D. Fernando era ornado.* Diogo do Couto *capitulos 6. e 8. do liv. 2. da 5. Decada.*

gando D. Fernando a Xael, foi recebido d'ElRey com muita honra, e cumprio com elle tudo o que ſeu Embaixador contratou, e deo-lhe dous cavallos; e além de entregar D. Manoel, e todos os que com elle eſtavam, que em hum navio ſe foram para a India, entregou-lhe certa fazenda que hi tinha João de Sant-Iago, a que chamavam Franguechan, por ſaber que já era morto. E paſſando D. Fernando per Caxen, lhe entregou tambem ElRey outra pouca de fazenda do meſmo Sant-Iago, que ahi fora ter em hum zambuco, tudo por aprazer a Nuno da Cunha, e deſejar ſua amizade, e dos Portuguezes, e aſſentou tambem pazes com D. Fernando. E por eſtes Reys comprazerem a Nuno da Cunha, lhe mandáram novas, como não havia entre elles noticia alguma dos Rumes virem á India aquelle anno.

Chegado D. Fernando de Lima a Ormuz, eſcreveo a Nuno da Cunha o ſucceſſo de ſua viagem, e como de Baſçorá havia vinte e tres dias que era chegado hum Bartholomeu Rodrigues, que lá mandára D. Pedro de Caſtello-branco a ſaber novas dos Rumes, e conformava o que dizia com o que lhe diſſeram os Reys de Xael, e de Caxen; e a fóra os aviſos que eſtes Reys mandáram a Nuno da Cunha, os teve de

ou-

outros muitos, como foi d'ElRey de Dofar, os quaes todos tratavam de o grangear; porque como viam ElRey de Cambaya morto, e Dio em poder de Portuguezes, e todos os Arabios viviam do trato, que naquella Cidade tinham, competiam huns com outros á qual o obrigaria com maiores beneficios, por o favor que pretendiam para ſuas navegações; mas Nuno da Cunha, ainda que aquella nova vinha per tantas vias, e não ſó per Mouros, mas per alguns Portuguezes, e lhe parecia que aquelle anno não viriam Rumes, com tudo para ſegurança da fortaleza, deixou começada a grande ciſterna que nella ha [a], e mandou fundar hum baluarte na Villa dos Rumes [b], e derribar a maior parte della, por ſer

a Eſta ciſterna he de tres naves, tem vinte e cinco palmos de alto, e tão capaz, que cada palmo da ſua altura recolhe mil pipas d'agua. Diogo do Couto cap. 3. liv. 2. Dec. 5.

b Deſte baluarte deo o Governador a Capitania a Franciſco Pacheco.

O baluarte do mar proveo de artilheria, e munições, e nelle poz por Capitão a Antonio de Souſa Coutinho com trinta ſoldados.

A Capitania mór da Armada, que deixava no rio, deo a Franciſco de Gouvea, e Alcaidaria mór da fortaleza a Paio Rodrigues de Araujo, e a Feitoria a Antonio da Veiga; e os Fidalgos, e Capitães, que deixou com Antonio da Silveira, foram Lopo de Souſa Coutinho, Gonçalo Falcão, Luiz Rodrigues de Carvalho, Gaſpar de Souſa, Manoel de Vaſconcellos, e Rodrigo de Proença. Diogo do Couto *cap.* 6.

ser mui perigosa áquella povoação, e sómente deixou algumas casas para os Officiaes que hi haviam de residir, e assi ordenou outras cousas para a defensão da fortaleza, no qual negocio elle levou maior trabalho que no governo, e foraes da terra; e deixando provído tudo o que era necessario, quando veio o mez de Março, que he o principio do inverno, se recolheo para Goa.

Partido Nuno da Cunha, chegou a Dio hum navio, de que era Capitão Fernão de Moraes, que partio deste Reino em Novembro em companhia de outros dous navios, de que eram Capitães Fernão de Castro para ir a Ormuz, e Diogo Lopes de Sousa o Traquinas a Goa, indo assi ordenados para estas fortalezas se proverem, por o aviso que ElRey D. João tinha da Armada do Turco, que estava feita em Suez; a qual nova se soube não sómente por aquelle Alvaro Madeira, que dissemos fugíra para Portugal de Constantinopla, aonde ElRey de Xael o mandára com outros cativos, mas de outras pessoas de credito; do que ElRey avisava a Nuno da Cunha por estes tres Capitães, e que logo para Março mandava fazer huma grossa Armada; e no mesmo mez de Novembro, em que elles partíram, partíram tambem para a India em

dous navios Aleixo de Sousa, e Henrique de Sousa Chichorro seu irmão, filhos de Garcia de Sousa, os quaes foram a Moçambique, de cuja Capitanía hia provído Aleixo de Sousa, porque se receou ElRey que fossem ter a ella algumas galés dos Turcos, e per este modo quiz ter provído tudo; e porque das cousas do Reino de Bengala, sendo de nós mui frequentado, até agora não temos dado noticia, nem do successo de duas Armadas, que Nuno da Cunha mandou áquellas partes, deixando com o fim deste livro as cousas da India, começando no seguinte com as de Bengala, como mais vizinhas que as de Malaca, e Maluco, de que tambem nelle havemos de escrever, por irmos proseguindo nossa natural ordem, e caminho de Oriente.

DECADA QUARTA.
LIVRO IX.
Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITULO I.
Da descripção do Reino de Bengala; e dos costumes da gente delle.

POrque na geral descripção, que em summa fizemos da costa da India na nossa primeira Decada [a], não démos mais noticia do Reino de Bengala, que da dimensão da sua enseada, e da entrada nella do Rio Ganges, (a que os naturaes chamam Ganga,) pareceo-nos que aqui onde haviamos de tratar do que aos nossos aconteceo naquelle Reino, deviamos dar maior noticia delle, e dos costumes das gentes que o habitam. [b] A situação pois do Reino de Bengala he naquella parte, onde o rio Ganges

 ges

a *Liv. 9. cap. 1.*

b *Este cap. estava no caderno de* João de Barros *mui desordenado, trocadas as cousas, e todas fóra de seu lugar, com que ficavam inintelligiveis.*

ges descarrega suas aguas per dous principaes braços no Oceano Oriental, e onde a terra retirando-se mais de suas ondas, faz a grande enseada a que os Geografos chamáram Gangetica, e agora lhe chamamos de Bengala. Nas fozes dos dous braços do Ganges se mettem dous notaveis rios, hum da parte Oriental, e outro da Occidental, ambos limites deste Reino; a hum delles chamam os nossos de Chatigam, por entrar na foz Oriental do Ganges em huma Cidade deste nome, que he a mais célebre, e rica daquelle Reino, por razão de seu porto, no qual concorrem as mercadorias de todo aquelle Oriente. O outro rio entra no braço Occidental do Ganges abaixo de outra Cidade, que se chama Satigam, tambem grande, e nobre, mas menos frequentada que Chatigam, por o porto não ser tão cómmodo para a entrada, e sáhida das náos. O rio de Chatigam nasce nas serranias dos Reinos de Avá, e de Vagarú, e fazendo seu curso do Nordeste para o Sûdueste, devide o Reino de Bengala das terras do Codovascan; e ao longo das correntes deste rio ficam os Reinos de Tipora, e de Bremma Limma, que rodeam Bengala da parte Oriental. Pela do Norte cingem este Reino humas serranias, que o apartam do Reino de Barcunda, nas quaes abrio a natureza o

ca-

caminho áquelle illustre rio Ganges para levar suas aguas ao mar; e nesta abertura, que he no estremo deste Reino, tem o Rey huma fortaleza chamada Gorij para defensão das gentes que habitam aquellas serras, e partes montuosas por onde o rio Ganges sáhe, para que não possam entrar per terra, nem per agua. Voltando estas mesmas serras ao Ponente, apartam os Bengalas dos póvos Patanes, e mais abaixo contra o meio-dia do Reino de Orixá, ficando desta parte entre as serras, e a corrente do rio Ganges as campinas de Bengala. Outro rio, que entra no Ganges abaixo de Satigam, corre pelo Reino de Orixá, e tem suas fontes nas costas da serra, a que os Indios chamam Gate, naquella parte que ella vizinha com Chaul; e por ser este rio grande, e correr per muitas terras, os naturaes á imitação do Ganges, em que se elle mette, chamam-lhe tambem Ganga, e tem suas aguas por santas como as do Ganges. Desta maneira jaz o Reino de Bengala pela sua parte maritima, que he a austral entre os dous rios, este de Satigam ao Ponente, e o de Chatigam ao Oriente, e os dous braços do Ganges, em que elles entram, formam a figura da letra Delta dos Gregos, como fazem todos os rios grandes, que per bocas entram no mar.

To-

Toda a terra entre hum braço, e o outro he dividida em Ilhas, ou Leziras, que eſtam retalhadas com a agua do meſmo Ganges, e dos outros rios grandes, que nelle entram; das quaes começando da foz Oriental, são eſtes os nomes das que vieram á noſſa noticia, Tranqueteá, Sundivá, Ingudiá, Merculij, Guacalan, Tipuriá, Bulnei, Sornagam, Angará, Mularangue, Noldij, Cupitavaz, Pacuculij, Agrapara, e outras muitas. Dentro dos limites com que comprehendemos o Reino de Bengala, eſtam eſtes Reinos a elle ſujeitos, Caor, que vizinha com o Reino Cou, e foi em outro tempo parte delle, e os Bengalas o uſurpáram; e mais abaixo delle contra o mar, o Reino de Comotaij, e outro chamado Cirote, onde ſe fazem todos os capados que vem a Bengala, e vam a outras partes, de que ha grande número. O eſtado de Codavaſcam, (que he hum Principe Mouro grande Senhor, e ſe mette entre Bengala, e o Reino de Arracam,) tambem os Bengalas o contam dentro dos termos do ſeu Reino, e aſſi o de Tipóra; mas como eſtas terras são montuoſas, dizem os Bengalas, que certos ſenhores poderoſos ſe levantáram com ellas contra ElRey de Bengala; e como entre os Tiporitas, e os Bengalas houve ſempre odio, e emulação, como

mo pela maior parte soe haver entre Reinos vizinhos, quando algum delles pretende ser maior que o outro, ou superior, fizeram-se em liga os Tiporitas com os do Reino de Cou, tambem inimigo de Bengalas, com que lhe levantáram a obediencia; e segundo este Reino de Cou he grande, e tem mais gente de cavallo que nenhum de seus vizinhos, e he aspero por as muitas serranias que tem, pudéra por si só conquistar Bengala, quanto mais ajudado dos Tiporitas, que he gente mui bellicosa. Mas como estes dous Reinos amigos, e confederados são Gentios, sem entre si consentirem Mouros, que com artilheria, e artificios de guerra de que usam, tem feito o Reino de Bengala poderoso, vem estes dous Reinos amigos a perder por falta da disciplina militar dos Mouros, que a vieram dominar, o que lhe sobrelevam de esforço, de animo, e valentia. Da outra parte do Ponente contra o Reino de Orixá tem os Bengalas o Reino de Cospetir, cujas campinas no tempo das crescentes do Ganges são cubertas quasi ao modo das do rio Nilo; e porque Bengala a maior parte do tempo contende com dous Reinos vizinhos, com o de Orixá, que he Gentio, e com os Patanes, de que a maior parte são Mouros, ficava aquelle Reino Cospetir trilhado

da

da paſſagem delles quando entravam em Bengala, até que os Patanes totalmente ſe fizeram ſenhores delle, como adiante diremos.

Deſte Reino de Bengala, e de outros quatro ſeus vizinhos, dizem os Gentios, e Mouros daquellas partes, que a cada hum delles deo Deos ſeu particular dom; a Bengala gente de pé ſem número; ao Reino de Orixá elefantes; ao de Biſnagá gente mui deſtra na eſpada, e adarga; ao Reino do Delij muitas Cidades, e povoações; e ao de Cou grande número de cavallos. Aos quaes aſſi nomeados neſta ordem, elles dam eſtoutros nomes, Eſpatij, Gaſpatij, Noropatij, Buapatij, e Coapatij.

A terra de Bengala como jaz entre vinte dous, e vinte ſete gráos da parte do Norte, e a maior parte della he de campos, que ſe regam de quatro rios notaveis, e he retalhada em leziras, (como diſſemos,) toda he mui fertil, não ſómente de arroz, que he ſeu geral mantimento, mas de muitos legumes, hortalizas, e frutas, dellas como as de noſſa Heſpanha, e de outras que cá não temos, que são naturaes áquellas regiões do Oriente: faz-ſe em todo eſte Reino muito, e bom aſſucar, que ſe leva em fardos para outras partes: naſce nelle muita pimenta longa, e he abundante de todo ge-

genero de gado miudo, e grosso, e animaes montezes, e aves de ribeira de toda sorte: criam-se muitos cavallos do tamanho de facas de Inglaterra, e se colhe tanto algodão, e ha tantos Officiaes, que tecem finissimos pannos, que póde dar de vestir com elles a toda Europa; porque não sómente de Malaca por diante, em que ha hum infinito número de Ilhas naquelle arcipelago, mas ainda a toda a India, em cuja costa em todos os lugares fazem infinitos pannos de algodão, por o geral da gente não se vestir de outra cousa, quem se quer vestir de pannos finos os ha de haver de Bengala; e nas cousas de lavores de agulha, e differenças de tecedura, a todas as gentes os Bengalas levam vantagem, como se vê nos lavrados das colchas riquissimas, e de outras cousas que de lá vem.

A gente natural da terra pela mór parte he Gentia, e fraca para pelejar, mas a mais maliciosa, e atreiçoada de todo aquelle Oriente; pelo que para injuriar hum homem em qualquer parte, basta dizer que he hum Bengala; mas tem hum bem este povo, que como he gente que não tem mais de seu, que quanto ganham para comer aquelle dia, nestá pobreza estam mais seguros da vida que os grandes, porque a estes como lhe sentem fazenda, logos lhes acham

hu-

huma culpa, per que lhes he tomada para ElRey, e muitas vezes com ella perdem a vida; e quando morrem naturalmente, ElRey he herdeiro assi do rico, como do pobre. Usa ElRey de outra tyrannia, que como os seus Officiaes da justiça, e da fazenda estam hum pouco de tempo nos officios, e a elle lhe parece que algum está já grosso em fazenda, por qualquer achaque o manda chamar, e a poder de açoutes lhe tira o que póde, e depois lhe vestem huma cabaia, que ElRey lhe manda dar, com a qual vai mais honrado que injuriado com os açoutes, por ser final que fica já reconciliado com ElRey, e que com aquella honra da cabaia lhe manda que torne a servir seu officio, no qual torna de novo a roubar, porque sabe que assi lhe convem para quando vierem outros açoutes.

A principal Cidade deste Reino he chamada Gouro, situada nas correntes do Gange, e dizem ter de comprido tres leguas das nossas, e duzentos mil vizinhos. De huma parte tem o rio por cerca, e da banda da terra hum muro de pedra, e cal mui alto, e na parte onde o rio lhe não chega, tem huma cava cheia d'agua, em que podem nadar grandes batéis. As ruas são largas, e direitas, e as principaes tem arvores postas em ordem ao longo das paredes,

pa-

para fazerem sombra á gente que passa; e como o povo he tanto, são as ruas tão frequentadas com o trafego, e serviço da gente, principalmente as que vam demandar os paços d'ElRey, que não podem nellas romper huns per outros, pelo que os que acertam de cahir entre gente de cavallo, ou de elefantes, em que vam os Senhores, e homens nobres, alli ficam muitas vezes mortos, ou esmagados dos pés das bestas. Grão parte das casas desta Cidade são nobres, e bem lavradas; e a riqueza, e grossura do trato desta Cidade, e de todo o Reino de Bengala era tanto, antes que os Patanes o tomassem, (como adiante diremos,) que dizia Soltam Badur, sendo elle hum Rey dos mais ricos daquelle Oriente, e muito arrogante, que elle era hum, e ElRey de Narsinga dous, e ElRey de Bengala era tres, querendo dizer, que ElRey de Bengala tinha só, quanto elle, e ElRey de Bisnagá tinham juntamente.

CAPITULO II.

Perque maneira os Reys de Bengala vieram a ser Mouros.

EM tempos passados, segundo dizem, haverá cem annos, acertou de vir huma não do Reino de Adem, que está na bo-

boca do Estreito do Mar roxo, ao porto da Cidade de Chatigam, de que vinha por Capitão hum Mouro Arabio homem nobre, e abastado, que trazia comsigo duzentos homens. Vendo este o estado da terra, como sagaz, e curioso, a quem a fortuna chamava para maiores cousas, começou a inquirir o estado do Rey, e do Reino, e seu governo; e como se informou bem de tudo, começou conceber em seu animo maiores esperanças das com que elle veio. Carregada sua náo com o retorno do que trouxera, a tornou a mandar para Adem, deixando-se elle ficar em Bengala em figura de Feitor de parentes ricos que tinha, dissimulando sua intenção; aos quaes mandou a náo, e a fazenda, e lhe escreveo que logo o anno seguinte lhe mandassem outra náo com aquella, e nellas a mais gente que pudesse vir, pelo qual ardil, em tres, ou quatro viagens, dobrando as náos, e a gente, se achou com quinhentos homens; e por elle ser já conhecido dos Mandarijs, que são os Governadores, e havido por homem proveitoso á terra, por os muitos direitos que pagava, era tido como natural. Esta reputação em que estava lhe deo ousadia de se elle ir offerecer a ElRey para huma guerra, que se moveo entre elle, e ElRey de Orixá seu vizinho, o que lhe ElRey acceitou;

tou; mas nesta jornada o Arabio com sua pessoa, e gente que levava, servio de pouco, porque o Capitão geral do exercito, que era Bengala, como homem que se affrontára de lhe ElRey dar o Arabio em maneira de ajuda, não o metteo em cousa tam que elle mostrasse seu animo, e industria, antes se houve este Capitão mór tão desconcertadamente em huma batalha que deo ao inimigo, que perdeo muita gente, e lhe tomáram muitos elefantes, que ElRey muito sentio. O Arabio vendo o modo que este Capitão com elle tinha em o desprezar, e quanto se ElRey enojára da parte daquella batalha, pedio a ElRey que o deixasse ir com a mesma gente, com que o seu Capitão fora desbaratado, porque com ella, e com a pouca Arabia que tinha lhe daria vingança de seus inimigos. ElRey lho concedeo, e elle o fez de maneira, que houve huma grande victoria delles, e lhes tomou dobrados elefantes. Finalmente elle servio naquelle officio da guerra tão bem, que em satisfação disso o fez ElRey Guarda mór de sua pessoa.

Neste officio veio elle a cumprir seu desejo, que foi matar a ElRey, e apoderarse da Casa Real, e do Reino. Polo que tanto que o matou, se deixou estar nos paços, que naquella Cidade de Gouro ElRey

ti-

tinha, que eram maiores que huma grande Villa, e eram a fortaleza da Cidade, em que estavam seus thesouros, suas armas, cavallos, elefantes, mantimentos. Destes paços sahio o novo Rey com seus Arabios, e outros Mouros estrangeiros que recolheo, e com alguns Bengalas que para elle se vieram, e tanta guerra fez aos da Cidade, que se fez Senhor della, e de todo o restante do Reino; e para sua defensão, e conversão daquelle Gentio, mandou vir muita gente de Arabia, pela qual, como se vio Rey pacifico, repartio os Officios, e governo do Reyno como lhe pareceo; e por este modo ficáram os Mouros senhores de Bengala; e este foi o principio de os Reys della virem a ser Mouros, sendo antes elle, e o povo Gentio. Deste tyranno, e dos seus vem todos os Reys, que depois delle succedêram em Bengala, não per successão de pai a filho, porque para succeder no Reino, tem os Bengalas hum cruel, e barbaro costume dos antigos tempos introduzido, que se algum dos servidores d'El-Rey, dos que elle tem naquelles paços, o matar, e estiver tres dias assentado em sua cadeira Real, sem alguem o mover dalli, he Rey sem mais contradição; e a razão que para isso dam, he, que pois Deos sustenta aquelle na cadeira Real aquelles dias, o ap-

o approva por Rey para governar melhor que o passado, que per elle foi morto; e Martim Affonso de Mello Jusarte, por cuja causa viemos contar as cousas de Bengala, dizia, que no tempo que elle estivera naquelle Reino, ouvíra dizer, que em espaço de quarenta annos se fizeram treze Reys per aquelle modo, entre os quaes foi hum escravo seu Abexij de nação, e outro que lhe servia de lhe trazer o andor em que andava; e o que reinava em tempo que Martim Affonso de Mello lá foi, e que o prendeo, (como diremos,) se chamava Mamud Xiah, que na conjunção de sua chegada matára hum seu sobrinho filho de Nancarote Xiah seu irmão, o qual o deixára por tutor do filho á hora de sua morte, por ser de pouca idade; e por parecer a Mamud Xiah que não ficava seguro com a morte do moço, por se assegurar dos grandes do Reino, accrescentando huma maldade á outra, mandou matar mais de duzentos homens, e tomar-lhes as fazendas, das quaes são senhores os Reys daquella terra, não sómente dos que são mortos por culpas, mas dos que morrem sem ellas.

Este tyranno Mamud estava com estas cruezas recolhido na fortaleza daquelles paços de Gouro, como a quem tudo era suspeito; e não tinha cousa de que se fiasse

mais,

mais, que de quatrocentos homens da guarda das portas que havia antes que entrassem a elle, repartidos em quatro Capitanías. Os Capitães desta gente vigiavam a quartos, e todas as noites haviam de ser mudados de maneira, que nenhum havia de saber que porta havia de guardar a noite seguinte senão quando era posto nella. Sómente hum Capado, que tinha cargo das mulheres d'ElRey, que se affirmava serem mais de dez mil, e tinha a porta mais interior onde estava a pessoa d'ElRey, não era mudado della como os outros eram das outras. Este era Capitão de quatrocentos Capados, que havia das portas adentro para serviço das mulheres, os quaes nunca sahiam fóra; e os que fóra hiam, eram moços pequenos tambem Capados. Daquellas mulheres d'ElRey, quatro eram as principaes, e da primeira destas quatro os filhos eram herdeiros. Finalmente o Estado daquelles Reys de Bengala era tão grande naquelle tempo, que haviamos mester muito para poder escrever suas cousas.

E porque a causa que nos moveo escrever o que até aqui dissemos, foi ter este tyranno prezo Martim Affonso de Mello Jusarte na sua Cidade de Gouro; será necessario repetir de longe a razão por que o prendeo, e contar quão proveitoso lhe foi

ter

ter comsigo Martim Affonso já solto; e como elle, e os outros Portuguezes, que com elle foram prezos, livráram a Mamud Xiah da guerra que lhe os Patanes faziam. Em a qual narração se verá, que não houve guerras naquelle Oriente de huns Principes com outros, em que alguns dos nossos se acháram, que a parte, que elles favorecêram, não houvesse victoria de seus inimigos; e tambem se verá em quão breve espaço se trocam os Estados, por grandes que sejam, de huns póvos em outros, quando os Principes delles os possuem com tyrannia.

CAPITULO III.

Como Martim Affonso de Mello foi a El-Rey de Bengala requerer-lhe amizade, e commercio com Portuguezes: e do que sobre isso lhe aconteceo.

ATrás temos dito no segundo Livro desta Decada, como Coge Sabadim Mouro resgatou Martim Affonso de Mello, e seus companheiros do poder do Codavascam, os quaes per hum Coge Sucurulá seu parente mandou á India em huma sua fusta no anno de 1529 a Nuno da Cunha, que já áquelle tempo governava. O que moveo a este Mouro fazer este beneficio foi ter

elle negocio com o Governador Nuno da Cunha, e era este. Como ordinariamente os mais dos annos os Governadores da India mandam a Bengala hum Capitão, a que querem aproveitar com huma Armada, em que entram navios de homnes, que vam áquellas partes fazer commercio, de que este Fidalgo he Capitão mór, e leva jurdição sobre elles, como sobre os navios d'ElRey: deo Lopo Vaz de Sampaio esta Capitanía a Ruy Vaz Pereira, (como atrás dissemos,) que era hum Fidalgo de serviço. Este chegado a Chatigam, que he a Cidade de Bengala, onde concorrem todos os navios que vam tratar áquelle Reino, achou alli ao Mouro Coge Sabadim, que era Parsio de nação, e havia annos que estava naquella Cidade de Chatigam negociando sua fazenda, e de alguns Mouros de Ormuz, e fizera huma galeota á nossa usança, sendo defeza na India polos Governadores, e por ElRey de Bengala no seu Reino, á instancia de Rafael Perestrello, quando alli esteve; e a causa por que se defendiam galeotas na India aos Mouros era porque alguns delles se faziam cossairos, e andavam roubando com os navios da feição dos nossos, e as partes roubadas se queixavam que os Portuguezes os roubavam.

Havendo esta defeza, como Coge Sa-

badim tinha muito favor dos Governadores de Chatigam, por os peitar groſſamente, para bem fazer ſeus negocios, teve em pouco impedir-lhe Ruy Vaz Pereira uſar da galeota, que tinha feito á noſſa uſança; polo que Ruy Vaz lhe tomou hum galeão que no porto tinha carregado. Queixando-ſe diſto Sabadim a Nuno da Cunha, que já governava, e pendendo demanda na India ſobre iſſo, fez o reſgate de Martim Affonſo, e dos mais Portuguezes, por obrigar ao Governador a lhe fazer juſtiça, e mandou juntamente com Martim Affonſo a ſeu parente Coge Sucurulá, para andar na demanda do galeão, (que lhe foi tornado com toda a fazenda,) praticar algumas couſas de importancia com o Governador, além de Martim Affonſo as trazer em lembrança. Eram algumas do ſerviço d'ElRey de Portugal, e outras em beneficio delle Sabadim, para libertar ſua peſſoa da violencia, que os Governadores de Chātigam lhe faziam em o não deixarem ir daquella Cidade para a Perſia ſua terra natural; porque por o muito tempo que eſte Mouro eſteve naquella Cidade, e o grande trato que tinha dalli para Ormuz, enriqueceo tanto, e era ſua eſtada alli tão proveitoſa ás rendas d'ElRey, e a toda a terra, com a entrada, e ſahida das mercadorias em que tratava, que o não

queriam deixar ir para ſua terra, dizendo-lhe, que ElRey o mandava aſſi. Coge Sabadim porque conhecia a natureza dos Bengalas, e a tyrannia d'ElRey, com que lhe tomaria toda a fazenda, e mais que o traziam já prezo per olho que ſe não foſſe; deo conta de tudo a Martim Affonſo de Mello, e de quão aſſombrado vivia, temendo de perder a fazenda, e com ella a vida; e não ſómente lhe deo conta dos deſejos de ſua liberdade, e ſalvação, mas lhe deo muitas razões de quanto cumpria ao ſerviço d'ElRey de Portugal ter alli huma fortaleza, e quão leve ſería de a manter, e defender, e quanto ſerviço elle podia fazer a S. Alteza em Ormuz, ſe o Governador ordenaſſe como pudeſſe ſahir daquelle cativeiro. Finalmente pedia ao Governador mandaſſe Martim Affonſo de Mello a Chatigam com huma Armada a fazer fazenda d'ElRey, para o que elle daria muita ajuda, e na envolta della recolheria ſua fazenda, e ſua peſſoa; e depois que ſe viſſe com elle, daria ordem ao mais que promettia. Nuno da Cunha praticou com Coge Sucurulá todo aquelle negocio, e lhe deo muita eſperança, que como foſſe tempo mandaria Martim Affonſo a Bengala, e aſſi o eſpedio contente com a promeſſa, e com o galeão, e fazenda de ſeu primo.

Nu-

Nuño da Cunha, que estava determinado de executar o que offerecêra a Coge Sabadim per seu primo Sucurulá, se moveo mais per huma carta que lhe ElRey Dom João escreveo, em que lhe encommendava aquelle negocio; porque Martim Affonso querendo gratificar o beneficio que de Sabadim recebêra em o resgatar, escreveo a ElRey nas primeiras náos que a este Reino vieram, e tambem lhe escreveo Coge Sabadim, dando-lhe grandes esperanças de o servir bem naquelle particular, e em outros. Polo que no anno de 1534. mandou Nuno da Cunha a Martim Affonso de Mello (como atrás escrevemos [a]) com duzentos homens, em huma Armada de cinco vélas, de que eram Capitães Christovão de Mello de Sampayo de hum galeão, em que hia Martim Affonso como Capitão mór, e dos outros navios eram Antonio Pacheco, Francisco Bocarro, Antonio Gramaxo, e Antonio Dias; e o regimento, que Martim Affonso levava, era sómente para communicar com Coge Sabadim a vista, sitio, e disposição da terra, e tentar se por ventura ElRey de Bengala daria lugar para se fazer no porto de Chatigam huma casa forte para os Portuguezes assentarem huma Feitoria, e ser azo de terem trato pacifico, e com-

a *No capitulo 22. do livro 4.*

commercio, ſem temor de alevantamentos que havia naquelle porto. Para effeito diſto lhe deo Nuno da Cunha cavallos, e peças ricas para mandar a ElRey de Bengala á ſua Cidade de Gouro, onde continuamente tinha ſua Corte, ao coſtume daquellas terras, onde ſe não vai ante ElRey com as mãos vazias.

Chegado Martim Affonſo ao porto de Chatigam a ſalvamento do mar, parece que na terra lhe eſtavam guardados ſeus perigos de cativeiro, como já naquellas partes tivera; e conforme ao regimento que levava de Nuno da Cunha, ordenou logo de mandar a ElRey as cartas que levava para elle com o preſente, que em aquelle Reino chamam Adiá, onde na offerta dos preſentes ſe tem eſta ordem per coſtume mui antigo. Tanto que algum preſente he levado ante ElRey, elle o manda avaliar pelos preços da terra, e per os meſmos preços ſe paga ás partes de maneira, que qualquer preſente ante ElRey de Bengala he huma commutação de huma couſa por outra; e mais ſe contenta ElRey de lhe ſer apreſentado per eſte modo o melhor que cada hum leva, que ſer-lhe dado de graça, por as partes não eſconderem o bom para o venderem a outrem; e com terem por certo que lho ha ElRey de pagar, não tem re-

ceio

ceio de o apresentarem. O presente que Martim Affonso mandava, eram alguns cavallos formosos, e peças de brocado, e de seda, e outras cousas que se estimavam em Bengala; e para authorizar as cartas, e o presente, ordenou em modo de Embaixador que o levasse hum cavalleiro, que se chamava Duarte de Azevedo, e em sua companhia doze homens, de que estes eram os principaes, João de Villalobos, Lopo Cardoso, Diogo Ferraz, Nuno Fernandes Freire, Jordão de Moraes, e Diogo Cabaço.

Quando chegáram com o presente, não foram tão bem recebidos como elles esperavam, por ser em conjunção que o Mamud tinha morto pouco havia a seu sobrinho, fazendo-se Rey de Bengala; e com temor desta maldade, e da que commettêra na morte dos nobres, estava recolhido em seus paços, e toda a novidade lhe era então suspeitosa; e para maior desdita dos Portuguezes, acertáram a levar no presente certos caixões com barrilinhos d'agua rosada, segundo os Mouros os navegam do Estreito de Méca, e Ormuz, como mercadoria, em que fazem proveito naquellas partes, por os Mouros dellas serem mui deliciosos em cousas de cheiros. Estes caixões foram tomados em huma náo de Mouros per hum Damião Bernardes Por-

tu-

tuguez [a], que andava levantado, e feito cossairo, sem Nuno da Cunha o poder haver á mão; e no proprio porto de Chatigam, onde estava Martim Affonso de Mello, tinha elle tomada huma fusta de hum Turco, (que hi andava em Bengala,) com a qual tinha roubada a náo; e conhecendo este, e os outros Mouros os números, e marcas dos caixões serem de Mouros mercadores, a quem a náo fora tomada, depois d'ElRey ter acceitado o presente, e cartas de Nuno da Cunha, taes cousas disseram ao tyranno Mamud Xiah, que faltou pouco para os mandar matar; e para melhor effectuar seu desejo, o Senhor da fusta roubada, e outros a que muito pezava da paz, e amizade que Nuno da Cunha queria, tomáram por atiçador deste fogo hum Capado chamado Agá Abdelá, o mais acceito que Mamud Xiah tinha, fazendolhe crer muitas suspeitas, de que Mamud se

a Damião Bernardes tendo licença de Nuno da Cunha para ir em hum navio seu tratar a Bengala, se levantou, e fez cossairo. Em Balenacate tomou muitas champanas de Mouros, e Gentios amigos dos Portuguezes; e na Ilha de Negamale huma galeota de Rumes com muita fazenda; e em Chatigam roubou muitos dos seus moradores; e voltando para a India, em seguimento da galeota, que lhe levava Nuno Fernandes Freire, foi prezo em Negapatam, e levado a Goa, onde na cadeia faleceo sentenciado em dez annos para a Ilha de Santa Elena. Fernão Lopes de Castanheda *nos capitulos* 47. *e* 48. *do liv.* 8: *e* Francisco de Andrade *no cap.* 77. *da* 2. *Parte.*

ſe podia temer dos Portuguezes, dizendo, que ſeu officio era eſpiar as terras, e com nome de amigos vinham depois a poder de ferro tomar poſſe do alheio; e que eſſe modo tiveram em Ormuz, e Malaca; e que não era tempo, nem conjunção para ſe fiar delles, eſtando em Chatigam huma Armada ſua, e virem em requerimento de amizade, couſa que até então não tinham feito. Ultimamente ſe os Portuguezes não tiveram alguns Mouros por ſua parte, hum dos quaes era Alfachan, homem que tinha grande authoridade ante ElRey, por ſer Aio, e Meſtre dos moços Fidalgos, que ſerviam ante elle, e aſſi hum Elche Valenciano, que naquellas partes ſe fizera Mouro, os noſſos perdêram as vidas. Mas aſſi neſte primeiro impeto d'ElRey, como no tempo que eſtiveram prezos, ſempre lhes foram bons amigos, principalmente hum Gentio homem virtuoſo moralmente, que como tal era havido entre elles por ſanto, e que diziam ſer de idade de mais de duzentos annos; porque eſte, polo credito que tinha ante ElRey, o deſviou da morte dos Portuguezes, e acabáram com elle que ſe contentaſſe com os prender; e que achando que eram os que lhe diziam, então lhe ficava tempo para os caſtigar; e lhe lembráram que não eſtava em tempo para ganhar ini-

inimigos ; e que o Governador da India era ſenhor do mar, e os Portuguezes eram homens que em breve ſe vingavam de quem lhes fazia damno. ElRey movido com eſtas razões , e com outras , ou por fazer maior preza , ou porque aſſi teria ao Governador da India mais ſujeito a ſeus requerimentos, ſecretamente eſpedio hum ſeu Guazil de muita qualidade, que foſſe a Chatigam , e prendeſſe a Martim Affonſo , e aos principaes que com elle eſtavam; e iſto de modo que não vieſſem ás armas , por ſer gente bellicoſa ; e para que os Portuguezes não foſſem aviſados, mandou, que nem per agua , nem per terra paſſaſſe homem algum para Chatigam; e ſendo achado, foſſe logo prezo; e em quanto eſte Guazil hia , não curou de mandar prender a Duarte de Azevedo, e ſeus companheiros, até lhe vir recado da obra que o Guazil tinha feito.

CAPITULO IV.

Como Martim Affonso de Mello, e os Portuguezes que com elle hiam foram prezos per mandado d'El-Rey de Bengala.

O Guazil d'ElRey de Bengala como foi em Chatigam, fingio que vinha muito de pressa a negociar certas cousas para se logo tornar á Corte donde viera. E acertou, ao tempo de sua chegada, Martim Affonso, e seus companheiros estarem postos em huma affronta com os Officiaes da Alfandega; porque como nella se pagavam por entrada das mercadorias grandes direitos, alguns dos Portuguezes quando desembarcáram sonegáram algumas cousas das que levavam para vender, para não pagarem tantos direitos. O que sabendo os Officiaes, tomaram-lhe toda a fazenda per modo de embargo, até pagarem tudo o que eram obrigados per seu regimento. Sabendo o Guazil deste embaraço, folgou com aquella occasião para entender com os Portuguezes, e Martim Affonso muito mais com sua vinda, parecendo-lhe que por sua intercessão, por ser pessoa tão principal, teria mais favoravel despacho. Sendo aposentado o Guazil, Martim Affonso acompanhado de

mais

mais de cem homens bem ataviados, e armados para paz, e para guerra, o foi visitar de sua chegada. Deste apparato ficou o Guazil confuso, mas com astucia de homem de Bengala lhe mostrou bom rostro; e tocando-lhe Martim Affonso nas differenças que com elle tinham os Officiaes da Alfandega, com boas palavras lhe fez o caso leve, e lhe disse, que se informaria dos Officiaes proprios, e logo o despacharia, porque tambem elle se havia logo de tornar para ElRey. Mas elle foi entretendo o despacho até se aperceber para o feito a que era mandado, e como vio tempo, mandou dizer a Martim Affonso que elle estava de caminho, e tinha seu negocio acabado, que se fosse com seus Capitães, e pessoas principaes a jantar com elle, porque se partia ao outro dia. Martim Affonso não cuidando a traição que se lhe armava, e lembrando-lhe as cartas, e presente que tinha mandado a ElRey, sem receio algum se apercebeo, como homem que hia a hum banquete mais de festa que de guerra, levando sómente as armas que os homens na paz costumam trazer; e acompanhado de quarenta pessoas das mais principaes, se foi a casa do Guazil, onde foram recebidos com tanta festa, e gazalhado, quanto podiam receber de hum parente, ou grande amigo;

e sem

e ſem mais detença ſe aſſentáram a comer em huma varanda terrea, que cercava hum grande patio deſcuberto. Eſtando quaſi no fim do comer, fingio o Guazil que lhe tomava hum accidente, e ſe levantou dizendo, que lhe perdoaſſem, que logo tornava; e os Mouros que eram preſentes per modo de cortezia ſe foram com elle, deixando os Portuguezes ſós. Não tardou muito que per cima das paredes, e partes que cahiam ſobre o patio appareceo grande número de Mouros frécheiros, e eſpingardeiros, que atiravam aos Portuguezes, ſem lhes fallar couſa alguma.

Martim Affonſo vendo-ſe ſobreſaltado, e em tamanho perigo, mandou-lhes perguntar per hum moço que lhe ſervia de lingua, que porque os fréchavam? Ao que elles reſpondêram, que diſſeſſe ao Capitão daquella gente da parte do Guazil, que lhe pagaſſem dez mil pardáos, que lhe tomára o Capitão de Malaca. A iſto replicou Martim Affonſo, que dívidas de dinheiro, ainda que foſſem verdadeiras, não ſe requeriam daquella maneira, e mais a quem ſe vinha metter em caſa de hum homem tão honrado como era o Guazil; e que mal correſpondiam aquellas obras ao que elle vinha áquella Cidade com cartas, e preſentes a ElRey de Bengala ſobre a paz, e amizade

que

que o Governador da India queria ter com elle. A estas palavras lhe foi respondido com muitas espingardadas, com que derribáram a Christovão de Mello sobrinho de Lopo Vaz de Sampayo, Governador que fora da India, que logo morreo. Vendo Martim Affonso morto a Christovão de Mello, disse aos que estavam com elle: *Senhores, mais he isto que dívida de dez mil pardáos; venhamos á verdade, morramos com a espada na mão como cavalleiros, e não com ella na bainha, matemos quem nos quer matar.* E todos juntamente se arremessáram a huma porta do patio, para sahirem per onde entráram; mas estava tudo tão trancado, que não aproveitáram suas forças; e porque estando ahi ficavam mais descubertos para os frécharem, tornáram-se a encantoar no alpendre onde comêram, e nelle matáram ás fréchadas Gonçalo Gomes de Azevedo, Antonio de Mesquita, Antonio Gramaxo, e hum page de Gonçalo Gomes sobre seu Senhor, que querendo-o ir ajudar a levantar quando o vio cahir, o ficou acompanhando na morte. No qual tempo estando já Martim Affonso, e outros mui fréchados, enfraquecêram tanto por o sangue que se lhes hia, que cahíram. E vendo-se tão feridos, e postos ao modo de gado em curral, e que poucos a poucos os

hiam

hiam matando, disse Martim Affonso: *Senhores, aqui não ha outra cavalleria, pois estamos decepados, senão pôr-nos em estado de Christãos, pedindo a Deos perdão de nossos peccados, porque nestes taes casos mais obra a limpeza da alma, que a força de braços, quanto mais que não ha que esperar senão a misericordia de Deos; e primeiro que venhamos ao artigo da morte, em quanto temos alento, e lingua, quero perguntar a esta gente, se quer outra cousa de nós, porque se com dinheiro podemos remir as vidas, leve remissão he, e bem o podemos fazer; e se querem a mesma vida, protestemos morrer como fieis Christãos, e martyres debaixo do ferro destes infieis.* Ditas estas palavras, se puzeram todos em giolhos protestando a Fé, que confessavam, e mandou ao moço, que lhe servia de lingua, que dissesse ao Capitão daquella gente, que fosse perguntar ao Guazil que queria dos que ficavam vivos. O moço tornou com recado do Guazil, dizendo, que a culpa dos mortos fora sua, pois se não quizeram entregar á prizão, e que dos vivos não queria mais que entregarem-se para os levar a ElRey, que os mandava prender, para darem de si razão das culpas que contra elles pediam justiça; porque elle como Rey era obrigado de a fazer a quem lha

pe-

pedia ; e que ſe elles ſe queriam entregar para os levar a ElRey, mandaria ceſſar os tiros , e para iſſo houveſſem ſeu conſelho. Martim Affonſo quando ouvio eſta reſpoſta, diſſe aos que com elle eſtavam: *Parece-me, Senhores, ſer eſta a verdade, que a cauſa do damno que temos recebido, he mais mandado d'ElRey , que a dívida dos dez mil pardáos, que o Guazil dizia dever o Capitão de Malaca, porque por tão pouca couſa não ſe havia de atrever o Guazil fazer tamanho exceſſo , ſenão fora ordem d'ElRey ; e pois aſſi he, que fará dos outros que tem comſigo ? peço-vos que cada hum de vós cuide o que deveis fazer, porque eu não quero tomar ſobre mim a morte alhea, nem ſou tão barbaro que queira morrer como amouco , como eſtes Gentios fazem, pois ſomos aqui vindos por ſerviço d'ElRey Noſſo Senhor, por cujo reſpeito havemos de cortar pola cavalleria , e não pola vida , porque ſegundo entendo, ElRey não quer noſſa morte, ſenão noſſa prizão, para algum intereſſe ſeu , que lhe importa mais que morrermos todos.* Praticado eſte negocio entre todos , aſſentáram em ſe entregar, jurando o Guazil em ſua lei que os levaria vivos a ElRey ; e para iſſo veio a huma janella do patio , onde o jurou no ſeu Moçafo.

Pe

Per esta maneira Martim Affonso, e seus companheiros, que seriam poucos mais de trinta, se puzeram nas mãos do Guazil, os quaes logo foram mettidos em huma casa com as mãos atadas, e esbulhados de quanto traziam pelos ministros de sua prizão [a], da qual escapáram Francisco Pacheco, e João Jusarte Tição, porque o Pacheco não foi ao banquete, por ficar na pousada de todos por guarda della; e o Jusarte por ser grande monteiro, naquelle mesmo tempo era ido a monte. Os quaes sabendo o caso, e prizão de seus companheiros, se acolhêram aos navios, e se puzeram em salvo; o que não puderam fazer outros Portuguezes, e os escravos Christãos dos que foram prezos. ElRey foi logo avisado per cartas do Guazil da prizão dos Portuguezes, e ao mesmo tempo o foi Nuno Fernandes Freire per hum Gentio seu amigo per nome Darindá, que o conhecia já do tempo que estivera em Chatigam, o que Nuno Fernandes logo communicou com Duarte de Azevedo; e consultando todos, se os quizessem prender, o que fariam, como sabiam o que Martim Affonso passára antes de ser prezo, assentáram de se não

a *Esta prizão de Martim Affonso escreve d'outra maneira* Francisco de Andrade *nos capitulos* 80. *e* 81. *da* 2. *Parte.*

deixarem prender; mas depois que estando elles juntos na pousada, se víram de subito accommettidos de quinhentos homens espingardeiros, lhes pareceo que sería soberba, e temeridade querer-se defender, e serem homicidas de si mesmos, dissêram que se entregariam, pois ElRey o mandava, polo que não foram tão enxovalhados dos ministros como Martim Affonso, e seus companheiros.

CAPITULO V.

Como Martim Affonso de Mello, e seus companheiros foram levados a ElRey á Cidade de Gouro: e do que passou Antonio da Silva indo resgatar a Martim Affonso.

TAnto que Martim Affonso foi prezo com os seus companheiros, foram mettidos em huma casa escura, sem serem curados de suas feridas; e quando veio a noite, vieram muitos ministros de sua prizão; e apartando huns dos outros, os principaes delles puzeram em andores, e os leváram todos acompanhados de gente de guerra, e caminháram com elles toda a noite; e quando veio ao outro dia, achárам-se em huma povoação chamada Mavá, que sería seis leguas donde partíram. Este lugar era

por-

porto de mar; e porque o Guazil se temeo que embarcando logo alli em Chatigam podiam aquelles prezos ser tomados pelos Portuguezes, que estavam nos navios, os mandou de noite áquelle lugar, onde estavam certos navios de remo ao uso da terra, nos quaes mettidos, com as mãos atadas aos pescoços, os leváram á Cidade de Gouro.

A gente dos navios como soube que Martim Affonso era levado prezo, e outros com elle, e que no banquete foram mortos outros, sahiram-se do porto de Chatigam, temendo-se de outro tal perigo; e como foi tempo, foram-se caminho da India dar novas a Nuno da Cunha daquelle desastre, de que elle foi mui anojado, por se lhe abrir de novo aquella guerra de Bengala em tempo, que tinha na India muitas cousas a que cuidar; e dizia, que a prizão de Martim Affonso fora em penitencia do que elle lhe dissera, e escrevêra a ElRey de Portugal em abonação de sua ida áquellas partes, e dos bens que se podiam conseguir em fazer fortaleza em Chatigam; e segundo os trabalhos que elle passou, bem purgou esta informação, de que Nuno da Cunha se queixava, porque elle, e seus companheiros não foram tratados como homens racionaes, mas como bestas feras. A prizão em que os mettêram escura, nos pa-

ços d'ElRey, defronte de outra, em que eſtava Duarte de Azevedo com os mais da embaixada, era huma ſemelhança do inferno, ſem ter algum modo de refrigerio mais que a conſolação que recebiam dos amigos que diſſemos em ſuas neceſſidades.

Nuno da Cunha como a prizão deſtes homens o atormentava, tanto que veio a monção para Bengala, a grande preſſa fez preſtes huma Armada de nove vélas, (como atrás diſſemos [a],) em que iriam até trezentos e cincoenta homens, e por Capitão Antonio da Silva de Menezes. O regimento que lhe deo, foi, que como apportaſſe a Bengala, a primeira couſa que fizeſſe foſſe mandar notificar a ElRey, como elle o mandava para ſaber a cauſa da prizão daquelle Capitão, per quem lhe mandára tratar de paz, e amizade; porque fazendo elle couſa per onde mereceſſe caſtigo, o ſeu delle Nuno da Cunha baſtava para o ElRey não mandar prender quando lhe notificára ſua culpa, por ElRey não violar o direito das gentes, que he não prender, nem matar Embaixador, ainda que ſeja de inimigos, quanto mais ſendo ſeu, que repreſentava a ElRey de Portugal ſeu Senhor, com quem elle Rey tinha paz, e commercio. Mas quando elle Antonio da Silva viſ-

[a] *No capitulo 23. do livro 4.*

ſe que ElRey não reſpondia com paz, nem lhe entregava a Martim Affonſo, e aos outros cativos, então lhe fizeſſe guerra a fogo, e a ſangue. E porque todos eſtes Principes Orientaes tem grande vaidade nos preſentes que lhe levam com as embaixadas, e he meio mui coſtumado para bem negociar com elles, ordenou Nuno da Cunha, que com Antonio da Silva foſſe Jorge Alcoforado com hum preſente para ElRey, em modo de meſſageiro, para mais levemente poder ir á Cidade de Gouro, onde ElRey eſtava; e acertou que eſtando Antonio da Silva para partir de Goa, veio hi ter huma náo de Ormuz, e nella hum criado de Coge Sabadim, que de Chatigam fora lá vender ſua fazenda, e lhe levava outra por retorno. E porque Coge Sabadim fora a principal cauſa de Nuno da Cunha mandar Martim Affonſo a Bengala, lançou mão Nuno da Cunha de ſua fazenda, e deſte ſeu criado, e entregou tudo a Antonio da Silva em modo de repreſalia, com tal ordem, que não havendo per meio de Coge Sabadim o que pedia, retiveſſe ſua fazenda, e criado, e não mandaſſe Jorge Alcoforado a ElRey.

Antonio da Silva partido de Cochij, como ſoube que em Coulam eſtava huma náo de Mouro á carga de pimenta, paſ-

ſan-

ſando per alli, a tomou; e chegando a Chatigam, ordenou logo como per cartas Martim Affonſo de Mello ſoubeſſe de ſua vinda; e a elle, e aos outros cativos pareceo bem que devia logo de mandar Jorge Alcoforado com o preſente a ElRey, parecendo-lhe que com ſua ida acabaria a ſoltura de todos; mas ElRey eſtava tão duro por os máos intentos que tinha, que não reſpondeo ao propoſito da liberdade, ſómente que ſe tornaſſe a Antonio da Silva, dando-lhe huma carta para Nuno da Cunha em reſpoſta da que lhe levou, em que lhe mandava pedir certos pedreiros, armeiros, e ourivezes, quaſi em modo do reſgate dos cativos. Antonio da Silva, porque tinha aſſentado com Jorge Alcoforado, que dentro de hum mez ſe tornaſſe, porque paſſado elle, como deſeſperado do pouco que acabára com ElRey, havia de fazer guerra aos lugares do Reino da fralda do mar, vendo o tempo ſer paſſado, e mais alguns dias que lhe deo de falhas, parecendo-lhe ſer prezo como os outros, queimou grande parte da Cidade de Chatigam, por ſer de cannas; e pela meſma maneira fez entrada em tres, ou quatro lugares, fazendo quanto damno podia, em que cativou, e matou muita gente da terra; mas eſſe damno pagáram Marcos Barboſa, Gonçalo

Fer-

Fernandes, e Manoel Lobo de Sequeira, que morrêram, e outros, que foram feridos na peleja que teve. Chegada esta nova á Cidade de Gouro, mandou ElRey após Jorge Alcoforado, que havia tres dias que era partido; mas quiz Deos que escapou, apressando-se o mais que pode, por no caminho saber o que Antonio da Silva fazia, que o veio tomar estando já de verga d'alto para a India. ElRey com a indignação do que Antonio da Silva fizera, mandou ameaçar a Martim Affonso, e os outros prezos, e tirar-lhes ametade do comer, e apartallos de dous em dous; e se deixou de lhes fazer mais mal, foi por lhe parecer que Nuno da Cunha por sua carta lhe havia de mandar os Officiaes que pedia.

CAPITULO VI.

Como Xerchan Capitão d'ElRey dos Mogoles se foi de seu serviço para ElRey de Bengala, o qual o fez seu Capitão mór, e depois se levantou contra elle, e se tornou ao mesmo Rey dos Mogoles.

ESTANDO Martim Affonso de Mello, e seus companheiros na dura prizão que dissemos, como Deos Nosso Senhor acode com suas misericordias nos tempos desesperados de remedios humanos, em hum momen-

mento mudou as cousas ao revés do estado em que estavam; porque a ElRey Manuel poz em tanta necessidade, que não sómente cessou do furor que tinha contra Martim Affonso, e seus companheiros, mas com mimos, e favores os começou a contentar, e animar; e para que se veja melhor quão pouca segurança os tyrannos tem no tempo do maior seu repouso, (se elles nesta vida o podem ter,) traremos algum tanto de longe a causa per que veio áquelle estado, que he hum dos maiores exemplos de nossos dias.

No tempo que Babor Patxiah Rey dos Mogoles conquistou o Reino de Delij, hum dos Capitães, que naquella conquista o servíram, foi Xerchan, (como atrás dissemos [a],) por os quaes serviços Babor lhe deo a Cidade de Chinao, e outras terras que comesse; e com a mesma reputação em que Babor o tinha, ficou per sua morte em serviço de Omaum Patxiah seu filho. Acabada a guerra do Delij, em que elle fora Capitão destes dous Reys, como os Principes acabado de não haverem tanto mester os homens os desestimam, e esquecem, e se não dam por tão obrigados por os serviços passados, como por os que esperam de futuro, e ou porque ElRey o mandou, ou porque o consentio, aconteceo hum dia, que

a *No capitulo 3. do livro 6.*

que querendo Xerchan entrar onde eſtava ElRey, como cada dia fazia, não ſómente lhe defendeo a porta o Official della, mas ainda dos Capitães, que preſentes eſtavam, recebeo máo tratamento. Do qual caſo fazendo elle queixume a ElRey, foi a ſua reſpoſta tal, que delle ſe houve por mais injuriado que dos outros; polo que entendeo que lhe tinha avorrecimento, que já havia dias ſentia nelle. Tinha Xerchan hum irmão ſeu por nome Hedelechan, homem esforçado, e de muitos merecimentos, com que communicou ſua affronta; e vendo ambos que com as guerras do Delij acabadas ElRey os eſtimava em pouco, e que os ſeus Capitães Mogoles os deſejavam deſtruir por ſerem naturaes da terra, ordenadas ſuas couſas ſecretamente, ſe foram para ElRey de Bengala. Xerchan ficou com elle em Gouro, e Hedelechan com cento e oitenta de cavallo, que tinha ſeus, foi tomar huma Cidade de Gentios chamada Rotaz per hum ardil, havendo muitos dias que ElRey de Bengala a pretendia haver, o qual mandou logo muita gente á preſſa, com que ficou Senhor da Cidade. Com eſta boa entrada ficáram eſtes dous irmãos mettidos no ſerviço d'ElRey, e acreditados, dos quaes Hedelechan ficou naquellas partes de Rotaz, e a Xerchan mandou ElRey que foſ-

ſe

se por Capitão de certa gente debaixo da Capitanía de Mocadam Olam, (que quer dizer Capitão do Mundo,) o qual ElRey trazia na parte do Reino dos Patanes vizinhos aos Mogoles do Reino de Delij, com grande poder de gente, por ser seu cunhado, casado com huma sua irmã.

Correndo o tempo, veio este Mocadam Olam a morrer andando no campo com seu exercito, em cujo lugar a gente de guerra levantou por Capitão mór a Xerchan, por o grande credito que já naquelle tempo tinha por os honrados feitos d'armas que naquella guerra lhe víram fazer, no qual cargo ElRey de Bengala o confirmou. Xerchan como vio morto a Mocadam, e que elle ficava com a potencia daquelle grande exercito, per hum tempo dissimulou o que trazia guardado em seu peito, que era vingar a morte do Rey menino, e dos grandes que Mamud matou. E assi depois de ter havido algumas victorias dos Mogoles, que desciam do Delij ao longo do rio Ganges a roubar, com as quaes ganhou grande credito entre os Bengalas, e muito mais por sua liberdade para todos, parte necessaria para ganhar as vontades da gente, começou a tomar a voz contra o tyranno Mamud, chamando-se vingador do sangue do menino Rey innocente.

Não

Não paſſáram muitos dias, que eſcandalizado Omaum Patxiah de Xerchan, por o damno que fizera a ſeus Capitães, veio ſobre elle, e o desbaratou; mas Xerchan não ficou tão quebrado, que Omaum ſe não contentaſſe do concerto de paz que Xerchan lhe commetteo, dizendo, que elle faria guerra áquelle tyranno tão juſta como elle ſabia, pois matára ſeu Rey, e aos principaes homens do Reino, mas que elle o ſerviria como Capitão que já fora ſeu tão leal como elle ſabia; e que não queria mais delle que dar-lhe alguma parte do que ganhaſſe para ſe manter; e para ſegurança de tudo, lhe daria em arrefens ſeu filho maior Gilalchan, que o andaſſe ſervindo com alguma gente de cavallo. Eſte concerto acceitou Omaum, vendo que á cuſta de Xerchan, ſem pôr cabedal de ſua caſa, podia acquirir em Bengala alguma couſa, havendo tambem reſpeito que Xerchan ſervíra a ſeu pai, e a elle lealmente, e que tivera juſta cauſa de ſe ir delle, e de ſeu ſerviço; e que a guerra que fizera aos ſeus Mogoles fora como Capitão d'ElRey de Bengala, e debaixo de ſua bandeira, como ſoldado que hia ganhar vida, e não como inimigo em modo de ſe vingar delle; e tambem naquelle tempo tinha Omaum ſeu intento nas couſas de Cambaya, de que atrás eſcrevemos,

e por

e por isso deixou Xerchan no estado em que estava, que depois o poz a elle, no que adiante diremos. Nesta guerra de Cambaya, seu filho Gilalchan, que andava com Omaum em arrefens, se lançou com Soltam Badur, o qual sabendo cujo filho era, e o modo como andava, o mandou a seu pai mui honradamente, do qual beneficio não resultou pouco proveito ao Reino de Cambaya, como adiante se dirá.

Como Xerchan teve seu filho em seu poder, ficou com mais animo, e menos receio de Omaum para fazer guerra a Bengala, sem ter com elle conta, para o que teve duas causas principaes; a primeira andar Omaum algum tanto quebrado daquella grande potencia de gente, com que entrou em Cambaya, porque lá perdeo muita, e alguns grandes Capitães, que naquelles despojos se fizeram ricos, foram comer com repouso suas prezas, por andarem mui descontentes delle; porque vendo-se com tantas victorias, e tão poderoso, concebeo tanta opinião de si, que não lhe falecia mais que mandar-se adorar, o que lhe causava o Anfiam que tomava, (que he o Opio,) com que os Indios se embebedam mais, do que faz o vinho por forte que seja [a], perque

a Ao Anfiam chamam os Arabes Ofiom, e Afiom, pouco corrupto de Opio, nome que os Gregos lhe deram. Faz-

que Xerchan o veio a ter em menos. A outra causa de se elle não temer de Omaum, era, que Rumechan, que deixando o serviço d'ElRey de Cambaya se veio para elle, houve por galardão de seus serviços a morte, acabando de lhe fazer hum mui grande serviço, e foi este.

Tomada per Omaum a Cidade de Laor, ficava-lhe o castello situado sobre huma pena viva, pelo pé da qual corria o rio a que os da terra chamam Ravé; e havendo dous mezes que se defendia, vendo Rumechan a ElRey agastado, e enfadado de esperar alli tanto tempo, disse-lhe que não levasse má vida, que se fosse, e o deixasse a elle com aquelle cargo, que elle lhe daria o castello, ou a vida. Partido ElRey dalli para huma Cidade perto, deixou dous irmãos seus quasi com todo o exercito, e mandou-lhe que deixassem usar a Rumechan de

se o Ansiam da goma, ou lagrima de dormideiras, as quaes crescem tanto em Cambaya, que ha casca de dormideira capaz de huma canada d'agua. Ha muitas differenças de Ansiam: o do Cairo, a que chamam Meceri, he o mais estimado, e de mór preço, vai tambem á India de Adem, e de outros lugares vizinhos do Mar roxo, e se faz nos Reinos de Cambaya, Mandou, e Chitor. He tanta a frialdade do Ansiam, que usando delle inconsideradamente, mata; e os que de ordinario o comem, se o não continuam, correm perigo de morte: adormece aos que o tomam, com que não sentem seus trabalhos, nem cuidam delles, e embebeda. Garcia d'Orta *no livro dos simples, e drogas da India, no Colloquio* 41.

de ſeu ardil, com que eſperava tomar aquelle caſtello, o que aſſi ſe fez per eſte artificio. Foi-ſe Rumechan pelo rio acima obra de tres leguas, e lá ordenou hum caſtello de madeira ſobre barcos, tão alto que pudeſſe igualar com o outro da Cidade ſituado ſobre a pedra; e como eſte rio Ravé he grande, e cabedal, por ſer o ſegundo braço de que ſe faz o Indo, trouxe por elle Rumechan eſta poderoſa máquina, com a qual tomou de noite o caſtello, elle ſó com os ſeus Turcos, de que era Capitão, ſem neſta entrada elle conſentir Mogoles. Os irmãos d'ElRey quizeram logo entrar dentro, mas elle o não conſentio, dizendo, que elle promettêra a ElRey de lhe fazer entrega delle, ou de ſua cabeça, por tanto a elle o havia de entregar. ElRey ſabendo a nova da tomada do caſtello, e o propoſito de Rumechan, o veio receber delle; e por ſentir nas palavras com que Rumechan lho entregou, que eſperava que elle lhe déſſe aquella peça, pois a ganhára per aquelle modo, por o não deſcontentar deo a Cidade a ſeu irmão Camiran Mirzá, dizendo que lha tinha promettida. Todavia Rumechan ſoltou algumas palavras em abonação de ſeu ſaber, e esforço, e quão mal o faziam com elle; e que per menos ſerviços tinha ElRey dado a Capitães Mogoles maio-

res

res cousas, não chegando á pessoa delle Rumechan com muita parte. Estas palavras com outras desta qualidade não satisfizeram a alguns Capitães que as ouvíram, e as aggraváram muito a Omaum Patxiah, chamando a Rumechan alevantadiço, e que não seria muito commetter alguma traição, porque entre palavras de sua abonação, e de seus Turcos dissera: *Ah quem me dera dez mil Turcos comigo para ser Senhor do Mundo!* desfazendo em as outras nações, donde se seguio que antes de muito tempo Omaum secretamente lhe mandou dar peçonha, e assi acabou Rumechan.

CAPITULO VII.

Da guerra que Xerchan fez a ElRey de Bengala, em que os Portuguezes intervieram: e do concerto com que desistio della.

TOrnando a Martim Affonso de Mello, e a seus companheiros, que estavam prezos com tanta aspereza, veio Xerchan apertar tanto a ElRey Mamud de Bengala, que delle estava bem descuidado, que o temor que tinha desta guerra lhe fez mudar o odio que tinha a Martim Affonso, e aos Portuguezes em amizade, pola opinião de elles com conselho, e obra o pode-

derem ajudar; e ainda por mais de pressa terem termos os seus trabalhos, acertou de chegar ao porto de Satigam (que he o outro porto do braço occidental do Ganges,) Diogo Rebello Capitão da pescaria do aljofar, que he no Cabo de Comorij, onde chamam Callecaré. A este Capitão mandou Nuno da Cunha encommendar que fosse ver se per algum modo podia per aquella parte tirar a Martim Affonso, e aos outros cativos. O qual quando foi visto no porto com duas fustas, e huma atalaia que levava, causou tanto temor ao Capitão daquelle lugar, que logo mandou recado a ElRey, dizendo, que temia que por causa dos cativos Portuguezes, que não soltava, fizesse aquelle Capitão outro tal damno na terra, como o anno passado fizera o outro Capitão Portuguez nas partes de Chatigam. Diogo Rebello por sentir este temor, e querer levar aquelle negocio per outro modo, disse-lhe, que queria mandar hum messageiro a ElRey, e hum presente, que convinha elle dar ordem a isso; o que logo fez. O presente mandou Diogo Rebello per Diogo de Spindola seu sobrinho, e com elle Duarte Dias, os quaes chegáram á Cidade de Gouro a tempo que estava ElRey tão apertado de seu inimigo Xerchan, que não tinha outro descanço senão mandar trazer

zer ante ſi a Martim Affonſo, (porém preзo, e com grande guarda, temendo que lhe fugiſſe para Xerchan,) e com elle praticava nas couſas daquella guerra; e como queria mandar hum Embaixador ao Governador da India; que lhe mandaſſe alguns Officiaes, que havia miſter; mas eſta ſimulação de Officiaes era liança de amizade que elle pretendia, com pedir ajuda de Capitães contra ſeu inimigo, por elle ter entendido que Soltam Badur Rey de Cambaya por fim de ſeus trabalhos, no Governador achára amparo de vida, e por ſe metter em ſuas mãos o livrára de ſeu inimigo Omaum Patxiah.

Finalmente chegado Diogo de Spindola á Corte, ElRey o recebeo mui bem, e mandou a grande preſſa ao Capitão de Chatigam em reſpoſta da carta que lhe eſcreveo ſobre a vinda de Diogo Rebello, que lhe fizeſſe muito gazalhado, e lhe diſſeſſe que logo deſpachava o meſſageiro que lhe mandára; e aſſi o fez, deſpachando mui bem a Diogo de Spindola. Com elle mandou ſeu Embaixador com requerimento a Nuno da Cunha de amizade, e paz [a]; e em ſinal

[a] Eſte Embaixador chegou á India antes que Nuno da Cunha foſſe a ultima vez a Dio, donde tornando a Goa, eſpedio logo Vaſco Pires de Sampayo com huma Armada de nove vélas, para ir a ſoccorrer ElRey de Bengala, como per ſeu Embaixador lhe mandára pedir. Os Capitães

della dava eſperança de dar em Chatigam lugar para fazer huma caſa forte, quaſi ao modo d'ElRey de Cambaya quando deo Dio; porque como Martim Affonſo não hia a outro fim ſenão de tentar ſe ElRey de Bengala daria licença para ſe fazer a fortaleza, e para ver o ſitio em que ſe faria; como vio a ElRey na neceſſidade, e temor em que eſtava, e quantas vezes o mandava chamar, foi-lhe dando a entender quão ſeguro teria ſeu Eſtado, ſe obrigaſſe a Nuno da Cunha a fazer alli huma caſa forte, por os muitos inſultos, e incendios que os Portuguezes padeciam quando a Bengala vinham a ſeus commercios; e que tendo alli eſte recolhimento ſeguro, ſempre teria até quinhentos Portuguezes preſtes para qualquer neceſſidade ſua, além de por elles obrigar a Nuno da Cunha a lhe mandar toda ajuda; e que do que o Governador fazia por elle, e por os Portuguezes, ſe veria o que faria quando eſtiveſſe obrigado por tanta gente, tudo em proveito delle Rey de Bengala, por razão dos rendimentos que havia de ter dez vezes dobrados na entrada, e ſahida das mercadorias, porque com

deſtes navios eram Antonio de Mello, Franciſco de Barros de Paiva, Manoel Maſcarenhas, Chriſtovão d'Oria, Diogo Rebello, e outros. Vaſco Pires partio de Cochij em Maio, levando comſigo o Embaixador. Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap. 187. do liv.* 8.

com temor dos roubos, que alli aconteciam muitas vezes, os mais dos Portuguezes não ousavam confiar suas fazendas da guarda de huma casa edificada de cannas. Finalmente com estas, e outras razões enfiadas a este proposito da fortaleza, assi tinha Martim Affonso movido a ElRey naquelles seus temores, que não sómente despachou mui bem a Diogo de Spindola, e com elle seu Embaixador, mas ainda mandou a Nuno da Cunha vinte e dous dos cativos, como penhor de sua amizade, desculpando-se de não mandar Martim Affonso; e os outros, que ficavam por razão de folgar muito de os ter junto comsigo; e ainda por mais adoçar a vontade de Nuno da Cunha para o que lhe mandava requerer, fez que Martim Affonso lhe escrevesse huma carta em favor de seus requerimentos.

Neste tempo fazia ElRey tanta conta de Martim Affonso, que querendo seu inimigo Xerchan entrar per hum certo passo da fortaleza de Gorij, que dissemos estar na quebrada, perque o rio Ganges sahe para as terras de Bengala, per seu conselho mandou lá doze Portuguezes, quaes elle nomeou, para darem ordem aos Bengalas, como defendessem o passo, os quaes hiam em duas fustas, de que foram Capitães João de Villalobos, e João Correa; e já confiava

tanto nelle, e em ſeu conſelho, que o trazia ſolto; mas o temor o fazia per outra parte deſconfiado de o perder, e aſſi per olho o trazia prezo, poſto que mimoſo de veſtidos, e dinheiro quanto elle, e os companheiros haviam miſter.

Xerchan por lhe ſer impedido o paſſo pelo esforço, e induſtria dos noſſos per onde determinava de tomar a Cidade de Ferranduz, que eſtá vinte leguas da Cidade de Gouro, onde ElRey eſtava, foi buſcar outra quebrada da ſerra, pela qual veio á Cidade de Gouro, e affirma-ſe que trazia quarenta mil de cavallo, e mil e quinhentos elefantes de peleja, e duzentos mil homens de pé, e pelo rio abaixo trezentas almadias, cada huma com dous remeiros, e tres frécheiros. Tanto que Xerchan paſſou a ſerra per outro porto, e não per onde os noſſos eſtavam, o Capitão Bengala, que com elles eſtava na Cidade de Ferranduz, deſamparou aquelle lugar, com que o Capitão de Xerchan, que alli eſtava com aquellas almadias, ſe veio pelo rio abaixo ter á Cidade de Gouro, entre a qual, e o exercito de Xerchan, ſe mettia o Ganges, no qual tinha ElRey oitocentos paráos para lhe defender a paſſagem. Neſta defenſão oito Portuguezes em hum paráo, de que era Capitão Duarte de Brito, fizeram maravilhas,

lhas, principalmente por tomarem hum elefante, que vinha pela agua abaixo, que ElRey muito deſejava, e mandou que lho tomaſſem per modo de victoria, eſtando elle vendo a peleja de lugar bem alto, que cahia ſobre o rio. Eſte elefante cuſtou a vida de João de Villalobos, de Affonſo Vaz, e de Manoel Vaz, que eram dos oito do paráo. Mas todavia Xerchan aſſi apertou a Cidade, que veio ElRey aſſentar pazes com elle com tenção, que da India eſperava que o ſeu Embaixador lhe trouxeſſe gente para ſe defender deſte inimigo, que o apertava. O concerto das pazes foi, que Xerchan do arraial donde eſtava havia de fazer huma adoração, ou humilhação a ElRey de Bengala, a que elles chamam Sumbaia, e ſe foſſe logo; e que ElRey de Bengala para pagar aquella gente que alli trazia, lhe déſſe huma ſomma de dinheiro; mas no conſelho de ElRey dar eſte dinheiro, não foi Martim Affonſo, antes o contrariou, dizendo, que com elle lhe faria depois a guerra. Porém como Mamud ſe levantára com o Reino, e não era Rey legitimo, ſenão tyranno, não ſómente ſe temia dos inimigos, mas dos ſeus vaſſallos, e domeſticos, e andava tão aſſombrado, que além daquella ſomma d'ouro que dera em público, deo ſecretamente outra tanta por ſe aquietar.

C A.

CAPITULO VIII.

Como ElRey de Bengala deo liberdade a Martim Affonso de Mello, e licença que se fosse para a India: e como Xerchan veio contra ElRey, e lhe tomou a Cidade de Gouro, e ElRey se foi a Omaum Patxiah; e do que lhe succedeo.

ELRey Mamud de Bengala como se vio desassombrado de Xerchan, e começou a ter esperança que Nuno da Cunha o ajudaria por a embaixada que lhe mandou, deo licença a Martim Affonso, e aos seus companheiros que se fossem para a India, e que sómente ficassem em modo de arrefens Affonso de Brito [a], Antonio Paes,

[a] *Este Affonso Vaz de Brito despachou de Cochij Martim Affonso de Sousa, per ordem do Governador Nuno da Cunha, em huma fusta para Bengala, a resgatar Martim Affonso de Mello Jusarte. Chegou Affonso Vaz a Chatigam, e dalli foi ao Gouro, onde deo a ElRey huma carta de Martim Affonso de Sousa, em que lhe dava razão dos successos passados de Cambaya, que estorváram ao Governador mandar-lhe aquelle anno o soccorro de gente, que per seu Embaixador lhe mandára pedir, a qual lhe enviaria o anno seguinte; e pedia-lhe Martim Affonso de Sousa que désse liberdade a Martim Affonso de Mello. Por esta carta, e promessa deo ElRey licença a Martim Affonso de Mello, e a seus companheiros para que se fossem para a India, os quaes se embarcáram na fusta de Affonso Vaz de Brito, e chegáram a salvamento a Goa.* Fernão Lopes de Castanheda *nos capitulos 173. e 180. do livro 8.*

Paes, Nuno Fernandes Freire, e João Adam; e fez Deos mercê a Martim Affonso em ser logo partido, porque nas costas delle veio recado a ElRey para o entreter, por ter novas que Xerchan vinha outra vez mais poderoso sobre a Cidade de Gouro; e sua vinda era por ser passado hum anno depois que recebeo aquella grande quantia de dinheiro, pedindo-lhe que lhe désse outro tanto por ser passado o tempo, dizendo que era tributo annual; e porque ElRey o negava, elle veio, e cercou a Cidade, e a ferro, e a fogo a tomou, não perdoando a cousa viva, até chegar ás casas d'ElRey [a], das quaes lhe a ElRey conveio sahir,

a No tempo que Xerchan tomou a Cidade de Gouro, chegou a Chatigam Vasco Pires de Sampaio com huma Armada, que o Governador mandava em soccorro d'ElRey de Bengala. Achou aquella Cidade mui alvorotada com as guerras, e discordia que então havia entre Codavascam, e Amarzacam, pretendendo cada hum ser Senhor da Cidade. Della se pudéra facilmente apoderar nesta occasião Vasco Pires, como lhe aconselhava Nuno Fernandes Freire, e offereciam alguns Bengalas, mas elle attendeo a fazer muita fazenda em Chatigam, onde invernou, e dalli foi a Pegú, e nelle faleceo.

Em quanto esteve em Chatigam, aportou em hum rio quatro leguas daquella Cidade huma galeota com sessenta Turcos, que se derrotáram da Armada de Soleimão Baxia; que sabendo Vasco Pires, mandou Francisco de Barros na sua fusta, e alguns calaluzes com gente, que fosse tomar a galeota dos Turcos; mas elles se defendêram de maneira, que voltáram os Portuguezes escalavrados; e posto que Vasco Pires pudera tomar satisfação desta af-

hir, e pelejar com a mais eſcolhida gente que tinha comſigo, até receber tres, ou quatro feridas, com que ſe ſalvou trabalhoſamente, ao qual ſeguíram alguns ſeus familiares, e com elles paſſado o Ganges foi em buſca d'ElRey dos Mogoles Omaum Patxiah, a lhe pedir o vieſſe reſtituir em ſeu Reino, a quem já quando paſſou a primeira affronta com Xerchan, tinha mandado ſeus Embaixadores com grandes preſentes, e promeſſas do que lhe daria, vindo-o a ſoccorrer. Omaum movido de cubiça das promeſſas, ſabendo ſer eſte o mais rico Rey daquelle Oriente, mandou logo hum ſeu Capitão diante, que veio encontrar a ElRey ſete, ou oito jornadas de Gouro, indo ainda com as feridas abertas da batalha, de que morreo depois que ſe vio com eſte Capitão Mogol. O Capitão por honra de ſeu Rey o mandou embalſamar, e poſto em andas com toda a pompa, e ceremonia que elle pode fazer, o levou caminho de Gouro, dizendo, que hia entregar aquella Cidade ao corpo de ſeu Rey, onde com toda a ſolemnidade o havia de ſepultar.

No

fronta, o não quiz fazer; porém Chriſtovão de Oria vingou a Franciſco de Barros, tomando aos Turcos a galeota com toda a artilheria, e riqueza, que nella tinham que era muita. Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 201 *do liv.* 8.

No tempo que eſtas couſas paſſavam, Xerchan aproveitando-ſe de ſua victoria, esbulhou o mais precioſo do theſouro, que o Rey morto tinha nos ſeus paços. A ſomma de pedraria, perolas, aljofar, ouro, e prata, foi couſa tão grande, que ſe não pode ſaber. Os Portuguezes que ſe acháram naquelle tempo no meſmo esbulho, não ſouberam dar diſſo mais razão, que per eſpaço de dezeſete dias andarem trezentos calaluzes, que são navios de remo grandes, carregados daquelles theſouros, aos paſſar da banda dalém do Ganges, e que foi o maior theſouro que ſe ſabia naquellas partes de Oriente; e era fama que paſſava aquella preza de ſeſſenta milhões d'ouro. No fim deſte recolhimento de Xerchan com eſte deſpojo, chegou Omaum Patxiah, por lhe ir nova da morte d'ElRey Mamud, ao qual Xerchan mandou offerecer hum conto d'ouro, e que não entraſſe na Cidade, por o povo della não receber algum damno da ſua gente d'armas; e vendo que ſe não contentava Omaum com eſta promeſſa, como hum eſtava de huma parte, e o outro da outra do rio Ganges, e Xerchan ſe podia ir com a preza em ſalvo, ſe foi com ella. Omaum porque o não podia ſeguir como deſejava, quiz primeiro fazer as honras ao Rey morto; e como ſeu herdeiro

tomou posse da Cidade, e assi dos mercàdores, como de alguma gente nobre della houve huma boa somma de dinheiro para o pagamento da gente que trazia. Tomada posse da Cidade, deixou por Rey della a Mir Mahamed Zaman seu cunhado, com quem já estava reconciliado; e assentadas todas as cousas, e ordenada gente para sua defensão, tornou-se para seu Reino de Delij. Mas Mir Mahamed Zaman não durou muito no Senhorio da Cidade, porque Xerchan como poz o dinheiro, e riquezas que della tirou em as serranias da Cidade de Rotaz, onde tinha suas mulheres, e filhos, per armas o lançou de Gouro.

CAPITULO IX.

Como se ajuntáram Xerchan, e Omaum Patxiah Rey dos Mogoles na Cidade de Canose junto do rio Ganges, e foi desbaratado Omaum.

OMaum Patxiah não podendo soffrer os mimos que a fortuna lhe fazia com tantas victorias, determinou de perseguir a Xerchan, e tentar sua fortuna contra elle; polo que buscando-o Omaum, se encontráram junto do rio Ganges antes que com elle se incorpore o rio Jamoná no lugar onde da parte do Ponente do rio está huma Ci-

Cidade, que ſe chama Canoſe, das principaes do Reino de Delij. Xerchan eſtava além do rio na Comarca a que os naturaes chamam Purbá ; e ſabendo que Omaum o hia buſcar, chegou-ſe junto do rio Ganges, hum pouco per elle acima, apartado da Cidade de Canoſe, o qual lugar elle eſcolheo para ſe melhor defender, porque de huma parte lhe ficava o rio, e da outra o ſitio da terra, que elle por mais defenſavel eſcolheo. Omaum como ſoube que Xerchan ſe fazia alli forte, ſubio-ſe acima, e poz ſeu arraial defronte do outro de Xerchan, ſem haver mais entre elles que a agua do rio, que tambem lhe ſervia de beber tamanho exercito como trazia, ficando elle da parte de Ponente do rio, e ſeu inimigo da de Levante; e para paſſar ordenou huma ponte de madeira aſſentada ſobre barcos, e foi tomar ſua eſtancia mui vizinho a Xerchan; e para lhe dar batalha, repartio ſua gente em tres eſquadrões, dous deo a dous ſeus irmãos Hildan Mirzá, e Aſcarij Mirzá, cada hum de trinta mil homens de cavallo, e elle tomou o terceiro que era de quarenta mil, porque ſe affirma que de cavallo eram cem mil, e de pé cento e cincoenta mil, a fóra a gente do ſerviço do arraial, que ſeria de mais de duzentas mil almas. Xerchan per o meſmo modo repartio

qua-

quarenta e cinco mil homens de cavallo, que trazia em tres batalhas, dando a seu filho Gilachan dez mil, e outros dez mil a hum seu Capitão Capado per nome Avafchan, e elle ficou com o resto. Vindo huma manhã Omaum demandar o campo de Xerchan para pelejar, elle não quiz sahir do seu arraial, e deixou-se estar esperando que o commettesse dentro das forças que tinha, polo que Omaum se tornou; e dahi a dous dias o mesmo Xerchan fez outro tanto de ir demandar a Omaum ás portas de seu arraial, a quem tambem Omaum não sahio, até que ao outro dia postos em campo se deram batalha. O Capitão Avafchan a noite que precedeo o dia da batalha se foi pelo rio acima, levando comsigo dous mil de cavallo, que elle escolheo dos dez mil que tinha, deixando com os oito mil hum seu Capitão de confiança, ao qual mandou que rompesse no tempo, em que estava ordenado que a sua gente havia de romper, sem alguem saber que elle era ausente, porque assi convinha para haverem victoria dos inimigos. Chegado este Avafchan a hum lugar perque elle sabia que o rio se vadeava, o passou da outra banda, e veio per elle abaixo, até ser na ponte que Omaum fizera, e trabalhou por vir a tempo que as batalhas já andassem travadas; e paf-

passando por ella deo nas costas dos inimigos, e acertou de ser na gente de Ascarij Mirzá irmão de Omaum. O qual como se não temia daquella parte, recebeo tanto damno naquelle primeiro impeto que deram nelle, que começáram de se pôr em fugida demandando a ponte, a qual acháram quebrada per Avaschan, por este ser o seu ardil; e quando se víram tão apertados dos inimigos, e a ponte quebrada, lançáram-se a nado por salvar as vidas. Xerchan sentindo a victoria, e sendo avisado do que passava, começou de apressar, e appellidar os seus, dizendo: *Ao rio com elles.* E pondo-se as outras batalhas de Omaum tambem em fugida, per o mesmo caminho, foi cousa lastimosa de ver lançar-se tanta gente ao rio, que andava coalhado della, e fazia reprezar a agua; porém não levantava tanto que os ajudasse para ter a sahida chã, porque havia humas ribanceiras, por o rio ir alli fundo, perque os cavallos não podiam sordir, e se afogavam a si, e a seus senhores, que por se salvar os soffreavam mais do necessario. No trabalho desta passagem esteve Omaum quasi afogado, se lhe não valêra hum seu escravo Abexij homem grande de corpo, e forçoso, que por saber bem nadar o salvou, tirando-o fóra do cavallo, de que se não sabia desembaraçar. Finalmen-

mente elle deixou ſeu arraial ſem fazer mais conta que pôr-ſe em ſalvo com vinte e cinco de cavallo, que o ſeguíram, e não parou menos que na Cidade de Laor, onde ſeu irmão Camiran Mirzá o recebeo com mais gazalhado, e amor do que elle teve quando com peçonha o quiz matar, de que ainda Mirzá não eſtava ſem perigo.

E a cauſa deſta peçonha foi, que ſendo eſte Camiran Mirzá filho ſegundo de Babor Patxiah, e irmão deſte Omaum, quando ſeu pai veio áquella conquiſta do Reino de Delij, (como atrás eſcrevemos,) deixou a eſte Camiran por Governador do ſeu Reino de Mogoſtan, o qual partido ſeu pai, lhe fez logo guerra Abiethan Rey de Samarcant, que era ſeu vizinho, vendo que Babor andava occupado na guerra do Delij. Camiran por ſer bom cavalleiro ſe defendeo de maneira, que ſendo Abiethan Emperador de Tartaros Usbeques, e Chacatais, veio a fazer pazes com Camiran, por ſe lhe abrir outra guerra com Xiah Iſmael, pela parte do Reino de Horacan, que confinava com elle. Acabada eſta guerra, Camiran Mirzá ſendo já ſeu pai falecido, e ſabendo ter Omaum ſeu irmão mais velho, e ſucceſſor do Reino, neceſſidade de gente contra Xerchan, o veio ajudar; e como Camiran em todas as victorias que Omaum

hou-

houve se mostrou bom cavalleiro, e era liberal, e affabil á gente, que são as partes perque os Principes mais vontades acquirem, todas as cousas que naquella guerra succediam bem, eram attribuidas a elle, e não a Omaum. Polo que Omaum lhe começou a ter inveja, e odio, de que se causou, que indo Omaum em busca de Xerchan, que o desbaratou, tendo para si que tinha victoria certa por a desigualdade de seu poder ao do outro, por não dizerem que seu irmão Camiran fora causa de sua victoria, determinou de o não levar comsigo; e por mais dissimulação o levou tres, ou quatro jornadas, e alli lhe mandou dar peçonha leve, que lhe impedisse ir mais adiante. Disto se affrontou muito Mirzá, e entendendo a tenção de seu irmão, se tornou para a Cidade de Laor, que lhe elle tinha dada, e quando Omaum a elle veio desbaratado, ainda se estava curando da peçonha que obrava.

Tornando a Xerchan, tanto que soube que Omaum se puzera em fugida por salvar sua pessoa, mandou a seus Capitães que ninguem o seguisse, nem aos seus, e que os deixassem ir em boa hora, pois no arraial deixavam a honra, que eram suas mulheres, e a fazenda que tinham, que com isso se deviam por então de contentar, porque

que o mais era tentar de indignação a fortuna, que tão levemente lhe dera a victoria delles. E como Principe politico, e não como homem barbaro, achando no arraial as mulheres de Omaum, elle as mandou tratar com toda a honestidade, e fez tanta honra á principal dellas, chamada Begium, como se fora huma Rainha sua Senhora, assi no tratamento de sua pessoa, como em todo o seu serviço. Outro tanto mandou fazer á irmã de Omaum, mulher de Mir Mahamed Zaman seu cunhado, que naquella batalha morreo; e por não trazer no campo estas mulheres nobres, e outras de sua casa, em quanto se andava segurando dos Mogoles, as mandou mui acompanhadas á Cidade de Rotaz, que seu irmão tomára aos Gentios, onde elle tinha sua mulher, por ser cousa mui forte. Passado hum anno, Xerchan mandou estas duas Princezas com algumas suas criadas a Omaum Patxiah, dando-lhes maiores joias, e mais ricas peças do que ellas tinham. Omaum chegando á Cidade de Laor no estado que dissemos, com só vinte e cinco de cavallo, que o seguiam, seu irmão Camiran Mirzá o recebeo, como se delle tivera recebido obras de muito amor, e não o bocado de peçonha que o chegára á morte; e assi o servio, e proveo do necessario tão

per-

perfeitamente como ſe elle eſtivera em ſua ~~caſa com~~ toda ſua proſperidade.

CAPITULO X.

Como Omaum Patxiah foi buſcar ſoccorro de alguns amigos, e vaſſallos ſeus, e lho não deram, e o foi pedir ao Xiah Tamas, que lho deo.

A Gente do arraial de Omaum Patxiah como ſoube que elle era ſalvo, e os inimigos o não ſeguiam, como cada hum pode, huns per huma parte, e outros per outra, ſe vieram ajuntar na Cidade de Laor, onde ſabiam que ſeu Rey eſtava; e os que ſe acháram nella juntos, dizem que eram duzentos mil homens, de que os vinte mil eram de cavallo. Mas não ſe atrevendo Omaum naquelle eſtado, e com aquella gente eſperar alli, antes que Xerchan o vieſſe buſcar, determinou de deixar por então o Reino de Bengala, por não eſtar poderoſo para o conquiſtar, e vencer ſeu inimigo, a quem os Patanes haviam antes de querer obedecer, por ſer ſeu natural, que a elle que era Senhor eſtrangeiro, e aſſi ſe reſolveo de deſcer ao Reino de Cinde, onde eſtavam tres, ou quatro vaſſallos ſeus, e que já foram Capitães de ſeu pai, e ſe intitulavam Reys, e pedir-lhes ajuda para

tomar outra vez o Reino de Cambaya, entrando pelos Resbutos, que ficam entre o Cinde, e o Guzarate. Para esta empreza lhe pareceo boa occasião as divisões, e desasocegos, que entre os grandes do Reino havia pola recente morte de seu Rey Badur; e por a prática que já tivera com Nuno da Cunha parecia-lhe, que dando-lhe os portos de mar que em Cambaya quizesse, (como já lhe offerecêra,) elle o ajudaria, e com esta ajuda dos Portuguezes esperava não sómente ganhar o Reino de Cambaya, e asseguralo, mas tornar-se a restituir, e reformar em tudo, para se vingar de Xerchan, de quem elle sempre fez pouca conta; mas menos a fizeram delle aquelles, em quem elle esperava.

Porque chegando Omaum perto da Cidade de Moltan, situada ao longo do Rio Indo, cujo Senhor fora Capitão de seu pai, sabendo elle que vinha Omaum desbaratado, ao costume do Mundo que favorece aos que estam mui prosperos, e despreza os que vê descuidados, por o não agazalhar em Moltan, lhe mandou per batéis a hum certo passo alguns mantimentos, para com elles escusar a Omaum de o ir buscar á Cidade, temendo que a necessidade o obrigasse a isso. O mesmo desengano achou Omaum em Mirzá Xiah Hocen seu vas-

vassallo Senhor de Tatá, (Cidade assentada em hum cotovello, onde o rio Indo se parte em dous braços principaes, com que se mette no mar, e distante delle pouco mais de vinte e cinco leguas; e polo sitio mui célebre, por ser huma escala de quanto sóbe, e desce per aquelle famoso rio, ao longo do qual occupa huma legua e meia,) porque caminhando Omaum para esta Cidade, sabendo Mirzá Xiah Hocen de sua vinda, o não quiz ver, e para isso mandou recolher todas as embarcações que andavam no rio, porque não achassem em que o ir buscar á Cidade de Tatá, e nella se fez forte, para que vindo Omaum lhe não pudesse fazer damno. [a] O qual chegando junto desta Cidade com a maior parte de sua gente morta de fome, sede, e trabalho do largo, aspero, e despovoado caminho que ha de Laor a Tatá per distancia de cento e quarenta leguas, vendo a ingratidão daquelles seus Capitães, e vassallos antigos, frustrado das esperanças que o alli trouxeram de melhorar seu estado, determinou de se ir para o seu Reino de Mo-

a *O contrario escreve* Diogo do Couto *no cap. 3. do liv. 10. affirmando que Mirzá Xiah sahio a receber Omaum com muita honra, e o consolou de sua desgraça, offerecendo-lhe seus Estados, e thesouros; e por Omaum querer passar á Persia, lhe deo Mirzá muitos cavallos, joias, e dinheiro para a jornada.*

gostan. E aconselhando-lhe seu irmão Camiran Mirzá que primeiro puzesse cerco aquella Cidade, e destruisse a Hocen, como merecia sua rebelião, Patxiah lhe respondeo: *Parece-vos que ganharei bom nome entre os Principes da terra, que vencido de hum meu Capitão poderoso, venho empregar minhas forças em outro tão fraco como este he? Deixai-o, que já póde ser que assi como eu ora o venho buscar para me ajudar com elle, assi buscará ella ajudas em outrem, que me vingará do que me ora faz.* O que succedeo assi; porque os Portuguezes lhe destruíram aquella Cidade por suas malicias, mandando-os elle buscar para sua ajuda. [a] Resoluto Omaum na jornada de Mogostam, fez volta pelo rio acima para passar á Cidade de Bacar, que atrás dissemos estar no meio do rio Indo, per onde passam as cafilas, que vem da Persia para a Cidade de Candar. Este caminho fez com não menor trabalho, porque da Cidade de Bacar até Candar ha alguns dias de deserto sem agua, onde de sede lhe morreo muita gente.

Chegado Omaum á Cidade de Candar, que era de seu Senhorio, mandou dalli hum Embaixador ao Xiah Tamas Rey da Persia a lhe

a Esta Cidade de Tatá destruio Pero Barreto em tempo que governava a India Francisco Barreto seu tio.

a lhe pedir licença para o ir ver, e lhe dar conta de seus trabalhos. Ao qual elle respondeo, que nenhuma cousa mais desejava que vello para lhe pagar quanta honra elle tinha dito que lhe havia de fazer quando fosse ante elle. Esta resposta foi em modo de remoque, por o que Omaum dissera delle; porque estando hum dia torvado do anfiam, (ao costume daquella gente que o tomam para certos fins, e se embebedam com elle, sem se disso affrontarem, como as gentes septentrionaes fazem quando com o vinho se emborracham,) entre muitos desvarios, e desconcertos que disse, foi contar perante alguns de seus Capitães, que elle tinha por nova que tres Principes o queriam ir ver, como ao maior Principe que havia no Mundo. Hum delles dizia que era Abiethan Rey de Comarcant, o outro era o Xiah Tamas Rey da Persia, o terceiro o Grã Turco; e porque elle desejava de lhes fazer honra, lhe dissessem como lha faria; e dizendo os Capitães que ninguem podia ter nisso melhor parecer que elle, que per estado, grandeza, e cavalleria era Senhor de toda a honra do Mundo: Omaum enlevado da vã gloria, e torvado do anfiam, disse, que quando aquelles Principes viessem a elle, havia de assentar á sua mão direita a Abiethan Rey de Comarcant, por

ser

ſer Chacatai, e de ſua nação; e a Xiah Tamas Rey da Perſia, porque ſeus pais foram grandes amigos, e era bom cavalleiro, o aſſentaria á mão eſquerda, e que ao Grã Turco por haver alcançado muitas victorias de Chriſtãos, poſto que era de baixa origem, o mandaria aſſentar na entrada da caſa, entre ſi, e ſeus cavalleiros. Deſta prática foi ſabedor o Xiah Tamas, e por iſſo lhe reſpondeo daquella maneira, o que Omaum não entendeo, porque lhe lembrava pouco do que dizia, e fazia naquella torvação; e com a reſpoſta do Xiah Tamas determinou de ſe ir ver com elle, e aſſi deſpedindo dalli Aſtarij Mirzá ſeu irmão, que ſe foſſe para Cabol Cidade principal do Reino de Mogoſtan, lhe mandou, que em quanto elle fazia aquella viagem, lhe ajuntaſſe a mais gente que pudeſſe, para que quando tornaſſe eſtiveſſe preſtes para ir com ella a cobrar o que tinha perdido, e com mil de cavallo fez ſeu caminho para a Perſia.

Xiah Tamas como teve nova de ſua ida tres jornadas primeiro que chegaſſe a elle, lhe mandou tres Capitães com grande apparato de todas as couſas para o irem receber, e lhe fizeſſem o cuſto do caminho. Chegado Omaum a hum campo, onde o Xiah Tamas tinha aſſentadas ſuas tendas ao ſeu

coſ-

costume, que sempre anda no campo, e não reside em Cidades, dando a entender que andava á caça per alli, o recebeo dentro em sua tenda com toda a magestade, e pompa que pode, porque os Mouros nestas visitações, e recebimentos são mui vãos, e mostram nisso todo seu poder. Omaum Patxiah, que era cortezão, e bom poeta na lingua Persia, de que se prezava, e tinha graça no que dizia nella, quando veio a se abraçar com o Xiah Tamas, abaixou-se tanto, que quasi ficou aos seus pés, e aludindo o seu proprio nome ao do pássaro das Ilhas de Maluco [a], a que os Persas chamam Omaum, (o qual os Principes daquellas partes trazem na cabeça por pennacho ao modo das plumas de que cá usamos,) disse em

a Estes pássaros, que alguns chamam pássaros do Paraiso, acham-se nas Ilhas do Maluco, aonde vem da Ilha Arus. De Maluco os trazem á India já mortos, e escalados pela barriga, seccos, e sem pernas, sómente com cabeça, e costas. A sua penna he de côr amarella, mui graciosa á vista; e no cabo, que he comprido, tem huns tres, ou quatro fios mui delgados como nervos, que lhe sahem das outras pennas; e como se lhe não vejam pernas, he opinião (posto que errada) que as não tem, e que per aquelles fios se penduram nos ramos das arvores quando querem repousar. Estes pássaros por ser cousa rara, e vir de partes mui remotas, são mui estimados dos Principes Orientaes para os trazerem na cabeça por pennacho, guarnecendo-lhe a cabeça, e pescoço d'ouro, com pedraria; e enchendo os fios, ou nervos de perolas, com que fica huma joia rica, e galante.

em verſo ao ſeu modo: *Omaum que naſceo para andar na cabeça dos Principes; vêlo aqui eſtá poſto aos teus pés.* O que foi mui celebrado entre os Perſas, por moſtrar neſte dito huma grande ſoberba, e huma grande humildade. O Xiah Tamas depois de lhe fazer grande honra, ſem querer ſaber a cauſa de ſua vinda, deteve-ſe hum pouco em lhe perguntar como vinha de ſua indiſpoſição de tão comprido caminho, e ſe deſpedio delle, dizendo, que ſe hia para ſeu apoſento, pois elle ficava no ſeu, deixando-lhe tendas, camas, e todas as couſas de ſeu ſerviço mui abaſtadamente, e elle foi-ſe á outra tenda, que já para aquelle effeito tinha ordenado. Paſſados dous dias Xiah Tamas o veio viſitar, e ſaber delle o que mandava; e paſſada muita prática entre elles, em que Omaum lhe deo conta de ſeus trabalhos, lhe diſſe que o vinha buſcar para remedio delles, confiado na grande amizade que ſeu pai Soltam Babor tinha com o Xiah Iſmael pai delle Xiah Tamas; e que a entrada que fizera na India, e conquiſta do Reino do Delij, tudo fora per ſeu conſelho, e pois ambos ficavam herdeiros daquella amizade de ſeus pais, e elle tinha perdida a herança do ſeu, vinha buſcar a elle Xiah Tamas para o ajudar a cobralla. Xiah Tamas depois que o con-

consolou de seus trabalhos, approvando-lhe a confiança que delle tinha para o ajudar nelles, por causa da grande amizade, que houve entre seus pais, se despedio delle; e a primeira cousa em que mostrou o que por elle havia de fazer, foi mandar-lhe duzentos cavallos sellados de sellas guarnecidas d'ouro, e pedraria, e outras de prata, e no arção de cada huma sella seu arco, coldre, e terçado que dizia com ellas. Estes cavallos levavam duzentos escravos vestidos de seda, cada hum com sua gomia na cinta, e terçados guarnecidos de prata, o qual presente com suas tendas, e movel de todo seu serviço, que lhe deixou, foi avaliado em hum conto d'ouro. Sobre isso disse a seus Capitães todos, que no que cada hum mandasse a Omaum Patxiah havia de ver o amor que lhe tinham. Com esta palavra, como os homens naturalmente se desejam de insinuar na benevolencia dos Principes, e dos melhores da terra, foram tantos os presentes de cousas diversas que lhe mandáram, que diziam valerem mais de quinhentos mil xerafijs; e Xiah Tamas o ajudou com doze mil homens de cavallo pagos á sua custa por dous annos, e licença para que todo homem de seus Reinos, que o quizesse ir servir, pudesse ir com elle; e por mais o honrar, vendo que Soltam Xiah

Co-

Colij Rey de Queremam seu vassallo se escusou de ir por Capitão mór daquella sua gente, dizendo, que nunca Deos quizesse que elle fosse pelejar debaixo da bandeira de outro Principe, senão delle Xiah, que era seu Senhor, ou de algum de seus filhos, mandou Xiah Tamas com elle hum filho seu menino, que ainda andava no collo de sua ama, e que Soltam Xiah Colij fosse com elle por Governador de sua casa, e de seu exercito que levava.

CAPITULO XI.

Do que fez Omaum Patxiah com o soccorro, que lhe deo o Xiah Tamas, e da morte de Xerchan.

OMaum com os doze mil homens de cavallo, que Xiah Tamas lhe deo, e com dez mil mais que o quizeram seguir, a primeira Cidade, em que entrou do seu Estado foi a de Candar, donde se elle despedio de seu irmão Astarij Mirzá quando foi á Persia, na qual não pode entrar senão per força d'armas, e combate de muitos dias, porque seu irmão se tinha intitulado por Rey daquelle Reino Mogostan. Como esta Cidade foi tomada, a deo Omaum áquelle Principe menino filho de Xiah Tamas para sua criação, que elle mui pouco lo-

logrou, por falecer por o trabalho do caminho tão comprido, porque como era de tão pouca idade, não pode aturar os grandes curſos que os Mogoles tem em ſeu caminhar, e conquiſtar.

E porque o Xiah dera ao Soltam Xiah Colij huma Provisão, per que lhe mandava, que tanto que Omaum tomaſſe per armas a primeira Cidade, como começo de poſſe de ſeu Eſtado, elle ſe tornaſſe com o menino, e ficaſſem com Omaum os doze mil de cavallo, que lhe dera em ajuda, e os quatro Capitães que hiam com elles a tres mil por Capitanſia, para andarem lá o tempo dos dous annos: vendo Xiah Colij o menino falecido, apreſſou-ſe mais em ſua partida para o ir enterrar em huma Cidade cabeça do Reino de Oracan, onde jazem enterrados alguns Reys da Perſia. Da morte do Principe Perſa, e partida deſte Rey pezou muito a Omaum, por ſer homem mui notavel, de cujo conſelho muito ſe aproveitava; mas como vio a carta que lhe elle moſtrou do Xiah Tamas, e ſobre iſſo a neceſſidade do enterramento daquelle Principe menino, o ſoffreo.

Os quatro Capitães que ficavam, porque Omaum ſe deteve algum tempo em andar eſperando recado de alguns Capitães, que andavam com os irmãos, parece que en-

enfadados daquella vida, pediram-lhe licença para se tornarem para a Persia sómente suas pessoas, e a gente de seu serviço, e que a outra que era ordenada para o ajudar, ficaria. Isto sentio Omaum; e porque insistíram muito, lhes deo licença, mas elles não ficáram sem castigo, porque o Xiah quando os assi vio tornar sem acabar o a que hiam, os mandou cavalgar em asnos virados ás avéssas, com corochas nas cabeças, e outros sinaes de infamia, e que fossem assi levados com pregão per todo o arraial, e per sentença os houve por inhabiles para nunca servirem em cousa de honra, pois deixáram de cumprir seu mandado no tempo que os mandou andar com Omaum Patxiah, dizendo mais que nenhuma morte pudera seu filho morrer mais honrosa que nos braços de sua ama, em ajuda de hum tão valeroso Principe como era Omaum Patxiah.

E para que acabemos esta tão vária tragedia de tantos Principes, deixando Omaum em guerra com seu irmão, de que os successos não tocam a esta nossa quarta Decada, tornaremos á fortuna de Xerchan, de que começamos fallar. O qual sendo tão grande Principe em Estado, e riqueza com estas victorias que houve de Omaum, assombrou todas aquellas partes da India, que

se

se comprehendem entre o Indo, e o Ganges; e como o favor dos homens se inclina aonde se inclina a fortuna, não houve Principe Mouro, nem Gentio naquellas regiões, que lhe não mandassem seus Embaixadores. Affirma-se, que por os grandes thesouros, e despojos que acquirio das victórias de tão ricos Principes, trazia em campo quatrocentos mil homens de cavallo. Finalmente elle foi na India hum terror de todos os Estados della; e se deixou de fazer guerra ao Reino de Guzarate, per onde elle quizera entrar para vir ao Reino de Decan, foi porque em tempo de Soltam Badur tinha recebido delle grandes obras de amizade. A primeira foi a honra que fez a seu filho Gilalchan, o qual (como atrás dissemos) Omaum Patxiah trazia em arrefens comsigo; e quando sahio do Reino de Guzarate com a victoria que de Soltam Badur houve, Gilalchan se lançou com o mesmo Badur, que depois o mandou a seu pai mui honradamente; e a segunda, o mesmo Badur dera o titulo de Rey a Xerchan, porque por antigo costume dos Mouros daquellas partes do Oriente, de que escrevemos, está introduzido, que nenhum Principe, não lhe vindo per herança, se póde intitular Rey, por mui poderoso, e rico que seja, senão per concessão de hum de quatro

tro Principes, a que os Mouros sómente dam titulo de soberanos, como Emperadores; pelo Grã Turco, que póde dar aquelle titulo aos Principes de Ponente; pelo Rey da Persia, que póde fazer Reys aos do rio Eufrates até o rio Indo; pelo Tartaro Usbeque Rey de Samarcant do rio Geum contra a Tartaria; e ElRey de Cambaya até o rio Ganges. E não contente Xerchan com a dignidade a que chegou, quiz tambem accrescentado o Estado, accrescentado o nome, e deixando o de Xerchan, se começou a chamar Xiah Olam, que na lingua dos Patanes quer dizer Senhor do Mundo. Mas neste titulo durou poucos annos; porque tendo sitiado huma Cidade de Gentios Resbutos, per nome Calija, não tanto para se fazer Senhor della, quanto para roubar hum templo que nella estava, em que havia grandes thesouros de offertas, que os Reys Gentios de longo tempo alli offereciam, e assi toda a mais Gentilidade daquellas regiões sendo já tomada a Cidade, por querer elle matar com hum tiro de bombarda hum elefante, que servia naquelle templo, a bombarda rebentou de maneira, que fez Xiah Olam em tantos pedaços, que sómente foi conhecida sua cabeça entre outros muitos, que tambem a bombarda espedaçou, que eram dos mais nobres Capitães que comsigo

go trazia; e assi se acabou como cousa que era vã, e caduca a gloria de Xiah Olam, e toda sua felicidade. Deixou dous filhos, Soleimechan, e Eidelechan, que depois contendêram sobre a herança, e do Reino de Bengala se fez Senhor hum Patane por nome Mahamedchan.

Esta longa digressão fizemos por acabarmos a historia de Mamud Rey de Bengala, e de Xerchan, que começámos sobre o cativeiro, e resgate de Martim Affonso de Mello Jusarte, que na guerra destes dous Principes interveio; e tambem por ser notavel exemplo para todos os que mal obram, saberem, que como Deos faz nascer o Sol sobre os bons, e os máos, assi he a todos igual sua justiça, ainda que infieis sejam, em não dissimular culpas notaveis sem castigo.

CA-

CAPITULO XII.

Como D. Paulo da Gama Capitão de Malaca mandou Bastião Vieira visitar a ElRey de Ujantana, o qual o matou, e aos Portuguezes que o acompanháram: e como D. Paulo foi morto pelejando com huma Armada do mesmo Rey.

EM Malaca não faltáram desgraças em quanto passáram as de Bengala; porque D. Paulo da Gama, (que o Governador Nuno da Cunha despachou para ir servir de Capitão daquella fortaleza, na ausencia de D. Estevão da Gama seu irmão, o qual não passou á India o anno de 1532., que partio deste Reino,) como chegou á Malaca, mandou hum Bastião Vieira natural da Ilha Terceira a Ujantana visitar a Aludim Rey della filho do Rey de Bintam, que Pero Mascarenhas destruio, e a dar-lhe conta da sua vinda áquella fortaleza, como a hum vizinho tão chegado, e saber delle se o havia de ter por amigo, ou inimigo, para lhe corresponder com as obras que estes dous nomes mereciam; e que lhe mandava fazer esta pergunta como homem novo na terra, a quem convinha saber que vizinhos tinha, por algumas cousas que os moradores de Malaca diziam, que elle

não

não dava credito, até o entender da sua resposta. A que ElRey deo foi mandar matar a Bastião Vieira, e a cinco Portuguezes [a], que hiam em sua companhia, provocado por ElRey de Pacem, que lhe persuadio que aquelle messageiro era espia que hia reconhecer o rio, e assento da sua Cidade. D. Paulo soube deste successo, que sentio muito, e quizera ir tomar vingança de tão grande maldade; mas foi aconselhado que o não fizesse, por Malaca estar mui desapercebida de gente, e de embarcações para commetter tamanho feito; e que para o acabar esperasse navios, e gente da India, que não podiam tardar. Outra embaixada mandou D. Paulo per Manoel Godinho aos Reys de Panda, e de Pate, com os quaes elle assentou paz, que foi mui proveitosa para Malaca, porque dalli se provia de mantimentos, posto que com trabalho, por causa das armas d'ElRey de Ujantana.

Neste estado estavam as cousas de Malaca, quando chegou a ella em Junho de 1534 D. Estevão da Gama, o qual entre-

[a] *A estes Portuguezes mandou matar este tyranno com exquisito, e cruel genero de morte, porque os mandou pôr nús em hum campo atados de pés, e mãos, e lançar-lhes em cima tanta agua fervendo, até que ficáram meios cosidos; e deixados assi, foram comidos dos adibes.* Francisco de Andrade *no cap. 83. da 2. Parte.*

gue da fortaleza, a proveo logo de mantimentos, e munições, de que estava falta, e para a ordinaria provisão mandou concertar navios, sem os quaes ella se não póde fazer; porque como tudo lhe vem de fóra, e o mais do tempo está de guerra com os vizinhos, convem sempre ter embarcações prestes para mandar buscar mantimentos, e para os defender dos inimigos, que os querem tolher. Andando nesta occupação lhe vieram dizer, que no rio de Muar víram entrar lancharas, e calaluzes; e porque a gente da terra que lhe deo esta nova não se affirmava no número delles, para o saber mandou Simão Sodré com oito balões, (que são huns barcos leves,) em cada hum dos quaes levava tres espingardeiros; e havendo seis horas que eram partidos, vio-se hum fumo contra a Ilha Grande, duas leguas de Malaca, que parecia ser de bombardas, e era de huma Armada de lancharas, e calaluzes de Tuam Caba tio d'ElRey de Ujantana [a], que a seu rogo com

[a] *Esta Armada era de setenta vélas, de que vinha por Capitão mór Lacximena, (como escreve* Diogo do Couto *no cap. 11. do liv. 8.) o qual se foi lançar em cilada detrás da Ilha das Náos, que os naturaes chamam Pongor, duas leguas de Malaca, e dalli despedio dez lancharas, para que corressem até a nossa fortaleza, contra as quaes mandou D. Estevão alguns bantis, e tres batéis grandes das náos, em hum dos quaes se embarcou D. Paulo, e nos outros dous André Casco, e Simão Sodré, e nas outras*

com alguma gente da Jaoa era alli vindo para dar huma vista a Malaca; e quando a teve de Simão Sodré, foi-se trás elle, ladrando as bombardas, cuja fumaça era a que se vio, indo-se Simão Sodré recolhendo, por não poder resistir com os balões a tão grossa Armada. D. Estevão parecendolhe, polo fumo que víra, que Simão Sodré pelejava, acudio apressadamente á ribeira para lhe mandar soccorro, onde já achou D. Paulo seu irmão embarcado em hum batel, e sem lhe poder estorvar a ida, man-

Ll ii dou

embarcações, que seriam quinze, hiam João Rodrigues de Sousa, Balthazar Leite, Jusarte Freire, e outros nobres. Os navios dos inimigos se foram retirando até perto da Ilha, na qual sahindo Lacximena com toda sua Armada, pelejáram com ella os Portuguezes tão esforçadamente, que posto que a maior parte delles foram mortos na peleja, fizeram tal estrago nos inimigos, que não houve entre elles quem se apoderasse das nossas embarcações desamparadas de seus defensores. Lacximena se recolheo mal ferido com grande número de sua gente morta, e a maior parte das suas lancharas mettidas no fundo, e destroçadas. D. Paulo cheio de honrosas feridas veio a morrer a Malaca; e sem os que nomea João de Barros, *morrêram André Casco, Sancho Sanches filho do Commendador de Calatrava Luiz Alvares, e outros. Foi esta batalha tão celebrada dos Malaios, pelo damno que nella recebêram, que ainda hoje a lamentam elles com grande sentimento nas suas cantigas.* Fernão Lopes de Castanheda *cap.* 80. *liv.* 8. *e* Francisco de Andrade *cap.* 93. *da* 2. *Parte escrevem o mesmo que* João de Barros. *Dizem porém que os inimigos leváram D. Paulo sem sentido quasi morto na lanchara que elle governava, não sabendo os Mouros que o leváram senão ao dia seguinte que morreo, e o conhecêram.*

dou metter Manoel da Gama em outro, e com elles se embarcáram João Rodrigues de Sousa, D. Francisco de Lima, Vasco da Cunha, Gonçalo Baião, e outros homens nobres.

Partidos elles mais apressada que prudentemente, mandou D. Estevão nas suas costas Antonio de Abreu em hum paráo, e apôs elle Henrique Mendes de Vasconcellos; e como os batéis de D. Paulo, e de Manoel da Gama levavam a estes ventagem, foram os primeiros no perigo, e na desgraça, porque indo já huma legua de Malaca, topáram os balões de Simão Sodré, que vinham fugindo a dez, ou doze lancharas de Mouros, sem o seu Capitão, nem Dom Paulo os poderem entreter para voltarem sobre as lancharas. D. Paulo vendo-se só, e que corria mais perigo em ir tomar o soccorro da terra, que em pelejar com os inimigos, por virem já mui perto delle, por conselho dos que levava comsigo, envestio com a lanchara dianteira, e tendo-a quasi rendida, acudio outra, na qual sem nenhum temor se lançou D. Paulo, e com elle Bernardo Queimado, Miguel Freire, Gonçalo Baião, Antonio de Farao, e Jorge Fernandes Borges, onde pelejando mui esforçadamente foram mortos. A Manoel da Gama, que com o seu batel chegou a . . .

tem-

tempo, deram-lhe huma ferida pelo pescoço, e outra na mão direita. D. Francisco foi ferido pouco no rosto, e Vasco da Cunha muito na cabeça, e João Rodrigues de Sousa morto. Dos inimigos foram tantos os mortos, e feridos, que não ousáram as outras lancharas chegar aos nossos batéis, os quaes com tão desestrado successo se recolhêram a Malaca, onde houve o sentimento que merecia a morte de taes pessoas. Desta perda nossa tomáram os Mouros ousadia para virem com suas lancharas mui perto da Cidade a tomar os navios que vinham de fóra, o que sentia muito D. Estevão, por não ter navios para castigar seu atrevimento; e andando em pressa de concertar alguns, veio Tuam Mahamed enteado de Sinaia, que Garcia de Sá mandou lançar da torre abaixo, com vinte e cinco lancharas dar vista á Cidade tão perto, que com huma espera lhe mettêram huma manchua no fundo. E resentido D. Estevão da soberba deste Mouro, mandou a Manoel da Gama com treze, ou quatorze navios, (dos que já tinha prestes,) que o fosse castigar; mas elle foi tão sezudo, que não quiz fazer experiencia de seu poder.

CAPITULO XIII.

Como D. Estevão da Gama foi contra El-Rey de Ujantana, e lhe destruio, e queimou a fortaleza.

DOm Estevão da Gama desejoso de vingar a morte de D. Paulo seu irmão, e deitar de Ujantana aquelle Rey, que se hia fazendo mui poderoso, e temido, por causa do sitio da sua Cidade, fundada na garganta do Estreito de Cingapura [a], pelo qual como mais principal que o de Sabá, se navegava de Malaca para todo aquelle Arcipélago, e regiões que ficam ao Oriente della, determinou de lançar este Mouro do lugar, de que tanto damno se podia seguir; e para se assegurar do animo d'ElRey de Pam, cunhado do de Ujantana, mandou lá Simão Sodré em huma náo, não tanto a comprar mantimentos, como se dizia publicamente, quanto a descubrir com destreza a tenção daquelle Rey, e o que se podia esperar que fizesse, em quanto Dom Estevão estivesse ausente de Malaca, occupado na guerra d'ElRey de Ujantana. Proveo ElRey mui largamente a náo de mantimentos, e significou com verdade a Simão Sodré, que era grande servidor d'ElRey de Po-

[a] Que por outro nome se chama o Canal de V[illegible].

Portugal, e que neſſa conta o podia ter o Capitão de Malaca para tudo o que lhe áquella Cidade cumpriſſe, e que folgaria muito que deſtruiſſe a ſeu cunhado, porque o merecia como hum grande traidor que era.

Quieto, e aſſegurado com eſta reſpoſta D. Eſtevão, eſtando já apercebido para a jornada, partio de Malaca em Outubro com huma Armada de vinte e ſeis vélas, das quaes eram duas náos, e Capitães dellas D. Franciſco de Lima, e Diogo Botelho, (neſta hia D. Eſtevão,) huma caravéla de Fernão Gomes, de que era elle Capitão, a qual, e a náo de D. Franciſco mandou D. Eſtevão que ſe adiantáſſem, e ſe foſſem lançar na boca do rio de Ujantana, e que não deixaſſem entrar, nem ſahir couſa alguma. As outras embarcações eram de remo, fuſtas, lancharas, catures, e balões; e Capitães dellas D. Chriſtovão da Gama irmão de D. Eſtevão, Manoel da Gama, Henrique Mendes de Vaſconcellos, Simão Sodré, Vicente da Fonſeca, que viera de ſervir de Capitão de Maluco, Pero Barriga, Antonio Grandio, Fernão Sodré, e outras peſſoas nobres, e moradores de Malaca, que todos faziam número de duzentos, e cincoenta homens.

E para que ſe tenha noticia do ſitio da

Cidade de Ujantana, que D. Estevão hia commetter, e o que aquelle Rey escolheo para sua morada, e a defensão que nella tinha; he de saber que Ujantana he huma ponta a mais Austral, e Oriental da terra firme da costa de Malaca, a qual desta ponta, (que dista da Equinocial quasi hum gráo, e de Malaca pouco mais de quarenta leguas,) volta para o Norte ao Reino de Sião, onde fazendo a costa huma enseada bem penetrante, na qual entra no mar o rio Menam, cuja boca está em altura de treze gráos, e hum terço, torna á terra a correr para o Sul ao Reino de Camboja. Na parte Occidental desta ponta sahe ao mar hum rio [a] tão alto, que entram per elle náos até quatro leguas da barra; e ao longo delle bem a dentro tinha ElRey Alaudim feito huma grande povoação, cujas casas eram de madeira, como são todas as daquella região; e abaixo della pouco mais de tres leguas, onde a terra fazia hum cotovêlo, estava fundada huma tranqueira como fortaleza com muitas peças de artilheria para defender o passo, que era alli tão estreito, e delle para cima até a Cidade, que ás fréchadas, e com zargunchos se podia defender; nem podia passar hum barco, por pequeno que fosse, que desta fortaleza
, e n…

[a] *Este rio se chama Jor.*

se não mettesse no fundo, e ao longo della tinham os Mouros alagados juncos, e muitas arvores cortadas, e atadas, para que chegando alli as nossas embarcações, as soltarem, e impedir com ellas a passagem.

Chegado D. Estevão com toda Armada á boca do rio de Ujantana, onde achou D. Francisco, e Fernão Gomes, como delle não levasse Piloto prático, elle mesmo fez o officio, guiando as náos pelo rio acima até onde pudéram subir, e chegar mais perto da fortaleza, em que gastou seis dias, por o rio ter muita correnteza, e muitas voltas. Antes que chegassem á fortaleza com as embarcações menores, porque tudo ao longo do rio era cuberto de mato, e delle frechavam os Mouros a nossa gente, posto que com algum damno seu, mandou Dom Estevão Pero Barriga, e Antonio Grandio com sessenta espingardeiros em duas lancharas per huma margem do rio, e pela outra com outras duas lancharas D. Francisco de Lima, e Henrique Mendes de Vasconcellos, que fizeram retirar os Mouros, e ficou desaffrontada a gente que hia nos navios, os quaes surgíram perto da fortaleza detrás de huma ponta da terra, onde a artilheria lhes não podia fazer algum mal; e para que os Mouros não entendessem per onde os ha[illegible] accommetter, mandou D. Estevão

pôr

pôr defronte da fortaleza, da outra banda do rio, quatro peças de artilheria a cargo de Henrique Mendes de Vaſconcellos, com as quaes fez muito damno, ferindo muitos Mouros, e matando quinze, ou vinte, e entre elles dous Capitães.

No meſmo tempo intentou D. Eſtevão entrar a fortaleza per outra parte; e chegando-ſe a ella, vendo que não podia ſer por alli ſem notavel perda de gente, ſe retirou; e mudado de parecer, mandou fazer hum baileu á caravella de Fernão Gomes tão alteroſo, que ficaſſe igual da fortaleza, para ſe accommetter, e entrar, pondo-lhe ſuas arrombadas, que pudeſſem ſoffrer toda a artilheria que lhe tiraſſem. A Capitanía deſte aſſalto deo a D. Chriſtovão da Gama ſeu irmão, acompanhado de Simão Sodré, como de homem que daquelle exercicio era mais prático naquellas partes. Eſta caravella levava aos lados huma fuſta, e hum batel com ſuas arrombadas, nos quaes hiam Vicente da Fonſeca, e Fernão Sodré com muitos eſpingardeiros; mas foram tantos os impedimentos de tranqueiras, e juncos alagados, que não puderam eſtas embarcações chegar á fortaleza como determinavam, e della lhes fizeram os Mouros muito damno, (poſto que tambem o receberam,) ferindo alguns homens.

tando a Fernão Gomes Capitão da caravella. Polo que vendo D. Estevão os estorvos, e perigos do mar, se resolveo de bater da terra a fortaleza, para o que mandou Francisco Bocarro Feitor de Malaca, que fosse reconhecer o sitio onde se podia plantar a artilheria, e per sua informação se elegeo hum tezo, que ficava cavalleiro á fortaleza, onde mandou D. Estevão pôr artilheria em duas estancias, que entregou a Henrique Mendes de Vasconcellos, e a Antonio Grandio, das quaes se bateo a fortaleza por espaço de oito dias, com morte de muitos Mouros. Mas vendo os Portuguezes que durava o cerco mais do que elles esperavam, e que os mantimentos, e munições começavam a faltar, e os inimigos estavam mui inteiros, e com grande determinação de se defender, e receando mais a enfermidade, por ser o lugar mui doentio, que as bombardadas, e espingardadas dos Mouros, começáram a tratar de alevantar o cerco; o que sabendo D. Estevão, poz o negocio em conselho, no qual todos se foram com o voto de Pero Barriga, approvando as razões que elle deo, como de homem mui experimentado na guerra, para se não alevantar o cerco, que era o que desejava D. Estevão, porque lhe parecia menos cabo do valor Portuguez tornar para Ma-

Malaca ſem caſtigar aquelle Rey, e aſſi mandou que todos ſe apercebeſſem para de novo combater, e aſſaltar a fortaleza dos inimigos. Os quaes brioſos com nova gente de ſoccorro que trouxe Tuam Mahamed, ſahíram das tranqueiras, e commettêram as noſſas eſtancias, e dellas ſe retiráram com tantos Mouros mortos, e feridos, que não ouſando eſperar outro combate, no ſilencio da noite ſeguinte deſampararam as tranqueiras, e fortaleza, e ElRey ſe metteo pela terra dentro com ſeu theſouro, e mulheres. Os noſſos o ſouberam pola manhã, querendo proſeguir a bateria; e aviſado logo Dom Eſtevão, que eſtava no mar, deſembarcou com toda a gente, e ſe foi metter na fortaleza, que de todo eſtava deſpejada; e recolhida a artilheria que achou nella, e nas tranqueiras, e as melhores embarcações que eſtavam no rio, a tudo o mais ſe poz fogo. [a] Com eſta victoria ſe tornou D. Eſtevão para

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *nos capitulos* 87. 88. 89. 90. *do liv.* 8. *e* Franciſco de Andrade *no cap.* 6. *da* 3. *Parte conformam-ſe com* João de Barros, *poſto que eſcrevem eſta deſtruição de Ujantana mais particularmente.* Diogo do Couto *a conta em ſumma no cap.* 12. *do liv.* 8. *com alguma differença, dando por razão, que não achou quem deſta jornada o pudeſſe informar; e que chegado Dom Eſtevão victorioſo a Malaca, entendeo logo na carga da náo Santa Catharina, que havia de vir a Portugal, de que era Capitão Vaſco da Cunha, o qual partio em Dezembro ſeguinte*

ra Malaca, onde foi recebido com muita festa, e universal contentamento, por quão necessario era castigar aquelle Mouro dos males que tinha feito aos Portuguezes, para exemplo dos vizinhos, que tinham posto os olhos no successo daquella empreza, para assi saberem o como se haviam de haver comnosco.

CAPITULO XIV.

De outra jornada, que D. Estevão da Gama fez contra ElRey de Ujantana; e das pazes que lhe concedeo: e como foi commettido duas vezes dos Achens.

NÃo cessou ElRey de Ujantana, com as perdas que recebeo na guerra passada, de continuar com ella contra Malaca, procurando per todas as vias que pode de restaurar os damnos, e vingar as offensas recebidas; de que resentido D. Estevão da Gama, e não esquecido da morte de D. Paulo seu irmão, de que se não dava por satisfeito com a destruição da fortaleza de Ujantana, aprestou huma Armada de tres fustas com lancharas, calaluzes, e balões, em que embarcou quatrócentos Portugue- zes,

(a) Francisco de Andrade *no cap.* 27. *da* 3. *Parte*, *e* Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 131. *do liv.* 8.

zes, com que partio de Malaca. Chegando ao Estreito de Cingapura, lhe deo huma trovoada de ventos tão impetuosos, que se não se cozêram com a terra, nenhum remedio humano os pudéra salvar; e ainda assi corrêram risco os navios de serem soçobrados com as arvores, que arrancadas dos ventos com raizes, e terra, vinham a cahir em cima das embarcações. D. Estevão hia em huma fusta velha, que abrio per baixo, e se foi ao fundo, em que se afogáram quatro Portuguezes, e alguns remeiros, e elle se salvou no baileu da fusta, que o vento arrancou inteiro, e lançou ao mar. Passada a trovoada que durou pouco, chegou Dom Estevão á boca do rio de Ujantana, pelo qual acima cinco leguas além da fortaleza, que elle destruíra, tinha ElRey a sua povoação, em que estava mui fortificado; e no sitio em que esteve a fortaleza havia outras tranqueiras com muita artilheria, e cinco mil homens para sua defensão, e dentro dellas varadas quarenta lancharas, que os Mouros tiráram em terra, para melhor as poderem defender. A este sitio chegou D. Estevão em nove dias com grandes difficuldades, porque quando enchia a maré era com tanto impeto, que a grande corrente atravessava as embarcações, com que não podia fazer caminho senão com a v...

sin-

ſante, atoando-ſe com cabos ás arvores, que eſtavam ao longo do rio, per onde hiam os noſſos cortando, e desfazendo muitas eſtacadas, a pezar dos inimigos, que com muitas fréchadas o impediam.

Vendo os Portuguezes a multidão dos Mouros, e ſua fortificação, não deixáram de recear o feito, e havello por duvidoſo de acabar, porém o esforçado animo de D. Eſtevão tudo lhes facilitou, e aſſegurou; e ſurgindo detrás de huma ponta, que o rio fazia, onde eſtava livre da artilheria das tranqueiras, determinou de as commetter na madrugada do dia ſeguinte, para o que ordenou que os Malaios que levava, e remeiros foſſem diante com panellas de polvora, e apôs elles os eſpingardeiros, e elle com a mais gente os havia de ſeguir. Dada eſta ordem, deſembarcando antes que amanheceſſe, commettêram as tranqueiras, em que lançáram os Malaios, e remeiros grande multidão de panellas de polvora, com que ſe accendeo tanto fogo per todas as partes, que chegou ás lancharas que eſtavam varadas, nas quaes ſe ateou com grande furia.

D. Eſtevão chegou a eſte tempo ás tranqueiras, e ſubindo per huma de taboado, teve huma mui travada peleja com os Mouros que acudíram a defender-lhe a entrada

com

com muitas eſpingardadas, e fréchadas; porém os noſſos per meio dellas apertáram de maneira com elles, que os desbaratáram, e puzeram em fugida, ſendo já manhã clara. Morrêram neſta peleja ſómente tres Portuguezes, e dos Mouros mais de quinhentos. ElRey eſtava a eſte tempo em hum outeiro, huma legua das tranqueiras, do qual ſe deſcubria o fogo dellas, e das lancharas, onde foram ter os ſeus abrazados, que lhe deram a nova de ſer queimada a ſua Armada, tomadas as tranqueiras com a artilheria, e desbaratada a ſua gente, polo que ſe retirou á preſſa com ſuas mulheres, e theſouro para o mato, onde ſe havia por mais ſeguro que na Cidade.

D. Eſtevão não quiz paſſar adiante até que a gente repouſaſſe do trabalho, e que foſſem curados os feridos, e enterrados os mortos; o que feito, mandou que marchaſſem para a Cidade. Sabendo-o ElRey, e vendo-ſe ſem gente, ſem Armada, e ſem artilheria, arrependido das guerras paſſadas, conheceo que para viver quieto, e ſeguro lhe convinha ter paz com os Portuguezes, e conceder-lhes tudo o que elles quizeſſem; e com eſta reſolução mandou dizer a Dom Eſtevão, que lhe pedia não paſſaſſe dalli, porque queria ter paz com elle, para o que lhe enviaria ſeus Embaixadores. A D. Eſ-

te-

tevão pareceo conveniente assentar pazes com este Mouro para quietação, e beneficio de Malaca, e assi lhe respondeo, que não ouviria fallar nellas sem refens. ElRey os mandou logo, e foram hum seu tio homem velho, e de muita authoridade, com suas mulheres, e familia, com os quaes D. Estevão se tornou para Malaca, onde foi recebido com grande festa, e triunfo; e o tio d'ElRey de Ujantana agazalhado na fortaleza, e tratado com muita honra. [a] Despedio ElRey logo por Embaixadores Curutaule da Raja, Lacximena, Taucam da Raja, e Turcam Marcar filho do seu Bandará, os quaes chegáram a Malaca em oito, ou dez embarcações embandeiradas, com grandes sinaes de alegria. D. Estevão da Gama os recebeo com grande apparato, e ouvio tudo o que lhe disseram da parte do seu Rey com rosto alegre, e os mandou agazalhar, e communicando o negocio com os Capitães, e casados de Malaca, assentáram que lhes deviam conceder as pazes com condições honestas, para assi ficar aquella Cidade desassombrada, e desaprezada daquelles máos vizinhos; pelo que se concluíram com as condições seguintes:

Que toda a artilheria, que houvesse per todo o Reino de Ujantana com as ar-

[a] Diogo do Couto *no cap.* 6. *do liv.* 10. *da* 4. Dec.

mas d'ElRey de Portugal, de muitas embarcações, que por ſuas coſtas ſe perdêram, ſeria logo tornada, e trazida a Malaca.

Que nunca mais ElRey de Ujantana faria em porto algum dos ſeus lancharas, nem outras embarcações de guerra; e todas as que ſe fizeſſem ſem o ElRey ſaber, tanto que foſſe á ſua noticia, as mandaria a Malaca com os donos dellas; e que todas as que ao preſente eſtiveſſem feitas, aſſi ſuas, como de ſeus vaſſallos, mandaria logo entregar á peſſoa, que com os Embaixadores para iſſo havia de ir.

Que nunca já mais faria tranqueira, nem fortes alguns em Bintam, nem em Ujantana, e que ſe paſſaria logo para o rio de Muar, por ficar mais perto de Malaca, para delle converſarem, e commercearem como amigos; e que naquelle lugar tambem não faria tranqueira, nem forte algum.

Que todas as dividas que Tuam Mafamede devia aos mercadores de Malaca, das fazendas que tinha tomadas antes da guerra, as tornaria logo a ſeus donos; e não podendo ſer tudo, foſſe parte, e a demazia para o anno, de que elle Rey ficava por fiador.

Que todos os eſcravos de Portuguezes, que

que eſtavam fugidos de Malaca, e dalli por diante fugiſſem, ſe tornariam logo; e ſe algum já foſſe Mouro, o pagariam a ſeu dono, e o meſmo ſe faria em Malaca aos fugidos de Ujantana; e ſe ainda houveſſe em ſeu Reino alguns filhos de Portuguezes, que ſe perdêram havia annos na ſua coſta em hum junco, que hia de Borneo para Malaca, ſe tornariam logo com todos os ſeus eſcravos, e eſcravas.

Que deixaria navegar livremente todas as embarcações de quaeſquer partes que foſſem para Malaca com fazenda, ou mantimentos, ſem as obrigar a tomarem ſeus portos; e que entrando algumas nelles com tempo fortuito, ElRey lhes daria toda a ajuda, e aviamento para irem para Malaca.

Que mandaria a ſeus vaſſallos, que foſſem com ſuas fazendas a Malaca para as venderem, e comprarem outras como amigos, a quem ſe faria favor, e amizade; e o meſmo ſe faria em ſeus portos aos Portuguezes.

[a] Eſtes Capitulos de pazes juráram os Embaixadores em nome de ſeu Rey; e Dom Eſtevão os mandou apregoar pela Cidade

a Fernão Lopes de Caſtanheda *nos capitulos* 181. *e* 182. *do liv.* 8. *e* Franciſco de Andrade *no cap.* 55. *da* 4. *Parte.*

com universal alegria de todos; e despedidos os Embaixadores, contentes com as peças que lhes deo, mandou com elles os que haviam de ver jurar as pazes a ElRey, que os festejou muito, e as mandou publicar, e fez logo entrega das cousas capituladas. Mudou-se ElRey para Muar, onde fundou nova Cidade, começando a correr em grande amizade com os Portuguezes, com que ficou Malaca em muita quietação, e se ennobreceo tanto com a frequencia de mercadores, que nella concorriam, navegando seguros por causa das pazes, que nunca em outro tempo esteve em maior prosperidade.

Depois da destruição de Ujantana, e pazes assentadas com o seu Rey, vieram os Achens duas vezes accommetter Malaca no anno de 1537. A primeira mandou ElRey hum Capitão com tres mil Achens em huma Armada, e sem terem della aviso os Portuguezes, desembarcáram os Mouros de noite, e entráram na povoação dos Quelins pelo baluarte de Bandorá, sem serem sentidos; e mortos muitos Quelins, encamináram para a ponte. D. Estevão da Gama sahio a ella com duzentos soldados, acompanhado dos Fidalgos, que estavam em Malaca, sabendo da entrada dos inimigos, com os quaes pelejou tão esforçadamente, que os fez recolher ao baluarte de Bandorá,

don-

donde os deitou Tristão de Taíde, (que havia pouco que chegára de Maluco,) e retirados a hum espesso mato, em que se defendêram todo o dia, na noite seguinte se embarcáram na sua Armada, que estava na Ilha das Náos, com menos quinhentos companheiros, que ficáram mortos em Malaca; dos nossos foram feridos Tristão de Taíde, D. Francisco de Lima, Antonio Pereira, Francisco Bocarro, e outros, e nenhum morto. Idos estes Achens, fez Dom Estevão cercar de taipa a povoação dos Quelins, que era cercada de madeira; e sabendo que ElRey de Achem aprestava outra maior Armada para mandar contra Malaca, ordenou a defensão da Cidade, e fortaleza como esperto Capitão; no baluarte de Bendará poz Paulo da Gama, com duzentos homens, a Tristão de Taíde, a Dom Francisco de Lima, a D. Manoel de Lima, e a Manoel da Gama, deo a cada hum vinte e cinco homens, para que corressem a nova cerca, e acudissem onde fosse necessario, e elle com outros cento se poz junto da fortaleza. Os Achens, que eram cinco mil, desembarcáram, e assentáram seu arraial em Tanjaquelim meia legua da Cidade, e commettêram tres noites a cerca, o baluarte, e a fortaleza; mas de tal maneira lho defendêram os Portuguezes, que desconfiados de

con-

conseguirem seu intento, com muitos mortos, e feridos, se embarcáram com tanta pressa, que Tristão de Taíde, que foi após elles com huma Armada, os não pode alcançar.

CAPITULO XV.

Do que aconteceo a Francisco de Barros de Paiva em Patane, e a Henrique Mendes de Vasconcellos na peleja que ambos tiveram com huma Armada de Jaos.

NO tempo que D. Estevão da Gama mandou Simão Sodré a Pam a descubrir o animo daquelle Rey, mandou tambem Francisco de Barros de Paiva a Patane com a mesma ordem de intentar se os Patanes estavam firmes na paz, que tinham com os Portuguezes. Chegado Francisco de Barros á barra de Patane, estando nella surto, o veio commetter Tuam Mahamed Capitão da Armada d'ElRey de Ujantana com algumas quarenta vélas, de quem se defendeo Francisco de Barros como Capitão esforçado que era, depois de huma larga peleja, em que lhe matáram alguns Portuguezes de vinte que tinha no navio. Affastados os Mouros com muitos mortos, e feridos para tomar algum repouso, vendo-se os nossos

ſos tão canſados, e feridos, que tornando os Mouros a elles ſe não poderiam defender, requerêram a Franciſco de Barros, que no batel do navio ſe recolheſſem á terra; o que não querendo elle conceder, tendo por melhor morrer em defensão do navio, elles ſe foram no batel á terra, e com Franciſco de Barros ficáram ſómente João Ferreira, e Baſtião Nunes, os quaes moſtrando-lhe que era temeridade aguardar mais alli os inimigos, o perſuadíram a que ſe foſſe á terra, ſalvando primeiro a artilheria, e queimando o navio. Em Patane achou Franciſco de Barros bom acolhimento, onde eſteve, até que D. Eſtevão acabada a jornada de Ujantana voltou a Malaca, e deſpachou Henrique Mendes de Vaſconcellos a Patane para o trazer, e mandar dalli á China hum junco a aſſentar o trato que antes tinham os de Malaca com os Chijs, que então eſtava quebrado.

Chegado Henrique Mendes ao porto de Patane, depois de apreſtar, e partir o navio para a China, e aviar outro, em que vieſſe Franciſco de Barros, e os Portuguezes ſeus companheiros, eſtando para ſe tornar para Malaca, teve novas de huma Armada de Jaos coſſairos, de que era Capitão mór Ericatin, o qual trazia vinte calaluzes, que remavam com duas ordens de

re-

remos, huns de galé, e outros de pangaio, com muita gente de guerra, artilheria, e artificios de fogo. Estes foram demandar o porto de Patane, de que sendo os nossos avisados, se fizeram á véla; mas porque Francisco de Barros não tinha toda a sua gente dentro no junco, surgio perto da terra, esperando por ella, e Henrique Mendes se fez na volta do mar. Os Jaos havendo vista dos nossos navios, os accommettêram repartidos em duas esquadras. Dez calaluzes, porque o vento era calma, chegáram a abalroar com muito esforço o navio de Henrique Mendes, cercando-o por todas partes; mas acháram tal resistencia nos nossos, que depois de durar a peleja hum grande espaço, se affastáram os Jaos com perda de muita gente, e calaluzes espedaçados, ficando tambem no navio tres Portuguezes mortos, e muitos feridos; e cahindo Henrique Mendes sem acordo de huma frécha de peçonha, de que não tornou em si, senão depois de affastados os inimigos, polos remedios com que lhe acudíram.

Francisco de Barros com sós dezeseis Portuguezes, que tinha no seu junco, se defendeo com tanto valor de oito calaluzes que o investíram, que sem o poderem entrar se affastáram delle, e com fréchas de peçonha,

e com

e com a artilheria começáram de novo a pelejar com os nossos; e foi tanta a bombardada, que todo o navio era aberto dos pelouros, que só na camara de poppa lhe mettêram cincoenta; e hum que foi dar em hum barril de polvora, queimou tres homens. Os Mouros vendo o fogo, e fumo, dando grandes gritas, remettêram ao junco para o abalroarem, cercando-o per todas partes, e pondo nelle escadas para subirem; mas Francisco de Barros, posto que ferido de huma fréchada d'erva, que lhe atravessou huma perna, com Bastião Nunes, e o Mestre do navio, que ainda estavam vivos, fizeram tantas maravilhas com artificios de fogo, que os mais que intentáram subir foram queimados; porém não puderam deixar de ser entrados, se a este tempo não chegára o navio de Henrique Mendes de Vasconcellos, que tornando em seu acordo, e refrescando o vento, dando todas as vélas, veio soccorrer o junco; e rompendo pelo meio dos calaluzes com a artilheria, metteo no fundo tres, e espedaçou outros; e dos que estavam per poppa do junco alcançou dous, em hum dos quaes vinha o Capitão mór, que se salvou a nado em outro, e se foi logo para terra seguido dos outros calaluzes, e o navio trás elles, tirando-lhes muitas bombardadas; e porque

em

em quanto Francisco de Barros pelejou lhe fugíram para terra todos os marinheiros, e nella estavam alguns Portuguezes, lhe foi forçado tornar ao porto tomar a gente que lá tinha, e prover-se do necessario para a viagem de Malaca, aonde chegáram estes dous Capitães a salvamento, encontrando no caminho outra Armada de Jaos cossairos, de que andava por Capitão Paribara, e trazia comsigo setenta vélas, de que não foram accommettidos por levarem muito vento, e irem muito ao mar.

CAPITULO XVI.

Como Antonio Galvão, que ElRey fizera Capitão de Maluco, foi por mandado do Governador a succeder a Tristão de Taíde: e do alvoroço, e festa com que foi recebido de todos.

EM quanto em Malaca havia estas inquietações, em Maluco houve outras muitas, a que deram causa os excessos, que Tristão de Taíde fez no seu cargo, com os quaes poz muitas vezes a risco perder-se aquella fortaleza com todos os Portuguezes, que nella havia. Aquella soltura causava, assi nelle, como nos que o precedêram, o respeito que tinham mais a seu proveito particular, que ao d'ElRey, e do commum,

e a

e a grande diſtancia que ha daquellas partes á India, perque o Governador não sómente os não podia caſtigar, mas nem ſaber de ſuas culpas; e Triſtão de Taíde tomava ainda mais licença, por a confiança que tinha na muita amizade que entre elle, e o Governador Nuno da Cunha havia; e no parenteſco com D. Eſtevão da Gama, que em Malaca eſtava por Capitão, que era ſeu ſobrinho, filho de ſua meia irmã. Mas ſendo Nuno da Cunha informado por Lionel de Lima, que a Goa chegou com ElRey Tabarija, e ſua mãi, e padraſto, que Triſtão de Taíde lhe mandou prezos; e ouvindo os clamores daquella gente, de cuja innocencia lhe conſtou, determinou de mandar aquelle anno a Maluco Antonio Galvão por ſucceſſor de Triſtão de Taíde, porque por ElRey tinha a Capitanía de Ternate.

[a] Antonio Galvão, poſto que ſe lhe repreſentava quão arduo negocio era naquelle tempo acceitar a Capitanía de Maluco por a terra eſtar quaſi levantada, aſſi os Mouros, como os Chriſtãos, por as muitas vexações que os Capitães lhes faziam, que eſtavam poſtos em foro de não ſerem caſtigados por ſuas inſolencias, e por a terra eſtar falta de mantimentos, de homens, e de ar-

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap. 127. do liv. 8.*

armas; porém como elle era mui zeloſo do ſeviço de Deos, e d'ElRey, determinou de ir, e de maneira que remediaſſe as neceſſidades, em que aquella fortaleza eſtava; e porque o Veedor da Fazenda não tinha tanto dinheiro que lhe dar, quanto elle havia meſter, com toda a fazenda que tinha, e com a que pode haver de ſeus amigos ſe apercebeo do neceſſario. E porque para Maluco ſe achava gente com difficuldade, de que lá havia muita neceſſidade, com dadivas, rogos, e promeſſas ajuntou a mais que pode, além da que lhe o Governador deo; e para levar eſta gente, que era a mais concertada que nunca foi a Maluco, fretou outra náo á ſua cuſta. Além deſta gente de guerra levou algumas mulheres, a que fez grandes partidos para lá caſarem com Portuguezes, e formar huma colonia para arraigar a gente na terra, e ſaberem os Mouros que os Portuguezes faziam em Maluco ſua habitação de aſſento: levou tambem inſtrumentos de cortar, ferrar, e metaes para fazer outros, e muitas alfaias para os homens viverem naquella terra commodamente.

Provído Antonio Galvão deſta maneira, partio de Cochij aos 8. dias de Maio daquelle anno de 1536., e chegou a Malaça aos 18. de Junho com ſuas duas náos, e ou-

outros navios de sua conserva. [a] Alli lhe vieram cartas de Maluco, de muitos que lhe pediam com grande efficacia apressasse sua ida para ir remir aquella terra, que estava falta de justiça, e de gente, e tanto de mantimentos, que pereciam á fome. Outra carta teve do Feitor da náo Santo Espirito, cheia de queixumes de Tristão de Taíde, que lhe não quizera deixar carregar cravo para ElRey, e o detivera dous annos, por elle o comprar, e carregar para si. Polo que estando ainda mui mal de huma doença, que o chegou á morte, e em grande perigo, quiz partir contra conselho de D. Estevão da Gama. [b] E porque a salvação daquella gente de Ternate consistia em elle lhes levar mantimentos, e o Feitor da náo d'ElRey não podia comprar senão mui poucos, elle comprou tantos á sua custa, com que carregou a sua náo, que levava fretada; e porque não se satisfazia com estes, deixou em Malaca hum Antonio Soares, que fosse com hum junco á Jaoa, e hi o carregasse delles; e por já não ter dinheiro, lhe deo para isso sua prata lavrada. E assi tão doente como estava partio aos 18. de Agosto, e surgio no porto de Ternate a 25. de Outubro, onde foi visto da gente com tanto al-

a Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 158. *do liv.* 8.
b Castanheda.

alvoroço, como hum homem de que esperavam ser remidos do duro jugo que tinham. [a] E a primeira cousa que os homens principaes que o foram visitar lhe disseram, foram grandes queixumes de Tristão de Taíde, attribuindo-lhe toda a culpa da guerra, que os Mouros lhe faziam, e do odio que lhe tinham; e que tão escandalizado estava delle o povo, que já o tiveram mandado prezo ao Governador da India, se D. Estevão da Gama seu sobrinho não estivera por Capitão em Malaca, onde havia de ir a parar. Tantos foram os males, que de Tristão de Taíde recontáram, que Antonio Galvão os não podia crer, e parecia-lhe que por o grangearem a elle os accrescentavam; e como elle era humano, e de espiritos nobres, tinha por cousa vergonhosa a Portuguezes, que os Capitães de Maluco todos que vinham de novo prendessem aos passados, e determinava (se possivel fosse) não prender a Tristão de Taíde, salvo se as culpas fossem taes que não pudesse al fazer. Tristão de Taíde o mandou visitar á náo, e pedir-lhe fosse logo tomar posse da fortaleza; mas Antonio Galvão querendo apagar aquelle impeto, que via na gente contra elle, e por o favorecer, não quiz sahir lo-

[a] Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 159. *do liv.* 8. e Francisco de Andrade *no cap.* 43. *da* 3. *Parte.*

logo em terra, mas ſe deteve alguns dias, parecendo-lhe que ſe viſſem que o favorecia de alguma maneira, ſe reconciliariam com elle, ou ao menos não ſe queixariam com tanta efficacia como alguns tinham feito; e como os da fortaleza eſtavão deſejoſos de ver Antonio Galvão por os bens que de ſeu governo eſperavam, e mui eſcandalizados de Triſtão de Taíde, por o máo tratamento que lhes fizera, murmuravam daquella dilação, e attribuiam a medo, que Antonio Galvão tinha do trabalho em que entrava, porque a gente da fortaleza era mui pouca, a falta dos mantimentos muita. Os Reys Mouros vizinhos todos contrarios, ſendo alguns de antes muito amigos dos Portuguezes, a gente diviſa entre ſi, e mui pouco obedientes, porque como eram poucos, e ſe hiam á India contra vontade dos Capitães, quando vinham juncos de Malaca, ou de Banda, os Capitães ainda que não quizeſſem ſoffriam os exceſſos dos que ficavam, porque ſe os caſtigaſſem, ou prendeſſem, ficaria a fortaleza ſó, e em grande perigo com os Mouros. Mas ſabendo Antonio Galvão quão mal interpretavam ſua dilação, ſahio logo em terra, onde foi recebido com procisſão, e cantico de *Te Deum laudamus*, com grande prazer, e acclamações de todos, dizendo-lhe publica-

men-

mente que os hia remir do cativeiro, em que estavam, e da fome com que pereciam.

Antonio Galvão como entrou, poz logo taxa nos mantimentos, abaixando-os aos preços de antes; e para que entendessem assi os Christãos que os compravam, como os Mouros que os vendiam, que os preços se não haviam de alterar, começou logo pelos mantimentos d'ElRey, que estavam na fortalaza. [a] E para metter a gente em ordem, e policia, e viverem como homens de razão, e os enfrear com leis, levou os cinco livros das Ordenações do Reino, para per elles se governarem; e para os Clerigos as Constituições do Arcebispado de Lisboa, que o Cardeal Infante Dom Affonso fizera. Instituio para execução das Leis, e administração da justiça hum Juiz ordinario, e dous Almotacés, que até então não houvera. Após isto entendeo logo em repairar a fortaleza de artilheria, de que a achou mui falta, porque a que havia boa dera-a Tristão de Taíde aos juncos dos mercadores, para segurança do cravo que lhe levavam de graça, e a artilheria que hi achou estava toda desapparelhada, nem achou ferreiro que a concertasse; porque a hum que havia deo Tristão de Taíde licença que se

[a] Castanheda, e Francisco de Andrade.

ſe foſſe a Malaca; mas Antonio Galvão fez tanta diligencia, que deſcubrio hum ferreiro, que andava encuberto, e em outro foro, a que deo tanto de ſua fazenda, que o obrigou a tornar ao officio, o que relevava tanto, que d'outra maneira não havia artilheria, e ſem ella não havia fortaleza. Tambem não achou polvora, pelo que logo mandou fazer muita; e para fazer carvão, e trazer madeira para os repairos das bombardas, hia Antonio Galvão meſmo ao mato com todos os Fidalgos, e cada hum trazia ás coſtas a mais que podia, de que Antonio Galvão trazia ſempre o maior cargo para os animar, o que tudo ſe não pudéra fazer ſe Antonio Galvão não levára a ferramenta, e inſtrumentos que diſſemos.

CAPITULO XVII.

Do memoravel feito, que Antonio Galvão fez em ir buſcar com cento e vinte Portuguezes a oito Reys Mouros, que com grande exercito eſtavam em Tidore: e como os desbaratou, e deſtruio a Cidade, e a queimou.

Os Mouros de Maluco como com as victorias paſſadas cobraſſem coração, e eſtiveſſem juntos em Tidore oito Reys, que contra os Portuguezes eſtavam conjura-

dos, os quatro delles de Maluco, e os outros quatro dos Papuas, com innumeravel gente de guerra, não passava momento que os Portuguezes não fossem delles salteados com suas Armadas, com que os corriam, polo que lhes era necessario a todas horas estarem com as armas vestidas; e parecendo-lhe a Antonio Galvão que por elle ser novamente vindo, e Tristão de Taíde, de quem se elles davam por offendidos se haver de ir, queriam paz com elle, lha mandou pedir per Gonçalo Vaz Sernache Capitão mór do mar; e elles se desculpáram a Gonçalo Vaz da guerra que faziam, com os males que Tristão de Taíde tinha feitos; e depois de consultarem entre si, assentáram treguas por alguns dias, para nelles saberem o estado da fortaleza, e a determinação de Antonio Galvão. Mas esta tregua guardáram elles mal, porque sahindo alguns escravos da fortaleza ao campo a buscar lenha, tomáram tres, e foram-se com elles. Antonio Galvão se lhes mandou queixar, e dizer, que pois assi passava, que elle lhes faria guerra descuberta, e não á traição; ao que elles respondêram, que fizesse o que quizesse. Polo que Antonio Galvão se determinou em hum façanhoso feito, que era ir sobre Tidore, onde aquelles oito Reys estavam com infinita gente, e mui-

e muito esforçada, e com esses poucos que tinha dar-lhes batalha, que era cousa que o Governador com todo o poder da India não faria pouco em a commetter.[a] E posto que entendia bem o grande risco a que se punha da vida, e ainda da honra, porque, não lhe succedendo bem, poderia ser julgado por temerario, parecia-lhe que era necessario tentar a fortuna, porque para esperar mais gente, não lhe podia vir senão da India, e que por ella havia de esperar dous annos, a lhe não acontecer no caminho algum desastre; e que para a gente que ao presente tinha, não havia mantimentos para a terceira parte desse tempo, nem de outra parte os podia haver, e sem ter mantimentos não se podiam suster. Polo que o melhor conselho lhe pareceo aventurarem-se em huma batalha, com a esperança posta em Deos, que ir-se consumindo com a fome poucos, e poucos. A isto teve Antonio Galvão muitos que o contradisseram, mas em fim seu parecer se seguio; e sem mais demora se partio para Talangame, onde estavam quatro vélas, em que haviam de ir, e em duas que eram náos havia de ir elle, e Gonçalo Vaz Sernache, e em hum navio Francisco de Sousa Alcoforado, e em hum calaluz ElRey Cachil Aeiro de Ternate,

[a] Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 160. *do liv.* 8.

e o Samarao com cincoenta Mouros, e os Portuguezes eram cento e setenta. Na fortaleza de Ternate deixou Tristão de Taíde, por ser o mais idoneo para isso, por seu esforço, e experiencia, e por ser tio de D. Estevão da Gama Capitão de Malaca, que o soccorreria logo, se elle Antonio Galvão morresse na batalha.

[a] Querendo Antonio Galvão partir de Talangame, lhe sahio ao encontro huma cilada de dous mil Mouros, com que houve huma escaramuça, na qual foi tomado hum Mouro homem de espiritos, a quem Antonio Galvão perguntou por o que os Reys determinavam, e elle sem nenhum medo livremente lhe disse toda a verdade, que era estarem em Tidore os oito Reys que dissemos com tantas gentes, que se não podiam contar, e que determinavam de o tomar vivo a elle com todos os Portuguezes, para matarem com graves tormentos a Tristão de Taíde, e aos que com elle estavam, e a elle Antonio Galvão, e aos que trouxe comsigo resgatallos; e que a Cidade de Tidore estava fortissima com muros, e baluartes, e muitos estrepes, que per nenhuma parte podia ser entrada, e com huma fortaleza sobre huma rocha talhada, para on-

a Castanheda, *e* Francisco de Andrade *no cap.* 44. *da* 3. *Parte.*

onde ſubiam per hum tão eſtreito caminho, que ás pedradas ſe defenderia a ſubida a todo o Mundo, e para ella haviam de ſubir mais de huma legua per caminho muito fragoſo, e cercado de arvoredo; e com tudo o Mouro lhe prometteo de o levar lá, porque (ſegundo elle dizia) quanto mais cedo o levava, tanto mais cedo ſe veria a ſi livre, e a Antonio Galvão cativo; iſto lhe ſoffria Antonio Galvão, porque o guardava para guia, ſe o houveſſe meſter.

Ao ſeguinte dia, em que Antonio Galvão determinava partir, em rompendo a Alva appareceo ao mar huma frota dos Mouros de mais de trezentas vélas de remo, em que vinham paſſante de trinta mil homens de peleja, com os remeiros, que tambem ſe contam por homens d'armas. [a] Porque coſtumam naquella terra os filhos dos Sangages, e dos Mandarijs, e dos meſmos Reys, em quanto são mancebos, andarem ao remo, e prezarem-ſe diſſo, porque dalli vem a ſer mais déſtros nas armas. Aquella moſtra d'Armada quizeram os Mouros dar, ſabendo que Antonio Galvão eſtava de partida para o eſpantarem; porém não ſe chegáram muito para elle, com medo de ſua artilheria; mas entendendo Antonio Galvão que

a Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 161. *do liv* 8. e Franciſco de Andrade.

que tudo aquillo eram feros, não deixou de partir, e juntamente partio a Armada dos Mouros, indo sempre a la mar.

Chegando a Tidore, foram logo as praias cubertas de gente, que o sahio a ver com grandes gritas; e começando a descubrir a Cidade, começou a disparar a artilheria della; mas como os pelouros passavam por alto, não lhe faziam damno; e para consultar com os seus per que parte daria na Cidade, surgio ao pé da rocha onde estava a fortaleza, por dalli poder melhor esbombardear a Cidade, e estar mais amparado da sua artilheria. Alli tiveram grande altercação sobre a maneira com que a escalariam; huns queriam que se escalasse per qualquer parte que pudessem; outros eram de parecer que pela parte que era mais forte, porque nella haveria menos gente que a defendesse; outros eram de opinião que se tomasse a fortaleza primeiro, porque posto que fosse difficultosa cousa, era de menos perigo, por quanto não tinha artilheria, nem tinha gente que a defendesse, porque os Mouros tinham por impossivel tomar-se cousa tão agra, e tão forte, e que se a tomassem, dahi fariam tanta guerra á Cidade, que os inimigos a deixariam, ou fariam pazes; e que certo estava que ganhada a fortaleza, haviam os Mouros de

per-

perder o animo; e ſe tomaſſem primeiro a Cidade, os Mouros ſe haviam acolher á fortaleza, e que alli lhes não poderiam fazer damno. A eſte parecer ſe acoſtou Antonio Galvão, e todos acordáram, que para aquelle feito levaſſem cento e vinte Portuguezes eſcolhidos, e os cincoenta ficaſſem na Armada para a defenderem, e para em amanhecendo darem viſta de ſi nos navios todos armados, tangendo as trombetas, e atambores, como que queriam deſembarcar, para que aſſi acudiſſem os inimigos a tolher-lhes a deſembarcação, e entre tanto Antonio Galvão com os mais eſcalarem á fortaleza.

No quarto da modorra do dia do Apoſtolo S. Thomé, quando os inimigos eſtavam mais açocegados, deſembarcou Antonio Galvão com os ſeus cento e vinte Portuguezes, com ſuas eſpingardas, e lanças, que eſcravos lhes levavam, que com os Senhores faziam número de trezentos. Tornados os batéis para a Armada, abalou Antonio Galvão para a fortaleza per hum caminho, que eſtava affaſtado da Cidade, e hia para cima da rocha que diſſemos. Na dianteira hiam Gonçalo Vaz Sernache, Diogo Lopes de Azevedo, Jorge de Brito, Antonio de Teive, D. Fernando de Monroi, Jorge de ~~Teive~~, e outros homens Fidal-

gos,

gos, e hum Antonio Carneiro, que levava o Mouro que os guiava. No meio hia Antonio Galvão com a bandeira; e na trazeira hiam Francisco de Sousa, João Freire, e outros. Antonio Galvão por os seus não cansarem hia de vagar, e assi ás oito horas de dia chegou meia legua da fortaleza; e appropinquando-se mais a ella, foi sentido das atalaias dos inimigos, que lhes logo deram aviso de quão poucos eram os Portuguezes. Sabendo-os os Reys, com grande alvoroço deram rebate aos seus; e com cincoenta mil homens que se ajuntáram, sahíram logo á pressa para onde Antonio Galvão vinha; o qual ouvindo o estrepito de tanta gente, por se não embaraçar com ella, antes de chegar á fortaleza, deixando o caminho que seguia, se metteo pela espessura grande do mato, onde se encubrio tanto dos inimigos, que o perdêram de vista; e por parecer aos Mouros que com medo se retiráram os nossos, com prazer deram grandes apupadas, que naquelles valles, e lugares concavos retumbavam com tamanho éco, que a qualquer homem de grande coração fizera muito pavor; mas aquelle pequeno exercito Christão, com as esperanças postas só em Deos, hia mui esforçado.

ElRey Cachil Daialo, que era hum valen-

lente cavalleiro, e levava a dianteira, a que era encarregado que fosse o primeiro que désse nos Portuguezes, trabalhou por os atalhar antes que chegassem á fortaleza; e chegando com sua gente a hum escampado, que se fazia entre elle, e a fortaleza, foi alli ter acaso Antonio Galvão, com quem elle quizera fallar, para o deter em palavras, em quanto os outros Reys com o resto do exercito chegavam, para os tomaram vivos ás mãos, porque não se contentavam matallos em peleja. Antonio Galvão que o entendeo, não curou de praticar, senão de vir ás mãos; e mandando tocar as trombetas, arremetteo aos Mouros, chamando por Sant-Iago. Neste primeiro encontro ElRey Cachil Daialo, que armado com huma saia de malha, e huma celada na cabeça pelejava com huma espada de ambas as mãos, cahio de feridas que lhe deram; mas como era mui esforçado, se levantou logo, dizendo, que não era nada, posto que lhe sahio muito sangue. A batalha foi mui travada, trabalhando os Mouros por cercarem os Portuguezes, e os consumirem; o que sem dúvida fora, se El-Rey Daialo não tornára a cahir desmaiado do muito sangue que se lhe hia das feridas mortaes, de que dahi a pouco morreo. O qual em cahindo bradou que o tirassem da

ba-

batalha, para que os Portuguezes não se alegrassem com sua cabeça. Quando os Mouros o víram assi levar já quasi morto, perdêram o coração, e sem poderem mais pelejar, começáram a fugir quanto mais cada hum podia, de que alguns por irem mais despejados deixavam as armas; e encontrando-se com a gente dos outros Reys, que os vinham ajudar, se embaraçavam huns aos outros com a pressa, indo huns para a fortaleza, outros para os matos. Antonio Galvão seguindo os que fugiam para a fortaleza, se envolveo com elles, e entrou nella com todos os seus, e os Mouros que entravam, e os que lá estavam tornáram a sahir, e lha deixáram. Antonio Galvão mandou logo pôr fogo á fortaleza; e por as casas serem de madeira, e de cannas, e a cubertura de ola, facilmente foi tudo queimado. Os Reys se acolhêram per esses matos; e o de Tidore tomando suas mulheres, e thesouros, com guarda de quatro mil homens que o ajudavam, deo comsigo em hum profundo valle. Como o fogo foi bem entregue da fortaleza, Antonio Galvão desceo á Cidade; e entrando com grande grita, e estrondo de trombetas, e atambores, os Mouros a desampararám, e toda a fazenda que nella tinham; à que tambem foi posto o fogo, com que ardeo mui-

ta riqueza ; porque como os Mouros eſtavam confiados no forte ſitio em que eſtava, e difficuldade de ir a ella, tinham alli todas ſuas fazendas. Dos Mouros foram muitos mortos, e muitos cativos, e os feridos ſem conto. Da parte dos Portuguezes não morreo peſſoa alguma, tirando hum ſó eſcravo, o qual parecerá duro a quem o ouvir, como perigoſo a quem o eſcreve, ſe ſenão lembrarem quão poucos Portuguezes acabáram já maiores couſas contra mais número de inimigos, a que tiráram as vidas, e os Eſtados. Acabando a Cidade de arder, mandou Antonio Galvão derribar os muros, e baluartes della, e entupir as cavas, e aſſi ficou tudo tão raſo, como ſe nunca alli eſtivera Cidade.

CAPITULO XVIII.

Como os Reys Mouros ſe foram para ſuas terras; e o de Tidore fez pazes com Antonio Galvão.

INdignados os Reys Mouros por a victoria que os Portuguezes delles houveram, com a gente que tinham, determináram de tomar Antonio Galvão quando das náos aonde vinha dormir tornaſſe para a Cidade. Sendo diſto ſabedor Antonio Galvão, quiz-lhe contraminar ſeu diſenho, e ar-

armar-lhe huma cilada de alguma gente ao longo da terra nos navios de remo que tomára, para que vindo os inimigos lhes ficaſſem os da Cidade detrás, e elle diante; e para que os Mouros de melhor vontade ſahiſſem, ſe embarcou em amanhecendo a ſom de trombetas, e atambores; e como os Mouros eſtavam preſtes, ſahíram logo a elle para lhe tomarem a dianteira antes que chegaſſe á terra, e indo aſſi, foram de ſubito dar com a cilada, de que logo começáram a esbombardear, e chegar-ſe aos Mouros, e afferráram huma coracora d'ElRey de Bacham carregada de gente, que não ouſando a pelejar, ſe lançou toda ao mar, ficando a coracora em mão dos noſſos. Vendo iſto os Mouros que atrás ficavam, ſe retiráram, e aſſi não recebêram mais perda; mas os Reys ſe affrontáram muito, vendo quão pouco montáram ſeus ardijs, polo que determináram de per mar, e per terra darem em Antonio Galvão; o que vindo á ſua noticia, foi ſobre elles per terra; e indo per caminhos encubertos, houvera de tomar os inimigos repentinamente, ſe huns ſoldados que hiam na dianteira não diſparáram as eſpingardas indo já perto delles; mas todavia com aquelle ſobreſalto ſe puzeram em fugida, dos quaes ainda Antonio Galvão alcançou os que hiam na retaguarda, de que

fe-

ferio, e matou alguns, e outros cativou; dos mortos foi hum parente d'ElRey de Geilolo, que era mui esforçado cavalleiro, e de que fazia muita conta, cuja perda os Mouros sentíram muito, e fizeram por elle grandes prantos.

Os Reys de Bacham, e Geilolo, e os das Ilhas Papuas vendo-se desbaratados per tão poucos Portuguezes, sendo elles tantos, e que perdiam tempo em tentar mais a fortuna contra Portuguezes, imputavam seu desbarato á ira de seu Mafoma, e se foram para suas terras, deixando o proseguimento da guerra para outro tempo mais felice. *a* Os Portuguezes quando víram a partida dos inimigos tão subita, sendo tantos, receavam que fossem sobre a fortaleza de Ternate, e com grande instancia requeriam a Antonio Galvão que lhe acudisse; ao que elle respondeo, que quem não defendia sua casa, mal poderia tomar a alhea, e que dalli se não iria até fazer pazes com ElRey de Tidore, ou o matar. Para pôr isto em execução lhe escreveo huma carta toda cheia de desculpas por a guerra que lhe fizera, e tambem de queixumes, por a occasião que elle, e os mais Reys de sua liga a isso deram com lhe engeitar a paz que lhe pedíra,

a Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 163. *do liv.* 8. Francisco de Andrade *no cap.* 45. *da* 3. *Parte.*

ra, ſendo os Portuguezes taes, que onde quer que chegavam, os maiores Reys lha commettêram ſempre, e com offertas de tributos, e vaſſallagem a ſeu Rey; e elle em vez de pedir paz, e amizade, lha negou, e mandou affrontar com ſuas Armadas, fazendo liga, e conjunção com os outros, ſem elle até então lhe ter feito aggravo algum, antes dado muitas moſtras de quem deſejava ſua amizade; e que pois pela experiencia víra quantos males trazia a guerra, quizeſſe com elle fazer paz, a qual lhe pedia, não por temor algum que tiveſſe, porque os Portuguezes eram homens em cujos animos não entrava medo, mas por a boa fama que delle Rey de Tidore corria, com quem folgára ter amizade, e vizinhança. Communicando ElRey eſta carta com os do ſeu conſelho, todos ſe inclináram a fazer pazes com Antonio Galvão, por a differença que delle viam a Triſtão de Taíde; e porque na maneira que procedia lhes parecia ſer homem humano, e modeſto, e que lealmente lhes conſervaria a paz, porque nos encontros que tiveram nunca conſentio que lhes cortaſſem ſuas palmeiras, nem arvores outras, e que até a ſua Meſquita, que os Chriſtãos tinham por couſa abominavel, lha guardou illéſa, ſem lhes tocar nella; polo que a todos pareceo que

a paz ſe havia de fazer ; e entretanto que ſe capitulava , ſe fizeſſe tregua de alguns dias, com condição que ſe foſſem logo de ſeu porto , e que a paz ſe aſſentaria tanto que Triſtão de Taíde ſe foſſe de Maluco. Entendendo Antonio Galvão que ſe ſe foſſe daquelle porto não ficava o concerto fixo, e não ſe contentando da dilação que haveria até a ida de Triſtão de Taíde, mandou dizer a ElRey, que antes de tratar ſobre pazes ſe haviam ambos de ver. ElRey o recuſou , por o coſtume dos Reys daquellas partes , que o vencido não vê o roſto do vencedor antes de paſſarem ſeis mezes ; e em ſeu lugar mandou a Cachil Rade ſeu irmão, que era peſſoa de grande authoridade; e por Antonio Galvão eſtar bem informado delle, e de ſuas qualidades, e querer grangeallo para o ter de ſua parte contra os outros Reys, antes de entrarem em prática ſobre as pazes, lhe commetteo que o faria Rey daquelle Reino de Tidore, ſe elle quizeſſe, porque ſeu irmão, por ſe levantar contra a fortaleza de Ternate o tinha perdido, e por não querer paz, ſendo requerido com ella , e ſobre iſſo lhe fazer guerra. Cachil Rade não acceitou a offerta do Reino, dizendo, que nunca Deos permittiria que elle fizeſſe traição a ſeu irmão; e de Cachil Rade lhe não acceitar aquella of-

offerta, e de não lhe prometter que faria com ElRey seu irmão que lhe fallasse, foi Antonio Galvão tão descontente, que com elle não quiz tratar cousa alguma, e assi ficou de guerra com ElRey de Tidore como de antes; mas receando ElRey de escandalizar a Antonio Galvão, como experimentado polo passado, quebrou o uso dos Reys de Maluco, e sem esperar por os seis mezes, se vio com elle, levando comsigo seu irmão Cachil Rade, e muitos nobres, e assentáram paz com condição que ElRey entregaria a Antonio Galvão toda a artilheria que tinha, e todas as armas que foram de Portuguezes; e que por o preço da Feitoria d'ElRey daria todo o cravo, que em sua terra houvesse, e que não ajudaria a Rey algum contra Portuguezes. [a] Ficou ElRey tão contente da arte, e brandura de Antonio Galvão, a qual parecia ainda sendo maior opposta á aspereza, e sequidão de Tristão de Taíde, que muitas vezes, assi elle como seus irmãos, e Mandarijs o hiam visitar, e comer com elle, como se toda a vida se conversáram. Mas Cachil Rade em pago da boa conta, em que Antonio Galvão o tinha, e de o querer fazer Rey, o avisou que se não partisse daquelle porto de Tidore até as pazes ficarem bem

[a] Castanheda.

ſirmes, porque ElRey ſeu irmão era tão importunado dos Reys de Geilolo, e de Bacham, que receava, que tanto que ſe dalli partiſſe, lhe moveſſe guerra em vingança da morte de Cachil Daialo, que fora morto a ferro, que todos eſtavam obrigados por juramento de vingar, e que aſſi lho prégavam ſeus Cacizes. Polo que Antonio Galvão ſe deteve alguns dias mais; e aſſentadas as pazes, prometteo a ElRey de lhe mandar reedificar a Cidade de Tidore no meſmo lugar onde eſtava, e aſſi o cumprio, começando-a antes que dalli ſe partiſſe para a fortaleza de Ternate, onde com grande feſta foi recebido por huma tão glorioſa victoria, que daquelles Mouros alcançára.

CAPITULO XIX.

Das muitas inquietações que ſempre houve em Maluco entre os Portuguezes, e ſeus Capitães ſobre a compra do cravo: e do trabalho que niſſo paſſou Antonio Galvão.

Feitas as pazes com os eſtranhos, começáram as diſcordias com os domeſticos ſobre a compra do cravo, porque como para a viagem de Maluco, ſempre na India ſe achou gente com dificuldade, aſſi por o lugar ſer tão remoto, como por não

haver outro commercio, nem trato nelle ſenão o do cravo; e os homens que áquellas partes queriam ir eram plebeios, e de pouca conta, tirando os Capitães, e Officiaes d'ElRey, houve ſempre entre elles amotinações, e alvoroços, pelo que convinha aos Capitães diſſimular as offenſas, e ás vezes as injurias que delles recebiam, por os não deixarem ſós na fortaleza, como muitas vezes acontecia. E como ElRey de Portugal não tinha na Ilha de Ternate, e conquiſta della renda para ſupprir os gaſtos que fazia no preſidio que hi tinha, e nas Armadas que a ella mandava, o Veedor da fazenda Affonſo Mexia enviou a Maluco hum regimento em tempo de D. Jorge de Menezes, perque mandava que o Feitor compraſſe quanto cravo houveſſe naquellas Ilhas, e carregaſſe o mais que pudeſſe para ElRey, e o mandaſſe á India; e que o que ſubejaſſe da carrega, o vendeſſe aos moradores da fortaleza com ganho moderado, e que deſſe dinheiro ſe pagaſſem os ſoldos, e mantimentos dos Capitães, e gente d'armas, e outros gaſtos da fortaleza; mas eſte regimento ſe não acceitou, nem houve effeito por a grande contradição que aſſi entre os Portuguezes, como entre Mouros houve; e determinando D. Jorge de Menezes, quando foi a Maluco, de executar

aquel-

aquelle regimento, mandou apregoar com grandes penas que ſe guardaſſe; mas os Portuguezes vendo que ſe ElRey ſoubeſſe o muito que ganhava em haver o cravo todo á ſua mão, que nunca mais o largaria, e elles ficariam perdidos, ſem terem mais que o mantimento, e o ſoldo, que ſe lhes pagava tarde, e mal, determináram-ſe em não conſentir, e valêram-ſe de Cachil Daroez Governador do Reino de Ternate, a que pedíram o eſtorvaſſe; e como elle deſejava occaſião de os Portuguezes o haverem meſter, o fez aſſi, e mandou, que pois aos Mouros ſe lhes tolhia a liberdade de venderem o ſeu a quem quizeſſem, que tambem elles não vendeſſem ſeus mantimentos aos da fortaleza. A diſcordia da gente, e a falta de mantimentos foi tal, que cumprio a D. Jorge per então diſſimular, já que não podia perſeverar na defeza que fizera.

A execução deſte regimento eſteve ſuſpenſa até que Antonio Galvão veio, porque os outros Capitães como tinham o tento no cravo, que haviam de tirar de Maluco para levar á India, mais favoreciam a cauſa dos que compravam, que a dos Officiaes d'ElRey, que o defendiam. E como eſte negocio do cravo importava tanto á fazenda d'ElRey, e á ſuſtentação da meſma

fortaleza, nunca Antonio Galvão affrouxou de fazer a diligencia possivel, por se não ir contra o regimento, com grande trabalho de sua pessoa [a]; e vindo a monção para ir a Malaca, mandou concertar a náo, de que viera por Capitão Francisco de Sousa, e a outra em que elle mesmo viera, para nella mandar cravo d'ElRey. E porque Tristão de Taíde se havia de ir naquella monção, mandou tirar devassa delle, como se faz dos Capitães que acabam; mas Tristão de Taíde como homem que sabia quantos tinha offendido com sua aspereza, perque não podia dar boa residencia, e que os mais dos que em Ternate havia o accusavam, pedio a Antonio Galvão houvesse delle piedade. E como Antonio Galvão era homem pio, e inclinado a fazer a todos bem, lhe prometteo que assi o faria onde não interviesse cargo de sua consciencia, ou deserviço d'ElRey; e assi muitos homens, que com Tristão de Taíde estavam mal, e delle tinham recebidas muitas más obras, os reconciliou com elle, e fez seus amigos antes de tirar delle devassa; o que Tristão de Taíde agradeceo tão mal, que começou secretamente amotinar a gente, assi para re-

sis-

a Fernão Lopes de Castanheda *nos capitulos* 164. 165. 166. *do liv.* 8. *e* Francisco de Andrade *no cap.* 45. *da* 3. *Parte.*

ſiſtirem á defeza do cravo, como para irem em ſua companhia para a India, ſendo a gente da fortaleza tão pouca, que ficaria ſem ter quem a defendeſſe; e chegou iſto a tanto, que per Antonio Galvão querer executar o regimento, e defender as compras do cravo, eſteve muitas vezes em riſco de o matarem. Polo que tentou ſe com brandura de palavras os podia pacificar, e acabar com elles, que ſe contentaſſem de comprar o cravo ao Feitor d'ElRey, que era muito mais barato que o que queriam comprar dos Mouros; e que melhor era dar hum pouco de ganho a ſeu Rey, para o gaſtar na defensão daquella fortaleza, e delles meſmos, a que mantinha, e dava ſoldo, que darem tão exceſſivo ganho aos Mouros, que deſejavam de os deſtruir. Com iſto lhes jurou em hum Miſſal de não comprar algum cravo para ſi daquelle, para que ElRey lhe dava licença, e mandou a ſeus criados que fizeſſem o meſmo; e certo cravo que de preſente lhe mandáram ElRey de Tidore, e Cachil Rade, o mandou levar á Feitoria para carga das náos. Tudo iſto não pode movellos, mas juntos em aſſuada, tomando por ſua cabeça a Triſtão de Taíde, compravam dos Mouros todo o cravo que achavam, e todo carregavam em hum junco, em que Triſtão de Taíde tinha

par-

parte, e não nas náos d'ElRey; polo que receando Antonio Galvão que se fosse Tristão de Taíde com os mais sem sua licença, e lhe levasse a gente, fez vir o junco, e as náos de Talangame, onde estavam a huma calheta perto da fortaleza, e aos Capitães deo juramento que se não fossem sem sua licença, nem lhe levassem gente, o que elles não determináram guardar; mas com o favor de Tristão de Taíde se ajuntáram armados, dizendo a grandes vozes contra Antonio Galvão, que estava recolhido na fortaleza, que haviam de comprar cravo, e o haviam de defender ás lançadas. Finalmente Tristão de Taíde com os que levou da fortaleza se embarcou, e mandou-lhe Antonio Galvão requerer, que não levasse gente; elle não curou disso, mas soltou palavras descortezes contra Antonio Galvão, o qual indo ao outro dia em busca de Tristão de Taíde, e dos outros para os prender, não achou mais que Diniz de Paiva no junco, o qual se poz a bordo com toda a gente armada, e espingardas cevadas para lhe resistir; e por o mar andar grosso, e o vento ser fresco, escapou. Pelo que Antonio Galvão fez autos, perque os houve a todos por alevantados, e os condemnou em perdimento das fazendas; e logo mandou os autos ao Governador da India, aonde

não

não chegáram, com o favor de Manoel da Gama, que eſtava por Capitão em Banda, e de D. Eſtevão da Gama Capitão de Malaca. Polo que na India, nem em Portugal ſe pode ſaber dos exceſſos de Triſtão de Taíde, nem do bom ſerviço que niſſo fizera Antonio Galvão, como acontece onde os Reys não são preſentes, e a couſa fica em Officiaes, e Miniſtros.

CAPITULO XX.

Como Antonio Galvão aſſentou pazes com os Reys de Geilolo, e Bacham, e aſſocegou os Ternates, que não queriam ter por Rey a Cachil Aeiro.

* ACháram-ſe os Reys de Geilolo, e Bacham tão affrontados por a perda paſſada, e porque ſendo elles tantos, e com tão innumeravel exercito, foram desbaratados per hum Capitão com tão poucos Portuguezs, que como foram em ſuas terras, ſe começáram logo a aperceber, e buſcarem novas ajudas para virem contra Antonio Galvão, e ſe ſatisfazerem daquella perda, e da morte de Cachil Daialo, que por ſer morto a ferro, eram obrigados, ſegundo coſtume daquelles Mouros, a tomarem delle vingança. Polo que achando-ſe Antonio Gal-

vão

* Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 183. *do liv.* 8.

vão muito falto de gente, por se lhe haver ido para a India a mór parte della com Tristão de Taíde, como assima dissemos, tratou todos os meios que pode para fazer paz com aquelles Reys, a qual não querendo elles acceitar, Antonio Galvão determinou de tomar o risco todo sobre sua pessoa, por a pouca gente que comsigo tinha, e os mandou desafiar, para ambos se matarem com elle, pois elle só era o de que diziam receber offensa. Sendo acceitado o desafio pelos Reys de Geilolo, e Bacham, ElRey de Tidore, e seu irmão Cachil Rade, se mettêram de por meio, e fizeram com que o desafio não fosse por diante, concertando os Reys com Antonio Galvão. E como elle era homem tão inteiro em suas cousas, e tinha fama de homem virtuoso, foram as pazes tão aventajadas, que não sómente os Reys se fizeram seus amigos, mas lhe mandáram os Portuguezes que tinham cativos, e as armas, e artilheria, que aos nossos tinham tomado; e pela mesma maneira lhes mandou Antonio Galvão alguns presentes de cousas de Portugal, em final de amizade, a qual estes Reys tambem guardáram, que andando entre aquellas Ilhas dos Papuas duas náos de Castelhanos, os não consentíram desembarcar em seus portos, e lhes mandáram re-

que-

querer da parte de Antonio Galvão, que se fossem á fortaleza, que nella seriam providos de todo o necessario; o que os Castelhanos não quizeram fazer; e por virem as náos mui abertas da larga navegação, com hum tempo rijo, e contrario que lhes sobreveio, deram com elles á costa, onde os mais acabáram, e os poucos que escapáram mandou Antonio Galvão resgatar, e soube delles que partíram de Nova Hespanha, e vinha por Capitão mór Fernão de Grijalva, e hum Alvarado. [a]

Com todas estas pazes não estava quieto

a *Escreve* Diogo do Couto, *que Fernando Cortes Marques del Vale mandou ao Perú Fernando de Grijalva no anno de* 1537. *em dous navios, hum dos quaes elle torneu a mandar á Nova Hespanha, e com o outro partio a descubrir humas Ilhas, que diziam ficarem a Ponente, e serem mui ricas d'ouro. Correndo Grijalva per diversas derrotas, chegando de huma dellas a* 29. *graos da parte do Sul, e d'outra a* 25. *da parte do Norte, cuidando de tomar a California, não achou terra; polo que requerendo-lhe os do navio que arribasse a Maluco por cursarem para lá os tempos; e não o querendo elle fazer, por não entrar na demarcação d'ElRey de Portugal, o matáram, e a Lopo de Avalos seu sobrinho, e elegêram por Capitão ao Mestre, que logo tomou a derrota de Maluco, no qual caminho acháram tantas calmarias, que quando chegáram nos Papuas não hiam mais que sete homens vivos. Alli deram á costa com o navio, que vinha todo desfeito de* 10. *mezes de viagem; e mettidos no batel, chegáram a huma Ilha, que se chama Crespei, onde os cativáram, e alguns foram ter a Ternate, que Antonio Galvão recolheo, agazalhou, e proveo de tudo que lhes era necessario. Cap.* 5. *do liv.* 6. *da Decada* 5.

to em Ternate Antonio Galvão, pelas differenças, e sedições que havia entre os mesmos Ternates sobre o Reinado de Cachil Aeiro, em que os Sangages, e Mandarijs não queriam consentir, dizendo, que era bastardo, e que o Reino pertencia per legitima succesșão a Tabarija filho legitimo d'ElRey Boleife, que Tristão de Taíde mandára prezo á India sem causa. Polo que com grande instancia requeriam a Antonio Galvão, que escrevesse ao Governador da India lhes mandasse seu legitimo Rey, que injustamente fora privado do Reino per Tristão de Taíde, como foram indevidamente feitas outras muitas cousas per elle. Incitava-os ainda mais a insistirem neste requerimento ser o Samarao Governador do Reino homem de que elles não eram contentes, por a razão que dissemos. Tinha a este tempo Antonio Galvão tão pouca gente na fortaleza, que a nenhuma sedição dos Mouros que houvesse se atrevia resistir. Polo que vendo que a seguridade daquella fortaleza, e do Senhorio que ElRey de Portugal tinha em Maluco, consistia em pacificar os Ternates, que andavam divididos, trabalhou quanto lhe foi possivel por procurar a amizade com elles, e ficar Rey Cachil Aeiro. [a] Os Sangages, que de nenhuma

[a] Castanheda.

ma maneira queriam tirar o Reino a Tabarija, e desejavam com muitas véras privar do governo ao Samarao, commettiam partido a Antonio Galvão, que privasse do Reino a Cachil Aeiro, e que elle servisse de Rey, em quanto Tabarija não vinha, o que Antonio Galvão não quiz acceitar, como homem zeloso do serviço d'ElRey, e pouco ambicioso como elle era, receando tambem, que por elle ser Christão, o povo não perseveraria em querer ser rigido per elle. A bondade que Antonio Galvão nisto mostrou, e a pouca cubiça que os Mouros nelle víram, ganhou grande fama entre elles, vendo que engeitava a governança de hum Reino, de que tanta honra, e proveito lhe pudêra vir, e não acabavam de o louvar; e assi tanto pode com elles a virtude de Antonio Galvão, e o favor que ElRey de Tidore, e Cachil Rade seu irmão nisso deram, que os Sangages, e Mandarijs do Reino reconhecêram por seu Rey a Cachil Aeiro, e ao Samarao por Regedor, e os obedecêram como taes.

[a] Com este assento de concordia, que Antonio Galvão fez, todos aquelles Ternates, que por as sedições, e trabalhos passados do tempo de Tristão de Taíde, e de seus antecessores na Capitanía, andavam espalhados

a Castanheda.

dos per outras Ilhas, por aggravos, ou medo, se tornáram a recolher, e povoar a terra, e gozar dos bens que a paz traz comsigo; polo que huns, e outros confessávam ter grande obrigação a Antonio Galvão, e punham suas cousas no Ceo quando comparavam o bom tratamento, que nelle achavam, com o máo que recebêram dos que o precedêram no cargo.

CAPITULO XXI.

Como Antonio Galvão mandou ao Moro contra hum levantado, que foi morto, e desbaratado: e da muita diligencia que fez sobre a conversão dos Gentios das Ilhas de Maluco.

ACabadas as differenças, que Antonio Galvão trazia com os Reys Mouros de Maluco, vindo á sua noticia que no Moro andava hum Capitão alevantado, que assoberbava aquella terra com huma grande Armada que trazia, ameaçando que havia de correr a Ternate, mandou huma Armada de certas coracoras, que lhe ElRey de Tidore emprestou, e por Capitão dellas hum Clerigo per nome Fernão Vinagre homem audaz, e de bons espiritos, com sós quarenta Portuguezes, que fosse em busca delle, para o amançar do orgulho que tra-

zia. O Clerigo pelejou com aquelle Capitão, e lhe deo batalha, em que o matou, e a hum seu irmão, e a gente foi desbaratada, e posta em fugida.

Havida esta victoria, Fernão Vinagre pacificou a terra, e fez muitos Christãos. Antonio Galvão vendo tão bom successo, o tornou lá mandar para ganhar a vontade daquellas gentes, e os persuadir se convertessem á Fé de Christo; o qual com sua prégação, e persuasões fez muitos mais Christãos, cujos filhos trouxe comsigo a Ternate para se hi crearem entre os Portuguezes [a], os quaes Antonio Galvão mandava doutrinar nas cousas da Fé, e ensinallos a ler, e escrever; e para os nossos serem mais seguros com os filhos daquelles homens nobres, que tinha como arrefens de sua Christandade, e amizade, aos pais quando os vinham ver, dava peças, e dadivas. Polo que era Antonio Galvão tão acreditado com aquellas gentes, por a justiça, e equidade, com que procedia com os homens, que entendiam, que o Deos que elle adorava era o que se havia de crer; e a religião que elle professava, se havia de seguir: tanta efficacia tem a virtude, e o bom exemplo do que quer incitar, ou converter a outros a bem viver. Sobre a conversão destes Gentios houve outras

[a] Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 203. *do liv.* 8.

tras muitas occasiões, que Antonio Galvão buscou, porque a todos negocios a que mandava, sempre encommendava em primeiro lugar o de salvar almas, como foi quando mandou Diogo Lopes de Azevedo, Capitão mór do mar de Maluco, em busca de huma Armada mui grossa de juncos da Jaoa, Banda, Macaçar, e Amboino, que soube vinham buscar cravo a Maluco, a cujo troco traziam para dar aos Mouros muitas armas, e artilheria em nosso damno, donde depois seriam máos de lançar, por cuja vinda, e commercio se tolheria haver-se o cravo para ElRey de Portugal. Polo que Diogo Lopes com sua Armada, que era sómente de quarenta Portuguezes, e duzentos Ternates, e outros duzentos homens, que lhe emprestou ElRey de Tidore, com os quaes hia Cachil Rade seu irmão, os foi buscar, e achou a Armada em Amboino, onde pelejando com elles, os desbaratou, e fez fugir com morte de muitos; e nos juncos que tomou achou muitas armas, e artilheria, e dinheiro que levavam para emprego do que hiam buscar. Indo Diogo Lopes ao longo daquella costa, assentou paz, e amizade com toda a gente della; e aos moradores de tres lugares, que se chamam Atavià, Matelo, e Nucivel, fez tornar-se Christãos [a]; e des-

[a] Castanheda.

e destas partes trouxe comsigo hum irmão d'ElRey de Ternate, que lá andava retraido do tempo de Tristão de Taíde, que o perseguia; e a Cachil Vaidua, a que Dom Jorge de Menezes mandára affrontar, como atrás dissemos.

[a] Naquelle mesmo tempo vieram a Ternate dous irmãos Macaçares [b], homens nobres,

a Diogo do Couto *cap. 2. do liv. 7. de 5. Decada.*

b *Estes Macaçares, ou Macaças, como outros lhes chamam, são naturaes de huma Ilha do mesmo nome, que com outras muitas juntas, os Geografos erradamente fazem de todas huma só, com nome de Cellebes, prolongada do Norte ao Sul, desde hum grão da Equinocial da parte Septentrional, até cinco e meio da parte Austral. São estas Ilhas senhoreadas de muitos Reys differentes nas linguas, ritos, e costumes. O Reino dos Bogis occupa a parte mais Septentrional, cuja Cidade principal se chama Savito, grande de casas nobres de madeira. O Reino de Macaça he vizinho a este, sua Cidade principal se chama Goa. Segue-se o Reino Dirapa, e a este o de Chirraná, e o ultimo, e mais Austral he o dos Cellebes. Tem estas Ilhas outros muitos regulos sujeitos a estes Reys, e nellas ha sandalo, aquila, lacre, algodão, cobre, ferro, chumbo, e muito ouro, de que as mulheres fazem manilhas para os braços. Tem pedraria vermelha, de que fazem joias. Tecem-se nellas muitos pannos de seda. São mui abastadas de arroz, legumes, frutas, sal, tem cavallos, elefantes, carneiros, bufaros, veados, porcos, gallinhas, perdizes, e toda a mais caça do mato, mas não tem vacas. Navegam os naturaes destas Ilhas em humas embarcações chamadas Pelan, estas são de remo, e de guerra, ás de carga chamam Lopi, e Jojoga. São todas estas gentes de côr baça como os Malucos: os homens bem dispostos, e gentis-homens: as mulheres formosas, e de grande serviço.* Diogo do Couto *Dec. 5. liv. 7. cap. 2.*

bres, que se fizeram Christãos, de que hum se chamou Antonio Galvão, como seu padrinho, e outro Miguel Galvão: estes tornáram á sua terra; e querendo depois vir visitar seu padrinho, trouxeram certos navios carregados de sandalo, e algum ouro, e mercadorias, que disseram havia nas suas Ilhas, e nas dos Celebes, aonde, se os Portuguezes fossem, se converteriam muitos, e fariam proveito em suas mercadorias. Com estes vinham alguns mancebos Fidalgos, com tenção de se fazerem Christãos, como de feito fizeram. Vendo Antonio Galvão que de hum caminho se podiam ganhar almas, e fazenda, mandou áquellas partes hum cavalleiro honrado chamado Francisco de Castro, e com elle dous Sacerdotes, a que deo hum regimento, para que assentasse amizade com os Reys daquellas terras, e que os induzisse a tomarem nossa Fé, e lhes deo peças, e presentes. Partido Francisco de Castro de Ternate, deo-lhe hum tempo tão rijo, que lhe foi forçado correr á vontade dos ventos; e no cabo de alguns dias foi dar com humas Ilhas ao Norte de Maluco mais de cem leguas, até então não descubertas, nas quaes soube, que aquella a que aportou se chamava Satigano, cujo povo, e Rey eram Gentios. Assentou logo Francisco de Castro com elle amizade; e para

fir-

firmeza della, se sangráram ambos no braço ao costume daquella gente, e bebeo hum o sangue do outro. ElRey se fez Christão dahi a poucos dias, e com elle se baptizáram a Rainha, e hum seu filho, e tres irmãos d'ElRey, e muitos Fidalgos, e gente popular; e gastando nisso vinte e dous dias, se partio Francisco de Castro, deixando a todos muita saudade; e passando ao longo da Ilha de Mindanao, chegou a hum rio, ao longo do qual estava huma Cidade chamada Soligano [a], cujo Rey se fez Christão, e com elle a Rainha, e duas filhas suas, e muitas pessoas outras. Na mesma Ilha se fez Christão ElRey de Butuano; (a que chamáram ElRey D. João o Grande,) e ElRey de Pimilarano, que tomou o mesmo nome de D. João; e ElRey de Camisino, que se chamou D. Francisco, e assi se convertêram as mulheres, e filhos destes Reys, e muita parte de seus vassallos. Querendo Francisco de Castro passar desta Ilha á de Macaçar, foi-lhe o vento tão contrario, que se houvera de perder, tentando-o muitas vezes. Polo que os que com-

[a] Diogo do Couto *diz, que Soligano he Ilha, e assi o são Butuano, Pimilarano, e Camisino; e que no anno de* 1543. *chegou a ellas, e a de Mindanao Bernardo de la Torre Capitão da frota de Ruy Lopes de Villalobos, o qual se tem por o primeiro descubridor de Mindanao, porém que o foi Francisco de Castro. Cap.* 2. *do liv.* 7. *da* 5. *Dec.*

comſigo levava, não quizeram que tornaſſe a tentar caminho tão perigoſo, e voltou para Ternate com muitos filhos daquelles que ſe tornáram Chriſtãos. [a] Para os quaes ordenou, e fundou Antonio Galvão com muito goſto de ſua fazenda hum Seminario, que foi o primeiro de todas aquellas partes Orientaes, em que creando-ſe aquelles moços no leite, e doutrina Chriſtã, pudeſſem vir a ſervir na conversão de ſeus naturaes, meio que para a reformação de toda a Igreja Catholica, o Sagrado Concilio de Trento depois approvou, e eſcolheo. Vendo os Cazices quanto ſe dilatava a Chriſtandade naquellas Ilhas, e que ſe abalava todo Maluco para receber, e ſeguir a noſſa Fé Santa, requerêram aos Reys que acudiſſem pola honra, e ſeita do ſeu Profeta, ſob pena de ella, e elles por lhe não valerem acabarem mui de preſſa; nem ceſſáram até os Reys de Maluco mandarem per ſuas provisões, com pena de confiſcação da fazenda, e deſterro, e cativeiro da peſſoa, que nenhum da má ſeita a deixaſſe. Mas não puderam as ameaças dos Reys, e brados dos Cazices impedir a muitos que não correſſem ao Sagrado Baptiſmo, entre os quaes Cachil Colão do conſelho d'ElRey de Ternate, trabalhando ElRey polo tirar do ſeu bom

a Diogo do Couto *no cap. 2. do liv. 7. da 5. Dec.*

bom proposito, fugio para a nossa fortaleza, onde foi logo com todos os de sua familia baptizado, tomando por nome Dom Manoel Galvão. Veio após este hum sobrinho d'ElRey de Geilolo, que sem respeito do tio, trocou santa, e animosamente a falsidade Mahometana pola verdade da Fé; mas a conversão de hum Mouro Arabio havido por parente em sangue do mesmo Mafamede, homem de tanta authoridade entre todos aquelles Principes, que o respeitavam, e veneravam como a seu proprio Califa, foi a que maior gloria rendeo a Christo: Este com grandes demonstrações de alegria, e festa de todos os Christãos, foi polo Santo Baptismo contado entre elles; e a todos recebeo, amparou, e honrou Antonio Galvão com tanto amor, e liberalidade, que pouco mais que duràra o tempo da sua Capitanía, ou se lhe perpetuára, (como pediam a ElRey D. João os Reys, e póvos de todas aquellas Ilhas,) sem dúvida todas ellas, além dos grandes interesses da Coroa deste Reino, recebêram nossa Santa Lei; mas nem nós, nem ellas merecemos huma tão grande mercê de Deos.

CAPITULO XXII.

Como Antonio Galvão ſoltou ElRey Cachil Aeiro da prizão, em que eſtava: e dos muitos beneficios que fez aos Ternates.

VEndo-ſe Antonio Galvão aſſocegado, e em paz com os Ternates, e com os Reys ſeus vizinhos, converteo o animo a fazer aos Ternates tantos beneficios, com que ſe compenſaſſem as afflicções, e damnos, que da aſpereza dos Capitães paſſados tinham recebidos; e primeiro que tudo, parecendo-lhe grande ingratidão a que ſe uſára com ElRey Boleiſe, em lhe prenderem todos ſeus filhos, e os terem como cativos, ſendo aquelle Rey o que agazalhou aos Portuguezes; e os acceitou por hoſpedes, e amigos, e lhes deo lugar em ſua terra para fazerem a fortaleza, ſoltou da prizão a ElRey Cachil Aeiro, e o deixou ir livremente para a Cidade, e lhe entregou inteiramente a adminiſtração do ſeu Reino e lhe deo licença que caſaſſe, o que ao Reys de antes ſe não permittio, depois que a fortaleza ſe fez. [a] Por eſta liberdade, que Antonio Galvão deo a ElRey, lhe ficc elle tão obrigado, e o povo todo, que nome que entre todos tinha era de pai;

co-

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda no cap. 202. do liv.

fóra do Cairo, por favorecer a Mustafá seu enteado, a que o Baxiá tinha perfilhado, o ajudáram em sua pretenção, e assi o Turco, posto que tinha homens de grande experiencia na guerra, e muito mais aptos para esta empreza, que Soleimão Baxiá Governador do Cairo elegeo para elle, e não aos outros, porque além de o ter por leal, e estava delle seguro que se lhe não levantaria, como outros fizeram, era homem menos custoso, (o que os Principes pela maior parte tem por mais proveitoso,) e sendo mui rico, tudo o que acquiria era para Mustafá seu filho, e se offereceo a fazer esta Armada á sua propria custa, sem querer mais delle que a gente, e artilheria; assi que havendo estes differentes respeitos, todos foram em lançar Soleimão Baxiá na India, sem haver mais causa que o appetite, e interesse destas partes; dos quaes respeitos particulares nascem ácerca dos conselhos dos Principes geraes damnos seus, como veremos que succedeo a este.

Era este Soleimão capado, de nação Grego Janiçaro natural da Morea, que ao Grão Turco Selim servíra de porteiro da Camera, e ao presente Soleimão seu filho de guarda das suas mulheres: as feições de sua pessoa eram correspondentes á fealdade de seus costumes. Sendo pequeno de corpo; era

era gordo em demazia, e com a gordura tinha huma papada tão grande que lhe cahia sobre os peitos, e a barriga tão lançada por diante, que parecia mais largo que comprido; e como era de mais de oitenta annos, e com a velhice tinha as sobrancelhas, e pestanas muito brancas, o faziam mais disforme, e terrivel em seu aspecto; e com a muita carne era tão decepado, que donde se assentava não podiam quatro homens levantallo; mas tudo o que lhe faltava nas forças do corpo, sobejava na malicia, e crueldade, condição natural de capados covardes.

Tanto que Soleimão Baxisi se vio eleito para esta empreza, partio de Constantinopla, mandando primeiro madeira diante ao Cairo, para dahi a levarem per terra a Suez, e se fazerem vinte e quatro galés, com que quiz accrescentar a Armada que lá estava havia tantos annos, que os Governadores do Cairo seus antecessores mandáram fazer para se levantarem. Chegado Soleimão áquella Cidade, despedio para Suez os Officiaes, e mais cousas necessarias para a Armada que havia de levar, e elle ficou no Cairo recolhendo a gente que tinha mandado fazer; e como se vio tão favorecido do Turco, a cuja cubiça, e ambição hia satisfazer, com pretexto de bom servidor, fez

fez gravissimas extorsões, e cruezas, assi nos moradores do Cairo, como de outras partes, dos quaes houve a fazenda com morte de suas pessoas, como foi a de hum grande Senhor de nação Arabio per nome Mir Daud, que tinha titulo de Rey da Provincia de Thebaida assima do Cairo, a que os naturaes agora chamam Saida, que era o homem de maior Estado, e poder que havia no Egypto. A causa da morte deste foi mandar-lhe Solcimão Baxiá pedir cinco mil homens seus para remar as galés, e elle se desculpar que seus vassallos não eram homens para poder servir no mar, por não serem costumados a isso; o qual por não parecer que recusava servir ás cousas de seu Senhor o Grão Turco, veio ver Solcimão com mil escravos negros dos Nubijs comprados por seu dinheiro, cuidando que por aquelle serviço o Turco lhe faria mercê, e Solcimão lhe daria agradecimentos; e elle, em lugar delles, o mandou enforcar, com achaque, que o pão que pagava de tributo ao Turco cada anno, de que se fizera o biscouto para a Armada, e os mais legumes, vieram muito misturados com terra. A morte deste homem foi causa de grande escandalo em todo o Egypto, por ser cabeça dos Arabios delle, cujo Estado era tão grande, que o tributo que dava cada anno

ao Turco em trigo, cevada, e legumes de toda sorte, (porque a terra não era de trato, e tinha pouco dinheiro,) era em tanta quantidade, que se affirmava que quasi igualava ao quinto do que rendiam as novidades de todo o Egypto, além de duzentos quiçaes d'ouro, que cada anno pagavam ao mesmo Turco, de que cada hum valia seiscentos e quinze cruzados. O Estado deste Mir Daud deo Soleimão a Mansor parente do mesmo Daud, (que estava prezo havia quinze annos em modo de arrefens, por se o parente não levantar,) parecendo-lhe que com esta eleição ficaria quieta aquella Provincia; porém outros parentes, e os criados, e mais familia de Mir Daud, se recolhêram com hum parente poderoso per nome Abumazá; e sendo em número de mais de cincoenta mil casas, foram habitar junto das Catadupas do Nilo, a que elles chamam Cabel Elavat, que são as serras que dividem aquella região dos Reinos de Egypto. Mandou tambem Soleimão Baxiá, como homem féro, e sem lei, matar no mesmo dia Janá Hamed Zaoi Veedor da Fazenda do Turco, e a hum seu filho per nome Cide Juçuf com muita crueldade, e lhe tomou a fazenda, e depois tres náos, que tinha em hum dos portos do Estreito, com que accrescentou sua Armada,

por

por saber que elle escrevêra huma carta ao Turco dos roubos, e males que elle Soleimão fazia, a qual carta o Turco mandou ao mesmo Soleimão para que a lesse; e assi matou outros tres homens principaes, por lhe não concederem o que pedia, e deixou ordem a Uçaraf Baxiá, que ficou em seu lugar por Governador do Cairo, para que matasse a Abedeliuab Mouro rico senhor de mais de cincoenta lugares contra Damiata, porque o não podia haver ás mãos para o matar. Estes foram os sacrificios, e oblações que fez, e esmolas que deo por lhe Deos dar prospera viagem.

Do Cairo partio Soleimão para Suez, e chegado áquelle porto, deo pressa á Armada, de que já achou a mór parte no mar, e em breve espaço ajuntou setenta e duas vélas, das quaes eram quinze galés bastardas, de trinta e tres bancos cada huma, vinte e cinco galés Reaes de trinta bancos, dez galés subtijs, quatro albetoças, seis galeões de duas gáveas, quatro náos de carga, oito navios menores para munições. A gente de guerra que nesta Armada hia eram mil e quinhentos Janiçaros, dous mil Turcos, quinhentos Mamelucos da guarda do Baxiá, que elle fez no Cairo, e outros tres mil homens, que se levantáram na Natolia, Alexandria, Damia-

ta, e outros portos do mar Mediterraneo. Hia esta Armada mui bem chusmada, e mui provída de marinheiros, comitres, calafates, carpinteiros, e bombardeiros; a maior parte destes Officiaes foram cativos nas galés Venecianas, que a este tempo acertáram estar em Alexandria, as quaes mandára reprezar o Baxiá, por o Turco romper nesta conjunção as treguas que Baiazeto fizera com a Républica Veneciana. [a] E porque Soleimão per sua muita idade, e indisposição não poderia supprir todos os encarregos de Geral, fez Capitão mór do mar a Juçuf Mouro Arabio, que era Capitão de Alexandria, reservando elle para si o supremo mando, e governança de tudo. Tambem levou comsigo para o ajudarem cinco Capitães antigos, Barharam Bec, Iça Bec, Mahamed Bec, e Mustafá Bec, Qucuam Bec, todos homens experimentados na guerra de mar, e terra, ordenados para naquella jornada servirem de Capitães de quaesquer fortalezas que Soleimão tomasse; e como a gente foi junta, forneceo a Armada de muita, e mui grossa artilheria, e de todas as munições, e mantimentos necessarios, e mandou antes da sua partida que se embargassem

a *Esta paz fizeram os Venecianos com Baiazeto no anno de 1503. e no de 1537. a rompeo Soleimão neto de Baiazeto filho de seu filho Selim.* Pedro Bembo *na Historia de Veneza.*

fem todos os navios que hi eſtavam, aſſi dos naturaes, como de eſtrangeiros Malavaros, e Arabios, que tratavam na India, e o meſmo fez nos outros portos do Mar Roxo, para que não pudeſſe ſaber-ſe na India dos apercebimentos que elle fazia, de maneira, que todo aquelle anno, em que elle ſe apreſtou, e partio, nenhum barco podia navegar que não foſſe tomado; e eſta foi a cauſa por que na India ſe não pode ſaber deſte grande apparato ſenão depois de feito á véla, tendo o Governador Nuno da Cunha feitas muitas diligencias per muitas vias para ſaber das galés dos Rumes, que eſtavam em Suez, de que tanto havia que ſe temiam na India.

CAPITULO III.

Como Soleimão Baxiá partio de Suez para a India: e do que paſſou no caminho até chegar a Dio.

FOrnecida a Armada de todo o neceſſario, começou Soleimão Baxiá alojar a gente em ſeus lugares, no que houve hum grande motim entre os ſoldados, cauſado da aſpera condição, e pouca fé de Soleimão; porque trazendo elle do Cairo muitos homens tomados a ſoldo para ſervirem de homens d'armas, tomou grande número-

ro delles, e os mandou metter a banco per força; os quaes como não fossem cativos, nem assoldadados para remeiros, e os officiaes das galés os tratassem como taes, soffriam mal aquella força, e engano, e quatrocentos delles se amotináram, dizendo, que não haviam de servir senão no officio para que foram conduzidos; polo que destes quatrocentos foram descabeçados per mandado de Soleimão mais de duzentos, e a severidade deste exemplo fez a outros soldados soffrer o jugo, e tomarem o remo mal de seu grado. Feita prestes a Armada, e embarcada a gente, partio Soleimão de Suez a 22. de Junho: do dia que partio a tres dias chegou ao Toro, e dahi a cinco foi ao porto Jubo, e delle a outros tantos dias a Judá. Como alli chegou, quizera Soleimão Baxá haver ElRey á mão per manha; mas elle que bem conhecia a pouca fé dos Turcos, principalmente de Soleimão, cuja crueza, e tyrannia era bem sabida, despejou a Cidade; e se poz em salvo. De Judá fez sua derrota á Cidade de Zebit situada na costa da Arabia, de que era Rey Nacodá Hamed Turco, que succedêra a Mir Escander, que levantando-se da obediencia dos Governadores do Cairo, senhoreou alguns annos; e assi por o dito alevantamento de seu antecessor, (como se nel-

neſte tivera culpa Nacodá,) como per lhe dizerem que aquelle Senhor era rico, ſem embargo dos preſentes, e refreſcos que lhe mandou á Armada, o mandou Soleimão deſcabeçar [a], e deo ſeu Eſtado a Muſtafá Naxar Mameluco.

Eſtando ainda Soleimão no Cairo, dizem que mandou hum meſſageiro a ElRey de Adem, fazendo-lhe ſaber como o Grã Turco o mandava vir com aquella Armada, e que havia de paſſar per ſeu porto, que lhe pedia lhe tiveſſe preſtes os mantimentos que lhe baſtaſſem, que elle compraria por ſeu dinheiro; e quando ſe Soleimão partio do porto de Judá, onde eſteve alguns dias, veio á Ilha de Camaram, e chegando mandou logo per terra o meſmo meſſageiro a ElRey de Adem apercebello de ſua

a *Eſcreve* Diogo do Couto, *que ElRey de Zebit mandou hum preſente ao Baxiá de eſpadas, e punhaes guarnecidos d'ouro, e prata, com alguns rubiis, turquezas, e perolas, rodellas, e coxos mui ricos, e outras peças curioſas, e lhe mandou dizer, que foſſe fazer a jornada contra os Portuguezes, e que da volta o eſperaria para o ſervir em tudo o que lhe mandaſſe; e que quando Soleimão Baxá voltou para Suez deſembarcára junto de Zebit, para caſtigar a ElRey Nacodá, polo recado que lhe mandou avendo á ida paſſou por alli; e que deſamparado ElRey dos ſeus ſe vira apreſentar ao Baxiá com huma touca atada ao peſcoço, em ſinal de culpado, e lançado a ſeus pés lhe pedira miſericordia, que como no Baxiá a não houveſſe, lhe mandou logo cortar a cabeça. Cap. 5. liv. 3. e cap. 4. liv. 5. da 5. Decada.*

ſua vinda, e pedir-lhe de ſua parte que lhe mandaſſe dar humas caſas, em que ſe agazalhaſſem alguns doentes que trazia, para ſe curarem. ElRey que não era tão ſuſpeitoſo como fora o de Judá, nem tinha tanta noticia da peſſoa de Soleimão, lho concedeo de boa mente. Chegada a Armada ao porto de Adem, lhe mandou ElRey muitos refreſcos, e mantimentos. Soleimão começou a mandar, entre alguns poucos enfermos que trazia, muitos ſoldados rijos, e valentes, fingindo que eram doentes, com tenção de metter muita gente na Cidade para ſe levantarem com ella; e a invenção era, que os doentes verdadeiros, e os fingidos hiam cada hum em ſeu leito ás coſtas de quatro ſoldados, e nos leitos levavam ſuas armas eſcondidas, e com cada hum doente ficavam em caſa dous para o curarem; e aſſi trazidos huns, tornavam buſcar outros. Per eſta maneira, e com gente das náos que hia á Cidade buſcar os mantimentos que ſe compravam, eram entrados nas caſas dos doentes, ſem os da Cidade ſentirem o engano, quinhentos homens dos mais esforçados daquella Armada para o que era feito, a quem Soleimão tinha dito, que como viſſem certo ſinal, ſahiſſem a cercar as caſas d'ElRey, e ſaqueallas, e aſſi meſmo a Cidade. Como aquella gente entrou, mandou

dou Soleimão dizer a ElRey, que porque elle não podia ſahir em terra, lhe pedia ſe foſſe á galé, para ſe verem, e communicarem algumas couſas, que lhe relevava tratar com elle. E poſto que ElRey receou muito vêr-ſe com Soleimão, todavia ſentindo o poder de tão grande Armada, foi-ſe a elle com tres homens principaes, aos quaes todos, em chegando, Soleimão mandou enforcar nas antenas das galés [a]; e feito ſinal aos quinhentos ſoldados, que tinha na Cidade, mettêram a gente della á eſpada; e com ajuda de outros, que logo entráram, foi ſaqueada, e poſta em poder dos Turcos; e como o Baxiá era cubiçoſo, e cruel, mandou apregoar, que ſob pena de morte todo o deſpojo ſe levaſſe ante elle para o repartir; e poſto em huma porta da Cidade, que ſó havia aberta, mandou ſahir a todos os ſoldados, e lhes tomou todo

[a] *Eſcreve* Diogo do Couto, *que chegado o Baxiá a Adem, ElRey o mandára viſitar com muito refreſco, e peças de preſente, e que o Baxiá lhe enviára hum ſalvo conduto do Turco, para que ſeguramente ſe vieſſe ver com elle á galé; o que recuſando ElRey, o Baxiá ordenára que deſembarcaſſem os Janiçaros em terra, mandando diante quem perſuadiſſe, e ſeguraſſe ElRey, o qual vendo a reſolução do Baxiá, acompanhado dos mais principaes da ſua caſa, o fora ver; e recebido com honra, e gazalhado do Baxiá, o deſpedira com cabaias ricas; e chegando ElRey á prôa da galé, para ſe embarcar, o tomáram os Janiçaros, e o enforcáram na entena da galé, e junto delle quatro dos que o acompanhavam. Cap. 5. do liv. 3.*

do o ouro, prata, e joias que levavam, e mandou entregar tudo a seu thesoureiro, e lhes deixou para repartirem os Mouros, o fato, de que elles tinham pouca necessidade por o officio em que andavam, do que todos ficáram mui escandalizados. Em Adem se deteve dezeseis dias em prover cousas da Armada, e da segurança da Cidade, deixando nella para sua guarda quinhentos homens, e por Capitão Barbaram Bec, hum dos cinco Capitães, que atrás nomeámos, e elle se partio na volta da India, fazendo seu caminho a Dio [a]; e a razão por que se moveo a ir áquelle lugar mais que a outro algum da India, foi por Coge Sofar muitas vezes ter escrito a Nacodá Hamed Senhor de Zebit, que era seu parente, e amigo, que se a Armada dos Turcos houvesse de vir, viesse direito a Dio, porque quem

[a] *Seis navios se apartáram desta Armada com algumas trovoadas que teve, atravessando de Adem a Dio. Destes seis navios huma galé que destroçada foi tomar a enseada de Jaquete, onde os Mouros da terra lhe tomáram o batel, e matáram sessenta pessoas; e os poucos que ficáram largando a amarra se acolhêram. Hum galeão foi ter aos Ilheos de Santa Maria na costa do Canará, onde estava Antonio de Soto-maior com humas fustas, com as quaes pelejou todo hum dia com o galeão, e o rendeo com morte da maior parte dos Turcos, e muito sangue dos Portuguezes. Huma náo, e outra galé chegáram a Madrefavat, onde a náo se perdeo ao entrar da barra: outro galeão fez dar á costa Martim Affonso de Sousa, e huma fusta foi parar a Bengala.*

quem a India pertendeſſe conquiſtar, convinha-lhe muito ter aquella Cidade, por ſer forte, e de bom, e ſeguro porto, e a balravento de toda a India, e por eſta razão veio Soleimão ſurgir a Dio aos 4. dias do mez de Setembro daquelle anno de 1538.

O conſelho de Coge Sofar parece que foi couſa ordenada por Deos para ſe não arriſcar o Eſtado da India, porque ſe aquella Armada dos Turcos fora a Goa no tempo, em que lá podia chegar, per boa conta houvera de ſer aos quinze, ou vinte dias do dito mez de Setembro ao mais tardar; e a Armada de Portugal, em que foi Dom Garcia de Noronha, chegou ao meſmo porto de Goa aos onze dias, e ſegundo outros a quatorze do meſmo mez, que vinham a ſer quatro, ou ſeis dias, ou pouco mais antes da Armada dos Turcos chegar; e não houvera que fazer em ſe perderem as náos com aquella repentina vinda dos Turcos, e a qualquer fortaleza das noſſas a que então chegara, lhe não pudéra reſiſtir tres dias, ſegundo eſtavam mal repairadas, e fracas, mórmente que já com as novas dos Turcos alguns dos Principes da India noſſos vizinhos eſtavam em propoſito de ſe bandearem com elles. Da entrada dos Turcos daremos depois razão, porque agora convem primeiro eſcrevermos em

que

que eſtado tomou os noſſos quando chegou.

CAPITULO IV.

Como Coge Sofar ſe foi ſecretamente de Dio, e perſuadio a ElRey de Cambaya fazer guerra aos Portuguezes, e veio cercar a Cidade: e dos apercebimentos que Antonio da Silveira fez para ſe defender.

NUno da Cunha por a obrigação, em que lhe pareceo que eſtava a Coge Sofar, por a boa ordem que com ſua prudencia, e authoridade deo em pacificar a Cidade de Dio, pola morte d'ElRey de Cambaya, e por ſer grande ornamento daquella Cidade ter hum homem tão abalizado em riquezas, e credito entre Mouros, quando de Dio ſe partio, o deixou mui encommendado ao Capitão Antonio da Silveira; o qual vivendo em muita proſperidade, e reputação, e ſendo acatado de todos, e mui favorecido do Governador, e de Antonio da Silveira, propoz em ſeu animo por cauſas a que ninguem ſoube dar ſahida, de ſe ir de Dio com ſua caſa: e mais eſpanto cauſou em todos o ſegredo, e ſilencio de ſua ida, que a meſma ida: tão ſabedor, e diſſimulado era; porque tendo tanta fazenda, e tanto número de mulheres, e criados, que não podia fazer mudan-

dança ſem grande eſtrondo, ſe não ſoube da ſua ida, ſenão depois de partido [a]; porque em huma noite dos ultimos dias de Abril, ſe foi em huma ſua náo, em que tinha embarcado ſeu fato, que como mercadoria das que mandava para muitas partes, ſe não eſtranhavam as idas, e vindas dos ſeus á náo; e para ſe não attentar niſſo, e aſſegurar a todos de ſua eſtada em Dio, começou a fabricar humas caſas mui nobres. O lugar que foi demandar era a ſua Cidade de Surat, della ſe paſſou á Cidade de Abmadabat do Reino de Cambaya, onde ElRey com ſua Corte eſtava, ao qual ſe deſculpou do tempo que eſtivera entre os Portuguezes ſem fazer mais cedo o que então

a *Antes da ida de Coge Sofar, ſe foi ſeu filho, que eſtava na fortaleza em refens, o qual indo algumas vezes á Cidade ver ſua mãi, com a licença que lhe deixou o Governador, o dia que determinou fugir, lhe trouxeram hum cavallo para aquelle ſeu intento experimentado, no qual chegando ao cais da Alfandega acompanhado de alguns ſoldados de guarda, [illegible] á borda d'agua, como que eſtava vendo as embarcações, apertou as pernas ao cavallo, e arremeſſando-ſe ao mar, em breve eſpaço paſſou o eſtreito; e poſto da outra banda na villa dos Rumes, ſe foi a Cambaieta, onde ElRey o recebeo com gazalhado. Sabendo Antonio da Silveira da fugida deſte moço, mandou trazer diante de ſi a Coge Sofar ſeu pai, que com tanta ſegurança lhe deo ſuas razões, que lhe pareceo ao Capitão que eſtava ſem culpa; e por não alterar a Cidade o não prendeo, e lhe mandou que continuaſſe com o ſerviço d'ElRey de Portugal, como tinha per obrigação.* Diogo do Couto *cap.* 9. *do liv.* 2. *da Decada* 5.

tão fizera, dizendo, que com ſerviços que lhe eſperava fazer, ſe compenſaria a demora paſſada.

E por achar ElRey abalado para fazer guerra aos Portuguezes, com muitas palavras o exhortou ao proſeguimento della, pondo-lhe diante quão grande ignominia era para hum Rey tão poderoſo como elle, ver ſua terra ſujeita a huns homens eſtrangeiros, que não tinham terra em que ſe recolher ſenão a que com máo titulo, e força uſurpáram por fraqueza dos Principes que tal ſoffriam, ſendo elles tão poucos em número, e tão alongados da terra donde vieram; e que era affronta, e maſcabo de ſeu Real ſangue vizinhar, e ter commercio com os que tão cruelmente matáram ſeu tio, de que herdára tantos Eſtados, e potencia, e que os muitos apparelhos que tinha de gente de armas, d'artilheria, de mantimentos, de cavallos, e theſouros, e a liga que podia ter com os Principes ſeus vizinhos, que a elle ſe poderiam ajuntar, accuſavam ſeu deſcuido; e que mui facil ſeria debilitar tão pequenas forças como eram as dos Portuguezes, os quaes ſe começaſſem de cair, não ſe poderiam mais levantar, por não terem donde lhes pudeſſe vir ſoccorro, nem de quem ſe puder valer, nem donde ſe ir, ſe ſe viſſem desbaratados; e que ſe algumas

re-

reliquias delles eſcapaſſem , nem tornar-ſe poderiam á ſuas terras , ſendo ellas na mais alongada parte do Mundo. Para o mais animar, offereceo-lhe ajuda de ſua peſſoa , e fazenda , e gente , que logo faria preſtes , e que o meſmo fariam muitos Principes ſeus comarcãos por honra de ſua Lei , e por livrar a ſi , e as terras , em que naſcêram , que aquelles poucos coſſairos tinham opprimidas , e eſperavam de ſujeitar ; e como quem tinha conhecimento do eſtado em que eſtava Dio , e ſua fortaleza , punha-lhe tambem diante a boa occaſião que então ſe offerecia para lançar dalli os Portuguezes , porque eſtavam naquelle tempo mui faltos de mantimentos , e principalmente de agua ; porque huma ciſterna que começáram fazer na fortaleza , não era ainda acabada , nem ſe poderia acabar dahi a hum anno , por o grande fundamento , em que a começáram ; e que o baluarte da Villa dos Rumes , que o Governador mandára fazer , eſtava ainda mui baixo , e não tinha defenſão. Lembrava mais , que nem a Ilha , nem a Cidade poderiam os Portuguezes defender , por ſerem poucos , e na Cidade haver muitos Mouros de guerra , que diſſimulados em habitos de mercadores andavam nella ; e que como os Portuguezes alargaſſem a Ilha , e a Cidade , não ſe podiam ſuſ-

ſuſtentar na fortaleza por a dita falta d'agua; e que além diſſo elle Coge Sofar tinha per nova certa, que a Armada dos Turcos eſtava preſtes no Mar Roxo, e não tardaria muitos mezes que não foſſe na India, com cujo favor poderia acabar tudo. Eſtas, e outras razões dava Coge Sofar para incitar a ElRey, ao qual como não faltavam eſpiritos, e ſe creára em odio dos Portuguezes, que ſe accreſcentou por a morte de ſeu tio, não houve meſter tantas palavras para o indignar a procurar vingança della. Polo que mandou logo formar hum exercito em Champanel de cinco mil homens de cavallo, e dez mil de pé eſcolhidos, de que fez Capitão geral a Aluchan, que era grande Senhor, e hum dos tres Governadores do Reino, que os Mouros elegêram per morte de Soltam Badur. Coge Sofar ſe fez primeiro preſtes com tres mil homens de cavallo, e quatro mil de pé.

Eſta gente ſe levantou o mais encubertamente que pode ſer, para de ſobreſalto darem em Dio; e tanto que a nova deſte apparato veio á noticia de Antonio da Silveira, e como aquelles Capitães vinham a cercar Dio, por ter por acabar algumas couſas, que Nuno da Cunha mandou começar para defensão da Cidade, acudio ás

mais

mais importantes. Primeiramente mandou a grande pressa acabar a cisterna, por na fortaleza não haver outra alguma agua, para o que metteo muita gente até que se acabou, e nella mandou lançar quanta agua pudéram acarretar mais de trezentos bois per muitos dias: assi mesmo mandou recolher muitos mantimentos, e as mais cousas de que podia ter necessidade, se o cerco durasse. E para segurança, e defensão da Cidade, mandou muita gente á Villa dos Rumes, para se acabar hum baluarte que Nuno da Cunha mandou fazer, de que era Capitão Francisco Pacheco Juiz da Alfandega da mesma Villa, que logo lá foi dormir com alguns homens ordenados para sua defensão. Após isto mandou quantos navios tinha que andassem no esteiro, que cérca a terra, em que a Cidade está situada, o qual faz que fique em Ilha, e daquella Armada fez Capitão Francisco de Gouvea. Neste meio tempo que Antonio da Silveira se apercebia para resistir a Aluchan, e a Coge Sofar, por os quaes esperava, foi tão grande medo nos Guzarates, principalmente nos que chamam Baneanes Gentios, que como gente fraca, e medrosa que são, começáram a fugir; ao que Antonio da Silveira acudio com rigorosos pregões de morte, que ninguem se fosse; e porque

não

não deixavam de se ir, mandou enforcar alguns, com que outros se detiveram.

CAPITULO V.

Como Coge Sofar veio á Villa dos Rumes, e deo assalto ao baluarte: e como Antonio da Silveira proveo os passos da Ilha, e o que mais succedeo.

EM quanto Antonio da Silveira se apercebeo para o cerco que esperava, lhe veio recado que Coge Sofar viera diante dos seus com vinte e cinco homens de cavallo sómente, e estava em Novanaguer, mas que deixava perto dahi seu exercito; e quando veio ao seguinte dia, que eram vinte e seis de Junho daquelle anno, ante manhã, de subito com toda sua gente, que eram os que dissemos todos escolhidos, de que os mais eram espingardeiros Arabios, Turcos, e Abexijs, deo na Villa dos Rumes, e roubou tudo o que achou da gente que alli vivia, que eram Guzarates, e matou alguns, de que André Villela Escrivão da Alfandega com outros tres Portuguezes, que com elle estavam, escapáram, e se acolhêram ao baluarte de Francisco Pacheco, que comsigo tinha doze homens espingardeiros, com os quaes se poz em defensão; e sendo dado rebate á fortaleza, acu-

acudio Antonio da Silveira deixando-a a recado; e temendo-se que aquelle assalto fosse principio para se dar outro maior na fortaleza, onde se faria mais damno, posto que para passar á Ilha, em alguns passos della tinham posto guardas, mandou Lopo de Sousa Coutinho, de cujo esforço, e aviso muito confiava, aos muros da Cidade daquella parte que responde ao campo da dita Ilha. Neste tempo Coge Sofar apertava com os do baluarte, os quaes tomando esforço com a vinda de Antonio da Silveira, que já viam abalar, se defendêram mui valerosamente; e sendo de huma parte, e outra a cousa mui pelejada, do baluarte sahio hum pelouro de espingarda, que deo a Coge Sofar em o bucho de hum braço, em que lhe ficou mettido, de que esteve mui mal, e com a dor da ferida, e vinda de Antonio da Silveira, se affastou com alguma perda dos seus.

Este subito accommettimento de Coge Sofar, e preambulo de guerra, com a nova dos inimigos que vinham, metteo a Antonio da Silveira em maior cuidado de prover em toda a Ilha; e como havia na Cidade, (como já dissemos,) muitos Mouros de guerra, que nos trajos andavam dissimulados em figura de mercadores, que algumas vezes já haviam tentado de dar al-

gum desassocego; Antonio da Silveira vendo que com as cousas que se moviam, se mostrariam os Mouros da Cidade inimigos mais á descuberta, os despojou a todos das armas, e alguns dos principaes prendeo por evitar ajuntamentos, e tumultos; e logo sem mais dilação proveo os lugares do esteiro, que divide a Ilha da terra firme, que eram fracos, e se podiam facilmente vadear; e onde a agua era mais baixa, havia dous baluartes, que Soltam Badur mandára fazer no tempo que se temia de os Mogoles virem a Dio. Em hum delles mandou estar Manoel Falcão com cincoenta homens, e em o outro Luiz Rodrigues de Carvalho com vinte e cinco, bem providos d'artilheria. Em outro passo, que não era tão secco, porém era mui estreito, mandou estar Lopo de Sousa Coutinho com huma galeota, huma barcaça, e duas fustas; e a Francisco de Gouvea Capitão mór daquelle mar de Dio, mandou que se fosse pôr com cinco navios no cabo da Ilha, que está contra o Norte em hum certo passo, porque alli havia hum banco de arêa, perque com baixa mar podia passar a gente a pé da terra firme para a Ilha; e além destes havia mais de vinte navios, em que andavam mais de trezentos espingardeiros para tolher a passagem, os quaes passos o

Ca-

Capitão Antonio da Silveira per sua pessoa vigiava muito a meude. Estes apercebimentos, pode fazer no tempo que Coge Sofar se retrahio para se curar de sua ferida, no qual se acabou o que ficava por fazer na fortaleza, e no baluarte da Villa dos Rumes, que se poz em quarenta palmos de alto; e nelle sendo fornecido de muita artilheria, e munições, se recolheo Francisco Pacheco com setenta homens escolhidos.

Feitos estes repairos, aos 14. dias do mez de Agosto chegou Aluchan com seu campo, em que havia cinco mil homens de cavallo, e dez mil de pé, gente escolhida, e bem concertada, e se foi alojar ao longo do esteiro nos passos perque Gonçalo Falcão, Antonio da Veiga, e Francisco de Gouvea andavam. Coge Sofar com sua gente se veio assentar sobre o passo de Lopo de Sousa, que se chama Palcrin, e assestou contra elle tres bombardas grossas, com que lhe fazia muito damno; e Lopo de Sousa lhe fazia a elle tambem assás com sua artilheria, assi na gente de pé, como na de cavallo. Como estes Capitães se viram alojados nos lugares perque esperavam passar a Ilha, todo seu cuidado foi virem com terra em modo de vallos pouco, e pouco até á borda d'agua, amparando-se da artilheria de nossos navios, até que de

todo ficáram com estes repairos encubertos. Polo que elles offendiam os nossos de maneira, que não ousavam, nem podiam passar per alli sem receberem dos Mouros muito damno da sua artilheria grossa, e espingardaria, que era muita. Antonio da Silveira vendo que era por demais podér longamente defender o rio, e que cada dia perdia gente, e munições, e a defeza da Ilha ficava em offensa dos seus, havido conselho com os Capitães, e pessoas principaes, assentou de despejar os baluartes, e alargar a Ilha, e defender a Cidade, e pôr nella toda a artilheria, que para defensão da Ilha estava espalhada; e assi aos que nos passos andavam mandou que se viessem aquella noite, e que Paio Rodrigues de Araujo Alcaide mór da fortaleza tomasse a barcaça de Lopo de Sousa Coutinho, e recolhesse nella a artilheria do baluarte de Gonçalo Falcão; e mandou huma fusta grande a Luiz Rodrigues de Carvalho, para que tambem em ella embarcasse a artilheria que no seu baluarte tinha. E como isto era de noite, e tal que parecia abrirem-se os Ceos com chuva, e a maré vasava, vindo já a barcaça atoada per hum catur que a trazia, com o grande pezo da artilheria deo comsigo em secco, e alli foi mui varejado dos Mouros, e lhe conveio deixar a bar-

a barcaça com dez peças d'artilheria que trazia, e salvar-se no catur. Per o mesmo modo deram em secco aquella noite a fusta em que vinha Luiz Rodrigues de Carvalho com tudo o que tirára do seu baluarte, e tres galeotas, a que os nossos puzeram fogo, por se os Mouros não aproveitarem dellas, as quaes meias queimadas foram tomadas dos Mouros, com a artilheria que nellas vinha; e sendo os Mouros muitos, e os Portuguezes só vinte, tiveram bem que fazer em se livrar delles, pelejando mais de duas horas, sem os nossos serem entrados, até que foram soccorridos de almadias nossas, em que se salváram. Lopo de Sousa fez-se á véla em sua galeota, e a tormenta o lançou da parte da terra firme; e como a maré já então vasava, ficou em secco, e assi esteve até a manhã, que lhe fez ver a muita distancia que havia delle á agua, e em breve foi cercado de grande cópia de Mouros, dos quaes se defendeo com muita perda delles, até que veio a maré, e a galeota nadou, posto que a tormenta não cessava, e se foi para a Cidade.

CA-

CAPITULO VI.

Como Antonio da Silveira alargou a Ilha, e a Cidade, e se recolheo á fortaleza: e do que fez depois de estar nella.

DEsimpedidos os passos do esteiro, ao outro dia foi a Ilha entrada dos Mouros, assi da gente de pé, como de cavallo; e vendo Antonio da Silveira como a artilheria que estava na Ilha, com que elle determinava defender a Cidade, era perdida, e não sómente ficava elle com essa falta, mas os inimigos que a cobráram com melhoria, chamou a conselho os Capitães, e pessoas principaes, e lhes propoz, como elle já que lhe não foi possivel defender a Ilha com a artilheria que na defensa della estava, determinava defender a Cidade; e que como viam, a artilheria, e os navios, (por assi Deos o permittir,) eram em poder dos inimigos, que seu parecer era, (se elles o approvassem,) que a Cidade se deixasse, porque para a defender convinha tirar da fortaleza parte da artilheria, que nella estava, e senão podia escusar. A qual como não era muita, se ainda della tirassem, não se seguiria disso mais proveito que enfraquecer muito a fortaleza, e ajudar pouco a Cidade, porque era tão grande,

e os

e os nossos tão poucos, e mal armados, que facilmente se poderia perder, e apôs ella a fortaleza, como ordinariamente acontece, quando cousas grandes, e unidas se separam, que cada huma fica fraca; e que além disso era cousa sabida, que na Cidade havia muita gente de guerra dissimulada, de que alguns, posto que se lhe tiráram as armas, ás suas vontades damnadas não faltariam outras; e que só com gritas, que dessem em favor dos de sua lei, fariam grande torvação. Por estas razões, e outras que se alli lembráram, o voto de todos, sem algum discrepar, foi, que a Cidade se alargasse; e como já os inimigos estivessem na Ilha, vieram perto da Cidade a dar vista tres mil de cavallo, e muita gente de pé; e como os Mouros da Cidade os vissem tão perto, foram logo em algumas partes della levantadas bandeiras, fazendo sinaes aos de fóra, que commettessem a entrada, e houve entre elles alvoroços, e ajuntamentos de gente, pelos quaes se vio claramente a grande cópia de inimigos, que dentro dos muros havia, dos quaes os nossos se não podiam guardar; e por já ser assentado o recolhimento á fortaleza, mandou o Capitão alguns homens que queimassem certos navios de remo, que na ribeira estavam varados, por se delles não aproveitarem os ini-

inimigos, e que tambem queimassem o enxofre, e salitre, que em hum dos armazens tinha, para o que levavam artificios de fogo convenientes; mas com aquelles materiaes serem tão promptos para tomarem fogo, os ministros que a isso foram, com a pressa de se recolherem á fortaléza, o fizeram de maneira que nada ardeo, e de tudo se aproveitáram os inimigos em damno nosso. Antonio da Silveira sómente com cem homens se metteo pela Cidade, e onde achava ajuntamentos, principalmente de homens com armas, os mandava alancear, e enforcar. [a] E dalli mandou levar prezos á fortaleza quatro mercadores principaes da Cidade, não porque nelles achasse culpa alguma daquelles ajuntamentos, mas para com suas pessoas remir alguma necessidade, se a occasião a offerecesse, por o muito credito que tinham, por serem honrados, e ricos. Os quaes foram mui bem tratados no tempo do cerco, e depois delle postos em liberdade. Desta maneira se sahio o Capitão da Cidade aquelle dia com os seus, e se recolheo á fortaleza; e quando veio a noite, sendo pelos de dentro avisado aos inimigos, como a Cidade era despejada dos nossos, entráram nella, onde fo-

a Lopo de Sousa Coutinho *no Tratado, que fez deste cerco de Dio, o qual dedicou a ElRey D. João III. e se imprimio em Coimbra no anno de* 1556.

foram recebidos com grandes festas, e luminarias; e toda a noite gastáram em andar visitando as Mesquitas, dando louvores a seu falso profeta por cobrarem a Cidade sem sangue.

Aluchan se alojou nas casas da Rainha Mãi de Soltam Badur, que estavam em hum alto á maneira de fortaleza, porque sua idade, que era muita, não soffria estar em lugar inquieto com rebates. Coge Sofar fez sua estancia junto com a fortaleza em hum lugar que chamam Mandovin; e antes que fosse manhã assentáram algumas bombardas junto a hum cais, que está no mesmo Mandovin, e fica defronte do baluarte do mar, não tanto por fazer damno ao baluarte, quanto á galeota de Lopo de Sousa, e outras fustas das que escapáram, que estavam ao socairo da fortaleza; e assi como foi de dia atirando-lhe bombardadas, mettêram no fundo duas fustas, e matáram alguns marinheiros dellas; mas na galeota de Lopo de Sousa fizeram pouco damno. No proprio dia sahio Gaspar de Sousa per mandado do Capitão com alguma gente, para valer a alguns dos nossos, que moravam fóra da fortaleza em casas vizinhas a ella, que com a pressa de se recolherem deixáram parte de sua fazenda, o que ainda aproveitou a muitos; e como já os inimigos andassem per aquel-

aquellas caſas, matou Gaſpar de Souſa muitos, e a elle lhe matáram hum, e feríram outros. A Lopo de Souſa mandou o Capitão que déſſe guarda aos que hiam buſcar agua aos poços, que eſtavam na Cidade, e aos que mettiam na fortaleza a lenha, que ſe tirou das caſas vizinhas a ella, que ſe derribáram, porque lhe podiam fazer damno, as quaes não ſe puderam aſſolar tanto, que quando veio o tempo do cerco dos Turcos, deixaſſem de fazer dellas muito mal. Neſtas ſahidas que Lopo de Souſa fazia, indo dar guarda á gente miuda, que ſahia buſcar agua, e lenha, houve muitos recontros com a gente de Coge Sofar, em que os noſſos ſendo poucos lhe matáram bom número dos ſeus; e o dia 14. de Agoſto, ſahindo Lopo de Souſa com cincoenta homens, que repartio per as bocas de algumas ruas, para ſegúridade dos que hiam buſcar agua, e lenha, ficando elle ſó com quatorze em huma rua eſtreita, determinou de pelejar com os Moures, poſto que o número era tão deſigual; e depois que os vio mais entrados pela rua, ajudando-ſe da commodidade do ſitio, os accommetteo, e matou trinta, e ferio outros tantos; e volvendo elles as coſtas os ſeguio matando nelles. Deſta volta ſahio Lopo de Souſa ferido de huma cutilada em huma perna, e

hum

hum page seu com hum olho quebrado, e outro homem com huma estocada per huma perna, sem outro damno algum. Outras vezes sahíram á mesma guarda, ora Gaspar de Sousa, ora Gonçalo Falcão, o qual tomou hum Mouro homem de respeito, e avisado, que sendo perguntado per Antonio da Silveira per novas do exercito, que na Cidade estava, e vinda dos Rumes, respondeo, que do exercito não havia que dizer mais, que estarem nelle juntos dezoito, ou dezenove mil homens; e que a causa de fazerem guerra era esperarem a vinda dos Rumes, e que de sua vinda não sabia mais que dizer-se no arraial, que do porto de Mangalor Cidade de Cambaya, viera nova que na Cidade de Adem ficava huma grande Armada de Rumes. Naquelles dias que restavam de Agosto, não se fez outra cousa mais que estas sahidas da guarda, em que sempre dos inimigos se matáram alguns, e da fortaleza, e do baluarte da Villa dos Rumes fizeram algum damno com tiros perdidos aos inimigos, mas com muito gasto de polvora, per que depois polo tempo foi posta a fortaleza em muito risco por falta della. Sendo chegado o fim de Agosto, por o inverno não ser muito aspero, e se poder navegar, fez Antonio da Silveira saber ao Go-

ver-

vernador Nuno da Cunha o que até então era succedido. Polo que elle despachou logo de Goa, onde estava, alguns Fidalgos, e cavalleiros, que fossem a Dio, hum dos quaes foi Fernão de Moraes, de que depois faremos menção. [a]

CAPITULO VII.

Como Soleimão Baxiá veio com sua Armada ao porto de Dio: e da mostra que deram de si alguns Janiçaros: e do aviso que Antonio da Silveira mandou a Nuno da Cunha.

AS cousas de Dio estando no estado, que contamos, o Capitão Antonio da Silveira suspeitando a vinda dos Rumes, assi por o accommettimento que ElRey de Cam-

a Polo galeão dos Turcos, que Antonio de Sotomaior tomou nos Ilheos de Santa Maria, soube elle da Armada Turquesca, de que em hum catur mui ligeiro avisou ao Governador, que com grande diligencia mandou logo aprestar a Armada com determinação de ir pelejar com os Turcos; e no mesmo dia, que esta nova chegou a Goa, se embarcáram em tres catures Fernão de Moraes, Simão Rangel de Castello-branco, e Antonio de Araujo com seu irmão Gaspar de Araujo, e partíram para Dio. Levava cada hum destes Capitães vinte soldados, e os principaes de que se soube o nome foram, Lançarote Pereira, Rodrigo Homem, Antonio Manhoz, Tristão da Silva, e Fernão Correa. O Governador escreveo per Fernão de Moraes, (que só se despedio delle,) a Antonio da Silveira como se ficava apercebendo para o ir soccorrer. Diogo do Couto *cap. 6. liv. 3.*

Cambaya fazia, que lhe não parecia ser sem causa, como por a fama que já se rompia, mandou huma fusta para a parte de Mangalor, de que hia por Capitão, e como atalaia hum cavalleiro per nome Miguel Vaz homem mui esforçado a descubrir novas da Armada dos Rumes; o qual tornando á pressa, as deo a Antonio da Silveira, como divisára huma grande Armada; e ao tempo de sua chegada já dos lugares mais altos da fortaleza se víram vir pelo mar distantes da terra duas leguas, quatorze galés em huma batalha, e de longo da terra outra de sete galés na mesma ordem, e que após estas duas batalhas vinham todas as mais galés, e navios, trazendo ante si as náos de carga, e Miguel Vaz certificou serem de Turcos, e que contára quarenta e cinco galés, a fóra outras que divisára, com outros muitos navios de toda sorte. Antonio da Silveira a grande pressa escreveo logo huma breve carta a Nuno da Cunha, fazendo-lhe saber o estado em que ficava, e a deo ao mesmo Miguel Vaz, que logo fosse na volta de Goa, e lha levasse, e lhe dissesse de palavra o que víra. Outra tal carta escreveo a Simão Guedes a Chaul. Miguel Vaz por o recado que havia de dar a Nuno da Cunha ser a relação do que elle mesmo víra, querendo affirmar-se mais na verdade, fez

o ca-

o caminho tão chegado á Armada, que os Turcos querendo castigar aquelle atrevimento, foram com duas galés seguindo-o ás bombardadas, e mettendo os bastardos por o alcançar; e se o vento não acalmára, o tomáram sem dúvida, mas como a fusta era leve, se salvou; e chegando a Chaul, achou que hi viera então Martim Affonso de Mello Jusarte em huma galé com gente, que Nuno da Cunha mandava em soccorro de Antonio da Silveira; porque quando Aluchan lhe poz o cerco, elle escreveo sobre isso a Simão Guedes, e Simão Guedes a Nuno da Cunha, a quem a carta se deo a 8. de Agosto, e nesse mesmo dia escreveo a Antonio da Silveira, que logo o proveria, e elle em pessoa com toda a gente sobre que pudesse, iria apôs a carta; e apercebeo a Simão Guedes, que lhe tivesse muitos mantimentos, e prestes todos os casados que tivessem cavallos, porque elle tambem havia de levar os de Goa, e esperava de naquelle verão dar algum castigo a Cambaya. Sobre este recado mandou logo a Martim Affonso de Mello para entrar em Dio com a gente que levava, e com a que Simão Guedes lhe havia de dar. E tinha ordenado, em quanto elle não hia com toda a força da India, de mandar trás Martim Affonso a Antonio da Silva de Menezes

com

com outras vélas de remo, para entreter os cercados com a esperança da sua ida, e assombrar a Armada dos Turcos com aquelles corredores; mas quando Miguel Vaz lhes disse o estado, e perigo em que estava o porto de Dio, não pareceo bem a Martim Affonso, nem a Simão Guedes fazer mudança de si, até não ir Miguel Vaz com aquelle recado a Nuno da Cunha.

Sendo pois quatro dias de Setembro, naquelle dia, e n'outro seguinte acabou de chegar toda a Armada dos Turcos, a qual assi por o muito número de vélas, e força d'artilheria que trazia, como por ser tão esperada, e temida, e que tantos annos havia que ameaçava, não sómente pareceo temerosa aos Portuguezes, contra os quaes vinha, que em número, e apercebimento se viam tão desiguaes, mas poz tristeza, e espanto aos mesmos Mouros da Cidade, que esperavam por os Turcos como por huns remidores da sujeição, em que os tinham postos os Portuguezes; o que se vio logo no seguinte dia, em que nenhum dos Mouros de Dio foi á Armada visitar algum Turco, só Coge Sofar como homem criado entre elles, e que com elles tinha prática sobre sua vinda á India, foi á galé de Soleimão Baxá dar-lhe os parabens da sua chegada; e para o contentar, lhe encareceo

o es-

o eſpanto em que a ſubita vinda de tão poderoſa Armada mettêra os noſſos; polo que parecendo a Soleimão Baxiá que os aſſombraria verem alguma moſtra de ſua gente, ao dia ſeguinte mandou ſahir em terra ſetecentos Janiçaros eſpingardeiros, e frécheiros mui ricamente veſtidos de brocadilhos, e cetijs cremeſijs, e de outras ſédas, e cores, os quaes com os feltros que nas cabeças trazem guarnecidos d'ouro, e ricas plumagens, perque são conhecidos por Janiçaros, pareciam em ſeus ſembrantes mais ſoberbos, e altivos. [a] Eſtes começáram a caminhar para a Cidade, e prepaſſando ao longo do muro da fortaleza, deſparavam ſeus arcabuzes, e fréchas, com que matáram ſeis homens dos noſſos, que por os ver ſe puzeram no muro com pouco reſguardo, e aſſi foram vinte feridos; mas trezentos eſpingardeiros dos noſſos lhes reſpondêram de maneira, que lhes fizeram mudar o ſoberbo meneo de ſuas peſſoas com que vinham, quando víram aos pés os da ſua companhia; porque como em aquella grande multidão delles não ſe podia perder tiro, foram mortos cincoenta, e muitos feridos, que lhes fizeram ter mais tento em

ſi,

a Antes que eſtes Janiçaros deſſem viſta á fortaleza, entráram na Cidade, e a mettêram a ſacco, roubando o melhor della, e deshonrando as mulheres, e filhas de ſeus moradores. Diogo do Couto *cap. 7. do liv. 3. da Dec. 5.*

ſi, que no compaſſo, e pompa com que paſſavam. Como chegáram á Cidade, os principaes delles quizeram ver a peſſoa do Alchan, que pouſava nos paços d'ElRey, e os eſperava com apparato, e atavio conforme á ſua dignidade, aſſentado em huma rica cadeira; mas ſete, ou oito deſtes Capitães Turcos chegando a elle com muito deſprezo, o tomáram pela barba, e lhe deram hum par de avanaduras nella, tendo-a elle mui veneravel, e branca, por ſer de muita idade, e de tal aſpecto, que todo homem lhe tivera acatamento. Alguns dos ſeus criados vendo eſta deſcortezia, e ſoltura, quizeram logo caſtigallos; mas como elle era homem prudente, o impedio, dizendo-lhes, que não fizeſſem movimento de ſi, que aquelles homens eram eſtrangeiros, e na ſua terra uſavam aquillo em modo de ſaudação; e entendendo elle da ſoltura daquelles Turcos, que ſe os muito communicaſſe viriam a mais, fingindo que como a hoſpedes os queria agazalhar bem, lhes deixou as caſas, e com ſete, ou oito mil homens ſe paſſou á terra firme, e ſe apoſentou em hum palmar, que eſtá junto da Villa dos Rumes, por ſe affaſtar bem delles, e a mais gente deixou a Coge Sofar, para os adeſtrar no que deviam fazer.

Ao ſeguinte dia que os Turcos deram

aquella mostra de si, que era aos seis de Setembro, logo pela manhã, por ser o tempo ainda verde para aquelle porto, começou a ventar Sul mui rijamente, trazendo grandes, e escuras nuvens, e relampados; e como o lugar em que a Armada estava surta ficasse em travessia, cumprio ao Baxiá levantar-se dalli com toda sua frota, e metter-se no porto de Madrefabat, que está dahi cinco leguas. Naquelle porto perdeo quatro navios de carga com algumas munições, entre as quaes se acháram muitas sellas de cavallo com suas guarnições, de que o mar lançou boa parte, e foram ás mãos dos Guzarates, o que lhes a elles pareceo mal, e a Aluchan peior, porque se mostrava claro, que a tenção dos Turcos era fazer guerra assi no mar, como na terra, e quererem-se apoderar da India, e logo houveram por suspeitosa sua vinda, e mais sabendo a natureza dos Turcos, e o que fizeram em Adem. Esta suspeita, e outros sinaes, que Aluchan, e Coge Sofar nelles víram, aproveitáram ao diante muito aos nossos cercados. Assi que aquelle movimento da Armada foi felice successo, além de declarar a tenção dos inimigos, por a detença que em Madrefabat fizeram de vinte dias.

CA-

CAPITULO VIII.

Dos apercebimentos, que Antonio da Silveira, e Coge Sofar faziam em quanto a Armada foi, e tornou de Madrefabat: e como veio nova, que era chegado a Goa o Visò-Rey D. Garcia de Noronha.

EM quanto a Armada esteve em Madrefabat, onde gastou vinte dias, poz Antonio da Silveira as cousas da fortaleza em ordem, provendo primeiro as faltas dos muros, que não estavam de maneira que pudessem soffrer tiros de basilisco, e outras peças furiosas, que os Turcos traziam para baterem a fortaleza. Polo que mandou repairar as paredes, engrossando em partes o delgado, e levantando o baixo, assi no muro, como nos baluartes de maneira, que as paredes ficáram de dobrada grossura, do que antes estavam. As estancias repartio desta maneira: o baluarte grande chamado São Thomé deo a Gonçalo Falcão; e no de Garcia de Sá poz a Gaspar de Sousa; e no lanço do muro que corre de hum ao outro poz Francisco Henriques Thesoureiro da Alfandega, e Fernão Peleja; e o muro que vai do baluarte S. Thomé para o mar, deo a Rodrigo de Proença Escrivão da Alfandega, e a Antonio Foreiro Escrivão da Fei-

toria. No outro panno do muro, que eſtava da parte do rio além das caſas do Capitão, que era bem fraco, e mal repairado deſde o fundamento da fortaleza por falta de cal, poz a Lopo de Souſa Coutinho, e mais adiante na Feitoria velha ao Feitor Antonio da Veiga; e o muro da couraça que ſahe ao mar, deo a Paio Rodrigues de Araujo; e no baluarte da entrada do mar, onde eſtavam os Armazens, poz a Franciſco de Gouvea Capitão mór do mar, os quaes todos repairáram com grande diligencia ſuas eſtancias; e quanto ao outro panno do muro, que vai ao longo da coſta brava por ſer inexpugnavel, não teve neceſſidade de mais que de vigias. O Capitão Antonio da Silveira ficou ſobreſalente com os ſeus para vigiar, e ſoccorrer todas as eſtancias; e para dar exemplo aos outros, ſe recolheo em huma tenda, que mandou armar no baluarte de S. Thomé.

Em quanto a Armada ſe deteve em Madrefabat, os Turcos que ficáram em Dio tambem gaſtáram o tempo em aſſentar ſuas eſtancias per induſtria de Coge Çofar, como de homem de caſa, e que ſabia como a fortaleza eſtava de dentro para a bateria lhe fazer damno; e o lugar onde as aſſentáram foi eſte. Havia ao redor da fortaleza muitas caſas, que no tempo da paz ſerviam

viam aos noſſos de terem ſuas proviſões de mantimentos, e couſas de grande volume, que não podiam caber dentro da fortaleza. Estas caſas em quanto os Guzarates tiveram cercado os noſſos, deixáram eſtar em pé, por lhe ſervirem de reparo da noſſa artilheria; dellas os Turcos tambem ſe aproveitáram, até que aſſentadas alli ſuas eſtancias, as derribáram, ficando entre ellas, e a fortaleza hum terreiro deſpejado, que teria de largo cem pés. Coge Sofar, depois que deo eſta ordem aos Turcos, por ter concertado com o Baxiá, que a primeira couſa que fizeſſem foſſe combater o baluarte da Villa dos Rumes, por ſe vingar da ferida que nelle houve, paſſou-ſe lá. E para o effeito do combate mandou pedir ao Baxiá alguma artilheria groſſa, o qual mandou deſembarcar tres baſiliſcos com outra artilheria miuda para lha mandar por terra com Barharan Bec, e alguma gente; e como o caminho era longo para tão grandes peças, e de arêa ſolta a maior parte, com grande trabalho leváram hum baſiliſco, e as outras peças tornáram a embarcar. Chegado Barharan Bec, começou com Coge Sofar a preparar as couſas neceſſarias para as baterias que queriam dar áquelle baluarte da Villa dos Rumes, e á fortaleza, trabalhando nos repairos, e trincheiras de noite, e de

de dia; e como sua tenção era começar pe'lo baluarte da Villa dos Rumes, entre as cousas que para este effeito fizeram foi fabricarem sobre huma grande barcaça, que servia de descarregar das náos as mercadorias, que levavam á Alfandega, huma máquina de taboado á maneira de castello de grande altura, que se igualasse com as ameas do baluarte, e entulhada de muitos materiaes differentes, aptos a receber fogo, como salitre, enxofre, rama, e cousas que de si lançam grandes fumaças, e fedores, a puzeram em meio do rio a quatro amarras, para com aguas vivas as acostarem aos muros, e lhe darem fogo, crendo que com aquelle fumo podiam affogar os que no baluarte estavam. Antonio da Silveira entendendo o artificio, logo no principio o dissimulou; e como o vio em estado para poder servir, mandou Francisco de Gouvea Capitão mór do mar, que de noite lho fosse queimar, o que elle executou logo com muito risco de sua pessoa, porque dentro daquella máquina estavam espingardeiros, que a guardavam, e assi chegando a ella lhe deo fogo per muitas partes, com que os que estavam dentro saltáram no rio; e depois de bem queimada, posto que dos Mouros foi varejado de sua artilheria, se tornou a recolher á fortaleza.

A

A este mesmo tempo, que foram 13. de Setembro, chegou Fernão de Moraes hum catur que vinha de Goa [a], com recado de Nuno da Cunha, por ter já nova da vinda dos Rumes, e em sua companhia Pero Vaz Guedes em outro catur, com algum provimento, que Simão Guedes Capitão de Chaul mandava a Antonio da Silveira, o qual logo se tornou; e querendo fazer o mesmo Fernão de Moraes, Antonio da Silveira lhe rogou o não fizesse, porque por sua idade, e muita experiencia das cousas da guerra tinha necessidade delle. Era Fernão de Moraes grande amigo de Francisco Pacheco Capitão do baluarte da Villa dos Rumes; e assi por o ver, como por lhe levar novas do soccorro, que o Governador havia de mandar, acceitou ir em hum catur com quatorze homens, a levar-lhe alguns mantimentos, que per este meio delles o provia de noite Antonio da Silveira; e porque Coge Sofar abrio huma cava, que das suas estancias chegava até o mar, para defender della esta provisão de mantimentos; e por esta causa Francisco Pacheco mandára tapar de pedra, e cal a serventia da porta do baluarte, como cousa

a *Com este catur de Fernão de Moraes chegáram os outros dous de Simão Rangel, e de Antonio de Araujo, que em sua companhia partíram de Goa.* Diogo do Couto *cap. 10. liv. 3.*

ſa de que não tinha neceſſidade para entrada, ou ſahida, não pode Fernão de Moraes dar-lhe os mantimentos que levava; mas eſtando á falla com elle do ſeu catur, lhe ſahíram da cava huma fuſta, e duas almadias com muitos Turcos, e pelejáram com elle até virem a bote de lança, com os quaes Fernão de Moraes com os ſeus ſe houve tão esforçadamente, que lhe arrombou a fuſta com hum berço, e por derradeiro os fez fugir, e elle ſahio da briga com morte de hum Portuguez, e alguns remeiros Canarijs feridos. A eſtes dous amigos Fernão de Moraes, e Franciſco Pacheco acontecêram duas couſas ſobre pontos de honra, que a huns deram materia de eſcandalo, e a outros de riſo, ſendo ambos havidos por bons cavalleiros, e que o tinham moſtrado em caſos perigoſos, e tinham dado ſempre mui boa conta de ſi, e foi, que vindo ao outro dia Franciſco Pacheco á fortaleza em hum catur, que de noite lhe levára mantimentos, dando por razão de ſua vinda, que era querer-ſe confeſſar, e fazer teſtamento, e [illegible] com grande[illegible]mas couſas de ſua alma, Antonio [illegible]ga Feitor da fortaleza requereo ao Ouvidor o obrigaſſe a lhe pagar certo dinheiro que devia a ElRey. Deſte requerimento feito em tal tempo, e per aquella maneira, ſe houve

Fran-

Francisco Pacheco por tão injuriado, que se determinou em não tornar á Villa dos Rumes, e vindo a Antonio da Silveira, lhe disse que elegesse outro Capitão para o baluarte, porque elle não tornaria lá em maneira alguma. Antonio da Silveira soffrendo-lhe muita sobegidão de palavras que soltou, podendo-o obrigar a servir em tempo de cerco, lhe rogou que tal não fizesse, porque daria a entender que não era verdadeira a opinião que se delle tinha, e que pois elle viera a descarregar sua consciencia, (como dizia,) houvera de agradecer a quem lhe lembrasse descargos della, como era pagar o que devia; e não o podendo persuadir o Capitão com suas boas razões, mandou a Fernão de Moraes que o tirasse daquelle erro, como tirou, e o fez tornar ao baluarte, vendo que por elle o recusar se offerecia a isso Lopo de Sousa Coutinho, que com mui grande instancia pedia a Antonio da Silveira a defensão daquelle baluarte.

Aos 26 do mez de Setembro chegou [illegible] Goa [a] com novas como era hi

[a] *Vinha neste catur João de Cordova, que o Viso-Rey D. Garcia de Noronha despachou de Goa com cartas a Antonio da Silveira, avisando-o de sua chegada á India; e ao dia seguinte despedio Antonio da Silveira o mesmo navio, respondendo ao Viso-Rey, com relação de tudo que era passado.* Diogo do Couto *cap.* 11. *do liv.* 4.

hi chegado o Viso-Rey D. Garcia de Noronha com grande Armada, o qual escreveo a Antonio da Silveira, dando-lhe muitas esperanças de o soccorrer mui em breve. Desta nova foram todos mui alegres, tirando Fernão de Moraes, que perguntando ao messageiro se trazia tambem carta do Viso-Rey para elle, e dizendo-lhe que não, disse que pois o Viso-Rey lhe não escrevia, se queria ir para Goa, e assi o fez, sem aproveitarem rogos do Capitão, que lhe não deo outro castigo, nem reprensão mais que ver a má reputação em que ficou tido de se anojar por lhe não escrever o Viso-Rey a elle, sendo hum cavalleiro de huma lança, onde estavam muitos homens Fidalgos, que mais podiam esperar aquelle cumprimento, e ir-se em tempo que houvera de vir á fortaleza, se fóra della estivera; e desejando o Capitão que os do baluarte da Villa dos Rumes soubessem as novas que eram vindas do Viso-Rey Dom Garcia, Lopo de Sousa Coutinho se offereceo a lhas levar, e se metteo em huma fusta com a gente necessaria [illegible] risco da vida, e foi á vista do baluarte, onde por a porta ser tapada não desembarcou; e bradando por Francisco Pacheco, lhe fallou, e deo as novas que levava; mas sendo sentido dos Mouros, á ida, e á vinda

da descarregáram nelle tanta artilheria, que foi milagre tornar sem receber damno.

CAPITULO IX.

Como Soleimão Baxiá tornou de Madrefabat do combate que se deo ao baluarte da Villa dos Rumes: e como Francisco Pacheco se entregou.

SEndo passados vinte dias que Soleimão Baxiá se fora a Madrefabat a espalmar, e prover do necessario sua Armada, hum dia pela manhã, que eram vinte e sete de Setembro, começou a apparecer a Armada, que com vento prospero, e de bonança entrava toda embandeirada de muitas bandeiras de seda, e com seus tendaes de ricos paramentos, arrojando pela agua, com a gente, que nas apparencias, e ornamentos de suas pessoas mostravam virem de festa, e com grande roido de clarões, e atabales, e outros instrumentos. As galés seguindo huma fusta em que hia Juçuf Hamed Capitão mór do mar, entráram em ordem huma ante outra; e emparelhando com a lagea, que está no rostro do baluarte da barra, de que era Capitão Francisco de Gouvea, desparavam, e lançáram dentro da fortaleza grande número de pelouros; e deste ba-

baluarte, e da torre de S. Thomé lhe respondiam com grossa artilheria, de que hum tiro lhe metteo huma galé no fundo, e della se salváram poucos; mas com os tiros que os nossos fizeram, se lhes seguio mais damno que com os dos Turcos, porque estes não matáram mais que hum soldado [a], e algumas das nossas bombardas arrebentáram, que feríram muitos Portuguezes, e matáram alguns, isto causou a polvora não ser a que devia, porque como a mais que na fortaleza estava fóra da que se achou nos armazens d'ElRey de Cambaya, e essa estivesse per erro, e pouco tento mal embarrilada, a de espingarda da que era fina estava em vasos, que serviam para as bom-

a Chamava-se este soldado Christovão, mancebo de dezenove annos mui esforçado, filho de huma Barbara Fernandes Portugueza viuva, que vivia em Dio. Esta mulher mostrou na morte deste filho huma rara fortaleza, e digna de perpétua memoria; porque recebendo ella em seus braços este filho, (nos quaes elle espirou,) espedaçado de hum pelouro, e sustentando-lhe com as mãos as espalhadas entranhas, sentindo nas suas maternaes huma tamanha dor, com tão inteiro, e igual animo a soffreo, que foi admiração aos circumstantes, banhados em lagrimas, (que Barbara Fernandes não derramava,) vendo em hum peito femenil huma tão nova, e christã constancia em caso tão lastimoso. E porque esta dor não parasse na morte deste filho, aconteceo que ao outro dia se perdesse o baluarte da Villa dos Rumes, onde esta matrona tinha outro filho maior, que se chamava Luiz Francisco, para que com a perda deste se lhe dobrasse a mágoa de os perder ambos, e a fortaleza com que a soffreo. Lopo de Sousa Coutinho.

bandas, e sem os bombardeiros attentarem animo, carregavam as peças per sua medida, e assi a fineza della as fazia arrebentar. Em quanto as galés entráram, que foi des que o Sol sahio até ás dez horas do dia, durou este esbombardear, e huma nuvem de fumaça que occupava grande espaço. Entrada assi a Armada, foi surgir junto a huma Mesquita, que está em hum alto sobre o mar, defronte do baluarte de Diogo Lopes de Sequeira, que fica no angulo da Cidade, que respeita ao Sul.

Coge Sofar, que todo este tempo não havia cessado de bater o baluarte da Villa dos Rumes, com o basilisco que trouxe de Madrefabat, e com outras peças, tendo já com ellas arrasado por cima o baluarte, e cega a artilheria, aquella tarde que entrou a Armada, deo o assalto com dous mil homens, dos quaes setecentos Janiçaros a som de muitos instrumentos, seguindo a hum Alferes, que os guiava com huma bandeira vermelha, arremettêram com muita furia, subindo per aquella ruina da bateria, e paredes derrubadas, quanto per aquelle lugar podiam caber, aos quaes os que entretanto não subiam favoreciam com suas espingardas, e fréchas, e defendiam aos nossos apparecerem, e lhe resistirem. Estando já os Turcos como vencedores em lu-

lugar que ſe igualava com o mais alto, e crendo que a couſa era vencida, tentando arvorar ſua bandeira, vieram ás mãos, com alguns dos noſſos, que vivos com muitas feridas tinham eſcapado da contínua bateria, os quaes ás lançadas, e com panellas de polvora os rebatêram, e lançáram em baixo, com morte de cento e cincoenta, a fóra muito número delles, que foram feridos; e os que eſte furioſo aſſalto mais ſuſtiveram, foram dous mancebos, que acertáram de eſtar em hum andaimo, que ficava fóra da parede do combate, os quaes primeiro ás lançadas, e depois com panellas de polvora, que os de dentro lhes davam, fizeram o que a todos os de dentro era difficultoſo, e perigoſo; e aſſi pelejando até a noite os apartar, ſendo elles ſós os que ſuſtinham o pezo de tanta gente, e a que os inimigos todos aſſeſtavam ſeus tiros, que como eram muitos, não deixáram de lhe acertar alguns, de que foram mui mal feridos. Em fim elles fizeram tanto, que os inimigos deſeſperados alargáram o combate, e ſe recolhêram a ſuas eſtancias, eſpantados do esforço daquelles dous homens, dos quaes hum havia nome Antonio Pinheiro, mancebo de vinte e cinco annos, filho de hum cavalleiro da Cidade de Faro.

Naquella meſma noite veio á fortaleza hum

hum Antonio Falleiro , que estava no baluarte, com huma carta de crença de Francisco Pacheco para Antonio da Silveira, dizendo , que estava tão mal do combate, que lhe não pudéra escrever, que lhe mandava Antonio Falleiro para lhe dar conta do que passava ; e tudo o que disse foi recontar estarem todos em tal estado, que se houvesse outro combate, seriam tomados ás mãos, e mortos, porque já se não podiam defender ; e que Coge Sofar lhes commettia que se entregassem , e os deixaria com as vidas para se irem á fortaleza, que por tanto visse elle Antonio da Silveira o que deviam fazer. Praticado este negocio com as principaes pessoas, assentáram, que pois o baluarte não tinha defensão, e não podia ser soccorrido da fortaleza, melhor era salvarem-se aquelles homens, que padecerem todos ao cutello sem fruto algum, porque vivos podiam ajudar a defender a fortaleza. Esta foi a resposta que se deo a Antonio Falleiro , e que quando assentasse as condições da sua entrega com Coge Sofar, fosse de maneira que ficassem confirmadas por Solemão Baxiá ; e ainda para mais segurança lhas trouxessem primeiro mostrar a elle Antonio da Silveira ; mas parece que o temor occupou tanto a Francisco Pacheco, e aos que com elle estavam, que quando

do

do amanhecco víram os noſſos da fortale-za huma bandeira branca poſta no baluarte; em ſinal de paz, e outras no caes da meſ-ma Villa dos Rumes. Quando veio a ho-ras de meio dia, embarcáram todos os Por-tuguezes, que eſtavam no baluarte, e foi nelle poſta huma bandeira vermelha das in-ſignias do Turco, em cujo levantamento, e abatimento da bandeira da Cruz de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto, que he a inſignia de ſua Milicia, e Ordem, hum João Pires ho-mem velho indignado daquelle feito, aba-teo a bandeira do Turco; e ſobre eſte aba-ter, e levantar cada hum a ſua, entre os Turcos, e ſeis Portuguezes, que com o meſ-mo zelo ſe ajuntáram com João Pires, hou-ve tal debate, que por os Turcos ſerem muitos, e os noſſos poucos, vieram todos ſete a morrer, e padecer martyrio, zelando a honra de Chriſto, e ſua Fé Santa. [a]

Quando veio ao ſeguinte dia depois da ſahida deſtes homens, ſem Antonio da Sil-

vei-

a Os corpos deſtes ſete Portuguezes fôram lançados pe-los Turcos no rio a tempo que a maré enchia; e queren-do Deos moſtrar quão acceito fora diante delle o ſangue daquelles cavalleiros ſeus, per ſua honra derramado, no meſmo inſtante que os corpos tocáram a agua, refreando o mar ſeu ordenado curſo para cima, tornou com igual im-peto para baixo, e levou aquelles corpos juntos até os pôr na porta da couraça da fortaleza, onde poſtos tornou a ma-ré, que enchia a continuar ſeu ordinario curſo para ci-ma. Notáram os da fortaleza o milagre, recolhêram os

veria ſaber as condições, com que ſe deram, chegou Antonio Falleiro ao pé do baluarte de Gaſpar de Souſa já veſtido á Turqueſca, e mandou a Antonio da Silveira huma carta de Franciſco Pacheco, em que lhe dizia, como elle ſe entregára per hum ſeguro do Baxiá, e que lhe não deram tempo para lho mandar moſtrar, pelo qual lhes dava as vidas, fazenda, e eſcravos, tirando as armas, e artilheria, com tanto, que lhe foſſem fazer a ſalema á galé onde elle eſtava; e que quando os leváram á Cidade, os dividíram per eſſas caſas de dous em dous; e que elle, e Gonçalo de Almeida ſeu primo, e Antonio Falleiro foram levados á galé do Baxiá, o qual os recebêra bem, e lhes dera ſendas cabaias; e que pedindo elle a Soleimão que lhe cumpriſſe o que lhe promettêra, no formão do ſeguro que lhe dera, lhe reſpondêra, que ſe não agaſtaſſe, que elle cumpriria o que ficára, mas que por quanto queria combater a fortaleza per mar, e per terra, o tempo que niſſo gaſtaſſe os havia de reter comſigo, e que tomando a fortaleza, os mandaria á India; e que ſendo pelo contrario, os

corpos; e levados com grande honra á Igreja, os enterráram defronte da Capella mór, e de crer he que ſuas almas ſubiram triunfantes diante da Mageſtade Divina, onde receberiam a glorioſa coroa de martyrio. Lopo de Souſa Coutinho.

os soltaria para se irem á fortaleza, e que lhe dissera que escrevesse a elle Antonio da Silveira, que se entregasse logo, e que a todos daria as vidas, e embarcações para suas pessoas; e que fazendo de outra maneira, todos havia de metter á espada; e que sobre isso houvessem seu conselho, em quanto carregava hum basilisco, e certas peças d'artilheria furiosas para combater a fortaleza. Acabando Antonio da Silveira de ler a carta, sem consultar a resposta, escreveo logo a Francisco Pacheco, que de Soleimão Baxiá não cumprir com elles, não se espantava, porque os Turcos nunca mantiveram fé, nem palavra; e que as ameaças que lhe Soleimão fazia, lhe não dava mais resposta senão que descarregasse quantos basiliscos quizesse, que costumados eram a isso, e que por a mais pequena pedra daquella fortaleza haviam todos de morrer; e que elle, nem Antonio Falleiro não fosse mais ousado de lhe trazer, nem mandar taes recados, porque como a hum Turco, que elle já era, lhe mandaria tirar ás bombardadas. O preciso termo, que Soleimão deo aos Portuguezes para lhe alargarem a fortaleza, e as ameaças que fez como homem victorioso, por a tomada do baluarte da Villa dos Rumes, e confiado na grande Armada, e gente que trazia, em vez de di-

diminuir os animos aos cercados, foi grande incitamento para tomarem novos espiritos, e os animar a lhe resistirem; porque por aquella quebra de sua palavra, e pouca fé que mostráram áquelles poucos homens cercados, e enganos que com elles usáram, víram que nelles não podia haver esforço, nem constancia, polo que já desejavam de virem ás mãos com elles, tão animosamente como se elles foram gente sem número, e bastecidos de todo o necessario, e os inimigos não foram tantos, nem tão armados.

CAPITULO X.

Como os Turcos deram bateria á fortaleza de Dio vinte e cinco dias contínuos: e do muito damno, que nella fizeram.

AOs cinco dias do mez de Outubro, estando as galés dos Turcos derramadas pelo porto, entráram dous catures nossos per entre ellas, em hum vinha Francisco Sequeira Malabar de nação, (que por seus serviços ElRey de Portugal lhe mandou deitar o habito de Christo com tença,) ao qual o Viso-Rey D. Garcia de Noronha mandava com cartas a Antonio da Silveira, e aos Capitães que com elle estavam; e em sua companhia veio no outro catur de Baçaim, (onde estava Garcia de

 Sá,)

Sá,) D. Duarte de Lima filho do Monteiro mór, que por sua vontade com dez, ou doze homens se vinha metter naquella fortaleza para a ajudar a defender. Espedíram logo Francisco de Sequeira com nova do estado em que ficava. Houveram-se os Turcos por mui injuriados de passarem os catures per entre elles, e ordenáram-se logo para não poder entrar, nem sahir embarcação alguma; e como Solcimão Baxá era já senhor do baluarte da Villa dos Rumes, e estava indignado por a pouca conta que Antonio da Silveira mostrou fazer delle, na resposta que deo a Antonio Falleiro, determinou não dilatar mais o combate da fortaleza, pelo que mandou assestar a artilheria em seis estancias, que lhe Coge Sofar ordenou, que como mais domestico sabia os cantos da fortaleza, posto que não tinha noticia dos repairos, e contramuros, que Antonio da Silveira per dentro tinha feitos. A somma da artilheria ordenada para bater a muralha eram nove basiliscos de desacostumada grandeza, dos quaes cada hum deitava pelouro de noventa até cem arrateis de ferro coado, cinco espalhafatos, que lançavam pedra de cinco, e seis, e sete palmos em roda, quinze leões, e aguias, quatro colobrinas, e alguns camhões de bater, que eram para espedaçar huma rocha

ma-

maciça. D'outra artilheria haveria oitenta peças entre esperas, salvagens, meias esperas, e falcões; e pelo cerco adiante tirava hum quartao, que era hum temeroso instrumento. Desta artilheria eram Capitães Coge Sofar, que ordenára o assento della, e Juçuf Hamed Capitão de Alexandria; e para sua guarda havia dous mil Turcos repartidos per Capitanías nos lugares, que lhes foram ordenados, a fóra a gente Guzarate de Coge Sofar. Soleimão Baxiá esteve sempre na Armada em sua galé, sem ir a terra ver cousa alguma, ou por sua idade, e aleijão de muita gordura, ou por estar mais seguro para fazer alguma cousa de si, se a nossa Armada viesse; mas á galé lhe hiam dar razão do que se fazia, e dalli provia, e ordenava o necessario. A situação desta artilheria para nos combater, era, que a que mais longe estava da fortaleza, não passava de cento e cincoenta passos, e a mais chegada estava a sessenta, e toda amparada com mantas grossas. Entre esta artilheria, e os muros da fortaleza estavam humas estancias de gente, para logo arremetter, como houvesse cousa aberta, ou derribada para poder entrar, e toda mettida per cavas em tal ordem, que a nossa artilheria não lhe podia fazer nojo, e a sua tirava per cima delles ás ameas dos baluartes,

tes, e muros, que por ser ponteria alta estavam debaixo seguros de receber algum damno.

Com esta ordem, e concerto começáram os Turcos a bater a fortaleza huma segunda feira quatro de Outubro, em sahindo o Sol, no qual, e no seguinte em nenhuma outra cousa trabalháram senão em cegar nossa artilheria; no qual tempo elles dos nossos recebêram pouco damno, e os nossos delles muito, por o grande estrago que faziam nas ameas, e no muro, e em toda a outra parte aonde apontavam per onde desejavam entrar, e assi procuravam de nos quebrarem algumas peças, a que de proposito apontavam, porque eram tão grandes officiaes, que sempre acertavam no lugar em que queriam dar, do que hum dos nossos soldados querendo fazer experiencia, tirou o chapeo da cabeça, e o poz de industria em hum páo, o qual, cuidando os artilheiros que era cabeça de homem, o levâram logo com hum pelouro; e nos lugares onde desfaziam parede, amea, ou outra cousa, que convinha aos nossos reparar, tinham esta astucia, que como sentiam que trabalhavam, de novo tornavam atirar ao proprio lugar; o que entendido dos nossos, batiam de dentro em outra parte sã, quando repairavam alguma quebrada,

da, e assi trabalhavam mais seguramente. Esta ordem tiveram os Turcos em dar sua bateria per espaço de vinte e cinco dias contínuos sem cessarem. A parte onde fizeram maior damno foi no baluarte, em que estava Gaspar de Sousa, porque como não tivesse travézes de que se pudessem temer, o batêram os primeiros cinco dias de maneira, que ficou raso, derribando-lhe todas as ameas; e abaixo dellas foram comendo tanto a grossura da parede do baluarte, que chegáram ao entulho delle. Quando Antonio da Silveira vio tanto damno, atalhou o baluarte quasi hum terço, e dalli foi criando huma parede de pedra, e barro da banda da bateria, e veio descendo pela parte de dentro em degráos, para os nossos terem per onde subir, e defender, se viessem com escadas a commettellos.

CAPITULO XI.

Como os Turcos persevéráram em combater o baluarte de Gaspar de Sousa; e da resistencia que se lhes fez: e como foi morto Golçalo Falcão.

Acabados os repairos, e atalho, que Antonio da Silveira mandou fazer no baluarte de Gaspar de Sousa, com a pedra, e ca-

e caliça que cahia do que se derribava ao pé delle, fabricáram os Turcos huma subida, que sem escadas facilmente podiam subir, e vir ter á parede que os nossos tinham feita, para virem com elles ás mãos. Pelo que passados cinco dias do combate, ao sexto, a horas de meio dia, quando lhes pareceo que seria o repouso dos nossos, (o qual elles não tinham de dia, nem de noite,) subíram por aquelle lugar cincoenta Turcos bem armados, que mais não cabiam por a estreiteza do sitio, ficando porém grande número delles mettidos na nossa cava, porque os não vissem do muro, para succederem aos que morressem, ou cansassem; e com piques, partesanas, e panellas de polvora foram a commetter Gaspar de Sousa, que com os seus se defendeo valerosamente, acudindo-lhe tambem os das outras estancias vizinhas, porque esta ordem tinha dada Antonio da Silveira em todas, que quando houvesse pressa em huma, lhe acudisse a mais vizinha, e elle com sua pessoa acudiria a todas, segundo a necessidade de cada huma, e este era o mais certo lugar em que o achavam. Com este soccorro matáram os Portuguezes tantos dos Turcos, posto que, derribados os de cima, subiam outros em seu lugar dos da cava, que os fizeram affastar mal de seu grado;

e nes-

e nesta porfia morrêram dos nossos sómente dous, mas foram muitos feridos.

Deste dia em diante, em quanto o cerco durou, sempre se pelejou neste repairo sem intermissão alguma todos os dias duas, e tres vezes, havendo sempre dos Portuguezes alguns mortos, e muitos feridos, e dos Turcos muitos mais, posto que se enxergava nelles menos, que nos nossos. No lugar da peleja nos tinham elles grande vantagem, porque pelejavam de cima para baixo, porque o seu arremesso hia com força natural, e os nossos passavam maior trabalho. E como a contínua bateria tivesse gastado, e derribado o repairo, que se fez naquelle baluarte de Gaspar de Sousa, levantou-se outra parede de terra, e pedra detrás da derribada. E porque já no pouco espaço, que ficava aos nossos do baluarte, se não podiam revolver quarenta homens, que para resistirem a algum pezo de gente eram mui poucos, nem havia lugar onde se fizesse outro repairo, foi Antonio da Silveira criando de dentro junto ao baluarte huma torre de pedra, e barro tão alta, que igualou a altura do baluarte, da qual com menos perigo, e descommodidade podiam os nossos pelejar, e defender-se.

No mesmo tempo vieram os Turcos melhorando suas estancias, chegando-as até as pe-

pegar com a cava, sem se lhe poder defender, porque fizeram de couros de bois grandes ballas, e fardos cheios de terra, e de algodão, os quaes os vinham rolando homens detrás delles em giolhos, encubertos com a grossura destas ballas; e posto que do muro trabalhassem os espingardeiros de lho defender, matando, e ferindo muitos, não foram parte para estorvar, que não chegassem á cava, onde com enxadas, e alviões cavando fizeram vallos tão altos, que podiam a seu salvo andar em pé cubertos, e seguros da nossa espingardaria. E destas suas estancias fizeram outras cavas, pelas quaes hiam, e vinham seguramente, engrossando os ditos repairos com muita pedra solta, e terra, e rama, e desta maneira accommettiam os do muro sem perigo cada vez que queriam. E como a terra, e caliça da bateria do baluarte impedia bater-se no vivo delle, destas estancias compeliam á gente de Cambaia, que com Coge Sofar estava, que com enxadas, e cestos despejassem o pé do muro. E porque Antonio da Silveira mandou tirar a artilheria daquelle baluarte, por estar toda cega, e não servir já nelle senão braços de cavalleiros, que á mão tente o defendiam, e os Turcos tinham sua estancia perto, e não receavam a artilheria por a não haver alli, vieram-se ao pé do ba-

baluarte, e minárão tanto por dentro delle, que ficava hum grande ſombreiro de parede ſobre elles que os encubria, e não lhes podiam os noſſos fazer algum damno. E para ver aquelle lugar, mandou Antonio da Silveira eſtes quatro homens, Fernão Rodrigues, Rodrigo Alvares, Duarte Pinto, e hum homem mulato de alcunha de Silva, que foſſem ſaber ſe faziam mina, porque ſentia bater no muro. E deſcidos per cordas, achàram quatro Turcos, que eſtavam com gente de ſerviço tirando pedra, e caliça já quebrada do baluarte, dos quaes Turcos matáram dous, e os outros ſe puzeram em ſalvo, e elles ſe tornáram a recolher; e porque eſtes homens com a revolta da morte dos Turcos não pudérão ver bem o que lhe mandáram, e Antonio da Silveira não perdia dalli o ſentido, mandou lá Paio Rodrigues de Araujo Alcaide mór da fortaleza, a ver ſe faziam alguma mina per baixo da terra, o qual deſceo abaixo per cordas, levando comſigo quatro homens, e vio que não era mina, ſómente deſpejavam a pedra, e caliça das ruinas do baluarte.

Aos dezeſeis de Outubro, trabalhando Gonçalo Falcão no ſeu baluarte, em que os Turcos tinham feito muito damno com ſua artilheria, e embaçada a noſſa com ca-

li-

liça, andando elle dando ordem para se açalhar huma bombarda, como era o dianteiro que encaminhava os outros, tanto que foi descuberto, veio hum pelouro de bombarda dos inimigos que lhe levou a cabeça pelos ares, ficando o tronco do corpo entre seus companheiros, aonde logo Antonio da Silveira acudio, provendo de Capitão daquelle baluarte a Paio Rodrigues de Araujo. A morte de Gonçalo Falcão foi de todos mui sentida, assi por as boas qualidades de sua pessoa, como por a ajuda que nelle achavam de conselho, e de obras em todos negocios, e porque naquelle cerco á sua custa sustentava muita gente. Naquella mesma manhã tornáram os Turcos outra vez commetter a Gaspar de Sousa, a que logo na primeira arremettida matáram tres homens, e feríram sete, ou oito, dos quaes foi hum João de Fonseca, que de huma espingardada, que lhe entrou pelo collo do braço, e lhe sahio pelo sangradouro, ficou com a mão direita aleijada, e inútil; e mudando a lança para a esquerda, e a adarga para o hombro do braço aleijado, tornou a pelejar como valente homem que era, e como se nelle não houvera falta de sua mão direita. E por o lugar ser estreito, em que não cabiam mais que doze homens, de que elle era o dianteiro, e ficavam muitos detrás

es-

esperando vigante, Duarte Mendes de Vasconcellos vendo-o tão ferido, e o muito sangue de que se vasava, tirou por elle, dizendo, que se fosse curar; mas como João de Fonseca tinha mais tento nos Turcos, que nos companheiros, não lhe acudio, e tornando Duarte Mendes dizer-lhe em modo de represensão, que se tirasse dalli, pois não podia governar seu braço direito, e lhe désse o lugar, elle anojado lhe respondeo: *Em quanto eu tenho braço esquerdo, não hei mister o direito, e vós não sejais tão desarrazoado que me peçais meu lugar.* Lopo de Sousa Coutinho, que era presente, e ouvio que aquillo fora dito com cólera, com palavras brandas lhe rogou que se fosse curar, o que elle então fez, mais por cortezia, que por a dor do braço, de que de todo ficou aleijado.

Neste combate, porque foi mui rijo, acudio Lopo de Sousa com sua gente, segundo era ordenado que acudissem os das estancias vizinhas huns aos outros. E como os Turcos per andarem escaldados dos nossos afrouxassem os combates, mandou Antonio da Silveira a Lopo de Sousa, que com sua gente descesse á cava, e désse nos Turcos que nella estavam, porque lhe faziam mais damno irem de vagar no combate, que depressa, por lhe impedirem tra-

ba-

balhar na torre que dissemos que levantava, por ser já a maior parte do baluarte tomada, e tambem porque estando muita gente no baluarte impediam o serviço, e os Turcos achavam sempre em que empregar seus tiros. Recolhendo Lopo de Sousa sua gente, se foi com seu guião ao baluarte S. Thomé, e per hum recanto delle contra o mar, ainda que o lugar era perigoso por ser mui alto, e a cava alli mais profunda, per huma corda que se atou em huma amea, se desceo ao releixo entre a cava, e o muro, e dalli lançando huma escada de corda de quarenta degráos, se calou a baixo. [a] E sendo-lhe dito de cima, que de huma mesquita fora visto de hum Mouro que hia correndo dar o rebate de sua ida aos das estancias, com esses homens que já eram descidos, que seriam trinta e cinco, sem esperar por os mais, por não ser sentido, foi commetter os Mouros, de que muitos estavam em cima do baluarte, e outros pélas quebras delle descançando, e inquietando aos nossos que se descubrissem, para com sua artilheria os pescarem. E como Lopo de Sousa chegasse áquelles que mais baixos estavam, fizeram rostro; mas como os elle apertasse ás lançadas, empuxando-os, ficáram seis mortos, e os que em cima estavam, ven-

[a] Lopo de Sousa Coutinho.

vendo como os debaixo eram tratados, derribando-se pelas quebras, vinham mui depressa cahir em suas lanças, e delles morrêram outros poucos, e assi se despejou o lugar para os nossos fazerem sua obra. E para se evitarem estes pequenos combates, com que se perdia trabalharem nos repairos, mandava Antonio da Silveira muitas vezes gente á cava, e hum dia mandou a hum Simão Furtado homem valente, e sesudo, com outros da companhia de Lopo de Sousa, e com elles foi hum seu criado per nome Joanne de idade de dezoito annos, com sua espada, e huma espingarda; e feito sinal pelos do muro, quando foi tempo para darem nos Mouros da cava arremettêram com elles; o moço desparando a espingarda em hum Mouro, e arrancando a espada, seguio a outro, não sendo parte Simão Furtado para lho estorvar; e antes que o Mouro se pudesse recolher ás estancias que estavam pegadas na cava, lhe chegou o moço, e o picou de maneira que o Mouro não se atrevendo a defender delle, nem menos deitar-se nas estancias, póz o rostro no rio, determinando de se salvar na agua, na qual se metteo até lhe dar pelos hombros. E como o moço o hia seguindo até lhe dar a agua pelo pescoço, por ser pequeno de corpo, e o Mouro se não atrevesf-

vesse a metter-se mais dentro, porque a corrente do rio o não levasse, e o moço lhe não pudesse bem chegar para o ferir, Lopo de Sousa bradou do muro ao moço que lhe désse de ponta: o moço que estava tanto em si, que conheceo na falla seu senhor, e o entendeo, começou a lhe tirar estocadas; e como a agua onde o moço estava fosse muito alta para sua pequena estatura, querendo-se melhorar para ferir o Mouro, se lhe foram os pés, e cahio, ficando mergulhado. O que vendo o Mouro, veio sobre elle, e lançando-se-lhe em cima, o queria affogar, sem até aquelle tempo lhe lembrar que trazia espada. Mas ao moço não falleceo espirito, porque posto que da agua salgada em que estava tivesse bebida muita quantidade, e estivesse cansado, e huma das mãos occupada com a espingarda que nunca a largou, lembrando-se melhor da sua espada, que o Mouro da sua, lha metteo tres, ou quatro vezes pela barriga, e o matou, e elle se levantou cheio de sangue do Mouro. E tirando-lhe os inimigos grande somma de espingardadas, e frechadas, sem nenhuma dellas lhe tocar, se sahio da agua seus passos contados, com a espada em huma mão, e a espingarda na outra, e pegado aos Turcos passou com o rostro nelles, como quem os tinha em pou-

pouco, e assi entrou na cava sem ferida alguma. [a]

Outra vez mandou Antonio da Silveira a Manoel de Vasconcellos por duas vezes a entrar nesta cava, por se achar bem do damno que per alli se fazia aos Mouros. E da primeira, posto que elle, e os seus pelejáram mui valentemente, matáram-lhe Christovão de Sousa, homem fidalgo, e mancebo em grande maneira esforçado, e de grandes esperanças, que neste cerco tinha servido muito, e assi lhe feríram alguns homens outros. Mas da segunda vez por ir com mais ordem, fez muito damno aos inimigos, ferindo, e matando muitos delles. Lopo de Sousa Coutinho tambem teve sua hora de damno, porque cabendo-lhe ir vigiar no quarto da alva o baluarte dos combates, vindo a manhã o accommêtteram os inimigos, e como lho defendesse, de hum través foi ferido de hum pelouro de meia espera pelo hombro, e espadoa direita, de que recebeo huma grande ferida, e das laminas das couraças que tinha vestidas houve outras feridas pelas costas, das quaes foi levado a curar á sua estancia. E tudo o que succedeo até o ferimento de Lopo de Sou-

a Este moço se chamou depois João Gil de alcunha o Pequeno, e viveo depois muitos annos casado em Dio, rico, e abastado, onde o conheceo Diogo do Couto, *como o escreve no cap. 9. do liv. 4. Dec. 5.*

ſa, diz elle meſmo em hum tratado que deſte cerco fez, que de tudo foi teſtemunha de viſta, e o que dahi em diante eſcreveo, foi do que ſoube, e ouvio a peſſoas dignas de fé. Do qual tratado, no que toca a eſte cerco, como de author tão authentico, nos aproveitámos em muitas couſas.

CAPITULO XII.

Da doença grande que ſobreveio aos cercados; e como as mulheres ajudáram a trabalhar nos repairos.

ERa vinda a tanta diminuição a fortaleza com a contínua bateria que os Turcos davam havia tantos dias, e com as ſahidas, que os noſſos faziam para lançarem os Turcos das cavas, que fazia parecer a muitos, que ſe não poderia defender, porque viam mortos muitos homens valeroſos, e grande número de feridos, que com ſuas curas occupavam os ſãos. A polvora de eſpingarda, e bombarda eſtava quaſi acabada, e da meſma maneira todas as mais munições, e artificios para a defenſão. As lanças dos continuos tiros as mais eram cortadas. A eſperança, em que a gente commum ſe ſuſtentava de ſoccorro do Viſo-Rey, hia-ſe perdendo. Ajuntava-ſe a iſto, que as fortalezas vizinhas á que o Capitão man-

dá-

dára pedir algumas cousas necessarias, de nenhuma maneira acudiam. E mandando só Simão Guedes Capitão de Chaul certa polvora, teve tão máo recado nella o que a trazia, que em a desembarcando, cahíram os vasos, em que vinha, na agua, e se perdeo toda. Outro infortunio, que áquelles cercados miseravelmente tratava, e que era intoleravel, foi a doença geral, que a todos sobreveio da boca damnada, e gingivas corruptas. Esta enfermidade era tão excessiva, que lhes cahiam os dentes, e com as grandes dores lhes era forçado vigiarem esse pouco espaço, que alguma hora do trabalhar nos repairos, ou de pelejar com os inimigos lhes ficava para poderem dormir, ou repousar, porque todo o passavam em gemidos. E sobretudo de nenhuma maneira podiam comer, e da boca tornavam a deitar muitas vezes esse pouco arroz, que comiam. Esta doença lhes causou a agua, que bebiam da cisterna; porque como com a pressa da guerra deitáram nella agua, estando de fresco guarnecida com hum betume, que se faz em Ormuz, que se chama Charú, corrompeo-se a agua, e causou aquelle trabalhoso mal. Polo que com o continuo trabalho das baterias, e rebates dos inimigos, e da pouca substancia do mantimento, e por andarem disvelados os homens de tanto tem-

po, andavam triſtes, e debilitados, mas não que por iſſo ſe viſſem ir com menos esforço a pelejar.

[a] Havia na fortaleza de Dio entre as mais mulheres, que a ella ſe recolhêram da Cidade, quando ſe começou a guerra, huma Dona Iſabel da Veiga filha de hum nobre Cidadão de Goa chamado Franciſco Ferrão, Juiz que foi da Alfandega daquella Cidade, e mulher de Manoel de Vaſconcellos muito bom cavalleiro, e homem Fidalgo, natural da Ilha da Madeira, que foi Juiz da Alfandega de Dio, a qual por ſuas muitas virtudes, e animo heroico ſe não deve pôr em eſquecimento o muito que no trabalho deſte cerco ajudou com muitas mulheres, que a iſſo incitou. Era eſta Dona na idade ainda moça, e mui gentil mulher, e de tão honeſto, e authorizado aſpecto, que ninguem haveria que lhe não tiveſſe grande acatamento, e reverencia; e já no principio deſte cerco tinha ella dado huma grande prova de ſeu valor; porque quando Antonio da Silveira deſpedio o catúr em que veio João de Cordova com a nova da chegada a Goa do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, Manoel de Vaſconcellos a quizera mandar naquelle catúr a Goa a ſeu pai, receando que ſe perdeſſe a fortaleza, e que foſſe ſua mu-

[a] Lopo de Souſa Coutinho.

mulher desfpojo dos Turcos; e communicando com ella efta fua determinação, lhe refpondeo, que não permittiffe Deos que ella fe aufentaffe donde elle ficava; que fe tinha conhecido nella alguma fraqueza, ou defcuido em feu ferviço, que lho diffeffe, e que fe emendaria; mas dar-lhe tão afpera pena, como era apartalla de fi, ella o não merecia; e que não cuidaffe, que a fegurava apartando-a daquelles perigos, porque em fua companhia lhe não pareciam taes, o que lhe não aconteceria eftando aufente, porque feu efpirito feria fempre atormentado de grandes receios, e temores, e que cuidando elle que a tinha fegura dos inimigos, a matariam imaginações; pelo que lhe pedia que houveffe por bem que ficaffe ella alli, ao menos para fer fua enfermeira quando lhe foffe neceffario. Mas porque tiveffe menos de que cuidar, mandaffe a Goa huma filha pequena, que de entrambos havia, porque fe Deos daquella fortaleza alguma defaventura tiveffe ordenada, por fua pouca idade fe não perdeffe. Puderam eftas honeftas, e difcretas razões de Ifabel da Veiga tanto com feu marido, que defiftindo elle de fua determinação, quiz antes fua companhia com temores, que fem elles apartalla de fi. Continuando-fe o cerco, e vendo Ifabel da Veiga que o número dos cavalleiros,

ros, e ſoldados que alli havia era vindo a muita diminuição, e que lhes era neceſſario dividirem-ſe huns para pelejarem, e outros para ſervirem nos repairos, e acarretos da terra, e pedra, e outras achegas, em que conſiſtia ſua defensão, e que dividindo-ſe, não ficava delles número baſtante para bem acudir a huma couſa, e outra; e que o ajudar a tirar, e a acarretar a pedra que hia, ſendo muita, podiam fazer mulheres, que não era obra viril, nem de artificio, com que ellas não pudeſſem, determinou-ſe de ella, com as mulheres que na fortaleza havia, tomarem ſobre ſi eſſe cargo, e deſoccupar outros tantos homens para ſeu officio das armas. E communicando iſto com huma Anna Fernandes, mulher honrada, de idade velha, caſada com o Bacharel João Lourenço Fyſico, a qual era de grandes eſpiritos, e fóra da commum medida das outras mulheres, e que naquelle cerco uſou de grande caridade com os feridos, e enfermos, ambas incitáram todas as outras mulheres de toda qualidade a acarretarem em ſuas alcofas, e vaſilhas terra, pedra, agua, e outras couſas neceſſarias, ſendo governadas pelas duas Iſabel da Veiga, e Anna Fernandes, e com ſua diligencia, e exemplo obrigavam aos homens ſoffrer dobrado trabalho.

Não ſe ſatisfazia o eſpirito de Anna Fernan-

nandes com estes exercicios, porque sem tomar repouso como anoitecia, hia correr as estancias das vigias, e quando havia assaltos acudia a elles, e com animo varonil se mettia em meio dos soldados, animando-os; e vendo pelejar alguns froxamente, os reprehendia, e esforçava. Visitando ella hum dia o baluarte dos combates, achou nelle morto de huma espingardada pela cabeça a hum filho, que tinha de dezoito annos, mui bom soldado, ao qual com grande inteireza tomou nos braços, recolheo, e como se acabou a briga, lhe fez dar sepultura, com huma segurança, e soffrimento que espantou a todos, não deixando de continuar com seus piedosos exercicios, encubrindo a dor de tal perda por não entristecer a todos, que como mãi a amavam.

CAPITULO XIII.

Como os Turcos tentáram minar o baluarte dos combates; e como Gaspar de Sousa foi morto.

SEndo o baluarte de Gaspar de Sousa o que os Turcos mais combatiam que nenhum outro, por o terem já tão raso, que do chão subiam per elle, como quem vai per huma costa acima, não se contentáram senão de irem melhorando tanto suas estancias,

cias, até que deram com ellas na borda da nossa cava; e como as alli tiveram, começáram de minar o baluarte, em que muitos dos seus perdêram a vida. Para o que usáram de huma máquina da fórma que são os cavallos de pôr sellas, os quaes eram de taboado, cubertos de couro de boi, e assi eram altos por cima, e largos por baixo, que em cada hum delles vinham mettidos cinco, e seis homens, de que huns hiam a minar o baluarte, outros subiam em cima delle a pelejar com os nossos, sem haver entre huns, e outros mais que huma parede. Mas como os Turcos víram que esta invenção lhe servia pouco, porque os nossos com panellas de polvora, ola, azeite, e lenha miuda lhe queimavam estes cavallos, tornáram-se ás ballas, com as quaes tiveram encuberta para irem pegar suas estancias em a nossa cava. Antonio da Silveira como não perdia o sentido deste lugar, e sempre temeo ser minado, por se tirar desta suspeita, mandou a elle Cide de Sousa, e Rodrigo de Proença, ambos escoteiros, por elles serem pessoas de que podia confiar isto, os quaes trouxeram recado que o baluarte se minava. E porque Luiz Neto, que já lá fora antes destes, porfiava que não podia ser mina, dando sobre isso muitas razões, não descançou Antonio da Silveira até que lá man-

mandou Gaspar de Sousa Capitão do mesmo baluarte, que desceo pelas roturas, e quebradas com setenta homens bem armados, e prestes para tal accommettimento, e que huns fossem accommetter as estancias dos Mouros, para que em quanto estes dessem, e entendessem com elles, outros a quem o cargo hia encommendado, vissem bem o que elles faziam, e se minavam, ou não; e que nas costas destes ficassem outros prestes para acudir de dentro da fortaleza. Descido Gaspar de Sousa antemanhã a este feito, os que levavam as bombas, e lanças de fogo tiveram cuidado de as logo pegarem nas ballas que os Mouros tinham por repairo. Os quaes como gente confiada, que os nossos não ousariam chegar áquelle lugar, estavam tão descançados, que se vingáram os nossos bem delles, matando, e ferindo, como se fora gado sonorento. Neste tempo aquelles a que foi dado cargo de verem a mina, a víram, e medíram quanto entrava pelo corpo do baluarte.

Dado com este alvoroço rebate nas outras estancias dos Turcos, acordáram ao appellidar daquelles feridos, onde logo foram juntos mil e quinhentos delles, e seguíram a Gaspar de Sousa, o qual vinha já perto da boca da cava, recolhendo os seus, e fazendo-os andar. E porque vio dous homens

a que

a que quiz acudir, ficando elle só detrás de todos, como sempre fazia no recolher dos seus, foi accommettido de grande número de Turcos. E como elle era homem de grande animo, e primor, não querendo salvar-se, apressando o passo, fez rostro a elles com grande valentia, e assi os accommetteo, que sendo o lugar estreito, fez tornar atrás aos que diante hiam, até vir ao largo com elles, onde foi cercado de todos, e defendendo-se valerosamente, foi decepado das pernas, e assi se defendeo quanto lhe foi possivel, até que com o muito sangue que se lhe hia, e multidão dos inimigos, foi derribado. Os Turcos lhe cortáram os pés, e mãos, e a cabeça posta em huma comprida lança, trouxeram com triunfo per todas as estancias, e o corpo lançáram na praia, onde depois foi achado, e conhecido, enterrado com muitas lagrimas de todos por sua grande bondade, e valentia. Recolhidos os que com Gaspar de Sousa foram, e sabido per Antonio da Silveira como a mina dos Turcos entrava ainda mais que ao meio do baluarte, mandou com muita diligencia fazer huma contra-mina, cavando o entulho delle, e levantar a torre que fazia. E do baluarte deo a Capitanía a Rodrigo de Proença, homem esforçado, e soffredor de trabalho.

Nes-

Neſtes meſmos dias os Turcos combatiam outras partes, como foram a caſa do Capitão, e eſtancia de Lopo de Souſa Coutinho. E como as paredes eram delgadas, com dez, ou doze tiros vieram ao chão; mas logo de dentro foram reformadas com outra parede mais groſſa de muro terraplenado, e outros entulhos. E de tal maneira accommettêram os Turcos a eſtancia de Franciſco Henriques, que era de muro delgado, que não ficou amea ſobre ella, de maneira que não podiam andar per elle de raſo; mas logo reformáram os noſſos outras dobradas em largura em parte, que quando os inimigos combateſſem eſtes lugares, podiam receber damno do baluarte do mar, em que eſtava Antonio de Souſa, ao qual tambem combatiam, e aſſi a torre de homenagem, que era do meſmo baluarte, onde todos, aſſi os de dentro, como os de fóra, ſempre recebiam damno de homens mortos, e feridos. O que ſe enxergava mais nos noſſos, que eram poucos, por os mais ſerem mortos, e feridos, e eſſes dos principaes em que conſiſtia a defensão.

CAPITULO XIV.

Do ardil, com que os Portuguezes tratáram de impedir os combates que se davam ao baluarte; e do soccorro que o Viso-Rey mandou a Dio; e da confusão que causou aos Turcos.

SEndo os assaltos, e combates, que os Turcos davam á fortaleza, tão continuos de dia, e de noite, sem intermissão alguma, estavam os Portuguezes tão cansados, e desvelados, por não terem hora de repouso, que se não podiam ter em pé, e tinham perdido muito de suas forças, se as do animo lhes não valêram. Porque como os inimigos eram muitos mil, e quando cansavam huns, succediam outros em seu lugar, que estavam folgados, podiam continuar os combates, sem o trabalho que os cercados padeciam, os quaes eram tão poucos, que começando em seiscentos, veio o número diminuir-se tanto por os mortos, e feridos, que era necessario aos mesmos pelejarem sempre em hum tempo, e em todos lugares, e repairar o que os Turcos derribavam, e assi não tinham socego de hum momento. Polo que para terem algum repouso, inventáram hum ardil de guerra nunca visto, não para desaliviarem de todo do trabalho, mas para o di-

diminuirem em alguma parte, tomando por remedio o que outros puderam ter por damno. E o ardil era este. Ao pé do baluarte, que defendiam no lugar dos atalhos, e quebras delle, se fazia hum terreiro, em que os Turcos se punham, e pelejavam com os que estavam no baluarte. E para os nossos os desviar que não pudessem vir a miude aos combater, como faziam, lançáram naquelle terreiro muita quantidade de lenha secca acceza, que com outra mais secca hiam accrescentando, com que fizeram huma grande fogueira, cujas brasas com ganchos, e instrumentos de ferro espalhavam per todo o campo do terreiro. Este fogo veio a ser tão grande, que os inimigos não se podiam chegar a elle, nem com grande parte desviados o soffrer. E os nossos mesmos, que entre o fogo, e o lugar onde estavam se não mettia mais que huma parede, lá sentiam seu trabalho de excessiva quentura sobre a do Sol, que então era mui grande. Mas tinham nisto alguma maneira de descanço do continuo trabalho. E ainda este lhe durou pouco; porque os inimigos vendo esta invenção, perque os nossos lhes impediam chegar a elles, a bateria que houveram de dar ao baluarte, davam aos tições, e brasido, que ás bombardadas começáram de o desfazer, e esborralhar de maneira, que os met-

mettiam dentro do baluarte, de que os nossos recebiam muito máo tratamento, não deixando todavia Rodrigo de Proença de accrescentar o fogo com cópia de lenha com que o hia cevando; mas foi sem fruto, porque o fogo se affogou de todo, e os Turcos tornáram dar grande oppressão aos nossos.

Aos 26 dias daquelle mez de Outubro, sendo já o fogo de todo acabado, huma grande multidão de Turcos bem armados commettêram a entrada do baluarte, lançando dentro muitas panellas de polvora, e artificios de fogo, das quaes os nossos se livráram com mandar banhar a parte do cirado, que elles occupavam de muita agua, que mandavam acarretar, para que a polvora das panellas não tomasse fogo. Finalmente os Capitães das estancias sahindo com os Turcos ao chão, que sobre os repairos se fazia, resistíram de maneira ao furor, e impeto, com que os Turcos os commettêram, que depois de huma grande, e bem perfiada peleja os empuxáram, e lançáram do lugar, dos quaes foram mortos quarenta, e feridos grande número, e dos nossos mortos quatro, e feridos vinte e cinco, entre os quaes Francisco de Gouvea sahio queimado de pés, e mãos, e rosto, que se não conhecia, e feridos Manoel de Vasconcel-

los

los de duas fréchadas pelo rosto, e Duarte Mendes em huma perna, os quaes naquelle combate mostráram bem seu esforço, e outros homens honrados, que posto que mal feridos, não deixáram de pelejar, e trabalhar como os mais sãos.

Ao dia seguinte, que foram 26 do mez, ante manhã entráram pela barra quatro catures, que o Viso-Rey D. Garcia mandára de Goa para favorecer a gente, de que eram Capitães Gonçalo Vaz Coutinho, Martim Vaz Pacheco, com Gabriel Pacheco seu primo, Antonio Mendes de Vasconcellos, e com elles vinte oito homens, taes quaes havia mister aquelle accommettimento. E posto que não traziam polvora, que era a cousa de que na fortaleza mais falta havia, nem outras munições, por serem conhecidos em suas obras, alegráram a todos. E por a entrada destes catures ser ás duas horas depois da meia noite, usou Antonio da Silveira de cautela, que por os inimigos não saberem quão poucos eram, porque per hi poderiam colligir a gente que entrava, mandou que logo antes de amanhecer-se tornassem a ir. Os Turcos por o luar que fazia houveram sentimento dos catures, ainda que não vista do número delles. E ouvindo a festa que hia na fortaleza, julgavão que lhe viria grande soccorro, a qual suspeita fez nel-

nelles grande alteração, posto que Coge Sofar, e os seus lhes mostravão fazer pouco caso da gente da fortaleza. Porque lançavam conta que ao tempo da chegada de Soleimão Baxiá, era sabido não haver nella mais de seiscentos homens de peleja, que com o longo cerco estavam cansados, e em número muitos menos, por nos combates serem muitos mortos, e feridos, sem lhes ter vindo soccorro mais que aquelle, que era de crer seria de pouca gente, pois os navios eram sómente de remo. E que a artilheria que tinham era pouca, e déssa lhe arrebentára alguma, por a principio os viam tirar mais que ao presente.

O que tambem fazia confusão a Soleimão Baxiá era ver, que elle tinha perdida muita gente, e de quantas vezes accommettêram a fortaleza, sempre foram lançados dos combates com muito damno seu, e que mão por mão hum dos Portuguezes era para dez dos seus Turcos. Tambem começou tomar desgosto de Coge Sofar, porque fora causa de elle quebrar a furia, e força de sua Armada em cercar aquella fortaleza, fazendo-lhe crer que em dous combates a levaria nas mãos, e depois iria a pelejar com nossa Armada, o que elle tudo víra ao contrario. E que em seguir o conselho de Coge Sofar, estava dando tempo a que o Viso-

ſo-Rey vieſſe mais poderoſo contra elle, pelo que lhe diziam da grande Armada que ajuntava. A iſto ſe chegava, ſegundo ſe tinha por certo, que o regimento, que trazia do Turco ſeu Senhor, era quebrar as forças do mar aos Portuguezes por ter ſabido, que eſtas lhes tinham dado ſerem Senhores da India, e que o modo que elles tiveram para a ſenhorear, eſſe lhe convinha a elle ter. Eſta indignação que trazia veio a quebrar na cabeça de Antonio Falleiro, o qual ſendo perguntado por Solcimão Baxiá, quando tomou a Villa dos Rumes, quanto poderia tardar o ſoccorro do Viſo-Rey com ſua Armada, porque lhe diſſe que não poderia paſſar de certo termo per razões que deo, e não ſuccedeo aſſi, lhe mandou cortar a cabeça.

CAPITULO XV.

Dos aſſaltos que os Turcos deram ao baluarte do mar, e ao dos combates: e refere-ſe hum caſo de hum esforçado ſoldado.

HAviam per aquelles dias os Turcos batido o baluarte do mar, e aberto nelle grande caminho para ſer accommettido da gente. Polo que a terça feira ſeguinte, que foram vinte e nove do mez, foram

juntas cincoenta barcas das galés, e galeões que na Armada vinham, e embarcados nellas setecentos homens, e Mahamud Queman Bec por Capitão delles. E em rompendo a manhã, a som de muitos clarões o foram acommetter. E antes de chegarem ao baluarte, os nossos lhes tiráram da fortaleza certos tiros, com que lhes mettêram no fundo duas barcas. E sahindo das outras a gente de que o desembarcadouro era capaz, accommettêram a subida, que já lhes era facil. Ao que os que nas barcas ficavam ajudavam defendendo com seus arcos, e espingardas apparecer ninguem nos repairos. Subindo assi os inimigos, Antonio de Sousa, e os companheiros os vieram receber, lançando nelles muitos artificios de fogo, e após isso pondo-lhes as lanças os fizeram descer, em que lhes pezou, matando alguns delles. E sendo feridos pelos das barcas tres, ou quatro dos do baluarte, cuidando os inimigos que era maior o damno, tornáram a subir, e insistir na entrada; o que tão rijo lhes foi resistido, que em fim mui depressa tornáram a se descer, e embarcando-se se tornáram. E praticando entre si, que fora affronta para elles desistirem do que accommettêram, sendo tão poucos os que lhe resistiam, deram todos volta, e tornáram a combater o baluarte. Antonio de Sousa, e

os

os que nelle eſtavam vendo a volta dos Turcos, deram-ſe por perdidos, e como taes determinaram de vender as vidas. E antes que os inimigos deſembarcaſſem, já eram com elles, fazendo-lhes tal reſiſtencia, que poucos puderam deſembarcar. E aſſi por a preſſa que Antonio de Souſa, e os ſeus lhes davam, como por ſerem varejados da fortaleza, cheios de medo, e de vergonha ſe tornáram a embarcar, levando muitas apupadas dos da fortaleza. Vendo Qucuan Bec, que era Capitão mui esforçado, o pouco que tinham feito naquelles dous accommettimentos, e quanto lhes tinha cuſtado, os fez tornar, e pondo-ſe elle na dianteira, em chegando ao baluarte, foi ferido mortalmente de hum berço, de que ao outro dia morreo. E de outros tiros de bombardas foram as barcas arrombadas, porque com dobrada vergonha ſe tornáram, deixando quarenta mortos, e levando muito número de feridos. Dos do baluarte morrêram dous, e foram feridos cinco. Das barcas, que a noſſa artilheria arrombou, como a maré então vaſava, foram pela agua alguns Turcos, que as outras ſuas barcas não puderam tomar, aos quaes Antonio da Silveira mandou huma almadia, e em ella alguns homens, para que os trouxeſſem; mas elles eſcandalizados dos males que dos ſeus ti-

nham recebidos, os matavam, e a poder de brados, que do baluarte da barra lhe davam, trouxeram sós dous vivos.

[a] Os feridos nossos mandou Antonio de Sousa á fortaleza para se curarem, entre os quaes vinha hum Fernão Penteado, homem mancebo mui esforçado, natural da Covilhã, mui mal ferido na cabeça de huma racha de pedra de bombarda. E porque ao tempo que estes feridos vieram, os Turcos affrontados de assi serem mal tratados dos nossos aquella manhã no baluarte do mar, querendo logo vingar-se, commettêram o baluarte dos combates, e assi apertavam como quem queria cobrar o perdido; durando a peleja, aconteceo a Fernão Penteado, de que atrás fallámos, hum caso que he para lembrar, e foi; que chegando ao Cirurgião que o curasse da ferida que dissemos, achou-o occupado na cura de outro ferido, dos que do combate vinham, e ao redor de si tinha outros dez, ou doze esperando por vez para serem curados; e ouvindo Fernão Penteado os gritos, e estrondo que o combate causava, não lhe soffrendo o coração não acudir lá, e achar-se presente, não esperando ser curado, disse ao Cirurgião, que curasse outro; e correndo como pode, se foi ao combate, e envolvendo-se na pe-

le-

[a] Lopo de Sousa Coutinho.

leja, que foi mui brava, houve outra grande ferida tambem na cabeça; e apertado já de duas, tornou ao Cirurgião, ao qual achou muito mais occupado. E como áquelle tempo os Turcos apertassem muito os nossos, e elles com dobrado esforço, e fervor lhes resistissem, ouvia-se fóra hum horrendo estrondo, e concorrencia de vozes; o que sentindo Fernão Penteado, deixando o que cumpria á sua saude, e vida, parecendo-lhe que lá aquietaria mais seu espirito, tornou á peleja, não como ferido, mas com novas forças, e espiritos, onde recebeo outra ferida de hum pique que lhe encravou o braço direito, e então impedido delle, se veio curar de todas tres, dando mostra de seu grande animo, e valentia, das quaes, sendo todas mui perigosas, escapou. Durou aquelle combate hum bom espaço, em que dos nossos morrêram tres, e foram feridos muitos. Dos Turcos morrêram mais de vinte, e foram feridos mais de cento. A este tempo se achavam dos nossos para pelejar duzentos e cincoenta homens, pouco mais, ou menos, e desses muitos feridos, e os mais eram mortos, havia mais setenta homens, que em nenhuma maneira podiam tomar armas. E dos inimigos, (segundo se soube per tormento dos dous Turcos que se tomáram das barcas,) eram mortos

áquel-

áquelle tempo mais de oitocentos, e estavam feridos mais de mil.

CAPITULO XVI.

Do grande assalto, que os Turcos deram fortaleza com quatorze mil homens de peleja: e do grande aperto, em que a puzeram com morte de muitos dos nossos.

[a] VEndo os Turcos que nos passados combates não tinham aproveitado mais que gastarem o tempo, e diminuirem suas forças, e temendo-se do soccorro que os nossos esperavam do Viso-Rey [b], quizeram dar hum assalto com toda a sua gente, e averiguarem de huma vez o que podiam fazer contra os Portuguezes, e não irem-se desfazendo pouco, e pouco, como a experiencia lhes mostrava. Para isto determinaram de usar de manha, fingindo que se queriam ir, e deixar Dio, para tornarem com grande poder, e tomarem a fortaleza de improviso. E quando veio ao outro dia, que foram trinta de Outubro, não curáram de continuar a peleja com os nossos, sómen-

a Lopo de Sousa Coutinho.

b *Este assalto, que foi o ultimo que os Turcos deram á fortaleza, não estava escrito nos cadernos de* João de Barros, *nos quaes havia duas folhas em branco, para se escrever.*

mente tiráram alguns tiros aos muros, como ſempre faziam, com que de todo tinham roto o repairo do baluarte, e desfeitas as caſas do Capitão, e parte das de Lopo de Souſa Coutinho. Mas aquelle dia á tarde para maior diſſimulação ſahíram de ſuas eſtancias á viſta da fortaleza mais de mil homens com ſua bandeira, e paſſando pela Villa dos Rumes, ſe vieram pela praia embarcar na Armada, que eſtava áquella parte, para que os noſſos cuidaſſem, que levantavam o cerco, e fizeram-ſe logo á véla doze galés, e foram na volta do mar, para que os noſſos mais ſe deſcuidaſſem. Mas Antonio da Silveira, que por ſeu entendimento, e grande providencia anteveio o engano, nunca ſe tanto temeo como então, e com muita diligencia proveo todo o neceſſario para reſiſtir a todos engenhos, e máquinas com que os inimigos o podiam accommetter. E andando vigiando tudo o que cumpria, quando acabava a ſegunda vigia, em que a Lua já era poſta, huma das vigias que no baluarte dos combates vigiava, diſſe ſentir ao pé do meſmo baluarte, e per outros lugares gente que com muito ſilencio movia madeira. Para o que Antonio da Silveira mandou que deitaſſem huma panella de polvora, e viſſem o que era. Com a claridade que a polvora fez, ſe víram muitas

tas

tas escadas, que os inimigos punhão nos lugares onde haviam de servir. O Capitão vendo tanto número de escadas, creio que por suas casas, e pela estancia de Lopo de Sousa queriam os inimigos accommetter, porque humas, e outras estavam batidas. E para que elles não pudessem arvorar as escadas, mandou que nenhum espingardeiro fizesse tiro, senão aos inimigos que viessem pegar dellas; e que os das lanças, e outras armas se oppuzessem aos portaes, e roturas das paredes batidas.

Os Turcos, que de dia na vista de todos se embarcáram, como foi noite, desembarcáram todos, e se vieram para as estancias, onde os Mouros estavam, e juntamente os mais dos Capitães de toda a Armada. E sendo postos em ordem por Juçuf Hamed Capitão do mar, e por Barharan Bec homens esforçados, e praticos na guerra, quando começou a manhã se apresentáram ante a fortaleza em tres batalhas de mui luzida gente, em que haveria quatro mil homens. Trás estes estavam dez mil, das companhias de Aluchan, e de Coge Sofar, derramados, que com innumeraveis tiros esperavam o assalto. Antes de outra cousa desparáram toda a sua artilheria nos lugares per onde esperavam entrar; e cessando as bombardas, a primeira daquellas tres batalhas, seguindo

hu-

huma bandeira vermelha, a ſom de muitos atambores, e clarões, rompendo o ar com gritos, arremettêram huns ao baluarte, e os outros ás eſcadas, que tentáram levantar pelas caſas do Capitão. Mas como os noſſos eſtavam de aviſo para ſó nellas empregarem ſeus tiros, e nos que dellas ſe quizeſſem aproveitar, deſparavam, e tratavam os inimigos de maneira, que quantos a ellas vieram cahíram mortos, ou gravemente feridos, ſem algum tiro ſe perder; porque como o lugar era pequeno para tamanho corpo de gente, não ficava tiro algum em vão. Polo que morrendo quantos nas eſcadas ſe occupavam, ſe ajuntáram todos em hum corpo para a entrada do baluarte, o que aos noſſos foi menos trabalhoſo por ſe não dividir o combate, ſendo elles tão poucos. Naquelle inſtante, aſſi a gente das batalhas, como os de Coge Sofar, começáram a deſparar innumeravel copia de tiros de eſpingardas, e de fréchas, com que cubria o ar, e fazia hum horrendo eſpectaculo, por ſer a gente tanta, e junta em pequeno eſpaço. Os noſſos da outra parte com muitos artificios de fogo, e panellas de polvora, que lançavam em lugar tão cheio de gente, cauſavam, que de huma parte, e outra houveſſe hum immenſo eſtrondo, e confusão de vozes, gritando huns que morriam, e outros

tros incitando que mataſſem; huns atraveſſados das fréchas dos arcos, e pelouros das eſpingardas, e outros apparecendo queimados feitos braſa, e em tudo brados, e gemidos, e varias imagens de morte. No meſmo tempo vieram quatorze galés Reaes, e baſtardas chegando-ſe á eſtacada, e deſcarregáram muitas vezes ſua artilheria na fortaleza; mas ſem effeito algum, das quaes Franciſco de Gouvea de algumas bombardadas que do ſeu baluarte da barra lhe tirou, deſapparelhou duas, matando-lhe alguma gente, e as fez affaſtar. E ſendo já dos Turcos mais de duzentos em cima do baluarte com ſua bandeira levantada, ſe ajuntáram dos noſſos vinte e cinco, ou trinta homens na praça, que já diſſemos que ſe fazia ſobre o repairo do baluarte, ás lançadas, e com artificios de fogo, matando muitos, e com elles o Alferes, os fizeram perder o que tinham ganhado, e com iſto ſe reforçou a peleja, e ſe foi embravecendo mais. Achando-ſe em ella Martim Vaz Pacheco Cavalleiro mui esforçado, que com muito animo ſoſtinha o impeto dos inimigos, e tendo mortos muitos delles, foi ferido de hum pique por baixo da faldra do coſſolete, de que cahio logo morto. O que vendo Gabriel Pacheco ſeu primo, e grande amigo, que nunca ſe delle apartava, que

era

era hum mancebo mui esforçado, e de grandes esperanças, movido de grande dor, e desejos de vingar sua morte, ferindo, e matando nos inimigos, foi ferido de duas grandes feridas no rosto com que dobrou o pelejar; e sendo-lhe dito per hum da companhia que se fosse curar, e não quizesse que seu esforço, e mocidade se perdesse tão em breve, respondeo, que pois seu primo, e grande amigo era morto, a vida lhe não servia já de nada, e perseverando na peleja, foi ferido na cabeça de huma espingardada, de que cahio logo morto sobre o corpo de seu primo, dando em idade de poucos annos grande exemplo de esforço, e de amizade. Durando esta revolta, do baluarte do mar, e da torre de S. Thomé desparáram alguns tiros de cameletes, que como por a multidão da gente junta, e apinhoada não podiam dar em vão, lhes fizeram grande damno. Estando pois os Turcos nesta contenda de entrar, e os nossos de lho defender, hum homem, que estava mettido em huma rasgadura do repairo tirando com huma espingarda, e aquella descarregada, dando-lhe outra, matou muitos sem perder tiro, e de hum matou o segundo Alferes, que ao primeiro succedeo.

Sendo desta primeira batalha mortos os melhores, e muitos feridos, começáram os nos-

nossos a apertallos muito. Os da segunda batalha, em que vinham homens escolhidos, vendo esta quebra, fizeram affastar os primeiros, e subíram ao baluarte com quatro bandeiras que levantáram, e com grande furia apertavam aos nossos, que lhe arremessavam muitos zarguncho, pedras, e artificios de fogo, e os de fóra infinito número de espingardadas, e fréchadas, com que as lanças, e as mãos dos nossos que as tinham, e as rodellas, e os rostos encravavam. Muitos dos nossos feridos, e com suas faces cheias de sangue, desciam do muro, e lugares da peleja a curar-se. Outros abrazados, e queimados do fogo da polvora, com o desassocego das dores corriam como furiosos, de que alguns que em lugares da fortaleza acháram tinas de agua salgada, se mettiam nellas, cuidando de mitigar aquelles ardores com a frialdade da agua; mas como era salgada, lhes accrescentava mais a dor, e alli expiravam. O Capitão Antonio da Silveira, que em seu animo padecia o mal de todos, não assocegava, e esforçando a huns, e exhortando a outros, e consolando a todos, e provendo a todos os lugares, mandava aos espingardeiros que continuassem em seus tiros, porque em todo lugar podiam os inimigos ser feridos. O que bem guardou hum, que tendo deitada a pol-

vo-

vora na eſpingarda, não achando pelouro, com o fervor da peleja, lançou mão a hum dente, (que per ventura teria abalado,) e arrancando-o, o atacou á eſpingarda com elle, e atirou aos inimigos. Eſta ſegunda batalha tinha ganhado mais que a primeira, poſto que tinha ante ſi mui esforçados cavalleiros, entre os quaes ſe achâram Antonio Mendes de Vaſconcellos, Gonçalo Vaz Coutinho, Manoel de Vaſconcellos, Cide de Souſa, Franciſco de Gouvea, que, depois de fazer afaſtar do baluarte as galés, ſe veio ao combate, Rodrigo de Proença Capitão do meſmo baluarte, Duarte Mendes, Simão Furtado, Rodrigo Alvares, Manoel Moreno, Franciſco Mendes de Vaſconcellos, Lançarote Pereira, Antonio Coelho, Lourenço de Mello, Antonio Foreiro, Paio Rodrigues de Araujo, Manoel de Aguiar, Bartholomeu Freire, Diogo da Silva Almoxarife, Bartholomeu Correa, Manoel Rodrigues, Gil Thomé, Franciſco Serrão, Franciſco Henriques Theſoureiro, e outros mui valentes homens, os quaes como trabalhaſſem por ſuſter o pezo de tantos inimigos, Rodrigo de Proença cavalleiro mui esforçado, que alli tinha pelejado mui valentemente, e tinha mortos muitos per ſuas mãos, tirando a viſta a hum elmette, que tinha na cabeça, lhe deo huma frécha pelos

los olhos, que voltando ao cerebro, o matou, que todos sentíram muito por perder tal homem em tal tempo. No mesmo lugar Antonio de Vasconcellos, sendo ferido de duas feridas, de que huma era mortal, não cessando de pelejar, sobre ellas foi ferido de hum tiro de berço pelo hombro esquerdo, e passado da outra parte, de que nesse dia morreo, e assi morrêram, e foram feridos outros muitos. Durando a furia desta peleja, hum João Rodrigues mancebo valente natural das Ilhas, trazendo ás costas huma jarra de polvora tapada, em que haveria huma arroba, que para aquelle effeito tinha guardada, segundo a falta havia della, subindo ao baluarte, e fazendo afastar os que defendiam a entrada aos Turcos, lhes disse, que o deixassem passar, que a seus hombros levava a morte para si, e para os contrarios. E rompendo per entre elles, arremetteo aos Turcos, e ajudando-se das mãos, lançou a jarra entre elles, e com muita presteza se recolheo entre os nossos. A jarra posto que mui rija era, como cahio em pedras, quebrou, e tomou fogo a polvora, com que levou pelos ares mais de vinte Turcos feitos brazas, e chamuscou outros muitos. O que sendo favorecido dos nossos com outros artificios de fogo, e panellas de polvora, dando o fogo nos Alferezes, arderam elles,

les, e as bandeiras, e dando os noſſos ás trombetas, e nomeando vitoria, e ferindo, e matando nelles, os foram empuxando. Os eſpingardeiros Portuguezes não ceſſavam de mui á preſſa deſpararem ſeus tiros, de que nenhum ficava em vão. Áquelle meſmo tempo o baluarte do mar deſparou huma bombarda, que dando o pelouro ao pé do baluarte, em que o combate ſe dava, como tudo o em que deo foſſe gente, matou, e deſpedaçou muitos. Não tardou outro tiro, que diſparou do baluarte de S. Thomé, que dando o pelouro no meſmo lugar, fez outro tanto damno, perque a furia dos Turcos começou a remittir-ſe. E como os noſſos de cima trataſſem da meſma maneira aos que debaixo pelejavam, lhes derribáram outras duas bandeiras que ficavam, e aos Alferezes que as tinham começáram a levallos de vencida.

Á terceira batalha, vendo o fim que houvera a ſegunda, fazendo apartar os feridos, e canſados, com novas bandeiras ſe puzeram no lugar delles. Mas como eſtavam á viſta do que os noſſos fizeram daquellas duas batalhas, que tão animoſamente pelejáram, parecia que o não faziam com tanto calor. Andava entre elles no mais aſpero da peleja ferindo com grande esforço, e incitando os ſeus a outro tanto, Carahacen genro de

Co-

Coge Sofar, que diziam ser Janiçaro de nação, ao qual por ser differente dos outros, assi na disposição, e esforço, como nas ricas armas que trazia, lhe foi deitada huma grande panella de polvora, que dando nelle, o abrazou, queimando-lhe o rosto, pernas, e braços, o qual com grandes gritos se sahio, ficando todo feio, e aleijado, do que se elle depois gloriava. Com a falta deste homem, que era cabeça daquella batalha, afrouxáram muito os inimigos, posto que entre elles havia outros muito esforçados. Os nossos havendo tanto tempo que com seus desfallecidos, e feridos corpos sustinham o pezo da peleja, cobrando novos espiritos, e renovando a peleja, fizeram aos Turcos descerem do baluarte, e volver as costas, retirando-se, e deixar o que tinham adquirido, com morte de tantos bons cavalleiros seus, e nossos. Durou este grande, e perfiado combate mais de quatros horas, sem os Portuguezes tomarem folego, porque sempre pelejavam os mesmos, o que não era nos inimigos, que por serem tantos se renovavam.

Lançados assi os Turcos do baluarte, se foram ás suas estancias com grande silencio, como aconteceo aos que recebêram algum grande mal, deixando tinto de sangue todo o sitio, que pelejando occupavam, e dos

seus

ſeus mortos naquelle combate mais de quinhentos dos mais esforçados, e levando feridos mais de mil. Eſte combate, por ſer o que mais eſpaço durou, e dado per tantos mil homens juntos em hum corpo, foi o que chegou aos noſſos ao ultimo da afflicção, e deſtruição total, ſe Deos lhes não valêra. Porque nelle foram mortos dos noſſos quatorze homens esforçados, e feridos mais de duzentos de crueis feridas; polo que não ficavam mais que quarenta homens para poderem pelejar. Paſſado o meio dia, começáram os Turcos de recolher-ſe ás galés, levando a artilheria miuda, que com menos abalo ſeu, e ſem viſta dos noſſos podiam levar, eſperando por a noite para recolherem a groſſa. E para mais facilidade de a embarcarem, chegáram-ſe as galés mais á Villa dos Rumes do que eſtavam, e por encubrirem ſua determinação, não deixou por iſſo ſua artilheria de tirar á fortaleza, como faziam de antes.

CAPITULO XVII.

Do que o Capitão Antonio da Silveira fez quando os Turcos cessáram dos combates: e das causas perque tão de subito levantáram o cerco.

[a] AO tempo que os Turcos se retiráram, e desistíram de seus combates, estava a fortaleza no mais infelice, e miseravel estado que podia ser; porque da gente que a defendia grande parte era morta, e toda a mais ferida, só ficavam quarenta homens, (como dissemos,) que podiam tomar armas. As munições eram todas desfeitas. A polvora de bombarda, em que consistia a principal defensão, era acabada, e as vasilhas della varridas. Da de espingarda não havia mais que a que cada espingardeiro trazia em seu frasco mal cheio. As lanças eram todas quebradas, que não serviam senão para bordões, em que se arrimavam os feridos, e aleijados. Ver o edificio da fortaleza era hum triste, e medonho espectaculo; porque pela parte de fóra da contínua bateria estava toda arruinada, e pela de dentro, com a necessidade que havia de pedra para os repairos, que contínuo faziam os nossos, desfizeram muitas casas, e paredes, e pareciam rui-

a Lopo de Sousa Coutinho.

ruinas de caſas, que com algum terremoto cahíram. Em nenhuma couſa punham aquelles cercados os olhos, de que pudeſſem eſperar remedio, nem defensão, ſenão no invencivel animo de ſeu Capitão Antonio da Silveira, o qual tanta ſeguridade moſtrava em ſeu roſto, e aſſi esforçava a todos, que lhes dava eſperança não ſómente de ſe defenderem com aquelle pouco, mas de offenderem aos inimigos; e com tanta confiança o aſſirmava, que parecia não faltar couſa alguma das neceſſarias, e que tudo ſe reformára. Mas elle comſigo de nenhuma maneira ſe aſſegurou na deſiſtencia, que os Turcos fizeram de ſeus coſtumados combates, e de moſtrarem que ſe embarcavam; porque tinha para ſi, que era outro tal eſtratagema, e ardil, como o do dia atrás paſſado; polo que com muita vigilancia mandou prover eſſe pouco que havia, eſperando ſer combatido. E vendo que na caſa da polvora não havia alguma, mandou deſcarregar certas bombardas, que eſtavam carregadas; e eſta polvora repartio per certas panellas, que ſe buſcáram, porque tambem iſſo era acabado nos combates. Os lugares que eſtavam fracos, fez repairar, e ajuntar nelles muita pedra ſolta para arremeſſar; pelos muros mandou pôr os poucos eſpingardeiros, que havia em ſeus lugares; e para

que parecessem mais dos que eram, vieram aos muros muitos dos feridos, que podiam andar, e se punham entre os sãos, para fazer volume, e gente. E muitos dos que em cama estavam, se mandavam levar aos muros, parecendo-lhes que acabavam mais honradamente, morrendo no lugar, onde houveram de morrer sendo sãos. Com este pequeno apparato estava o Capitão esperando o successo que Deos ordenasse. A gente estava tão leda em seu aspecto, como quem do estado em que estava esperava em breve glorioso fim, ou morte santa, e honrada, que como calis de sua ultima determinação tinham bebido. O que não sómente mostravam os homens, mas as mulheres, que para tal empreza dizem que algumas se armáram. Aquella noite, para que a gente estivesse vigilante, e não se descuidassem algum momento, mandou o Capitão dar alguns rebates falsos, em que se vio o que fariam quando de verdade vissem os inimigos comsigo.

Polo contrario nos Turcos começou a crescer novo receio; porque como no combate passado, onde mettêram o resto de tudo o que podiam, lhe succedeo tão mal, morrendo tantos homens da flor da sua gente, e ficando todos os outros feridos, lhes pareceo que deviam mudar o conselho, e

tor-

tornarem-se para suas terras. Isto não foi medo que inconsideradamente tomáram Soleimão Baxiá, e os seus; mas discursos que fizeram, e cousas que concorrêram, porque vieram entender que lhes compria assi. Porque como se elles foram fazendo tantos menos, e as munições, e os mantimentos lhes hiam faltando, com que os da terra já lhe acudiam de má vontade, não se fiava o Baxiá do Aluchan, de Coge Sofar, e dos Guzarates, que tinha armados comsigo, e em cuja terra estava, e que sabia lhe não terem sã vontade, receava que vendo sua fraqueza, emprenderiam contra elle alguma novidade. Isto nasceo da soberba de Soleimão, e dos seus, que logo na entrada tratáram tão mal a Aluchan (como temos dito) perque se veio ausentar delles. Chegou-se a isto saber-se por as sellas, que se lhe perdêram em Madrefabar, e por os selleiros que traziam, ser sua determinação (como dissemos) per terra conquistarem o Reyno de Cambaya. O que se mais entendeo por mandar Soleimão Baxiá, quando logo veio hum seu Faratebec por Embaixador a El-Rey de Cambaya, e a seus Governadores, notificando-lhes sua vinda, que dizia ser a fim de vingar a morte de Soltão Badur, e encarregar a este seu enviado, que lhe comprasse em Abmadabad os mais cavallos que pu-

pudesse. O que sentindo os Governadores, o detiveram quarenta, ou cincoenta dias, sem lhe dar lugar que fallasse a ElRey, nem licença para comprar cavallo algum, antes se defendeo, que ninguem lhos vendesse, havendo muitos na Cidade. E por as novas que Aluchan, e Coge Sofar escreviam a ElRey, e aos Governadores do que sentiam da tenção de Soleimão, lhes respondêram, que se a fortaleza de Dio se pudesse tomar da mão dos Portuguezes, para ficar com ElRey de Cambaya, que trabalhassem nisso, mas não para ficar em poder dos Turcos, porque antes queriam nossa sujeição, que a soberba delles. Coge Sofar per outra parte, que de Soleimão andava mui escandalizado, ainda que o dissimulava, por o pouco respeito com que o chamava, e mandava como hum seu escravo, determinava de o não deixar sem alguma vingança, a qual Deos permittio que elle intentasse para a fortaleza se não acabar de perder.

Havia naquelles dias proximos, que em Chaul estava parte da Armada que de Goa vinha em soccorro de Dio, e eram as vélas que atrás dissemos que Nuno da Cunha mandára per Martim Affonso de Mello; e vendo Coge Sofar naquelle dia do grande assalto, e ultimo combate, que dando outro

se-

segundo combate, estando a fortaleza desfeita como estava, sem dúvida seria entrada; e sabendo o temor que já Soleimão tinha, com grande pressa mandou per terra hum seu criado, de que muito fiava, a Madrefabar, dando-lhe huma carta, a qual elle fingia que lhe escrevia Cide Acut seu Capitão que tinha em Surat. E nella se continha, que áquelle porto eram chegados trinta navios da nossa Armada que ficava em Baçaim, que era de cento e cincoenta vélas, em que vinham seis mil soldados, e que mandava o Viso-Rey aquellas diante em soccorro á fortaleza de Dio, que lhe fazia a saber esta nova por o muito que lhe importava. A este seu criado mandou Coge Sofar, que em Madrefabat tomasse huma galveta, que he hum barco mui leve, e se mettesse pelo meio da Armada dos Turcos, e se o tomassem, dissesse como era seu, e vinha de Surat com aquella carta de Cide Acut seu Capitão para elle. Este criado veio na galveta, e tanto que foi no porto de Dio, os Turcos o tomáram, e leváram ao Baxiá, o qual sabendo que trazia recado a Coge Sofar, o mandou chamar, apresentando-lhe o criado, que lhe deo a carta. Coge Sofar a leo entre si, e no fim della se mostrou triste, e deo conta ao Baxiá do que lhe seu Capitão escrevia, por o muito

que

que importava ſaber aquella nova para ſe aperceber. Soleimão como era ſabedor, diſſimulou a nova, e para fazer o que eſperava, eſpedio a Coge Sofar, e aquella noite fez grande matinada, dando a entender, que era para ao outro dia dar combate. E para ſe Soleimão mais apreſſar em ſua partida, acertou de ouvir muitos tiros de bombarda, que ſe tiravam em Madrefabat, que eram de certas fuſtas que o Viſo-Rey Dom Garcia mandára per Antonio da Silva, para de longe com ellas favorecer noſſa fortaleza, e crerem os Turcos, que trás ellas vinha a Armada do Viſo-Rey. Com iſto ficou tão acreditada a carta de Coge Sofar, que pareceo a Soleimão que pela manhã ſeria a Armada com elle. Polo que com grande preſſa recolheo aquella noite a mais artilheria que pode, e a outra entregou a Coge Sofar, e juntamente as eſtancias, em que lhe mandou que puzeſſe ſua gente, para que a ſua ida ſe não ſentiſſe, e os noſſos lha não impediſſem, como quem ignorava o que na fortaleza paſſava, e as faltas que nella havia de tudo, de maneira, que já ſe temiam os Turcos de os noſſos os commetterem. Tantas são as mudanças que ha nas couſas humanas.

[a] Ao outro dia, que era dia da feſta de to-

[a] Lopo de Souſa Coutinho.

todos os Santos, que os noſſos eſperavam foſſe o derradeiro de ſua vida, e em que com morte honroſa dariam fim a ſeus trabalhos, eſtando com as armas preſtes para o que vieſſe, lhes amanheceo huma bem aſſombrada, e quieta manhã, ſem as coſtumadas alvoradas de tanta artilheria, de que perpetuamente eram perſeguidos, e ſem verem nenhuma da inimiga gente de que eſtavam cercados, que parecia couſa de encantamento, e que os noſſos cuidavam que era ſonho em que eſtavam. Os inimigos no meſmo dia, eſtando ao longo da praia meia legua da fortaleza, com outros ſeis dias ſeguintes que mais eſtiveram, fizeram ſua aguada, e tomáram o neceſſario para ſua viagem, que os naturaes da terra, vendo-os deſtroçados, ao coſtume do Mundo, lhes impediam, matando-ſe alguns de huma parte, e outra.

Neſtes dias não ſe deſcuidava Antonio da Silveira, nem dormia, antes como ſe as moſtras dos Turcos foſſem falſas, fazia officio de Capitão vigilante, repairando os lugares rotos, e levantando mais a torre que detrás do baluarte fizera, e ajuntando muita pedra para novos repairos, ſe neceſſarios foſſem. E no meſmo dia de todos os Santos á tarde, em que claro ſe vio a ida dos Turcos, e como a gente de Coge Sofar occupava o lugar que elles deixáram, mandou

dou o Capitão dar alguns rebates, não tanto por o damno que lhes podia fazer, como porque os Mouros não conhecessem nossa fraqueza, e quizessem proseguir o que pelos Turcos não pudera ser acabado, e para que lhes derribassem as trincheiras, que dentro em nossa cava tinham plantadas. Para o que mandou Antonio da Veiga Feitor da fortaleza com vinte cinco homens, o qual dando nas estancias, matando alguns, e afugentando muitos, derribou as mais vizinhas a nós. Em quanto isto se fez, hum dos soldados chegou a hum bastião que achou despejado, com huma bandeira ainda arvorada, que com a pressa os Mouros nelle deixáram, e huma grande peça de artilheria de metal; e tomando a bandeira, tornou-se para Antonio da Veiga, a quem deo relação da bombarda que víra, e elle a deo a Antonio da Silveira, e lhe pedio licença para a ir recolher, que com grande importunação lha concedeo. Sahio Antonio da Veiga da fortaleza mui galante de medalha, e plumas com alguns soldados, e chegado ao lugar onde estava a bombarda, vio que era arrebentada, e querendo-a assi mandar levar, foi morto de hum pelouro de huma espingarda que de mui longe hum Mouro tirou a montão áquella parte, e deo na cabeça a Antonio da Veiga, que estava no

meio

meio de ſeus ſoldados, e era o mais pequeno de corpo de todos elles. Foi eſte caſo mui ſentido do Capitão pola perda daquelle homem, e por ſucceder contra ſua vontade, forçado da importunação de Antonio da Veiga: o que deve ſer aviſo para ſe não haver nenhum lugar por ſeguro, pois eſtá o perigo tão certo, onde ſe elle menos eſpera.

Os Turcos feita ſua aguada, e deixando mortos tantos, e tão valentes homens, e gaſtadas innumeraveis munições, e côm muito menos vélas das que trouxeram, que per diverſos caſos ſe lhes perdêram, e desbaratados ſe fizeram á véla aos cinco dias daquelle mez de Novembro do anno de 1538. E como ventaſſe o Levante rijo, e ſe achaſſem carregados com tanto número de feridos, tornáram a ſurgir no meſmo lugar, onde ao outro dia á tarde, que era o ſexto dia do mez, deſembarcáram dos feridos os mais perigoſos, que não podiam ſoffrer o trabalho de tão longa viagem, e ſe tornáram logo a fazer á véla. E como o vento abrandou mais, ſahíram a huma ponta que eſtá huma legua e meia da fortaleza contra a enſeada de Cambaya, e alli ſurgíram, para como a maré da noite vaſaſſe, darem ás vélas. Aquella meſma noite chegáram á fortaleza de Dio duas fuſtas das ſete da companhia de Antonio da Silva de Menezes, que

que (como dissemos) estava em Madrefabat. Em huma dellas vinha D. Luiz de Taíde, em outra D. Martinho de Sousa, que traziam homens bem armados, e outras cousas necessarias. [a] Na mesma noite ás onze horas poz a gente de Coge Sofar fogo á Cidade per muitas partes, e queimada a desampararam, e se foram. E ao mesmo tempo as galés dos Turcos, e os mais navios seus deram ás vélas, e seguíram o caminho do mar Roxo, e foram deixando pelas terras onde aportavam mais de quatrocentos feridos, a que não podiam acudir.

Este foi o fim daquelle grande, e memoravel cerco de Dio, que soou per todo o Mundo, e perque de Antonio da Silveira, e dos que com elle foram, ficará sempre perpétua lembrança.

CA-

a *Escreve* Diogo do Couto *no cap. 4. do liv. 5. que na madrugada do dia primeiro de Novembro chegára á fortaleza Francisco de Sequeira o Malavar com aviso da vinda de Antonio da Silva, o qual aos 6. de Novembro sobre a tarde, havendo vista da terra, e da Armada Turquesca, se fora detendo para de noite commetter a barra de Dio, o que não quizeram fazer D. Luiz de Taide, e D. Martinho de Sousa, que vinham na sua companhia; e que na manhã seguinte, sendo partida daquella noite antes a Armada, entrára Antonio da Silva com todas as suas fustas em Dio, onde no caes o esperou, e recebeo com grandes mostras de alegria Antonio da Silveira, e que aquelle proprio dia escrevêram ambos ao Viso-Rey tudo o que havia passado, despachando com as cartas o mesmo Francisco de Sequeira.*

CAPITULO XVIII.

Do que aconteceo a Soleimão Baxiá, como foi em Constantinopla, e do fim que houve.

HAvendo recontado sobre a vinda dos Rumes á India as grandes crueldades, e tyrannias nunca vistas, que Soleimão Baxiá seu Capitão usou com os homens de sua mesma lei, e vassallos de seu mesmo Senhor, de quem não recebêra aggravo, mas serviços, e hospitalidade, pareceo-nos que para exemplo dos que os feitos daquelle homem ouvíram, se devia tambem fazer menção do fim que houve, para que se saiba que nunca a Divina justiça se esquece do castigo que aos máos se deve, ainda que por seus secretos juizos dilate a execução della. [a] Prosse-

[a] *Da ponta de Jaquete atravessou Soleimão á costa da Arabia, onde aos 27. de Novembro foi tomar Acer lugar d'ElRey de Dofar; o qual mandou presentar ao Baxiá quarenta Portuguezes, que alli estavam fazendo suas mercadorias, que se afferrolhâram logo nas galés.*

Aos 16. de Dezembro surgio no porto de Adem, na qual deixou por Capitão Emir Mostafá com quinhentos Turcos, guarnecendo a fortaleza de cem peças d'artilheria, e provendo-a de muitas munições, e mantimentos, e de cinco fustas para serviço da fortaleza. Na praia de Zebit, (onde degolláram a ElRey Nacodá,) mandou cortar as cabeças, narizes, e orelhas aos Portuguezes, que levava, entre os quaes foi Francisco Pacheco, e seus companheiros, que tudo fez salgar, e enviou de presente ao Grã Turco, para mostrar as grandes cruezas que deixava feitas nos Portuguezes. Diogo do Couto *cap. 4. liv. 5.*

ſeguindo pois Soleimão Baxiá ſua viagem pelo mar Roxo, pelos meſmos caminhos que trouxe, tornou a Conſtantinopla per grandes trabalhos do tempo que levou, onde na terra achou outros peiores. Porque como a mulher do Grão Turco lhe tinha odio por a creação que fez em Muſtafá filho de Soleimão ſeu marido, que tinha perfilhado; tanto que elle foi em Conſtantinopla, fez com Ucerá Baxiá, (que eſtivera no Cairo por Governador em auſencia de Soleimão Baxiá,) que contra Soleimão moveſſe alguma culpa das que commettêra no Cairo em tempo de ſeu governo, perque vieſſem a más razões; e havendo modo para iſſo, o mataſſe, que ella o livraria, e faria com ſeu marido lhe déſſe a elle o cargo do ſêllo que elle tinha, e ſeu lugar. Aſſentado iſto, eſtando elles, e outros Baxiás fallando, trouxe Ucerá propoſito para vir fallar em couſas do Cairo, e dizer a Soleimão, que de huns certos tributos, que elle levantára no Cairo, não houvera o Grão Senhor couſa alguma. Deſta prática ſe eſcandalizou Soleimão Baxiá tanto, por ſua idade, e authoridade, e muita valia, que ſoltou muitas palavras mui feias, e injurioſas contra Ucerá, e mui anojado ſe foi para ſua caſa. O Grão Turco ſabendo o caſo, mandou chamar Ucerá, e lhe perguntou, que palavras fo-

foram as que differa a Soleimão, porque elle se anojára. Ucerá lhas contou, e para o indignar contra Soleimão, lhe descubrio outras culpas. O Turco em alguma maneira desculpou a Soleimão, dizendo, que tudo o que elle adquiria era para Mustafá seu filho, que tinha feito seu herdeiro. Mas ainda que não culpou muito a Soleimão, todavia se indignou contra elle, por se ir para casa sem primeiro lhe fazer queixume de Ucerá. Com este impeto lhe mandou pedir o sêllo per hum seu porteiro de camera, com algumas palavras, de que Soleimão ficou descontente. E mandando-lhe o sêllo, se foi para huma sua quintã, onde o Turco o mandou chamar, o qual crendo que este chamado era para o matarem, por não dar esse gosto ao Turco, se matou elle com peçonha, e o Turco mandou recolher sua fazenda, e ao Ucerá deo seu sêllo, e lugar; de maneira, que aquelle, que tantos roubos fez a outros, fazendo-se Senhor de suas fazendas, lhe foram confiscadas suas grandes riquezas; e o que a outros tirou os Estados, e os officios, e a honra, em huma hora se vio privado da honra, e da grandeza de seu officio; e o que foi matador de tantos homens sem culpas, foi elle o matador, e algoz de si mesmo por a suas.

CAPITULO XIX.

Como D. Garcia de Noronha chegou á India, e foi entregue do governo della, e da Armada que ajuntou para ir soccorrer Dio.

POr não interromper o processo, que contavamos do cerco, em que os Turcos, e Guzarates tinham á fortaleza de Dio, que começára em tempo de Nuno da Cunha, e que com a ordem que a elle dera se acabou, não fallámos até agora na vinda, e entrega do governo do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que ainda não era chegado á India. Porque começando o cerco dos Turcos a 4. dias de Setembro de 1538, e o de Aluchan, e Coge Sofar muitos dias antes, D. Garcia de Noronha chegou a 14. do mesmo mez de Setembro, e a 26. se soube em Dio a nova da sua chegada. Tornando pois a elle, e á sua Armada, sendo ElRey D. João certificado de diversas partes da Armada dos Turcos, que estava em Suez para ir á India, determinou de mandar a ella na Primavera daquelle anno por Viso-Rey D. Garcia de Noronha, assi polas partes, e qualidades de sua pessoa, como per sua prudencia, e esforço, mostrado em todas as occasiões, em que se na India achou em compa-

panhia do grande Affonſo d'Alboquerque ſeu tio. Partio D. Garcia de Noronha deſte Reyno no anno de 1538. com huma Armada de doze náos com tres mil homens d'armas, em que entravam muitos Fidalgos, e moradores da caſa d'ElRey, e outra gente limpa, e honrada.

Os Capitães eram eſtes, D. João de Caſtro cunhado do meſmo Viſo-Rey, filho de D. Alvaro de Caſtro Governador da caſa do Civel, que depois foi por Governador á India, e lá foi feito Viſo-Rey della. [a] Dom Garcia de Caſtro filho de D. Franciſco de Caſtro, que hia para Capitão de Goa, Dom Chriſtovão da Gama filho do Conde Almirante D. Vaſco da Gama, provído da fortaleza de Malaca. Ruy Lourenço de Tavora filho de Alvaro Pires de Tavora Senhor do Mogadouro, que levava a Capitanía de Baçaim, D. João Deça filho de D. Pedro Deça Alcaide mór de Moura, deſpachado com Goa, D. Franciſco de Menezes filho de D. Henrique de Noronha, irmão do Marquez de Villa-Real, que hia para Capitão

a Frota da India do anno de 1538. Deſpachou ElRey a D João de Caſtro para ir á India com a fortaleza de Ormuz, que elle não acceitou, dizendo, que a não tinha merecido, que como a mereceſſe, lhe faria S. A. mercê della, o que ElRey eſtimou muito, e lhe fez mercê de quatrocentos mil reaes de tença, em quanto andaſſe na India.

de Baçaim, Luiz Falcão filho de João Falcão, provído da mesma fortaleza, João de Sepulveda filho de Diogo de Sepulveda, Francisco Pereira de Berredo, e Bernardim da Silveira filho de Francisco da Silveira Coudel mór, que se perdeo sem saber onde, nem como, [b] indo todos os outros a salvamento. [c] D. Garcia chegou com as onze náos a Moçambique, donde despedio pa-
ra

b Nesta náo de Bernardim da Silveira embarcáram todos os homiziados, degredados, e condemnados á morte, que se tiráram das cadeias do Reino; parece que quiz Deos fazer justiça delles, já que em Portugal se não fizera.

c Os Fidalgos aventureiros, que se embarcáram nesta Armada, foram D. Alvaro, e D. Bernardo filhos do Viso-Rey D. Garcia, D. Martinho de Sousa filho de Dom Jorge, D. João Manoel o Alabastro filho de D. Nuno, D. Luiz de Taíde, que depois foi Conde de Atouguia, e Viso-Rey da India duas vezes, filho de D. Affonso de Taíde, D. Antonio de Noronha Catarras, Fernão da Silva Commendador, e Alcaide mór de Alpalhã, D. Diogo de Almeida o Alfenim, D. João Mascarenhas, Francisco Lopes de Sousa, e Pero Lopes de Sousa seu irmão, Dom João Henriques, D. Duarte Deça, Manoel de Mendoça, João de Mendoça, e Diogo de Mendoça irmãos, filhos de Antonio Furtado de Mendoça; dos quaes João de Mendoça governou a India, D. Jorge de Menezes, que depois se chamou Barochê, e outros muitos Fidalgos, e cavalleiros.

Foi tambem nesta Armada Dom Frei João de Alboquerque, segundo Bispo de Goa, Frade da Ordem de São Francisco da Provincia da Piedade de Portugal, varão de grande virtude, e religião, que succedeo a D. Francisco de Mello primeiro Bispo daquella Cidade, (que hoje he Metropolitana,) o qual morreo antes de passar á India.

ra o Reyno com as novas da sua boa viagem Henrique de Sousa Chichorro na náo em que alli viera com seu irmão Aleixo de Sousa; o partido de Moçambique, chegou a Goa, como dissemos, a 14. de Setembro de 1538. onde Nuno da Cunha estava, que lhe logo entregou a governança com as solemnidades costumadas. E como as causas, por que ElRey D. João mandou á India D. Garcia de Noronha por Viso-Rey com tantas náos, e tanta gente nobre, e escolhida, era o receio que tinha de ir de Suez huma grande Armada de Turcos, a fim de lançarem os Portuguezes da India: tanto que D. Garcia chegou a Goa, se começou a fazer prestes, e com mais diligencia, por os Turcos estarem já sobre Dio, e terem em cerco a fortaleza. E posto que tratarmos da Armada, que ajuntou para a ir soccorrer, póde parecer a alguns que he tirar a materia aos que hão de continuar esta historia da India, e escrever as cousas do mesmo Dom Garcia; considerado bem, não he assi. Porque como aquella Armada se apercebeo para soccorro daquelle cerco, que nos propuzemos contar até o fim, e o cerco se começou em tempo do Governador Nuno da Cunha, e per sua ordem, sem D. Garcia nisso poder intervir, por elle chegar do Reyno, quando os nossos estavam já cercados, e com

as armas nas mãos; e porque ſobre a dita Armada, e partida della deo Nuno da Cunha ſeu parecer per cartas que aqui referiremos, não he defraudar o que ſe ao diante per outros eſcrever, pois deſta Armada não reſultou effeito algum, por primeiro ſe acabar o cerco, que D. Garcia ſe acabaſſe de determinar.

Vindo pois a Armada, como D. Garcia foi mandado por Viſo-Rey principalmente para reſiſtir aos Turcos, e em Portugal, e outras partes engrandeciam mais a potencia da Armada do que na verdade era, determinou D. Garcia de fazer outra tão grande, com que ſe defendeſſe Dio, e aſſeguraſſe o Eſtado da India, em que o Turco tanto deſejava metter o pé. Polo que elle ajuntou cento e ſetenta vélas, em que havia dezeſete galeões, de que eram eleitos Capitães Dom Bernardo de Noronha ſeu filho, em que havia de ir o Viſo-Rey ſeu pai, Antonio de Lemos, D. Paio de Noronha, D. Jorge Tello, D. João Lobo, Luiz Xira, D. Garcia de Caſtro, Henrique de Souſa, Balthazar da Silva, Vaſco da Cunha, D. Franciſco de Lima, Fernão de Moraes, Bernabé Drago, Fernão de Caſtro, Pedralvares de Meſquita, D. Jorge de Caſtro, e Franciſco Pereira o moço.

Quinze náos, de que os Capitães eram eſ-

estes, D. João Deça, Pero de Faria, Francisco Pereira de Berredo, Gonçalo Pereira, Ruy Lourenço de Tavora, Christovão da Gama, Luiz Falcão, D. Manoel de Menezes, Tristão Fogaça, Fernão Rodrigues de Castello-branco Veedor da Fazenda, Miguel Froes, João Jusarte, Garcia de Sá, Luiz Coutinho, e Francisco Freire.

Sete caravelas, de que eram Capitães Antonio Correa, Manoel de Mello, Diogo de Sousa, Christovão de Mello, Francisco de Barros de Paiva, Francisco da Cunha, e Bastião de Sousa.

Oito galés, de que hiam por Capitães Martim Affonso de Sousa, D. Pedro de Castello-branco, D. João de Castro, D. Alvaro de Noronha, João de Mendoça, Fernão de Lima, Diogo Lopes de Sousa, e João de Sousa.

Dezoito galeotas, Capitães dellas, Dom Diogo de Almeida, Martim Affonso de Mello, Martim Correa, Antonio da Silva, Manoel de Sousa, Francisco de Sá, Fernão de Sousa, Jorge de Lima, Antonio Mendes de Vasconcellos, D. João de Menezes, Bernardim de Sousa, Vicente Pegado, Dom Tristão de Monroio, Francisco de Menezes, Jorge de Mello de Sousa, D. Manoel de Lima, e Pero Vaz Guedes.

Nove bargantijs, de que eram Capitães An-

Antonio de Sá, Alvaro de Mendoça, Valençuela, D. Diogo de Almeida, Diogo de Mesquita, Gaspar Rodrigues, Lopo de Sousa, Braz Fernandes, e hum Tanador mór.

Trinta e tres fustas, Capitães dellas Dom Christovão da Gama, Affonso Bernardes, Antonio Pereira, D. Manoel de Lima, Diogo Fernandes, Monis Sardinha, o Patrão mór, Gaspar de Sousa Freire, D. Francisco de Noronha, Francisco Mendes de Vasconcellos, D. Luiz de Taíde, D. Martinho de Sousa, Francisco de Ilhes, Mattheus Pereira, Gaspar Mendes, Pero Barriga, Thomé Velloso, Francisco Mendes, Fernão de Lemos, Alvaro de Sequeira, Francisco Velho, Jeronymo de Figueiredo, Balthazar Pimentel, Gonçalo Alvares, Jacome Tristão, Thomé Gomes, Antonio Fernandes Malavar, Antonio Jorge, e outros quatro, que vieram de Cananor em companhia de Manoel Sodré.

Treze catúres, Capitães Lourenço Botelho, Francisco Martins, Manoel Affonso, Filippe Rodrigues, Thomé Nunes, Jorge Fernandes, Duarte Pereira, Francisco Dias, Antonio Boto, Antonio Fernandes, Francisco de Sequeira, João de Cordova, e Affonso Luiz.

Havia mais vinte catures, e fustas d'ElRey, e de partes, que andavam no caminho de Goa pa-

para Dio com recados, e a fóra estas vélas havia outras de mantimentos, e munições, que per todas faziam dita somma de cento e setenta, nas quaes estavam para embarcar quatro mil e quinhentos homens d'armas, a fóra a gente do mar, e remeiros da terra.

CAPITULO XX.

Como o Viso-Rey D. Garcia estava indeterminado sobre a maneira perque accommetteria os Rumes: e do conselho que nisso lhe deo Nuno da Cunha.

TEndo já o Viso-Rey D. Garcia prestes de tudo a Armada, e a gente, que nella se havia de embarcar em ordem, não se acabava de determinar sobre o modo perque havia de accommetter os Turcos, e com o as náos, e navios haviam de pelejar, polo que se hia perdendo a occasião de acudir a tempo aos cercados de tantos inimigos. E tendo sobre isso muitos conselhos, quiz saber o parecer de Nuno da Cunha, por lho ElRey mandar assi quando do Reyno partio, por a muita experiencia que tinha da guerra daquellas partes, e do governo dellas. E além de D. Garcia ter muitas vezes praticado com Nuno da Cunha sobre isso, estando elle ainda em Goa, aos 15. dias de Outubro lhe mandou o Viso-Rey pedir seu

pa-

parecer per eſcrito, moſtrando-lhe huma carta, que Antonio da Silveira lhe eſcreveo de Dio, dando-lhe conta do eſtado em que eſtava; e o voto de Nuno da Cunha, ſem accreſcentar, nem diminuir couſa alguma, referiremos aqui, por ſer de homem tão inſigne, e tão prudente.

Senhor, eu vi a carta, que me V. S. mandou moſtrar de Antonio da Silveira, que agora D. Duarte trouxe de Dio. E na primeira parte della ſe agaſta muito da bateria que lhe dam, e de como o apertam, e que lhe fizeram cerrar as ameas do baluarte de Garcia de Sá, e aſſi que lhe tinham derribado huma amea nelle, e outra ſobre a porta, e que Dio he mui fraco. E torna logo abaixo a dizer, que ha ſeis dias que batem nelle, principalmente no baluarte de Garcia de Sá, e que lhe tem feito pouco nojo; e que a artilheria com que diz que lhe tiram, são tres baſiliſcos, e tres eſpalhafatos, e muitas eſperas, e meias eſperas, e falcões, e berços, e que iſto lhe tiram todólos dias manhã, e tarde continuadamente. E não aponta que lhe tenham morto, nem ferido homem, donde parece que não he Dio tão fraco, como elle o faz na primeira parte da ſua carta. E aſſi vi o que eſcreveo a V. S. per Sequeira, e tenho eu eſperança que os quatro catures

que V. S. tem mandado com huns homens Fidalgos, se entrarem em Dio, que não sómente esforçarãõ os que lá ora estam fracos, e cansados, mas segurarãõ a fortaleza, que não haja medo dos Rumes. E quanto ao que diz do baluarte do mar, tambem ei que lhe he feito muito pouco nojo; porque se V. S. soubesse quão pequena cousa he, e quão fraca, espantar-se-hia como podem nelle estar quarenta homens, que Antonio da Silveira diz que tem, sem os matarem todos, com mui pouco nojo que lhe fizessem. Assi, Senhor, que a fortaleza não me parece que está tão fraca como dizem, e mais está nella Antonio da Silveira, que he tão especial cavalleiro, e outros Fidalgos, a que V. S. sabe o nome, que todos sobre ella hão de morrer. Quanto á mingua da polvora que diz que tem, e da que poderão ter, e tambem de mantimentos, não indo V. S. tão prestes, a isto não posso eu mais dizer do que sempre disse: Quanto compre vossa ida daqui ser mui cedo. E ainda que se faça prestes com tanta pressa quanta póde, vejo eu lançar mão de tantos navios, que serão causa de tardardes muito, e tambem de espalhardes a gente, artilheria, e munições, donde ficareis mais fraco. E parece-me a mi, que se poderão escolher entre todas estas vélas oitenta mui boas, e pa-

para em qualquer parte da Christandade serem de receber, e para as temer, e recear, que para cinco mil homens, que V. S. poderá levar, esta Armada bastava, porque iria ella mui cheia de gente, e mui bem apparelhada para tudo o que cumprisse. E eu cada vez que fiz fundamento de pelejar com os Rumes, nunca puz ponto em mais que setenta, ou oitenta vélas, e assi se achará per minhas cartas, que a ElRey Nosso Senhor tenho escrito, e esta me parecia que era a força da India, porque a mais havia eu por fraqueza. Esta Armada se poderá apparelhar mui prestes, e as mais náos, e navios de Chatijs, e todalas outras seram necessarias para vos levarem mantimentos, polvora, e outras cousas, de que tereis necessidade: e he bem que cada dia vos vá soccorro do que cumprir, assi para vossa Armada, como para bastecerdes a fortaleza cada vez que quizerdes. E eu ei segundo as novas dos que vem a Armada, de quão mal apparelhada ella está; e tambem Antonio da Silveira escreve, que a maior parte da victoria está na presteza da ida de V. S. E tambem valerá muito sua ida para esforçar os Guzarates, que não façam partido com os Rumes para os recolherem na terra, e fallo-hão com V. S. para os destruir. Se V. S. tão cedo não póde

ir

ir por alguns negocios, ou impedimentos que terá, póde fazer hum feito mui honrado nelles, e com muita segurança, que he tomar quinze, ou vinte fustas, e catúres, os mais leves, e melhores que para isso se acharem, com hum homem principal, que vá nelles por Capitão, a que dará a mais honra que póde dar a nenhuma pessoa, e escolheitos tambem Capitães para os outros navios, homens que saibam a guerra, e valentes cavalleiros que aqui ha, e com muitas panellas de polvora, e espingardas, não duvído eu que indo estes navios, que podem levar trezentos, ou quatrocentos homens, que dando nas galés de noite, ou antemanhã, que lhe não fiquem meia duzia nas mãos tomadas, ou queimadas. E isto tudo, Senhor, são passos seguros, porque elles não tem navios, que se remem para lhe fazer nojo, se se delles quizerem sahir, nem podem estar apercebidos para saberem parte da Armada que vai, nem o que vai fazer. E pollos-hão em tanta confusão, pela esperança que tem que ha de ir V. S. cada hora, que ficarão meios desbaratados. E podeis, Senhor, isto julgar polo alvoroço em que vos poriam, se dessem na vossa Armada de noite outros tantos navios; e quiçá que alargarão Dio desta maneira, ou o soccorrereis, com que não haja medo a todo Mun-

Mundo. E assi podem ir em companhia destes, tres, ou quatro fustas grandes de Chatijs, que aqui ha muitas boas, carregadas de biscouto, e polvora, para que em estes dando, na volta possam ellas passar, e entrar em Dio, e dar-lhe o que levarem. Esta gente, e Armada que V. S. manda, não desfaz na vossa, porque lá a tem diante, e estam prestes, e se está mal esquipada, ir-se-ha esquipando pelos rios. Eu lhe digo isto como seu servidor, e com aquellas salvas com que lhe já disse outras cousas, e tambem por me parecer serviço d'ElRey Nosso Senhor. E peço-lhe por mercê, que não queira que nisto lhe ponham muitos inconvenientes diante, porque as cousas da guerra não se perdem senão per inconvenientes; e em cousa que tanto importa, como he tomar Dio, ou salvar Dio, muito mais se deve aventurar, quanto mais que isto que eu digo são passos mui seguros, indo nisso homem, que o saiba mui bem fazer, e escolhendo bons homens. Este, Senhor, he o meu parecer, que V. S. quiz que lhe désse per escrito.

A este parecer respondeo o Viso-Rey D. Garcia a Nuno da Cunha com esta carta:

Senhor, vi este parecer de V. S. e por minha salvação, e assi me Deos valha, que fico tão contente delle, como fiquei de mi de ... ...cer-

acertar de ir per estes passos cá no parecer que tomei com estes Senhores. E para saber que todos somos desta volta, ordenamos de mandar seis fustas as melhores, e mais remeiras, e quatro catúres com ellas, e Antonio da Silva Capitão mór, e vam dar rebate de noite, ou de dia, como melhor puderem nas galés. E porque os quatro catúres, que são diante, os hão de metter em muita confusão, e vendo agora outra volta de fustas sobre si, ha-lhes de parecer que eu devo estar perto. Assi, Senhor, que seguimos o parecer de V. S. que me a mi parece mui bem, e temos nós bem acertado, em ter mandado taes cavalleiros naquelles catúres, que certo hão de entrar dentro; e eu dou hoje este dia os Rumes por vencidos, tanto que nos elles virem, que aquelle apressar-se a combater a fortaleza per muitas partes, não he senão saber que sua salvação está em tomar a fortaleza. Quanto á minha ida daqui, este foi sempre meu proposito, pôr-me no mar com esta Armada que aqui tenho, e lhe beijo as mãos por essa lembrança que me faz, e assi o farei. E o que he feito até agora, parece obra de S. Frei Gil, não se faz mais na calçada dos galbardos, pois até hoje, que são dezoito de Outubro, não temos mais que dous mil fardos de arroz, que hontem chegáram, tra-

trabalhando tanto por haver mantimentos, que isto he o que nos aqui estorvou, com acharmos esta Armada de todo desapercebida, que a pouca esperança que V. S. tinha de virem estes homens a esta terra, e que em Portugal assi tambem se cuidava, este foi o engano que Nosso Senhor permittio que tivessemos; mas ha no-lo de pagar na honra que havemos de levar em os desbaratar. Beijo as mãos de V. S. hoje 18 de Outubro de 1538.

CAPITULO XXI.

Do aggravo que o Viso-Rey D. Garcia fez a Nuno da Cunha sobre sua embarcação; e como apercebendo-se em Cochij para se vir para o Reyno, escreveo huma carta ao Viso-Rey em resposta de algumas suas.

ESTAS cousas, e outras desta qualidade, passaram entre o Viso-Rey, e Nuno da Cunha, em que ambos estavam conformes. Mas como he costume do Mundo, mórmente de Portuguezes, que não são huns amigos das honras dos outros, e muito mais dos que andam na India, que aos Governadores que acabam tratam mal, e com ingratidão, ainda aos que o melhor fazem, por grangearem aos que vem; não faltaram ho-

homens que ante D. Garcia calumniáram a Nuno da Cunha de descuidado, de não ter feito maiores apercebimentos [a] para tamanha Armada, como era a que esperava dos Turcos, e outras cousas, e mexericos, que pudessem damnar a vontade a D. Garcia. Mas Nuno da Cunha por furtar o corpo áquellas calumnias, sendo o tempo em que D. Garcia tinha mais necessidade de seu conselho, por sua muita prudencia, e experiencia se foi a Cochij a se fazer prestes para vir a Portugal. E tendo elle Provisão d'ElRey para em quanto estivesse em Cochij, depois de alargar a governança, usar dos poderes de Governador, que antes tinha, e fazer a carga da pimenta, e tomar para sua pessoa qualquer náo que quizesse, D. Garcia lha não guardou, nem lhe quiz dar alguma náo das d'ElRey, e chegou a haver cartas, e requerimentos de parte a parte, até Nuno da Cunha pedir a D. Garcia, que pois lhe não queria dar náo d'ElRey das que de cá do Reyno hiam para trazer pimenta, lhe désse a náo de hum Armador pa-

a Escreve Diogo do Couto *no cap. 9. do 3. liv. que o Governador Nuno da Cunha entregou ao Viso-Rey Dom Garcia huma Armada, que estava já de verga de alto, de oitenta vélas, das quaes as quarenta eram galeões, náos, e caravellas, e as demais galés, e fustas, e os armazens cheios de muita artilheria, muitas munições, e mantimentos, como quem tinha tudo apercebido para ir buscar os Rumes, e pelejar com elles.*

para vir nella. Ao que D. Garcia deo por resposta, que elle lha não podia dar por ser de Armador, a que por razão de seu contrato lhe não podia tomar a Capitanía. E que além disso, que elle Nuno da Cunha havia de occupar tanta parte da náo com sua pessoa, e familia, que viria mal carregada: que se elle quizesse obrigar-se a pagar todas as perdas, e damnos que o Armador pedisse contra a fazenda d'ElRey, por elle vir naquella náo, o podia fazer, mas que elle lha não podia dar. Finalmente o Feitor do Armador requereo a Nuno da Cunha, que não viesse naquella náo sem se obrigar ás perdas, e damnos, que por isso o Armador contra elle pedisse. Com estas obrigações houve Nuno da Cunha embarcação ao cabo de dez annos que governou a India, onde além de muitos, e grandes serviços perque merecia mui grande remuneração, fez as fortalezas de Challe, Baçaim, e Dio, que foram de tanta importancia ao Estado da India, e do Reyno, quanto são Ormuz, Goa, e Malaca, que deixou feitas Affonso d'Alboquerque, a quem tambem no fim de seu governo mais o enterráram ingratidões, que trabalhos, e idade. Este pouco respeito que á pessoa de Nuno da Cunha se teve na terra, que elle governára tanto tempo, pedindo embarcação para o Reyno, que a nenhum

nhum homem de grande, ou pequeno estado se negou, sentio elle tanto, que se crê que junto isto a suas indisposições, lhe causou a morte; porque lhe lembrava tambem que em Portugal, para onde elle hia, tinha tantos émulos, e tão poderosos, que fariam que se não estranhassem aggravos, que na India se lhe fizeram, mas os teriam por gloria. E porque pertence á historia de Nuno da Cunha huma carta sua, que foi a derradeira que elle escreveo de Cochij ao Viso-Rey, queremos pôr aqui a cópia della.

Senhor, em Goa mandei a V. S. huma lembrança, por me parecer que devia eu isto ao serviço d'ElRey Nosso Senhor, por S. A. assi mo mandar per huma sua carta, que em todalas cousas vos désse meu parecer: e V. S. me disse tambem, que isso mesmo vos mandava S. A. e hum pouco tambem o fazia pola amizade do Paço, e pousada que tivemos. E verdadeiramente esta me obrigou a fallar-vos verdade, como me obrigára a tomar as armas por vós quando cumprira, contra a pessoa a que eu não tivera maiores obrigações. Tambem disso vos fiz, Senhor, outro escrito de mi a vós, e respondestes a elle mais aspero do que me parecia que convinha, a quem vos tambem aconselhava, e pela resposta que me mandastes, vi eu que estaveis com tantos receios,

e temores, que era escusado responder-vos naquelle tempo, nem tambem me parecia serviço d'ElRey Nosso Senhor, e por tanto me calei. Nem agora menos o fizera de Cochij, senão víra outra resposta, e lembrança que fiz á V. S. quando me parti de Goa. Bem vos deve, Senhor, lembrar, que sempre vos disse quão fracos os Rumes vinham, e quantas razões para isso vos dei; e que se vós quizereis fazer Armada prestes, que bastára pelejar com estes homens, e em que toda a gente que na India tinheis coubera muito bem, vós podereis fazer duás cousas mui grandes, ganhar a mais honra que nunca homem ganhou, e fazer o maior serviço a ElRey Nosso Senhor, do que nunca homem fez. Mas parece-me que folgaveis mais de tomar o conselho d'outros homens que o meu, que certo não entendiam o negocio tão bem como eu entendia. Devêra-me V. S. a mi de crer, por haver dez annos que esta terra governava, e conhecia a gente della, e as cousas como se haviam de ordenar, e fazer: e se vos nisso fallava verdade, ou não, a sabida do negocio o mostrou. Eu sempre, Senhor, vos disse, e a todos os homens com que fallei, que pois se os Rumes vinham a combater Dio, que não haviam de pelejar com vossa Armada; pois se desejáveis de pelejar com elles, devêra-lhe a V.

S.

S. lembrar, que tinham elles sessenta e tres vélas, nas quaes traziam seis, ou sete mil homens de peleja, e vós fizestes cento e setenta para levardes quatro mil e quinhentos até cinco mil. E pois tendo tantas vélas, e tão grandes, peço-vos por mercê, que me digais como havieis de repartir vossa gente, e artilheria, tendo disto mui pouco; e mais que tão grande Armada, e desnecessaria vos gastava o tempo, e o dinheiro. Assi que eu a estas cousas lhe não sei pôr o nome; e porque eu via isto tudo, lembrava a V. S. que mandasse duas náos a S. A. que desfáziam mui pouco em vossa Armada, e accrescentaveis muito no credito, assi do Reyno, como deste Malavar, que quasi estava levantado por issò. E quem com os Rumes quizer pelejar, não havia de ser com muitas vélas, e sem gente, senão com navios escolhidos, e cheios de gente que lhe bastasse. E quanto ao que, Senhor, dizeis, que tinheis a espada dos Rumes sobre vosso pescoço, antes que V. S. chegasse, já eu sabia que eram vindos, e não havia que me tinham elles tanto a espada sobre o pescoço; antes me parecia, que ficando eu nesta terra, e vindo-me a gente que comvosco veio, que era huma das maiores mercês que me Deos neste Mundo podia fazer, pelejar eu com elles, porque

esperava eu nelle que me désse vitoria. E quando disso não fora servido, não sei eu jornada em que melhor pudera acabar, nem mais honradamente que nesta. Porque assi como vos, Senhor, diziam, que eram tantas as galés de Turcos, e tantos medos, com isso mettiam tambem dizerem-lhe todos os que os viram, e os que escreviam de Dio, quão desésquipadas eram, e como se não podiam bolir; e os homens que de lá vieram fugidos, confessavam, que escassamente podiam virar a poppa com o remo. Pois a estes se devêra dar credito, porque o medo faz parecer que os inimigos trazem azas para voar, e pois lhas elles não achavam, ainda o mal não era muito. Assi, Senhor, que por estas razões vós podereis ter Armada mui grande, e mais mandar para o Reyno carga, que bastará para S. A. suster os gastos, e o credito que ha mester que tenha. E quanto ao offerecimento que lhe eu agora fiz do dinheiro, e cravo, não era de nenhum homem desses, que queriam ir ao Reyno, nem vos requeria que mandasseis pessoa nenhuma; e pois vós achaveis offerecimento disso per outras pessoas, sereis vós muito de culpar em o não acceitardes para soccorrer a S. A. com carga de três nâos; sendo cousa, que quando elle mais lembrança fazia dos Rumes, me mandava

que

que não perdesse o cuidado da carga, que havia de ir para o Reyno. Mas tornando a fallar no dinheiro que eu dava, eu vos juro por vida de meu pai, que nenhuma pessoa aqui mettia dinheiro, senão eu, que o queria emprestar, e meus criados, assi alguns que na India ficavam, como os que comigo levo. E quanto ao que V. S. diz, que algumas pessoas lhe aconselhavam que me fizesse requerimentos, para que eu ficasse na India, per ventura o não fariam esses homens, senão per lhes parecer que era para huma cousa de tamanho pezo, como esta era, e teria eu muitas qualidades para terem de mi necessidade. E quando me vós, Senhor, requerereis, ou elles, não houvera de ser para ficar per homem d'armas, que não me pario minha mãi senão para Capitão, e não vosso lascarim; senão se fora para tomar parte do trabalho, de mandar, e pelejar, e me ser dado muito credito para aconselhar. Ora vós, Senhor, para esta primeira não me déstes disso nenhuma parte, nem ma offerecestes; e para a segunda, que he o conselho, vós nunca o tomastes meu, e agora nesta vossa resposta me dizeis, que vos dou conselho sem mo pedirdes. Assi que não sei para que minha ficada fosse na India, senão fosse para testemunha de muitas cousas, que me não pare-

reciam bem. E devêra-vos de lembrar, que D. Francisco de Almeida em Cananor topou vosso tio, que vinha de Ormuz; e lhe offereceo a metade da Armada, e da honra, e que fossem aos Rumes, e elle o não quiz fazer. E eu com menos cumprimento que me fizeram, folgára de servir a Deos, e a ElRey Nosso Senhor. Quanto a pôr fazenda, e criados por serviço de Deos, e de S. A. isso sem vosso conselho fiz eu já muitas vezes; e que he o que eu fiz dez annos ha nesta terra, onde me são mortos tantos? Não fallo em irmãos, que tambem morrêram em seu officio. E que vós, Senhor, pelejasseis muitas vezes, e eu algo tenho feito disso, e se me não feriram, dou eu muitas graças a Deos, que não foi por me não pôr em lugar onde se os cavalleiros, e Capitães deviam pôr. E assi tambem me diz V. S. que me não quizestes fazer requerimentos, ácerca de me pedirdes dinheiro, como ElRey Nosso Senhor mandava, se o eu tevera, bem escusado eram os taes requerimentos, porque eu o dera com mui boa vontade, e não dera a minha prata por prata quebrada, e a de Frandes por prata baixa, de que vos agora servis á vossa meza, e assi vos dava toda a minha dourada, que a quebrasseis, e fizesseis della o que quizesseis. Mandai, Senhor, olhar

as

as contas dos Feitoires de Goa, e das outras fortalezas, e achareis quanto dinheiro emprestei a ElRey Nosso Senhor para suas necessidades. E não sómente lhe emprestei o meu, mas ainda me não paguei de meus ordenados, e levo por arrecadação para o Reyno dez mil cruzados de meus proprios vencimentos. Ora vede vós, Senhor, se fez nunca isto Governador da India. E quanto ao que me V. S. diz, que como não tinha eu sentimento da perda do baluarte da Villa dos Rumes, e do cerco de Dio, que era cousa que eu fizera, por isso me hia eu para Portugal polos não ver perder ante os meus olhos, sem lhe poder valer. Porque não aproveitavam as lembranças que vos fazia para soccorro de Dio, e me dissèstes muitas vezes, que vos não havieis de ir senão com toda a Armada junta. Ora quem quer V. S. que estivesse nesta terra, vendo isto que tanto magoava? E pois eu não podia aproveitar em cousa alguma, houve por melhor ir-me, que ficar nesta terra, vendo mais verdadeiramente a espada sobre os pescoços dos que èstavam em Dio, que dos que estavam em Goa. E o que peior era, que os [illegible]ns com que fallava, todos me diziam, que ninguem ousava de vo-lo dizer. Tambem me dizeis, que me deixastes trazer todos meus criados, e outros que o não

eram,

eram, havendo quem vos dissesse á orelha que eram muito ricos, e que vos poderiam emprestar vinte mil cruzados, se na India ficassem. Por estas, e outras cousas que vos, Senhor, disseram, e V. S. ouvia, vos mudáram do bom proposito que me diziam que trazieis do Reyno, e a mi damnáram a vontade de ficar nesta terra comvosco. Bem se sabe, que todolos criados que levo, todos eram meus criados, senão hum só, que vos mandei dizer per João de Paiva, que se quizesseis que ficasse que ficaria, pois a serem tão ricos como isso, perguntem á matricola, e achar-se-ha, que do meu dinheiro lhe mandei repartir hum conto de reaes para poderem comprar camisas, e se aperceberem para o Reyno. E se alguns cá tenho que tenham alguma cousa, na India ficam, huns por serem officiaes em Baçaim, e outros por estarem em Dio, e outros porque vós não quizestes que lhes tomassem suas contas, nem os despachassem. E estes criados que eu levo, S. A. mos deo per sua carta, que levasse todos os que me fossem necessarios para segurança de minha náo. E não sei como tanto caso fazeis disso; porque nestas náos que ora cá vieram [illegible] eu muitos criados, que vós, Senhor; á India, *homens que nunca tiveram tantos* [illegible]*: e além destes homens, muitos mancebos, que se*

se vam para o Reyno pedir satisfação a ElRey Nosso Senhor de serviços que elles nunca fizeram. E assi se vam cá de Cochij outros muitos á que se dam licenças, e se pagam muitos soldos aos que se forem. E mais verdade he isto, que outras muitas cousas que vos á vós disseram. E ao que me mais dizeis, que eu folgava de levar muita carga de pimenta para ser bem recebido no Reyno; se vos eu, Senhor, mal quizera, bem folgára eu de ir só em hu-m[illegible]o, como me mandaveis, porque ahi veria S. A. a differença das cargas que lhe eu sempre mandei, da que lhe mandastes em chegando. Não levo eu para Portugal para me receberem bem, senão dez annos de muitos serviços, que eu nesta terra tenho feitos a S. A. e tão bons, que tarde virá a ella Governador que me ponha o pé diante: e vos entreguei a India de maneira, que polo que eu tenho feito, se desbaratáram os Rumes, sem mais ninguem pelejar com elles, e se tornáram per onde vieram. E tão bastecida de navios, e munições, que de cento e setenta vélas que vós nella ajuntastes, todas achastes na India, [illegible]ções para ellas, e não se compráram [illegible] senão as que eu tinha nos armazens, [illegible] em Goa, como nas outras fortalezas. Não vos peze, Senhor, de vos respon-

ponder a todalas cousas miudamente desta maneira, porque he bem que as saibais por mi, pois vo-las outrem não ha de dizer; porque derredor de V. S. não andam homens que me querem bem, e os que cá estavam na India, eu lhes tenho feito muitas honras, e boas obras, e sei que mo agradecem mal; e por isso lançai as barbas em remolho, e fiai-vos mais de vossa discrição, e bondade, que da sua delles.

Ao tempo que Nuno da Cunha escreveo esta carta ao Viso-Rey em resposta das outras suas, era o negocio de Dió acabado; como atrás escrevemos, e o Viso-Rey tinha despachado a Martim Affonso de Sousa para vir em huma náo, e Vicente Pegado veio per Capitão de outra com a carga de especiaria, os quaes vieram a este Reyno a salvamento, depois que chegou a náo de Nuno da Cunha, e diante delle mandou o Viso-Rey hum navio, de que Antonio da Silva veio por Capitão com nova a ElRey da ida dos Rumes. E parece que permittio Deos que antes que Nuno da Cunha partisse da India, visse duas cousas, os Rumes idos, da maneira que se foram, e hum grande número de cartas que lhe escrevêram homens que ficavam, muitos dos quaes tinha elle castigado por suas culpas, confessando todos, quanto sentiam

tiam ſua partida. Fallamos neſta particularidade por nos ſerem entregues duas arcas de ſeus papeis, de cuja relação nos compuzemos o diſcurſo de ſeus feitos. E as feſtas que eſte Reyno tinha ordenadas para o receber, mais por inveja, que por culpas ſuas, eſtas calará a noſſa pena por honra do meſmo Reyno. O que Deos per honra de Nuno da Cunha, e por não dar gloria aos Miniſtros dellas, atalhou com ſua morte, da maneira que logo diremos.

CAPITULO XXII.

Como Nuno da Cunha partio da India para Portugal, e no caminho faleceo.

NUno da Cunha partindo de Cochij pelo mez de Janeiro de 1539. na náo de Duarte Triſtão, como diſſemos, tão deſcontente, como a India o eſpedio, por as razões que lhe fizeram eſcrever a carta atrás, veio ter a Cananor mal diſpoſto entre paixão do eſpirito, e trabalho de ſua embarcação. E alli em Cananor ſahio em terra a ſe confeſſar, e tomar o ſanto Sacramento da Communhão, onde Fernand' Anes de Souto-maior Capitão da fortaleza, por elle vir aſſim mal diſpoſto, e agaſtado, o recebeo com muito prazer, e agazalhado, como homem agradecido a ſeu Capitão. Parti-

tido daqui, foi ſua má diſpoſição creſcendo de maneira, que cada dia ſe achava peior. A principal enfermidade foram humas camaras, e ſendo paſſados cincoenta dias que navegava, deſejou de comer hum pouco de leite de cabras que levava; e poſto que lho deram ferrado por ſua enfermidade, elle ó corrompeo de todo, e chegou a eſtado, que começou a entender na ſua alma mais, que em outra couſa. E além do teſtamento que tinha feito, fez per ſua mão huma cedula, na qual diſſe entre outras palavras, que jurava por aquella hora em que eſtava, não ter da fazenda d'ElRey mais que cinco moedas d'ouro, que tomára da fazenda de Soltam Badur Rey de Cambaya, para as moſtrar a ElRey em Portugal, por ſerem formoſas, e grandes. E aſſi diſſe outras palavras iguaes a eſtas ácerca da limpeza de ſua peſſoa nas obrigações de ſeu officio. Vendo os ſeus familiares o eſtado em que eſtava, principalmente hum ſeu Capellão, perguntou-lhe ſe havia por bem que levando-o Noſſo Senhor, o trouxeſſem ſalgado em huma pipa, para cá no Reyno lhe darem ſua ſepultura; e elle reſpondeo: *Que pois Deos havia por bem de o levar no mar, que o mar foſſe ſua ſepultura, pois a terra o não quizera. E ſe ella tão mal recebia ſeus ſerviços, não lhe queria entregar ſeus oſſos.*

sos. E vendo-se apressado da hora da morte, chamou o mesmo Capellão, e lhe disse, que porque podia ser que não estaria ainda com defunto que fosse Cavalleiro do habito, o que havia de fazer era, que tanto que Nosso Senhor o levasse, tomasse o seu manto da Ordem, e lho vestisse, e lhe puzesse a espada na cinta, e lhe atassem hum par de camaras de ferro aos pés, porque seu corpo se fosse logo ao fundo, e o lançassem pela varanda no mar, por não fazer torvação na gente da náo. O Capellão quando lhe ouvio fallar naquelle estado de sua morte, mostrou em lagrimas, e palavras o sentimento que tinha de lhe ouvir aquellas, ao qual Nuno da Cunha consolou com huma constancia de animo Christão; e olhando para hum Crucifixo que tinha pendurado ante dos olhos, que elle alli mandára pôr, disse: *Senhor, pois vos appraz que eu vos vá dar conta de minha vida, eu acceito o que vós haveis por vosso serviço, e recebo em grande mercê ser antes neste lugar onde estou, que na terra, que não tem os serviços que lhe fiz por taes, que della possa esperar algum galardão. Vós, Senhor, que sois o galardão verdadeiro, eu vo-lo peço, e vós mo dai, não per justiça, que per ella serei condemnado, mas por vossa misericordia, que nunca falece a quem nella confiou.*

fiou. Finalmente com eſtas, e outras palavras de varão prudente, e Catholico, conformando-ſe com a vontade de Deos, lhe entregou ſua alma.

Foi Nuno da Cunha filho de Triſtão da Cunha, e de ſua mulher D. Antonia de Alboquerque. Era a eſte tempo que faleceo em idade de cincoenta e dous annos: foi homem grande de corpo, bem apeſſoado, e tendo hum olho quebrado, que lhe quebráram em hum jogo de cannas, em que ElRey D. João III. jogava, não era nelle fealdade. Foi mui ſuave, e gracioſo na converſação, tendo muita mageſtade em mandar, e no governo de couſas de ſubſtancia. Era mui humano, e paciente nas paixões que os homens tinham, e mui facil em recolher em ſua amizade aquelles, que elle ſabia que ſe aggravavam, e murmuravam delle. Foi mui zeloſo de fazer bem aos homens, e com os que lhe eram ingratos diſſimulava, e trabalhava por os não perder de amigos. Na juſtiça era mui inteiro, ſem alguma paixão, e mui limpo em ſeu officio, ſem ſe enxergar nelle modo algum de cubiça. Teve algumas letras Latinas, e muita diſcrição em qualquer pratica, como homem que era univerſal em muitas couſas. Foi inclinado a mulheres, de que foi mais notado, por razão do offi-

cio

cio que tinha, e authoridade de ſua peſſoa, que por commetter niſſo couſa que redundaſſe em injuria, ou offenſa de alguem. Tinha cá no Reino muitos émulos, mais por inveja de o terem por muito rico, que por elle fazer couſas para o ſer, os quaes lhe fizeram muito damno ante ElRey, por a muita authoridade que tinham ante elle. Mas o galardão com que houvera de ſer recebido, não quiz Deos que o elle viſſe, e vingou ſuas injurias com ſua morte, por não dar gloria aos que faziam a ElRey crer mal delle. E ainda permittio, que depois de ſua vida vieſſem as couſas da India a tal eſtado, que os dez annos que elle governou foſſem ſempre lembrados, e ſeus proprios inimigos que teve na vida, louvaſſem ſua peſſoa, e obras depois da morte.

FIM DA ASIA DE JOÃO DE BARROS.

00042671

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 25 June, 2016